NORMAL



a new adult
novel

DANIELLE PEARL

Índice

Página de título
Direitos autorais
Dedicação
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Sobre o autor
Agradecimentos

Normal.

Por Danielle Pearl
Copyright 2014 Danielle Pearl Edição Smashwords

Direitos autorais 2014 por Danielle Pearl
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem autorização por escrito. Agradecemos o respeito ao trabalho árduo deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência. O autor reconhece o status de marca registrada e os proprietários das marcas de diversos produtos mencionados nesta obra de ficção, que foram utilizados sem permissão. A publicação/uso dessas marcas não é autorizada, associada ou patrocinada pelo proprietário da marca.
Todos os direitos reservados.

Índice

Pule para o início do livro!
Página de título
Direitos autorais
Dedicação
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Sobre o autor
Agradecimentos

Dedicação

Para Roman, meu marido e melhor amigo, cuja determinação e dedicação diante da adversidade são ainda mais inspiradoras do que seu sucesso.

CAPÍTULO UM

Dias de hoje

É o tipo de situação que a maioria das pessoas temeria. Começar numa escola nova, no meio do último ano do ensino médio, numa cidade nova, num estado novo. Não conheço ninguém. Ninguém me conhece. É com isso que conto.

Não é como nos filmes. Sabe, quando você entra no prédio em câmera lenta e todas as cabeças desconhecidas se viram na sua direção, como se um radar interno tivesse detectado a presença de um forasteiro. Ou talvez seja assim em algumas escolas, pelo menos em cidades pequenas. Suponho que teria sido assim na minha antiga cidade natal, no norte da Flórida. Não na parte da Flórida com o Mickey Mouse, ou os avós aposentados, ou mesmo na parte dos estudantes em férias de primavera. Ou *partes* com estudantes em férias de primavera. Eu cresci na parte que poderia facilmente ser no Alabama ou na Carolina do Sul. Uma pequena cidade do sul, no Condado de Baker, onde todos se conhecem desde que nasceram, e conhecem seus pais, e *os pais dos* pais. Linton, Flórida, é a cidade natal do meu pai, mas felizmente não da minha mãe.

Minha mãe cresceu aqui - em Port Woodmere, em Long Island, Nova York. Não é exatamente uma cidade grande, mas 48 quilômetros é perto o suficiente, e os cerca de trezentos alunos da minha nova turma do último ano certamente fazem frente aos cinquenta e dois da minha turma anterior. População total da minha nova escola? Mil trezentos e dezenove.

Perfeito.

A primeira coisa que noto é a forma como as pessoas se vestem. Em casa, minhas calças jeans e camiseta cinza se misturariam com o resto dos estudantes como um uniforme. Minhas botas pretas de motociclista favoritas, no lugar de tênis, seriam a única coisa que chamaria a atenção, se é que chamaria alguma coisa.

Aqui, embora todos os rapazes estejam de calça jeans, certamente não são as que usam em casa, mas sim aquelas de trezentos dólares. As moças, em sua maioria, usam saias ou até vestidos, e parecem ainda mais caras. Mas isso não me incomoda. Minha roupa foi escolhida com cuidado para um único propósito: não para estar *na moda* , não para me encaixar *ou* para impressionar a turma *descolada* . Não quero estar "na moda" em nada, exceto *ser* visível. E parece que estou.

Mantenho a cabeça baixa enquanto caminho até a secretaria, caso alguém me note como a *novata* . Como alguém que não pertence àquele lugar.

Alguém que não pertence mais *a lugar nenhum* .

A recepcionista digita freneticamente no teclado, com um olhar desinteressado, e nem sequer levanta os olhos quando me aproximo. Fico ali parado por alguns instantes, esperando algum reconhecimento, um " *posso ajudar?"* , ou mesmo um olhar. Nada. Por um segundo, me pergunto se, afinal, sou mesmo invisível. Limpo a garganta.

Em resposta, sou recompensada com uma sobrancelha arqueada e um olhar impaciente. Pelo menos é um reconhecimento.

"Hum, oi", gaguejei. Entreguei a ela o formulário que me pediram para

trazer hoje.

"Ah, uma transferência", murmura a recepcionista, cujo crachá diz "Sra. Sussman", sem demonstrar qualquer entusiasmo. "Aurora Pine", lê ela no meu formulário.

"Rory", murmuro automaticamente, e ela me lança um olhar.

Certo . Ela não se importa com o meu apelido preferido. Ela é uma administradora com quem provavelmente nunca mais interagirei. Principalmente se eu pretendo permanecer invisível.

A Sra. Sussman continua a digitar freneticamente no teclado até que algo sai da impressora atrás dela. Ela me entrega o documento, junto com algumas outras folhas de papel que reconheço serem um Manual do Aluno e um mapa da escola, e me deseja boa sorte.

Será que essa escola é tão grande que eu preciso de um mapa ?, fico pensando. Minha antiga escola era uma caixa. Dois andares, quatro corredores em cada um, tudo ao redor de um pátio. Mapa não era necessário, com certeza.

Este prédio é enorme. Daqueles que a gente vê na televisão. Tijolos vermelhos, colunas brancas, até uma torre sineira gigantesca. A única coisa que as duas escolas têm em comum, *claro* , são os campos de atletismo. Principalmente o campo de futebol americano. Ele está sem as linhas e números pintados de branco, já que é fevereiro, mas é evidente que uma quantia considerável foi investida nessa parte do terreno.

Eu tinha a impressão de que as escolas de ensino médio no norte não faziam tanto alarde sobre futebol americano quanto faziam na minha cidade. Pelo menos, era o que eu esperava. Me dá arrepios. Odeio jogadores de futebol americano. Odeio o esporte, odeio as pessoas que o praticam, as que o assistem... as pessoas que estão convencidas de que é a coisa mais importante do mundo.

Suspiro e abro o mapa, tentando encontrar o Bloco 6 na Ala B. *Será que a organização deste lugar poderia ser pior?* Rapidamente percebo que há uma parte mais antiga do prédio — a parte com a fachada de tijolos vermelhos — e uma parte mais nova. Claramente, o prédio antigo não era grande o suficiente para acomodar a população estudantil e, em algum momento da década de 80 — a julgar pela arquitetura pouco atraente —, eles o expandiram. Infelizmente, parece que não se deram ao trabalho de levar em consideração a planta da estrutura antiga ao elaborar os planos para a ampliação. As duas partes do prédio não parecem ter nada a ver uma com a outra, além do fato de serem contíguas, é claro.

Levo quinze minutos para encontrar o caminho para a minha primeira aula, que, claro, é a minha matéria mais detestada: cálculo. Cheguei à escola cedo o suficiente para ir à secretaria e ainda chegar a tempo para a aula, mas não levei em conta o labirinto de corredores. Não existe sala de aula principal nesta escola. Eles simplesmente acrescentam dez minutos extras ao início da primeira aula e chamam isso de sala de aula principal. Não entendo o propósito. Imagino que façam chamada, mas eles fazem chamada em cada aula individualmente, não é?

Fico parada do lado de fora da porta da sala 313 e respiro fundo. Matemática sempre me estressou, tanto quanto as aulas em geral, mas ter aula logo de manhã só piora a situação para alguém que definitivamente não é uma pessoa matutina. Sinto meu pulso acelerar e por um instante considero

simplesmente matar aula, já que já se passaram vinte minutos. *Seria* uma ótima maneira de começar na minha nova escola, matando aula – algo que nunca fiz na vida.

A Rory do passado jamais teria faltado às aulas. Mas a Rory do presente... Acho que ainda nem a conheço o suficiente para chegar a essa conclusão.

Gotas de suor começam a surgir na minha testa, fecho os olhos e conto de dez para trás. Duas vezes.

Sim, matemática sempre me deixou estressada, mas os ataques de pânico são relativamente novos. Geralmente, são desencadeados por fatores estressantes específicos, relacionados a algo que aconteceu no ano passado. Não algo como chegar atrasada à aula de cálculo. Me afasto da porta e me encosto na fileira de armários ao lado, pressionando a testa contra o metal frio, me odiando por ser tão fraca. Essa não sou eu. Ou *não era* eu.

Acho que agora sou eu.

Contar não está ajudando. Estendo a mão até o bolso da frente da minha mochila e procuro o formato do frasco de comprimidos. Eu os detesto. Tenho tentado depender cada vez menos deles, e às vezes outros métodos para lidar com a situação, como contar, realmente ajudam. Fiquei tão orgulhosa de mim mesma esta manhã por não ter tomado um comprimido para lidar com o nervosismo do primeiro dia, embora isso seja um eufemismo para como eu estava me sentindo. *Nervosa, ansiosa.* — também são eufemismos. Mas nada de ataques de pânico, pelo menos não até agora.

De alguma forma, só de sentir o formato do frasco, só de saber que eles estão ali se eu realmente precisar, já me ajuda a começar a me acalmar. Começo a contar de novo, mas em vez de contar o nada, conto quantos comprimidos acho que ainda restam no frasco, sabendo o quanto eu quero que a última vez que renovei a receita seja a última vez que a renovei. Porque sim, eles ajudam com as crises de pânico, mas também me deixam completamente anestesiada .

Por um tempo, depois de tudo o que aconteceu, a única coisa que eu queria sentir era *entorpecimento* . Depois disso, parecia que as coisas simplesmente não paravam de dar errado.

Sabe quando os pais se divorciam e garantem aos filhos — ou ao meu *filho,* no meu caso, já que sou filho único — que a culpa não foi deles? Pois bem, meus pais também disseram isso. Bem, minha mãe disse. Só que eu sei que não é verdade.

O divórcio dos meus pais, anunciado e finalizado nos últimos nove meses, foi cem por cento, sem dúvida alguma, e inegavelmente, culpa minha. Não que meu pai *negasse* se eu o confrontasse, tenho certeza. Mas isso nunca vai acontecer. A resposta do meu pai quando eu disse que nunca mais queria vê-lo enquanto vivesse? "Sinto muito que você se sinta assim."

Não é "Me desculpe por te trair". Não é "Me desculpe por te magoar". Porque ele *não* sente. Ele ainda acha que tudo o que aconteceu foi culpa minha. E a verdade é que, embora eu nunca diga isso em voz alta, às vezes ainda acho que ele tem razão.

Graças a Deus pela minha mãe – minha rocha. Minha protetora, minha defensora. Ela deixou o marido, meu pai, porque ele não estava do meu lado, e mudou completamente nossas vidas para me tirar daquela maldita escola.

Daquela maldita cidade.

Passo os dedos novamente pelo bolso da mochila. Havia trinta comprimidos na receita que peguei há uma semana e meia. Tomei um naquele primeiro dia. Dois no dia seguinte, quando desempacotei a caixa com meu antigo uniforme de líder de torcida, antes de pegar uma tesoura e jogá-lo no lixo. Tomei um na terça-feira passada, quando o filho esquisito do vizinho me encarou com um olhar lascivo enquanto levava as latas de lixo para a calçada, bem na hora em que eu voltava da minha corrida, antes de ir à loja comprar roupas de corrida mais discretas.

Tomei dois comprimidos na sexta-feira, quando Karen, amiga de infância da minha mãe, veio nos dar as boas-vindas "de volta", embora eu nunca tenha morado aqui antes, e começou a fazer perguntas sobre meu pai. Isso deixa vinte e quatro comprimidos.

Ainda estou respirando com dificuldade, mas meu pulso está diminuindo. Contar os comprimidos evitou o ataque.

Nesse instante, a porta da sala 313 se abre de repente e um colega de classe sai despreocupadamente. Um olhar de soslaio revela que ele ergue as sobrancelhas com interesse avaliador ao me notar encostada na parede, com o peito ofegante. Minha testa ainda está pressionada contra o armário e eu só o vejo de relance. Que vergonha! Não sou mais invisível. *Droga.*

"Hum, você está bem?", ele murmura, com a voz grave, como cascalho.

Aceno com a cabeça contra os armários, mas não me viro, esperando que ele continue em direção ao banheiro ou aonde quer que estivesse indo, para que eu possa esperar que meu ataque de pânico diminua em paz.

"Você não parece bem. Posso lhe oferecer algo? Ou chamar alguém? Talvez a enfermeira?"

Respiro fundo e tento me recompor. Isso é a última coisa que eu preciso. Ser rotulada como a garota maluca com problemas de ansiedade logo no primeiro dia. Ele é só um aluno. Preciso cortar isso pela raiz. "Estou bem, só precisava de um minuto", asseguro a ele enquanto me viro e forço o que deve ser um sorriso obviamente falso.

Puta merda .

Ele é um gatilho ambulante para mim. Lindo. Meu *Deus* , como ele é lindo. E caras lindos no ensino médio são uns babacas. Principalmente os atletas. E, a julgar pelo físico dele, é exatamente isso que ele é. Ele é alto. Musculoso. Mais de um metro e oitenta de puro músculo... atlético. Algo que eu teria achado incrivelmente atraente um ano atrás.

Agora, tudo o que consigo pensar é em como seria fácil para ele me dominar.

Não importa quantas aulas de defesa pessoal eu faça, continuo sendo apenas uma garota de estatura mediana e corpo franzino. Não tenho a menor chance contra ele. Na verdade, não tenho a menor chance contra nenhum homem.

De repente, tudo o que registro é o corredor desoladamente vazio, a ausência de qualquer outra alma. O fato de haver mais de mil pessoas neste prédio, incluindo umas trinta do outro lado da porta por onde ele acabou de sair, passa completamente despercebido por mim.

Meu pulso dispara novamente, dez vezes mais forte do que antes. Encaro-o boquiaberta, em pânico e choque, mas não consigo respirar fundo o suficiente para falar. Minha mão busca novamente o bolso frontal da mochila, mas desta vez o zíper. Não consigo segurá-lo, meus dedos tremem demais. Meu olhar percorre o corpo assustadoramente forte desse estranho, passando por um queixo esculpido e lábios tão carnudos e macios que contrastam totalmente com sua estrutura óssea masculina. Meu olhar continua inexoravelmente, passando por um nariz reto emoldurado por maçãs do rosto perfeitamente definidas, e se fixa em seus olhos.

O olhar de desprezo que eu esperava não está presente. Ele não me encara como se eu fosse uma maluca esquisita — embora eu tenha quase certeza de que é isso que me tornei. Em vez disso, ele me observa com genuína preocupação. Seus olhos são de um azul profundo, como o céu da meia-noite, e sua testa está franzida de preocupação.

E então acontece a coisa mais estranha. Enquanto mantemos contato visual, começo a me acalmar. Respiro fundo, inspiro e expiro. Ainda estou em pânico, mas consigo respirar, e meus dedos param de tremer o suficiente para que eu consiga alcançar o zíper. Olho para baixo para abrir o bolso e pegar a garrafa, mas assim que nosso contato visual se desfaz, não consigo me lembrar do que me acalmou e começo a respirar com dificuldade novamente. Meu peito se contrai. A garrafa cai dos meus dedos trêmulos e rola alguns metros. Antes que eu possa me apressar para pegá-la, *ele* o faz primeiro.

Eu congelo, esperando que ele me entregue o remédio, mas ele para e lê o rótulo. Sua testa se franze novamente em preocupação, ou consternação, e enquanto ele relutantemente me entrega o frasco, sinto que ele está me julgando. Mas eu não me importo ainda. Não posso. Preciso me acalmar. Preciso de um comprimido. Abro a tampa e olho para os dois lados do corredor, agradecendo silenciosamente a Deus ao ver um bebedouro. Me obrigo a caminhar os cerca de dez metros até ele, tomo o comprimido, bebo um gole e então me encosto na parede e fecho os olhos, esperando que a mágica faça efeito.

Lentamente, a pressão no meu peito diminui. Minha respiração começa a se normalizar e, embora minha mente esteja um pouco confusa — justamente o motivo pelo qual quero parar de tomar os comprimidos —, a crise está passando. Mais alguns instantes e poderei abrir os olhos, talvez até me aventurar na aula de matemática.

"Melhorar?"

Meus olhos se abrem de repente. Eu não tinha percebido que ele ainda estava aqui, muito menos que tinha me seguido até o bebedouro.

"Tudo bem. Como eu disse", murmuro ingratamente. Ele franze a testa, hesita e eu me pergunto por que ele ainda está aqui. Por uma fração de segundo, mesmo acalmada pelos remédios modernos, temo que ele queira me machucar, e engulo em seco, nervosa, e prendo a respiração.

"Por que eu não te conheço, Aurora?", ele pergunta casualmente, como se não tivesse acabado de me ver desabando no corredor.

"Rory", corrijo, antes de perceber que ele acabou de me chamar pelo nome. "Espere. Como você sabe meu nome?" Meu tom me faz parecer paranoica, e a ironia é que, se eu não tivesse acabado de tomar um remédio para ansiedade, só

a ideia de que esse rapaz alto e incrivelmente bonito soubesse algo sobre mim que eu não tivesse contado a ele já teria me levado a outro ataque de nervos. Mas eu tomei o comprimido. Cedi. Para poder parecer uma pessoa relativamente normal, pelo menos por enquanto.

"Estava na sua... hum... garrafa", ele responde.

Abaixo o olhar, mortificada. Vagamente me pergunto se ele sabe para que serve o Alprazolam, mesmo tendo obviamente acabado de presenciar meu ataque. Agradeço que o frasco diga o nome genérico, e não apenas *Xanax* , que os adolescentes geralmente reconhecem. Alguns até tomam por diversão, o que não faz sentido para mim. Não há nada de divertido nisso.

"Então por que eu não te conheço, *Rory?* "

"Sou nova por aqui", praticamente sussurro.

"Entendo. Bem-vindo a Port Wood. Eu sou Sam. Sam Caplan."

"Prazer em conhecê-lo(a)", sussurro, ainda sem levantar o olhar.

"Então, posso te acompanhar até a enfermaria ou algo assim?"

Então levanto os olhos. "Não. Como eu disse, estou bem. Só preciso chegar à aula." Me viro e começo a caminhar de volta para a sala 313 quando outro aluno vem correndo pelo corredor. Paro e dou um passo para trás, encostando na parede, para sair do caminho dele.

"Capitão! E aí? Tô atrasado pra caramba!" ele anuncia para explicar por que está andando pelos corredores a passos largos. No entanto, assim que seu olhar passa por mim, ele para bruscamente. "Bem, *oi* ." Suas sobrancelhas se erguem em interesse e ele me examina de cima a baixo com o olhar, sem nem tentar disfarçar.

Dou mais um passo automático para trás e cruzo os braços, protegendo minha barriga. Digo a mim mesma que ele está apenas flertando. É inofensivo. É normal.

Mas eu *não sou* normal.

Estou muito feliz por estar medicado agora.

Sam parece perceber meu desconforto e se coloca na minha frente, praticamente me protegendo de alguém que obviamente é seu amigo. As sobrancelhas do amigo se franzem enquanto ele olha para Sam, claramente confuso com sua postura, assim como eu.

"Desculpe, Tuck, nós também estamos atrasados, precisamos ir para a aula", explica Sam enquanto pega delicadamente minha mão e me conduz de volta para a sala de cálculo. Fico momentaneamente atordoada com seu toque. Um estranho segurando minha mão deveria ter me assustado, mesmo sob efeito de medicamentos. Mas seu toque era, de alguma forma... reconfortante.

"Ah, tá bom. Te vejo depois, então", respondeu Tuck, retomando sua corrida pelo corredor na direção oposta.

Assim que ele sai, puxo minha mão de volta, ignorando o fato de que uma parte de mim não quer fazer isso.

"Desculpe", disse Sam.

Eu apenas dou de ombros em resposta.

"Ele é inofensivo. Tuck. Tucker. Ele só está flertando."

"Tanto faz. Está tudo bem. Eu estou-"

"Você está bem. Eu entendi."

Eu olho para ele. De volta àqueles olhos. *Grande erro* . Começo a me sentir culpada. Parece que me acostumei tanto a ser a vítima que nem consigo reconhecer quando alguém está tentando me ajudar. *Ótimo* . Agora sou uma idiota. "Desculpe", murmuro.

"Tanto faz, tudo bem. Você está na minha aula? Cálculo?" ele gesticula em direção à porta da sala 313.

Eu concordo com a cabeça.

"Legal, vamos lá."

"Você... você não estava indo para algum lugar?", pergunto. Afinal, ele devia ter algum lugar para ir — antes de se distrair com a garota nova tendo um ataque de nervos no corredor. Sam dá uma risadinha, um som leve e genuinamente doce. O tipo de risada que instantaneamente te deixa à vontade, que transmite sinceridade e carinho. Fico surpresa com o efeito que isso me causa.

"Não. Às vezes eu só fico entediado nas aulas de cálculo e peço para ir ao banheiro." Ele dá de ombros e abre a porta para mim.

Entro na sala antes dele e, para minha surpresa, ele arranca o formulário da minha mão e o atira com força na mesa da professora. "Aluno novo", murmura ele, como se fosse a coisa mais corriqueira do mundo, e então se senta na segunda fila.

O professor mal levanta os olhos enquanto me indica que me sentei, o que fiz — o mais para trás que consegui — e os poucos alunos que olham para cima, em sua maioria meninas, só conseguem ver Sam. E não posso culpá-las.

E assim, de repente, voltei a ser invisível.

****

Quando o sinal toca, todos se apressam para arrumar suas coisas e sair pela porta. Sam se vira e eu congelo quando ele faz contato visual e o canto de sua boca se curva num meio sorriso.

"Rory? É você?" uma voz feminina me arranca a atenção da minha estranha reação hipnótica. Relutantemente, desvio o olhar de Sam e procuro a origem da voz.

Então eu a vejo. Ok, então eu não conheço ninguém. Eu conheço uma pessoa.

E é alguém de quem eu realmente gosto.

"Carleigh? Meu Deus, *Carleigh !* " Eu me levanto e ela me abraça. Retribuo o abraço com força, tão grata por ela estar ali e por sequer se lembrar de mim, que por um instante esqueço que mal consigo suportar ser tocada. Principalmente por estranhos. Mas, afinal, ela não é uma estranha.

A família de Carleigh Stanger morava ao lado da minha avó Mimi — a mãe da minha mãe — antes dela falecer. Costumávamos visitá-la aqui duas vezes por ano e eu brincava com a Carleigh. Sempre. Ela era minha melhor amiga de férias. Não a vejo desde que tínhamos doze anos. Dou uma espiada na frente da sala bem a tempo de ver Sam sorrir e sair da sala de aula.

"Hoje em dia me chamam de Carl", Carleigh me informa. "E aí? Tudo bem? O que você está *fazendo* aqui?", ela pergunta animada. Eu rio da energia dela. *Quando foi a última vez que eu ri de verdade?*

"Calma, *Carl.* Eu... bem, eu me mudei para cá", explico.

"Então você está aqui para ficar? Tipo, você estuda aqui agora? Pelo resto do ano?"

"Esse é o plano", confirmo, e sou recompensado com um sorriso de orelha a orelha.

CAPÍTULO DOIS

Dias de hoje

Carl está ansioso para conversar, mas temos aulas diferentes. Rapidamente comparamos nossos horários e descobrimos que temos o mesmo horário de almoço, então planejamos nos encontrar. As próximas quatro aulas passam devagar. Me sinto lenta no geral, por causa dos meus remédios, mas sou grata por não estar em pânico. Nenhum dos meus professores me faz fazer aquela coisa de levantar e se apresentar. Dizer algumas coisas sobre mim. Não poderia estar mais agradecida. O que eu poderia dizer?

Tudo *em* mim me foi tirado.

Não sou mais um moleque ou uma líder de torcida. Meus amigos não são mais meus amigos. Na verdade, são meus inimigos. Não gosto mais de futebol. Odeio. E odeio todo mundo que acha que é a melhor coisa do mundo. Meu namorado — bem, *ex*- namorado — é o meu pior pesadelo. Não fiz nada nos últimos nove meses além de chorar, ler, chorar, ouvir música e chorar. Ah, e ter crises de pânico. Tenho certeza de que isso tudo renderia uma introdução inspiradora.

Enquanto caminho ao redor do prédio até o estacionamento onde combinei de encontrar Carl, me pergunto como os últimos anos a mudaram. Ninguém é a mesma pessoa aos dezoito anos do que era aos doze. Minha melhor amiga da minha cidade natal — bem, *ex*- melhor amiga, Lacey — é exatamente como eu era. Ou melhor, como eu era no ano passado. Ou pelo menos como eu *tentava* ser para me encaixar com as meninas, tanto quanto qualquer moleca nata consegue. Ela gosta de garotos, carros, futebol americano, de ser popular e de tentar se tornar ainda mais popular. Agora, tudo o que eu quero é descobrir quem são os "populares" daqui e evitá-los como a peste. Espero que Carl seja mais do tipo outsider. Eu bem que preciso de um amigo, mas acho que não conseguiria lidar com um grupinho, e *definitivamente* não com o grupinho dos populares.

Mas, no fundo, sei que Carl não está sozinha. Ela sempre foi simpática e bonita também. A última vez que a vi, seus cabelos naturalmente loiros chegavam à cintura, mas agora estão cortados na altura dos ombros, num estilo mais contemporâneo. Ao contrário de mim. Meu cabelo ruivo ainda é comprido e raramente o arrumo de outra forma que não sejam suas ondas naturais e sem graça. Quando a vi esta manhã, Carl estava usando sombra, delineador, *Ela fez um trabalho* impecável, realçando seus olhos verde-claros com maestria. Eu costumava usar maquiagem para ir à escola. Levava vinte minutos me maquiando todas as manhãs. Agora, no máximo, uso rímel e gloss. Não quero parecer que estou me esforçando. Quando as pessoas acham que você está se esforçando, pensam que você está procurando algo. E eu não estou procurando nada.

Quando Carl aparece, ela está acompanhada por outra garota de cabelos loiros, mas definitivamente não são naturais, e as pontas tingidas de rosa também não. Ambas sorriem calorosamente e Carl me abraça novamente.

"Esta é Tina. Tina, Rory", apresenta Carl.

"Oi", murmuro, mas Tina me puxa para um abraço, assim como Carl fez.

Não era o que eu esperava. Fico tensa e prendo a respiração até que ela se afaste.

"Prazer em conhecê-lo(a), temos apenas quarenta e três minutos para o almoço. Que tal jantarmos?", ela diz a mil por hora.

"Ah, claro", respondo e sigo atrás deles enquanto nos dirigimos para o que presumo ser um dos carros deles.

"Podemos sair do campus para almoçar?", pergunto. Na minha antiga escola, tínhamos que comer no refeitório.

"Apenas para os alunos do último ano", explica Carl, "mas a maioria dos alunos do penúltimo ano também sai, assim que tira a carteira de habilitação. A escola não é particularmente rigorosa quanto a isso."

Ah, é verdade, eles só tiram carteira de motorista aos dezessete anos em Nova York. Que azar o deles.

Carl abre o porta-malas do seu Audi A4 quando um grupo de garotos abre caminho em meio à multidão de estudantes. Como se eu tivesse um sensor embutido para ele, meu olhar se volta imediatamente para Sam. O líder do grupo. Tucker está com eles, e os outros três também são bonitos. Embora nenhum deles chegue aos pés de Sam. Não preciso perguntar qual a posição deles na hierarquia do colégio. Um dos garotos cutuca Tucker com o cotovelo para chamar sua atenção antes de se virar e correr em nossa direção. Sinto meu pulso acelerar.

O homem agarra Tina, que não o tinha visto aproximar-se, e puxa-lhe o braço, arrastando-a para si enquanto ela solta um suspiro de susto.

Eu reajo.

Largo minha mochila e agarro seu braço para soltá-lo do meu novo amigo.

"Sai de cima dela agora mesmo!", grito.

Ele fica imóvel. Tina fica imóvel. Retiro minha mão.

Finalmente, noto *o outro* braço de Tina - congelado em sua posição estendida, sua mão acariciando afetuosamente a bochecha dele.

E, mais uma vez, estou mortificada. Ele não a estava atacando. *Ele provavelmente é o namorado dela, droga!*

"Eu... eu sinto muito", murmurei lamentavelmente.

"Rory, este é meu amigo Andrew. Ele e a Tina estão juntos." É o Sam falando. De alguma forma, Sam conseguiu chegar até nós e colocou a mão delicadamente no meu ombro. "Andy, talvez você não devesse chegar tão de surpresa na sua namorada assim", acrescenta ele com mais uma de suas risadinhas descontraídas.

É uma atitude gentil da parte dele. Ele está tentando fazer parecer que minha reação foi razoável. Como se eu não estivesse louca. Mas, em vez de me sentir grata, estou irritada. Eu não preciso que ele me faça sentir normal. Eu *não sou* normal. E já aceitei que nunca mais serei.

Andrew ainda está assustado com meu ataque de fúria, mas é cavalheiro o suficiente para deixar para lá. Ele me diz que é um prazer me conhecer — embora eu saiba que o encontro dele comigo não foi nada agradável — e aperta minha mão, o que eu suporto com dificuldade. Odeio essa tradição arcaica. Quem quer que um estranho toque sua mão? Ultimamente, tenho evitado o gesto sempre que possível, mas depois do meu surto, é o mínimo que posso fazer. Andrew se vira para abraçar Tina e sussurra algo em seu ouvido com um sorriso

malicioso. Ela dá uma risadinha. Rapidamente, dou uma olhada ao redor e fico aliviada ao perceber que apenas nós, algumas pessoas próximas a nós e a matilha de Sam notaram meu ataque de fúria.

Mas então vejo um grupo de garotas em volta de uma BMW branca. Não há dúvidas sobre a posição delas na hierarquia do colégio. São as garotas populares. São quem eu costumava ser. Minhas antigas amigas. Minhas inimigas. E a alta e magra, com a saia curta e os cinco quilos de maquiagem, está me encarando com um olhar *fulminante* . Ela joga para trás seus longos cabelos negros, alisados quimicamente. Engulo em seco, nervosa, antes de perceber onde seu olhar está fixo, e não é só em mim – é na mão de Sam no meu ombro. Rapidamente me desvencilho de seu aperto e ele me olha com uma expressão de desagrado.

"Precisamos ir. Almoço", explico.

Evito olhar nos olhos de Sam, mas seu casaco de lã preto está aberto, revelando completamente sua camiseta justa e jeans, e percebo que focar meu olhar em seu corpo não é menos perturbador. Seu físico é claramente definido mesmo através da roupa. *Isso é normal?* Não é à toa que a Abelha Rainha estava me encarando. Fazer amizade com Sam definitivamente não é a maneira de passar despercebida por aquele grupo, que é meu principal objetivo no momento. Não quero que as garotas populares saibam quem eu sou. Essa não é a maneira de permanecer invisível.

E então Tucker aparece. Ele dá a Sam aquele aperto de mão meio abraço, típico dos homens.

"Capitão", ele cumprimenta, e então me nota. "Então vejo que você ainda está monopolizando a novata. Oi, novata, eu sou o Tuck."

Não digo nada.

Sam revira os olhos. "Rory, estes são Tuck, Andrew, Marshall, Dave e Luke." Ele gesticula para cada um enquanto apresenta seus amigos. Marshall e Dave riem e dão umas cutucadas de brincadeira um no outro. "Gente, esta é a Rory, ela é nova."

"É um prazer conhecê-lo", diz Tuck, fingindo formalidade.

O braço de Carl me envolve e ela me puxa em direção ao carro. "Tá bom, Tuck, deixa ela em paz. Não vê que ela está muito acima do seu nível?", ela provoca.

Tuck leva a mão ao peito como se tivesse sido mortalmente ferido, mas seus olhos se estreitam em um sorriso divertido.

"Ah, Carl, princesa, você sabe que é a única mulher para mim!" Tuck grita enquanto eu entro no banco de trás, atrás dela. Carl dá uma risadinha e pisca para Tuck antes de pular para o banco do motorista.

O restaurante fica a no máximo cinco minutos de carro. Durante o almoço, Carl me conta as novidades da vida dela. Pelo que ela descreve, deduzo que, embora ela e Tina não façam parte do grupinho da Abelha Rainha, elas também não são exatamente excluídas. Obviamente, Tina está namorando um dos caras populares e Carl explica que, embora ela e Tuck nunca tenham tido um relacionamento sério, eles já ficaram algumas vezes e claramente gostam um do outro. Aparentemente, Tuck é apenas um paquerador compulsivo, como Sam havia dito, e eu não deveria levar nada disso para o lado pessoal. É o jeito dele

de ser receptivo. Ele é *inofensivo.*

Lá está essa palavra de novo. Mas eu sei que não é bem assim. Claro que ele é inofensivo. Todo mundo é inofensivo. Até que deixa de ser. Robin também costumava ser inofensivo. Mas eu não digo nada disso para o Carl.

"Então, como você conhece o Capitão?", pergunta Tina. Eu a encaro, confusa.

"Quem?", respondo.

" *Capitão* Sam Caplan. Capitão."

"Ah. Na verdade, não. Eu só estava atrasada para a minha primeira aula e ele me encontrou no corredor", explico.

"Que vadia sortuda", provoca Tina, e ela e Carl riem.

Posso ser muitas coisas, mas *sortuda* não é uma delas. *Vadia* , talvez.

"Você viu a Chelsea lançando um olhar mortal para ela? Quando o Cap apareceu no estacionamento?", diz Tina para Carl com um toque de diversão travessa.

"Não. Mas não me surpreende. Ela já fica irritada o suficiente com ele a ignorando quando ela tenta flertar com ele, e agora ele dá atenção a uma garota? Isso deve estar corroendo-a por dentro!" As duas riem histericamente como se a ideia de irritar a Chelsea, que eu presumo ser a Abelha Rainha, fosse a melhor coisa do mundo. Eu realmente não as culpo, tudo nela grita "garota má", mas o fato de *eu ser* a pessoa que a irrita... isso me torna um alvo.

"Eles namoraram?", pergunto.

"Só nos sonhos dela... as famílias deles são amigas, porém", responde Carl. "O Cap não *namora* . Ele tem essa regra de 'nada de namoradas no ensino médio', o Tuck me contou. Ele fica com umas garotas, mas a garota com quem ele ficava se formou — ela era mais velha. Acho que a Chelsea pensou que teria a chance dela este ano, mas ele simplesmente a ignora e isso a deixa louca, e agora que ela viu vocês dois juntos..."

"Ela não nos viu *juntos* . E ele não estava me dando *atenção.* Ele só estava sendo gentil. Porque eu sou nova. Ele estava... me apresentando", dou de ombros e tento ignorar os olhares céticos dos meus amigos. "O quê?!" Finalmente, perco a paciência. Carl e Tina trocam um olhar.

"Talvez eu acreditasse nisso se o Capitão fosse do tipo que puxa conversa com qualquer garota desconhecida do nada. Quer dizer, você já viu ele!" diz Carl, animado.

Franzi a testa. Ela o faz parecer convencido. Detesto isso. Mas algo nisso me soa falso. Sam não me pareceu nada assim. Ao ver minha expressão, Carl continua.

"Não, não quis dizer isso. Não é que ele seja convencido. Acho que ele simplesmente se cansa de garotas se jogando aos seus pés. O Tuck diz que ele não gosta de atenção. Eles são melhores amigos, sabe? Se o Capitão quiser uma garota, ele vai deixar claro. E ele vai conquistá-la, pode ter certeza." Eu não tinha dúvidas. "O resto é só irritante, eu acho. Quer dizer, veja a Chelsea — eles são amigos desde crianças, e de repente estamos no ensino médio e ele não consegue ficar perto dela sem que ela tente flertar com ele de alguma forma."

"Coitado", murmuro. Sai sarcástico e as meninas riem. É minha intenção, porque se fosse sincero, soaria ridículo. Ter pena de alguém por receber muita

atenção positiva do sexo oposto, mas a verdade é que eu meio que entendo o que Carl quer dizer. Não a esse ponto, claro. Nunca tive garotos se jogando aos meus pés, mas entendo o que é atenção indesejada. "Mas, na verdade, eu só estava com dificuldade para encontrar a sala, não foi nada demais", asseguro a elas.

"E, de novo, talvez eu acreditasse nisso se você não fosse, tipo, absurdamente gostosa", rebate Tina. Eu jogo uma batata frita nela e rio.

"Não sou", insisto.

"Você meio que *é mesmo* ", murmura Carl, e eu percebo que ela está sendo sincera. Reviro os olhos.

Ok, eu sei que não sou feia, mas definitivamente não sou "tipo, supergata". Principalmente agora que estou com um visual mais despojado e praticamente sem maquiagem. Talvez eu devesse tirar o gloss.

****

O resto do dia letivo transcorre sem incidentes. A maioria dos alunos sai pela entrada lateral, que fica ao lado do estacionamento estudantil, mas também é onde ficam o ginásio e os vestiários. Intelectualmente, sei que a temporada de futebol americano já acabou há muito tempo e que há muita gente circulando pelo corredor que leva aos vestiários, mas minha terapeuta diz que devo evitar gatilhos o máximo possível, e os vestiários do ensino médio definitivamente são um gatilho. Entro pela entrada principal e contorno o perímetro do prédio, como fiz na hora do almoço, e quando chego ao meu carro, quase todos já foram embora. Entro no meu jipe e dirijo direto para casa para começar a fazer minha lição de casa de cálculo. Já estou atrasada. Vou ter que perguntar ao meu professor amanhã se ele oferece algum horário extra de reforço ou aulas de tutoria.

A boa notícia é que minha aula de Inglês Avançado está usando praticamente a mesma lista de livros que eu lia em Linton, e os que não estavam no programa antigo eu já tinha lido por conta própria. Pelo menos isso vai facilitar as coisas. Bom, a gente aproveita o que é bom quando aparece. Ou pelo menos é o que eu tento me convencer.

Na manhã seguinte, chego à primeira aula — que agora é a sala de aula de orientação pelos próximos dez minutos — com tempo de sobra. Carl reservou uma carteira para mim perto dela, no fundo da sala, e sou grata por isso. Conversamos por alguns minutos antes do sinal tocar. Tento não encarar quando Sam entra, mas o garoto é simplesmente lindo demais. Tento ser discreta e percebo que não sou a única. A maioria das meninas da turma está tentando dar umas olhadas furtivas em Sam. Entendo por que ele pode achar isso irritante, mas, sério, quem tem uma regra de "nada de namoradas no ensino médio"? Por um instante, gostaria que Robin tivesse tido essa regra, mas me contenho. Não devo ficar remoendo eventos passados que não posso mudar. Meu terapeuta me repreenderia por sequer pensar nisso.

Dou mais uma olhada furtiva em Sam, que está mexendo no iPhone e conversando com o cara que ele apresentou ontem como Dave, antes do professor, Sr. Frank, entrar assim que o sinal toca. Os alunos se acalmam e ficam quietos, e pouco antes de ele se virar para o quadro interativo, Sam olha para mim de relance e dá um meio sorriso. Por um instante, acho que imaginei, mas aí Carl me cutuca com o cotovelo e sussurra: "Viu só?"

Não consigo *ver* direito. Ele mal me deu atenção.

Não conto a ela o verdadeiro motivo pelo qual Sam foi gentil comigo ontem. Por que ele está me dando atenção hoje. Não conto a ela que ele me pegou em pânico no corredor, tomando remédios, por pouco antes de eu hiperventilar e desmaiar. Que foi o que aconteceu na primeira vez que tive uma crise, uns dez meses atrás. Não conto a ela que ele só está sendo gentil comigo porque acha que tem algo de errado comigo. Porque ele *sabe* que tem algo de errado comigo. Porque ele tem pena de mim.

Pena.

É engraçado como as coisas mudam. Nove meses atrás, eu teria gostado. Teria sido uma mudança bem-vinda em relação a todas as acusações e desprezo. Se tivessem pena de mim, significaria que acreditavam em mim. Agora, não quero pena. Quero fingir que nada disso aconteceu. Esse era o objetivo de me mudar para o outro lado do país. Que ninguém soubesse. Mas, embora Sam talvez não saiba o que aconteceu, ele testemunhou as cicatrizes. Não a cicatriz física, mas as emocionais. E essas são muito piores.

****

Nos dias seguintes, entro numa rotina. Aulas, almoço com Carl e Tina, mais aulas, dever de casa, leitura e recusa de convites para outras atividades sociais. Quando chega a sexta-feira, fica mais difícil usar desculpas sobre ter que jantar com a minha mãe para evitar sair depois da aula. Todo mundo vai a uma festa na casa do Andrew hoje à noite. É o tipo de coisa que me animaria um ano atrás. Mas agora, eu recuso.

Quando menciono isso para minha mãe durante o jantar, ela me lança aquele olhar. Aquele olhar triste e patético que reflete que sou apenas uma sombra do que eu era. Mas também percebo sua própria autocomiseração, o que me lembra o quanto tudo isso também machucou minha mãe, e tomo a decisão impulsiva de tentar aliviar um pouco de sua dor.

Eu decidi ir à festa.

Não dedico muito tempo a me arrumar. Afinal, não quero parecer que estou me esforçando. Se eu puder ficar um pouco por perto — pelo menos até minha mãe ir dormir — ela pode pensar que estou me recuperando de alguma forma. Que estou voltando ao normal. É tão fácil esquecer o quão traumático tudo isso deve ter sido para ela também.

Espero na sala que Carl venha me buscar, ciente de que minha mãe me observa atentamente, procurando sinais de que não estou pronta para isso, para que ela possa me mandar ficar em casa. Mas sei que não é isso que ela quer. O que ela quer é encontrar a improvável confirmação de que estou começando a ficar bem. Então, eu a dou a ela.

Forçar meu sorriso de "está tudo bem" é demais agora, então me esforço ao máximo para evitar que meus lábios se contraiam na expressão carrancuda de sempre. Duas buzinas me avisam que Carl chegou para me buscar. Não entro em pânico, mas estou tremendo de ansiedade.

CAPÍTULO TRÊS

Setembro, ano passado

Estou *literalmente tremendo de tanta animação. Finalmente, finalmente, é o terceiro ano. Estou no último ano. Tudo mudou neste último verão. Eu nunca fui o tipo de garota que tinha muitas...* garota *amigos. Quando criança, eu era mais moleca. Não gostava de pintar as unhas nem de ir a festas do pijama; preferia jogar queimada na rua ou uma partida de basquete improvisada na cesta da garagem do Cam. O Cam é meu melhor amigo desde que a família dele se mudou para a casa ao lado, quando tínhamos três anos, e somos inseparáveis desde então.*

Quando eu era criança, não era tão estranho assim. Quando entrei no ensino médio, era um pouco incomum eu andar principalmente com garotos, mas era o que era. Eu era despreocupada e ainda via os garotos como apenas amigos, não como interesses românticos. Logo, porém, comecei a sentir que estava perdendo algo. Eu adoro o Cam, ele é um ótimo amigo, o melhor, mas embora a gente passasse a maior parte do tempo juntos ouvindo música ou jogando videogame, eu comecei a me perguntar cada vez mais se não deveria estar no shopping ou fazendo alguma coisa para me enturmar com garotas da minha idade. Não era como se eu não as conhecesse. Linton é uma cidade pequena; todos nós nos conhecemos a vida toda. E não era como se eu fosse uma excluída ou algo do tipo. Todo mundo sempre foi legal comigo, até mesmo as garotas que não eram lá muito legais no geral.

Então, no verão passado, depois de passar no teste de salva-vidas, consegui um emprego na piscina local. Faz um calor infernal em Linton durante o verão, e estamos longe o suficiente do golfo para que não haja brisa do mar para nos refrescar. A maioria de nós passa o tempo no lago ou, se nossos pais puderem pagar uma mensalidade, na piscina do clube de campo.

Eu conhecia Lacey Forbes desde sempre. Claro, todo mundo em Linton a conhece, assim como sua família. O pai dela, que é o prefeito da cidade, é amigo da minha família desde criança. Ela e suas amigas, Courtney, Emmers e Stella, são o mais próximo que Linton tem de um "grupo popular". Então, quando Lacey veio falar comigo na piscina em julho, vi como uma chance de fazer algumas amigas — de me tornar menos moleca e mais uma garota normal.

Eu sempre fui considerada bonita o suficiente na nossa pequena cidade, mas quando uma garota chega aos quatorze anos, o que a torna atraente tem menos a ver com o rosto e mais com a rapidez com que ela se desenvolve. Esse novo sistema de classificação, junto com o fato de eu ser vista como uma das garotas, sempre me deixava de fora de qualquer lista de "gatas". Até agora. Em algum momento no final do último ano letivo, meus seios começaram a crescer. Não eram especialmente grandes, mas eu estava feliz por não ser mais tão reta quanto uma tábua, e de acordo com Cam, que fez uma careta ao contar, minha cota necessária de tamanho de seios era significativamente menor devido ao meu rosto bonito. De novo, palavras do Cam, não minhas. De acordo com os garotos da minha turma — garotos que eram meus melhores amigos, mas que agora de repente me viam como um objeto sexual — meus seios grandes,

tamanho B, eram equivalentes a um tamanho DD em uma garota comum. Essa notícia me fez rir muito e fez Cam esfregar o rosto com as mãos, deixando-o vermelho. Ele é como um irmão para mim e não suporta quando os amigos dele — nossos amigos — falam de mim assim, mas ficou claro para nós dois ao longo do último ano que as coisas são assim mesmo e que ambos teríamos que nos acostumar com isso.

A verdade é que sei que o interesse repentino de Lacey por mim não foi aleatório. Garotas populares gostam de manter por perto garotas que são consideradas... bonito *O mais próximo possível. Eu seria um aliado em vez de um concorrente. Isso, somado ao fato de eu ser melhor amigo do Cam e dos outros garotos desejáveis da nossa turma, tornava uma amizade comigo atraente. Me integrar ao grupo dela seria mutuamente benéfico. A Lacey tem uma queda pelo Cam, isso não é segredo, e embora o Cam já tenha ficado com ela duas vezes, ele não é do tipo que se envolve em relacionamentos. A Lacey é apenas mais uma para ele. Tantos quantos existem em Linton, pelo menos. E, felizmente, é de conhecimento geral que minha amizade com o Cam é cem por cento platônica; caso contrário, a Lacey poderia ter me escolhido como alvo em vez de aliado.*

Mas nada disso realmente importa para mim. E daí se ela está basicamente me usando? Afinal, eu estou fazendo o mesmo. Estou usando a Lacey para satisfazer minha curiosidade sobre como seria ter amigas, e até agora, tem sido ótimo para mim.

Passamos muito tempo juntos durante o verão e, embora eu ainda passe bastante tempo com o Cam e os rapazes, também me tornei bem próxima da Lacey e das meninas.

A primeira semana do terceiro ano do ensino médio acabou e a Lacey convidou as amigas para comemorar. É a primeira vez que vou dormir na casa dela, mas ela não é o motivo da minha animação.

O irmão mais velho da Lacey está no último ano do ensino médio. Não apenas no último ano, mas o *último ano. Quarterback do time de futebol americano, o queridinho da cidade — bonito, popular. Eu o admirava de longe — das arquibancadas nos jogos de futebol americano, da cadeira de salva-vidas na piscina — mas, desde que me tornei amiga da Lacey, tive a oportunidade de admirá-lo um pouco mais de perto. Embora ele não tenha aparecido muito em casa quando eu estive lá durante o verão — ele é popular demais e sempre tem algo para fazer, algum lugar para ir —, sei que esta noite vou conseguir vê-lo. Ele não consegue ficar longe de casa a noite toda.*

Meu pai me deixa lá por volta da hora do jantar. Ele não poderia estar mais satisfeito com minha nova amizade. Ele e o prefeito Forbes jogam golfe todos os domingos, e não só são amigos desde a infância, como, por meu pai ser o promotor público da cidade, também têm relações profissionais. Sem dúvida, nossas famílias teriam passado muito tempo juntas se minha mãe suportasse o restaurante Lacey's.

Cindy Forbes representa tudo o que minha mãe detesta nas pequenas cidades do sul dos Estados Unidos. Presunçosa, egocêntrica e obcecada por status. Sua arrogância irritou minha mãe logo no primeiro encontro, há quase vinte anos, e desde então minha mãe inventa desculpas para evitar contato com

ela.

A verdade é que minha mãe se sente completamente deslocada aqui em Linton. Mesmo depois de tanto tempo. Ela cresceu em Long Island e conheceu meu pai na NYU, quando ela era estudante de graduação e ele cursava Direito. Dizem que se apaixonaram instantaneamente e, quando ambos se formaram, minha mãe concordou em acompanhar meu pai de volta à sua cidade natal, onde se casaram e ela cursou Direito na Universidade da Flórida, em Gainesville. Ela trabalha como defensora pública e presta seus serviços principalmente como voluntária, para grande desgosto do meu pai, que é promotor público, mas sempre que ele tenta pressioná-la a fazer algo com que ela não concorda, ela o lembra de que fez o maior sacrifício: trocar Nova York por Linton.

Linton é tudo o que eu conheço, então, embora eu guarde minha opinião para mim mesma — não que alguém nunca tenha me perguntado —, fico dividida entre entender o desprezo da minha mãe pela frivolidade do que nossa comunidade considera importante — status social, golfe e futebol — e o desejo do meu pai de jogar. Afinal, o que há de errado em querer ser popular? Em querer ter amigos?

"Divirta-se, Bela Adormecida", diz meu pai enquanto eu saio do banco do passageiro com um aceno. Ele me chama assim quando está contente comigo e de "Aurora" quando não está. Nunca Rory. Meus pais não conseguiam concordar com um nome quando eu nasci. Passaram-se três dias até que a enfermeira da maternidade comentou que eu era a que melhor dormia no berçário e meu pai começou a me chamar de Bela Adormecida. Foi assim que eles decidiram me dar o nome da princesa do conto de fadas.

Papai sai dirigindo antes que eu chegue à metade da calçada de pedra dos Forbes. Nossa casa não é exatamente pequena, mas esta é enorme. Branca com venezianas azul-marinho, colunas e uma varanda que circunda toda a casa. Os gramados são impecavelmente cuidados. Assim como os roseirais que ladeiam o caminho. Não é apenas uma casa, é uma declaração. Somos melhores do que vocês. *E suponho que não seja mentira. Um prefeito, sua esposa loira perfeita, com botox, um astro do futebol americano e a Miss Popular. Que família! O prefeito Forbes deve estar orgulhoso.*

Meu pai queria um filho. Em vez disso, ganhou a Bela Adormecida. Mamãe não podia ter mais filhos — algo relacionado ao tecido cicatricial da cesárea que me trouxe ao mundo — e, embora ele nunca admitisse, sei que meu pai me odeia não só por ser menina, mas por arruinar a chance dele de ter filhos homens no futuro. Quando eu era mais nova, eu era tão filho quanto qualquer menina poderia ser, mas quanto mais velha eu ficava, mais meu pai e eu nos distanciávamos. Era fácil agradá-lo quando tudo o que eu queria era jogar beisebol no quintal com ele e Cam, mas agora... ele mal olha para mim.

Só quando menciono que vou passar um tempo com a Lacey é que ele pergunta sobre o meu dia, sobre a minha vida. Ele está sempre perguntando ao prefeito Forbes — ou Bobby, como meu pai o chama — sobre o filho dele *. Ele vai aos jogos de futebol americano — todo mundo na cidade vai — e torce pelo quarterback como se fosse seu próprio filho. E o prefeito Forbes fica mais do que feliz em compartilhar a glória. Então, quando pedi ao meu pai uma carona*

até aqui para dormir na casa dele, já que meu jipe está na oficina, ele falou comigo pela primeira vez na semana. Fico pensando, sem muita convicção, quem é o maior fã do queridinho quarterback Robin Forbes. O pai dele ou o meu?

Ou talvez eu. E todas as outras garotas da cidade.

Estou a poucos passos da porta da frente quando ouço vozes. Ou apenas uma voz. Paro e me viro para o lado quando Robin aparece correndo pela porta lateral.

"Cara, já estou a caminho, relaxa. Ela vai me esperar, não se preocupe", ele diz confiantemente ao celular, e em silêncio concordo que quem quer que seja "ela", certamente o esperará. Eu com certeza esperaria.

Fiquei paralisada quando ele percebeu minha presença e mudou de direção.

"Te ligo depois, mano", ele murmura antes de guardar o celular no bolso da calça jeans e parar a poucos metros de mim.

Engulo em seco, nervosa, enquanto seu olhar me percorre lenta e deliberadamente da cabeça aos pés, e depois volta a me percorrer como se meus shorts curtos e minha regata fossem algo especial.

"Rory", diz ele, e então sorri.

Sinto um nó na garganta.

"Oi," gaguejei como uma garotinha inexperiente que ficou sem palavras diante de um garoto bonito. O que, claro, eu sou.

"Você está muito bonita", ele diz arrastado, como o cavalheiro sulista que foi criado para ser. Coro intensamente. Ele me olha com expectativa, e percebo que talvez esteja se perguntando o que diabos estou fazendo na casa dele.

"Eu... eu estou aqui por causa da Lacey", murmurei apressadamente.

"Que pena, mas eu já imaginava. Não sabia que vocês duas tinham ficado tão próximas."

Dou de ombros. Espera... ele acabou de dizer que estava decepcionado por eu estar aqui por causa da Lacey?

O que ele quer dizer com isso?

"Hum, sim, acho que sim. Ela só está convidando um monte de gente para ir lá", explico.

"Bem, eu sabia disso, mas não sabia que a lista de convidados incluía a garota mais bonita da escola. Talvez eu tivesse cancelado meus planos", diz ele, arrastando as palavras com uma piscadela e exagerando seu sotaque sulista.

Leva um segundo para eu perceber que ele está falando de mim, o que ele nota. Ele sorri de canto quando coro novamente, e eu desvio o olhar de seus olhos cor de avelã, cheios de alegria. Ele está flertando comigo. Eu não faço a menor ideia de como flertar. Passei a vida inteira com garotos e nunca fui alvo de flertes. Talvez se Robin não fosse tão bonito, com sua beleza juvenil tão avassaladora, eu conseguisse bolar alguma resposta espirituosa.

"Não sou", digo em vez disso, querendo confrontá-lo com suas mentiras, mas soando um pouco como se eu tivesse voltado ao ensino fundamental.

Solto um suspiro de espanto quando seu braço musculoso se estende em minha direção e afasta uma mecha de cabelo rebelde dos meus olhos, colocando-a cuidadosamente atrás da minha orelha.

"Ah, mas você é sim, Srta. Rory Pine. E todo mundo sabe disso. Aliás, eu e meus companheiros estávamos conversando sobre isso depois do treino ontem. Irritou um pouco meu melhor recebedor também", ele responde com um meio sorriso irônico. Seu melhor recebedor é Cam, e se Cam ficou irritado, então o que quer que tenha sido dito não foi exatamente inocente. "Agora, ele me diz que você é só amiga dele, mas isso não me convence."

O que?

"Como assim? É claro que sou só amiga dele, por que não seria?" pergunto, completamente confusa. Esse garoto é o mais bonito da cidade, provavelmente de todo o condado. Todo mundo sabe quem ele é. Ele é uma estrela do futebol americano que, sem dúvida, vai conseguir uma bolsa para Gainesville e, pelo que meu pai diz, vai se profissionalizar depois disso. Ele conquista qualquer garota que quiser num piscar de olhos e nunca trocou duas palavras comigo. Isso fazia sentido. Agora, aqui está ele, me dizendo que sou bonita e questionando meu relacionamento com o Cam. Isso não faz o menor sentido.

" Por que isso não seria verdade? *Bem, querida senhorita Rory", diz ele, claramente zombando da minha ingenuidade, mas não posso me ofender, porque é verdade - eu* sou *Ingênua. "Seu amigo Cameron Foster é um conquistador, pelo que ouvi dizer. Elas realmente se sentem atraídas por ele." Robin tem razão. Cam é lindo demais. Ele é um daqueles caras que nunca passou por uma fase estranha, e eu poderia até ter inveja dele por isso se ele não fosse meu melhor amigo no mundo. As garotas sempre foram atraídas pela personalidade tranquila dele, mas ele é um verdadeiro pegador. Ele não tem problema nenhum em ficar com qualquer garota que quiser, do jeito dele, mas a descrição se encaixa perfeitamente em Robin, talvez até mais. Robin está no último ano, então ele é um ano mais velho que Cam e eu, mas mesmo assim, Robin é um verdadeiro ímã para garotas bonitas. Mas ele nunca tinha me notado antes, eu achava, e estou surpresa que ele saiba o quanto eu passo tempo com o Cam.*

"O mesmo se poderia dizer de você", respondi, hesitante, finalmente recuperando o juízo.

Robin abre aquele sorriso irresistível, capaz de fazer qualquer calcinha cair, e passa os dedos pelos cabelos loiro-escuros, um pouco mais claros agora por causa dos meses de sol de verão. Meu Deus *, como ele é bonito. E ele sabe disso. "Bem, o que você acha que as pessoas diriam se eu tivesse o prazer de passar tanto tempo com a garota mais bonita da escola quanto a Foster? Você acha que elas acreditariam em mim se eu dissesse que somos apenas* amigos *?" Essa é a segunda vez que ele me chama assim. Ouvir algo assim, vindo dele, é tão estranho que uma parte de mim ainda pensa que ele pode estar apenas me provocando.*

"Se vocês tivessem crescido juntos e fossem como irmãos, aí sim, eu acreditaria. E, claro, a garota mais bonita da escola é a Maddie Stern, todo mundo sabe disso." " E pelo que entendi, você passa bastante tempo com ela", respondo, me perguntando vagamente de onde vem tanta coragem. Maddie é veterana como Robin, rainha do baile, vencedora de concursos de beleza e todo mundo sabe que ela namora Robin há anos, com algumas idas e vindas. Se é que se pode chamar sexo oral no vestiário de namoro.

"Correção, Srta. Rory, Maddie era *a garota mais bonita da escola, e talvez eu não precisasse passar tanto tempo com* ela." *se* você *"Tenho a honra de me deixar te levar para sair", ele diz arrastado, como se me convidar para sair fosse a coisa mais normal do mundo.*

Minha lucidez desaparece e engulo em seco, nervosa. Abro a boca para falar, mas não encontro palavras. Robin sorri com satisfação.

"Bem, vou deixar você pensar um pouco sobre isso. Por que você não se comporta bem e garante que te coloquem no quarto de hóspedes lá em cima hoje à noite? Passarei mais tarde para saber minha resposta."

Ainda estou processando suas palavras enquanto ele pisca para mim antes de se virar e caminhar tranquilamente até seu BMW M3 conversível, acomodando seu corpo alto e esguio no banco do motorista e saindo cantando pneu da longa entrada de sua casa em família.

Leva alguns minutos até que eu consiga me recompor o suficiente para tocar a campainha e entrar na mansão dos Forbes. Lacey e as meninas estão animadas com a minha chegada, ou pelo menos é o que aparentam. Não menciono meu encontro com o irmão dela; nem sei se imaginei ou não. Passo a maior parte da noite assistindo a filmes e conversando em silêncio, tentando entender o que diabos aconteceu naquela varanda. Ele estava falando sério quando me convidou para sair? Será que eu quero sair com ele? Ele me deixa... nervosa. Ele é muito atraente, mas eu não tenho experiência com isso. Não sei como devo me sentir, como devo saber se gosto dele ou não. Eu nem o conheço.

Eu devia falar com o Cam. Ele é a única pessoa com quem eu me sentiria à vontade para conversar sobre qualquer coisa pessoal, mas aqui estou eu, presa num grupo de garotas falando sobre nada de concreto, nada que importe. Me sinto sozinha. Justo quando estou pensando em como preciso do meu amigo agora, recebo uma mensagem. Ninguém mais me manda mensagem além das pessoas que estão comigo no momento, então sei que é o Cam antes mesmo de pegar o celular.

Você está bem, Rory?

Eu sorrio. Cam me conhece tão bem que às vezes parece que somos a mesma pessoa. Só ele para pensar em me ver agora. Só ele para saber que uma festa do pijama com um monte de garotas que supostamente serão minhas novas melhores amigas não é a situação mais confortável para mim.

Sim, você tem um minuto?

Eu sei que ele está saindo com a Missy Potter. Eu sei que ele transa com ela. Mas não só com ela. E ela parece não se importar com isso.

Quero falar com ele, mas não quero interromper nada. Não quero que nossa amizade seja um fardo para ele. Nunca. E se ele estiver ocupado e atender minha ligação mesmo assim, não seria a primeira vez que ele deixaria alguém na mão porque achou que eu precisava dele.

Para você? Sempre. Me dá 5 minutos que eu te ligo.

Isso significa que ele está ocupado. Se não estivesse, meu telefone já estaria tocando.

Não se preocupe, conversamos amanhã.

Vou resolver essa história do Robin sozinha. Talvez ele estivesse brincando. Eu não teria incomodado o Cam hoje à noite, é só que, se o Robin

não estivesse brincando, ele disse que viria aqui hoje para saber minha resposta, então não terei tempo de falar com o Cam antes disso.

Sinto que dependo do Cam e me sinto culpada. Talvez eu possa simplesmente dormir no quarto da Lacey como as outras meninas e evitar toda essa situação. Que desculpa eu teria para ficar no quarto de hóspedes, afinal? Enquanto guardo meu celular na bolsa, ele começa a vibrar. É o Cam .

"Ei, eu já disse para você não se preocupar com isso", respondo, "e nem se passaram cinco minutos."

"Pare com isso, Ror. Se você não precisasse conversar, não teria perguntado. Fale logo", ele exige, direto ao ponto como sempre. "Aquelas garotas estão te tratando bem?"

"Sim, eles estão bem. Eu estou bem", insisto. "Volta a falar com a Missy, eu te ligo amanhã de manhã."

"A Missy pode esperar. Não se preocupe comigo, Rory, o que você precisa? Se a Lacey te der bola, me conta, eu juro por Deus-"

"Cam!" Eu o interrompi. Eu estava a menos de um metro de Lacey e olhei para ela, imaginando se ela conseguiria ouvi-lo através do meu telefone. Ela olhou para mim e seus olhos brilharam. Ficou claro que ela só tinha acabado de me ouvir dizer o nome de Cam. Me desculpei e saí pelas portas francesas que dão para a lateral da casa, enquanto Lacey me chamava para dizer a Cam que ela mandou um "oi". Assim que cheguei à varanda, retribuí o cumprimento.

"Sim, sim, oi de volta, ou algo assim", é a resposta dele. Vou dar um jeito na conversa quando passar para a Lacey. "E aí, Ror? Precisa que eu te busque?"

"Não, Cam, estou bem, de verdade." Respiro fundo. "Certo. Encontrei a Robin Forbes quando cheguei aqui hoje à noite", começo.

"Ele disse alguma coisa errada para você?" A voz de Cam é baixa e mortalmente séria, a ameaça implícita.

"Não! Nossa, Cam, por que você sempre presume que alguém está me maltratando? Será que eu sou uma vítima tão idiota assim?"

"Não, Rory, você não é nenhuma vítima, mas você é linda e inocente, e Robin Forbes não se envolve com inocentes. O que ele te disse?"

"Ele... ele me convidou para sair", murmuro baixinho, de repente insegura sobre qual será a reação de Cam. Ele sempre foi tão protetor comigo. Há uma longa pausa e por um momento acho que a ligação caiu, antes de Cam soltar um longo suspiro resignado. "Cam?"

"Eu estava com medo disso tudo." Outro suspiro. "Droga, Rory, o que você disse?"

"Eu... não disse nada. Fiquei lá parado como um cervo estúpido diante dos faróis!" resmunguei.

Cam dá uma risadinha. É um som reconfortante, que me lembra da infância, de casa. "Bem, você deve ter dito..." alguma coisa. *Ele se comportou como um cavalheiro nessa situação?*

"É, acho que sim. Ele foi... gentil. Mais ou menos. Não sei. Mas não. Eu realmente não disse nada. Quando não consegui falar, ele apenas sorriu e disse para eu pensar a respeito. Que ele passaria para saber minha resposta mais tarde naquela noite." Não mencionei que ele me instruiu a garantir que eu

dormiria sozinha no quarto de hóspedes. Sei o que Cam vai pensar disso, e vagamente me pergunto por que isso não me parece suspeito.

"Então não me faça esperar, qual vai ser a sua resposta? Não me deixe na expectativa, Rory, eu não sou ele."

"Claro que não, Cam. Eu... não sei. Foi por isso que te liguei! O que eu faço? O que eu digo?" Estou desesperado, completamente fora da minha zona de conforto.

"Diga não *", diz Cam imediatamente, deixando transparecer o instinto de irmão mais velho.*

"Cam!"

Ele suspira novamente. "Bem, Ror. Você é quem vai ter que tomar essa decisão. Os caras vão te chamar para sair. Você é adorável demais para o seu próprio bem. Eu estava preocupado com isso outro dia. Os veteranos estavam falando. Dizendo como você está linda, me perguntando tudo sobre você, e sobre nós dois. Eles não vão parar de perguntar, e eu não posso resistir para sempre. Forbes não é um cara ruim, mas você sabe que ele é bem popular. Você não é esse tipo de garota."

"Bem, eu sei que não sou esse tipo de garota. Mas com certeza o Robin deve saber disso, né? Quer dizer, por que ele iria querer sair comigo?"

Cam riu novamente. "Por que ele ia querer sair com você? Sério, Rory?" Ele soltou outro suspiro frustrado. "Tanto faz, provavelmente é melhor você continuar sem saber o que está acontecendo. Mas o Forbes com certeza percebeu, assim como o resto da cidade. O fato de ele saber o quão inexperiente você é é o único motivo pelo qual acredito que as intenções dele possam ser boas. Mas isso não significa que você tenha que sair com ele. A escolha é sua... o que você quer, Ror? Quer sair com ele?"

Cam faz a pergunta de um milhão de dólares. E a verdade é que eu não faço a mínima ideia. Eu me sentia muito mais confortável admirando-o de longe — quando ele era inatingível. E eu sei que deveria querer sair com ele, todas as outras garotas com certeza querem... e talvez eu também. Acho que estou tão confusa e nervosa que não consigo entender direito o que sinto a respeito disso, mas como você decide se gosta de alguém se nem o conhece? Suponho que seja para isso que serve o namoro — para conhecer a pessoa.

"Acho que não tenho certeza, Cam, você não pode simplesmente decidir por mim?" Eu resmungo. Ele sempre toma decisões por mim quando não consigo decidir algo, o que acontece com bastante frequência. Mas isso é diferente de escolher o que vou pedir no almoço.

"Sim, lembra? Eu disse 'não'. Você não gostou da resposta", ele me lembra.

Ouço Lacey me chamar da sala de estar e percebo que devo voltar para as meninas. Digo a Cam que ligo para ele amanhã e agradeço sarcasticamente pela "ajuda".

O resto da noite passa voando e eu ainda não sei o que diabos fazer com a Robin quando a Lacey começa a nos dizer onde vamos dormir, o que eu imaginava que seria no quarto dela. A Courtney vai dormir na cama da Lacey com ela, e a Emmers e a Stella vão dormir no sofá-cama na sala de estar. Tenho que escolher entre um colchão inflável no quarto da Lacey ou o quarto de hóspedes no terceiro andar. Ela explica que é o único quarto no terceiro andar,

então talvez eu não queira ficar sozinha lá em cima. Sem pensar muito, digo que não me importo e subo a segunda escada para o sótão adaptado.

Todos já foram dormir, mas eu não consigo. O quarto de hóspedes aqui em cima é solitário, como Lacey avisou, mas é adorável. Tem uma cama com dossel e uma colcha macia cor creme que combina com as cortinas transparentes. O colchão de casal é confortável, mas mesmo assim, não consigo dormir. Não consigo parar de pensar se Robin estava brincando ou não quando disse que viria aqui para saber minha resposta, ou mesmo se ele estava brincando quando me convidou para sair. Quando olho para o relógio de parede de mogno e vejo que são quase 1h da manhã, percebo que ele não estava falando sério, ou talvez tenha mudado de ideia. Uma parte de mim está aliviada, mas outra parte está decepcionada, e acabo adormecendo me perguntando por que sou a única garota da minha turma que nunca nem beijou ninguém, muito menos a única virgem do meu grupo de amigas.

****

Sou despertado bruscamente por um estrondo e um palavrão murmurado.

"Merda."

Abro os olhos, mas está escuro demais para ver a porta, que tenho quase certeza que acabou de bater com força.

Eu me apoio nos cotovelos.

"Quem está aí?" pergunto, assustada, enquanto a figura se aproxima da minha cama.

"Bem, sou só eu, claro. Eu disse que viria, vou precisar dessa resposta agora, querida", diz Robin arrastando as palavras, e noto que seu sotaque está um pouco arrastado. Ele bebeu.

Ele se senta na cama enquanto eu me sento.

"Você me assustou", sussurro.

Robin estende a mão e afasta meu cabelo do meu rosto, jogando uma mecha para trás do meu ombro. Devo estar uma bagunça. "Agora eu entendo por que seu pai te chama de Bela Adormecida." Ele dá um sorriso bobo, e de alguma forma é incrivelmente cativante, mas consigo sentir o cheiro das cervejas que ele bebeu esta noite. E perfume. Perfume feminino.

Coro com o elogio, grata por estar escuro demais para que ele perceba. Uma pontada de decepção me atinge em cheio e me pergunto de onde veio. Não tenho o direito de sentir ciúmes da dona do perfume, mas uma parte de mim se pergunta por que ele se dá ao trabalho de me convidar para sair, se obviamente já tem outra garota pronta e disposta a fazer o que for preciso para que o perfume dela fique impregnado nele com tanta intensidade.

"Não queria te assustar, mas não consigo ir para a cama, ainda não. Só vou conseguir dormir se você concordar em me deixar te levar para sair na próxima sexta-feira."

"Hum..." Novamente, faltam-me as palavras.

"Que tal eu te buscar às sete e você usar um vestidinho bonito para mim? Te levo para um lugar legal e, quem sabe, se eu me comportar bem, você me dá um beijo. O que acha?" Ele sorri sinceramente e acho que está tentando me acalmar dizendo que só espera um beijo se tudo correr bem. O pensamento me aquece e eu sorrio timidamente para ele. "Não se preocupe, Bela Adormecida,

eu sei que você é uma boa menina e vou te tratar bem, prometo." Ele levanta três dedos como um escoteiro e eu rio.

"Está bem", murmuro, surpreendendo até a mim mesma. Robin abre um largo sorriso triunfante e eu não consigo evitar rir novamente.

"Você acabou de alegrar minha noite", ele diz animado, e eu me pergunto se a garota do perfume já não tinha alegrado a noite dele antes mesmo de ele chegar em casa. "Que tal uma prévia daquele beijo?"

Meu coração dispara. Sugerir um possível beijo se tivéssemos um bom encontro é uma coisa, mas agora?

Eu nunca fui beijada. Nunca. Uma vez, Cam se ofereceu para ser meu primeiro beijo — para me ensinar —, mas eu rejeitei a ideia.

Sinto-me ansiosa e desapontada até que Robin vira a cabeça e aponta para a bochecha. Sorrio novamente e pressiono meus lábios castamente no local onde ele acabara de apontar.

Robin pressiona o dedo indicador e o dedo médio contra os próprios lábios e lhes dá um beijo antes de tocá-los suavemente na minha bochecha. É um gesto inocente e doce e, pela primeira vez, estou realmente animada para esse encontro.

"Boa noite, Bela Adormecida", ele sussurra antes de se levantar da minha cama e sair do quarto, fechando a porta cuidadosamente atrás de si.

CAPÍTULO QUATRO

Dias de hoje

Entro no banco do passageiro do Audi do Carl. Ela me diz que a Tina já está na festa e que vamos encontrá-la lá. Olho para o relógio no painel e calculo que preciso matar umas três horas antes da minha mãe ir dormir e eu poder voltar para casa sem ser notada.

Quando chegamos, Tucker nos entrega copos de plástico vermelhos e aponta para o barril de chope, mas eu coloco o meu na primeira superfície plana que encontro. Não tomei nenhum comprimido hoje, mas ainda não gosto muito de beber. Tina e Andrew estão rindo e conversando com um grupo de pessoas, e Carl vai se juntar a eles enquanto eu fico a alguns metros da multidão. Um minuto depois, Tuck vem correndo, passa o braço em volta de Carl e lhe dá um beijo molhado e exagerado na bochecha. Ela o empurra de brincadeira, mas é óbvio que não é por mal. Todos parecem tão felizes e despreocupados... normais .

Eu não pertenço a este lugar.

"Está se divertindo?", pergunta Sam atrás de mim.

Me assusto, mas me recomponho rapidamente. Seu tom me diz que sua pergunta não é sincera; ele percebe o quanto estou me divertindo.

"Não queria te pegar de surpresa."

Dou de ombros. "Um monte", murmuro, sem entusiasmo, "você?"

"Foi incrível." Ele compartilha do meu entusiasmo. "Posso te oferecer uma bebida?", ele oferece.

"Eu não costumo beber", respondo.

"Que tal um pouco de água?"

"Eu... uh..."

Ele me entrega sua garrafa de Poland Spring, ainda fechada, e eu lhe agradeço.

"Parece que você não quer estar aqui", ele observa, e eu franzo a testa. Ele tem razão, eu não quero, mas é indelicado da parte dele apontar isso, não é?

"Nem você", retruco. Sam sorri, e é um sorriso inesperadamente melancólico. Fico surpresa. Esperava algo mais arrogante de um cara tão lindo e confiante.

"Touché... Tenho muita coisa na cabeça", explica ele.

Se ele espera que eu pergunte sobre isso, vai se decepcionar. Mesmo que eu esteja interessada em saber o que está atormentando a mente desse rapaz tão bonito, temo que, se eu perguntar sobre os problemas dele, ele se sinta no direito de perguntar sobre os meus. Mas ele não me dá essa chance, e acho que talvez ele não quisesse que eu perguntasse, afinal... talvez ele nem tenha tido a intenção de dizer isso.

"Quer dar uma caminhada?", pergunta ele, acenando com a cabeça na direção da área gramada aberta que leva ao que parece ser um lago.

Ele está mesmo dando em cima de mim?

Ele nem me conhece, e a única coisa que sabe é que obviamente tenho problemas. Provavelmente pensa que os loucos são fáceis. Estreito os olhos para

ele. Endireito os ombros, indignada, e assumo uma postura firme. Pura confiança.

"Não. Eu não quero dar uma maldita caminhada. Não vou transar com você, nem ficar com você de jeito nenhum. Nem com ninguém, aliás. Espalhe a notícia", cuspi as palavras antes de tomar um gole da garrafa d'água dele para aliviar minha garganta repentinamente seca, o que espero que não tenha demonstrado meu nervosismo.

Sam me encara com os olhos arregalados, como se eu tivesse acabado de ganhar outra cabeça, então me viro e começo a me afastar da multidão, em direção ao lago, marchando exatamente na direção que eu havia insistido que não queria ir. Meu coração está acelerado, mas não é pânico, é raiva.

Eca! Gente! São todos iguais, porra.

"Ei!" Sam grita atrás de mim.

Ele não pode simplesmente aceitar um não como resposta?

Ele me alcança e agarra meu braço para me impedir.

Não penso. Me solto bruscamente de seu aperto, me viro e lhe dou um tapa na cara. "Não me toque! Nunca *mais* me toque!" rosno. Agora estamos longe o suficiente da multidão para que ninguém nos note, mas se eu gritar, eles vão me ouvir.

Os dedos de Sam acariciam sua bochecha onde minha palma fez contato, seus olhos ainda mais arregalados do que antes.

"Qual é o seu problema, Rory?! Eu não estava dando em cima de você!" Ele esfrega a bochecha vermelha novamente. "Droga!"

Ele não estava dando em cima de mim?

Enquanto meu sangue fervia, a vergonha me invadia. Por que eu tinha tanta certeza de que o convite dele para um passeio era um código para um encontro casual? Por que eu sequer pensei que ele me quisesse desse jeito? *Meu Deus* , se ele já não me achasse louca...

Droga, Rory, não entre em pânico.

Sam está me encarando, mas algo na minha expressão de vergonha deve inspirar pena, porque ele respira fundo e eu consigo sentir sua raiva começando a se dissipar.

"Eu estava... você simplesmente não parecia estar a fim de festa. Achei que você quisesse se afastar de toda aquela gente." Ele gesticula em direção à multidão, agora a alguma distância, passando os dedos pelos seus cabelos castanhos despenteados em frustração. "Eu não estava tentando *transar* com você. Eu sei que não nos conhecemos muito bem, mas o que exatamente você sabe sobre mim, até agora, que te faz pensar que eu sou o tipo de cara que te atrairia para um lago, te deitaria no chão sujo e transaria com você na frente de cem amigos nossos a menos de cinquenta metros de distância?"

Engulo em seco, ansiosa. Eu o ofendi. Ele está furioso, embora esteja falando calmamente. Sinto lágrimas se acumulando atrás dos meus olhos e tento ao máximo impedi-las. É incompreensível o quanto me humilhei na frente desse cara em apenas uma semana.

"Eu..." Engoli o choro, fechei os olhos e contei silenciosamente de dez para trás em ritmo acelerado. Quando os abri novamente, encontrei seu olhar; ele me encarava, expectante. "Me desculpe", sussurrei.

Sam solta um suspiro profundo e passa os dedos pelos cabelos novamente. "Olha, eu não devia ter segurado seu braço daquele jeito, eu não estava pensando", murmura. Agora ele está se desculpando e tenho certeza de que não tem nada pelo que se desculpar.

"Não foi só por te dar um tapa." *Meu Deus, eu bati nele!* " *Meu Deus* , me *desculpe* por isso. Mas me desculpe por ter presumido... *Eu* não estava pensando. Eu..." Faço uma pausa e desvio o olhar antes de sussurrar: "Eu não sei o que há de errado comigo." É mentira. Eu sei exatamente o que há de errado comigo.

A expressão de Sam se suaviza, e não é de pena, é... compaixão. Empatia. Ele suspira.

"Não há nada de errado com você, Rory."

Desvio o olhar novamente, para qualquer lugar, menos para o azul profundo do oceano que tanto me perturba. Parece que ele sabe mais sobre mim do que deveria. "Claro que não", murmuro amargamente. De repente, Sam dá um passo à frente e fica bem na minha frente, exigindo silenciosamente contato visual. Seu braço se contrai, como se quisesse me tocar, mas desistisse da ideia.

"Não há nada de errado com você."

Ele me encara como se pudesse me convencer disso só com um olhar. Meu íntimo grita que ele é um cara legal. Como o Cam. Mas se tem alguém cujos instintos não são confiáveis quando se trata de caras, essa pessoa sou eu. Eu estava enganada até sobre o Cam. Achava que sabia tudo sobre ele. Mas ele também guardava seus segredos.

Mas o Sam me viu surtar, ele sabe que eu tenho problemas, mas ninguém mais aqui sabe. O que significa que ele guardou meu segredo. Senão, já teria se espalhado pela escola inteira num piscar de olhos. Isso deve significar alguma coisa.

"Sam, você... obrigada. Eu falo sério, mas você sabe que não é verdade. E eu sei que você não contou para ninguém o que aconteceu no meu primeiro dia. Quando eu..." Minha voz some e eu balanço a cabeça negativamente. Ele não precisa de um resumo, ele estava lá. "Obrigada por isso. Você tem sido super gentil comigo. Não há nada em você que me faça pensar mal de você", digo com sinceridade, respondendo à sua pergunta inicial. "Exceto pelo fato de você ser um cara", acrescento baixinho.

Sam parece triste por um instante, mas mesmo assim me oferece um sorriso fraco. "Eu só esperava que pudéssemos ser amigos. *Só* amigos." Ele cobre a boca com a mão e sussurra em tom conspiratório: "Nada de sexo em público na grama fora das festas, eu prometo."

Eu sorrio, mas é um sorriso melancólico, porque eu jamais conseguiria ser amiga do Sam. Embora algo dentro de mim deseje muito que isso acontecesse. Muito mesmo, eu sei. Mas eu já não acredito que garotos e garotas possam ser *apenas amigos* , e me sinto atraída por ele demais para sequer tentar. Eu jamais conseguiria confiar totalmente nele, não de verdade, e jamais conseguiria confiar em mim mesma perto dele.

"Por que você iria querer ser meu amigo?", pergunto, porque, sinceramente, se eu fosse ele, teria saído correndo e gritando na direção oposta.

Ele pensa por um instante e dá de ombros. "Não sei, Ror, você parece...

real. " Ele dá de ombros novamente. Algo na maneira como ele diz "Ror" me lembra Cam, e a lembrança da nossa amizade me fere tão profundamente que eu estremeço.

"Quem me dera ser sua amiga, Sam", murmurei.

Seus olhos estão repletos de uma emoção insondável e me pergunto como essa conversa se tornou tão íntima. Mal nos conhecemos.

Quando Sam fala novamente, sua voz é tão baixa que é praticamente um sussurro. "Quem te machucou, Rory?"

Eu imito o tom dele. Quase inaudível. "Todos."

Ele olha para trás, confuso. Pelo canto do olho, vejo uma garota vindo na nossa direção. Só depois de um tempo percebo que é *aquela* garota — a Abelha Rainha — Chelsea. Sam segue meu olhar e também a nota, e não consigo dizer se ele está aliviado ou decepcionado com a chegada dela, mas de qualquer forma o encanto se quebra, e de repente parece que estamos perto demais. Dou um passo para trás.

"Aí está você!" diz Chelsea para Sam, como se o tivesse procurado por toda parte.

"Aqui estou", concorda ele, pegando a xícara da mão dela e tomando um generoso gole de cerveja.

"Então, eu queria perguntar se você vem no domingo?" Chelsea pergunta animada. É como se eu nem estivesse lá, o que não seria problema se estivéssemos em um grupo, mas como somos só nós três, ela me ignorar completamente é extremamente constrangedor. Estou invisível de novo.

"Vem...?" responde Sam, com uma expressão vazia.

"Para o brunch, bobinho. Sua mãe não te contou?"

Sam geme como se essa fosse uma discussão antiga. "Vamos lá, Chel-"

"Capitão! Vamos lá, vai ser divertido", ela resmunga.

Sam lança-lhe um olhar cético. "Acho que nós dois temos ideias diferentes sobre o que é *diversão* ."

Chelsea o encara por um segundo antes de mudar de tática e sorrir novamente. "Sua mãe vem. Se você vier, tenho certeza de que Bits também virá. Você sabe o quanto ela precisa sair, Capitão-"

"Tudo bem, Chel, tanto faz", Sam a interrompe.

"Será bom para-"

"Você já conheceu o Rory?" Sam interrompe novamente e eu não sei se ele está tentando me impedir de ser ignorada ou se está me usando como desculpa para mudar de assunto.

Chelsea se vira e finalmente reconhece que eu, de fato, existo. Ela me olha de cima a baixo antes de exibir o sorriso mais falso que eu já vi.

"Não, acho que não nos conhecemos. Garota nova, né?" diz Chelsea, mostrando dentes perfeitamente alinhados e brancos em excesso, emoldurados por lábios vermelhos e com um brilho artificial.

Apenas concordo com a cabeça. Ela me lembra muito a Lacey, com seu entusiasmo fingido.

"Muito prazer em conhecê-lo(a)."

Eu não respondo. Apenas digo "obrigada". Chelsea dá um passo em direção a Sam e coloca a mão casualmente em seu bíceps. É um gesto possessivo

e ele não a impede. Por um instante, me pergunto se Carl e Tina estavam certos sobre o relacionamento deles — ou a falta dele.

"Então, como você conhece o Capitão?", ela pergunta.

"Eu... não sei bem", murmuro, e Sam franze a testa. "Hum, com licença." Vejo Carl com Tina e mais algumas garotas no convés e vou direto até eles sem olhar para trás, deixando Chelsea e Sam conversando em particular.

Sam não me procura novamente e, além de um breve cruzamento de olhares acidental mais tarde naquela noite, não temos mais nenhuma interação. Não sei por que ele me deixa nervosa. E não da mesma forma que outras pessoas me deixam nervosa. Outros caras. Não sinto medo. Mas há algo.

Peço a Carl que me leve para casa por volta das 23h e vou direto para a cama, rezando por um sono sem sonhos, embora saiba que, em vez disso, será uma noite agitada e repleta de pesadelos.

****

O fim de semana foi tranquilo e sem grandes acontecimentos. Passei a maior parte do tempo lendo e conversando com minha mãe. No domingo à tarde, recusei um passeio às compras com Carl para ir à terapia. Não consegui remarcar. Já tentei isso antes como desculpa para evitar as sessões, e eles já conhecem minhas manobras. Embora ultimamente eu esteja mais receptiva ao Dr. Schall, que foi indicado pelo meu médico na Flórida, estou em Nova York há apenas algumas semanas e ainda não confiamos totalmente um no outro. Então, compareci à consulta e combinei de transferir as sessões para as noites de quinta-feira, para que meus fins de semana ficassem livres para passar um tempo com meus novos amigos. O Dr. Schall concordou prontamente e ficou satisfeito por eu estar me reintegrando à vida social. O caminho de volta à normalidade. Mesmo que o Dr. Schall deteste essa expressão. Ele não acredita em *normalidade.* e Ele detesta quando eu uso essa palavra.

Passei o resto do meu domingo estudando cálculo e percebi que estou ainda mais atrasado do que pensava. *Droga*, odeio cálculo.

No dia seguinte, pergunto ao Sr. Frank sobre aulas de reforço e ele, desinteressadamente, aponta para a lista de inscrição para tutoria estudantil afixada no mural. Rapidamente, adiciono meu nome à lista de "alunos tutorados" e corro para a próxima aula. Quando vou ao estacionamento encontrar as meninas para o almoço, Tina e Carl estão conversando com Andrew e Tuck, e os amigos deles estão por perto. Vejo Sam, e ele me vê, mas não se aproxima, não diz "oi". Lembro-me de que já havia dito a ele que não poderíamos ser amigos, mas, por algum motivo, o fato de ele se esforçar para me ignorar me incomoda.

O resto da semana transcorre como a anterior, exceto que Sam continua a me ignorar. Quando o encontro novamente no estacionamento dos estudantes, arrisco um cumprimento. É apenas um "olá" murmurado, mas ele apenas oferece um sorriso rápido e forçado, e continua a me ignorar.

Tento não lançar olhares furtivos para ele, mas é difícil. Ele é realmente absurdamente atraente. Também tento não me ofender com o fato de que ele parece não notar mais que estou viva, e me lembro de que era isso que eu queria. Ser invisível. Mas não consigo ignorar o quanto Chelsea se agarra a ele sempre que possível, e embora ele não pareça flertar com ela ou demonstrar nada além de afeto amigável, certamente não a afasta. Não tenho o direito de me incomodar

com isso, e ainda assim...

Finalmente é sexta-feira de novo e, enquanto almoçamos na lanchonete, Tina nos convida para uma festa na casa do Andrew hoje à noite. Aparentemente, os pais dele viajam quase todos os fins de semana. Meus pais costumavam viajar a cada dois fins de semana — revezando com o irmão do meu pai para ficar com a mãe deles, minha avó Joyce, já que o governo não cobria ajuda nos fins de semana e a demência dela tornava impossível deixá-la sozinha. Eu sempre ficava com o Cam nesses fins de semana até o ano passado, quando passei a dormir na casa dos Forbes. Quando Cam e eu éramos crianças, dormíamos juntos na mesma cama, mas por volta dos onze anos, Cam começou a dormir em um saco de dormir no chão e me cedia a cama. Me encolho novamente ao me lembrar disso e peço licença para ir ao banheiro, piscar para conter as lágrimas repentinas e contar de dez para trás. Três vezes. Mas funciona, me acalmo.

Fico pensando no relacionamento de Sam e Chelsea, embora não seja da minha conta. Os pais deles são amigos, e eles também, mas é óbvio que ela quer mais. Muito mais. Penso em como ele não demonstrou o menor entusiasmo em relação ao brunch com as famílias deles. Ou com a mãe dele e com quem quer que seja esse tal de "Bits". Parece nome de animal de estimação.

Quando volto para a nossa mesa, Carl está falando sobre um incidente na festa da semana passada que eu devo ter perdido. Aparentemente, uma garota chamada Sara, uma das seguidoras da Chelsea, deu em cima do Sam com uma proposta sugestiva feita enquanto estava bêbada. Ele simplesmente deu risada e a dispensou, mas Chelsea não achou graça nenhuma. Na segunda-feira, começaram a circular boatos sobre Sara e uma doença sexualmente transmissível particularmente desagradável. Carl garante que não há dúvidas sobre a origem dos boatos.

"O que está acontecendo entre eles? Chelsea e Sam, quero dizer. Você disse que ele não estava interessado nela, mas é óbvio que ela parece ter algum tipo de interesse nele, e as famílias deles se conhecem, não é?" pergunto, incapaz de conter minha curiosidade por mais tempo.

Tina ri. "Ela *gostaria* de ter algum direito sobre ele, mas, quer dizer, sim, eles são amigos. Sempre foram amigos, a mãe do Capitão é muito próxima dos pais da Chelsea", Tina dá de ombros.

"Só a mãe dele?", pergunto.

"Sim, o pai dele foi embora quando estávamos no ensino fundamental. Eles são divorciados", explica Carl.

"Quem é, hum, Bits?" Obviamente, trata-se de alguém de quem Sam gosta, já que a necessidade dele — ou dela — de sair foi suficiente para convencê-lo a aceitar um brunch que, de outra forma, não teria interesse em participar.

Tina dá de ombros novamente: "Não faço ideia, parece um gato?" Ela ri.

"Não, Bits é Beth. O Cap a chama de Bits, é como um apelido de infância ou algo assim", explica Carl.

"Ah," diz Tina, acenando com a cabeça em sinal de compreensão. Olho de uma para a outra, alternadamente.

"E Beth é...?"

"A irmã mais nova do Capitão."

Eu não sabia que Sam tinha uma irmã. Mas, pensando bem, por que eu saberia? Nós nem somos amigos.

"Ela estuda com a gente?", pergunto.

Carl balança a cabeça. "Não mais. Ela está no segundo ano, mas agora estuda em casa."

Por que ela estudaria em casa? Quero fazer mais perguntas, mas o assunto já mudou para Tina e Andrew e o quanto ela está animada para passar o fim de semana na casa dele enquanto os pais dele estão viajando. Aparentemente, eles estão *ficando* há um tempo, mas ainda não transaram de fato. Eles já fizeram bastante sexo, mas ela sempre volta para casa. Parece que a parte física do relacionamento deles veio antes da emocional, mas agora estão se reencontrando. Tina, pelo visto, está apaixonada. Dou um sorriso discreto.

Eu não poderia estar mais alheia à conversa. Quão comum pode ser encontrar o amor verdadeiro no ensino médio? Se é que isso existe. Eu nunca amei meu ex, mas isso não me impediu de pensar que poderia amar, e a única pessoa que eu tinha certeza que realmente amava se foi antes mesmo de eu ter a chance de explorar esse sentimento. Às vezes, gosto de pensar que teria dado certo. Outras vezes, meu novo lado cínico destrói qualquer fantasia sentimental desse tipo. Não pode mudar nada, o que passou, passou, e meus únicos exemplos de "amor" são desculpas patéticas para o conceito. A história de amor dos meus pais obviamente não durou. Mesmo antes de eu causar o divórcio deles, eles nunca foram como as pessoas descritas na história de amor universitária que me contaram.

Eu me pergunto se Tina está dormindo com Andrew porque acha que deve. Pelo jeito que ela fala sobre sexo, parece que ela realmente gosta. Será que ela fala assim porque acha que é o que se espera dela? Será que ela diz que o ama porque quer que seja verdade? Em público, eles são sempre carinhosos e ela parece tão feliz. Mas eu sei melhor do que ninguém que só porque eles parecem um casal perfeito, não significa que seja verdade. O jeito que eles agem em público provavelmente tem pouco a ver com o jeito que agem em particular.

Ou talvez eles estejam realmente apaixonados e ela realmente goste da vida sexual deles. O que eu saberia sobre isso, afinal? Eu costumava pensar que era apenas uma pessoa que se desenvolveu mais tarde, mas depois me convenci de que sempre houve algo errado comigo. Eu dizia que simplesmente não estava pronta, mas eu tinha dezessete anos na época, e todos os outros estavam prontos. Quando finalmente tive minha primeira experiência com desejo de verdade, ela foi ofuscada por tudo de ruim e desapareceu num piscar de olhos.

Talvez seja por isso que Sam me deixa tão nervosa. Porque ele não é só atraente — Robin era atraente, Cam era atraente — mas Sam, eu me sinto atraída *por* ele. Estou começando a achar que talvez eu estivesse certa desde o início. Que eu simplesmente não estava pronta. Tento pensar em coisas que eu poderia ter feito diferente. Eu vivo pensando nisso, mas a Dra. Schall diz que é uma perda de tempo. Que eu deveria me concentrar no futuro, em relacionamentos futuros. *Que tipo de relacionamento eu poderia ter agora?* Será? Eu não consigo nem deixar alguém me convidar para um passeio sem acusá-lo de tentar me seduzir para sabe-se lá o quê.

CAPÍTULO CINCO

Setembro, ano passado

A semana escolar transcorre normalmente, exceto pelo fato de que percebo que Robin me nota. Vou para a escola com Cam, como sempre, e o espero depois do treino de futebol americano. Lacey me convenceu a tentar entrar para o time de líderes de torcida, e foi fácil para mim conseguir, já que sempre fui naturalmente atlética. Nosso treino termina apenas uns trinta minutos antes dos jogadores de futebol americano saírem, então eu me sento na arquibancada fazendo a lição de casa enquanto Cam toma banho e se troca todos os dias.

Além de um aceno de cabeça no corredor ou um sorriso passageiro — embora isso seja muito mais do que eu jamais havia recebido antes — Robin não reconhece que me convidou para sair e que temos planos para sexta-feira. Cam me pergunta algumas vezes se tenho certeza de que quero ir e garante que eu ainda posso mudar de ideia, mas eu não quero.

Na sexta-feira, o dia passa a passos de tartaruga. Não há jogo hoje, apenas treino, então os jogadores de futebol americano não estão usando seus uniformes para a aula, mas as líderes de torcida têm que usar seus uniformes todas as sextas-feiras, tenha jogo ou não. Na próxima semana será o primeiro jogo fora de casa e, em três semanas, o baile de boas-vindas. Embora haja uma votação, não há dúvida de que Robin e Maddie serão Rei e Rainha, e Cam e Lacey ou Missy provavelmente serão Príncipe e Princesa Júnior. Além de provocar Cam sobre isso, eu nunca me interessei pela corte do baile, mas agora que sou líder de torcida, pelo menos terei que participar do desfile e usar meu uniforme no baile ao qual nunca me dei ao trabalho de ir antes.

No almoço, estou conversando com as meninas quando Cam e nosso amigo Chip se juntam à nossa mesa no refeitório. Lacey automaticamente se ajeita para abrir espaço, sabendo que Cam vai sentar do meu lado e, assim, ele também terá que sentar do lado dela. Chip senta do meu outro lado, entre mim e Emmers, cujo sorriso tímido indica que ela está satisfeita com a situação. Já tinha reparado na paixonite dela, mas Chip continua alheio. Ele passa o braço por trás da minha cadeira e a outra mão encontra a pele nua do meu joelho, e eu reviro os olhos, ainda tão desacostumada com o fato de minhas amigas me verem como presa sexual. Chip e eu somos amigos desde a época da liga infantil de beisebol.

"Caramba, Rory, acho que nunca te vi de saia fora da igreja. Gostei", diz ele, arqueando as sobrancelhas sugestivamente. Tiro a mão dele do meu joelho no exato momento em que Cam, do meu lado oposto, puxa o braço de Chip do encosto da minha cadeira, quase o derrubando.

"Dá um tempo, Chip, ela é sua amiga", Cam o lembra com um olhar que intimidaria até um boxeador profissional. Coloco a mão no ombro largo de Cam para repreendê-lo. Chip só está sendo Chip, ele não sabe o que está fazendo.

"Está tudo bem, Cam, eu sei me virar." Me viro para Chip: "Franklin Chipley, da próxima vez que sua mão tocar na minha perna, ela voltará sem pelo menos um dedo", aviso docemente com um sorriso exageradamente açucarado. Chip estende as palmas das mãos em sinal de rendição.

"Entendi, Jeez", ele murmura. "Mas você não deveria ficar desfilando por aí com saias curtinhas e pernas assim. Como um homem pode se defender?"

" Cara? *" pergunto com um sorriso cético. Chip Play me dá um soco no braço e, assim, volto a ser um dos caras. "E é meu uniforme", resmungo. Ele sabe que não estou acostumada a usar saias curtas assim, assim como ele não está acostumado a me ver usando.*

"Tanto faz, Rory", diz ele, adotando o apelido que Cam me deu, "da próxima vez use aquelas leggings por baixo", sugere ele.

"Está fazendo oitenta graus!", argumento. Cam se intromete novamente, como se não tivesse percebido a brincadeira na conversa, embora eu não entenda como isso pôde passar despercebido.

"Ela vai usar o que quiser, e você vai manter as mãos longe dela." A voz de Cam é calma, mas carregada de aviso.

"Tanto faz, cara, eu tava brincando... mais ou menos. Relaxa!"

Cam, satisfeito, volta a comer seu sanduíche e, pelo canto do olho, vejo Lacey se derretendo, como sempre faz com o instinto protetor de Cam, e, como sempre, gostaria que fosse para o bem dela e não para o meu. Eu sei me virar. Certamente não com o Chip.

****

Às sextas-feiras, quando não há jogo, o treino sempre termina mais cedo. Quando Cam e eu chegamos ao carro dele no estacionamento dos estudantes, há uma rosa branca escondida sob o limpador de para-brisa do lado do passageiro. Paro imediatamente e Cam suspira. Olho para ele, intrigada. Ele apenas dá de ombros.

"Bom, não é para mim", diz ele, e eu olho em volta para ver Robin me encarando de onde está parado ao lado do carro, do outro lado do estacionamento. Ele sorri, pisca, se acomoda no banco do motorista e sai dirigindo. "Nossa. Ele está usando todas as suas armas, não é?", resmunga Cam.

"Bem, está no seu carro, talvez seja você quem ele gosta", brinco enquanto pego a rosa e percebo que há um bilhete escondido embaixo dela:

Te vejo às 7, meu bem. Mal posso esperar.

Eu coro e tento esconder meu sorriso.

"É, bem, ele devia me comprar um buquê inteiro, já que sou o único motivo pelo qual ele está marcando touchdowns nesta temporada", murmura Cam, e nós dois entramos no carro.

****

Nunca tive muitos vestidos, mas comprei alguns em passeios de compras com a Lacey neste verão. Escolhi um vestido vermelho curto e rodado, com corpete ajustado e mangas curtas. Deixei meu cabelo solto e agradeço à minha mãe por ter insistido em me ensinar a me maquiar no ano passado. As aulas da Lacey me deixaram com sombra azul e bochechas rosa-choque — nada a ver comigo. Meu rubor constante perto da Robin não exige nenhuma ajuda cosmética, e me sinto muito mais confortável apenas com um pouco de sombra em tons terrosos e rímel, combinados com um gloss labial transparente. Mal me reconheço no espelho. Pareço tão... garota .

Não acredito que estou prestes a ter meu primeiro encontro e é com

ninguém menos que Robin Forbes. Não tenho ideia de como agir, o que dizer. Ele vai me beijar, ele disse isso semana passada, e eu não faço a mínima ideia de como beijar. Começo a pensar que deveria ter aceitado a oferta do Cam de me ensinar. Ou talvez eu devesse ter escutado ele e simplesmente recusado esse encontro. Mando uma mensagem para ele.

Estou em pânico. Você está por aí?

Sim.

Sua resposta não só é imediata, como consigo ouvir sua risada e olhar pela janela para ver se ele está lá fora, mas está escuro demais para dizer.

Alguém bate na porta e eu a abro de repente, encontrando Cam com seus jeans escuros surrados e uma camiseta preta justa. Ele é realmente a personificação de alto, moreno e bonito *— pelo menos fisicamente — até mesmo com aquele bronzeado perfeito da Flórida. É óbvio por que Lacey e metade das meninas da nossa turma são obcecadas por ele. Ele passa a mão pelos seus longos cabelos castanho-chocolate e, por um segundo, me surpreendo com o quão inegavelmente* masculino *ele parece. De repente, ele não é mais meu melhor amigo Cam, ele é um cara gato, e eu não sei de onde vêm esses pensamentos estranhos. Dou um passo para trás, faço um gesto para que ele entre e levanto as sobrancelhas, buscando uma explicação para como ele chegou aqui tão rápido. É assim desde que éramos crianças — nem sempre precisamos de palavras para conversar. Às vezes, conseguimos trocar uma mensagem inteira apenas com alguns olhares.*

"Eu estava lá embaixo", ele dá de ombros. Isso significa que ele estava conversando sobre futebol americano com meu pai. Meu pai também é fã do Cam. Eu o puxo pela manga para dentro do meu quarto para poder fechar a porta. "Seu pai estava me interrogando sobre o seu encontro", ele sorri de canto.

Sério? *Bem, não sei por que isso me surpreende. Meu pai só se interessa pela minha vida quando a Forbes está envolvida. Tenho certeza de que "interrogatório" é um exagero, mas a ideia de que meu pai possa se importar comigo ou com algo que eu faça me deixa animada. A ideia de ele se preocupar comigo me derrete completamente.*

"O que ele disse?", pergunto. Porque ele não me disse nada. Nem uma palavra.

Cam revira os olhos. Ele se dá muito bem com meu pai, mas eu sei que Cam não gosta de como meu pai tem me ignorado ultimamente. Cam é o único que sabe o quanto eu anseio pelo afeto do meu pai, mesmo que eu finja que está tudo bem, até mesmo para ele.

"Ele me perguntou se as intenções de Forbes eram honrosas", murmura ele, mas pelo tom de voz, percebo que há algo mais, e o encaro com expectativa, sabendo que ele não mentiria para mim, nem mesmo para poupar meus sentimentos. "Ele queria saber se Forbes poderia levar o relacionamento a sério ou se está apenas brincando. Acho que ele quer saber se deve criar expectativas com a possibilidade de ser o futuro sogro do grande Robin Forbes." Ele fala rápido, detestando relatar qualquer coisa que possa me magoar, embora eu simplesmente dê risada, como sempre faço. Não é como se eu não soubesse o motivo do súbito interesse do meu pai na minha vida.

"O que você disse?" pergunto, e sei que Cam percebe a decepção na minha

voz. Ele passa o braço em volta do meu ombro.

"Eu disse a ele que, se um cara como o Forbes fosse se interessar seriamente por alguém, seria por você, Rory", diz ele, com um tom significativo. Eu me viro para encará-lo.

"Você realmente acha isso?" pergunto. Não acho que Cam diria algo que não acreditasse só para me fazer sentir melhor, mas não posso ter certeza. Sei que ele não mente para mim, mas também sei que ele faria praticamente qualquer coisa para evitar que eu me machucasse, e esse negócio de namoro comigo é novidade para nós dois.

"É isso que você quer, Ror? Ter um relacionamento sério com a Forbes?" A voz de Cam ficou mais baixa e não consigo explicar a intensidade do seu tom.

"Eu nem o conheço direito. Só sei que não quero que ele fique, sabe, aprontando por aí", explico.

Cam me oferece um meio sorriso com um toque de alívio. "Olha, eu não sei o que se passa na cabeça dele, mas se ele só quisesse transar, continuaria fazendo o que está fazendo, não é? Não estaria atrás de uma garota boa como você. Mas não o culpo, você é linda, doce... o tipo de garota com quem se casa. Não o tipo com quem se fica. Ele sabe disso." Eu sei que Cam é sincero, mas só porque Cam acredita nisso não significa que seja verdade para Robin.

"Você só está dizendo isso porque me ama", resmungo e me jogo dramaticamente na cama, de barriga para cima. Cam me encara por um instante, aparentemente confuso, antes de abrir aquele sorriso caloroso e familiar de melhor amigo que ele reserva só para mim.

"Sim, estou dizendo isso porque te amo", ele concorda. "Enfim, por que você está surtando, Rory?", ele pergunta, sentando-se ao meu lado.

"Eu não sei como ir a um encontro, Cam, você sabe disso", murmurei.

"Não existe um 'como', Ror. Você simplesmente vai, é você mesmo e se diverte. Não faça nada que você não queira fazer. E não faça nada que você queira *fazer, se você acha que..." "* Eu *não quero que você faça isso."*

Eu me endireito. "Então você quer dizer para não fazer o que você *costuma fazer em um encontro."*

Cam balança a cabeça. "Eu não 'namoro', Ror. Não dou rosas para garotas nem digo coisas bonitas. Mas é, não faça o que eu costumo fazer." Ele me olha significativamente, esperando que eu o confronte sobre sua hipocrisia, o que normalmente eu faria. Mas não o faço, porque estou longe de estar pronto para fazer qualquer uma dessas coisas. Em vez disso, mudo de assunto.

"Cam, ele vai me beijar", murmuro timidamente. Por que estou tão tímida perto do Cam de repente? Já dormi com ele na cama dele umas cem vezes, pelo amor de Deus.

Cam franze a testa por um instante, mas logo disfarça com um suspiro. "É, Ror, imagino que sim", admite.

"Eu não sei como beijar."

Cam me lança um daqueles olhares que usamos para conversar. Ele está me perguntando aonde quero chegar com isso.

"Você pode me ensinar?"

"Não há nada para ensinar, Ror, ou você deixa ou não. Você quer que ele te beije?", pergunta ele.

"Acho que sim", admito. Lá está ele de novo com aquela carranca. "Mas eu não sei o que fazer! Não vou ser bom nisso, você não pode me ensinar?"

" Mostrar *para você?! Rory, acho que você pirou de vez", ele diz antes de se levantar e virar de costas para mim. Não era o que eu esperava.*

"Mas você sabe beijar - já beijou um monte de garotas! E pelo que ouvi dizer, você é muito bom nisso", respondo, alimentando seu ego.

"Muito bom?", ele sorri maliciosamente. "Duvido que seja assim que suas novas amiguinhas me descreveram."

Ele tem razão. Segundo Lacey, ele é incrível, e eu não consigo evitar que meu olhar se desvie para os lábios dele.

"Não me olhe assim, Ror", ele sussurra.

Nossos olhares se cruzam novamente. "Como assim?"

Ele me encara por um instante, depois balança a cabeça como se para clarear os pensamentos. "Você vai ficar bem, Ror, tenho certeza de que você vai se sair muito bem. Não se preocupe. Se parecer certo, vá em frente, se não parecer, então não faça, ok?"

Bato o pé como uma criança de quatro anos. "Mas você se ofereceu para me ensinar antes! Eu não precisava disso naquela época. Eu preciso agora!", argumento.

Cam dá uma risadinha, e como sempre, o som da sua risada dissipa toda a minha tensão. "Tínhamos treze anos! É diferente agora. Eu não posso simplesmente te beijar, Ror!"

"Claro que pode", sussurro, e dou um passo à frente. Consigo ouvir sua respiração ofegante. Ele está em conflito, mas não entendo o porquê. Qual é o problema?

Cam dá um passo para trás e se vira para longe de mim. Não consigo evitar o sentimento de rejeição, mesmo sabendo que é irracional.

"Cam?"

Ele se vira para mim, pega minha mão, senta na beirada da minha cama e me puxa para que eu me sente ao lado dele. "Ror, eu não vou te beijar. Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, como você disse, eu te amo. Mas seu primeiro beijo deveria ser com alguém de quem você gosta desse *jeito, não com seu melhor amigo."*

"Ah, tanto faz. Muito obrigado, Cam."

Ele sorri ironicamente. "De qualquer forma, era uma coisa quando éramos crianças, antes de você ficar toda gostosa e tal. Você acha que eu posso te beijar sentado aqui no seu quarto, com você usando esse vestidinho sexy, e não levar um susto?"

"Cameron Foster!" Eu o interrompo antes que ele descreva sua ereção teórica e nós dois caímos na gargalhada.

Nunca houve nada de estranho ou constrangedor em nossa amizade durante a infância, exceto quando ele entrou na puberdade e passou a ter pouco controle sobre quando ficava com uma ereção. Durante um bom ano, isso foi motivo de muitas brincadeiras da minha parte, e agora ele está usando isso contra mim. Justo.

A campainha toca e eu me levanto num pulo, olhando para trás em busca de alguma confirmação.

"Estou com boa aparência?", pergunto.

Ele se levanta e pega minha mão, fazendo pequenos círculos com o polegar no dorso da minha. Ele sempre faz isso quando estou preocupada com alguma coisa. "Você está linda, Rory. Linda demais. Me liga se precisar de mim. Eu vou te buscar. É sério", ele me garante.

"Eu sei, Cam, obrigado."

Cam acena com a cabeça na direção da minha porta, com uma expressão que me diz para parar de enrolar e ir logo se eu realmente vou. Então eu vou, com ele logo atrás de mim.

****

Robin está no hall de entrada conversando com meu pai sobre o jogo de futebol da semana que vem. Meu pai me dá um beijo na bochecha e me deseja boa sorte antes de se retirar. Tento me convencer de que o primeiro gesto de afeto do meu pai em um ano não foi para agradar Robin. Cam ainda está atrás de mim no último degrau e me viro para lançar-lhe um olhar de "vaza", mas ele apenas me retribui com um olhar que me diz que não vai a lugar nenhum. Volto-me para Robin quando ele tira um buquê de rosas brancas, claramente o mesmo buquê de onde veio a rosa do para-brisa esta tarde. Não consigo evitar corar e agradeço-lhe baixinho. Ele cumprimenta Cam com certa frieza, considerando que são colegas de time e meio que amigos. A resposta de Cam é igualmente gélida.

"Lembra do que conversamos, Forbes?", Cam murmura, antes de me dar um beijo na bochecha e voltar para a cozinha. Para um estranho, pareceria que ele só ia ficar um tempo na minha casa, mas eu sei que ele está apenas saindo pela porta dos fundos para voltar para casa. Nossas portas dos fundos são mais próximas uma da outra do que as da frente, e são as que sempre usamos desde crianças. Peço licença por um instante para colocar as flores na água e depois volto para junto de Robin no hall de entrada.

Ele me conduz até seu carro e abre a porta para mim antes de sair da garagem e começar a dirigir em direção à cidade.

"Você está muito bonita, Rory", diz ele com um sorriso. "Gostei do vestido."

Eu coro intensamente e agradeço-lhe educadamente.

"Fiz uma reserva no clube, tudo bem?"

"Claro", respondo.

O clube de campo. Nossa. Nossos pais são todos sócios, claro, mas para alunos do ensino médio jantarem lá é algo significativo. Eu teria ficado sabendo se ele já tivesse levado garotas lá antes. Me ocorre que ele está tentando me impressionar, e não consigo evitar um sorriso.

"Para que esse sorrisinho tão bonito?", ele pergunta, e eu mordo o lábio inferior para disfarçá-lo.

"Nada. Só não sabia que você levava garotas para jantar na boate, só isso", admito.

Agora é a vez dele sorrir. "Não, querida. Mas você não é só um encontro qualquer, né?" Procuro por alguma ironia em seu tom de voz, mas ele parece tão sincero.

"Eu não sou?"

"Claro que não." Ele não dá mais detalhes, e eu não peço que o faça.

Robin para o carro na entrada circular do clube e dispensa o manobrista que vem abrir a porta para mim, dizendo que o faz ele mesmo. Ele coloca a mão na minha lombar para me guiar para dentro e me surpreendo com a sensação que isso me causa. Ainda estou nervosa, mas me sinto especial, como se importasse. E essa sensação é nova para mim. Eu gosto.

"Ei, o que o Cam quis dizer? Quando ele disse para vocês lembrarem do que conversaram?", pergunto, relembrando a curiosa troca de palavras. Não é do feitio do Cam esconder algo de mim, especialmente uma conversa que obviamente me preocupava. Robin sorri, mas o sorriso não chega aos seus olhos.

Ele se inclina para mim como se fosse me contar um segredo. "Ele queria que eu me lembrasse que, se eu te machucar, ele vai me matar."

Fiquei boquiaberta. O que a Cam disse? *A Robin viu meu espanto e deu uma risadinha.*

"Ele se importa com você, querida. Você não é apenas a garota mais bonita desta cidade, mas também é inocente - como um anjo. Ele tem medo de que eu me aproveite da situação. Se eu fosse ele, também estaria preocupado. Mas eu disse a ele que você é especial e que não sou bobo o suficiente para não perceber isso."

É uma coisa tão gentil de se dizer, e com essas palavras, meu nervosismo desaparece. Robin sorri e pega minha mão enquanto a anfitriã nos conduz a uma mesa com vista para o campo de golfe.

O jantar está sendo muito mais agradável do que eu imaginava. A conversa flui naturalmente, e Robin me conta sobre o time deste ano, sobre nossos adversários no jogo da semana que vem e sobre a estratégia. Ele fala sobre os olheiros de universidades que estarão nos jogos e os recrutadores que o perseguem desde o ano passado. Robin explica que, embora seja educado entretê-los, seu pai jamais cogitaria que ele fosse para outra universidade que não fosse a UFL. Eu já sabia disso. Foi lá que nossos pais fizeram a graduação em Direito.

"Para onde você gostaria de ir? Quer dizer, se você já não estivesse comprometido com Gainesville desde o nascimento", pergunto.

Ele olha para mim, intrigado. "Sabe, querida, acho que você é a primeira pessoa a me perguntar isso."

"Sério?" pergunto, e ele sorri.

"Sério? Mas acho que não importa, né? E você? Seu pai também vai te mandar para Gainesville ou você tem escolha?"

Dou de ombros. "Não sei bem. Quando eu era pequena, ele sempre falava que eu iria para Gainesville. Pelo menos para a graduação. Mas ultimamente ele parece não se importar muito com o que eu faço. Pensei em ir para Nova York. NYU. Como minha mãe. Acho que para o meu pai tanto faria diferença agora, mas acho que vou acabar na UFL." Só para o caso de isso o agradar , *acrescento em silêncio. Robin acena com a cabeça em sinal de simpatia.*

"Acho que você está enganado, sabia? Ele se importa. Como não se importaria?", murmurou Robin.

Dou de ombros novamente. Ultimamente, tenho me perguntado a mesma

coisa. "Esta noite é a primeira em muito tempo em que ele pareceu se importar com o que eu estava fazendo, e isso só porque eu estava saindo com o astro do futebol americano do colégio dele", resmungo, e então fico vermelha como um pimentão ao perceber que acabei de dizer isso em voz alta. Robin faz um sinal para pedir a conta. Ele estende a mão por cima da mesa para pegar a minha, e seu toque me surpreende mais uma vez. É reconfortante. Doce.

"Se isso for verdade, então ele é um completo idiota."

****

Quando Robin estaciona na minha entrada, fico desapontada. Estava me divertindo tanto e, na verdade, não queria que acabasse ainda. Ele abre a porta, estende a mão e eu saio do carro. Ele olha para a minha casa e depois para mim.

"Sabe, esta é a parte em que eu te dou um beijo de boa noite, mas não tenho certeza se estou pronto para a noite terminar ainda", ele ecoa meus próprios pensamentos enquanto acaricia levemente meu braço com os dedos.

Engulo em seco, nervosamente.

"Você acha que... quer dar uma volta no quarteirão?"

Eu rio. "Sério?"

Robin dá de ombros e, se não me engano, parece um pouco inseguro. Eu jamais conseguiria deixá-lo nervoso. Será que eu poderia?

"Gosto de conversar com você."

Eu sorrio. Também gosto de conversar com ele. Ele interpreta meu sorriso como concordância e, segurando minha mão, começa a me guiar pela rua, para longe de casa. Há apenas quatro casas no quarteirão, incluindo a minha e a do Cam. Passamos por elas e chegamos à entrada do parque onde passei tantas horas na infância. Olho para nossas mãos, unidas, e me surpreendo com o quão pequena minha mão parece na dele. Não sou pequena, pelo menos não para uma garota, mas com 1,85m, Robin me faz parecer minúscula. Ele não é mais alto que o Cam, mas por algum motivo, ao lado dele, sinto cada centímetro de sua estatura. Robin percebe que estou olhando para nossas mãos e sorri, levando-as aos meus dedos para beijá-los. Sinto um arrepio percorrer meu braço.

"Sua mão fica tão bem na minha, Rory", ele murmura. Paramos de andar e ele se vira, dando um pequeno passo para ficar bem na minha frente, minhas costas voltadas para o enorme carvalho antigo onde Cam e eu gravamos nossos nomes quando crianças. "Vou te beijar agora, meu bem", ele sussurra, mas espera. Esperar o quê, eu não sei. Acho que ele está lendo minha reação, mas encaro seu olhar, praticamente o desafiando a cumprir sua promessa.

E ele faz.

A princípio, Robin roça seus lábios levemente nos meus, e é quase como um beijo, mas sinto a doçura disso em todo o meu corpo. Ele pressiona os lábios contra os meus e os mantém ali por um segundo antes de movê-los para cima e para baixo, sugando suavemente meu lábio inferior entre os seus. Retribuo. Nem estou pensando nisso, mas estou acompanhando o movimento dos seus lábios enquanto ele continua a mover a boca sobre a minha. É uma sensação muito boa. Diferente do que eu esperava... mais doce. Então, sua língua está lá, lambendo suavemente entre meus lábios, e eu atendo ao seu pedido silencioso

para abri-los. Ele desliza a língua para dentro da minha boca, lentamente, mas ainda são seus lábios que fazem a maior parte do trabalho. Eles são úmidos e macios, e estou gostando da sensação. Suas mãos estão firmemente apoiadas na minha cintura e, abertas, abrangem quase toda a minha barriga e costas. Seus dedos se movem em ritmo com nossas bocas, mas permanecem em lugares seguros, nunca subindo ou descendo demais.

Encontrei timidamente a sua língua com a minha, e ficamos assim por longos minutos, explorando as bocas um do outro. Estava completamente perdida no beijo, e praticamente por vontade própria, minhas mãos deslizaram de onde estavam agarrando seus bíceps até seus ombros largos e pescoço, até alcançarem seus cabelos, unindo sua boca à minha. Robin gemeu e se afastou, respirando com dificuldade, e eu estava praticamente sem ar, encostando-me no carvalho para me apoiar.

Robin deixa as mãos caírem ao lado do corpo enquanto dá dois passos firmes para trás, como se não conseguisse se afastar de mim rápido o suficiente. De repente, me sinto insegura, surpresa com a interrupção repentina de algo que eu achava que ele estava gostando. As coisas estavam indo tão bem. Melhor do que eu jamais imaginei. Uma insegurança familiar me invade, mas nunca fui de fugir de uma investigação.

"Será que... fiz alguma coisa errada?", pergunto hesitante.

Robin ainda está recuperando o fôlego, e sua expressão oscila entre intensa e confusa, voltando à intensidade inicial.

"Não, querida. Não está errado. Está perfeito", ele murmura. Eu o encaro, sem entender nada. Que diabos isso significa? *Robin suspira. "Isso foi... incrível. Você é incrível. Mas eu não quero me empolgar demais. E seria muito fácil me empolgar demais quando você me beija assim."*

Se eu não estivesse corada do nosso beijo apaixonado, estaria agora. Os lábios de Robin se curvam num sorriso, e percebo que é porque eu também estou sorrindo. Mas, muito rapidamente, o sorriso dele desaparece e, em vez disso, ele franze a testa.

"Onde você aprendeu a beijar assim? Espero que não tenha sido com a Foster."

Dou uma risadinha, surpresa comigo mesma. Nunca fui uma garota risonha. Balanço a cabeça negativamente. "Não, claro que não!"

Robin dá um passo em minha direção, mas não tão perto quanto antes, quando estávamos nos beijando. "Vocês dois são só amigos mesmo?", pergunta ele, num tom quase acusatório, o que me deixa um pouco sem jeito. É como se ele também não tivesse certeza se acreditava em nós antes, mas só agora decidiu que se importa de verdade, de um jeito ou de outro. "Ele nunca te beijou, nem nada?"

Balanço a cabeça, grata a Cam por poder fazer isso sem mentir — o que só acontece porque ele se recusou a me ensinar a beijar mais cedo. Robin me encara com os olhos semicerrados, como se estivesse tentando descobrir se estou falando a verdade. Olho para as minhas sapatilhas de balé.

"Ninguém nunca me beijou antes", admito num sussurro tímido.

"Nunca?", pergunta Robin, incrédulo, e eu balanço a cabeça em confirmação. "Bem, como isso é possível?"

Dou de ombros, sem saber ao certo se a pergunta dele é retórica ou não.

"Olhe para mim, querida", ele exige, segurando minhas duas mãos nas suas. "Eu sou seu primeiro beijo?"

Eu aceno com a cabeça novamente.

"Bom, agora não consigo parar de me perguntar se o seu segundo beijo será tão incrível quanto o primeiro", ele murmura antes de cobrir minha boca com a sua mais uma vez.

Isso é.

Ele se afasta com um sorriso largo e triunfante. Tenho certeza de que é um reflexo do meu.

"Vamos, precisamos te levar para casa antes que seu pai comece a se preocupar", ele diz e pega minha mão para me guiar de volta para casa.

"Ele não vai", respondo em voz baixa.

Voltamos para a minha garagem e eu digo a ele que vou dar a volta por trás, já que nunca trancamos a porta dos fundos e eu nunca carrego as chaves. Robin me dá um beijo casto nos lábios e eu sorrio.

"Olha, querida, eu sei que o Foster é seu amigo e tudo mais, mas da próxima vez que eu for te buscar para sair, não vou gostar nada de ver outro homem descendo do seu quarto com você, entendeu?"

Assenti com a cabeça. Não era irracional, mas eu estava mais concentrada no fato de ele ter dito que haveria uma próxima vez. "Boa noite", murmurei. Robin sorriu maliciosamente e me pressionou contra o carro.

Ele me beija novamente e introduz a língua suavemente na minha boca antes de se afastar.

Não consigo me conter, suspiro.

"Boa noite, meu bem."

Dou uma volta pela casa e, antes de virar a esquina, dou uma olhada rápida para trás e o vejo parado junto à porta do carro, esperando até que eu desapareça de vista.

Sento-me nos degraus da varanda dos fundos, precisando apenas de um minuto para mim, e ouço o carro de Robin partir. Nem cinco minutos depois, ouço outro carro parar e me pergunto se Robin voltou por algum motivo. Aproximo-me sorrateiramente da lateral da casa e vejo que é Missy deixando Cam. Ela sai do carro para dar boa noite. Cam a agarra e a beija, e é algo totalmente diferente do que Robin costuma fazer. Cam parece quase desinteressado, mas sua mão vai direto para o seio dela, a outra para a bunda, e Missy simplesmente pressiona seu corpo inegavelmente impressionante ainda mais contra ele.

"Acha que podemos sair de novo amanhã?", ela pergunta — mal consigo distinguir as vozes deles. Cam balança a cabeça negativamente. "Não, já tenho planos." Ele não lhe dá mais explicações.

"Ah, é? Com quem?" Ela coloca a mão na cintura, mas Cam se vira e corre em direção à porta dos fundos.

"Não é da sua conta", ele responde, mas está sorrindo. Esse é o Cam - ele pode dizer as coisas mais grosseiras para as garotas, mas com aquele sorriso torto, ele consegue se safar de qualquer coisa.

Ele se vira para a minha varanda dos fundos em vez da dele e me pega

bisbilhotando, embora eu nem tente disfarçar.

"Olá, Nancy Drew," ele sorri, passando um braço pelos meus ombros enquanto me acompanha até a porta.

"Divirta-se com a Missy?", pergunto docemente.

Seu sorriso se transforma em um sorriso irônico. "Com certeza." Ele abre a porta dos fundos, pega uma caixa de Oreos na minha despensa e me segue silenciosamente pelas escadas até o meu quarto.

Pego um lenço demaquilante e começo a tirar o rímel. "Vocês saem juntos ou só ficam?", pergunto.

"Dela?", pergunta ele, enfiando um biscoito inteiro na boca.

"Sim, ela *. Missy. Lacey, sei lá." Observo Cam pelo espelho da penteadeira. Ele bebeu um pouco hoje, mas não muito, dá para perceber pelo leve brilho nos olhos, que, no entanto, permanecem nítidos.*

"Qual seria o objetivo disso?", ele pergunta, e eu reviro os olhos. "Então me conte sobre o seu encontro. Ele se comportou como um cavalheiro?" A voz de Cam mal disfarça a ameaça implícita na pergunta, e eu reviro os olhos novamente. "Ror, estou falando sério. Ele se comportou?"

Sem maquiagem, deito-me com ele na cama. "Não acredito que você o ameaçou!"

Cam não hesita. "É claro que eu o ameacei", diz ele, com a maior naturalidade.

Suspiro. "Ele era um perfeito cavalheiro, Cam."

CAPÍTULO SEIS

Dias de hoje

A sexta-feira se arrastou. Estou ainda menos animada para a festa de hoje à noite em Andrews do que estava para a de ontem, porque hoje não será uma grande festa, será um encontro menor. Apenas uns trinta veteranos, segundo Tina – os "amigos" deles. Tentei dar uma desculpa para não ir, mas Carl fez aquela cara de emburrada, e a Dra. Schall me deu tanta aprovação quando mencionei isso durante nossa sessão ontem, e Deus sabe o quanto eu preciso de aprovação masculina...

Mas tudo o que consigo pensar é como é muito mais fácil permanecer invisível em uma festa com cem pessoas do que em um "pequeno encontro".

No entanto, o fim de semana ainda não começou. Agora que o último sinal do dia tocou, volto para a sala 313 para ver quem foi designado como meu tutor de cálculo para o próximo mês. Os tutores e os alunos se reunirão agora para combinar os horários das nossas sessões e, como temos uma prova na segunda-feira, espero que meu tutor tenha um tempinho agora para revisar alguns pontos comigo.

Há alguns alunos parados em frente à porta da sala de aula, e, ao me aproximar, vejo que a lista está pregada nela. Também não consigo deixar de notar Sam encostado na parede de armários ao lado, com os braços cruzados, esperando. Desvio o olhar rapidamente, embora tenha quase certeza de que ele estava me olhando de soslaio.

"Você é minha", ele murmura enquanto passo por ele.

Suas palavras me paralisam. Engulo em seco, ansiosa, e me viro para ele antes mesmo de terminar de ler a lista. Aquelas palavras são um gatilho, e enquanto sinto meu coração acelerar, me obrigo a respirar fundo e devagar.

Essas palavras.

Mas na voz de Sam, por alguma razão inexplicável, eles não me ameaçam.

"Com licença?", digo com a voz trêmula.

Ele levanta uma sobrancelha para mim, como se estivesse me avaliando.

Eu não vou surtar, eu não vou surtar.

"Você é meu aluno particular."

Eu expiro. "Ah."

Droga. Isso não vai dar certo. Primeiro, como diabos vou me concentrar em cálculo com esses olhos azuis escuros e esses lábios rosados e carnudos a centímetros do meu rosto? Sem falar desse queixo esculpido...

Claro que tudo isso é irrelevante, já que Sam deixou bem claro que não quer nada comigo. Ele não me dirigiu uma palavra a semana toda e é óbvio que, desde a nossa interação na festa da semana passada, ele percebeu que não há nada de atraente em uma amizade com uma garota que tem ataques de pânico, é grosseira com as pessoas e as agride sem motivo aparente. Sinceramente, eu não o culpo.

Ele me lança um sorriso de canto e revela uma covinha perfeita que eu não tinha notado antes. Me esforço para me recompor antes que eu comece a babar.

"Vou ver se alguém topa trocar de lugar", ofereci.

Fiquei surpresa com a carranca que Sam fez. "Por quê?", perguntou ele. Pelo tom de voz, parece que o ofendi. De novo.

Dou de ombros. "Hum... Não sei, não achei que você fosse querer, sabe, me dar aulas particulares." Coloco o cabelo atrás da orelha e olho para baixo. Que situação constrangedora. Tudo em mim é constrangedor.

"E *por que* eu não iria querer te dar aulas particulares, Rory?", ele pergunta. Sua pergunta é sincera e eu o encaro, confusa.

"Bem, você tem me ignorado, então eu pensei..." Minha voz some. Ele me olha como se minhas palavras o estivessem irritando. Estou tentando dar a ele uma desculpa para não fazer algo que tenho certeza que ele não quer fazer, então não consigo imaginar por que isso o incomodaria.

"Você não pode estar falando sério", ele murmura. Quando continuo piscando para ele, ele prossegue. "Rory, eu não estava te ignorando, só me afastei porque achei que era isso que você queria."

"O que eu queria?", pergunto, confuso.

"Bem, você disse que não podíamos ser amigos. E eu pensei... sei lá, achei que estávamos nos tornando amigos, de qualquer forma, na festa do Andrew semana passada, mas aí você disse para a Chelsea que nem me *conhecia* . Se alguém está *me* ignorando , *é você* ." Ele dá de ombros. "Parece que você tem muita coisa para lidar, não achei que adicionar um perseguidor que não entende indiretas seria muito conveniente, então me afastei."

Você parece estar com a agenda lotada. Essa é a maneira educada dele de dizer que eu sou completamente maluco.

Mas, *caramba* , ele estava tentando ser respeitoso ao desistir dessa coisa *de amizade* . E eu tenho estado estressada com isso, embora não quisesse admitir para mim mesma. Meu Deus, eu simplesmente não consigo me controlar — primeiro peço para ele me deixar em paz, depois fico chateada quando ele me deixa. Acho que a ideia de um homem respeitar meus desejos, me levar a sério... isso é completamente novo para mim. E como isso é perturbador?

"Ah", sussurro.

"Não estou te ignorando", ele repete.

Não consigo evitar meu sorriso tímido, e nem sei de onde ele veio. Eu *nunca* sorrio. A menos que seja forçado.

"Então, posso te dar aulas particulares? Eu realmente preciso dos pontos extras."

Eu bufei. *"Por favor",* disse sarcasticamente, "você não precisa de pontos extras em cálculo." Eu vi as notas dele. Ele sabe o que está fazendo.

"Sim, eu faço. Minhas provas vão bem, mas o Sr. Frank e eu não nos entendemos muito bem em relação aos trabalhos de casa. Veja bem, eu não gosto de perder meu tempo fazendo isso, já que conheço a matéria, e o Sr. Frank não me dará um A se eu não fizer aulas de reforço para compensar o fato de não ter entregado nenhum trabalho no semestre passado."

"E Deus me livre que você tire um B", brinco.

Ele estreita os olhos para mim e sorri de forma irônica novamente. "Deus me livre", concorda.

"Bem, acho que não posso ser responsabilizada por deixar você manchar seu histórico acadêmico impecável", digo, dando de ombros, me perguntando de

onde tirei essa sagacidade.

Sam sorri.

"Você acha que poderia me ajudar antes da prova de segunda-feira? Estou completamente perdida", admito.

"Claro, como está agora?"

"Perfeito."

Sam começa a caminhar pelo corredor e eu o sigo.

"Deveríamos ir à sua casa?", ele pergunta.

Eu me assusto, embora tente disfarçar. "Minha mãe não está em casa", respondo.

Ele franze a testa. *Meu Deus*, como eu queria que ele não fizesse isso, não sei porquê, mas é simplesmente adorável quando ele faz.

Quando percebo que ele está confuso, explico melhor. "Eu... bem, não posso receber rapazes em casa quando estou sozinha", minto. Na verdade, minha mãe e eu nunca conversamos sobre isso, não houve necessidade, já que não pretendo me colocar nessa situação tão cedo. Embora eu tenha certeza de que ela concordaria que essa regra é uma boa ideia.

Sam parece cético. Obviamente, isso não é exatamente o comportamento esperado de uma jovem de dezoito anos, mas ele já deveria saber que eu não sou assim. "E o seu pai?", ele pergunta. Ainda estamos caminhando, e eu sei que ele olhou para mim, mas continuo olhando para baixo para que ele não perceba o quanto estou afetada por suas perguntas aparentemente inocentes.

"Não, pai", murmurei com a maior naturalidade possível.

"Ah, me desculpe", ele diz, mas eu balanço a cabeça negativamente.

Agora eu olho para ele. "Não fique assim. É melhor ficarmos sem ele." Não sei por que lhe dou esse conselho pessoal, mas dou.

Sam acena com a cabeça. "Sim, eu entendo", responde ele, e algo em seus olhos me diz que ele realmente entende isso de uma forma profunda. Vagamente me lembro de Carl ou Tina comentando algo sobre o pai dele ter abandonado a família quando Sam estava no ensino fundamental, e me pergunto se há mais nessa história, mas não insisto. "Enfim, podemos ir para minha casa", ele sugere.

Eu paro de andar. "Eu... não consigo", murmuro. Não dou mais detalhes e amaldiçoo mentalmente minha vida por não conseguir nem fazer planos para estudar sem complicações por causa do meu passado conturbado.

"Minha mãe está em casa. Minha irmã também", ele me garante.

É gentil da parte dele se aproveitar dos meus problemas, mas a verdade é que isso não ajuda. Mesmo com a família dele em casa, isso não significa que ele não possa ficar a sós comigo, e se isso acontecesse, eu entraria em pânico. Sem dúvida. "Até que horas a biblioteca da escola fica aberta?", pergunto.

"Sete, eu acho."

****

Há alguns outros alunos estudando ou fazendo trabalhos e, claro, a bibliotecária da escola, Sra. Pitser, está sentada tranquilamente em seu posto no balcão de referência. Preciso me concentrar bastante para não me distrair com os olhares de Sam, mas esse esforço extra realmente funciona. O jeito como Sam explica as fórmulas, com sua voz grave e rouca, de alguma forma faz mais sentido do que quando o Sr. Frank tagarela sem parar na primeira aula todos os

dias.

Ele me ajuda a entender os conceitos rapidinho, e o jeito que ele sorri quando eu acerto uma questão, como se estivesse orgulhoso de mim... é um incentivo eficaz. Em pouco mais de noventa minutos, ele declara que estou pronto para a prova de segunda-feira, e quando estamos saindo da biblioteca, eu me sinto bem satisfeito comigo mesmo.

Quanto mais conversamos, mais claro fica que, independentemente do que eu tenha dito, estamos nos tornando amigos. Há um tipo estranho de conforto, uma conexão rara, que parece que tenho com Sam, e percebo como é improvável encontrar algo assim, então decido que talvez eu deva lhe dar uma chance. Afinal, não é como se eu estivesse tentando substituir Cam.

"Então, por que sua irmã não estuda aqui?", pergunto, finalmente encarando uma pergunta que me intrigava há tempos.

Sam hesita. "Ela costumava fazer isso, mas agora estuda em casa", diz ele, dando de ombros.

"Por quê?" Eu pergunto sem pensar. Acho que meus olhos se arregalam de surpresa com a minha própria intromissão.

Sam olha para mim, pensativo por um momento. "Isso é meio pessoal, Rory. Sem ofensas, mas é você quem não quer ser minha amiga", responde ele, sem maldade, e até esboça um meio sorriso para amenizar o impacto.

Eu franzo a testa. Ele tem razão. Paro de andar e ele faz o mesmo.

"É... então, eu sinto muito por isso. Na verdade, acho que sinto muito por quase tudo que eu disse desde que nos conhecemos", soltei uma risada irônica de mim mesma. "Olha, eu tive um ano meio difícil e ainda estou lidando com algumas coisas. Não é fácil para mim, nem mesmo essa coisa de amizade", murmurei, gesticulando entre nós. Estou me encolhendo por dentro por causa de tudo que revelei, por como estou soando patética. Mas essa sou eu, eu *sou* patética.

Sam sorri. "Bem, ser honesto já é um ótimo começo." Ele é completamente sincero, não há dúvida. Seus dedos se contraem uma vez, como se quisesse me tocar, mas não o faz. E vagamente percebo que não acho que entraria em pânico se ele o fizesse. "Sabe, a oferta do meu amigo ainda está de pé. Quando você estiver pronta, ok?"

Eu sorrio, não consigo evitar. Não respondo diretamente à sua oferta. Em vez disso, digo: "Eu estudei em casa por um tempo". Se perguntar sobre a irmã dele ter estudado em casa foi algo pessoal, espero que ele entenda que essa minha confidência é uma oferta de amizade. É o melhor que posso fazer agora. "Quando nos mudamos para cá, meu pai não veio conosco. Minha mãe precisava trabalhar, então eu tive que, você sabe, vir para cá", explico. Eu estava apavorada com a ideia de voltar para qualquer escola, muito menos para uma escola pública, mas me senti confortada pelo fato de que ninguém aqui me conheceria, e eu não queria dificultar as coisas para minha mãe, que, depois de anos de trabalho praticamente voluntário, agora precisa trabalhar muitas horas em uma empresa privada para nos sustentar.

Sam recomeça a andar e eu me alinho a ele.

"Você é da Flórida, certo?", ele pergunta.

"Sim."

"Vamos todos para Miami nas férias de primavera. Os veteranos vão todos os anos, é quase uma tradição."

"Não nessa parte da Flórida", murmurei.

Sam respira fundo. "Beth, minha irmã, passou por um término difícil no ano passado. Ela está bem agora, mas por um tempo... enfim, ela ficou um pouco para trás e é mais fácil para ela recuperar o atraso em casa com um professor particular, por isso estou tão adiantado em cálculo", explica ele.

"Ah", murmuro. *Um término ruim* . Talvez eu possa usar isso para descrever meu ano passado. Não parece tão ruim.

"Então, você vai à casa do Andrew hoje à noite?", pergunta Sam.

Assinto com a cabeça enquanto nos aproximamos do ponto de encontro entre as partes antiga e nova do prédio. É também por onde saio para evitar passar pelos vestiários. "Eu... saio por aqui", digo.

Ele faz uma pausa e franze a testa. "Aquele é o estacionamento dos professores. O estacionamento dos alunos é por aqui", ele acena com a cabeça, apontando mais adiante no corredor.

"Sim, eu sei. Eu só... ando por aqui", explico, explicando muito pouco.

Sam olha cautelosamente pela janela para a escuridão além das portas de vidro. "Por que você faria isso? Quer dizer, eu sei que não é muito tarde, mas está *escuro* ..."

Ele tem razão, e de repente me vejo numa situação em que preciso escolher entre percorrer o perímetro de um prédio quase vazio no escuro e atravessar um corredor igualmente vazio, sozinha com um cara, passando pelos vestiários.

Merda . Engulo em seco, olhando com desconfiança para as duas opções, ambas tão perturbadoras que meu pulso acelera exponencialmente. Mas sei que não vou passar por aqueles vestiários de jeito nenhum, não quando o corredor está praticamente deserto, e definitivamente não com um garoto. Respiro fundo e me viro para Sam.

"Então, veja, você me viu ter aquele ataque de pânico no meu primeiro dia..."

Aguardo que ele reconheça isso com um aceno de cabeça.

"Então, eu tenho esses gatilhos. Eu sei que é estranho-"

"Não é estranho", ele me interrompe, e eu o encaro por um instante.

"Bem, isso não é normal", respondi.

Ele não demonstra concordar com isso, mas também não contesta. "Então, gatilhos?", ele pergunta.

"Hum, é... Eu realmente não quero passar pelos vestiários se não for necessário." *Tanto que me escondo no banheiro ao lado do refeitório para me trocar para a oitava aula de educação física em dias alternados.*

"Tudo bem", ele responde, sem julgamentos. "Eu te acompanho", oferece, e começa a caminhar em direção à saída principal, mas para ao perceber que eu não me mexi. Ele me olha com curiosidade.

Respiro fundo. "Então, se vamos mesmo fazer isso — essa coisa *de amigos* — preciso que você entenda uma coisa."

Ele acena com a cabeça como se quisesse me incentivar a continuar.

"Alguns desses... gatilhos... Olha, eu não posso sair com você", digo, gesticulando em direção à porta. "Não sozinha. Não é nada pessoal, tá bem? Não

tem nada a ver com você. Eu realmente não quero te ofender, como já disse antes, você sempre foi muito gentil comigo." Estou divagando, meu nervosismo denunciando meu sotaque, que normalmente escondo com cuidado, e não tenho certeza se estou me fazendo entender.

"Certo, Rory. Entendi", diz ele.

"Você acha mesmo?" pergunto, incrédula.

Sam acena com a cabeça. "Sim, eu concordo. Que tal fazermos um acordo? Quando estivermos diante de uma situação que te deixe desconfortável, você simplesmente me diz, ok? E eu não vou me ofender nem te julgar. Podemos até combinar uma palavra de segurança", ele sugere.

Eu rio. "Uma palavra de segurança? Que é isso, BDSM?", provoco.

Ele dá uma risadinha. "Ei, se você quer que eu te contenha, é só me dizer, Ror."

Meu corpo inteiro enrijece.

"Palavra de segurança", sussurro com a voz trêmula, e a expressão de Sam desaparece, sem qualquer alegria.

"Viu... Funciona", ele murmura hesitante, e eu relaxo, o que tenho certeza que ele percebe. "Mas você precisa escolher uma palavra de verdade, não apenas 'palavra de segurança'."

"Que tal *cálculo?* ", sugiro.

Sam dá outra risadinha e me deixa desconfortável o quanto eu gosto desse som. "Cálculo, então", concorda ele. Ele olha novamente para fora das portas de vidro escuro. "Então, temos um pequeno dilema. Não posso te acompanhar até o carro, mas também não posso te deixar dar a volta no prédio sozinha, no escuro", murmura pensativo.

Quero argumentar que ficarei bem sozinha, mas não tenho certeza se conseguirei. Discretamente, apalpo o bolso da minha bolsa em busca do meu frasco de comprimidos.

"Aqui, me dê suas chaves. Vou trazer seu carro até a frente", ele oferece.

Quero argumentar que ele não precisa fazer isso, mas não o faço. Em vez disso, entrego-lhe as chaves sem dizer uma palavra.

"Fique aqui", diz ele, e se vira para seguir na direção original.

"É o jipe prateado!", grito, mas ele acena com a mão, como se já soubesse qual carro eu dirigia. Embora provavelmente seja o único carro que sobrou no estacionamento dos alunos além do dele, então não deveria ser muito difícil deduzir, especialmente com suas habilidades matemáticas.

O corredor está praticamente vazio, mas alguns professores passam de vez em quando; mal me notam. Poucos minutos depois, Sam estaciona meu carro e eu o agradeço. Estou com vontade de levá-lo de volta ao estacionamento dos alunos, mas não consigo. Não tenho certeza se consigo ficar sozinha em um carro com ele. Aliás, sei que não consigo. Então, observo em silêncio enquanto ele corre de volta para o prédio e atravessa o corredor até chegar ao seu próprio carro.

****

Poucas horas depois, chego à casa de Andrew com Carl. Tina já está lá. Chelsea começou uma brincadeira de "Eu nunca", em que alguém diz algo que nunca fez, e o resto do grupo tem que beber se já tiver feito. Estou sentada

segurando meu copo de cerveja, surpresa com a franqueza das pessoas ao compartilharem experiências tão pessoais.

Sam não está jogando. Ele fica num canto conversando com alguns amigos e tomando um gole da sua bebida.

"Eu nunca... fiz sexo na água", grita uma garota chamada Sandy.

"Fresca ou salgada?" pergunta Andrew, e Tina dá um soco de brincadeira no braço dele.

"Que diferença faz?! Tanto faz, ou ambos!" Sandy responde em seu entusiasmo embriagado, e algumas pessoas tomam um gole de sua bebida, incluindo Andrew e Tina.

Ainda não provei nada.

"Eu nunca... transei em propriedade escolar", diz um cara cujo nome esqueci, e dois garotos tomam um gole.

Levanto-me num pulo e murmuro para Carl que preciso de ar fresco. Quase imediatamente, já estou pela porta dos fundos, onde uma garota que acho que se chama Lisa está fumando um cigarro.

"Posso pegar um?" pergunto. Não quero fumar, e raramente fumo, mas a verdade é que acho os cigarros calmantes. Ela me entrega um assim que termina o dela e volta para dentro, e eu fico grato por estar sozinho.

Sento-me num dos degraus que ligam a porta dos fundos ao pátio e trago profundamente, deixando a nicotina relaxar meus nervos. Lembro-me de que fumar faz mal . *Câncer de pulmão, enfisema, doenças cardíacas.* Repeti esse mantra em silêncio inúmeras vezes nas raras ocasiões em que fumei, mas isso não me impede de tragar até o filtro, assim como não impediu da última vez nem da anterior.

"Então, esse comentário sobre sexo em propriedade escolar com certeza te fez fugir rapidinho", diz uma voz masculina desconhecida, arrastada e sugestiva.

Meu coração dispara quando me viro e vejo Dave encostado na parede da casa, tomando sua cerveja.

"Só precisava de um pouco de ar", consegui dizer com a voz embargada.

Ele dá um sorriso irônico. "Então você ainda não fez isso na escola? Sabe, eu ficaria feliz em te ajudar a resolver isso." Não sei se ele está me provocando ou dando em cima de mim, e não me importo.

"Não estou interessado", respondi entre dentes cerrados.

"Ah, uma boa garota. Bem, eu geralmente não curto namoro, mas sabe, acho que estaria disposto a tentar por uma chance com uma coisinha bonita como..."

"Dá um tempo, Dave", murmura Sam em voz baixa.

Eu me viro. Não o ouvi sair e minhas mãos estão tremendo, toda a minha energia concentrada em contar de trás para frente e respirar fundo.

Sinto alívio por não estar sozinha com o Dave, mas agora estou sozinha com dois caras. Lembro-me de que está rolando uma festa, ou melhor, uma reunião, lá dentro. Lembro-me de que o Sam é meu amigo. Que ele acabou de me defender.

Viro-me e conto silenciosamente de trás para a frente novamente.

"Estou apenas conhecendo a garota nova, Cap", diz Dave, arrastando as palavras de forma descontraída.

"Deixe-a em paz", diz Sam baixinho, e eu dou uma espiada neles.

"Ah, desculpe, cara. Ela é sua?", ele pergunta.

Por que estão falando de mim como se eu nem estivesse aqui? Levanto-me de um salto, repentinamente furiosa.

"Eu não sou dele! Eu não sou de ninguém!" grito, o sotaque sulista que tanto tentei suprimir desde que me mudei para cá escapando sem ser convidado.

Dave ergue as sobrancelhas, surpreso com meu desabafo, mas parece que Sam está tentando conter um sorriso. Dave olha para Sam, que apenas dá de ombros.

"Você ouviu o que ela disse, ela é uma mulher independente. Agora, dê um tempo", ele diz.

Dave dá de ombros, vira-se e volta para dentro sem dizer mais nada.

Quase agradeço a Sam por ter me defendido, mas a gratidão morre na minha boca. Em vez disso, simplesmente me sento de volta no meu degrau.

"Você está bem?", pergunta Sam suavemente.

"Sim", respondo baixinho. Dou uma olhada rápida nele e ele parece estar em conflito.

"Você... quer que eu te deixe sozinha?", ele pergunta. Ele sabe que tenho medo de ficar sozinha com ele, mas por algum motivo, agora, não tenho. Talvez seja por saber que há uma multidão de pessoas do outro lado da porta.

Eu balanço a cabeça negativamente.

"Posso me sentar?", pergunta ele, acenando com a cabeça para o degrau que eu havia escolhido.

Eu rio. Ele está me pedindo permissão para sentar do lado de fora em uma festa na casa de um amigo dele. "Claro, se você quiser", dou de ombros, e ele se ajeita, com seu corpo comprido, para sentar do outro lado do degrau, de frente para mim. "Seus amigos são mesmo uma figura", murmuro.

"O Dave tem um senso de humor... peculiar, mas ele só está flertando. Você não precisa se preocupar com ele", ele diz. Eu não digo nada e Sam suspira. "Eles não vão parar, sabe? Você é a garota nova, bonita e deslumbrante, e todos estão interessados."

"Ótimo", digo sarcasticamente, mas por dentro estou pensando no fato de que Sam acabou de me chamar *de bonita* , e estou surpresa que isso realmente me agrade.

"Talvez ajudasse se eles soubessem da sua situação. Quer dizer, depois da semana passada, quando mencionei que você não está procurando um encontro casual, mas, sabe... eles são homens, e você é gata."

Não menciono que Sam também é um cara, nem pergunto por que ele não está incluído no grupo que ele está mencionando. No entanto, coro ao perceber que ele me chamou de *gostosa,* e por algum motivo — talvez porque já tenhamos conversado sobre sermos apenas amigos — isso não me incomoda. Na verdade, me incomoda justamente o contrário.

"O que você quer dizer com 'meu *acordo'?* ", pergunto, e ele dá de ombros novamente.

"Tipo, se você está saindo com alguém, ou se você tem um namorado em casa", ele murmura.

"Ajudaria se eu fizesse isso?"

Sam ri. "Dave provavelmente veria isso como um desafio", admite.

"Não tenho ninguém em casa. Nenhum namorado, ninguém mesmo."

Sam franze a testa. "Você deve ter amigos", ele diz, hesitante, mas eu apenas balanço a cabeça negativamente.

Abaixo o olhar, encarando os dedos que estou entrelaçando no meu colo. Na verdade, não estou. Aliás, depois de Carl e Tina, Sam — que só aceitei como amiga há algumas horas — é minha amiga mais próxima. Não sei por que resolvi me abrir sobre isso, francamente, é muito constrangedor. Há uma longa pausa, mas por algum motivo não é constrangedora. Pelo menos não para mim.

"Você nunca disse por que estudou em casa", observa Sam. Não, ele tem razão, eu não disse.

"Igual à sua irmã. Término difícil", murmuro, roubando a desculpa de Beth, já que não é bem uma mentira, só não é toda a história. Quando dou uma olhada em Sam, ele parece aflito, e eu o encaro, me perguntando o que eu disse de errado.

Ele passa os dedos pelos cabelos como se estivesse decidindo algo. "Rory, minha irmã não teve apenas um término ruim. Ela vem passando por um momento difícil há algum tempo. Ela era apenas uma criança quando meu pai foi embora, e esse cara com quem ela estava saindo era mais velho, se formou no ano passado. Quando ele terminou com ela, ela... meio que perdeu o controle."

Não desvio o olhar, estou impressionada com o quão aberto ele está sendo agora, e quero ser digna da confiança dele.

"Ela tomou um monte de comprimidos no verão passado. Ela quase morreu... Ela fez isso de propósito", ele sussurra.

Eu o encaro por um instante até finalmente encontrar minha voz. "Isso deve ter sido difícil para você", digo.

Sam parece surpreso com a minha resposta. Ele solta uma risada curta e irônica. "Foi mais difícil para ela", responde. Estendo a mão e a coloco em seu braço antes mesmo de perceber que me movi. Ele está surpreso com o meu toque, isso é óbvio, mas não se afasta.

"Mesmo assim, é óbvio que você se importa com ela. Deve ter sido difícil para você também."

Ficamos sentados ali por alguns instantes, olhares fixos um no outro, em silêncio, até que finalmente, Sam suspira.

"Sim", é tudo o que ele diz.

Retiro o braço e começo a puxar um fio solto do meu suéter grande demais.

"Então, um término ruim, hein?", ele pergunta.

Eu apenas aceno com a cabeça.

"Ruim como a da Beth?", ele pergunta, e eu não tenho certeza exatamente do que ele está perguntando.

Assenti novamente. "Ruim. Mas eu não fiz nada parecido", respondi, embora tenha havido momentos em que considerei a possibilidade.

"Você o amava?", pergunta Sam.

"Quem?", respondo, e Sam sorri.

"O cara que terminou com você."

Eu balanço a cabeça. "Não. Não ele. E eu terminei com *ele* , ele simplesmente... não facilitou as coisas para mim. E as coisas estavam

complicadas. Eu tinha uma melhor amiga desde criança... e aí meus pais se separaram logo depois... Foi muita coisa, tudo de uma vez", explico, percebendo que não expliquei absolutamente nada.

Sam não insiste. "Ele era um idiota", diz. "O cara que te machucou."

Agora sou eu quem está dando uma risadinha irônica. "Todos eles me magoaram, Sam. De um jeito ou de outro", murmuro, "mas obrigada." Sam está apenas oferecendo clichês, tentando ser gentil, e eu estou descarregando meus problemas em um dos meus únicos três amigos.

"O que-"

"Podemos falar sobre outra coisa, por favor?", pergunto.

"Só estou tentando te conhecer melhor, Ror", ele responde, e mais uma vez, me surpreendo com o som do apelido em sua língua, o quanto me lembra Cam, e o quão conflitante me sinto com essa constatação.

" *Cálculo* ", eu sussurro. Surpreendo Sam com nossa palavra de segurança, mas depois de um segundo ele acena com a cabeça e muda de assunto.

"Então por que você me chama de 'Sam'? Quer dizer, todo mundo me chama de 'Capitão', exceto minha família, claro", ele pergunta.

"Você se apresentou para mim como 'Sam'."

Ele franze a testa, e mais uma vez não consigo deixar de pensar que ele fica adorável quando faz isso. "Será?"

Eu aceno com a cabeça. "Posso te chamar de 'Capitão', se preferir", ofereço, mas ele balança a cabeça negativamente.

"Acho que gosto que você me chame de 'Sam'", ele responde, mas não dá mais detalhes.

"Então será Sam."

Ele sorri. "Sabe, seu sotaque aparece quando você fica bravo."

"Eu sei."

"Gostei. É... fofo."

"Bem, meu caro senhor, fico feliz que tenha achado divertido", brinco, exagerando meu sotaque para ele, e ele solta uma risada alta e genuína.

"Sim, eu gosto muito."

Nos juntamos à festa novamente quando Andrew vem buscar Sam para ser seu parceiro no beer pong, e depois de confirmar que Carl pode pegar uma carona para casa com Tuck, decido ir para casa, agradecida por ter dirigido sozinha e por não ter bebido nada.

CAPÍTULO SETE

Retorno para casa, ano passado

É *incrível como as coisas mudaram em um ano. No baile de boas-vindas do ano passado, eu fiquei zoando o Cam por ele ser o príncipe do segundo ano e inventando desculpas para não ir. Agora, estou esperando o Robin me buscar e meu pai está finalmente me dando atenção.*

Passo as mãos pela saia curta do meu vestido azul-marinho pela centésima vez, o tecido tão estranho para uma garota mais acostumada a usar algodão e jeans do que sedas finas. Meu cabelo castanho ainda tem alguns reflexos loiro-avermelhados, cortesia do sol de verão que já se foi, dando um tom ruivo bonito. Bonito . *Não é algo que eu esteja acostumada a sentir, mas a verdade é que é* assim *que Robin me faz sentir.*

Mamãe retocou minha maquiagem e me deu uma bronca sobre responsabilidade pela décima vez desde que Robin começou a me levar para sair algumas semanas atrás. Saímos algumas vezes desde então — jantares, cinema — coisas inocentes, que culminaram em beijos românticos. Mas ele não me pressionou para nada além disso, e sou grata por isso. Eu gosto dele, gosto mesmo, mas não estou pronta para acelerar as coisas, e a boa notícia é que Robin parece estar de acordo com isso.

É quase como se minha inexperiência fosse parte do motivo pelo qual ele gosta de mim, e ele está sendo respeitoso com isso. Não conversamos sobre exclusividade — Deus sabe que eu não vou tocar nesse assunto —, mas acho que ele não está saindo com mais ninguém. Com certeza ele não está levando outras garotas para jantar ou ao cinema, senão eu já teria ficado sabendo. É cidade pequena, né?

O convite da Robin para o baile foi muito importante. O Cam vai sozinho todo ano. Ele não quer ir com nenhuma das garotas com quem fica, nem mesmo como amigas, por medo de passar a impressão errada, e como eu sempre recusei o convite dele para irmos juntos como amigos, ele vai sozinho. Mas pelo que ouço, ele geralmente não volta sozinho.

Na semana passada, notei que Maddie, que havia comparecido a todos os bailes de ex-alunos com Robin desde o primeiro ano do ensino médio, estava me encarando com desdém nos corredores. Foi naquele dia, depois do treino, enquanto eu tentava resolver minha tarefa de álgebra esperando Cam nos levar para casa, que Robin fez uma grande surpresa ao me presentear com rosas cor-de-rosa e me convidar para ir com ele.

Agora que a emoção do jogo passou, meu nervosismo praticamente desapareceu e estou ansiosa para dançar com ele. Destruímos o time visitante. Robin lançou quatro touchdowns, três dos quais foram recebidos por Cam, e ninguém comemorou mais alto do que eu. Exceto talvez meu pai e o prefeito Forbes.

Quando o jogo terminou, foi como um filme: o time erguendo o heróico quarterback nos ombros para comemorar a vitória estrondosa em seu último jogo de retorno à cidade natal. Mas, depois de apenas um minuto, Robin pulou do chão e seu olhar se fixou em mim, que estava sentada na lateral do campo,

apenas sorrindo. Ele veio direto até mim, me levantou e me beijou com paixão, bem na frente de todos. Foi minha primeira demonstração pública de afeto e me derreteu. Robin estava orgulhoso de estar namorando comigo e, naquele momento tão importante de sua vida, era comigo que ele queria compartilhá-lo.

Quando a campainha toca, meu pai atende primeiro, e eu, obedientemente, fico para trás enquanto ele mima o Robin e comenta os melhores momentos do jogo. Robin agradece e se desculpa educadamente para me cumprimentar. Ele beija meus nós dos dedos e eu coro enquanto Robin diz ao meu pai que não vai me deixar na rua até muito tarde, embora meu pai não se importe, antes de me levar até o carro e abrir a porta para mim.

****

A dança é divertida, mas descobri que Robin não dança de verdade. Passamos a maior parte do tempo conversando com os amigos dele, enquanto ele me segurava de forma possessiva o tempo todo — na minha cintura, nos meus ombros, na parte inferior das minhas costas.

Como era de se esperar, ele e Maddie são coroados Rei e Rainha do Baile, e eu aplaudo e me resigno a ficar de fora enquanto o restante da corte é anunciado e eles dançam. Cam é anunciado como Príncipe Júnior, e ele sobe ao palco com naturalidade e pega sua coroa sem nenhum entusiasmo. Eu aplaudo ainda mais alto.

Fiquei extremamente chocada quando anunciaram a Princesa Júnior e meu nome foi chamado. A princípio, apenas comecei a bater palmas sem muita convicção, sem nem perceber que era para mim, até que Emmers e Courtney começaram a me empurrar em direção ao palco. Conforme o choque passou, a ansiedade começou a tomar conta. Lacey deveria ser a princesa, e eu me preocupei que ela ficasse brava comigo. Antes de chegar ao palco, olhei ao redor e percebi que ela estava a poucos passos de mim. Lancei-lhe um olhar de desculpas, mas ela estava sorrindo, e embora o sorriso não chegasse aos seus olhos, eu sabia que ela estava se esforçando.

"Ei, é melhor do que perder para a Missy Potter", ela sussurra para mim, e eu sorrio para ela em gratidão.

Quando o baile da corte começa, estou dançando tranquilamente com Cam, meu príncipe, mas não consigo evitar olhar para o rei com sua rainha e pensar em como eles ficam bem juntos. Não é à toa que Maddie praticamente me encarou no corredor a semana toda. Mas Robin não está olhando para mim, ele está encarando Cam, que, com os braços casualmente em volta da minha cintura, nem percebe. Faz apenas um minuto que a dança começou quando Robin toca no ombro de Cam e pede para entrar na dança. Cam olha para mim esperando minha aprovação, que eu dou sem dizer uma palavra, e ele dá de ombros e caminha até uma Maddie ofendida, e sorri maliciosamente para ela. Percebo que ela cora e aceito a oferta de Cam para dançar com ele.

****

Na hora de ir embora, Cam segura meu cotovelo.

"Você vai para casa comigo", ele sussurra no meu ouvido.

"Como assim? Eu não consigo", respondi.

"Forbes passou a noite inteira bebendo de um frasco. Você não vai entrar num carro com ele", Cam me informa.

Merda. Será que ele fez isso mesmo?

Vi o amigo dele, Tommy, oferecer-lhe uma bebida mais cedo e ele aceitou, mas pensei que fosse só uma. Agora que Cam mencionou isso, Robin ficou com hálito de uísque a noite toda.

De repente, estou extremamente ansiosa. Não posso deixar que ele me leve para casa de carro, sei que não devo fazer isso, e, mais importante, Cam jamais permitiria. Mas também não posso contar para Robin que vou embora com Cam, isso não daria certo, e não posso deixar Robin dirigir de jeito nenhum se ele tiver bebido, como Cam diz.

"Eu cuido disso", murmuro para Cam e me preparo para ir até onde Robin está parado no canto da academia com seus amigos. Cam não solta meu cotovelo.

"Você não vai entrar no carro com ele." Não é uma pergunta.

Assinto com a cabeça. Não vou fazer nada, mas não sei como ele vai reagir. Nunca questionei o Robin antes, e nosso relacionamento ainda é tão recente. Se é que podemos chamar isso de relacionamento. Acho que não sou namorada dele, então será que tenho o direito de dizer a ele quando ele bebeu demais para dirigir?

Talvez não, mas eu não posso simplesmente deixá-lo dirigir, disso eu tenho certeza.

Aproximo-me dele com cautela e agora consigo ver facilmente o brilho em seus olhos, o sorriso desajeitado e torto. Robin tem bebido bastante, e não consigo deixar de me perguntar quando?

"Aí está ela", anuncia ele, agarrando minha mão. Ele me puxa pela porta do vestiário masculino, agora completamente vazio.

Antes mesmo que eu consiga abrir a boca para falar, sou empurrada contra os armários e sua boca está na minha. Seu beijo é mais intenso que o normal, mais agressivo e menos doce. Seus lábios descem pelo meu pescoço e, pela primeira vez, suas mãos não permanecem em suas zonas de conforto. Uma delas sobe por cima da minha blusa até o meu peito, então eu a agarro e tento empurrá-la para baixo. Ele obedece, mas demais, e continua descendo e contornando minhas costas até agarrar minha bunda. Estendo a mão para trás e a afasto novamente.

"Rob", digo, tentando chamar sua atenção, mas ele não cede. Suas mãos continuam explorando. "Robin, " Por favor *", sussurro, de repente desesperada para que ele se afaste.*

E com um gemido de frustração, ele o faz.

"Vamos lá, querida, eu só quero te tocar um pouquinho. Você é tão linda", ele murmura e seus lábios encontram meu pescoço novamente, mas suas mãos finalmente estão se comportando. "Meu Deus, como um homem pode se comportar?"

Eu o empurro para trás e ele tropeça um passo antes de seus olhos finalmente se fixarem nos meus. Ele solta um suspiro resignado. "Tudo bem, querida, vamos para casa", diz ele, pegando minha mão para me guiar para fora.

Eu não me mexo. "Robin..." Hesito.

Seus olhos brilham, mas antes que ele possa interpretar minha hesitação

como indecisão sobre até onde estou disposta a ir agora — o que definitivamente não é o caso — eu explico: "Você tem bebido..."

Seus olhos se estreitam. "E daí?" Ele não nega, e percebo que ele acha que estou sendo preconceituosa.

"Então, acho que você deveria deixar o Cam nos levar para casa. Ele pode te deixar em casa e depois me levar."

Por um longo momento, Robin apenas me encara, depois dá um passo à frente, de modo que não há espaço entre nós, e dá um sorriso desajeitado.

"Você estava preocupada comigo, querida?", ele sussurra.

Eu concordo com a cabeça. Porque é a verdade.

Robin sorri. "Foster não vai levar meu encontro para casa. Que tal você me levar de carro e depois voltar com o meu? Amanhã peço para a Lace me levar até sua casa, e aí eu te levo para almoçar para te agradecer por ser uma garota tão atenciosa, doce e linda." Ele me dá um beijo casto nos lábios.

Meu sorriso é impossível de conter. Ele está sendo tão razoável. E tão doce. E eu sei com certeza que ele nunca deixa qualquer um *Ele dirige o carro dele. Aliás, todo mundo sabe disso. Ele gosta demais do carro.*

"Você me deixaria dirigir seu carro?"

O sorriso bobo e bêbado dele é até adorável. "Acho que sim, querida."

CAPÍTULO OITO

Dias de hoje

As últimas semanas não foram tão ruins. Minhas notas em cálculo melhoraram, sem dúvida graças às aulas particulares que o Sam me dá na biblioteca depois da escola, duas vezes por semana. Minha professora de inglês avançado concordou em escrever uma carta de recomendação para a NYU e, mesmo tendo sido entregue com atraso, minha mãe conseguiu que o departamento de admissões a incluísse na minha inscrição devido às minhas "circunstâncias atenuantes". Me inscrevi em algumas universidades locais mais acessíveis na cidade e também aqui em Long Island, mas preciso *entrar* na NYU; é a única coisa que me faz ter esperança no futuro.

Antes do sinal tocar, indicando o fim da primeira aula, o Sr. Frank distribui as provas de ontem e eu não consigo conter o sorriso e dou uma pequena dancinha da vitória sentada, olhando para a minha nota 92. Sam olha para trás e sorri enquanto eu murmuro um sincero "obrigada". Sam pisca para mim.

Carl belisca meu braço de leve, como sempre faz quando percebe alguma interação entre Sam e eu que, para ela, é prova de uma paixão secreta. Às vezes sou eu quem está apaixonada, às vezes é Sam, mas Carl está convencida de que há algo rolando. Ela não poderia estar mais enganada.

Na verdade, ainda somos apenas amigos, e, para ser sincera, de certa forma ele se tornou meu melhor amigo. Passo a maior parte do meu tempo livre com Carl, e geralmente também com Tina, e tenho uma relação mais sincera com eles do que jamais tive com Lacey e as meninas de Linton, mas não converso com eles sobre o passado, e eles não perguntam. E embora Sam não saiba muitos detalhes, ele sabe mais do que qualquer outra pessoa.

Sam me cutuca de leve com o cotovelo para chamar minha atenção enquanto saímos da sala de aula, como se ele já não a tivesse.

"Te vejo no almoço", Carl grita enquanto ela se dirige para a academia para a aula de educação física.

"Viu? Eu disse que você estava pronto para aquele teste", gaba-se Sam.

"Você fez. Você estava certo", resmungo em tom de brincadeira, o que me rende um sorriso.

Sam leva a mão à orelha como se tivesse dificuldade para ouvir. "Como é?", pergunta. Reviro os olhos. "Vamos lá, mais uma vez, Ror, você sabe que eu mereci", ele insiste, enquanto caminhamos para nossas próximas aulas, que por acaso são na mesma ala.

"Tudo bem... Você. Estava. Certo!" digo com entusiasmo dramático.

"É isso que eu gosto de ouvir", ele provoca, e eu lhe dou uma cotovelada de volta. "Tudo bem, tudo bem", ele admite sua satisfação.

"Mas aquele teste foi fichinha. Tive dificuldades com a lição de casa ontem à noite, e a prova do capítulo é na sexta-feira-"

"Pode deixar comigo, Pine. Relaxa", ele me garante, dando um tapinha na minha cabeça.

Eu sorrio. Sei que Sam não tem ideia do quanto é importante para mim tolerar esses toques casuais. Como o tapinha na cabeça, ou quando ele pegou na

minha mão para me guiar pelo corredor semana passada, ou as poucas vezes que ele tocou meu braço quando achou que eu poderia estar chateada, ou até mesmo quando ele me dá uma cotovelada de brincadeira. Todos toques amigáveis e inocentes, mas para mim eles têm um significado enorme. Há apenas alguns meses, um tapinha nas costas do colega de trabalho da minha mãe me fez ter um ataque de pânico daqueles. Mas o toque de Sam parece natural, e eu não só consigo tolerá-lo, como acho que até encontro conforto nele.

"Até logo", murmuro enquanto entro na minha próxima aula. Espero mesmo que ele esteja certo sobre a prova de sexta-feira, porque a matéria só tem ficado mais difícil ao longo do ano. É só terça-feira, então tenho esta tarde e quinta-feira para ele fixar os conceitos.

Quando chego à biblioteca depois da aula, Sam está no corredor conversando com Chelsea. Tento passar por eles para que terminem a conversa e eu possa esperar Sam lá dentro, mas não tenho essa sorte.

"Aí está ela, sua aluna", anuncia Chelsea, então eu paro. "Eu só estava perguntando ao Cap se você vem para Miami nas férias de primavera."

"Ah. Hum, não, acho que não", murmurei.

"Ah, mas você deveria!" Ela está extremamente entusiasmada para alguém que mal trocou duas frases comigo desde que comecei aqui. "Nós vamos todos, sabe, nosso grupo de amigos. Pensa bem, ainda não é tarde demais", ela canta antes de dar um beijo na bochecha de Sam e sair andando tranquilamente.

Não digo nada enquanto me viro e entro na biblioteca, sentando-me à nossa mesa de sempre, com Sam me seguindo. Sei muito bem o que Chelsea está aprontando. Ela me considera uma ameaça, apesar de eu não parecer nada ameaçadora, e está tentando manter seus inimigos por perto. Não a quero como inimiga, não quero *inimigos* , e embora eu basicamente tenha afastado Sam sempre que ela está por perto, essa história de aulas particulares torna tudo mais difícil. E por algum motivo, toda vez que Sam e eu acabamos conversando no estacionamento ou em uma festa, Chelsea parece notar. Acho também que Sam percebeu que eu encerro abruptamente qualquer conversa que estejamos tendo assim que noto isso, mas se percebeu, não disse nada a respeito.

Talvez ele simplesmente pense que eu sou louca. E ele não estaria errado.

"Ela tem razão, sabe?", murmura Sam enquanto nós duas pegamos nossos livros.

Eu o encaro com uma expressão confusa e perplexa.

"Miami. Vai ser divertido. Você deveria pensar em vir."

"Eu... acho que não."

"Você só vai ser veterano uma vez. Carl e Tina vão", diz ele, como se eu já não soubesse disso, como se eles já não tivessem tentado me convencer a ir com eles mil vezes. "Eu vou estar lá", acrescenta ele mais baixinho, dando de ombros sem graça.

Eu me acalmo um pouco. Sam está me oferecendo apoio. Conforto. Ele está dizendo que vai cuidar de mim, como fez quando Dave, bêbado, me assediou na festa do Andrew algumas semanas atrás. Como ele já fez várias vezes desde então, quando percebeu que eu estava em uma situação desconfortável, geralmente com razão.

"Vou pensar nisso, tá bom? Mas se você não me preparar para a prova de

sexta-feira, vou ter problemas maiores do que as férias de primavera", respondi.

Sam revira os olhos. "Você sequer duvida de mim?", pergunta ele, com ar de superioridade.

Trabalhamos mais do que o normal, já que a prova de sexta-feira é realmente difícil. Bocejo e me espreguiço enquanto Sam examina meu trabalho. As janelas atrás dele estão escuras com a chegada da noite e eu estou exausta.

Não tenho dormido bem desde que parei de tomar meus remédios para dormir. Os pesadelos ainda vêm várias vezes por semana, às vezes mais, e embora seja uma melhora em relação a tê-los toda vez que adormeço, ainda é o suficiente para manter meu nível de energia mais baixo do que deveria. O problema é que, quando tomo os remédios para dormir, eles não impedem os pesadelos. Pelo contrário, os tornam mais vívidos e, como estou dopada, não consigo acordar. Pelo menos quando não tomo nada, consigo acordar, embora gritando ou chorando... ou ambos.

Eu também continuo tomando o mesmo frasco de remédio para ansiedade. Ainda tenho doze comprimidos da receita e continuo esperançosa de que este seja o último.

Dou uma olhada ao redor da biblioteca. Normalmente não estamos aqui tão tarde. Todos os outros alunos parecem ter ido embora. Sam está revisando o último problema que eu fiz e estou pensando se deveríamos encerrar a aula por hoje quando me viro e vejo que a mesa da bibliotecária está vazia e o computador dela desligado.

"Onde está a Sra. Pitser?", pergunto.

Sam mal levanta os olhos do jornal. "Hum? Que horas são?"

"Quase sete."

"Acho que ela foi embora, acho que ela sai às seis", ele murmura com indiferença. Sinto meu pulso acelerar.

Não tem mais ninguém aqui. Puta merda! Eu pulo da cadeira e Sam olha para cima com as sobrancelhas arqueadas, como se não soubesse o que está acontecendo.

Ele está me zoando?

Quero fechar os olhos e contar, mas estou apavorada só de pensar em fechá-los. Dou alguns passos cautelosos para trás enquanto um suor frio começa a escorrer pelo meu rosto, formando gotas visíveis no meu nariz e na testa.

"Rory? Você está bem?", ele pergunta.

"Você... você disse que a biblioteca fica aberta até as sete", eu mal consigo dizer, com a voz embargada.

Sam se levanta lentamente. "É sim", diz ele suavemente.

"Mas a bibliotecária foi embora!", respondi bruscamente.

Respiro fundo, inspiro e expiro. Não adianta. Estamos completamente sozinhos.

Ele devia saber que ficaríamos completamente sozinhos!

Sam dá um passo cauteloso para a frente e eu dou um para trás.

"Você sabia que ela ia embora!", eu acuso.

"Ela sai às seis, mas a biblioteca fica aberta até às sete. Viu? As luzes estão acesas, as portas não estão trancadas", ele responde. Ele ainda usa aquele tom gentil, como se estivesse falando com um animal encurralado.

E é exatamente assim que me sinto.

Ele não vai me enganar com esse tom. Ele sabia que ela ia sair às seis, então *com certeza* planejou tudo. Pego minha bolsa do chão e estendo a mão para meus livros, mas ele dá mais um passo em minha direção e eu recuo novamente, esquecendo meus livros.

Meus olhos se enchem de lágrimas. *Merda!* Não consigo chorar *agora!*

Mas meus olhos não obedecem, e as lágrimas começam a cair. Eu me odeio por ser tão fraca. Mas ele é tão grande, tão forte.

Igualzinho *a ele!*

" *Cálculo!* " Eu solucei.

"Ai, meu Deus, Rory. Não chore. Está tudo bem. Nós estamos bem, tá bom?"

Mas não consigo respirar direito e não consigo conter as lágrimas. Sinto-o tocar meu braço, como já fez antes, mas isso não me conforta e começo a tremer.

Procuro o bolso lateral da minha mochila, mas estou com tanto medo que não consigo desviar o olhar de Sam. Não sei o que ele vai fazer, nem como impedi-lo. Todo o meu conhecimento de autodefesa me abandonou neste estado de angústia.

"Por favor!" Eu soluço, visivelmente tremendo. *Por favor, não me machuque! Por favor, me deixe ir!*

Antes que eu percebesse, Sam já estava me abraçando. Tentei empurrá-lo, mas ele me segurou firme. Chorei muito, meu coração disparou e eu ainda não conseguia respirar direito.

"Calma, Ror, você está bem. Eu não vou te machucar. Você *sabe* disso. Eu *jamais* te machucaria, ok?" ele diz suavemente no meu ouvido.

Espero que ele me empurre contra a parede ou me jogue no chão. Espero que suas mãos se aproveitem da minha fragilidade. Espero que seu tom mude, que ele cuspa aquele veneno repugnante.

Mas isso não acontece. Sam apenas me abraça e repete várias vezes que estou bem e que ele nunca me machucaria. Ainda não tenho certeza se acredito nele. Não sei em que acreditar.

Quando sinto suas mãos deslizarem suavemente para cima e para baixo nas minhas costas, percebo que, de fato, comecei a me acalmar. Respiro fundo, com dificuldade.

"Isso mesmo, Ror. Viu? Você está bem", ele sussurra, acariciando meu cabelo com ternura.

Ainda em seus braços, estendo a mão até o bolso da minha bolsa e agarro o puxador do zíper.

"Você não precisa deles, Rory. Olha para você. Você está bem. Está se acalmando. Você não precisa de nenhum comprimido", ele sussurra insistentemente.

E eu percebo, acho que ele tem razão.

Eu me acalmei. Não tomei nenhum comprimido.

Quando finalmente recuperei o fôlego, afastei-me o suficiente para olhar para ele. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. *Meu Deus, devo tê-lo abalado bastante.*

Foi então que percebi que não era só ele que estava me abraçando, eu que

estava agarrada à parte de trás da camiseta dele com todas as minhas forças.

Eu solto o aperto mortal e ele também relaxa o seu.

"Você está bem", ele diz. Não é uma pergunta.

Eu me vejo assentindo com a cabeça. Sam dá um passo para trás, mas não desvia o olhar de mim.

"Ai, *meu Deus* ... Me desculpe!" Estou morrendo de vergonha.

Eu simplesmente surtei completamente com o Sam, meu amigo. Um dos meus *únicos amigos!* E isso foi muito pior do que o meu ataque de pânico no primeiro dia. Basicamente, eu o acusei de estar tramando para me deixar sozinha e me atacar, e fico me perguntando se ele percebe isso.

"Está tudo bem, Ror. Estou falando sério", ele diz enfaticamente, mas eu balanço a cabeça negativamente.

"Ai, *meu Deus* ", soluço. Sento na cadeira mais próxima e deixo meu rosto cair entre as mãos. *Estou tão ferrada.*

Tenho uma vaga noção de que Sam se ajoelhou na minha frente.

"Ei", ele diz gentilmente, mas eu balanço a cabeça negativamente novamente. "Ei", ele diz de novo, desta vez com mais firmeza, e hesitante, pega meus pulsos e os puxa para baixo, obrigando-me a levantar a cabeça.

Ele está segurando meus pulsos. Eu deveria estar entrando em pânico de novo. Eu nem tomei nenhum comprimido. Mas o contato visual dele me acalma, e agora, eu realmente não acredito que ele vá me machucar.

"Eu deveria ter te contado quando o Pitser foi embora. Não percebi que faria diferença. A culpa é minha. Eu não pensei. Eu que peço desculpas, entendeu?", diz ele com cuidado.

Eu o encaro por alguns instantes. Racionalmente, sei que fui eu quem exagerou. Que ele era inocente nessa história. Por que ele *acharia* que precisava me avisar que a bibliotecária estava indo embora? Mas, mesmo assim, ele está assumindo a culpa.

"Não sei por que você é tão gentil comigo", sussurro, sem nem perceber que estava prestes a dizer isso em voz alta.

Sam sorri melancolicamente e solta meus pulsos. Ele enxuga minhas lágrimas com a ponta do polegar, outro gesto que me lembra tanto de Cam que preciso fechar os olhos por um segundo.

"Somos amigos, Ror", ele responde, como se isso explicasse tudo. "É para isso que servem os amigos, não é?"

Assenti com a cabeça, porque realmente não sabia o que mais fazer. Sam se levantou e foi guardar seus livros. Em seguida, guardou os meus também e os colocou na minha mochila antes de estender a mão para mim.

"Eu te protejo, Pine. Vamos, vamos para casa. Você deve estar cansada", ele murmura. Pego sua mão e ele me guia para fora da biblioteca, mas mesmo quando estamos no corredor, continuo sem soltar sua mão.

Neste momento, é a minha tábua de salvação, e estou me agarrando a ela desesperadamente.

Chegamos à saída principal, onde Sam costuma ir buscar meu carro. Mas ainda não consigo soltar a mão dele.

É ridículo. Ele era quem me assustava. Agora não sei do que tenho medo, mas ele é a única coisa que me mantém sã neste momento. Acho que ele percebe

isso porque nem sequer tenta soltar a mão.

"Ror?" ele pergunta, e eu sei que ele está perguntando o que eu quero que ele faça.

"Não consigo passar perto dos vestiários", sussurro, olhando para ele de forma significativa.

"Posso dar uma volta pelo prédio com você?"

Assenti com a cabeça e, sem dizer mais nada, ele me conduziu para fora pela saída principal e caminhamos em silêncio ao redor do perímetro do prédio. Quando chegamos ao estacionamento dos estudantes, eu já havia me recomposto. Respirei fundo e soltei sua mão. Olhei para baixo, de repente incapaz de encará-lo. Agora que o perigo do ataque havia diminuído, assim como o perigo que eu imaginava ter de *ser* atacada, eu não sentia nada além de humilhação.

"Sinto muito mesmo, Sam", murmuro olhando para o chão.

"Chega, Rory. Você não tem nada pelo que se desculpar, ok? Eu sinto muito por ter te colocado nessa situação, mas sabe de uma coisa? Você é mais forte do que pensa."

Eu bufei.

"Você é, Ror. Obviamente eu fiz algo que te fez entrar em pânico, mas você conseguiu superar tudo sozinho. Você não precisou de nenhum comprimido. Você fez isso por conta própria."

Reflito sobre suas palavras por alguns instantes antes de responder.

"Eu não precisei de nenhum comprimido", concordo, minha voz baixa e introspectiva, "mas também não consegui sozinha." Encontro seu olhar. Ele é o motivo de eu ter superado isso. "Obrigada."

Sam me oferece um meio sorriso. "Ei, eu te entendo, Pine, para que servem os amigos?", diz ele com leveza.

CAPÍTULO NOVE

Ação de Graças, ano passado

O *jogo em casa do Dia de Ação de Graças é um dos mais importantes do ano. Como não há aula no dia seguinte, todos os jogadores de futebol americano, e praticamente toda a escola, vão para uma festa à beira do lago depois.*

Meus pais ficaram na cidade para o feriado, mas vão embora amanhã para passar o fim de semana com a minha avó. A Lacey ligou e me convidou para ficar lá. Eu nunca comentei nada com a Robin sobre ficar na casa do Cam a cada dois fins de semana, mas sei que a Lacey sabe, e tenho certeza de que contou para ele. Também acho que a Robin insistiu em me convidar para que eu não ficasse na casa do Cam. Ele anda um pouco mais ciumento ultimamente por causa do tempo que passo com o Cam. Ele não disse nada diretamente, só algumas coisinhas — como olhar feio para o Cam quando chego na escola com ele, ou insistir em me levar para casa depois do treino.

Cam age como se não se importasse, e talvez não se importe mesmo, mas é estranho. Se minha melhor amiga fosse uma garota, será que Robin ainda insistiria nessas coisas? Talvez ele só goste de passar tempo comigo.

A questão é que ainda não conversamos sobre o nosso relacionamento. Ele me leva para sair toda semana e age como se eu fosse a namorada dele, mas ainda não sei se estamos namorando sério. Ultimamente, ele tem me tocado sem parar, e eu tenho afastado as mãos dele constantemente. Uma parte de mim se pergunta por que ainda não estou pronta para avançar, mas eu sei que não estou. Eu gosto de beijá-lo. É bom. É mesmo. Mas quando as mãos dele começam a subir na minha blusa, é como um balde de água fria, e eu não sei por quê.

Eu me ofereço para dirigir esta noite, já que sei que Robin vai beber, então o sigo enquanto ele deixa o carro em casa e ele e Lacey entram no veículo.

Ainda está bem ameno por aqui, mesmo em novembro, então ficamos todos sentados em troncos caídos e algumas pedras maiores. Todo mundo está bebendo do barril, menos eu, já que sou o motorista da vez. Nunca fiquei bêbado, e acho que gostaria de experimentar, mas obviamente não esta noite.

Estou batendo papo perto da caminhonete do Chip com ele e o Cam quando a Lacey se aproxima e passa o dedo pelo braço do Cam. Ele dá um sorrisinho torto para ela e eu me pergunto se vou acabar levando-a para a casa dele mais tarde. Pela primeira vez, a ideia me incomoda. Procuro o Robin com o olhar e o vejo parado longe da multidão com a Maddie. Eles estão apenas conversando, mas tem algo na maneira como estão parados que é íntimo demais. Claro, eu sei que eles já tiveram intimidade antes. Eu até sei que já transaram. Mas não achei que ele cogitaria isso agora. Observo, meu coração afundando enquanto a vejo tocar o peito dele e rir de forma sedutora. Ele sorri e não afasta a mão dela. Depois de mais um minuto, ele parece se desculpar e eu sinto um alívio enorme . Ele só estava sendo educado.

Percebo que precisamos conversar sobre nosso relacionamento. Preciso descobrir o que estamos fazendo. Se temos um relacionamento exclusivo. Não sei por que deixei as coisas chegarem a esse ponto por tanto tempo sem

conversarmos sobre isso.

Robin percorre a multidão enquanto eu observo, até que seu olhar finalmente se fixa em mim. Ele vê Cam e estreita os olhos antes de perceber que é sua irmã quem parece ter despertado o interesse de Cam esta noite, e caminha até ela.

Robin passa o braço possessivamente pelos meus ombros e me puxa para perto de si.

"Então, Foster, é meio engraçado você me ameaçar dizendo que vai acabar com a Rory, mas não tem problema nenhum em usar minha irmãzinha sempre que lhe convém", murmura Robin.

Eu solto um suspiro de espanto, e todos os olhares se voltam para ele, chocados por ele insultar a própria irmã daquela maneira. Ele nem está tentando protegê-la, só está tentando confrontar Cam.

Lacey jamais questionaria o irmão mais velho, então simplesmente se desculpou para ir se juntar às meninas. Cam balançou a cabeça e lançou um olhar fulminante para Robin antes de se afastar. Cam nunca fingiu estar fazendo nada além de usar Lacey quando lhe convinha, mas jamais a insultaria verbalmente, principalmente na frente de um grupo de pessoas.

"Rob, isso foi maldade", sussurro para ele quando estamos sozinhos.

"O quê?" Ele realmente parece não achar que disse nada de errado.

Apenas balanço a cabeça. Ele está bêbado. Não adianta explicar agora. Começo a caminhar em direção à multidão para que possamos voltar à festa, mas Robin agarra meu braço com força e me puxa de volta. "O que foi ruim, Rory?", ele pergunta, embora sua voz seja baixa.

"Você acabou de criticar o Cam por usar a Lacey, mas basicamente a chamou de vadia no processo", eu digo.

Robin dá de ombros e fico surpreso por ele não demonstrar remorso. "Se ela se comporta como uma vadia, deve estar preparada para ser confrontada por isso."

"Robin!" Eu sussurro, horrorizada com a forma como ele está falando da própria irmã. Seu aperto no meu braço se intensifica e eu me encolho.

"Então o Foster pode ditar as regras da minha vida, mas eu não posso confrontá-lo sobre a dele? Principalmente quando ele está usando a minha própria irmã?" O tom dele continua tão baixo que chega a ser perturbador. Eu sei que provavelmente deveria ceder, mas simplesmente não consigo.

"Mas você não está preocupado com a Lacey, você só estava tentando ser um idiota com as duas", argumento. Foi a coisa errada a se dizer. Eu sei disso imediatamente. Seus olhos se estreitam e eu tento dar um passo para trás, mas ele permanece firme.

Robin se inclina perto do meu ouvido. " Você *não conte* meu *O que eu posso ou não posso dizer. E você não vai me questionar, e com certeza vai tomar cuidado com o que você me chama. Entendeu, Rory?" Seu tom é calmo e mortalmente silencioso. Eu preferiria que ele gritasse. Robin se afasta o suficiente para me encarar. Seu rosto está vermelho, e eu não sei se é de bebida ou raiva, mas ele ergue as sobrancelhas, expectante.*

Engulo em seco, nervosa, e concordo com a cabeça. Eu não deveria tê-lo chamado de idiota. Ele nunca me xingou. Espero para ver o que ele fará ou dirá

em seguida. Quase espero que ele me diga que terminou comigo. Ele me observa, como se quisesse saber se aceito minhas exigências.

Finalmente, ele acena com a cabeça. Solta meu braço, que lateja dolorosamente, mas eu não me mexo. Robin leva a mão ao meu rosto e roça minha bochecha com os nós dos dedos, e assim, de repente, ele volta a ser gentil.

"Você sabe que eu me importo com você, não é?", ele pergunta.

Assenti novamente. Queria perguntar o que aquilo significava. Mas agora não era o momento. "Desculpe, Robin. Eu não deveria ter dito-"

Ele balança a cabeça. "Não, querida. Isso já está resolvido. Vamos voltar para os nossos amigos", decide ele, pegando minha mão e entrelaçando nossos dedos. Ele levanta nossas mãos e beija meus nós dos dedos, nossa discussão esquecida. Espero.

****

"Ei, Bela Adormecida", sussurra Robin.

Não sei que horas são, mas já é tarde. Chegamos em casa há quase uma hora e estou de volta ao quarto de hóspedes lá em cima depois de trocar de roupa, vestir meu pijama e me lavar. Robin já me deu um beijo de boa noite antes de eu subir. Nem o ouvi entrar. Me sento na cama.

"Ei, o que você está fazendo?" pergunto. Seus lábios vão direto para o meu pescoço.

"Senti sua falta, meu bem." Seus lábios encontram os meus e ele me beija desajeitadamente. Ele com certeza bebeu bastante esta noite. "Muita mesmo." Ele sorri maliciosamente.

Eu rio. "Eu também senti sua falta", sussurro.

Nos beijamos por um tempo e ele me deita de costas na cama, pairando sobre mim. Isso me deixa nervosa, mas ele ainda está apenas me beijando, então deixo rolar.

Quando a mão dele começa a se aproximar do meu peito, eu a empurro de volta para a minha cintura, como de costume. Mas ele está mais persistente do que o normal e, de repente, segura meus dois pulsos com uma mão e os prende acima da minha cabeça.

"Robin..."

Ele me silencia com um beijo, e sua mão livre aproveita a oportunidade, acariciando meu peito enquanto me remexo embaixo dele, tentando me livrar dele. Mas Robin interpreta minha remexidão como outra coisa. Ele geme. Me afasto do beijo, mas ele simplesmente move os lábios pelo meu pescoço até o pequeno decote que aparece acima da minha gola.

"Robin!"

"Você é tão gostosa, meu bem", ele murmura contra minha pele.

"Por favor, pare", imploro.

"Hummm..."

Ele não está me ouvindo. Em vez disso, me silencia com outro beijo, embora eu ainda tente falar, implorar para que ele vá mais devagar, que pare. Sua mão começa a se insinuar por baixo do meu short, e eu entro em pânico. Ele não vai parar.

Eu o mordo.

"Quer uma briga, querida?", ele rosna e começa a me beijar com ainda mais intensidade. Mal consigo respirar. Grito para ele parar de novo, mas só sai um murmúrio. Sei que ele não consegue entender o que eu digo com a língua na minha boca.

Ele enfia a mão entre as minhas pernas e eu as fecho com força, mas isso só prende a mão dele ali e ele continua a esfregar.

Meus olhos se enchem de lágrimas, que escorrem em torrentes pelas minhas bochechas. Ele não para! Ele está nunca *não havia sido interrompido antes.*

Finalmente, ele solta meus pulsos e eu o empurro assim que minhas mãos ficam livres. Robin se assusta. Seu peso agora está sobre as mãos e os joelhos, em vez de sobre mim, e eu me sento embaixo dele.

"Que porra é essa?" ele rosna enquanto me afasto dele, encostando as costas na cabeceira da cama e apertando os joelhos com força. "Você... você...?" choro?"

Não consigo falar, ainda estou ofegante e não consigo conter as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Robin se senta sobre os calcanhares e passa a mão pelos cabelos. Ele me observa novamente como se estivesse me vendo pela primeira vez. Estou completamente paralisada.

"Droga, Rory, me desculpe. Achei que você estivesse gostando", ele murmura.

Soltei um soluço antes de cerrar os dentes e balançar a cabeça negativamente. Não, eu não estava nem um pouco a fim disso!

Robin parece aflito. Ele se inclina para a frente e eu me encolho, o que o assusta novamente.

"Não, meu bem... Droga, me desculpa!" Ele enxuga as lágrimas do meu rosto com os nós dos dedos e me abraça. Não consigo pensar direito. Ele me consola enquanto me acalmo, depois me afasta para olhar nos meus olhos. "Você precisa me perdoar, meu bem. Não fique brava, tá bem? Achei que você gostasse. Você sabe que eu nunca te pressionaria, né?"

Hesitei, mas acabei concordando com a cabeça, embora isso me tenha parecido uma enorme pressão.

"É que já se passaram três meses. E você não é só uma garota qualquer, você me motiva." " Que loucura . *Você é tão gostosa. E eu sou homem, sabia?" Ele está me dando uma explicação, e eu entendo o que ele está dizendo, e talvez eu devesse estar pronto para fazer mais. Mas eu simplesmente não estou.*

"Eu só... não estou pronta." Digo essas palavras. Já as disse antes. Mas ele tem razão, já se passaram três meses. Acho que ele provavelmente vai terminar comigo. Eu deveria perguntar sobre o nosso relacionamento, mas, de novo, o momento parece totalmente errado.

Robin acena com a cabeça. "Desculpe, tá bem? Você precisa me perdoar", ele diz novamente. Nem chega a ser uma pergunta, mas consigo sentir o remorso dele. "Você sabe que eu me importo com você, né?"

Essa mesma pergunta. Concordo com a cabeça novamente.

Robin me dá um beijo, mas logo volta a ser aquele beijo doce e suave. "Vá para a cama, Bela Adormecida. Amanhã eu te levo para almoçar para compensar." Ele beija minha testa e sai, fechando a porta delicadamente atrás

de si.

Demoro uma eternidade para conseguir dormir. Minha mente está a mil. Odeio me sentir tão impotente. Não consigo entender por que ele não parou quando pedi. Entendo que ele provavelmente não me ouviu, que achou que eu estava retribuindo o beijo, mas não consigo me livrar dessa sensação. A sensação de não ter controle do meu próprio corpo, e a pessoa que deveria estar *no controle simplesmente não me ouvia.*

Nunca fui tocada ali antes. Nunca nem me toquei *ali. Não gostei, e me pergunto se foi só porque estava muito dominada pelo medo naqueles momentos ou se realmente há algo de errado comigo.* Por que ainda não estou pronto para fazer nada além de beijar?

****

O dia seguinte é perfeito. Tomo café da manhã com toda a família Forbes e depois vou com a Lacey fazer as unhas. Depois, ela me deixa no Cal's Coffee Shop para almoçar com o Robin. Ele é um perfeito cavalheiro — abre portas e puxa cadeiras. Também é carinhoso, segura minha mão e beija meus nós dos dedos. Ele diz coisas bonitas, e a noite passada já está praticamente esquecida.

Hoje à noite vou ao cinema com as meninas, enquanto o Robin tem planos com os amigos dele. O Cam me ligou pelo menos três vezes desde ontem à noite para "saber" como eu estava. É o primeiro fim de semana que passo em algum lugar que não seja a casa dele, enquanto meus pais estavam viajando. Também é a primeira vez que durmo na casa dos Forbes desde que comecei a namorar o Robin. O Cam ficou preocupado quando eu disse que ia dormir lá, mas eu desconversei. Agora eu entendo a preocupação dele.

Robin ainda está dormindo quando chegamos do cinema. Troco de roupa e me deito na cama, mas não consigo dormir. Ainda estou apreensiva por causa da noite passada.

Algum tempo depois da meia-noite, minha porta se abre de repente. Prendo a respiração.

"Você está acordada, Bela Adormecida?", pergunta Robin, arrastando as palavras.

Eu não me mexo. Mantenho os olhos fechados, pensando no que devo fazer. Minha cama afunda quando ele se senta ao meu lado. Sinto seus dedos afastarem os cabelos do meu rosto e percebo sua respiração quente enquanto ele se inclina e deposita um beijo suave em minha testa.

Robin não vai embora. Em vez disso, se aconchega na cama comigo, por cima das cobertas, e se deita atrás de mim. É uma sensação agradável, mas ainda estou ansiosa. Seus lábios roçam minha bochecha.

"Por favor, não fique brava comigo, meu bem", ele sussurra, e parece tão sincero que eu abro os olhos. Ele não percebe.

Robin se senta, mas antes que ele possa sair, eu o impeço.

"Ei", sussurro.

Ele se vira para mim com um sorriso incerto. "Não queria te acordar", murmura.

Eu me sento. "Você veio dar boa noite?", pergunto.

Seu sorriso se transforma em um riso aberto e ele acena com a cabeça. Quando não digo mais nada, Robin se inclina e me beija. É um beijo suave e

doce, e enquanto sua língua desliza timidamente para dentro da minha boca, eu o acolho. Não sinto nenhum cheiro de bebida alcoólica nele, o que é um alívio. Seu cheiro, porém, é diferente do que estou acostumada. Seus dedos se enroscam em meu cabelo e ele mantém minha boca contra a sua, mas suas mãos não se movem nem um pouco.

Robin termina o beijo e se afasta. "Boa noite, meu bem."

Ele se levanta e sai, e só quando começo a adormecer é que me dou conta de que o estranho aroma que impregnava nele era perfume feminino.

CAPÍTULO DEZ

Dias de hoje

Sam fingiu que a noite de terça-feira na biblioteca da escola nunca aconteceu e sou grata por isso. Tentei não pensar muito nisso. Hoje à noite tenho sessão de terapia, então posso esperar até lá para processar como a única coisa que me aterroriza acima de tudo — ser dominada por um homem, mesmo que seja apenas por um abraço — foi justamente o que conseguiu acalmar um ataque de pânico completo com a ajuda de algumas palavras de conforto sussurradas. No momento, estou preocupada principalmente com cálculo. Amanhã é a prova importante e ainda estou com dificuldades em alguns assuntos, mas Sam me garantiu que vai me preparar.

Corro na chuva até meu jipe, já que hoje é minha vez de dirigir para o almoço, mas assim que me sento no banco do motorista, percebo que não consigo me mexer. Tenho dificuldades para dirigir na chuva, então pergunto a Carl se ela se importaria de dirigir e ela concorda sem hesitar. Carl percebeu alguns dos meus problemas, embora não tenha visto nada parecido com um ataque. Contei a ela que passei por algumas coisas no ano passado com as quais ainda estou lidando — a mesma coisa que contei inicialmente para Sam — e ela tem sido compreensiva. É bom ter amigas de verdade, e embora ninguém jamais possa substituir o que Cam e eu tínhamos, nunca na minha vida tive amigas que eu realmente acreditasse que se importassem comigo. Não é algo que eu considere garantido.

Saio do carro para deixar Carl entrar no banco do motorista, e Sam me alcança enquanto dou a volta no carro para me dizer que precisa levar a irmã a uma consulta médica depois da aula, então não pode me encontrar na biblioteca. Respondo que vou mandar uma mensagem para ele resolver isso e pulo rapidamente para o banco do passageiro antes que eu fique completamente encharcada.

Enquanto Carl dirige até a lanchonete, pego meu celular.

E quanto à prova de cálculo ? Mandei uma mensagem para o Sam.

Posso te encontrar depois.

Mas minha sessão de terapia é às cinco e meia.

Antes que eu pudesse responder, paramos em frente à lanchonete e vi Sam saindo do carro de Andrew com Tuck e Dave, então corri até ele.

"Droga, Ror," ele murmura enquanto tira o casaco e o coloca sobre nossas cabeças para nos proteger da chuva. "Você não tem um casaco ou um guarda-chuva ou algo assim?" ele repreende.

"Não, *pai* , é só uma chuvinha", brinco, e nós dois ficamos tensos, cientes de que "pais" é um assunto delicado para nós dois, e a verdade é que chuva também é um assunto delicado para mim . não é *Um assunto delicado para mim?*

Assim que entramos sob o toldo, Sam sacode a jaqueta encharcada e eu espero por ele.

"Tenho uma consulta médica às cinco e meia. Não posso faltar", digo.

"Tenho que levar a Bits às quatro e buscá-la às cinco", ele responde.

"'Bits' é algum apelido", observo, e Sam me cutuca com o cotovelo.

"Ei. Eu não conseguia dizer 'Beth' quando ela nasceu. Eu tinha só três anos, então a chamava de 'Bits'. Acabou pegando, me dá um desconto, tá?"

Eu rio. Pelo menos é uma explicação razoável.

"Então, quer se encontrar lá pelas sete? Você poderia vir jantar aqui em casa. Minha mãe estará lá, e *o Bits* adoraria te conhecer", ele oferece enquanto abre a porta para mim.

Eu penso nisso. Se for um jantar em família, não ficaremos sozinhos e, na verdade, depois do meu surto na biblioteca, o fato é que Sam me *teve* a sós. Se ele quisesse fazer algo a respeito, se aproveitar da situação de alguma forma, já teria feito. É óbvio que ele não tem nenhum interesse romântico ou sexual em mim. Não, ele não se sente atraído por mim. Mas, claro, eu já sei disso, ele deixou bem claro desde o primeiro dia que só me queria como amiga, e isso deveria me confortar, eu sei. Ignoro a pequena pontada de decepção que aperta meu peito e me lembro de que amizade é tudo o que eu também quero. É tudo o que consigo suportar. Isso se você puder chamar de "suportar" acusá-lo de me atrair para um lago para fazer sexo exibicionista e, agora, de me prender intencionalmente em uma biblioteca deserta. Pela milésima vez, me pergunto por que ele me quer como amiga, afinal. Talvez haja algo de errado com *ele*.

E que coisa mais absurda é eu estar procurando algum defeito para explicar o fato de Sam querer ser meu amigo?

Não consigo acreditar que estou começando a confiar em um cara, mas estou. Também tento não pensar muito no fato de que, se a irmã dele quer me conhecer, significa que ele me mencionou. Não sei por que isso me agrada. Somos amigos. É normal que ele tenha me mencionado de passagem. Só espero que não tenha sido em uma conversa casual sobre como eu surtei e praticamente o acusei de tentar me armar uma cilada e me agredir.

A verdade é que estou curiosa sobre a irmã dele. Aliás, estou curiosa para saber tudo o que puder sobre o Sam. Afinal, ele sabe mais sobre mim do que qualquer pessoa, além da minha mãe e do meu psiquiatra. Jantar na casa dele não me parece uma má ideia.

"Tá bom, mas é melhor você me preparar para essa prova", aviso, cutucando-o de brincadeira no peito com o dedo indicador. Droga, é musculoso. Como o resto dele.

"Sim?", pergunta ele, esperançoso.

"Sim", confirmo, e Sam sorri triunfantemente.

Há pouco mais de um mês, eu disse a ele que não conseguiria ficar na casa dele, mesmo com a família presente, e sei que ele sabe que há um significado no fato de eu estar concordando em fazer exatamente isso. Ele não diz mais nada a respeito. Em vez disso, casualmente, passa o braço pelos meus ombros enquanto ambos procuramos nossos respectivos grupos de amigos no restaurante.

"Ali," Sam acena na direção de uma mesa onde nossos amigos parecem ter decidido comer juntos e começa a me guiar até eles.

Não dei muita importância ao braço de Sam em volta de mim até que Carl me lançou um olhar furtivo e desconfiado, acusando-me silenciosamente de ter um caso secreto com Sam. Revirei os olhos antes de me aconchegar ao lado dela na cabine, com Sam logo atrás de mim.

Apenas dois minutos depois, Chelsea entra com sua amiga Lily, e Dave as chama para se juntarem a nós.

E fazem mesmo.

Chelsea senta-se ao lado de Sam e todos nós nos ajeitamos para abrir espaço. Dave levanta-se, pega uma cadeira e a coloca na cabeceira da mesa para dar lugar a Lily.

Carl e Tuck trocam flertes enquanto Chelsea conversa animadamente com Sam, certificando-se de ter toda a sua atenção. Andrew come com uma mão só para poder manter Tina por perto, com o braço em volta dela. Dave está paquerando Lily, que pisca os cílios e joga o cabelo para trás, claramente receptiva ao que quer que Dave esteja oferecendo.

De repente, sinto-me como um peixe fora d'água. Invisível novamente. E, por algum motivo, isso me incomoda neste momento.

Todos estão falando sobre o feriado de primavera. Aparentemente, o tio do Sam ocupa um cargo importante na rede de hotéis W e está oferecendo acomodações de luxo para todos — nada a ver com os alojamentos típicos de estudantes em férias de primavera. Eu sabia que a família do Sam era rica, mas isso é que é um luxo! Uma imagem da Chelsea de biquíni fio dental flertando com o Sam sem camisa na praia me vem à mente sem que eu a procure.

"Acho que mudei de ideia sobre vir", deixei escapar sem pensar.

Puta merda. O que há de errado comigo?

Carl grita de empolgação e Chelsea finge um sorriso satisfeito, mas Sam é o primeiro a falar. "Sério?", pergunta ele.

Dou de ombros. "Estive pensando no que você disse. Sobre só ser veterano uma vez." Me arrependo imediatamente desse desabafo repentino. Principalmente dessa última parte, em que acabei de admitir, na frente da Chelsea, que a Sam tentou me convencer a vir, e ela está irritada, eu percebo. *Ótima maneira de passar despercebida por ela, Rory.*

"Vamos, Ror. Vai ser divertido, eu prometo", diz Sam.

"Não sei se minha mãe vai deixar", volto atrás, embora *seja* a verdade. "E tão perto das férias, duvido que haja quartos de hotel ou voos disponíveis..."

"Você pode ficar comigo e com a Tina. De qualquer forma, a Tina provavelmente vai ficar no quarto do Andy", provoca Carl, e Tina cora e puxa o rabo de cavalo de Carl em represália.

"Eu... precisaria de um quarto só para mim... tenho problemas para dormir", explico, dando de ombros.

"Quem está *dormindo* ?" Carl responde: "São as férias de primavera! Estamos lá para festejar, não para dormir!"

Reviro os olhos, mas debaixo da mesa, sem que os outros vejam, Sam aperta meu joelho. Encaro-o.

"Eu cuido disso", ele sussurra no meu ouvido.

Ele não tem como saber dos meus pesadelos, mas de alguma forma entende o quanto é importante para mim ter meu próprio quarto de hotel. Isso se eu conseguir convencer minha mãe a me deixar ir, e isso só se eu mesma decidir que realmente quero ir.

Carl e Tina passam o resto do almoço tentando me convencer a ir, enquanto Chelsea começa a dar descrições detalhadas dos maiôs que comprou, numa

tentativa, pelo menos para mim, transparente de monopolizar a atenção de Sam. O desinteresse de Sam me agrada infinitamente.

Fico constrangida quando, do nada, Chelsea pergunta por que eu não me troco no vestiário para a aula de educação física, a única aula que tenho com ela. Percebo que Sam a encara com raiva, mas apenas dou de ombros.

"Prefiro me trocar no banheiro. Privacidade", murmuro. Carl tenta mudar de assunto, mas Chelsea insiste.

"Mas é claro que há cabines de banheiro no vestiário", ela interrompe Carl. Não sei o que ela está tramando, mas é óbvio que está tentando me colocar numa situação desconfortável, provavelmente para o bem de Sam. Mas se ela está tentando mostrar a Sam que tem algo de errado comigo, a piada é com ela. Ele já sabe.

"A gente devia voltar pra escola", diz Sam, numa tentativa descarada de dispensar Chelsea. Ele até vira as costas para ela. "Te vejo lá em casa pra jantar, Rory?", confirma.

Assenti com a cabeça. Sei que ele estava tentando defender-me de alguma forma, mas não sei qual era esse ponto. Isso só a teria irritado ainda mais, e embora uma pequena parte de mim sinta uma certa satisfação por Sam ter feito questão de mostrar a Chelsea que sou amiga dele, a maior parte de mim só queria que ele tivesse parado por aí dizendo que *deveríamos voltar para a escola.*

Naquele dia, matei aula de educação física e fui para casa um período mais cedo. Preparei um lanche e trabalhei na minha redação de inglês. Inquieta, saí um pouco mais cedo do que o habitual para chegar a tempo para a minha consulta das cinco e meia. Às cinco e meia, assinei a lista de presença e, como sempre, me perguntei por que eles ainda mantêm uma lista de presença se a removem após cada paciente para garantir a confidencialidade. Estava lendo no meu tablet quando a porta da frente se abriu e, para meu espanto, Sam entrou.

Fiquei boquiaberto. *Que diabos ele está fazendo aqui*?

"Rory?" ele pergunta. Ele parece tão confuso quanto eu.

Nesse instante, a porta do consultório do Dr. Schall se abre e sai uma garota de uns quinze ou dezesseis anos, e embora ela tenha cabelos loiros, seus inconfundíveis olhos azuis-escuros me dizem imediatamente quem ela é.

"Oi, Sammy", ela murmura com indiferença. Ela não parece ser uma garota que tentou se matar no último ano, mas talvez eu também não pareça ser quem realmente sou.

"Ei, Bits", ele responde suavemente. E eu entendo. *A consulta médica de Bits* . Engulo em seco, ansiosa.

"Bits, esta é a Rory, minha amiga de quem te falei. Rory, esta é minha irmã."

Bits parece confusa e talvez um pouco irritada. Percebo que ela provavelmente pensa que Sam me trouxe para buscá-la, e isso seria uma invasão de privacidade bastante grave, já que este é claramente o consultório de um terapeuta.

"Eu... tenho uma consulta com o Dr. Schall. Às cinco e meia", explico nervosamente.

Isso é muito constrangedor. Lembro-me de que Sam já sabe que tenho

problemas. Ele viu meu frasco de remédios, obviamente foram prescritos por um médico.

E eu nem conheço a Bits, e de qualquer forma, ela obviamente também tem problemas. Ela não me julgaria, né?

Ela relaxa visivelmente com a minha explicação. "Que coincidência", diz ela com um sorriso caloroso. Sam e eu continuamos com os olhares fixos um no outro, mas nenhum de nós diz nada. Será que ele sabe que o Dr. Schall é especialista em adolescentes vítimas de violência e abuso? *Meu Deus*, é *claro* que sabe! Ele *deve saber.* A irmã dele consulta com ele, e obviamente a família dela — uma família rica que podia pagar qualquer médico que quisesse — pesquisou bastante antes de escolhê-lo. Um dos motivos pelos quais minha mãe entrou para a grande clínica foi porque o plano de saúde deles cobria os serviços dele. Relembro algumas das coisas absurdas que eu disse ou fiz na frente do Sam desde que nos conhecemos e percebo que ele provavelmente já deduziu que sou vítima de *alguma coisa.* Me ver aqui não deveria mudar nada, mas, *meu Deus, por que ele não diz nada?*

"Você vai jantar conosco, não é, Rory?", pergunta Bits, numa clara tentativa de quebrar o gelo. Eu me viro para ela e forço um pequeno sorriso.

"Hum, sim. Depois da minha, hum, consulta. O Sam me dá aulas particulares de cálculo e temos uma prova importante amanhã", explico.

"Ótimo, estou ansiosa", ela responde e começa a caminhar em direção à porta. O Dr. Schall sai do consultório e aperta minha mão. Levou algumas sessões até que eu me sentisse à vontade para apertar a mão dele, mas ultimamente tem sido tranquilo.

"Entre, Rory", ele convida.

"Sim, eu também. Até mais", murmurei de volta para Bits. Sam continuava apenas me encarando.

"Hum, até mais, Ror", ele murmura antes de seguir sua irmã para fora da porta.

****

A chuva do dia diminuiu para uma garoa leve quando saí do escritório uma hora depois.

Não.

Não, não, *não! Merda!*

Deixei os faróis acesos. Quem *faz* isso? *Droga!*

Destranco meu jipe e entro. Insira a chave na ignição, rezo e dou a partida.

Por favor, por favor, por favor...

Meu motor ruge, mas não pega.

Tento de novo. *Merda.*

Minha mãe vai trabalhar até tarde hoje e só chega em casa às oito. Bom, eu não posso ficar aqui fora, porque não consigo ficar sozinha, nem mesmo no carro, à noite.

Está escuro. E desolado.

Ok, Rory, não entre em pânico.

Volto correndo para dentro do escritório, mas só consigo chegar ao saguão. A porta está trancada. Toco a campainha, mas ninguém responde, e depois de tentar mais duas vezes e bater na porta até meus nós dos dedos doerem, percebo

que o Dr. Schall e sua recepcionista devem ter saído pela porta dos fundos. Eu tinha me esquecido da porta dos fundos. Pego meu celular para ligar para Carl, mas acabo discando para Sam.

"Rory?" ele responde.

"Oi", cumprimento, tentando manter a calma. Respiro fundo para me acalmar. "Olha, deixei os faróis acesos e meu carro não pega. Ainda estou na clínica do Dr. Schall", digo com a voz trêmula. Estou tentando me controlar, mas estou com medo, e sei que ele percebe pela minha voz.

"Já estou indo, fique aí dentro." Ao fundo, ouço que ele já está a caminho, o que me tranquiliza um pouco.

"Todo mundo já foi embora. Eu não percebi quando estava tentando ligar o carro. Não consigo voltar, estou no saguão", digo um pouco menos trêmula, mas não muito.

"Vai ficar tudo bem, Rory. Fique no saguão, se tiver alguma fechadura que você consiga girar por dentro, gire. Caso contrário, fique aí dentro e eu te vejo em dez minutos, ok?"

"Certo." Tem uma fechadura, então eu a giro e relaxo um pouco mais. Sam respira fundo, audivelmente.

"Você quer que eu fique no telefone com você?", ele pergunta. E eu sei que deveria dizer não, que já estou o incomodando o suficiente esta noite por me convidar para jantar, me ensinar cálculo e agora ter que me resgatar da minha própria estupidez.

"Se não se importar", digo em vez disso, a força do meu sotaque surpreendendo até a mim mesma.

"Não me importo, Rory. Claro que não", ele responde, e continua se desculpando por ter ficado paralisado mais cedo, explicando que apenas ficou surpreso ao me ver ali.

Eu disse para ele não se preocupar e que eu também fiquei meio surpresa. Comentei que a Bits parecia legal, porque ela parecia mesmo, e ficamos conversando sobre tudo e nada enquanto ele dirigia e eu tentava não surtar. Ele falou mais sobre Miami e prometeu que não seria nenhum incômodo me arranjar um quarto só para mim. Ele até me fez algumas perguntas de matemática.

Quando ele chega, me instrui a esperar até que ele chegue à porta para destrancar a fechadura, e eu obedeço. Só desligo o telefone quando ele está bem na porta, e não sei porquê, mas assim que saio do hall de entrada, sem pensar duas vezes, me jogo em seus braços e eles me envolvem imediatamente.

Agora, finalmente, posso relaxar.

"Obrigada", murmurei, me afastando do nosso abraço.

"Sem problema, Ror. Vamos, esqueci o guarda-chuva quando saí correndo", diz ele, pegando minha mão e me conduzindo em uma corrida apressada até sua Escalade.

Quando estamos em segurança dentro do carro, me viro para olhá-lo, registrando vagamente que estou sozinha, em um carro, com um cara, e que não estou com medo. Isso é um gatilho para mim. Um gatilho enorme. E, no entanto... nada.

"Sinto muito mesmo por isso", murmuro. *Droga* , estou soando tão sulista, tão *donzela em apuros* , e é a última coisa que quero parecer na frente dele.

"Acontece, não é nada demais. Mas eu não tenho cabos de ligação no meu carro e está chovendo muito forte lá fora. Você se importaria de deixar seu carro aqui durante a noite?", ele pergunta.

"Acho que sim, mas e a escola?"

"Eu te levo de carro."

****

Chegamos à sua casa colonial de tijolos vermelhos pouco depois das sete. É uma casa muito bonita. Grande, mas não exageradamente grande. Um lustre de cristal tradicional francês enfeita a enorme janela com vista para a porta da frente de mogno, que está aberta atrás de uma porta de vidro com tela. Estou me sentindo desarrumada, e tenho certeza de que aparento isso também. Minhas roupas e meu cabelo estão úmidos por causa da chuva, o que não é nada ideal para conhecer a família de Sam. Sam continua dirigindo até a lateral da casa e entra na garagem, sem dúvida por causa da chuva.

Saio do carro e dou uma olhada ao redor. Sem dúvida, foi projetado e organizado profissionalmente. Placas de borracha pretas e brancas cobrem o concreto, fazendo com que a garagem pareça um cômodo da casa. As paredes laterais e do fundo são todas revestidas com armários planejados e há também um enorme refrigerador Subzero para festas.

Sam pega na minha mão e me conduz pelos três degraus até o que presumo ser o corredor dos fundos. Ele contorna uma esquina, passa por um quarto e um banheiro social, e chega direto à cozinha, que tem um cheiro delicioso, mas está vazia.

"Mãe! Bits!" Sam grita. "Chegamos!"

Passos abafados vêm de cima e descem a escada dos fundos ao lado da cozinha, e a irmã de Sam aparece.

"Oi, pessoal, a mamãe está falando com a tia Cathy agora mesmo, ela já vem", diz ela. "Que bom ver vocês de novo. Só para vocês saberem, o Sam e a mamãe são as únicas pessoas que me chamam de Bits. Meu nome verdadeiro é Beth", diz ela com um sorriso amigável.

"Bom, é um prazer te conhecer, Bits, Beth, como preferir", respondo.

Ela dá de ombros. "Honestamente, para mim não faz a menor diferença como você me chama."

"Eu gosto de Bits", admito.

"Eu também", ela responde, com um sorriso cúmplice. "Vou preparar a comida. Talvez o Sammy possa te mostrar tudo", sugere, e eu rio.

"Claro, *Sammy* , seria ótimo", provoco com um sorriso inocente, piscando os cílios para ele.

Sam revira os olhos e passa o braço pelo meu ombro para me guiar para fora da cozinha, por outro corredor. "Ela gosta de você", murmura. "Ela geralmente não é tão aberta com pessoas novas."

"Eu também gosto dela."

Sam me mostra o hall de entrada principal, que leva de um lado a uma sala de jantar formal e, do outro, a uma sala de estar. Logo atrás, há uma grande sala integrada, algo que minha casa — ou qualquer uma delas — certamente não tem. A decoração é toda em estilo de transição, com móveis e objetos tradicionais e toques contemporâneos. Ou foi decorada por um profissional, ou a mãe de Sam

tem um talento especial para design de interiores.

Quando voltamos para a cozinha, Bits ainda está ocupada preparando a comida. "Quase pronto, vão mostrar para ela lá em cima, vai ficar pronto quando vocês terminarem", ela grita para nós sem olhar.

Sam olha para mim com curiosidade.

" *Cálculo* ", murmuro. A verdade é que acho que ficaria bem andando sozinha com ele lá em cima, de verdade. Mas não tenho certeza, *não posso* ter certeza, talvez *nunca* tenha, e não posso arriscar ter um ataque de pânico esta noite. Não aqui. E por isso, uso nossa palavra de segurança.

"Ah, você terá bastante tempo para estudar depois do jantar", Bits murmura displicentemente, e Sam e eu trocamos sorrisos cúmplices. Escolhi uma boa palavra de segurança.

A mãe de Sam aparece na esquina, vinda do hall principal, e se apresenta como Elaine Caplan. Ela é absolutamente linda, mas, olhando para os filhos dela, eu não esperaria menos. Bits herdou o cabelo loiro da mãe, mas o de Elaine é na altura dos ombros e em camadas, e seus olhos são castanhos, parecidos com os meus.

Ela nos convida para sentar à mesa da cozinha e me serve peito de frango com arroz pilaf e legumes cozidos no vapor. Está realmente muito bom. Conversamos sobre a escola, e eles fazem poucas perguntas sobre minha vida antes de eu me mudar para cá, e eu me pergunto se Sam os avisou para não se intrometerem no meu passado. Não sei se fico grata ou irritada, caso ele tenha feito isso.

Estudamos na sala de jantar depois do jantar e, quando Sam me garante uma nota de noventa ou mais, eu já estou meio exausto. Meu telefone vibra.

Droga, é minha mãe. São quase dez horas e eu não ligo desde que ela me ligou quando chegou em casa, lá pelas oito e quinze, e eu contei sobre o meu carro. O Sam está juntando nossas provas de prática enquanto eu atendo.

"Oi, mãe. Estou bem, só estou terminando agora", respondo.

"Rory, você sabe o quanto eu fiquei preocupada? Estou ligando há trinta minutos!" ela grita, visivelmente estressada. Minha mãe costumava ser uma mãe totalmente tranquila. Ela se empolgava muito com clientes e causas, mas confiava em mim incondicionalmente. E embora eu ache que ela ainda confie *em mim* na maior parte do tempo, meu julgamento é outra história.

Ela ficou verdadeiramente chocada ao descobrir o que tinha acontecido, o que vinha *acontecendo* há tanto tempo bem debaixo do seu nariz. Sei que, de muitas maneiras, ela se culpou. *Se culpa* . Não tanto quanto culpa meu pai, e acho que isso, na verdade, ajudou a diminuir o sentimento de culpa. Mas, no fim das contas, desde que tudo veio à tona, ela tem tentado compensar o tempo perdido, por assim dizer. Ela me liga a cada duas horas quando estou fora, enquanto antes passávamos dias inteiros sem nos falar. Ela faz questão de estar em casa para jantar comigo na maioria das noites da semana, a menos que precise trabalhar até tarde, enquanto antes eu jantava sozinha ou na casa ao lado com o Cam.

"Desculpe, eu estava estudando. Eu já te disse. Meu celular estava no modo vibratório dentro da minha bolsa. Eu não ouvi", explico.

" *Meu Deus*, Rory. Tenho imaginado todo tipo de coisa. Eu nem conheço

esse tal de *Sam* ! Como eu vou saber-"

"Mãe, calma. O Sam é meu amigo, tá bom? Eu já te disse. A gente nem está sozinha. Eu estou bem. Juro", eu a tranquilizo. *De mãe permissiva a mãe superprotetora em menos de um ano* .

Consigo ver que Sam está me olhando pelo canto do olho e, embora esteja tentando fingir desinteresse em uma conversa que claramente gira em torno dele, sei que ele ouve cada palavra — pelo menos a minha.

Minha mãe suspira. "Tudo bem, por que você não me dá o endereço dele e eu vou te buscar?"

"Está tudo bem, mãe, eu te disse que ele me levaria para casa."

"Aurora, aquele menino passou a noite toda te resgatando de uma bateria de carro descarregada e te ensinando matemática, dá um desconto para ele-"

"Só um segundo!" Eu a interrompi. Ela está me deixando louca. Odeio quando ela me chama de "Aurora", me lembra muito do meu pai. E a verdade é que me sinto culpada, porque essa não é ela. Essa não é a Amy Pine com quem eu cresci. Essa é uma mulher que teve o chão arrancado debaixo dos pés da pior maneira possível, tudo por minha causa, e que perdeu o marido e a casa por causa das consequências. E ela tem razão sobre eu ser um peso para o Sam também.

Dou uma espiada em Sam, que desistiu de fingir que não está prestando atenção. "Tudo bem?", ele pergunta hesitante.

Eu concordo com a cabeça. "Sim, minha mãe está me dando uma bronca por incomodar as pessoas. Ela quer vir me buscar para evitar que você precise dirigir, mas eu nem sei o endereço daqui", respondo.

Sam revira os olhos. *"Imponente?* Não seja ridícula, você mesma acabou de dizer: *'Sayum é minha amiga, tá bom?'* ", ele provoca com uma voz exageradamente sulista, imitando a de Rory, que soa mais como Scarlett O'Hara do que eu. Dou uma risadinha e cubro o microfone do meu celular.

"Não me importo de te levar de carro, de verdade", acrescenta ele sinceramente.

"Sim, mas você também tem que me levar para a escola de manhã, minha mãe sai muito cedo para chegar à cidade para trabalhar."

Sam deu dois passos largos e, de repente, está bem na minha frente. Ele colocou a mão delicadamente no meu braço. "Vou te levar para casa, como prometi, e amanhã te levo para a escola, como também prometi. Se eu fosse o Carl, você não diria que é um incômodo, e se você fosse o Tuck, estaria me pedindo para te levar ao drive-thru para comprar comida para viagem no caminho."

Eu o encaro, confusa, porque sei que ele está certo, e ele lentamente pega meu celular da minha mão e começa a se apresentar para minha mãe, garantindo que não é nenhum incômodo me dar uma carona, que eu faria o mesmo por ele e que, na verdade, eu lhe fiz um favor ao obrigá-lo a estudar para a nossa prova. Quando ele me devolve o celular, minha mãe está calma e há um sorriso em sua voz.

"Até logo, querido", ela canta e desliga.

O que Sam fez com a minha mãe?

****

No caminho para casa, mais uma vez me maravilho com o quão à vontade me sinto em uma situação que, por si só, é um dos meus maiores gatilhos. Lembro-me da última vez que estive sozinha em um carro com um homem — quando o xerife Chipley, pai de uma amiga minha, me deu uma carona para casa do escritório em maio passado. Entrei em pânico. Quando ele estacionou em frente à minha casa, tentei abrir a porta, mas estava trancada. Quando me virei para ele, ele estava de frente para mim, sem sair do carro como eu esperava. Em retrospectiva, é provável que ele estivesse apenas se preparando para me oferecer algumas palavras de conforto, já que acabou sendo uma das poucas pessoas que realmente me apoiaram depois do ocorrido, mas naquele momento tudo o que eu sentia era puro terror. Cheguei a dar um tapa nele, gritei, chorei, hiperventilei e acabei passando a noite no hospital.

Mas agora, sozinha com Sam, que aparentemente tem muito em comum com Robin, não sinto medo algum. Porque acredito que, por dentro, Sam e Robin não poderiam ser mais diferentes. Sam está aos poucos conquistando minha confiança — algo que há pouco mais de um mês eu jamais imaginaria ser possível — e sorrio ao pensar nisso.

"Por que esse sorriso secreto?", pergunta Sam, me tirando dos meus pensamentos. Olho para ele e o observo por um instante antes de decidir simplesmente lhe contar a verdade.

"Eu venci um gatilho", respondo com orgulho.

"Ah, é? Qual deles?"

"Estou no carro com você. Sozinha. E não estou em pânico. Nem mesmo com medo", admito, sem conseguir esconder a autossatisfação na minha voz. Na verdade, pareço até arrogante. Sam continua olhando de mim para a estrada.

"Esse gatilho era específico para mim? Ou para outros homens? Ou para ficar sozinho com alguém?", ele pergunta.

"Pessoal. Homens. Ficar sozinha com um cara em geral é... bem, faz quase um ano que não fico sozinha com um cara. Exceto com você, obviamente. Mas num carro... para ser sincera, nunca pensei que conseguiria fazer isso de novo. Nunca", admito, me perguntando por que me sinto tão compelida a respondê-lo quando ele me faz uma pergunta, mesmo uma tão pessoal.

Sam pondera minhas palavras e acena com a cabeça. "É a palavra de segurança... Viu? Eu disse que ia funcionar. Você se sente confortável porque sabe que se eu fizer alguma coisa para te incomodar, basta dizer uma palavra e eu paro", explica ele.

Reflito sobre a explicação dele e concluo que, embora a palavra de segurança tenha definitivamente ajudado da maneira que ele descreveu, na verdade funcionou mais como um facilitador do que qualquer outra coisa. Porque, embora eu não tivesse "cálculo" para dizer antes, eu ainda tinha "não", "pare" e todas as outras, e sei melhor do que ninguém que, com a pessoa errada, nenhuma palavra, de segurança ou não, vale nada.

"Não é só a palavra de segurança, e você sabe disso", sussurro.

Paramos num semáforo vermelho e Sam está me olhando atentamente. "Como eu disse, você é mais forte do que pensa, Ror", ele responde.

Dou de ombros e desvio o olhar. Ainda não tenho certeza se ele está certo sobre isso. Quando o sinal fica verde novamente, os olhos de Sam voltam para a

estrada e ele segue dirigindo.

"Você vem à casa do Andrew amanhã à noite? Acho que vai ser algo mais tranquilo, não uma festinha", ele muda de assunto.

"Não, não posso. Uma amiga da minha mãe vai nos visitar e vamos jantar fora", explico. Uma das amigas mais próximas dela, da infância, está vindo da cidade e minha mãe está muito animada. Mesmo trabalhando em Manhattan, minha mãe raramente tem tempo para sair; geralmente, ela trabalha durante o almoço ou tem reuniões com clientes.

"Você e sua mãe são bem próximas, né? Quer dizer, você sempre diz que precisa jantar com ela..."

Ele tem razão. Janto com ela quase todas as noites da semana, e já usei isso como desculpa várias vezes para evitar eventos sociais. "Nós só temos uma à outra", explico, dando de ombros. "Ela abdicou da vida inteira por mim. Eu sou o motivo do divórcio deles — dos meus pais, quero dizer — o mínimo que posso fazer é jantar com ela."

"Então temos isso em comum", responde Sam baixinho após uma pausa tensa. Viro-me para ele, perplexa, o que ele percebe quando me olha de relance. "Meu pai também foi embora por minha causa."

Eu balanço a cabeça negativamente. "Não, estou falando sério. Eu sou o único motivo do término deles. Foi completamente minha culpa... ela estava do meu lado, ele não. Ela abdicou da carreira, da casa, do casamento, de tudo, só para me tirar de lá."

Sam para em outro sinal vermelho e vira o corpo todo na minha direção. Ele lambe o lábio inferior, me distraindo. Ele tem lábios fascinantes. Carnudos. Rosados. Eu pisco algumas vezes para me impedir de pensar essas coisas sobre alguém que deveria ser meu amigo.

"A última vez que meu pai bateu na minha mãe, ele quebrou o nariz dela. Eu tinha treze anos. Grande para a minha idade. Pela primeira vez, revidei. Bati nele várias vezes. E aí eu mandei ele arrumar as coisas e ir embora, e que se ele voltasse, a cidade inteira ia saber que ele era um escroto, inclusive a polícia." A voz de Sam é mortalmente baixa. "Então, é, ele foi embora por minha causa. Eu sou o motivo do divórcio deles."

Engulo em seco, nervosa. Fico impressionada com a confissão de Sam de que seu pai era fisicamente abusivo com sua mãe. Elaine parece tão normal, tão centrada. Eu jamais a imaginaria como vítima. Isso também explica um pouco mais sobre a Bits. Ela procurar um cara mais velho para namorar e sua reação extrema quando ele a abandonou. *Meu Deus,* tudo isso deve ter sido muito difícil para ela. E para o Sam também. Imagino quantas vezes ele teve que presenciar o próprio pai agredindo a mãe, e ele era apenas uma criança.

"Sinto muito", murmurei.

Sam balança a cabeça. "Não fique assim. Estamos melhor sem ele", ele repete minhas próprias palavras.

Assinto com a cabeça. Ainda estou atordoada com o fato de Sam estar se abrindo comigo. Passei tanto tempo me sentindo um fardo para ele e me perguntando o que ele ganha com essa amizade. Assim como quando ele me contou sobre Bits, essa confissão sobre o pai dele me dá a chance de estar presente para ele. De retribuir.

"Posso te perguntar uma coisa, Ror?" ele pergunta baixinho. Eu o encaro com cautela, mas aceno com a cabeça. "Seu pai... te machucou?"

Respiro fundo e balanço a cabeça. "Não da maneira que você está pensando."

"Como então?"

Fico em silêncio por alguns instantes. O carro está estacionado, no meio da rua, vazio numa noite de dia de semana. "Ele não me protegeu. Ele não me ajudou. Ele me *culpou* ..."

"Não te protegeu de quem, Rory? Te culpou por quê?"

Encaro Sam com raiva. Não sei como chegamos a isso. Ele sabe tanta coisa, mas também não sabe absolutamente nada, e não tenho certeza se *quero* que ele saiba. Quando souber, ele vai me olhar diferente, disso eu tenho certeza. E daí se ele já deduziu que sou vítima de *alguma coisa?* Ele provavelmente pensa que alguém me bateu, como o pai dele fez com a mãe dele. E acho que seria melhor deixá-lo pensar assim.

" *Cálculo* ", sussurro, percebendo que meus olhos estão marejados. Sam parece magoado, e não sei se ele está chateado por eu ainda não ter me aberto com ele ou chateado *por* mim.

De repente, o som de uma buzina de carro ecoa atrás de nós. O sinal tinha ficado verde e não tínhamos percebido. Sem dizer uma palavra, Sam engata a marcha e continua me levando para casa.

Quando ele para em frente à minha casa, a porta da frente está aberta e minha mãe está parada na entrada. Ela pode até confiar no Sam para me levar para casa, mas com certeza não vai deixá-lo sozinho comigo dentro de um carro estacionado. Sam me impede antes que eu abra a porta do passageiro.

"Desculpe, Rory. Não quero ser intrometida, eu só... Você sabe que pode conversar comigo, né? Se quiser, claro. Pode me contar qualquer coisa, eu prometo que não vou repetir. Só quero estar aqui para você, tá bom? Eu me importo com você."

Ele me encara atentamente enquanto processo suas palavras. Elas me surpreenderam, e não sei por quê, porque acho que já as considerava verdadeiras. A questão é que eu *conversei* com ele. Eu converso com ele, *sim* . Mais do que com qualquer outra pessoa que não seja minha mãe ou que não seja paga para me ouvir. E sei que posso confiar nele; sei que ele não repetiu nada do que eu lhe disse. Sei disso sem que ele precise me dizer.

Acho que foi ouvi-lo dizer que se importa comigo que me tocou. Lembro-me de ouvir Robin dizer as mesmas palavras. Lembro-me de me perguntar exatamente o que elas significavam e de acreditar nelas simplesmente porque ele as havia dito. Eu acreditava em muitas coisas simplesmente porque Robin as dizia, não apenas sobre os sentimentos dele, mas também sobre os meus. Mas não sou mais a mesma garota ingênua de um ano atrás. Nem de longe.

No entanto, com Sam, as palavras parecem supérfluas. Suas ações já provaram que ele se importa comigo — que ele é um bom amigo. E percebo que também me importo com ele. Muito.

"Eu sei", sussurro finalmente.

Sam acena com a cabeça uma vez e então sigo seu olhar para trás, onde minha mãe acena da porta, obviamente curiosa para saber o que está nos

atrasando. Antes que eu perceba, Sam sai do carro e dá a volta para abrir a porta do passageiro para mim. Saio e estou prestes a lhe dar boa noite quando ele começa a me guiar pelo caminho até minha casa.

"O que você está fazendo?" Eu respiro fundo.

Sam sorri ironicamente. "Acompanhando você até a porta, é claro. Você teve que conhecer *minha* mãe..."

Oh, Jesus.

Sam estende a mão para minha mãe e se apresenta.

"Olá, Sra. Pine. Sou Sam Caplan, amigo do Rory, prazer em conhecê-la", diz ele educadamente. Reviro os olhos para tanta formalidade.

"Ah, oi. Sou *a Sra* . Pine, mas pode me chamar de Amy", ela responde. Ela parece um pouco sem jeito e eu a encaro com os olhos semicerrados. Se não me engano... minha mãe está *corando?* Volto a olhar para Sam e me permito admirá-lo. Ele é realmente lindo. Seus olhos azuis-escuros brilham na penumbra do entardecer, aquela covinha incrível sempre presente em seu sorriso encantador. Tudo bem, eu não a culpo.

"Espero que você considere deixar a Rory vir com a gente nas férias de primavera", ele diz, e eu o encaro com um olhar mortal. Eu nem mencionei isso para a minha mãe ainda. As sobrancelhas dela quase saltam para fora da testa e ela me encara. *Ótimo, lá vou eu...*

"Eu iria com o Carl e a Tina. O Sam e os amigos dele também vão", explico. Minha mãe não diz nada; consigo vê-la remoendo a situação e imaginando todas as coisas horríveis que poderiam acontecer, nenhuma delas pior do que as que já aconteceram.

"Meu tio trabalha no ramo da hotelaria. Ele está conseguindo um ótimo preço para nós no hotel. Na passagem aérea também. Não seria problema nenhum incluir a Rory", oferece Sam, mas minha mãe o encara com hostilidade, qualquer efeito de seu charme tendo sido anulado pela preocupação com a filha. O sorriso de Sam vacila. "Ela vai ficar bem. Eu vou cuidar dela. Eu... não vou deixar nada acontecer", murmura ele, com a voz hesitante.

Os olhos da minha mãe se estreitam. "Com todo o respeito, Sam, o último rapaz que fez tais promessas à minha filha não era exatamente sincero", diz ela com firmeza.

"Mãe!" repreendo. "Podemos conversar sobre isso *mais tarde?* " sussurro. Meu tom diz tudo. *Que diabos ela está fazendo mencionando Robin para Sam?* Ela não sabe que ele sabe de alguma coisa, e na verdade, ele *também não sabe.*

O telefone fixo toca e eu agradeço a interrupção.

"Aurora, pode atender?" Minha mãe pergunta, mais como uma ordem do que uma pergunta. Bufo e me viro para voltar à cozinha, onde fica o telefone fixo mais próximo.

"Não me chame assim, porra", murmurei baixinho.

"Rory!" repreende minha mãe.

"Desculpe", resmunguei.

É a Karen, amiga da minha mãe, que vem nos visitar amanhã. Ela é tagarela e me mantém no telefone por quase dez minutos, apesar das minhas tentativas de encerrar a ligação. Depois de finalmente dizer que pediria para minha mãe retornar a ligação, ela me deixa desligar. Fico surpresa quando subo

as escadas e encontro Sam e minha mãe ainda no pequeno hall de entrada, conversando. Lanço um olhar confuso para os dois e minha mãe se retira.

"O que foi isso?", pergunto a Sam.

Ele dá de ombros. "Eu só estava tentando amolecer o coração dela em relação a Miami."

Eu rio. "Boa sorte com isso."

"Vou te buscar às 8h10."

"OK."

E com isso, ele se vira e vai embora.

Fecho e tranco a porta, certificando-me de que a tranca esteja bem fechada. Nem um minuto depois, minha mãe me chama para a sala de estar, onde ela está assistindo ao The Daily Show e analisando um documento jurídico.

"Então, o que é isso sobre Miami? Você nem sequer mencionou..."

"Sobre o que você e Sam estavam conversando?", retruquei.

Ela me observa por um instante. "Quanto ele sabe?", pergunta. Não digo nada. "Rory?"

"Ainda mais agora que você disse aquilo sobre o último garoto que me fez promessas."

Minha mãe suspira. "Desculpe, Rory, eu só fiquei confusa com toda essa história das férias de primavera e com ele dizendo que cuidaria de você..."

"O que você disse para ele?", pergunto, agora preocupada.

Ela balança a cabeça. "Não foi o que eu disse, foi o que ele disse..."

Eu a encaro como quem diz "continue", e ela continua.

"Ele me contou sobre a irmã dele. Que ela também passou por momentos difíceis. Depois, disse que não sabia muitos detalhes sobre o que aconteceu com você, mas sabia que você estava magoada, embora estivesse melhor do que imaginava. Insistiu que você conseguiria lidar com a viagem com seus amigos e que ele cuidaria de você, já que está acostumado a cuidar da irmã. Parecia tão sincero... disse que obviamente alguém te traiu, e a mim também, mas que podemos confiar nele."

Sento-me no sofá, estupefata. "Ele me viu ter um ataque de pânico no meu primeiro dia de aula", sussurro.

"Você nunca me disse isso", acusa minha mãe.

"Então eu lhe dei um tapa quando achei que ele estava dando em cima de mim. Numa festa. Mas ele só estava... me protegendo. E eu o acusei de me enganar para ficar sozinha com ele na biblioteca. E tive outro ataque de fúria, mas ele o impediu."

"Ele impediu? Do que você está falando? Você quer dizer que seu remédio impediu", ela me corrige, mas eu balanço a cabeça negativamente.

"Não. Ele disse que eu não precisava de um comprimido e simplesmente... me abraçou... até eu me acalmar. E eu me acalmei. Eu estava... bem."

"Você estava *sozinha* com ele?", ela pergunta, preocupada e esperançosa ao mesmo tempo.

Eu concordo com a cabeça. "Já aconteceu algumas vezes. Ele é meu amigo. Ele não vai me machucar", murmuro, percebendo o quanto acredito nisso.

Minha mãe suspira. "Tudo bem, Rory. Por que você não vai para a cama? Conversaremos sobre essa coisa de Miami amanhã, ok?"

"OK."

CAPÍTULO ONZE

Férias de Natal, ano passado

Eu *nunca confrontei o Robin sobre o perfume. Não sei bem porquê. A questão é que ele nunca me disse que tínhamos um relacionamento exclusivo, e eu ainda não tive coragem de perguntar. Acho que tenho medo do que ele possa dizer. Por um lado, parece uma boa ideia. Pergunta ridícula. Estamos nos vendo há quase quatro meses, e agora que o Natal acabou e meus pais foram cuidar da minha avó de novo, estou ficando na casa dos Forbes por quatro dias. A Lacey me convidou, mas foi meu pai quem me disse que eu ficaria lá. Ele disse que não era certo eu dormir na casa de outro homem enquanto estou saindo com o Robin. Então, de certa forma, parece óbvio que ele é meu namorado, e tenho medo que ele ria se eu perguntar. Não tenho experiência com isso e definitivamente não quero que ele ria de mim.*

Ou ele poderia dizer que não temos um relacionamento exclusivo. Que estamos apenas saindo, não somos namorados. E acho que tenho mais medo disso. E que direito eu tenho de acusá-lo de me trair se ele nunca disse que era meu?

Eu nunca contei para o Cam o que aconteceu naquela noite no quarto de hóspedes. Ele teria ficado furioso.

Robin tem sido mais sutil em me pressionar para irmos mais rápido na maior parte do tempo. Só quando bebe é que ele fica mais agressivo. Agora que a temporada de futebol acabou, nós dois temos mais tempo livre e temos passado muito tempo juntos. Isso também significa que ele tem bebido mais. Não ficamos muito sozinhos, exceto em um dos nossos carros, e na semana passada, quando o levei para casa depois de uma festa, ele ficou especialmente atrevido. Ele me fez chorar de novo, mas passou o resto da semana tentando se redimir. Também não contei isso para o Cam.

Agora estamos todos em outra festa perto do lago. O ar da noite de dezembro está fresco, e eu já tomei duas cervejas, o máximo que já tomei. Acho que estou me sentindo um pouco tonto, mas estou pronto para ir para a cama. Lacey está dirigindo, então olho em volta para ver onde ela está, mas nem ela nem Robin estão à vista. Volto caminhando em direção ao estacionamento de terra onde todos estão estacionados e, embora não veja ninguém, ouço vozes, então as sigo. Paro quando ouço meu nome.

"A Rory tá tão gata hoje à noite, Forbes. Você tem muita sorte", diz Mark, amigo de Robin, arrastando as palavras.

Ouço uma risadinha — do outro amigo dele, Tommy. "Ele não tem sorte. Aquela garota tem cara de anjo, corpo de sedutora e a atitude de uma freira! Ele nem pega ninguém! Sorte, uma ova!" Mais risadas.

" Tentadora? *Que palavra forte para você, Tommy", Mark provoca enquanto eu coro intensamente e lágrimas começam a brotar nos meus olhos.*

"Já chega!" ruge Robin.

Caramba, ele está me defendendo.

"Seus filhos da puta, não olhem para o corpo dela. Isso é foda." Minha . *E ela não é freira, é só uma boa moça. Uma preciosidade. Não como essas suas*

vadias que abrem as pernas no primeiro encontro. Vocês acham que eu não sabia onde estava me metendo com ela? Ela é o tipo de garota com quem você casa.

Silêncio.

"Você está falando sério, Forbes?", pergunta Mark em voz baixa.

Não houve resposta verbal, mas Robin deve ter feito alguma expressão ou gesto, porque Mark assobia dramaticamente.

Eu estava prestes a dar a volta no caminhão e fingir que os tinha encontrado quando Robin falou de novo, mas baixinho. "De qualquer forma, só porque eu ainda não consegui nada com ela não significa que eu não vou conseguir nada."

Ouve-se um coro de gargalhadas estridentes e uma reverente aprovação masculina.

Meu coração para. Eu congelo. Não, ele nunca disse que tínhamos um relacionamento exclusivo, mas isso é uma traição. Dou alguns passos para trás e começo a correr para longe deles, para longe da festa, em direção às árvores que cercam o lago.

Eu estava certa sobre o perfume, eu sabia disso na hora e sei disso agora. Robin saiu, ficou com uma garota e depois subiu para ficar comigo. E ele acabou de contar para todos os amigos dele. Meu coração está em pedaços e eu não consigo respirar. Nunca me senti assim antes. Me sinto humilhada, patética, traída. Sou uma piada para eles. Sou uma piada para ele .

Não me lembro da última vez que chorei assim. Me sinto uma boba. Meu celular vibra, mas estou imóvel. Sento ao lado de uma árvore e abraço meus joelhos, apesar do vestido.

Demoro bastante para me acalmar o suficiente para olhar meu celular. Estão me mandando mensagens. Todas elas. Ignoro Lacey e Robin e leio rapidamente as mensagens preocupadas de Cam. Odeio tê-lo preocupado, e é claro que é para ele que respondo. Indico onde estou e peço que, por favor, venha me buscar e me leve para casa.

Não se passam nem cinco minutos antes de eu ouvir seus passos estalando nas folhas e galhos do chão da floresta.

"Ror?" Cam pergunta enquanto se aproxima cautelosamente de mim. Meu rosto está escondido entre os braços. "Rory, querida, o que aconteceu?" Ele está horrorizado. Sei que me ver chateada o magoa profundamente, e já faz um tempo, então me recomponho e me levanto.

"Por favor, me leve para casa, Cam", murmurei. Ele deu um passo à frente e me abraçou forte, me apertando contra o peito.

"O que aconteceu, Ror? Você precisa me contar", ele sussurra no meu cabelo.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Por favor, por favor, me leve para casa."

"Você não vai ficar com os Forbes?", pergunta ele, confuso.

Eu balanço a cabeça negativamente mais uma vez. "Eu poderia ficar com você?"

"Claro, Rory." Cam respira fundo e me solta. "Ele fez alguma coisa para te machucar?", pergunta cautelosamente, com a voz mortalmente baixa.

Não posso mentir para ele, mas também não posso deixar que ele vá atrás da Robin agora. "Não do jeito que você pensa, Cam", eu o asseguro.

"Eu vou matar aquele filho da puta", ele rosna.

Dou um passo em sua direção e agarro sua camiseta com força, absorvendo sua energia. "Eu só preciso muito que você me leve para casa agora e fique comigo. Você poderia fazer isso? Por favor?" Olho para ele por entre meus cílios e seus olhos em conflito me desfazem.

Eu não mereço ter um amigo como ele. Seus braços me envolvem novamente e me dou conta de que ele provavelmente é mais forte que o Robin. Seriam adversários próximos, mas eu apostaria no Cam numa luta. Ele é provavelmente uns dois centímetros mais alto, e seus músculos são definidos, porém fortes, e algo nele simplesmente me faz sentir mais forte. Talvez seja apenas a segurança que encontro em seus braços. Cam jamais me machucaria. Na verdade, ele mataria por mim. Eu sei disso instintivamente. Não posso deixar que ele se meta numa briga. Seria terrível.

"Sim, Ror, vamos lá." Cam me guia para fora da mata e até sua caminhonete. Quando mandei uma mensagem para ele com a minha localização, ele deve ter ido para um ponto de acesso mais próximo da floresta. Estou muito grata por não ter que voltar àquele estacionamento.

Respiro fundo e pego meu celular de novo. Preciso mandar uma mensagem para eles avisando que estou indo para casa e que tenho carona. Não menciono que vou para a casa do Cam, mas se algum deles me conhece, vai saber de qualquer jeito.

Cam permanece em silêncio enquanto nos leva para casa e me conduz ao seu quarto. Ele sabe que não deve me pressionar a falar. Ele me conhece melhor do que ninguém no mundo.

Deito-me na cama do Cam com meu vestido de verão, já que não tenho pijama aqui e não estou com vontade de ir até a casa ao lado para pegar um. Cam se oferece para vir correndo, mas não quero que ele me deixe agora. Ele está esperando que eu esteja pronta para contar o que aconteceu, mas seu maxilar está cerrado, seus punhos tão apertados que estão ficando brancos.

"Ele não me tocou, Cam", murmuro, porque sei que é isso que ele está pensando. Desta vez não . *Cam solta um suspiro, como se estivesse prendendo a respiração, e vem se sentar ao meu lado na cama, e eu me viro para ele. Ele acaricia meu cabelo.*

"O que. Ele. Fez." ele pergunta, irritado.

Eu balanço a cabeça negativamente. Agora que tive tempo para refletir sobre isso, não tenho certeza se ele fez alguma coisa.

"Ror."

Relutantemente, encaro o olhar de Cam. Ele suspira e se deita ao meu lado, e eu me viro de costas, ficando lado a lado, olhando para o teto. Já tivemos inúmeras conversas sinceras como essa. "Acho que exagerei", admito.

"Ror, eu te encontrei encolhida no meio daquela floresta, chorando histericamente. Milhares de pensamentos estão passando pela minha cabeça agora. Por favor, me diga o que aconteceu", ele implora.

"Ele nunca disse que tínhamos um relacionamento exclusivo. Eu nunca perguntei."

"Ele te traiu?", pergunta Cam.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Ele não pode me trair se não for meu namorado."

"Você está saindo com ele há meses, é claro que ele é seu namorado!" Cam está ficando chateado por minha causa. Eu não esperava nada diferente, mas neste momento, isso não ajuda em nada.

"Você pode parar de me defender agora e ser objetivo, por favor?", peço.

"Eu nunca vou deixar de te defender, Ror, mas também posso ser objetivo, e independentemente de vocês dois terem conversado sobre isso ou não, você tem o direito de esperar mais dele." Cam balança a cabeça, incrédulo. "Ele te disse que está saindo com outra pessoa?"

"Não."

"Então, por que você acha que ele está te traindo?"

Respiro fundo. "No mês passado, quando dormi aqui, fiquei com as meninas e ele saiu com os amigos. Chegou muito tarde, mas subiu para me dar um beijo de boa noite..."

"Só um beijo?" Cam interrompe.

"Sim, Cam, só um beijo", confirmo. Dessa vez. *"Eu... eu achei que estava sentindo cheiro de perfume nele", explico.*

"Podia ter sido da Lacey", sugere Cam. "Ou um dos amigos dele podia estar com uma garota."

"Era o que eu pensava", digo, embora na verdade não pensasse. Mesmo assim, eu sabia o que aquilo significava. "Não, não é verdade. Eu suspeitava de algo. Eu sabia que ele queria mais e eu simplesmente não estava pronta."

"Queria mais?"

"Mais do que beijar."

Cam solta um rosnado. "Droga, Ror! Um homem não abandona a sua mulher só porque ela não está pronta para dormir com ele!"

Não respondo. Não tenho certeza se ele está certo.

"Eu estava procurando por eles hoje à noite. Para que pudéssemos ir para casa. Ouvi Robin conversando com Marcus e os filhos deles..." Minha voz falha, lembrando-me de como Robin havia dito coisas tão doces... antes de dizer aquela coisa horrível.

"E..." Cam solicita.

"O Marcus disse alguma coisa sobre mim. Que o Robin não pega ninguém porque eu sou tipo uma freira. O Robin me defendeu. Ele gritou para eles nem olharem para mim porque eu era dele. Basicamente, que as garotas deles eram vadias, mas eu era o tipo de garota com quem ele casaria - umas gatas, sabe..."

Cam se vira de lado, ficando olhando para mim, e nossos olhares se encontram. Sei que meus olhos estão marejados, mas as lágrimas não caem. "E então...?"

Minha voz sai num sussurro. "E aí ele disse que só porque ele não está recebendo nada de mim, não significa que ele não esteja recebendo nada."

Cam fica me encarando por alguns instantes. Ele estende a mão e enxuga a única lágrima que insistia em cair antes de sussurrar: "Aquele filho da puta."

Desvio o olhar, envergonhada. Este é o cerne da questão: eu não quero fazer nada além de beijar — há algo de errado comigo. Comigo, não com o

Robin. Como posso esperar que ele só me queira se não lhe ofereço nada? Eu simplesmente não sou suficiente. Como poderia ser?

Quando olho para trás e vejo Cam, percebo que ele está fervendo de raiva em silêncio.

"Vou matar aquele filho da puta", ele rosna antes de pular da cama.

"Não, Cam," eu pulo atrás dele, e ele se vira para mim.

"Sim, Ror. Aquela ameaça? Não foi uma ameaça, foi uma promessa. Eu o avisei para não te machucar, ele sabia que não devia!"

"Não é culpa dele!" grito, e as palavras saem da minha boca antes mesmo que eu consiga processá-las. Cam me encara. "Não... é." Balanço a cabeça. "Ele está me esperando há meses. Eu simplesmente não estava pronta. Não posso esperar que ele... e eu nunca pedi isso a ele. Nunca disse que não queria que ele visse mais ninguém, nunca nem toquei no assunto. Ele não me magoou. É... é minha culpa", murmuro, derrotada. Cam dá dois passos largos até ficar bem na minha frente e, mais uma vez, sou atingida pela forma como ele é inerentemente... macho *Ele é. Tão bonito, tão grande e forte. E tão bom para mim.*

Ele estende a mão para enxugar minhas lágrimas novamente, depois levanta o polegar úmido para que eu veja. "Está vendo isso? Essas lágrimas, desses olhos castanhos inocentes? São por causa dele. *" Seus dedos deslizam pelo meu pescoço e pousam no meu peito, sobre o meu esterno, acima da curva delicada dos meus seios. "Isso aqui? Este é o coração mais doce e lindo do mundo. E está doendo. E isso também é por causa dele. Ele é o cara mais sortudo da Terra, por ter uma chance com a minha melhor amiga. E em vez de valorizar isso, ele está saindo com você e se envolvendo com alguma vagabunda que não chega aos seus pés, Ror."*

Não digo nada. Apenas fico olhando para Cam, hipnotizada.

"Eu avisei, Ror. Ele mereceu", murmura antes de se virar para a porta do quarto. Leva um instante para eu perceber que ele pretende ir atrás do Robin.

"Não, por favor, Cam!" Eu seguro seu braço e ele se vira para mim. Eu me aproximo e o abraço forte pela cintura. Meu ouvido está encostado em seu coração; está batendo tão rápido. Lentamente, sua respiração volta ao normal e eu sei que ele está se acalmando. Seus braços me envolvem. "Estou tão cansado. Não quero pensar em mais nada esta noite. Você acha que poderíamos simplesmente ir para a cama?" Eu imploro.

Cam me observa por um instante antes de suspirar. "Claro, Ror, mas isso não acabou. Vá para a cama."

Obedeço imediatamente, exausta. Cam abre o armário e estica o braço até a prateleira mais alta para pegar seu saco de dormir. Me arrasto para o que era o meu lado da cama quando éramos crianças e puxo as cobertas para o lado. "Cam?"

"Sim?"

"Você acha que consegue dormir na cama comigo?" Minha voz é baixa. Eu sei que não é um pedido normal, mas eu realmente preciso dele agora.

Cam me encara, em conflito. "Você precisa que eu te abrace?"

Eu aceno com a cabeça e Cam suspira, largando o saco de dormir. Depois de tirar as calças jeans, ele se aconchega atrás de mim, debaixo das cobertas.

Ele passa um braço forte por baixo do meu pescoço e o outro pela minha cintura como se fosse a coisa mais natural do mundo. E a verdade é que parece mesmo. Eu me sinto segura. Sinto a respiração quente de Cam na minha nuca e respiro o aroma doce, limpo e masculino que só ele tem, e é extremamente reconfortante. Eu me aconchego contra ele. Ele beija meu cabelo.

"Boa noite, Ror", ele sussurra.

"Boa noite, Cam. Eu te amo."

Consigo ouvir e sentir sua respiração ofegante. "Eu também, Ror."

****

Acordo ainda nos braços de Cam, mas estamos de frente um para o outro em vez de estarmos de conchinha. Ele já está acordado e me observando. Deveria ser estranho, mas não é, é... como estar em casa.

"Bom dia", eu sussurro, e Cam sorri melancolicamente.

"Bom dia, Rory. Dormiu bem?", ele pergunta. Eu aceno com a cabeça. Sim, eu realmente fiz.

O som abafado de batidas fortes ecoa da porta da frente e nós dois nos assustamos. "Sua mãe esqueceu a chave ou algo assim?", pergunto. A mãe de Cam é médica e trabalha no hospital, fazendo muitos plantões noturnos, e o pai dele morreu quando éramos crianças.

Ele balança a cabeça. "Não, ela só chega em casa à tarde."

As batidas soam novamente, mais altas desta vez. Cam me olha significativamente antes de colocar meu cabelo bagunçado de sono atrás da minha orelha. "Fique aqui."

Ele se levanta e sai correndo do quarto, ainda de cueca e camiseta que usava na noite anterior. Eu o sigo até o patamar, mas fico para trás enquanto ele atravessa o hall de entrada. A porta bate com força novamente e eu dou um pulo e solto um suspiro de surpresa. Cam passa a mão pelos cabelos e olha para mim lá de cima, no patamar.

"Droga, Ror! Volte para o meu quarto!"

Engulo em seco, ansiosa, mas balanço a cabeça negativamente. Não vou deixá-lo.

Bang bang!

"Pare com isso! Quem está aí?", grita Cam.

"Deixa eu entrar, Foster! Preciso falar com ela!" Meu Deus, é o Robin . *Ele me ligou e mandou mensagem um monte de vezes ontem à noite, mas eu desliguei o celular e ainda não liguei de novo.*

"Vá embora, Forbes!" Cam responde.

"Eu sei que ela está lá dentro! Você tem que me deixar falar com ela!"

Eu estava com medo de que ele ficasse bravo depois que o deixei na rua ontem à noite, mas não há raiva em sua voz. Ele está chateado, sim, mas parece... desesperado.

Cam olha para mim novamente antes de abrir a porta, sair para a varanda da frente e fechá-la rapidamente atrás de si. Desço correndo as escadas, mas permaneço dentro de casa, observando pela janela através das cortinas.

"Se acalma, Forbes. Você precisa ir para casa. Agora." Cam está de costas para a porta, com os braços cruzados sobre o peito em sinal de desafio.

Robin se afastou da porta, mas não recuou. "Não vou embora até ela falar

comigo", respondeu Robin, voltando o olhar para a porta. "Vamos, querida, fale comigo! Por que você fugiu de mim?!"

Cam dá um passo em direção a ele. "Deixe-a em paz! Seu desgraçado! Nem pense em falar com ela!" Cam rosna.

Robin pisca para ele, atônito por um momento. "Ela não é sua, Foster. Eu sei que você a quer, sempre a quis. Mas ela. Não. É. Sua", diz ele cuidadosamente. Cam dá mais um passo à frente e seus braços se abrem, saindo do peito e se fechando em punhos ao lado do corpo.

"E, no entanto, foi em meus braços que ela dormiu ontem à noite."

Os olhos de Robin se arregalam e suas narinas se dilatam, mas, no instante em que ele dá um passo em direção a Cam, eu corro para fora e me coloco entre eles antes que possam partir para a agressão física. Meu Deus, como eu queria que Cam não tivesse dito aquilo. Robin vai interpretar errado. E Cam devia saber disso, aliás, provavelmente foi por isso que ele disse aquilo, mas não vai fazer Robin recuar, só vai deixá-lo com raiva. E talvez seja isso que Cam quer. Uma briga.

"Parem com isso!" grito para os dois. Robin dá um passo para trás, seu olhar suavizando com a minha presença. Cam me encara.

"Volta pra dentro, Ror, eu resolvo isso", ele murmura, mas eu balanço a cabeça negativamente.

"Não, Cam, eu resolvo isso", respondo, e me viro para Robin. Robin parece... magoada.

Ele acena com a cabeça na direção de Cam, mas está olhando para mim. "Você dorme com ele?", pergunta Robin. Eu balanço a cabeça negativamente porque acho que ele está perguntando se eu transei com Cam.

"Não é assim. Apenas durma", asseguro-lhe.

"Você não deve nada a ele, Ror. Não dê explicações a esse filho da puta", rosna Cam.

"Você acha que pode dormir com outro homem sendo minha namorada?", pergunta Robin em voz baixa.

Agora eu fico com raiva. Meus olhos lacrimejam e eu odeio não conseguir simplesmente ficar brava sem chorar. Respiro fundo.

"Você acha que transar é normal *"Outras garotas quando eu sou a sua garota?" Minha voz está trêmula e eu queria ser mais forte. Cam fica completamente imóvel atrás de mim e Robin fica momentaneamente atônito. Talvez com a minha ousadia? Talvez porque ele nunca tenha me ouvido xingar antes.*

Robin dá um passo em minha direção e estende a mão para segurar meu braço, mas num instante Cam se coloca entre nós.

"Não ouse encostar nela!" Cam rosna. Robin o ignora e começa a andar de um lado para o outro.

"Onde você ouviu isso?", ele pergunta . O quê? Ele vai tentar negar?

"Que diferença faz?", grito de volta para ele. Cam permanece como um escudo à minha frente enquanto Robin para de andar de um lado para o outro e me encara.

"Não é verdade, querida. Mas nunca dissemos que estávamos..." ele para de falar e passa os dedos pelos cabelos. "Posso falar com você em particular?"

ele pergunta, agora encarando Cam.

"Não", responde Cam imediatamente.

"Não estou perguntando a você, Foster", responde Robin. "Estou perguntando à minha namorada."

"Então agora ela é sua namorada? Quando você quer traí-la, tudo bem porque você nunca disse que não faria isso, mas agora ela é sua namorada, é?" Cam expressa exatamente o que eu estou pensando.

Robin começa a andar de um lado para o outro novamente, mas para quando seus olhos encontram os meus. "Cinco minutos, Rory. Por favor. Deixe-me explicar. Você me deve isso."

"Ela não te deve nada", responde Cam por mim.

"Por favor, meu bem", implora Robin.

Coloquei a mão no bíceps de Cam por trás dele e ele se virou para me encarar. Ele sabia o que eu estava perguntando sem que eu precisasse dizer uma palavra. Ele balançou a cabeça negativamente.

"Cam, por favor, eu vou ficar bem. Você já pode entrar", eu digo.

Cam se certifica de bloquear minha visão de qualquer coisa que não seja ele. "Você não deve nada a ele. Entendeu? Você não precisa falar com ele se não quiser."

"Eu quero."

Isso o deixa sem jeito. Não quero chatear o Cam, sempre meu protetor, mas quero ouvir o que a Robin tem a dizer. Mesmo que a gente acabe logo com isso, quero ter essa conversa de um jeito ou de outro e acabar logo com isso. Cam me encara por um instante, a frustração transbordando de cada poro. Com uma aceitação relutante, ele se vira para a Robin.

"Estarei do outro lado daquela porta." Ele aponta para a porta da frente, atrás de mim. "Se você sequer levantar a voz para ela, eu juro por Deus, Forbes, não me importo se for expulso do time, não me importo se acabar na cadeia, entendeu?"

Robin não responde. Sei que ele está se contendo, não é do tipo que deixa uma coisa dessas passar batida. Cam se vira para mim.

"Cam, sério, aquilo não foi-"

"É a verdade, Ror. Você merece coisa melhor." Ele respira fundo e passa os dedos bruscamente pelos cabelos ainda despenteados pelo sono. "Fique na varanda, tá bom?"

Eu aceno com a cabeça. Cam se vira para Robin para lhe lançar mais um olhar mortal antes de entrar e fechar a porta suavemente atrás de si.

Robin dá um passo em minha direção, mas estendo a mão para impedi-lo.

"Querido-"

"Só não faça isso, Rob", murmuro derrotada. Cruzo os braços à minha frente, protetora. Os olhos cor de avelã de Robin estão quase verdes hoje, mas têm olheiras profundas, como se ele não tivesse dormido. Seu cabelo loiro, geralmente impecável, também está despenteado. Ele continua tão bonito, e eu me preocupo que, se ele me disser coisas bonitas, eu possa perder a minha determinação.

Qual é a minha determinação, eu me pergunto. Nem sei ao certo o que quero agora.

"Você precisa falar comigo, querida. Deixe-me explicar-"

"O que você precisa explicar, Robin? Que você pode transar com quem quiser, mas eu não posso dormir na casa da minha melhor amiga como tenho feito a vida toda?" Encontro minha voz, ainda trêmula, mas capaz de me fazer entender.

"Juro por Deus que não dormi com ninguém desde que comecei a sair com você."

Isso me pegou de surpresa. Eu não esperava que ele negasse de imediato. Ele percebe que me surpreendeu com sua negação.

"Quer se sentar?", ele pergunta, apontando para os dois degraus da varanda da frente. Eu balanço a cabeça negativamente e mantenho minha posição. Robin suspira. "Bem, eu vou me sentar, se você não se importar." Dou de ombros e ele se senta de lado, com uma perna esticada e o cotovelo dobrado sobre o joelho oposto.

"Eu sei que você está mentindo", respondi, mas ele balançou a cabeça em negação.

"Olha, Rory, eu cometi erros. Não vou mentir para você, tá bom? Eu não fui perfeito, mas não transei com ninguém desde o verão passado, eu juro."

Eu o encaro, piscando os olhos. O que isso significa?

"Se Foster disse o contrário, é porque ele está com ciúmes, querida. Eu sei que você não quer ver isso, mas ele te quer."

Eu balanço a cabeça negativamente de novo. "Você está errado. Você está muito errado, Robin, mas a verdade é que eu não ouvi isso do Cam. Tudo o que ele fez foi consolar a amiga quando ela estava chateada. Eu ouvi isso de você", respondo com cautela. Robin está surpreso com as minhas palavras, dá para ver claramente em seu rosto.

"Olha, querida, eu sei que estava bêbado ontem à noite, mas sei que não fiz nada tão louco quanto dizer para a minha namorada que estou ficando com outro, principalmente porque nem é verdade", ele diz arrastado.

Será que ele acha isso engraçado? *Estou prestes a contar o que ouvi, mas aí finalmente me dou conta de algo que ele acabou de dizer.*

"Como assim você cometeu erros?"

Robin esfrega o rosto com as palmas das mãos. "Por favor, sente-se?" Não me mexo. "Por favor?" Suspiro e cedo, sentando-me do outro lado do degrau onde ele está. "Eu já fiz outras coisas. Não sexo. Só... outras coisas. Nós nunca conversamos sobre, você sabe, nossas expectativas, você e eu. Eu sei que isso soa como uma desculpa esfarrapada. Eu ouço as palavras saindo da minha boca e elas soavam tão razoáveis na minha cabeça." Ele murmura um palavrão para si mesmo. "Eu não queria te pressionar, querida. E eu te quero tanto. Não quero mais ninguém. Mas eu sou um homem, e..."

"Então você resolveu as coisas em outro lugar", completei por ele.

"Já faz quatro meses, Rory. Imaginei que quando você estivesse pronto para... dar um passo adiante..." Ele respira fundo novamente. "Você é a única pessoa que eu quero tocar, meu bem, a única pessoa que eu quero que me toque. Eu só pensei em você, mesmo quando eu... Droga, isso soa tão ruim." Robin massageia as têmporas com o polegar e o dedo médio.

"Sim, faz sentido", sussurro em concordância. Robin inclina-se para a

frente e me encara atentamente.

"Você me diz que quer que sejamos só nós dois, e pronto. Entendeu? Eu nem vou olhar para outra garota", ele jura, mas eu balanço a cabeça negativamente.

"Você sabia que não devia, Rob. Eu sei que não sou o que você está acostumado. Sei que estou te fazendo esperar e sei que você quer mais. Mas me dói saber que você ficava com outras garotas quando nós..." Minha voz falha. Quando nós éramos o quê? Saíamos juntos? Só nos beijávamos? Ele tem razão, nunca falamos sobre exclusividade, eu sei disso. E por mais que a ideia doa, a ideia de perdê-lo dói ainda mais. Mas será que eu realmente o tive? Robin segura minha mão de repente.

"Não diga isso, meu bem. Meu coração não aguenta. Dói tanto te ver sofrendo." Seus olhos imploram, e eu não sei o que dizer, o que fazer.

"Como você pode ficar bravo comigo por dormir na casa do Cam se você está saindo com outras garotas? Mesmo se eu tivesse ficado com ele, o que não aconteceu. Simplesmente não faz sentido nenhum, Robin", sussurro. A essa altura, acho que até espero que ele invente alguma explicação incompreensível que resolva tudo, mas não consigo imaginar como.

"Rory, você sabe que eu quero mais. Sabe que eu estava esperando por você. Se de repente você decidisse que estava pronta para fazer mais e fizesse com outra pessoa? É, eu teria um problema com isso", ele responde, aproximando-se de mim.

"Não parece que você tenha esperado muito tempo", murmurei baixinho.

"Eu tenho com você. Você é mulher, não consegue entender. Você é tão gostosa, me deixa todo excitado, e aí eu não posso fazer nada a respeito. Me desculpe por ter resolvido isso com outra pessoa, mas juro que sempre soube que pararia quando você estivesse pronta para mais", ele explica. Não pergunto por que ele simplesmente não se satisfez sozinho... Ele mesmo . *Eu entendo o que ele quer dizer, mas ainda assim não soa bem. "Eu nunca menti para você, querida. Se você me pedisse, sabe, para sermos só nós dois, eu não teria tocado em mais ninguém. Eu não vou tocar em mais ninguém, querida. É só dizer a palavra."*

"Eu não toquei em mais ninguém. Quer dizer, eu nunca beijei ninguém. Nunca mesmo. Eu não precisava que você me dissesse que não queria que eu fizesse isso", argumento, mas a minha força de vontade está diminuindo. "Eu não sabia que precisava explicar isso. Eu nunca namorei ninguém antes, não conheço as regras." Paro antes que minhas palavras se transformem em soluços; as lágrimas voltaram e espero que minha força de vontade seja suficiente para impedi-las de cair.

"Fico feliz em ouvir isso, querida. E eu não teria aguentado se você tivesse aceitado. Sou um hipócrita. Eu sabia que você era minha, mas eu não era seu em troca. Não completamente. Sou um canalha, eu sei, mas sou um canalha que te ama, Rory. Isso tudo é novo para mim também. Já namorei bastante, claro, mas nunca houve regras, porque eu nunca me importei. Mas com você eu me importo, querida, muito mesmo."

As lágrimas caem agora, e minha boca se abre em espanto. Robin acabou de dizer que me ama. Ele admitiu que estava errado, admitiu que era um

hipócrita e me disse que me ama. Enterro à força as transgressões de Robin no fundo do meu coração despedaçado enquanto ele começa a se curar. Não tenho palavras.

"Você precisa me dar outra chance. Eu não vou te decepcionar de novo", ele sussurra. Ele se aproximou de mim com suas palavras e agora está bem ao meu lado, enxugando minhas lágrimas com os nós dos dedos. Eu me inclino para o seu toque. "Por favor, me perdoe?" É um pedido, não uma exigência.

"Ok", respiro fundo, sem nem perceber que disse isso. Ele me ama . *Ainda estou atônita.*

"Você me ouviu dizer que te amo, meu bem?", ele pergunta.

Assenti com a cabeça e funguei, tentando conter o choro.

"Você também me ama?", ele pergunta.

Assinto novamente. Acho mesmo que sim. Tudo o que sei é que, mesmo sofrendo por causa dele, eu não queria deixá-lo ir.

"Puxa vida!" Ele está praticamente comemorando.

Robin se inclina e me beija suavemente, e eu deixo. Ele segura meu rosto e deposita pequenos beijos em minha testa, minhas bochechas, meu nariz e, em seguida, em meus lábios novamente.

Finalmente, ele se afasta e se levanta, pegando minha mão. Eu o sigo.

"Vamos lá, deixa eu levar minha namorada para tomar café da manhã." Ele pronuncia a palavra "namorada" com clareza. Ele nunca tinha dito isso antes, e o som da palavra me deixa eufórico.

"Preciso dizer ao Cam que estou indo embora", respondo.

Os olhos de Robin se estreitam. "Você não vai mais passar nenhuma noite nos braços de ninguém além dos meus." É uma afirmação, e suponho que não seja descabida.

Concordo com a cabeça.

Me viro para entrar e procurar Cam, mas ele já está saindo para a varanda. Ele deve ter escutado. De repente, a ideia de ele ter ouvido tudo isso me deixa profundamente nervosa. Dou um abraço nele, mesmo sabendo que isso vai incomodar a Robin. Dormir na cama dele com ele é uma coisa, mas não vou parar de abraçar meu melhor amigo.

"Obrigada, Cam, pela noite passada. Por tudo", murmuro enquanto me afasto. Cam hesita em me soltar.

"Tem certeza disso, Ror?", ele pergunta, com a voz baixa e rouca. Encaro-o e sei que ele está chateado com tudo isso, que não confia no Robin, mas não esperava ver tanta angústia em seus olhos. Coloco a mão em seu ombro em sinal de consolo.

"Sim, Cam. Está tudo bem. Ele explicou, eu o perdoei. Conversamos sobre isso e agora que ele é meu namorado, prometeu que não vai acontecer de novo", explico em um sussurro, não quero que Robin ouça muito. É estranho falar dele quando ele está a poucos metros de distância, mas Cam merece uma explicação.

"Se é isso que te faz feliz", murmura Cam. Ele está decepcionado comigo, e isso dói, mas essa é a minha decisão e eu a tomei.

"É sim, Cam", sussurro, e então, dando um tapinha no braço dele, me viro para sair com Robin. Minhas coisas já estão na casa dele, já que eu ia ficar com eles durante o recesso mesmo.

Robin abre a porta do passageiro para mim e, enquanto estou entrando, Cam grita: "Me liga se precisar de mim, Ror. Sempre que precisar, eu tô falando sério!" Robin fecha a porta antes que eu possa responder, mas eu aceno para ele através do para-brisa e Cam fica na varanda até sumirmos de vista.

CAPÍTULO DOZE

Dias de hoje

O fim de semana foi tranquilo. Na sexta-feira, Sam me levou de carro para a escola e depois me surpreendeu no almoço, levando Tucker para buscar meu carro no estacionamento do centro médico. Ele já estava de volta no estacionamento dos alunos quando voltei da lanchonete. Naquela noite, encontrei uma aliada inesperada em Karen, e passamos o jantar fora tentando convencer minha mãe de que sou responsável o suficiente para ir para Miami. Mamãe não estava exatamente ansiosa para concordar, mas o fato de ela conhecer Carl e seus pais desde que eu era pequena ajudou, e ela também conhece Tina desde que nos mudamos para cá e gosta dela.

Sei que minha mãe está ansiosa com tudo isso, e, francamente, eu também estou, mas tenho dezoito anos e, como o Sam disse, só vou ser veterana uma vez. Não quero deixar o Robin Forbes tirar mais nada de mim do que ele já tirou. Com o Carl e a Tina — e, para ser sincera, com o Sam — acho que consigo lidar com isso. Aliás, estou até ansiosa. Faltam menos de duas semanas.

Quando minha mãe veio ao meu quarto no domingo à noite com meu itinerário de viagem impresso, eu estava com sentimentos contraditórios, embora minha empolgação e gratidão fossem tudo o que eu permitia que ela visse. Só de ver a palavra "Flórida" impressa, me arrepiei toda. Mas Miami não fica nem perto de Linton — onde presumo que Robin ainda esteja. E devo admitir, me dá uma certa satisfação saber que minha vida não é a única que foi irremediavelmente alterada por ele e pelo que ele fez. Eu arruinei a vida dele também, ou pelo menos era o que ele, e todos os outros na cidade, gritavam aos quatro ventos. E, por vingança, eu gostaria que fosse verdade — gostaria de ter o poder de arruinar a vida dele. Mas a verdade é que ele arruinou a própria vida.

No momento, minha maior preocupação é a Chelsea e as amigas dela. Eu ficaria mais animada com Miami se elas não viessem também. Teoricamente, somos todas "amigas". Vamos às mesmas festas e até nos encontramos nas mesmas mesas de vez em quando no almoço. Mas desde que a Chelsea me repreendeu por evitar o vestiário e a Sam me defendeu, ela desistiu da sutileza.

Percebo que ela me lança olhares furiosos, principalmente quando estou interagindo com Sam, mas em vez de me afastar, agora simplesmente a ignoro. Já passei tempo demais deixando que os populares — e os adultos também — exercessem seu poder sobre mim. Mas Port Woodmere não é Linton, não é uma cidade pequena, e Chelsea não é Lacey.

A segunda-feira se arrastou e eu fiquei aliviada quando o último sinal do dia tocou e minha aula prática terminou. Eu não sou uma pessoa de ciências – inglês e história sempre foram a minha praia – mas como o laboratório alterna os dias com a educação física, é o menor dos males para mim. Eu sempre adorei educação física, sendo uma ex-moleca e atleta, mas o pavor do vestiário ofuscou tudo, e mesmo que eu o evite em favor do banheiro logo ali no corredor, a lembrança do porquê de eu ter que fazer isso precede cada aula de educação física.

Depois da aula, entro no meu Jeep e sigo a Carl para deixar o carro dela em

casa, para podermos encontrar a Tina no shopping Roosevelt Field. A Carl insistiu para que eu comprasse algumas roupas para a viagem e, francamente, ela tem razão. Eu só uso jeans e camisetas, mas, pelo que ela está me pedindo para experimentar, só posso presumir que ela está planejando me arrumar para sair em South Beach. Recuso a minissaia de couro e o top frente única que deixa a barriga de fora e escolho alguns vestidos de verão que não sejam muito reveladores. Também compro duas saias, uma jeans e uma rosa rodada que é feminina demais para ser provocante.

Os fatos de banho são um problema maior. As escolhas de Carl e Tina não passam de alguns pedacinhos de tecido pendurados por cordões. Escolho dois fatos de banho inteiros que provavelmente são mais para a minha mãe do que para mim, mas não me importo.

Carl invade meu camarim enquanto estou me olhando no espelho, vestindo um maiô preto com saia. Não favorece em nada minha silhueta, mas esconde perfeitamente minha cicatriz.

"Ah, de jeito nenhum", declara Carl enquanto pendura mais algumas opções no cabide.

Reviro os olhos e examino suas últimas escolhas. Pelo menos ela está indo na direção certa. Os biquínis oferecem mais cobertura, e ela até trouxe alguns maiôs, embora sejam inegavelmente mais sensuais que os biquínis. Pego um com a parte de baixo estilo shortinho e me pergunto se ele vai cobrir pelo menos a maior parte da minha cicatriz.

"Rory, você tem um corpo incrível. Não vai escondê-lo nas férias de primavera! O objetivo da praia é justamente exibir o que você tem", ela repreende. Olho para minhas pernas finas, quadris sem forma e seios modestos. Definitivamente não é *o corpo mais incrível.*

Pego um dos maiôs que ela trouxe e tento descobrir se os recortes serão muito reveladores.

"Vai ficar ótimo em você", Carl incentiva, mas ela percebe minha hesitação. "Rory, vai ser divertido, tá bom? Seja lá o que for que te preocupe, seja lá do que você tenha medo, deixa pra lá. Eu e a Teen vamos estar com você o tempo todo. Vai ser ótimo." Ela está usando essa palavra bastante.

"Exceto quando você está transando com o Tuck e o Andrew", murmurei baixinho.

"Ei. Isso soou muito como um julgamento."

Viro-me para ela, arrependida. "Desculpe. Não estou julgando você. Aliás, eu gosto do Tuck. E, francamente, acho que vocês duas deveriam parar de brincar e admitir que realmente gostam uma da outra." Isso a cala. Ela sabe que estou certa. "Eu só estava dizendo que vocês duas têm namorados por aí. Só isso."

"Você tem o Capitão América", ela hesita. Eu levanto as sobrancelhas.

"Eu não *tenho* nada com ele. Somos só amigos. Você vai acabar ficando com o Tuck, a Tina vai ficar com o Andrew, o Sam vai arranjar alguma garota para ficar e eu vou ficar sozinha no meu quarto pedindo serviço de quarto caro e assistindo a filmes."

Carl franze os lábios, como sempre faz quando está pensando. "Na verdade, o Capitão tem sido bem menos mulherengo ultimamente", murmura

ela. Isso me chama a atenção.

"Como assim?" pergunto, tentando fingir que não estou tão interessada no novo rumo da nossa conversa quanto realmente estou. Carl dá de ombros.

"Bem, não sei, não é como se ele alguma vez tivesse tido uma namorada ou algo assim, mas ele com certeza fica com muita gente. Ou ficava, pelo menos. Ele não tem uma namorada fixa desde que a Kendall se formou no ano passado, mas quero dizer, você o vê em festas. Você o vê subindo com a Lisa ou a Sarah ou alguma das outras garotas fáceis? Eu certamente não ouvi falar das aventuras dele em Tuck ultimamente."

"É algo que ele costuma fazer? Ficar com um monte de garotas aleatórias?", pergunto, surpresa com as palavras de Carl. Não sou ingênua, sei que um cara como o Sam provavelmente sai com várias pessoas, com certeza ele não é celibatário, mas não observei nenhum comportamento como o que Carl está descrevendo.

"Hum, *sim.* Todos eles são assim. Até o Andy era assim antes de ficar com a Tina, aliás, foi assim que tudo começou, com um encontro casual. E, quer dizer, só amigos ou não, você não é cego, né, Cap? O Tuck é mais o meu tipo, mas até eu tenho que admitir, o Cap é lindo demais. Toda vez que olho para a primeira fila na aula de cálculo, acho que fui transportada para um ensaio da GQ!"

Nós dois rimos baixinho. Carl tem razão. É claro que Sam fica com alguém. Não sei por que não pensei nisso antes. E se ele tem sido mais discreto ultimamente, não faço ideia do motivo, mas agradeço por não ter que presenciar. Mesmo que ele tenha deixado bem claro que somos apenas amigos, tenho que admitir, pelo menos para mim mesma, que prefiro não presenciar suas *façanhas* , como Carl tão eloquentemente as chamou.

Pego o único vestido que não é muito revelador, nem me faz parecer uma avó, e o coloco de lado.

"Não é só isso que você vai ganhar", diz Carl, com naturalidade.

Eu a encaro com um olhar que diz "quer apostar?"

"Vamos lá, Rory! Mostre o seu estilo, lembra?"

Estou começando a ficar frustrada. Talvez essa viagem toda seja uma má ideia. Mesmo com as cangas e saídas de praia que escolhi, não vou me sentir confortável com roupa de praia. E, sinceramente, o que vou fazer quando todo mundo estiver ficando com alguém? Mesmo que o Sam não consiga ficar com alguém por acaso, a Chelsea vai cair matando em cima dele, e com meus amigos comprometidos...

E quanto aos meus gatilhos? É inevitável que eu tenha um ataque de pânico. Estou começando a achar que cometi um erro terrível.

"Experimente um dos biquínis que eu trouxe, você vai ficar fantástica. Por que se cobrir quando você está tão linda assim?"

"Por que esconder isso?", sussurro. Meus olhos começam a lacrimejar e meu pulso acelera.

Não . Não estou tendo um ataque de pânico. Não aqui. Não em um maldito provador.

Fecho os olhos. *Dez. Nove. Oito. Sete...*

Eu me concentro em respirar fundo e uniformemente e logo começo a me

acalmar. Não, eu não vou entrar em pânico, mas isso não significa que eu não esteja chateada.

"Por que esconder isso?!" Soluço novamente. Estou chorando e percebo que minha reação é exagerada, mas estou *chateada.*

Eu sei que estou perdendo o controle, mas não posso fazer nada para impedir minha reação exagerada. Na verdade, só agradeço que seja apenas uma reação exagerada e não um ataque de pânico completo, com suor frio e hiperventilação. Percebo vagamente o olhar preocupado de Carl enquanto começo a rasgar o maiô que estou usando e o puxo para baixo até ficar completamente nua, exceto pela minha calcinha de cintura baixa.

"É por isso!" exclamo, apontando para minha cicatriz — uma cicatriz rosada, irregular e saliente, de quase três centímetros, visível acima e abaixo da linha da minha calcinha. Continuo chorando enquanto Carl se levanta de um pulo e caminha em minha direção.

"Meu Deus, Rory, o que aconteceu?", ela pergunta com os olhos verdes brilhantes, arregalados e preocupados.

Levo a mão aos olhos para enxugar as lágrimas. Não lhe respondo.

"Está tudo bem, Rory", ela murmura suavemente, tentando acalmá-lo.

"Como?! Como isso é possível?" pergunto, sinceramente desesperada por uma resposta.

"O problema é como você fez essa cicatriz, Rory. Não a cicatriz em si. Ela não é tão feia assim. Quer dizer, olha para você", ela gesticula de cima a baixo no meu corpo quase nu, "você continua absolutamente linda. Não precisa se esconder por causa disso." Ela gesticula com desdém para a minha pele com cicatrizes, como se não fosse realmente tão horrível.

Nos encaramos por alguns instantes enquanto eu assimilo suas palavras. Elas ajudam, mas ao mesmo tempo não ajudam. Minha cicatriz não torna meu corpo feio, segundo Carl. Ela acha *absolutamente deslumbrante* . Mas eu também não quero isso. Ser atraente, ser desejável... ser alvo dos homens. Ser presa. Em minha preocupação com a cicatriz, esqueci que ela não é, por si só, o único motivo pelo qual a *escondo.* Nem mesmo o principal.

Respiro fundo e começo a me vestir. Visto minhas calças jeans e fecho o sutiã antes de colocar a camiseta. Pego o biquíni com shortinho e top tomara que caia. É um biquíni, sim, mas é bem mais discreto do que sei que minhas amigas vão usar.

"Todo mundo vai ver", murmuro enquanto inspeciono o biquíni, "eles vão saber".

"Sabe de uma coisa?" pergunta Carl.

Não respondo. Em vez disso, junto as peças que decidi comprar e, com um último suspiro, adiciono o biquíni à pilha, assim como um daqueles maiôs mais sensuais, que é basicamente um biquíni com uma faixa de tecido telado ligando a parte de cima à de baixo, mesmo sem ter experimentado nenhum dos dois. Sei que provavelmente não vou usar nenhum, mas quem sabe? Talvez com um short por cima... ou uma canga. Mesmo que sejam mais sensuais, ninguém pode me acusar de "pedir" por usar roupa de praia na praia.

Certo?

Carl entrelaça o cotovelo no meu e, sem mencionar novamente minha

cicatriz, me conduz até o balcão onde Tina já está me entregando o cartão de crédito.

****

Na terça-feira, o Sr. Frank espera até o último minuto da aula para devolver a prova da sexta-feira passada. Ele espera até que todos nós estejamos arrumando nossas coisas e saindo da sala. Carl já está na porta com sua nota 85 e Sam está me esperando perto da porta quando recebo minha nota 94. Meu sorriso é tão grande que quase rasga meu rosto. Dou um pulo até Sam e aceno com a prova na cara dele.

"Essa é a minha garota", ele sorri e estende a mão para um high five, e eu aceito. Ele entrelaça nossos dedos e, de alguma forma, acabamos de mãos dadas enquanto caminhamos para nossas respectivas próximas aulas. É estranho o prazer que essa simples conexão me traz. O calor do seu toque, a sensação da sua pele... Nunca senti isso antes, nem mesmo com Cam, e definitivamente não com Robin. *"Nossa*, eu sou impressionante", Sam murmura.

Eu rio. "Com licença?", respondo, embora não possa realmente contestar o argumento.

"Minhas habilidades como tutor. Quer dizer, veja só, transformei um aluno com sérios problemas em matemática em um aluno brilhante!", ele se vangloria.

Dou um soco no braço dele com a mão livre. "Eu estava fazendo uma curva de uns oitenta graus, sem quase falhar!", corrijo-o, e ele sorri.

"Detalhes, detalhes."

Reviro os olhos.

"De qualquer forma, está tudo pronto para o recesso. Só nós dois temos quartos individuais. Carl e Tina estão juntos, Andy e Dave, Luke e Marshall, Chel e Lily, Sarah e Melissa..."

"Não preciso saber a disposição dos quartos de todo mundo, só a minha já está ótima, obrigada", digo com um sorriso maroto, e Sam me cutuca com o ombro. "Mas por que você está no quarto sozinha?"

Sam dá de ombros. "Não estou muito interessado em ouvir Andy e Tina transando, ou Tuck e Carl, aliás", ele faz uma cara de escandalizado e eu rio baixinho.

"Tanto faz, Super Tutor, te vejo no almoço", respondo e saio para a minha próxima aula.

****

Acabamos todos juntos no restaurante novamente para o almoço, incluindo a Chelsea. Fiquei um pouco desconcertada com o jeito como a peguei me olhando – menos combativo e mais curioso. Todos estavam falando sobre Miami. As baladas que queriam frequentar, as lojas de grife, os restaurantes. Sam e Tucker conversavam sobre surfe, enquanto Dave fazia comentários sugestivos sobre levar Lily para andar de jet ski e como ele adoraria levá-la "para dar uma voltinha". Conforme fui conhecendo Dave, descobri que ele nunca perde uma oportunidade para insinuações sexuais, e enquanto eu geralmente revirava os olhos, Lily parecia achar seus comentários elogiosos. *Acho que tem alguém para cada gosto* .

Tuck está tentando convencer Carl a deixá-lo ensinar-lhe a surfar e Sam se oferece para me dar uma aula, o que eu recuso.

"Ela é da Flórida, por que ela precisaria de uma aula de surfe com você, Capitão? Ela provavelmente consegue surfar ondas grandes", anuncia Dave, e então sorri ao reconhecer a deixa para um de seus comentários característicos. "Ela provavelmente consegue surfar ondas muito grandes..."

"Droga, Dave, *você pode calar a boca?!"* Sam rosna em minha defesa.

Cerrei os dentes e sabia que qualquer um que estivesse prestando atenção em mim perceberia minha tensão. Lembro a mim mesma que Dave faz esses comentários para qualquer pessoa, sempre que possível. Não é nada pessoal. Não tem nada a ver comigo. Quando me convenci de que estava bem, dei uma olhada para Sam e percebi que ele ainda estava irritado.

"Relaxa, cara. Eu só tava dizendo-"

"Eu sei o que você estava dizendo, e *estou* dizendo para você se afastar. Você poderia mostrar um pouco de respeito à garota? *Pelo amor de Deus.* " Sam passa os dedos pelos cabelos, frustrado.

Dave está olhando fixamente, com os olhos arregalados, claramente surpreso com a resposta defensiva de Sam, tão acostumado a soltar qualquer comentário ridículo que lhe venha à mente sem consequências. Na verdade, Sam geralmente ri. Dave não diz mais nada, apenas olha entre Sam e eu como se tentasse entender algo, e isso me deixa nervosa, mas ao meu lado, Sam continua inquieto.

"Estou bem, está tudo bem", sussurro em seu ouvido.

Ele encontra meu olhar para confirmar isso por si mesmo e, embora pareça relaxar, responde baixinho, para que só eu ouça: "Bem, não está tudo bem para mim". Por baixo da mesa, Sam hesita em pegar minha mão e eu me agarro a essa tábua de salvação.

Pelo canto do olho, vejo Chelsea observando nossa interação, como sempre faz, e isso me irrita. Como sempre irrita.

"Então, Flórida? É de lá que você é?" pergunta Chelsea, com um tom de falsa alegria.

Observo-a por um instante, tentando entender sua motivação, a direção de sua investigação, antes de assentir timidamente.

"Eu estava pensando, nós realmente não sabemos nada sobre você..." Suas palavras soam como uma acusação e eu não digo nada enquanto Sam apenas a encara e Carl é quem vem em minha defesa.

" *Você* não sabe de nada, Chelsea. Conheço o Rory desde que eu tinha uns quatro anos." Carl é intencionalmente descontraído, acenando com a mão como se quisesse dispensá-la, mas Chelsea não cede.

"É mesmo? Como assim, já que ela morava na Flórida até uns dois meses atrás?", pergunta ela, ainda alegre, como se estivesse genuinamente interessada.

"A avó dela morava ao lado da minha casa. A gente brincava junto quando ela vinha nos visitar", explica Carl.

"Hum, então você passou o quê com ela? Uma semana por ano? Eu diria que você dificilmente a conhecia de verdade-"

Na verdade, foram duas semanas.

Carl estreita os olhos para ela, e eu percebo vagamente que meu aperto na mão de Sam aumentou consideravelmente, mas é Sam quem interrompe.

"Qual é o seu problema, Chel? Sério, vá logo ao ponto", ele exige, irritado

mais uma vez.

"Bem, Capitão, eu só estou tentando conhecer a Rory, só isso. Quer dizer, nós vamos viajar com ela, e o que a gente sabe sobre ela, de verdade? Ela aparece no meio do último ano do ensino médio sem nenhuma explicação, e eu só estou tentando descobrir o que ela está escondendo. Afinal, eu não quero viajar com alguém que eu nem conheço..."

"Então não venha, porra", eu disse bruscamente. Tentei me mover para o lado para sair da cabine, mas Sam estava me bloqueando. "Com licença", eu disse, mas Sam não se mexeu; em vez disso, quando tentei puxar minha mão da dele, ele a segurou firme e começou a desenhar pequenos círculos no dorso da minha mão com o polegar. Imediatamente me lembrei de Cam, que costumava fazer a mesma coisa para me acalmar, e me encolhi com a semelhança. Minha mente começou a girar, repleta de pensamentos confusos.

Como foi que me aproximei tanto do Sam tão rapidamente?

Por que tenho a sensação de que estou traindo Cam?

Não. Não é isso que está acontecendo aqui. Ninguém jamais poderia ocupar o lugar dele. Nunca. Meu Deus *, como sinto falta do Cam. Sinto falta do que tínhamos.*

Que diabos o Sam está fazendo *comigo?*

Estou tão confusa. O conforto que sinto com o Sam é desconcertante. Eu o conheço há apenas dois meses, não é? E como ele pode me dar tanto conforto e, ao mesmo tempo, me deixar tão nervosa às vezes? Eu pensava que meus ciúmes quando a Chelsea flertava com ele eram porque eu não gostava *dela* , mas e se for por causa dele?

E se tudo girar em torno de Sam?

"Você ouviu o que ela disse, Chel. Se você tem algum problema em ir embora com o Rory, então NÃO. VENHA.", diz Sam, com a voz enganosamente suave e vagamente ameaçadora. Chelsea está claramente indignada com a forma como seu amigo de longa data está falando com ela, mas eu ainda estou atordoada e isso não tem nada a ver com ela.

Minha respiração está curta e ofegante agora, e sinto meu pulso acelerar.

"Rory, você está bem?", pergunta Carl, preocupado.

"Por favor, me deixe sair", imploro a Sam, cujo olhar irritado se transforma em preocupação ao encontrar o meu e, finalmente, ele sai da cabine para me deixar passar. Jogo minha bolsa no ombro e caminho em direção ao fundo da lanchonete, onde ficam os banheiros, mas me viro e saio pela porta dos fundos, parando no patamar da escada que leva ao fundo do estacionamento. A chuva diminuiu, transformando-se em uma garoa fina, e eu absorvo o ar fresco do início da primavera.

Que se dane a Chelsea e suas acusações. Eu sei lidar com ela. É o Sam que me deixa desnorteado.

Fecho os olhos e começo a contar, mas minha mente não consegue se concentrar em números agora. Respiro fundo, inspiro e expiro. Não acredito que não tenha percebido isso antes — como reprimi meus sentimentos com tanta facilidade sempre que ameaçavam vir à tona.

Em dois meses, Sam conquistou meu coração à força, e nada de bom pode resultar disso. Ele é meu amigo, meu *amigo* ! E aqui estou eu, desejando-o

ardentemente. Eu o quero, e não apenas fisicamente. Só quis uma outra pessoa na minha vida, e só percebi isso quando já era tarde demais. E agora, com Sam, *já é* tarde demais. Estou irremediavelmente danificada, eu sei disso, e ele também sabe. E talvez seja por isso que ele foi tão claro desde o início que só me queria como amiga, ou talvez ele simplesmente não sinta atração por mim. O motivo é irrelevante, e eu sei que isso deveria tornar tudo mais fácil de reprimir... mas só há uma conclusão inevitável: eu vou me machucar.

Estou completamente ferrado.

Deixo minha cabeça cair entre as mãos e tento regular a respiração . *Inspiro, expiro... inspiro e expiro* . Mas agora estou ofegante, suando e, conforme começo a sentir tontura, sei que passei do ponto sem volta. Não sem ajuda farmacêutica. Abro apressadamente o zíper do bolso da frente da minha bolsa e pego meu frasco de comprimidos.

Demoro muito para abrir a tampa de segurança infantil e, quando finalmente consigo pegar um comprimido, minha visão já está começando a ficar turva. Engulo o comprimido a seco, certa de que não conseguirei voltar para dentro para beber água sem hiperventilar e desmaiar.

Fecho os olhos e espero. Espero que a magia me salve da minha patética existência. Conto de trás para frente, de sessenta até sessenta, com os olhos cerrados contra o mundo giratório ao meu redor.

"Ror?"

É o Sam . *Claro que é.*

Mantenho a cabeça apoiada nos joelhos. Sei que Sam consegue ver o frasco de comprimidos na minha mão, sei que o decepcionei e sei também que ele vai me julgar por isso. Ele vai saber que estava errado. Que eu não sou mais forte do que penso ser – que sou tão fraca quanto eu imaginava. E bem feito para ele. Ele não pode me salvar. Ninguém pode, e as tentativas dele só me confundem ainda mais. Ele continua tentando ser um bom amigo para mim, e eu não sei por quê. Ele mal me *conhece* , como a Chelsea disse. Eu não o mereço, nem a sua boa vontade. Eu *tinha* alguém. Eu tinha um garoto que eu amava, que me amava. E eu o perdi, e foi tudo culpa minha.

Lentamente, a calma se espalha pelas minhas veias enquanto meu coração danificado bombeia meu sangue, agora medicado, por todo o meu corpo, marcado por cicatrizes internas e externas.

"Carl foi ao banheiro para ver como você estava, mas ela disse que você não estava lá..."

Eu continuo sem responder. Sam senta-se ao meu lado nos degraus de concreto que levam ao estacionamento dos fundos.

"Eu só queria ter certeza de que você estava bem", ele murmurou baixinho.

"Tudo bem", sussurro, finalmente levantando a cabeça, mas sem encará-lo.

"Você tomou um comprimido", observa ele. Uma afirmação, não uma pergunta.

de ombros. *E daí?* São meus comprimidos, e meu médico disse que eu preciso deles, então quem ele pensa que é para dizer que não? "Sim, eu tomei. Tomei um comprimido, Sam, porque precisava. E precisava porque estou ferrado. E não adianta você me dizer que sou mais forte do que penso, isso não vai mudar, entendeu?" Eu sibilo com meu sotaque sulista carregado. *Droga,*

odeio quando não consigo controlar meu sotaque . E isso me irrita ainda mais. Eu não tenho controle. Não tenho controle de *nada.*

Sam faz uma careta ao ouvir minhas palavras. "Você não está ferrado, Ror", ele insiste.

"Sim, eu sou! E se você não estivesse tão ocupado tentando me consertar, você veria isso!" Eu grito. Me levanto e o encaro, nossos olhares fixos um no outro, precisando saber que ele está me ouvindo. Sam também se levanta lentamente.

"Não estou tentando te consertar, Rory, só estou tentando ser seu amigo", ele responde devagar e com cuidado, mas embora esteja tentando manter a calma — certamente para o meu bem — percebo que estou o irritando. Seu maxilar está cerrado; ele está praticamente rangendo os dentes.

Ótimo .

"Você não pode deixar o Chelsea te afetar assim-"

"Eu *não consigo ?* Claro que consigo, Sam! Ela estava me atacando! Me acusando de Deus sabe o quê! Mas sabe de uma coisa? Nem é culpa dela. Eu sei lidar com ela. Conheço garotas como ela a vida toda. É *você. Você é* o problema", cuspi as palavras, encarando-o com raiva.

Não sei por que quero machucá-lo agora — talvez para me vingar por ele ter me feito desejá-lo, por ter me feito me importar com ele, mas quero. Quero machucá-lo. E pelo olhar dele, não tenho dúvidas de que consegui. Ele não responde. Fica ali parado, com uma expressão de ofensa.

"Eu *estou* destruída. *Quebrada,* entendeu? Você não pode me consertar. Eu não tenho conserto. Não preciso que você me defenda e não preciso das suas besteiras sobre como eu sou forte. Você não está ajudando, só está me machucando, sabia? E o pior é que eu estava quase começando a acreditar em você... mas... eu *estou* destruída. Quanto mais cedo você aceitar isso, mais fácil será para nós dois", murmuro amargamente. Pisquei para conter as lágrimas e respirei fundo. "Eu entendo se você não quiser mais ser meu amigo." Engasguei com um soluço antes de enxugar minhas bochechas molhadas, descer as escadas correndo e entrar no banco de trás do carro do Carl para voltar para a escola.

Carl e Tina perguntam se estou bem, mas não respondo. Apenas peço a ela que dirija, e ela dirige.

****

O resto do dia fico anestesiada. Ou pelo menos tento permanecer anestesiada. Mas pensamentos sobre Sam e minhas palavras para ele voltam a invadir minha consciência, assim como palavras de Robin, de Cam. Palavras de uma vida diferente. Uma que talvez tenha acabado, mas tão profundamente enraizada em quem me tornei que não consigo seguir em frente para uma *nova* vida. Estou no limbo e temo que ficarei aqui para sempre.

Sei que minhas palavras magoaram Sam. Era essa a minha *intenção* . Mas não sei bem porquê.

Ele não me procura, e eu não espero que o faça. Mas não estou preparada quando ele passa por mim no corredor e desvia o olhar intencionalmente. Ele não fala comigo, nem sequer olha para mim novamente. É como aquela segunda semana de aula, tudo de novo. Voltamos a ser estranhos. Estou invisível mais uma vez, e não sei por que esperava algo diferente. Eu pedi por isso.

Mas a dor eu não esperava. Não assim.

Percebo que ele provavelmente aceitará minha oferta de terminar nossa amizade. Por que não aceitaria? Basicamente, peguei tudo o que ele já fez por mim e joguei na cara dele. O que eu não tinha percebido era o quanto eu precisava dele. O quanto eu *preciso* dele. O quanto eu ansiava por vê-lo, conversar com ele, brincar e provocá-lo. Por seus toques simples, amigáveis e inocentes, que agora sei que eram inocentes apenas da parte dele.

E é por isso que eu precisava fazer isso, lembro a mim mesmo.

Não posso ter sentimentos por Sam. Não posso ter sentimentos por ninguém. Não por alguém que vai me trair ou me abandonar. Ou encontrar alguma nova maneira de me magoar.

E mesmo assim ele conseguiu que eu confiasse nele. Por que eu confio nele se sei que não deveria? Estou tão confusa. E ele diz que eu não sou problemática. Só essa afirmação já deveria ser suficiente para me dizer que ele não sabe do que está falando. Estou completamente *destruída.*

Vou de uma aula para outra ainda à beira de um colapso, apesar de estar medicada. Tecnicamente, ainda é cedo demais para tomar outro comprimido, mas posso tomar dois se tiver uma crise muito forte. Mas acho que não vou ter outra crise. A menos que algo me desencadeie.

Faço uma careta quando percebo que estou dando desculpas, me convencendo a tomar drogas - mesmo que sejam drogas que me foram legalmente prescritas - para me anestesiar e sem nenhum outro motivo legítimo.

Meu Deus, estou ferrado .

Caminhamos na pista externa durante a aula de educação física, e sou grata por não ter que participar de um esporte em grupo agora. Ando sozinha, dando voltas e voltas, e embora perceba que Chelsea está caminhando em algum lugar atrás de mim, rindo baixinho com as amigas, a ignoro. Ela conseguiu o que achava que queria — causar uma briga entre Sam e eu —, mas a piada é com ela. Sam nunca me quis como algo além de amiga — não era eu que o impedia de ficar com ela — e agora que ele se livrou de mim, ainda assim não vai querer ficar com ela.

Espero.

Caminho até o banheiro ao lado do refeitório para trocar de roupa e voltar a vestir o uniforme escolar. Faço isso mecanicamente, como um zumbi. Tiro a camiseta de ginástica pela cabeça e procuro na minha mochila a camiseta cinza do show do U2 que usei hoje.

Cadê?

Tenho uma vaga noção de que há alguém no banheiro — o que é estranho para este horário, quando geralmente está vazio, já que faltam apenas alguns minutos para o fim da aula —, mas isso não me preocupa muito. Mas o sumiço da minha camisa, sim. Posso simplesmente vestir a camiseta de educação física de novo, mas ainda assim não faz sentido. Eu tinha colocado minhas roupas na mochila, como sempre, e as deixei nas arquibancadas durante a aula de educação física...

Clique.

Ouço o som do aplicativo da câmera em um iPhone. E está perto.

Muito perto.

Ouço risinhos abafados – mais de uma voz, várias na verdade – e levanto os olhos para ver Chelsea, *aquela vadia desgraçada ,* tirando uma segunda foto minha sem camisa.

"Viram, pessoal? Eu *sabia que* ela estava escondendo alguma coisa!", ela grita animadamente para seus cúmplices. "Ela tem uma cicatriz de cesárea! Eu *sabia* ! Caramba, Rory, você teve um *bebê* ?!", ela berra triunfante para que todos por perto ouçam, e então dá uma gargalhada estrondosa.

Leva um segundo para eu entender completamente o que está acontecendo.

Ela fotografou minha cicatriz.

Eu perco a cabeça.

Em vez de sair correndo da cabine, pulei no assento do vaso sanitário e agarrei seus cabelos.

"Ai! Que merda você está fazendo? Você é louca!" Chelsea grita.

Ela não sabe nem metade da história.

Ela tenta afastar minhas mãos e eu aproveito a distração para pegar o celular da mão dela.

"Que merda! Me devolve meu celular!" ela grita.

Essa vadia tem culhões.

Desço do vaso, jogo o celular dela na privada e dou descarga bem na hora em que o sinal toca, indicando o fim das aulas. Sei que provavelmente não vai afundar, mas a água vai destruir o celular, sei disso por uma experiência infeliz no lago Linton, e com ele — se Deus quiser — as fotos.

Saí correndo da barraca e Chelsea veio na minha direção. As duas garotas que estavam ao lado dela inicialmente — uma Lily com cara de tímida e uma garota chamada Tanya — foram acompanhadas por outras pessoas que deviam ter ouvido a confusão do lado de fora da porta.

"Me dá meu celular!" Chelsea tenta passar por mim e entrar na cabine de onde acabei de sair, a cabine onde ainda está minha bolsa com minhas roupas - menos a camisa que eu deveria estar usando agora - mas eu a empurro de volta.

"Que porra há de errado com você?!" Eu pergunto, exigindo uma resposta.

"O problema sou *eu* ? Você que teve um bebê e tentou esconder! Olhe para a cicatriz dela!", ela grita para a multidão que cresceu exponencialmente no último minuto.

Ela me empurra novamente e tenta puxar meu cabelo, mas eu me esquivo e a protejo. Ela fica momentaneamente surpresa com minha autodefesa, e eu aproveito o momento de surpresa.

Eu lhe dou um soco.

Chelsea segura a bochecha onde meu soco a atingiu antes de se lançar sobre mim com um grito de guerra. Ela tenta me dar um tapa no rosto, mas eu bloqueio novamente e lhe acerto uma joelhada no estômago.

Isso mesmo, sua vadia, eu cresci brincando com meninos. E sei lutar como um deles.

Chelsea está curvada e eu percebo vagamente o movimento da multidão. Alguns fogem para evitar a violência enquanto gritam notícias de uma briga entre Chelsea e a garota nova e maluca, além de relatos sobre minha suposta cicatriz de cesárea. Outros se aglomeram em direção à confusão.

Também tenho alguma noção de que alguns dos novos membros da plateia

incluem homens — no banheiro feminino — e eu não estou usando camisa. Mas Chelsea me dá outro tapa e eu me esquivo, mas não antes que sua unha atinja meu queixo e corte a pele.

"Sua vadia desgraçada!" ela grita. "Onde está seu bebê?!"

"Vai se foder!" grito de volta, empurrando-a para longe de mim.

Nos encaramos, e eu estou de costas para a única saída, assim como a maioria dos nossos colegas boquiabertos.

Chelsea me empurra de novo, com as garras à mostra, e a gente se agarra. Ela arranha e me dá tapas, mas eu revido com o punho fechado, exatamente como meu pai me ensinou antes de decidir que eu não valia mais do que uma prostituta que o ligava a um possível jogador de futebol americano profissional.

Eu chuto a perna dela, fazendo-a cair no chão, o que me dá um momento para me recompor.

Eu tenho uma escolha.

Posso atacá-la quando ela estiver vulnerável, como ela já me atacou de tantas maneiras, ou posso dedicar um tempo para acalmar a situação. Posso agir com maturidade. Posso ser a pessoa mais compreensiva. Posso ser uma pessoa *melhor* ...

Eu ataco.

Estou montada nela enquanto meus punhos encontram suas mãos agitadas, acertando alguns bons socos, deleitando-me com o poder de estar em vantagem. Tantas vezes eu fui a mais fraca. Tantas vezes eu fui impotente contra 72 quilos de músculos sólidos exercendo sua vontade sobre mim.

Mas não agora.

Agora tenho minha agressora exatamente onde eu queria.

Continuamos a trocar palavrões enquanto ela agarra meu cabelo com força, e eu tento me firmar para poder revidar. A multidão faz de tudo, desde aplaudir, gritar para pararmos, até fazer comentários sugestivos, e no fundo eu sei que a cena provavelmente é um sonho erótico para os garotos sortudos que conseguiram um lugar na primeira fila para essa confusão.

"Droga!" Ouço a voz de Tuck em meio à confusão, mas Chelsea e eu ainda nos arranhamos, sem conseguir fazer muita coisa além de nos defender.

Estou ocupado demais tentando manter a vantagem, com meu cabelo sendo agarrado com força, para causar mais danos de verdade. Em algum lugar, ouço Tuck gritando "Capitão! Capitão!" e, por mais que eu queira desesperadamente que Sam não veja isso, que ele fique bem longe dessa palhaçada patética, não posso fazer nada além de continuar empurrando e dando encontrões enquanto rolamos e lutamos.

"Sua puta desgraçada!" A voz de Chelsea é um grito agudo e dolorido, uma acusação.

"Porra-"

Braços fortes e masculinos me envolvem e me puxam para longe dela. Luto contra quem quer que esteja me segurando, mas sei que é ele, mesmo antes de sentir seu cheiro.

Quando foi que me tornei tão sensível ao seu cheiro?

Ele segura meus braços junto ao corpo como se eu estivesse numa camisa de força, como já aconteceu antes, mas há algo intrinsecamente protetor em seu

abraço, e eu não tenho medo dele.

Mal me dou conta de que estou seminua enquanto me contorço, ainda furiosa, sem querer ceder o primeiro resquício de poder que tive em uma briga desde que briguei com o Chip por causa de uma discussão sobre se eu era "assumida" ou não depois de marcar um touchdown no jogo do campeonato da liga infantil de beisebol, quando eu tinha dez anos.

Não! Não vou deixar aquela vadia escapar impune! Não quando *eu* posso dominá -*la* . Não quando eu finalmente sou a mais forte.

"Me solta!" exijo, ainda lutando contra os braços de Sam, que me seguram com firmeza.

"Não", Sam sussurra calmamente no meu ouvido. "Só quando você se acalmar."

Chelsea se levanta cambaleando, ofegante. Estou praticamente sem ar, mas ainda cheia de energia, pronta para derrubá-la se ela vier para cima de mim de novo. *Se ao menos Sam me deixasse ir!*

"Cap! Graças a Deus! Ela é completamente maluca!" grita Chelsea.

Eu me debato novamente e Sam aperta ainda mais o seu aperto, sem me machucar, mas sem me dar espaço para me livrar dele.

"Calma, Chel. O que aconteceu?", pergunta Sam calmamente.

Estou ofegante, meu peito subindo e descendo sob seus braços, coberta apenas por um sutiã de cetim preto. Ele parece não notar.

"Ela me atacou!", acusa Chelsea.

"Eu não fiz isso!" Eu me defendo. *Como ela se atreve?!*

"Você vai parar de *se contorcer? "* , Sam sussurra no meu ouvido.

Sim. Porque a luta acabou. Minha vontade está se esvaindo. Droga, *o que há de errado comigo?* Essa não sou eu. Tento recuperar o fôlego enquanto a humilhação da situação me invade. Sam não afrouxa o aperto nem um pouco.

"Ela é louca, Capitão! Eu te disse que ela estava escondendo alguma coisa! Olha! Ela teve um bebê! A cicatriz da cesárea está bem ali! *Olha!* "

Espero que Sam olhe para o meu quadril, para ver a cicatriz feia e irregular visível acima do cós da minha calça de ioga, mas ele não olha. Não consigo ver o rosto dele, mas imagino o que ele deve estar pensando agora e, apesar da invalidade das acusações de Chelsea, sou tomada por uma onda de vergonha.

"Ela jogou meu celular no vaso sanitário! Está estragado!", acrescenta, como se essa fosse a verdadeira transgressão.

"Você entrou sorrateiramente no banheiro para tirar fotos minhas enquanto eu me trocava!", rosnei.

"É verdade?", pergunta Sam, horrorizado, assim que termino de falar. Ele afrouxa um pouco o aperto, me dando um pouco de folga, mas não me solta.

"Eu sabia que ela estava escondendo alguma coisa. Precisava de provas", explica Chelsea, como se isso fosse uma desculpa razoável.

De repente, Sam me move um pouco para o seu lado, ainda me segurando protetoramente, mas ele não está mais me segurando, e finalmente consigo ver seu rosto. Ele está extremamente angustiado. Seu olhar percorre a sala e ele observa a multidão.

"Saiam daqui! Todos vocês!" ele ordena, fazendo um gesto de aprovação para Tuck, que observava em silêncio, horrorizado. Tuck parece entender o

recado e age imediatamente, conduzindo todos para fora do banheiro.

"O que há de errado com você, Chel? O que você estava *pensando* ?!" Sam repreende. "Imagine se você fosse um cara? Entrando sorrateiramente no banheiro para fotografar uma garota inocente se trocando?!"

"Ela não é inocente! Ela-"

"Ela é só uma garota normal que veio ao banheiro para ter privacidade! *Meu Deus*, Chelsea! Eu nem te reconheço mais!"

Isso a magoa profundamente. O triunfo some de seu rosto, substituído pelo terror ao perceber que seu plano falhou.

A emoção da luta passou, e lágrimas ardem nos meus olhos. Estou tremendo, e gotas de suor frio se formam na minha testa e no meu peito. Mais uma vez me lembro do meu estado de nudez e estremeço.

O olhar acusador de Sam, relutantemente, desvia-se de Chelsea para se preocupar comigo. Ele me solta o suficiente para tirar a camisa de botões que está usando por cima da camiseta e, em seguida, a abre para que eu possa enfiar o braço nas mangas. Eu pisco e tento concentrar meus pensamentos acelerados. Eu tenho minha camiseta de ginástica. Ela está no banheiro.

"EU-"

"Vista logo essa maldita camisa, Rory!" Sam exige, me interrompendo.

Engulo em seco, nervosa, diante da intensidade dele, enquanto uma lágrima escorre pela minha bochecha, mas obedeço, ainda mortificada pelos acontecimentos do dia. Lembro-me de que não somos mais amigos, que eu mesma causei isso, e me pergunto por que ele veio me defender, mais uma vez, quando eu não fiz nada além de cuspir na cara dele. Pergunto-me se a raiva dele é por mim ou por Chelsea, e concluo que provavelmente é por ambos.

Para onde quer que esteja apontado, Sam está fervendo de raiva. Ele encara Chelsea enquanto fecha a camisa na frente, e eu assumo a responsabilidade, envolvendo-a em mim com força e abraçando-a contra mim mesma, já que não tenho a destreza necessária para desabotoá-la agora. Ele olha para mim de relance e sua carranca vacila. Seus braços me envolvem novamente, e ele me puxa para o seu peito, desta vez de frente para ele. Encontro conforto na proteção, por mais fugaz que seja, e agarro a frente da camiseta de Sam enquanto começo a chorar pateticamente nela.

"Cap..." A voz de Chelsea é incerta e suplicante.

"Por quê? Você precisa começar a explicar, Chelsea, porque agora parece que você assediou e agrediu a Rory sem nenhum motivo, e eu não dou a mínima para quanto tempo somos amigas-"

"Ela teve um *bebê* , Capitão", murmura ela, hesitante. "Ela está te manipulando! Você não vê? Foi ela quem me atacou! Quer dizer, você viu!"

"Só porque ela ganhou a briga não significa que ela a começou, Chelsea."

"Ela não fez isso-"

"Você é uma garota estúpida, muito estúpida", rosno, virando a cabeça para o lado, incapaz de permitir que continuem falando de mim como se eu nem estivesse aqui.

"Com licença?" Chelsea rosna, sua voz já não hesitante agora que está se dirigindo a mim e não ao seu *Capitão América* .

Não vou te desculpar! Não *tem* desculpa! Você é uma garota boba e o pior

é que está perdendo seu tempo! Se ele não te quer, não tem nada a ver comigo!"

Consigo perceber a ansiedade dela ao se dar conta de onde quero chegar com isso – que eu já sabia da motivação dela o tempo todo.

"Do que você está falando, Ror?", pergunta Sam, e eu me viro para ele e me afasto o suficiente para encontrar seu olhar.

"Ela está apaixonada por você. Ela está apaixonada por você e veio atrás de mim porque se convenceu de que eu sou o motivo pelo qual você não a quer", explico. Volto-me para o rosto mortificado de Chelsea. "Mas adivinha só... ele também não me quer! Nunca fomos nada além de amigos, nunca seremos *nada* além de amigos! Se ele não te quer, então não tem nada a ver comigo!"

Os braços de Sam afrouxam, mas ele não me solta. Ele está atônito, dá para ver claramente em seu rosto. Ele não fazia ideia do que Chelsea sentia por ele.

As emoções dela também são claras. Por um instante, parece que ela vai negar, mas então seus olhos percorrem a posição de Sam — seus braços me envolvendo — e se estreitam.

"Não parece que vocês sejam só amigos. *Meu Deus,* Cap, eu só estava tentando te proteger. Eu sabia que ela estava escondendo alguma coisa e eu estava certa!", ela acusa, apontando novamente para o meu quadril, agora coberto pela camisa dele. Sam se assusta e dá um passo à frente, e enquanto ele se move, eu penso que ele vai me soltar para provar para a Chelsea que realmente não há nada entre nós, mas em vez disso ele apenas me move de forma que me segura ao seu lado com um braço.

"Então é verdade? Você atacou uma garota inocente só porque tem uma *paixonite idiota* ?!"

Chelsea faz uma careta, mas logo em seguida se recompõe em defesa de sua própria acusação.

"Então é verdade que você está caindo nessa de donzela em perigo? *Ela está* mentindo ou vocês são apenas amigos?"

Sam cerra os dentes e sinto seus músculos se tensionarem.

"Não somos nada além de amigos", diz ele com cautela. "O que é mais do que posso dizer de você e de mim."

"Boné!" implora Chelsea.

"Sai daqui agora mesmo", ele responde com um olhar de desgosto. Ela não se mexe. "Agora!", ele ordena, soltando-me para apontar a saída.

Chelsea bufa e sai do banheiro indignada, deixando Sam passando a mão nos cabelos em frustração e eu abraçando sua camisa contra o peito, tentando em vão conter as lágrimas.

"Você está bem?", ele pergunta suavemente.

Assinto com a cabeça, mantendo o olhar desviado. *Eu não estou nada bem.*

" *Meu Deus* , Ror, me desculpe", ele sussurra.

Meus olhos se voltam para os dele. " *Por quê?"* Por que você está se desculpando? Tudo o que você fez foi me ajudar. Tudo o que você *sempre* faz é me ajudar! E eu não passei de uma idiota com você... *Estou tão ferrada* ", soluço derrotada, incapaz de controlar as palavras que inundam meus lábios.

Os braços de Sam me envolvem novamente enquanto eu soluço em sua camiseta. Solto a outra camiseta dele, a que estou vestindo, para agarrar a que ele está usando, precisando desesperadamente me agarrar a algo. A alguma tábua

de salvação. E, mais uma vez, essa tábua é Sam.

Uma de suas mãos acaricia minhas costas, subindo e descendo, enquanto a outra afaga meus cabelos em um gesto de conforto. E de fato me conforta, e naquele instante percebo que já foi longe demais. Não posso deixá-lo ir. Preciso de Sam. Preciso dele como preciso do ar para respirar, e se a amizade dele for tudo o que eu possa ter, então me agarrarei a ela, como me agarro à sua camisa.

"Você não é", ele murmura no meu cabelo. De novo.

Soltei um resmungo.

"Você *não é* ", ele repete com mais insistência.

Me afasto e encontro seu olhar, fascinada pelo fervor em seus olhos. Sei que a camisa que visto está aberta, mas não posso fazer nada para remediar isso; apenas o encaro, atônita por ele ainda me defender.

"Todos nós temos nossos problemas, Rory. Eu também tenho, e você *sabe* disso. Você sabe disso melhor do que ninguém. A Chelsea é quem entra escondida nos banheiros para fotografar garotas enquanto elas estão se trocando, e você acha que *é você* quem tem problemas?" Ele faz uma pausa, respira fundo e eu mordo o lábio inferior para evitar que ele trema. "Você só tem cicatrizes mais profundas, talvez. Ou talvez elas sejam mais visíveis. Mas você não tem *problemas."* Rory. Não mais do que o resto de nós, ok?" Ele estende a mão para enxugar minhas lágrimas e eu estremeço com o calor que se espalha a partir do ponto de contato. Eu me entrego ao seu toque, não consigo evitar, e fecho os olhos.

Ele tem razão. Estamos todos ferrados. Sam me confidenciou o que o pai dele fez, por que foi embora e o que a irmã tentou fazer. Eu não preciso que Sam me diga que ele não conta essas coisas para muita gente, se é que conta para alguém. Eu deveria valorizar essa confidência, mas, em vez disso, hoje, eu quis magoá-lo. Magoei-o por causa da *minha* paixão idiota. Não sou melhor que a Chelsea .

"Me desculpe", sussurro, e então abro os olhos para ver a testa de Sam franzida em confusão. "Pelo que eu disse antes. Eu não quis dizer aquilo. Não tudo, pelo menos. Eu só... eu não sei o que estou fazendo", admito. "Eu não entendo por que você é um amigo tão bom para mim. Eu não entendo por que você me defende. E isso me assusta, porque... eu *me importo* com você, e eu... eu já fui magoada ou abandonada por todos os homens por quem já me *importei* . Meu namorado, meu pai, meu melhor amigo... e parte disso, foi culpa minha... Talvez todo mundo esteja com problemas também, mas eu estou *mais* , e eu... eu não sei o que estou fazendo", digo novamente.

Sam esfrega o rosto antes de levar a mão à nuca. "Não vou mentir, Rory, isso doeu. O que você disse no almoço." Ele solta um suspiro profundo. "Mas olha, você tinha razão."

Franzi a testa, perplexa.

"Ainda acho que você é mais forte do que imagina, mas... eu não deveria tentar te dizer o que fazer. Eu não deveria ter dito que você não precisa da sua medicação. Não quero que você pense que estou te julgando, eu só... acho que você é quem está se julgando. E de forma muito dura. O jeito que você fala de si mesma - que você está ferrada, que você está quebrada..."

"Eu sei que você se machucou, e não pretendo saber os detalhes. Mas você

é você, Rory, e não há nada de errado com você. Você é perfeita, entendeu? Do jeito que você é."

" *Por que?* Por que você me diz essas coisas? Por que você me defende? Por que você me contou sobre seu pai, sobre sua irmã? Eu o encaro, encorajada, desesperada por alguma explicação para essa conexão que parecemos compartilhar.

"Você sabe por quê."

Eu apenas o encaro, piscando os olhos. Não faço ideia do porquê. E não faço ideia do porquê ele pensa diferente.

Sam suspira novamente. "Vamos lá, Rory. Somos almas gêmeas, não somos? Não sei por quê, mas somos — você e eu. No primeiro dia em que vi você ter aquele ataque de pânico, senti uma forte atração por você. No começo, talvez eu tenha pensado que você me lembrava da Bits, mas bastou um segundo para perceber que não era o caso. Que você não era nada parecida com ela. Eu amo minha irmã, mataria por ela, mas ela é frágil, submissa."

" *Você* ... você sempre insiste que está bem porque sempre está, mesmo quando não está. Você é forte. Você se protege quando se sente ameaçada, você supera gatilhos, você até supera um ataque de pânico completo sem tomar nenhum remédio. Eu estava lá. Eu vi, lembra? E você simplesmente deu uma lição na Chelsea quando ela te acusou de esconder algo que não seria da conta de ninguém, mesmo se fosse verdade, o que não é."

Encaro-o com um olhar desafiador, sem saber porquê. Estou tão acostumada a me sentir como uma vítima que ouvi-lo descrever como estou sobrevivendo, isso me desconcerta.

"Como você sabe? Como você sabe que eu não sou exatamente o que ela diz - uma vadia que teve um bebê no ensino médio e se mudou para esconder isso? Como você sabe que eu não estou mentindo para você desde o dia em que nos conhecemos?", eu pergunto.

Sam só precisa dar meio passo para estar bem na minha frente de novo, e ele dá. Meu coração dispara, mas não de pânico, apenas pela proximidade dele e... desejo. Um sentimento tão estranho para mim que levei todo esse tempo para reconhecê-lo. Engulo em seco, nervosa, mas reprimo o instinto de recuar. Estou com medo, mas só de mim mesma.

"Porque, Rory, mesmo que fosse verdade, isso não faria de você uma *vadia*. E não me contar algo pessoal não faz de você uma *mentirosa* . Mas o negócio é o seguinte, Rory... *isso* ," as pontas dos dedos dele roçam suavemente o topo da minha cicatriz e eu solto um suspiro quando a pele ao redor se arrepia com o seu toque. Eu nem tinha percebido que estava visível, mesmo sabendo que a camisa estava aberta. Ninguém nunca me tocou ali. Não desde que a bandagem foi removida. É feia e nojenta e eu odeio que o Sam tenha visto, odeio que ele esteja tocando, mas eu não recuo, não o empurro... " *isso* Não é uma cicatriz de cesariana."

"Ah, é? Já viu muitas cicatrizes de cesárea, não é?" Minha voz é um sussurro rouco, denunciando meu nervosismo apesar da minha bravata.

Sam sorri levemente. "Só uma. E só quando minha mãe usa aquele biquíni minúsculo que eu detesto. Porque fica escondida por todas as outras. Porque é minúscula — a cicatriz dela. Bem menor que a sua. E o negócio é... ela está

aqui." Seus dedos se movem cerca de dois centímetros em direção à minha cintura e descem até o cós. Mais dois centímetros e ele estaria em território perigoso. Mas tão rápido quanto se moveram, seus dedos voltam para a minha cicatriz, e ele a acaricia suavemente com o polegar, como se não lhe causasse repulsa. "Então, Rory, a menos que você tenha conseguido gerar um bebê no seu quadril e depois algum charlatão o tenha arrancado de você com uma faca de cozinha afiada, outra coisa te deu essa cicatriz."

Eu fico olhando para ele, sem palavras. Estou estupefata.

"Alguém te cortou?", ele pergunta, e eu sei que, apesar da sua aparente confiança, ele está nervoso para perguntar. Eu abaixo o olhar, mas aceno com a cabeça. Sam range os dentes. "Essa é a pessoa de quem seu pai não te protegeu?"

Assinto novamente. Sam coloca o dedo indicador sob meu queixo para direcionar meu olhar de volta para o dele, e quando o retira, percebe que há um pouco de sangue. Sua testa se franze em preocupação e, apesar de tudo, não consigo deixar de pensar, mais uma vez, em como ele fica adorável quando faz isso.

"Ela me arranhou. Chelsea", explico sobre o sangue. É só um arranhãozinho mesmo.

Já passei por situações piores. Muito piores.

Sam respira fundo. "Vamos limpar isso. Quem sabe onde esses pregos estiveram", brinca ele, e eu lhe ofereço um sorriso fraco.

Sam pega minha mão e me leva até a pia. Ele me segura pela cintura e me levanta até a bancada como se eu não pesasse nada. Ele abre a torneira depois de pegar alguns papéis-toalha e os molha antes de colocar sabão. Ele limpa o arranhão embaixo do meu queixo e eu apenas o observo em silêncio enquanto ele trabalha, com a testa adoravelmente franzida em concentração.

Não consigo parar de pensar no Cam. Em todas as vezes que ele limpou meus arranhões e escoriações. E, claro, na última vez.

"Era um amigo do seu pai?", pergunta Sam cautelosamente enquanto seca meu queixo com mais papel-toalha. Quando está satisfeito com o trabalho, começa a abotoar a camisa que estou vestindo, de cima para baixo.

"Acho que ela roubou minha camiseta da minha bolsa enquanto caminhávamos na pista. A Chelsea, quer dizer, mas eu tenho minha camiseta de ginástica, eu poderia..." Estou enrolando. Me pergunto, sem muita convicção, se ele percebeu isso, mas se percebeu, não me confronta. Não me pressiona.

"Fique com a minha camisa, Ror, tá bom? Fica melhor em você de qualquer jeito", murmura Sam enquanto continua ocupado com os botões.

Puxa, se isso for verdade. Mas ainda assim é bom ouvir a opinião dele. Passei tanto tempo tentando ser invisível que me surpreendo com meu desejo de ser atraente para ele, de ouvi-lo me elogiar. Nunca pensei que um dia gostaria de ouvir um homem elogiar minha aparência novamente. E segurar a camisa dele tem suas vantagens. Fico pensando por quanto tempo ela vai reter seu cheiro limpo e masculino.

"Filho do amigo dele. Meu ex." Forço as palavras a saírem antes que eu possa mudar de ideia, e elas saem como pouco mais que um sussurro. Não sei se quero mesmo contar isso a ele, ou o quanto. Só sei, neste momento, que Sam merece algumas respostas. E se ele vai reunir coragem para perguntar, o mínimo

que posso fazer é tentar responder.

"É esse o namorado de que você falou antes? Aquele que te magoou ou te abandonou? Aquele com quem você *terminou mal* , ou é outro?" Ele para de abotoar o último botão e me encara. Estou sentada no balcão do banheiro e Sam está bem na minha frente, com as mãos em cada lado dos meus quadris, meus joelhos balançando e pressionando suas coxas.

"Eu só tive um namorado."

"E ele é um *ex* ...?"

Eu o encaro, perplexa. "Eu já te disse que não tenho namorado", lembro-lhe. Por algum motivo, ele parece confuso em vez de esclarecido.

"Eu sei. Só pensei... que talvez você tivesse alguém", ele murmura hesitante. Balanço a cabeça, me perguntando por que ele pensaria isso.

"Não tenho ninguém." Sei que ele sabe que não me refiro apenas a um relacionamento romântico.

Sam parece triste, e eu não queria que ele sentisse mais pena de mim do que já sente. E odeio pensar em Robin, só me assusta e me confunde. Dei uma risada amarga. "Embora, se você perguntar a ele, provavelmente ele não concordaria. Quando terminamos... ele disse que eu pertenço a ele, não importa o que eu diga, que sempre serei dele."

"Ah, mas eu ouvi você dizer que você, uh, *'não é de ninguém'* ," Sam diz arrastando as palavras, imitando Scarlett O'Hara, e está convencido de que a voz dele soa como a de Rory Pine.

"É verdade", concordo.

"Ele te *cortou* , Rory?" Sam sussurra, inclinando-se para ficar ainda mais perto de mim. Mais perto do que isso e nossos narizes se tocariam. Engulo em seco e mordo o lábio. Seus olhos descem por um instante até meus lábios e eu desvio o olhar, sabendo que a última coisa que preciso é me confundir ainda mais, iludindo-me a ponto de acreditar que ele algum dia desejaria me beijar.

"Foi um acidente." Minha voz é fraca e hesitante, e até eu consigo perceber a incerteza.

"Não acredito em você."

"Nem eu."

Sam e eu nos encaramos. Sei que ele quer que eu conte tudo, mas não consigo. Ele não entende que há muito mais por trás da cicatriz do que apenas como a ganhei, e não posso contar uma sem contar tudo. E não posso contar *tudo.* Apesar do que ele pensa, ele vai me olhar diferente. E mesmo que ele só tenha me oferecido amizade, uma coisa é ele saber que sou uma pessoa com problemas, mas não suporto que ele me veja como se eu estivesse... *arruinada.*

Nós dois nos assustamos ao ouvir meu nome sendo chamado em voz alta. Olhamos para a porta, por onde Carl irrompeu ofegante. Ela olhou em volta e nos viu: eu sentada no balcão com Sam em pé muito perto. Se ela percebeu a intimidade da nossa posição, não disse nada, apenas correu até nós.

"Meu Deus , Rory! Todo mundo está dizendo que você e a Chelsea brigaram!"

Olho para Sam, que estende a mão, e percebo que ele quer me ajudar a descer do balcão, então aceito a ajuda e desço pulando.

"A Chelsea é uma louca. Ela partiu para cima da Rory, e a Rory deu uma

surra nela", explica Sam com um sorriso presunçoso. Reviro os olhos.

"Hum, se bem me lembro, você e a Chelsea não são amigos desde que nasceram?" Carl acusa Sam, que faz uma careta, e eu sinto uma culpa instantânea por tê-lo colocado na posição de escolher entre dois amigos. E, vagamente, me pergunto por que ele não escolheu aquele que conhecia há mais de dois meses.

"Sim. Estávamos."

Carl franze a testa, com um olhar inquisitivo. Eu suspiro.

"Ela me seguiu até aqui depois da academia e tirou fotos minhas me trocando, então joguei o celular dela no vaso sanitário e... bem, como a Sam disse, ela veio para cima de mim..."

Carl está chocado. "Espera aí... vamos começar do começo, por que diabos ela tiraria fotos suas se trocando? Isso é uma loucura!"

"Sim, sem brincadeira. Foi toda aquela história dela de 'estou escondendo alguma coisa' desde o almoço. Ela... ela viu minha cicatriz e fotografou."

"Você tá de sacanagem?!" Carl grita, indignado em meu nome. Sam não sai, fica ali parado, olhando de Carl para mim, e acho que ele está surpreso que Carl saiba da minha cicatriz. Para ser sincera, eu ainda estou surpresa por ter mostrado para ela. Ela se vira para Sam. "E você viu tudo isso, Capitão?" ela pergunta, cética, provavelmente se perguntando por que diabos ele estaria no banheiro feminino.

Sam assimila a acusação e levanta as mãos como se estivesse se rendendo. "Não, não. Eu estava caminhando em direção ao estacionamento quando as pessoas começaram a gritar sobre uma briga entre Chel e Rory, então eu-"

"Vim ao resgate, é claro", murmura Carl, sem maldade. Sam parece confuso; claro que ele não tem como saber das observações incessantes de Carl sobre as nossas supostas paixões mútuas. Embora eu tenha percebido que a minha não é bem uma *suposição,* mas sim *real* . Carl suspira. "Vamos, Rory, eu te levo para casa."

"Eu tenho meu carro", respondo, sabendo que provavelmente não deveria dirigir agora.

"Eu levo para casa para você", promete Sam, e eu encontro seu olhar.

"Obrigado", digo sinceramente, e sei que ele sabe que meu agradecimento vai além de simplesmente resolver o problema com meu carro.

CAPÍTULO TREZE

Janeiro, ano passado

As *últimas duas semanas não foram perfeitas, mas tiveram seu lado bom. Desde que Robin e eu resolvemos as coisas, ele tem me tratado como um tesouro inestimável. Tenho passado muito tempo com ele, um pouco com as meninas e pouco com o Cam. Isso me incomoda, mas sou namorada do Robin e sei que ele deveria ser minha prioridade. E, na verdade, ele é. E o Cam também está ocupado. Ele tem passado mais tempo com a Missy, o que irrita a Lacey, mas é melhor assim. Se ele e a Lacey engatassem algo mais, acho que seria estranho.*

Ainda não consigo acreditar que o Robin me ama, mas ama. Ele diz isso o tempo todo e demonstra ainda mais. Agora ele me chama de namorada o tempo todo e está sempre com o braço em volta de mim ou me abraçando de alguma outra forma possessiva, até na escola, onde antes ele era menos público com suas demonstrações de afeto. É como se ele quisesse que todos soubessem que sou dele. E ele é meu.

O problema é que ainda não estou nem perto de me sentir pronta para transar com ele. Mesmo com todo o carinho. E ainda não sei por quê. Ele ficou muito frustrado comigo por causa disso no fim de semana passado. Discutimos, mas a verdade é que nem o culpo. Ele colocou minha mão nele e eu tentei afastá-la, mas ele disse que se eu não ia transar com ele ainda e não queria que mais ninguém o tocasse, então eu precisava cuidar dele.

Protestei, mas ele tirou o pênis para fora mesmo assim e não soltou minha mão. Ele fingiu que estava me mostrando o que fazer, mas na verdade estava fazendo sozinho com a minha mão e não a soltou até terminar. Fiquei chateada, mas depois ele ficou me dizendo o quanto me amava e o quanto eu o tinha feito se sentir bem, e percebi que não era tão ruim assim. Eu estava fazendo tempestade em copo d'água. É verdade que eu não queria *fazer aquilo, mas ele não me machucou, não de verdade — só um pouquinho a minha mão.*

Não foi tão horrível assim. O que aconteceu na segunda-feira foi pior. Estávamos nos amassando no carro dele e ele pulou por cima do console, ficando por cima de mim. Ele já fez isso várias vezes, e geralmente ele só fica frustrado comigo e para antes que a situação piore. Palavras dele. Ele diz que se ficar muito excitado, não vai conseguir parar. Acho que é assim que funciona com os caras. O Cam nunca me disse nada parecido, e ele já me disse muita coisa, mas acho que nunca foi da minha conta. O Cam não era meu namorado.

Mas segunda-feira foi diferente. Robin segurou meus pulsos de novo. Ele não tinha feito isso desde aquela primeira noite depois da festa no lago, mas fez de novo. O problema é que, quando ele segura minhas mãos assim, eu não consigo afastar a outra mão dele quando ele está fazendo algo que eu não gosto. E quando tento dizer para ele parar, ele está tão ocupado me beijando, e com tanta força, que não consegue entender o que estou dizendo. Ele enfiou a mão por baixo da minha saia, e quando me remexi tentando fazê-lo parar, acho que ele interpretou como um sinal de que eu estava gostando, porque enfiou os dedos na minha calcinha e depois enfiou um deles dentro de mim.

Doía. Doía muito, e ele não parava até que eu conseguisse soltar uma das

mãos e lhe dar um tapa.

Eu não tinha a intenção de bater nele, só queria que ele me ouvisse — que ele parasse. E ele parou, mas ficou tão bravo por eu tê-lo agredido que nossa discussão se tornou sobre isso. Robin estava tão exaltado que, por alguns instantes, achei que ele fosse revidar. Em vez disso, ele socou o painel do carro.

Repetidamente.

Foi meio assustador, mas ele logo se acalmou. Prometi que nunca mais o bateria.

Mas o resto da semana foi ótimo. Ele me buscou todas as manhãs e me levou para a escola, e também ficamos juntos depois todos os dias. Ontem, Robin assinou seu contrato com a UFL, com grande alarde, e Marcus está dando uma festa hoje à noite para comemorar, já que seus pais estão em Miami para o fim de semana.

Deixo meu jipe em casa e espero o Robin me buscar. Deixamos minha mala de fim de semana na casa dos pais dele antes de irmos para a festa. Robin me deixa dirigir. Ele está querendo dizer algo ao me fazer chegar à festa dirigindo o carro dele. É a mesma coisa que ele vem dizendo para todo mundo e em todos os lugares que consegue nas últimas duas semanas. Que eu sou especial para ele, a namorada dele, e isso me faz sentir especial.

Quando Robin começa a tomar a terceira cerveja, eu paro de beber a minha. Parece que vou ter que dirigir para casa também. Não me importo muito, não tenho muita vontade de beber, mas prefiro quando Robin também não bebe. Não quero ficar no pé dele, então não digo nada. É estranho – quando ele toma uma ou duas cervejas, ele fica bem. Ótimo, até. Ele é divertido, paquerador, carinhoso e doce. Mas, por algum motivo, notei que, depois da quarta cerveja, ele começa a agir diferente. Fica mais possessivo, e não de um jeito bom. E com um ciúme irracional também.

Espero que ele pare de beber logo.

Vejo Cam num canto da sala lotada, tomando uma cerveja e conversando com uma garota que não reconheço. Ela deve ser caloura. Vou até lá para cumprimentá-la e percebo que a mão dele está no bolso de trás da calça dela. Acho que ele e a Missy ainda estão só ficando, já que ele está agarrando a bunda de outras garotas nas festas.

"Rory, querida!" ele me cumprimenta, soltando a mão que estava usando. Eu lhe dou um beijo na bochecha.

"Oi, Cam. Não sabia que você estaria aqui", murmuro. É estranho. Ele não veio às últimas festas, e eu sinceramente achei que fosse porque ele estava ocupado com a Missy. Mas a parte mais estranha de tudo isso é que Cam e eu não nos encontramos por acaso. Sempre nos falamos — sabíamos onde o outro ia estar e, geralmente, íamos a lugares juntos.

Acho que tudo está diferente agora, e esse pensamento me deixa inquieta. Sei que é normal, mas não me parece certo. Na verdade, parece completamente errado.

"Por que você faria isso?" Cam responde e eu o encaro, surpresa com a alfinetada incomum. Cam suspira. "Desculpe, Ror, eu não quis dizer isso", ele murmura.

Eu lhe ofereço um leve sorriso porque sei que tudo isso também é difícil

para ele. "Você vai me apresentar ao seu amigo?", pergunto.

"Esta é a Laura. Laura, este é meu melhor amigo, Rory", diz ele, oferecendo-me seu característico sorriso torto.

"Você é namorada do Rob Forbes, não é?" ela pergunta animada. Eu aceno com a cabeça enquanto Cam revira os olhos. "Meu pai disse que ele vai jogar na NFL depois da faculdade!"

Dou-lhe um sorriso superficial. "Então, seu encontro está aqui", respondo, apontando para Cam, que revira os olhos novamente. Ele poderia. Se fosse o que ele quisesse, mas sei que Cam não tem interesse em jogar basquete profissionalmente.

"Ela não é meu par", Cam diz arrastado, com seu sorriso de bad boy. "Ela só vai me fazer companhia se eu ficar um pouco sozinho mais tarde, não é, Laura?"

Laura cora e parece sem palavras. Dou um soco no braço de Cam. Ele sabe que não deve tratar garotas assim, mesmo que elas saibam o que está acontecendo.

Peço licença para ir encontrar uns amigos e acabo passando a maior parte da noite com a Lacey e a Courtney. A Emmers está por aí se encontrando com o Chip, e me disseram que a Stella foi fumar um baseado com uns veteranos lá atrás. O Robin aparece de vez em quando para roubar um beijo antes de voltar para os amigos. Quando chega a hora de ir embora, estou no jardim da frente com a Lacey e o Robin, procurando o Cam para me despedir. Ele aparece atrás de mim.

"Está me procurando, Rory?"

"Ei! Como você sabia? A gente já tá de saída, eu só queria dizer 'tchau'", eu digo. Cam dá um meio sorriso e me puxa para um abraço. Ele me aperta forte.

"Você está dirigindo, não é?", ele pergunta. Claramente, ele percebeu o consumo de álcool de Robin. Mas, na verdade, ele sempre repara em tudo.

Eu concordo com a cabeça.

"Boa noite, Rory", ele murmura, dando-me um beijo rápido na bochecha antes de se afastar.

"Boa noite, Cam. Amo você", respondo.

"Também te amo, Ror. Boa noite, Lacey. Forbes", ele murmura friamente antes de se afastar.

Robin estreita os olhos para ele, mas eu ignoro e entro no banco do motorista. No caminho para casa, Lacey reclama da nova amiga de Cam, Laura, enquanto eu finjo que estou ouvindo. Robin está estranhamente quieto e eu penso que talvez ele tenha bebido demais e só precise ir para a cama e dormir.

Dou uma olhada rápida para ele, e ele está apenas olhando pensativamente pela janela. Ele não parece que vai desmaiar, o que é bom, porque Lacey e eu teríamos um trabalhão para levá-lo até o quarto dele se isso acontecesse.

Quando chegamos em casa, Robin vai direto para o quarto dele. Lacey vai para o dela e, confusa com o humor de Robin, eu simplesmente subo as escadas. Robin geralmente me dá um beijo de boa noite. Principalmente quando eu

durmo lá. Mesmo que ele acabe subindo para me beijar de novo mais tarde, ele ainda me dá um beijo de boa noite antes de eu me preparar para dormir.

Estou exausta quando me deito na cama. Estou vestindo apenas uma camiseta comprida demais de um show do Red Hot Chili Peppers, que cai do meu ombro, já que, no fim das contas, esqueci de levar o short que costumo usar para dormir. Penso em pedir uma cueca emprestada para a Robin, mas desisto da ideia.

Fecho os olhos, mas o sono não vem. Estou pensando demais. Robin gosta de mim. Ouvi-o dizer que sou o tipo de garota com quem ele se casaria, mas será que isso significa que ele quer se casar comigo um dia? Ou apenas com uma garota como eu? Sei que sou muito nova para pensar nisso, mas são as próprias palavras de Robin que me fazem refletir. Dá prazer pensar que ele levaria nosso relacionamento tão a sério, mas, ao mesmo tempo, também me assusta. Para ser sincera, não tenho certeza se gostaria de me casar com Robin, e sou grata por não ser uma decisão que terei que tomar tão cedo.

São coisas que me preocupam há semanas, mas esta noite um novo pensamento me aflige. No momento em que vi Cam com aquela garota, Laura, tive uma sensação estranhíssima. Ciúme. Não sei de onde veio, e a reprimi assim que a reconheci, e ainda assim... quando ele a dispensou depois que a chamei de seu par... também senti alívio. Mesmo tendo-o repreendido por isso. Certamente é apenas o resultado da saudade do meu melhor amigo, mas mesmo assim, me incomoda.

Minha porta se abre de repente e bate com força na parede oposta. Me sento na cama. Estou acostumada com o Robin subindo aqui sorrateiramente quando venho passar uns dias aqui, mas ele geralmente é mais discreto. De qualquer forma, ninguém consegue nos ouvir lá em cima, no terceiro andar.

"Robin?" eu sussurro.

Ele se aproxima e senta na beirada da cama, de frente para a porta. Ele não está olhando para mim. Na verdade, ele não olhou para mim desde que saímos da festa.

"Está tudo bem?", pergunto.

"Eu te amo, Rory", ele diz.

"Eu sei, eu-"

"Só você."

"Eu... sei..." Não faço ideia de onde ele quer chegar com isso.

"Você me ouve dizendo para outras garotas que as amo?", ele pergunta, finalmente se virando para me encarar. Eu rastejo até ele e me sento sobre os calcanhares.

"Claro que não, Robin, o quê-"

Ele me interrompe novamente. "Você acha que eu deveria ter que ouvir você dizendo para o Foster que você o ama pra caralho?" A voz dele é muito baixa, muito suave. Isso é *Do que se trata isso? Que eu disse "te amo" para Cam?*

"É diferente, Robin, ele é meu melhor amigo", explico.

"É mesmo? E o Marcus e o Billy são meus melhores amigos, mas eu não fico dizendo que os amo o tempo todo", ele responde. Levo minha mão ao seu rosto e ele a segura, entregando-se ao meu toque.

"Eu te amo, Robin. Eu também amo a Cam, mas é diferente. É como... você pode dizer para a Lacey que a ama, não pode?" Eu digo, tentando fazê-lo entender.

Robin se move. Sou jogada de costas e ele fica pairando sobre mim, segurando minhas mãos de cada lado da minha cabeça, com nossos dedos entrelaçados. Ele me beija, e é um beijo apaixonado e possessivo. Eu retribuo o beijo. Ele está com ciúmes. Ele sente muito ciúme, e isso deveria me incomodar, mas a ideia de que ele se sente inseguro em relação a mim... tem algo de doce nisso. Ele realmente se importa comigo, ele me ama.

Os lábios de Robin deixam um rastro de beijos pelo meu queixo.

"Eu" beijo "não quero transar" beijo "minha irmã", ele murmura, agora beijando meu pescoço.

Dou uma risadinha. "Espero que não!", brinco. Robin dá uma mordidinha de leve na minha clavícula em resposta e eu rio de novo. Ele para e me olha significativamente.

"Ele te quer, querida", ele sussurra.

Eu balanço a cabeça. É uma discussão antiga e nenhum de nós jamais cede, mas ele simplesmente não entende que Cam e eu podemos nos amar e não... querer *uns aos outros .*

"Ele quer. Mas ele não pode ter você. Porque você é minha *, porra", exclama Robin, e volta a me beijar.*

Ele me beija com força, lambendo e chupando. Sua mão desliza por cima da minha blusa até chegar ao meu seio. Não me dou ao trabalho de afastá-la. Preferiria apenas beijá-lo, mas isso me parece o menor dos males. Quando sua mão começa a descer, eu a seguro. Sei que ele quer me tocar por baixo da blusa, mas não estou usando sutiã nem shorts. Ele solta a mão da minha e começa a acariciar meu peito novamente. Seus lábios descem pelo meu pescoço e percorrem meu ombro exposto. Quando ele começa a descer para tocar por baixo da minha blusa mais uma vez, eu seguro sua mão novamente.

Robin rosna e agarra meus dois pulsos com uma só mão.

"Rob-" eu digo, mas sua boca está fervorosamente de volta na minha, sua língua frenética dentro da minha boca. Minhas mãos estão presas acima da minha cabeça e todo o seu peso está sobre mim, pressionando contra mim. "Robin", eu imploro, mas meu apelo é abafado por seu gemido.

Com a mão livre, ele puxa minha camiseta bruscamente para cima, deixando-me nua do peito para baixo, exceto pela calcinha. Começo a entrar em pânico.

"Pare! Por favor!" Eu grito, mas minha voz está completamente abafada, meu corpo totalmente envolto no dele.

Meus olhos estão cheios de lágrimas agora, mas Robin não percebe. Ele enfia a mão livre na minha calcinha e começa a esfregar. Tento implorar por misericórdia novamente, mas só sai um som inaudível da minha voz em pânico. Ele geme de novo enquanto enfia um dedo dentro de mim e eu grito, mas, mais uma vez, a maior parte do meu grito morre na boca dele. Não consigo respirar direito, e Robin está praticamente ofegante.

Eu o mordo.

"Minha garota gosta de coisas mais intensas", ele rosna, e me beija com

ainda mais força, soltando meus pulsos, mas de repente começa a se mover tão rápido e com tanta brutalidade que meus braços ficam presos e eu só consigo chorar e tentar me livrar dele.

Robin começou a puxar minha calcinha para baixo, mas eu me debatia de um lado para o outro e, com um rosnado de frustração, ele rasgou o fino algodão e a jogou para o lado.

Seus movimentos são agressivos e extremamente violentos, e mal consigo registrá-los em meio aos soluços. Ele puxa minhas pernas para os lados e percebo que ele abaixou a calça do pijama de flanela quando sinto sua ereção me cutucando onde seu dedo estivera antes.

"Por favor, pare!" Eu soluço pateticamente, mas Robin está extremamente animado, e é como se ele nem conseguisse me ouvir. Como se estivesse em seu próprio mundo.

Estou apavorada. Sei o que está prestes a acontecer e não tenho ideia de como impedir.

Ele começa a empurrar dentro de mim, mas não vai a lugar nenhum.

"Tão apertado", ele resmunga.

"Não, Robin, por favor!" Soluço novamente.

Ele continua. Com outro rosnado, aumenta a pressão e penetra completamente em mim. Sinto uma ardência aguda e grito enquanto ele geme em meio à minha dor inimaginável. Robin fica imóvel por um instante antes de começar a estocar com força, para dentro e para fora de mim, num ritmo ardente.

"Tão apertadinha. Tão gostosa. Minha garota é tão gostosa, tão apertadinha." Sua voz ressoa amorosamente, seu hálito quente inundando meu rosto, minha boca. Ele continua esse mantra sobre o quão apertadinha e gostosa eu sou, parando apenas para grunhir e gemer.

Estou completamente paralisado(a).

Não sei porquê, mas simplesmente parei de lutar.

Tento não pensar na ardência entre as minhas pernas. Só quero que isso acabe.

Robin invadiu cada parte do meu corpo, ele está em todo lugar, me controlando completamente. Mas ele não consegue controlar minha mente.

Penso em como Robin ficou chateada porque Cam e eu dizemos "eu te amo" um para o outro. Penso em como esse amor é diferente do que Robin me oferece.

Penso em quando Cam e eu tínhamos oito anos. O pai dele havia falecido repentinamente alguns meses antes — quando nós dois tínhamos apenas sete anos — e eu passava cada minuto acordada com ele desde então. Eu vinha dormindo na cama dele havia meses, até que finalmente o convenci a ir à feira de rua do Memorial Day. Caminhamos pelo parque que começa no final do nosso quarteirão e Cam finalmente estava tendo um bom dia. Ele estava sorrindo, rindo. Tínhamos acabado de comprar sorvete quando uma vespa começou a zumbir ao meu redor. Eu nunca tive medo delas, sendo um moleque e tudo mais, eu acreditava que ela não me incomodaria se eu não a incomodasse. Mas eu estava segurando uma casquinha de sorvete, e a vespa tinha seus próprios planos.

Fui picada. Foi a primeira vez que isso aconteceu. Doeu demais, mas cerrei os dentes e reprimi as lágrimas. Eu queria desesperadamente que Cam não percebesse o que tinha acontecido. Não queria estragar o primeiro dia em que ele parecia estar se divertindo desde que o pai dele morreu. Demorou uma hora até que Cam começasse a questionar meu silêncio, o quão diferente de mim eu estava. Finalmente, ele notou uma lágrima solitária que caiu quando eu pensei que ele não estava olhando e exigiu que eu lhe contasse o que havia de errado.

Então eu fiz.

Cam ficou horrorizado por eu ter tentado esconder a picada. Ele pegou minha mão que não estava dolorida e me levou de volta para sua casa, onde imediatamente pegou uma bolsa de gelo e a colocou no meu pulso afetado, enquanto me distraía com alguma história que havia inventado. Ele sempre inventava histórias. Ainda inventa. Ele as anota em seu diário e, às vezes, me deixa lê-las. Ele quer ser escritor, e será. Será um grande escritor. Eu o provoco dizendo que ele quer ser jogador de futebol americano, que vai acabar jogando como wide receiver nos Dolphins, mas, embora ele possa se dedicar ao futebol americano durante a faculdade, sei que ele acabará escrevendo o próximo Grande Romance Americano. Sinceramente, não tenho dúvidas. A história de Cam me distraiu da minha dor naquele dia. E ele cuidou de mim, quando eu era quem estava tentando cuidar dele. E a verdade é que ele tem feito isso desde então.

Fecho a mão direita — a mão que foi picada por aquela maldita vespa há tantos anos — e cravo as unhas na palma da mão com toda a força que consigo. Devo estar a sangrar, mas é tudo o que consigo pensar para distrair-me da dor lancinante entre as pernas.

Não sei quanto tempo se passou, perdi completamente a noção do tempo e talvez tenham sido apenas alguns minutos, embora parecesse horas, mas eventualmente Robin se aquieta e seu mantra termina. Tudo o que resta é seu peso morto sobre mim e o som de sua respiração ofegante enquanto ele começa a se acalmar.

Antes mesmo que eu perceba que ele se moveu novamente, Robin está deitado de costas e me puxa para perto dele. Ele me envolve com um braço até que eu esteja deitada em seu peito. Eu fico mole e sem palavras, ainda sem conseguir respirar direito. Robin acaricia minhas costas com ternura, ainda alheio ao fluxo incessante das minhas lágrimas. Sinto o líquido escorrendo de mim.

Passam-se alguns minutos. Finalmente, Robin suspira e beija meu cabelo.

"Isso foi tão bom, querida, tão bom mesmo", ele murmura.

Eu gemi e reprimi um soluço, finalmente fazendo com que ele olhasse para o meu rosto.

"Oh, querida, não", ele sussurra, enxugando minhas lágrimas com os nós dos dedos.

Robin me vira de costas, e uma parte de mim teme que ele possa fazer isso de novo, mas estou sem forças. Não tenho mais forças para lutar. Nenhuma.

Apoiando-se em um cotovelo, ele se deita de lado e olha para mim. Ele puxa minha camiseta para baixo para me cobrir, mas eu não a levanto para

ajudá-lo, e a barra se acumula em volta dos meus quadris. Eu já não me importo. Fecho os olhos enquanto ele enxuga mais lágrimas. Não consigo encará-lo.

"Eu sei, querida. Eu sei", ele diz suavemente, como se estivesse tentando me consolar.

Que diabos ele sabe?

"É para doer na primeira vez. Tentei ir com calma, mas você é tão gostosa, querida, é tão bom. Você não faz ideia. Tão bom", ele diz novamente. "Me empolguei, mas é impossível não se empolgar com você, sabe?"

Eu não respondo. Não emito nenhum som além do meu fungar.

"Mas ia doer de qualquer jeito. Sua primeira vez. Vai doer menos da próxima vez, eu prometo. Vou te fazer sentir muito bem, querida."

Ele deve ter percebido meu horror ao se referir a "da próxima vez", porque balançou a cabeça com uma risadinha. Um completo idiota. risadinha!

"Agora não, querida. Não se preocupe, eu sei que você precisa de um tempo para se recuperar. Você vai sentir dores, mas não se preocupe, isso é normal", ele explica.

Normal .

Nada do que acabou de acontecer parece normal. Estou tão confusa. O que o Robin fez foi horrível, então por que ele está agindo como se estivesse tudo bem? Como se fôssemos um casal normal que acabou de fazer sexo pela primeira vez? Será que somos?

Robin me dá um beijo suave nos lábios. Eu apenas fico olhando para ele. Ele sorri.

"Deixa eu te ajudar a se limpar", diz ele, antes de pular da cama sorrindo como se tivesse ganhado na loteria e praticamente saltitando para o banheiro privativo. Ele já tinha vestido a calça do pijama de novo, e eu percebi que ele nem tinha tirado a calça completamente.

Eu o ouço abrir a torneira da pia e, antes que eu consiga formular um único pensamento racional, ele volta com uma toalha quente e úmida e a passa delicadamente entre minhas coxas. E eu deixo.

"Pronto, tudo bem agora", ele murmura e me beija novamente antes de voltar ao banheiro para descartar a toalha.

Tudo bem agora? *Penso, incrédula. Robin volta para a cama e me abraça por trás.*

"Você está bem, querida?", ele pergunta. De alguma forma, de costas para ele, evitando seu olhar, consigo encontrar palavras.

"Doía...", eu sussurro. Robin beija meu ombro.

"Eu sei, querida, era para ser sua primeira vez", ele repete. Respiro fundo. Não adianta.

"Eu... eu não estava pronta", sussurro enquanto as lágrimas voltam a escorrer pelo meu rosto.

"Ah, querida. Você nunca ia se sentir pronta. A gente está junto há quase seis meses. Eu te amo, Rory, você sabe disso. Você só precisa confiar em mim, eu sei o que é certo para nós. Era a hora certa. Eu sei que doeu, mas quando a dor passar, você vai gostar. Confie em mim, tá bom?" ele sussurra no meu ouvido.

Isto tem *Já se passaram seis meses, eu sei disso. Mas eu não estava pronta.*

Talvez ele tenha razão, talvez eu nunca me sinta pronta. Mas eu nunca pensei que ele simplesmente faria isso mesmo assim. Eu tentei impedi-lo, tentei lutar contra ele, droga!

Estou fungando.

"Eu te amo, meu bem, você sabe disso, não é?", ele sussurra.

Eu concordo com a cabeça.

"Você também me ama?"

Assinto com a cabeça novamente, automaticamente. Neste momento, sinto-me apenas confusa e entorpecida.

"Vou dormir aqui o máximo que puder. Meu Deus *, eu queria ficar com você para sempre, meu bem. Mas preciso voltar lá para baixo antes que meus pais acordem, tá bom?"*

Assinto novamente. Não quero que ele durma aqui. Quero que ele vá embora para que eu possa pensar. Mas ele não vai, apenas me abraça por trás, sussurra coisas bonitas e deposita beijinhos suaves no meu ombro até adormecer.

Eu não consigo dormir. Não posso.

Não acredito que isso acabou de acontecer. Eu imaginava que perderia minha virgindade com o Robin, mas não desse jeito. Simplesmente não entendo por que ele não parou. Ele me avisou que quando os caras ficam excitados demais, eles não conseguem parar. *Pare . Ele definitivamente parecia estar fora de controle. Será que a atração dele por mim é tão forte assim? Eu não entendo, simplesmente não entendo. E eu sei que era para doer na primeira vez, mas isso foi demais. Mesmo com a minha inexperiência, eu sei que foi demais. Não é só que eu esteja dolorida, embora esteja, muito dolorida. Mas meus pulsos estão um pouco inchados, minhas coxas doem e meus músculos estão doloridos pelo esforço da luta antes que ele me penetrasse à força e eu simplesmente desistisse.*

E é isso que mais me incomoda. Por que eu desisti?

Será que a culpa de tudo isso é minha? Se eu não tivesse paralisado, se eu tivesse continuado dizendo não até que ele me ouvisse...

Meu Deus *, eu estraguei tudo. Eu estava beijando ele e deixando ele me tocar, e deixei ele ficar muito excitado. Eu sei que pedi para ele parar, e sei que disse não, mas aí parei de resistir. Simplesmente deixei ele fazer. Eu nem estava pensando nele, estava pensando no Cam .* Meu Deus *, não consigo imaginar como ele reagiria se soubesse disso. Provavelmente mataria a mim e ao Cam.*

Sinto uma culpa que nem consigo compreender. Eu deveria amar o Robin. Ele me ama. Ele diz isso o tempo todo.

Quando Robin começa a se mexer atrás de mim, olho para o relógio e vejo que são quase cinco da manhã. Finjo estar dormindo. Ele me dá um beijo suave na bochecha. "Preciso ir, Bela Adormecida, te vejo no café da manhã", sussurra. Não me mexo. "Eu te amo tanto, meu bem", acrescenta, com a voz embargada pela emoção. E com um último beijo na minha bochecha, ele sai de trás de mim e ouço a porta abrir e fechar silenciosamente.

Com a partida dele, finalmente consigo dormir, mas é um sono terrível, repleto de pesadelos em que sou imobilizada, machucada e completamente à mercê de alguém sem rosto que, por algum motivo, não consegue ouvir meus apelos desesperados.

****

Já passa das dez quando acordo, lavo o rosto e me visto, mas não consigo me obrigar a sair do quarto. Meus pulsos estão cobertos de hematomas leves, assim como a parte interna das minhas coxas, e há pequenas marcas vermelhas na palma da minha mão, onde minhas unhas arranharam a pele. Mas a dor entre as minhas pernas é tão intensa que tudo o mais empalidece em comparação. Exceto o meu coração. Tive tantas emoções conflitantes nas últimas oito horas que não faço ideia de onde fui parar.

Estou sentada na velha cadeira de balanço de vime no canto da sala quando ouço uma leve batida na porta. Percebo que deveria ter descido para tomar café da manhã com a família há mais de uma hora.

Antes que eu pudesse responder, Lacey entrou. "Oi, Rory", ela me cumprimentou calorosamente.

"Ei."

"Você está bem?", ela pergunta.

Eu aceno com a cabeça, mas não digo nada. Não tenho certeza se consigo dizer "Estou bem". Seria a minha maior mentira.

Lacey senta-se aos pés da cama, de frente para mim, e suspira. "Todos estão esperando na sala de jantar", explica ela.

"Desculpe. Não estou me sentindo muito bem", murmuro, evitando encará-la. Lacey acena com a cabeça, como se já esperasse por isso.

"Olha, o Rob pediu para eu vir ver como você está", ela admite.

"Já vou descer, não estou me sentindo bem", repito.

Ela acena com a cabeça novamente. "Sim, você disse." Finalmente, nossos olhares se encontram. "Olha, ele... ele me disse", ela diz.

Encaro-a com raiva. Ele contou para ela? *Ele lhe contou* O quê? *Certamente não que ele... me obrigou a fazer sexo com ele.*

"Ele me contou que vocês... sabe, transaram pela primeira vez ontem à noite. Não se sinta estranha por isso, Rory. Sabe, eu perdi minha virgindade com um cara que conheci nas Bahamas quando estava de férias com a minha família. Eu só o conhecia há uma semana. Você transou com o seu namorado de seis meses, que você ama. Não há nada para se envergonhar." Oh .

Ainda estou surpresa que ele tenha conversado com a irmã sobre isso, mas acho que a versão dele é mais fácil de aceitar. E ela tem razão. Robin é meu namorado há seis meses, já trocamos declarações de amor, ele está claramente comprometido comigo. Não tem problema termos transado. Aliás, não só não tem problema, como é certo termos transado. Só queria ter me sentido pronta antes que ele tomasse essa decisão por mim.

"Vamos lá, Rory, você ainda é uma boa menina. Vamos descer e comer, todo mundo está esperando por nós", ela insiste. Ela acha que estou preocupada com a minha reputação de boa menina. Eu nunca me importei muito com essa reputação, para começo de conversa. Nunca quis ser vista como uma boa menina ou uma menina má. Aliás, antes deste ano, eu nunca me importei em ser uma... garota *de forma alguma.*

"Sim, tudo bem", respondo enquanto me levanto. Sigo Lacey escada abaixo e atravesso o hall de entrada.

"O Robbie estava muito preocupado com você, sabia? Ele gosta muito de

você", ela diz antes de atravessarmos as portas francesas que dão para a sala de jantar. Seu tom é quase de desaprovação, como se ela não esperasse que ele se apaixonasse por mim — como se eu talvez não merecesse o afeto dele. E talvez eu não mereça mesmo. Eu jamais imaginei que Robin Forbes fosse querer sair comigo, muito menos me amar.

Os Forbes me cumprimentam assim que entro. Robin se aproxima para me abraçar. Ele me dá um beijo casto nos lábios antes de puxar a cadeira para mim, como o cavalheiro sulista que seus pais acreditam que ele seja. Sento-me obedientemente e o café da manhã começa normalmente, como em todas as outras vezes que passei o fim de semana aqui.

O prefeito Bobby e Cindy Forbes não param de falar sobre o contrato de Robin com a UFL. Eles não poderiam estar mais orgulhosos de seu filho superstar. O prefeito Forbes começa a contar uma série de histórias sobre ele e meu pai, de quando eram colegas de graduação. Ele pergunta o que eu quero estudar em Gainesville, e eu digo que quero fazer Direito, mas que também pensei em me candidatar à NYU, como minha mãe, o que provoca olhares surpresos. Quando o prefeito Forbes diz que certamente meu pai preferiria que eu fosse para Gainesville, pergunto se ele ouviu isso diretamente dele, porque meu pai certamente não me deu nenhuma opinião sobre meus planos para a faculdade. O prefeito Forbes dá de ombros e diz: "Não ultimamente, suponho." Sim, parece correto.

O prefeito Forbes menciona o baile pai-filha no clube de campo, que acontecerá em pouco mais de um mês. Ele levará Lacey, é claro, mas meu pai não se ofereceu para me levar desde que eu tinha onze anos. Este ano, o baile cairá em um dos fins de semana em que ele estará fora da cidade, então ele não precisará inventar uma desculpa para não ir, e eu poderei fingir que ele gostaria de me levar se estivesse na cidade.

Fiquei surpresa quando o prefeito Forbes olhou para a esposa, que sorriu, me tranquilizando, e me perguntou se eu gostaria de acompanhá-lo com Lacey. Ele sabia que meu pai não poderia estar presente e que seria uma honra substituí-lo, disse ele. Dei uma olhada para Robin, que começou a acariciar minhas costas. Obviamente, toda a família havia conversado sobre isso e, sinceramente, fiquei tocada. Mas, quando metade da cidade está presente nesse evento, eu sempre vou até o lago com Cam e, geralmente, ele me lê um de seus contos. Não é uma tradição que eu queira quebrar, não depois de tanta coisa ter mudado este ano, e depois de ontem à noite, ainda me sinto tão confusa com tudo. Disse a eles que conversaria com meus pais, mas me preocupei que o prefeito Forbes fosse direto falar com meu pai, que ficaria aliviado por ter a chance de me evitar e, ao mesmo tempo, agradar o amigo.

O prefeito e Cindy Forbes viajarão para Nova York no primeiro fim de semana de fevereiro, e Robin lhes conta que convidará um grupo de amigos para assistir ao Super Bowl. Ele não pergunta se eles querem, apenas avisa que dará uma festa na casa deles. Seus pais lamentam a ideia genial. Então, o prefeito Forbes começa a contar a história de como se apaixonou por Cindy em uma festa do Super Bowl.

"Naquela época, ela era a Cindy Parker. Eu a conhecia, claro, afinal, é Linton, todo mundo conhece todo mundo, mas ela era caloura e eu estava no

terceiro ano, e, sabe, era o ensino médio. Eu tinha namorado nos dois primeiros anos, nada muito sério, mas terminou no verão anterior. Minha Cindy era tão linda naquela época quanto é agora. Cabelo loiro comprido, olhos verdes brilhantes... meu amigo Teddy — seu pai também o conhecia, Rory — ele se mudou há anos, enfim, ele a convidou porque estava na esperança de conquistá-la. Esse é o único motivo de ela ser caloura em uma festa de veteranos." O prefeito Forbes e sua esposa riem, e Robin e Lacey gemem. Eu sorrio. Nunca os ouvi falar sobre a época em que eram crianças.

"Foi como mágica, juro - bastou um olhar para eu me apaixonar. De jeito nenhum eu ia deixar a garota mais bonita da cidade ficar com outro, principalmente não com o Teddy Smith. Então eu simplesmente fui até ela e comecei a conversar, e ficamos conversando a noite toda - durante todo o jogo. Meu bolão ganhou e eu nem sabia até o dia seguinte. Ela era minha namorada depois disso, pedi em casamento logo depois da formatura dela e nos casamos antes de ela começar a faculdade em Gainesville."

"Como você sabia?", pergunto de repente. "Quer dizer, que ela era a pessoa certa." O prefeito Forbes abre um largo sorriso. Por baixo da mesa, Robin entrelaça seus dedos nos meus.

"Sabe, naquela noite eu olhei para ela e soube que não podia deixar o Teddy chegar perto. Ele era meio safado, aquele cara, e depois de passar a noite conversando com ela... eu já estava apaixonado. Eu simplesmente sabia que nunca ia querer outra garota e que não suportaria se ela namorasse com mais ninguém. A gente chamava isso de namoro sério naquela época, e eu a pedi em namoro naquela mesma noite." Os dois riem baixinho. É uma lembrança feliz e uma história doce. Robin levanta nossas mãos entrelaçadas debaixo da toalha de mesa e beija o dorso da minha mão. A família dele percebe. Acho que até ouço a mãe dele suspirar.

****

Depois do café da manhã, Robin e eu demos uma volta pela propriedade deles. Ainda estou atordoada com os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. Queria ter meu jipe comigo para poder fugir e clarear as ideias. Talvez ir para casa, ou para a casa do Cam. Mas eu jamais conseguiria conversar sobre a noite passada com o Cam. Nunca. Antes de conhecer a Robin, não havia nada sobre o que eu não pudesse conversar com o Cam. Agora me sinto mais sozinha do que nunca. Fazer amor pela primeira vez deveria ter nos conectado mais do que nunca, mas eu não poderia me sentir mais solitária.

Penso em todas as coisas que eu poderia ter feito diferente. Se eu não tivesse esquecido meus shorts, se eu tivesse lutado com mais força, ou se eu nem tivesse lutado. Se eu estivesse me vestindo como antes — de calça jeans em vez daquele vestidinho curto que o Robin chamava de sexy — isso provavelmente não o teria impedido de ficar muito excitado. De perder o controle. Naquela primeira vez que ele me tocou no carro dele, e eu o esbofetei, ele me disse que se eu não quisesse, não teria usado uma saia tão curta. Tenho usado saias e vestidos o ano todo. Do vestido vermelho que usei no nosso primeiro encontro ao uniforme de líder de torcida que eu usava na escola toda sexta-feira durante a temporada de futebol americano. E terei que usar de novo nos dias de jogo quando a temporada de basquete começar... Será que é isso que as pessoas

pensam agora, que eu quero?

Sexo.

Meu Deus , *até o Chip, meu amigo desde a infância na liga infantil de beisebol, colocou a mão no meu joelho e fez comentários sugestivos — algo que ele jamais teria feito antes — tudo por causa daquela maldita saia.*

"Você está muito quieta, querida", murmura Robin.

"Só pensando", respondi.

"No que você está pensando?"

Dou de ombros.

"Eu tinha ânsia de vômito quando meus pais falavam assim", diz ele.

"Acho isso fofo", murmuro baixinho. Robin para de andar e pega minha mão, puxando-me para que eu fique bem na frente dele, de frente para ele. Sinto uma pontada involuntária de medo, mas sei que é irracional e a afasto rapidamente.

"Antes eu pensava que eles eram apenas um casal de velhos melosos", continua ele, "mas agora eu entendo."

"Pegue?"

"Quando te vi no verão passado, na piscina, naquele maiôzinho vermelho de salva-vidas, que era de alguma forma mais sexy do que todos aqueles biquínis vulgares que as outras garotas estavam usando... foi como se eu estivesse te vendo pela primeira vez." Ele me encara fixamente. Eu não fazia ideia de que ele tinha me notado na piscina. Eu não fazia ideia de que ele já tivesse me notado antes daquele dia na varanda da casa dos pais dele, quando ele me chamou para sair pela primeira vez. Estou surpresa e, sinceramente, lisonjeada, mesmo que ele já tenha me elogiado centenas de vezes desde então.

"Eu até perguntei para a Lace sobre você, mas aí quando eu te vi naquela noite, parada na minha porta da frente com aqueles shortinhos minúsculos, parecendo que você estava nervosa com alguma coisa... Sei lá, querida, foi como se eu tivesse sido atingido por um raio ou algo assim."

"Tentei disfarçar, mas não conseguia parar de pensar naqueles olhos grandes, castanhos, de anjo. Naquele cabelo lindo que você esconde quando está tímida e doce." Ele coloca a pequena cortina de cabelo que cai sobre minha bochecha atrás da minha orelha. "Não consigo parar de pensar em você desde então. Nunca vou parar de pensar em você, querida. E não quero."

Robin se inclina e, em completo contraste com a noite passada, me beija lenta e ternamente. Ele deixa as belas palavras que acabou de dizer pairarem no ar ameno do inverno. E elas me tocam. Tocam mesmo. Quando se afasta, seu olhar é de pura adoração.

"Robin," eu respiro.

"Sim, querida?"

"Eu... ontem à noite... não quero fazer isso de novo até estar pronta", murmuro, agradecendo a Deus por conseguir dizer essas palavras em voz alta.

"Eu sei, querida", ele responde, e então passa o braço em volta da minha cintura e continuamos nossa caminhada.

CAPÍTULO QUATORZE

Dias de hoje

Não conto para minha mãe sobre a briga com a Chelsea. Tenho a sensação de que ela vai descobrir de um jeito ou de outro, e ela acha que eu tenho me saído tão bem ultimamente que não quero destruir essa fachada antes da hora.

Quando acordo no dia seguinte, meu Jeep já está na minha garagem. Sam cumpriu sua palavra — não que eu alguma vez tenha duvidado dele. Não tenho como saber se ele, e presumo que Tuck, o deixaram aqui ontem à noite ou hoje de manhã cedo, mas de qualquer forma, ele não tocou a campainha para dizer oi, não ligou nem mandou mensagem. Isso não me surpreende, mas me decepciona, e mais uma vez me lembro de que meus sentimentos por Sam estão fora de controle.

Tomo um banho de trinta minutos e, quando percebo que estou apenas procrastinando para evitar a escola, decido me dar um presente.

Um dia.

Apenas um dia.

Amanhã voltarei à escola e enfrentarei as consequências, sejam elas quais forem. Os rumores, as repercussões, qualquer medida disciplinar que eu possa sofrer... tudo isso.

Mas não hoje. Hoje, vou ficar sentada em casa com roupas confortáveis, comer comida reconfortante, ouvir rock pesado e reler meu romance favorito.

Deixo meu cabelo secar naturalmente e o prendo num coque desarrumado no alto da cabeça. Visto calças de ioga, uma regata branca de renda no lugar do sutiã e o moletom azul-marinho da NYU, velho e surrado, da minha mãe. Em algum momento dos anos 90, ela cortou a gola, então agora ele fica solto sobre um ombro. Esse é o meu uniforme de conforto.

Desligo meu celular e decido fazer muffins de banana. Quando minha mãe chegar em casa, sei que os muffins serão a prova da minha ausência, mas até lá sei que terei que contar o que aconteceu de qualquer maneira, e espero que eles amenizem um pouco as coisas. Literalmente.

Coloquei meu iPod na base da cozinha e comecei a tocar o álbum Throwing Copper, da banda Live, em alto volume. Peguei os ingredientes e comecei a trabalhar.

Quando o telefone fixo toca, deixo a secretária eletrônica atender, já que nem deveria estar aqui agora. A princípio, ignoro a voz feminina autoritária que soa pelo alto-falante, mas assim que ouço "Sra. Perreira, diretora aqui da Escola Secundária Port Woodmere", meus ouvidos se aguçam. Pauso a música e vou até a secretária eletrônica para ouvir a diretora explicar à minha mãe que a Sra. Stanger a informou que eu estava doente hoje, mas que ela também soube de um "incidente" ocorrido ontem à tarde entre mim e outro aluno, e que gostaria que os pais comparecessem para discutir o ocorrido e quais seriam as consequências.

Meu coração afunda. Embora eu agradeça silenciosamente a Carl por ter tido a perspicácia de inventar uma desculpa quando percebeu que eu não estava na sala de aula, lembro-me de que meu dia fingindo que nada aconteceu foi apenas isso, um dia de ilusão.

Estou lendo " *Para Sempre" , de Peter Hamill* , pela terceira vez, mais uma vez cativada pela narrativa ficcional que consegue descrever a história vibrante da cidade de Nova York como nenhuma outra, e tentando entender onde o atual campus da NYU se encaixa na paisagem da cidade ao longo dos anos, quando a campainha toca. Olho para o decodificador para confirmar que ainda é pouco depois do meio-dia, e minha segunda fornada de muffins ainda nem está pronta.

Quem será? Ninguém sabe que estou em casa. *Será? Alguém reparou que meu Jeep está lá fora?*

Minha respiração fica acelerada e, imediatamente, uma fina camada de suor frio se forma sobre minha pele.

Não entrar em pânico.

Poderia ser um vendedor porta a porta, poderia ser uma Testemunha de Jeová tentando me converter, poderia ser um serviço de entrega com alguns documentos legais para minha mãe...

Lembro-me de que não estou em Linton. Não pode ser *ele* . Também não pode ser um dos seus capangas ou um dos muitos capangas do pai dele aqui para me intimidar e me impedir de contar a verdade. Não pode ser a Lacey com um bando de lacaios aqui para me xingar ou espalhar boatos horríveis. Não pode ser meu próprio pai aqui para me ameaçar ou fingir que está me fazendo um grande favor ao me "tirar" da minha "própria enrascada" ajudando meu agressor a encobrir o que fez. Ou me acusando de arruinar a vida de todos nós.

O sino toca novamente, desta vez acompanhado por uma batida tímida.

Não, não são batidas na porta de alguém querendo me machucar ou me assustar, e conforme começo a me acalmar, vejo o rosto preocupado de Carl espiando pela janela da minha sala, procurando, mas sem ver nada. Claro, a ideia de que pudesse ser um amigo de verdade, simplesmente vindo verificar se estou bem, nunca me passou pela cabeça.

Assim que abro a porta, Carl entra correndo como um furacão. "Rory, eu estava tão preocupado. Seu telefone só dá caixa postal e tem tanta coisa acontecendo e-"

"Estou bem", interrompi-a. Ela me examinou de cima a baixo para confirmar e, quando se convenceu, respirou fundo.

"Bem, você podia contar para uma garota, *Jesus* ", ela suspira dramaticamente antes de caminhar até minha sala de estar e se jogar no sofá.

"Então entre", provoquei, e ela me mostrou a língua como uma criança mimada. Caminhei até o sofá e sentei de frente para ela. Acho que não vou conseguir evitar as consequências da briga de ontem, nem por um dia.

"Você está mesmo bem?", ela pergunta novamente. "Quando você não estava na escola, eu..."

"Acho que estou bem, só queria um dia para relaxar antes de passar o resto do ano letivo sendo acusada de ser uma vadia louca ou qualquer variação que a Chelsea inventar", explico. "O diretor ligou para casa. Apaguei a mensagem, mas vou ter que contar para minha mãe quando ela chegar do trabalho. Vão chamá-la para uma reunião." Suspiro. "Você acha que vão me suspender?"

Carl me encara com os olhos arregalados. "Então você não falou com ninguém desde ontem? Tina... *Cap?* " Eu balanço a cabeça negativamente e fico surpresa com o sorriso irônico de Carl.

"O quê? O que poderia ser engraçado? O que todo mundo está dizendo? Que eu tive um filho viciado em crack e fugi da Flórida para evitar uma acusação de agressão porque sou uma louca violenta?"

Carl se recosta e se acomoda, ainda com um sorriso de canto de boca. "Está com um cheiro maravilhoso aqui, você andou assando alguma coisa?", pergunta ela. Eu a encaro, piscando os olhos antes de me lembrar das minhas boas maneiras.

"Quer bolinhos?", ofereço, e ela acena com a cabeça. Vou até a cozinha, pego um prato e quatro bolinhos e levo para Carl antes de me sentar novamente e comer os meus. "E então?", pergunto. Sei que queria evitar isso até amanhã, mas ela está aqui, e não consigo resistir à tentação de perguntar qual é a história. Tenho certeza de que é algo muito mais absurdo do que minha simples imaginação poderia conceber.

"Bem," Carl começa a falar entre uma garfada e outra, "o boato é que Chelsea te seguiu até o banheiro e tirou uma foto sua se trocando..."

"Isso não é um boato, foi o que aconteceu", questiono. Carl ergue as sobrancelhas como se concordasse que foi inesperado.

"Eu sei, né? Estão dizendo que ela tinha ciúmes de você e do Cap, porque aparentemente vocês estão apaixonados, então ela tentou te humilhar te envolvendo no que era para ser um escândalo de fotos nuas/sexting. Aparentemente você pegou o celular dela para apagar a foto, mas ela te atacou e você acidentalmente deixou cair no vaso sanitário. Aparentemente você tem uma cicatriz no quadril de um acidente de carro que sofreu quando era criança, e todo mundo está zoando a Chelsea porque ela não sabe onde fica a cicatriz de uma cesárea." Ela está dizendo tudo isso casualmente, mastigando bocados enormes o tempo todo. "Ah, e porque você deu uma surra nela, mesmo ela tendo sido quem veio atrás de você."

Encaro-a com raiva, boquiaberta, completamente em choque.

Não tem como as pessoas estarem dizendo isso, as coisas não funcionam assim no ensino médio. Ninguém se volta contra a Abelha Rainha a menos que alguém mais poderoso esteja puxando os cordões, e eu estou muito longe da posição dela na hierarquia.

"Então, acho que desta vez os boatos chegaram bem perto da verdade, exceto pela história de como você fez a cicatriz, a menos que o acidente de carro seja verdade..."

Eu a encaro, piscando os olhos, sem revelar nada.

"Ah, e você e o Capitão estarem apaixonados... a menos que isso também seja verdade, é claro..." Agora ela está sorrindo de lado e eu jogo uma almofada nela e reviro os olhos. Ela sabe que não é verdade e eu não sei por que ela simplesmente não consegue esquecer essa teoria *do Sam e da Rory* , acho que ela só gosta de me provocar.

"Não consigo acreditar", murmurei.

"Eu sei. Você deve ter um anjo da guarda lá em cima com os deuses das fofocas do ensino médio", ela responde dando de ombros enquanto pega um segundo muffin e começa a quebrar pedaços para colocar na boca. "Esses são bons", ela murmura com a boca cheia.

"Não entendo", sussurro, ainda tentando compreender como uma garota

desconhecida conseguiu ganhar o concurso de Miss Popularidade...

Isso me atingiu como um muro de tijolos.

Claro.

Sam.

Por que não percebi isso imediatamente, nunca saberei. A única maneira de todos se voltarem contra a Rainha seria se fossem instruídos por alguém com mais poder — o Rei.

Capitão.

Mais uma vez, ele me defendeu. Ele resolveu meus problemas e limpou a minha bagunça.

Quero ficar com raiva dele por fazer tudo isso pelas minhas costas sem nem conversar comigo, mas não consigo. Já consigo ouvi-lo dizer "Pode deixar comigo, Pine" ou "Para que servem os amigos?". E talvez sirvam mesmo. Talvez seja assim que é ter amigos, *amigos de verdade* , que estão lá para te apoiar e te dar força quando você mais precisa. Olho para Carl do outro lado do sofá, que está comendo tranquilamente. Ela é a primeira namorada de verdade que eu já tive, e eu tenho dezoito anos. Ela não me julga — não me mantém por perto para me vigiar ou por algum motivo oculto. E no ano passado, quando tudo desmoronou, a única pessoa que eu tinha certeza que sempre estaria ao meu lado me deixou completamente sozinha para me virar antes mesmo de eu saber o que era ter esse tipo de apoio.

Me atiro em cima de Carl e a abraço com força. Ela solta um gritinho de surpresa antes de retribuir o abraço.

"Obrigado, Carl", murmurei, "Você não imagina o quanto significa para mim ter você como amigo."

Carl me abraça. "Pode contar comigo, Rory."

E eu acredito nela.

****

Carl foi embora para a escola antes do fim do intervalo do almoço. O alívio de não ter que lidar com os boatos que eu esperava me invadiu. Agora, tudo com que preciso me preocupar são as consequências disciplinares da escola, mas, para ser sincera, essa nunca foi minha maior preocupação. Ao sair, Carl admitiu que inventou a parte do boato sobre Sam e eu estarmos apaixonados, numa tentativa de me provocar/me fazer admitir minha paixão, o que eu neguei, mais uma vez. Devo admitir que fiquei surpresa com a pequena pontada de decepção que senti ao ouvir isso. Eu me perguntava por que, se Sam estivesse por trás dos boatos, eles incluiriam a ideia de que nós dois tínhamos sentimentos um pelo outro. Por um momento, me perguntei se talvez eu não fosse a única a me sentir assim. Mas a confissão de Carl fez sentido, e estou novamente no território seguro da *amizade.*

O único outro problema são as férias de primavera. Não há absolutamente nenhuma maneira de eu viajar com a Chelsea, e embora eu saiba que Carl e Tina, e provavelmente Sam, ficarão desapontados, acho que eles entenderão por que não posso ir com eles.

A tarde passou voando, e eu larguei meu livro e decidi assar outra fornada de muffins, já que Carl acabou comendo três. Liguei meu iPod de novo e comecei a cantar e dançar ao som de Green Day dos anos 90. Acabei de colocar

uma fornada no forno e estou reclamando da minha falta de motivação quando a campainha toca mais uma vez.

Olho para o relógio e percebo que as aulas terminaram há uns dez minutos e provavelmente é o Carl voltando para ver como estou.

"Um segundo!" grito e enxugo as mãos num pano de prato enquanto caminho até a porta, ainda dançando ao som da música.

Abro a porta de repente e congelo.

É o Sam.

E eu estava balançando a cabeça e cantando sobre como *a masturbação perdeu a graça.* Assim que abri a porta, corei intensamente, mas Sam estava com um sorriso enorme estampado no rosto.

"Sabe, eu estava um pouco preocupado com você depois de ontem, mas parece que você está se divertindo bastante matando aula, né, Ferris Bueller?", ele diz arrastado da minha porta. Limpo as mãos novamente no pano de prato antes de guardá-lo no bolso do meu avental. Mais uma vez, fico impressionada com o quão atraente ele é. Está mais quente hoje do que nos últimos dias, e Sam está com um visual meio James Dean moderno, usando jeans e camiseta justa, com uma jaqueta de couro por cima. Fico impressionada com a beleza natural dele. Simplesmente não é normal.

"Hum... você quer entrar?", pergunto timidamente. Não sei por que de repente me sinto tão tímida perto dele, mas me sinto. Ele hesita.

"Tudo bem? Só queria saber como você está. Podemos conversar aqui fora, se você quiser", ele sugere. Ele acha que vai me deixar desconfortável se entrar. Ele está preocupado que eu surte por estar sozinha com ele e, vagamente, me pergunto por que não estou. Mas não estou.

"Sim, entre", murmurei, segurando a porta aberta para ele. Sam entrou lentamente na casa que ainda não parecia um lar. Era uma casa modesta, com menos de um terço do tamanho da dele, que era enorme. Minha mãe a comprou com o dinheiro do divórcio, que foi menos do que ela merecia, mas ela só queria que tudo acabasse logo, então concordou com um pagamento único que provavelmente era metade do que ela teria recebido se tivesse brigado com meu pai no tribunal. Naquela época, meu pai estava ansioso para que fôssemos embora, já que tínhamos nos tornado párias, pelo menos no círculo dele, ou aposto que ele teria tentado garantir que ela recebesse ainda menos.

Compramos esta casa sem vê-la pessoalmente. Karen veio e tirou fotos para nós, e, na verdade, só precisávamos de algo pequeno e simples para nós dois. A única exigência da minha mãe era que fosse em um bairro seguro e dentro do distrito escolar de Port Woodmere. E foi exatamente isso que conseguimos. É uma casa colonial padrão, quase idêntica às outras trinta iguais no quarteirão. Observo Sam olhando ao redor. Há algumas fotos minhas de criança e algumas minhas com minha mãe, mas não muitas. Nos mudamos há apenas alguns meses, e isso se nota.

Sam se vira para mim e dá um sorriso de canto. Ele estende a mão em minha direção e eu engulo em seco, nervosa, antecipando o calor que sei que se espalhará por todo o meu corpo ao seu toque.

O polegar dele roça meu nariz e eu mordo o lábio, percebendo o quanto eu gostaria que ele me beijasse, que eu sentisse o gosto dos lábios dele, e também

percebendo o quanto esse pensamento me assusta.

Ele retira o polegar, agora branco de pó.

"Você tem farinha no nariz", explica ele antes de estender a mão para trás e passar o polegar na minha bochecha. "Aqui também."

"Ah." Saiu como um suspiro e eu corei novamente. Eu me cobriria de farinha se isso o fizesse me tocar tão carinhosamente assim. *Meu Deus,* mal me reconheço em meus próprios pensamentos. Fecho os olhos por um breve momento para me recompor. "Você quer se sentar?", ofereço quando me lembro de minhas boas maneiras.

Sam vai até a sala de estar e senta-se graciosamente, esticando os braços ao longo do braço e do encosto do sofá, e apoia o tornozelo no joelho oposto. Ele é tão alto, tem membros longos e é tão incrivelmente atraente. Há uma energia inexplicável, nervosa, mas ao mesmo tempo emocionante, que ele transmite, e que é ainda mais intensa ao me lembrar de Carl sentado naquele mesmo lugar apenas algumas horas antes. Seu cabelo cresceu gradualmente desde que o conheci, e agora cai em ondas espessas, com algumas mechas caindo sobre os olhos até que ele as jogue para trás. Me pego pensando em como eu gostaria de passar meus dedos por aquele cabelo. Seus olhos azuis profundos são intensos e me seguem pela sala enquanto me preparo para me juntar a ele no sofá.

"Então, essa farinha não sujou nenhum lugar além de você?", ele pergunta. Olho para baixo e vejo que ele tem razão: estou coberta de pó branco. Levanto-me para desamarrar a parte de trás do meu avental.

"Se a Chelsea estivesse aqui, estaria gritando aos quatro ventos que isso é cocaína para qualquer um que quisesse ouvir", murmuro. Sam me observa enquanto junto o avental e caminho até o fundo, em direção à cozinha, onde a porta da lavanderia está aberta, e o jogo no cesto de roupa suja.

"Bem, ela *não está* aqui, e eu imagino que ela não estará onde você estiver por um bom tempo", ele grita enquanto eu coloco alguns muffins em um prato na cozinha.

Coloquei o objeto na mesa de centro à sua frente e me acomodei novamente no sofá, cruzando as pernas para ficar de frente para ele.

"O que você quer dizer?" pergunto, mas antes que ele possa responder, a avalanche começa. "O reitor ligou para chamar minha mãe para uma reunião sobre ontem. Achei que todo mundo ia espalhar aquele boato de que eu tenho um bebê, e coisas piores, mas não estão, né...?" Quase soa como uma acusação, embora eu não tenha certeza se era essa a minha intenção.

Sam balança a cabeça. "Não, não são." Ele me olha com cautela, como se não tivesse certeza se vou gritar com ele ou não.

"Você manipulou os rumores", digo, e não é uma pergunta. Sam não nega. Na verdade, ele não diz nada, apenas me encara. "E a história da minha cicatriz... o acidente de carro? Foi você também?"

Sam acena com a cabeça bruscamente, ainda me olhando atentamente, como se não soubesse como vou reagir.

Naquele momento, me senti sobrecarregada. Comovida. Não sei o que fiz para merecer a lealdade e a amizade desse homem, mas valorizo isso imensamente. Prezo isso. E ele também. Não queria me emocionar, mas me emocionei. Pisquei para afastar as lágrimas, repreendendo-me mentalmente por

ser tão dramática.

"Obrigada", sussurro.

O alívio de Sam é imediato e evidente. Ele passa a mão pelos cabelos e solta um suspiro profundo. "Droga, Ror, não chore", ele sussurra, e então passa o polegar em cada uma das minhas bochechas para enxugar minhas lágrimas.

Balanço a cabeça negativamente. "Desculpe, não queria ser tão emotiva." Rio de mim mesma, maravilhada com o fato de que, mesmo quando não estou chateada, de alguma forma acabo chorando. "Você é um ótimo amigo, Sam. É sério. Obrigada", digo sinceramente e o abraço com força. Ele fica surpreso, assim como Carl, eu percebo. Obviamente, ele sabe que tenho problemas com contato físico, mas já o abracei antes e não sinto medo algum em seus braços, que, após uma breve hesitação, me envolvem e me apertam ainda mais contra ele. Ele tem um cheiro tão bom. Limpo, masculino e com um leve toque de loção pós-barba. Quero suspirar, mas me contenho e me afasto antes que eu consiga me convencer de que tenho o direito de estar ali — em seus braços.

Sam sorri com um ar melancólico. "Para que servem os amigos?", responde ele, e eu rio.

"Eu sabia que você ia dizer isso!", admito, e o sorriso melancólico de Sam se transforma em um sorriso aberto. Fico feliz que o clima esteja melhorando. Aponto para o prato na mesa de centro. "Então, experimente meu muffin, você merece."

Os olhos de Sam se arregalam em choque. "Ah, o que Dave faria com essa", diz ele com uma risadinha enquanto eu repasso minhas palavras na minha cabeça e, mais uma vez, fico vermelha de vergonha. Dou um empurrãozinho de brincadeira no peito dele, mas desvio o olhar, constrangida. *Preciso aprender a pensar antes de falar.*

Sam pega o prato e dá uma boa mordida, devorando metade do muffin de uma só vez. "Mmm", ele geme.

Adoro o som. Até mais do que o som da sua risada. E fico observando-o enquanto come, absolutamente fascinada por como o pomo de Adão sobe e desce enquanto engole, como seu maxilar perfeitamente esculpido se move em ritmo enquanto mastiga, e, *meu Deus* , como ele lambe as migalhas dos lábios. Penso em como é estranho achar algo tão banal tão fascinante.

"Então", diz ele, depois de terminar o primeiro muffin em não mais do que três mordidas, "falando em Dave... eu não me preocuparia muito com essa reunião com o reitor", acrescenta.

Mas o que diabos isso significa? "O quê? Por que não? E o que isso teria a ver com o Dave?", pergunto.

"Bem, aparentemente Lily estava com Chelsea ontem..."

Sim, eu sei disso. Eu estava lá.

"Ela disse que não tinha ideia do que Chel ia fazer, mas enfim, resumindo, ela disse ao reitor que a culpa era toda da Chel. De tudo."

"Por que ela faria isso?", pergunto, cético.

Sam pega o prato de volta e começa a comer o segundo muffin. "Bem, eu gostaria de dizer que ela teve uma crise de consciência, mas é mais provável que..."

"Dave." Eu o interrompi. "Você pediu para o Dave convencê-la a dizer a

verdade."

Sam estreita os olhos para mim. "Bem, talvez eu tenha explicado a ele as vantagens de usar sua influência com Lily para fazê-la agir corretamente", admite. Ele faz uma pausa. "E... Chelsea está suspensa por duas semanas. Então, ela só volta depois do recesso", explica. Abro a boca para falar, mas ele levanta a mão para me interromper. "E antes que você tente se esquivar de ir conosco, ela não vem mais. A mãe dela a deixou de castigo. Cancelou a viagem."

Num instante, registro o choque por Chelsea não vir, o alívio e o choque de sentir alívio por ainda poder participar de uma viagem que, para começar, eu nem tinha certeza se queria. Também me pergunto como Sam parece antecipar minhas preocupações, saber o que estou pensando. Eu tinha isso com Cam, mas a nossa amizade era fruto de quatorze anos de inseparabilidade. Conheço Sam há apenas alguns meses e, quando o conheci, minhas defesas eram tão altas que eu jamais imaginaria que alguém conseguiria derrubá-las. *Como diabos chegamos a isso?*

"Ror?"

"Sim?" Percebo que fiquei em silêncio por muito tempo, mas não sei o que dizer.

"Você ainda vai vir... né? Quer dizer, eu quero você lá. São as nossas férias de primavera do último ano. A Chel não vai estar lá, e a culpa é dela, então você não tem motivo nenhum para mudar de ideia", ele insiste. "Eu sei que você está preocupada, mas vai ficar tudo bem, tá bom? Vai ser divertido. Você vai estar com seus amigos e a gente vai se divertir muito."

"Sim, eu sei que vou. Eu quero muito ir", asseguro-lhe, consciente de que pareço insegura, mas minha incerteza não tem nada a ver com a viagem, não agora que sei que Chelsea não estará lá. É Sam quem me deixa confusa, é Sam quem sempre me deixa confusa ultimamente, percebo, enquanto tento me recompor e controlar meus sentimentos.

"Estou falando sério, Ror." Ele se inclina para mim, olhando fixamente para enfatizar suas palavras.

Eu concordo com a cabeça, mas percebo que ele não está convencido.

"Do que você está preocupada? É *dele* ? Ele ainda está na Flórida?", ele pergunta, e eu fico momentaneamente atônita.

"Quem? *Robin? "* , pergunto, intrigado.

Sam estreita os olhos, sua expressão muda completamente num instante, seu maxilar se contrai e suas narinas se dilatam. E eu, coitada, só consigo pensar: *ele também fica adorável quando está bravo.*

" *Esse é* o nome dele?", ele praticamente rosna. Não digo nada. "Você ainda está em contato com ele? Ele está te incomodando?" Ele está ficando irritado, e eu não quero que ele se irrite — não por minha causa. Não mereço mais nenhuma defesa dele. Balanço a cabeça enfaticamente em sinal de negação.

"Não, claro que não. Ele não pode de qualquer forma; tenho uma ordem de restrição. Mas não é ele. Linton não está nem perto de Miami", explico. "Para eles, tanto faz se estiverem em estados diferentes."

Sam visivelmente se acalma, mas sua testa se franze pensativamente. "Você ainda sente algo por ele? Quer dizer, eu sei que essas coisas podem ser complicadas. Minha mãe-"

"Não, Sam. Eu o odeio. De verdade", digo devagar e com cuidado.

Sam se aproxima de mim num instante. "Não vou deixar que ele te machuque de novo", ele promete, mas eu balanço a cabeça negativamente. Já ouvi isso antes. E não acabou bem — nem para mim, nem para o meu protetor.

"Não é sua obrigação me proteger", sussurro. Sam me encara.

Não sei se minhas palavras o irritaram ou o quê, mas são verdadeiras. Por mais que eu desejasse que as coisas fossem diferentes, eu não sou dele, e ele não é meu, e nunca poderemos ser mais do que amigos. Eu nem saberia como ficar com ele se ele me quisesse; Robin e o jeito dele de ser são tudo o que eu conheço, e a realidade é que Sam não me quer mesmo. Não como nada além de amiga.

"Mesmo assim", responde ele, com igual intensidade, "como meu *amigo* , eu agradeceria se você me dissesse se *Robin* voltar a incomodá-lo de alguma forma, ok?" O desprezo em sua voz ao pronunciar o nome de Robin é suficiente para incutir medo em qualquer um.

Assinto com a cabeça, sem jamais desviar o olhar. A mentira me vem com mais facilidade do que o normal. Preciso me concentrar para não morder o lábio, mas consigo. Porque, é claro, não tenho a menor intenção de fazer isso. Sei que já deixei Sam me resgatar várias vezes, mas jamais o colocaria em risco permitindo que ele travasse *essa* batalha por mim. Nada de bom pode resultar quando garotos adolescentes cheios de testosterona se exaltam para defender alguém de quem gostam. Mas também não espero que Robin tente me contatar novamente, então é uma mentira inofensiva.

"Talvez não seja meu direito protegê-lo, Ror, mas vou fazê-lo mesmo assim."

Tenho quase certeza de que disse que não era *obrigação dele* me proteger, e estou um pouco confusa sobre como tal fardo poderia ser chamado de *direito* . Sam passa os dedos pelos cabelos e fecha os olhos por um breve instante; quando os abre novamente, sua intensidade diminuiu. "Amigos cuidam uns dos outros, certo?", pergunta ele, com a voz mais leve.

"Certo", sussurro, e Sam me oferece um leve sorriso. *Amigos.*

"Eu te protejo, Pine."

CAPÍTULO QUINZE

Abril, ano passado

tenho *conseguido dormir. Os pesadelos começaram há uns dois meses, pouco depois daquela primeira noite em que Robin decidiu que era hora de dormirmos juntos. Eu nunca tinha tido pesadelos antes. Não assim. Acordo em um suor frio, Às vezes soluçando, às vezes gritando, meu travesseiro encharcado de lágrimas. Algumas vezes o barulho acordou minha mãe, a quem meu pai convenceu de que estou apenas chateada porque Robin vai para a faculdade daqui a alguns meses. Ela me consola dizendo que ele estará a apenas uma hora e meia de carro, que em pouco mais de um ano me juntarei a ele em Gainesville.*

A verdade é que saber que ele vai embora é a única coisa que realmente me consola. Talvez um pouco de distância seja o que precisamos. Distância física, pelo menos. Ele vai em julho para o treino de futebol, e quanto mais perto do verão, mais possessivo ele fica.

Quase não vejo a Cam. Uma vez eu disse a mim mesma que não pararia de abraçar minha melhor amiga para agradar meu namorado, mas agora é muito mais fácil ceder aos pedidos da Robin.

Ele surtou há algumas semanas quando eu abracei o Cam na escola. Era o aniversário da morte do pai dele, e eu tentei explicar isso para o Robin, mas ele simplesmente não quis ouvir. Disse que eu o tinha envergonhado – que eu era a namorada dele e que não pertencia aos braços de outro homem. Gritou comigo, dizendo que se eu precisasse de um abraço, ele me daria um abraço, oras. Só que usando muito mais palavrões. E então ele me deu um abraço. Me apertou tão forte que eu não conseguia respirar, e só quando comecei a chorar e entrar em pânico é que ele me soltou. Isso deixou hematomas nos meus braços e costelas. Agora eu só abraço o Cam quando estamos sozinhos, o que é tão raro hoje em dia, mas encontro tanto conforto em seus braços que me pego ansiosa por esses momentos. Digo a mim mesma que no ano que vem o Robin terá ido embora e tudo poderá voltar ao normal.

Nem tudo é ruim, porém. Robin é um namorado atencioso. Na maior parte do tempo, ele é carinhoso e até mesmo doce. Ele me compra um buquê de flores diferente todo sábado antes de sair comigo, e dirige quarenta e cinco minutos até a minha padaria favorita todo domingo para me buscar o café da manhã.

Mas ele também se irrita comigo com muito mais facilidade do que antes. Ele simplesmente perde a paciência. Diz que está sob muita pressão com a formatura e o início do treinamento de futebol americano, e eu entendo, de verdade. Mas algumas vezes ele me agarrou com tanta força que meu braço ficou roxo, e uma vez ele chegou a arrancar um pequeno tufo do meu cabelo quando tentei me afastar de uma discussão até ele se acalmar.

Porque, quando ele se acalma, ele volta a ser o meu Robin. Ele fica tão arrependido e carinhoso que eu sei que ele realmente está arrependido. Ele até me comprou um lindo colar com um pingente de ouro branco em formato de bola de futebol americano com um pequeno diamante solitário. Eu o agradeci, mas disse que não precisava de presentes, só precisava que ele não perdesse o controle. Porque quando ele perde o controle, isso me aterroriza. Ele só me diz o

quanto está arrependido, o quanto me ama e que eu sei que ele nunca me machucaria de verdade. E eu costumava acreditar nisso, mas agora... quer dizer, ele tem *me magoou.*

Nem isso é o pior. Porque pelo menos quando ele me agride, eventualmente ele se dá conta, pede desculpas e tenta compensar.

O que causa meus pesadelos é aquela noite depois da festa do Marcus. E as noites em que isso se repetiu desde então. Aliás, em todos os fins de semana que passei na casa dos Forbes, Robin se aproveitou de mim em pelo menos uma das noites em que fiquei lá. Às vezes, nas duas noites.

É sempre a mesma coisa. A gente se beija, ele tenta ir mais longe, eu digo não *, e geralmente ele recua. Exceto naquelas noites. Naquelas noites, quando eu digo não, ele simplesmente perde o controle. Ele prende meus pulsos, eu luto, soluço e imploro, suplico para ele parar, e ele nunca para. E toda vez que ele me força a entrar, eu congelo. Paro de lutar. Todas as malditas vezes. E eu ainda não sei por quê. E o Robin também percebeu. Ele diz que eu só gosto de me fazer de difícil e paro de resistir quando ele está dentro de mim porque eu gosto. Porque eu "gosto de coisa mais intensa".*

Mas eu sei que não gosto. Dói. Todas as vezes. Ele fica dizendo que eventualmente eu vou começar a gostar mais, mas acho que na verdade eu odeio cada vez mais.

Quando eu travo, começo a pensar em outras coisas. Coisas felizes. Geralmente em lembranças — acho que isso faz o tempo passar mais rápido — e as lembranças felizes geralmente envolvem o Cam. E depois me sinto culpada. Mesmo sabendo racionalmente que a Robin fez algo horrível, pensar em outro homem — mesmo que não seja necessariamente de forma romântica — enquanto meu namorado "faz amor" comigo, como a Robin chama, é simplesmente errado.

Também percebi que Robin não tinha usado camisinha na primeira noite. Quando ele também não usou na segunda vez, acabei perguntando por quê. Ele disse que ia se casar comigo de qualquer jeito, então tanto fazia. Ele não deu mais detalhes, mas só de pensar em engravidar com apenas dezessete anos, e ainda por cima com o filho do Robin, me fez correr para o médico para pegar pílulas anticoncepcionais. Ainda bem que minha mãe entendeu e foi comigo. Não contei para ela que o Robin não usava camisinha, só que eu queria ser mais cuidadosa. Também não contei para o Robin que eu tomava a pílula, não sei como ele reagiria.

Agora que é primavera, o tempo esquentou de novo. Vai esquentar ainda mais quando o verão chegar. Passo todo o meu tempo na escola, com a Robin, torcendo nos jogos de basquete — o único momento que realmente passo com as meninas — ou tentando arranjar um tempinho com o Cam.

Mas o Cam percebeu que tem algo de errado comigo. Eu o pego me lançando olhares suspeitos na escola ou quando estamos todos juntos, e embora eu force um sorriso falso de "está tudo bem", é difícil enganar o Cam. Pelo menos para mim. Ele me conhece muito bem. É como aquela maldita picada de vespa de novo.

Eu praticamente parei de usar qualquer coisa além de calças jeans, exceto quando a Robin começa a reclamar, e aí eu uso vestido em dias que sei que não

estaremos sozinhas. Espero que, se eu usar saias com menos frequência, as pessoas não pensem que eu "quero", como a Robin disse. Que a Robin não pense que eu quero. Porque eu não quero. Mas hoje e sexta-feira tem jogo de basquete depois da aula, então tenho que usar uniforme.

Pego uma banana para o café da manhã e estou prestes a sair para esperar Robin me levar para a escola quando meu pai me surpreende me chamando para seu escritório. "É você, Bela Adormecida? Venha aqui um minuto, por favor?"

Eu obedeço obedientemente. "Sim, papai?" Eu fico parada na porta.

Ele larga os documentos que estava analisando e tira os óculos de leitura.

"O Bobby comentou que o Rob te convidou para ir a Gainesville com ele neste fim de semana", diz ele. Ele tem razão, o Robin precisa ir de carro para uma espécie de programa de orientação com o departamento de atletismo e queria que eu passasse o fim de semana com ele lá, mas eu disse ao Robin que não achava que meus pais concordariam. "Eu acho uma boa ideia. Quer dizer, você vai para lá daqui a pouco mais de um ano e tudo o que você já viu foi o estádio de futebol americano. E nós não vamos a um jogo dos Gators há uns três anos, né?"

Na verdade, cinco .

"Será uma boa oportunidade para você conhecer o campus", continuou ele, enquanto procurava em seu celular o que presumo serem e-mails de trabalho.

Mexo nervosamente no meu colar, e apesar de ser apenas algumas gramas de ouro branco, ele pesa bastante no meu pescoço. Enquanto mudo o peso de um pé para o outro, busco coragem para falar com um pai com quem mal tenho contato há anos.

"Papai, eu estava pensando... Estava pensando que talvez eu gostaria de me inscrever na NYU. Fazer a graduação em Nova York. Sabe, como a mamãe." Minha voz é um sussurro trêmulo e me pergunto para onde foi aquela garota durona que nunca teve problemas em dizer o que pensava. Isso chama a atenção do meu pai. Ele coloca o celular na mesa e me encara.

"Eu sei que não temos conversado muito sobre isso ultimamente, mas você sempre quis ir para a UFL. A vida toda. Por que você iria querer ir para Nova York?", ele pergunta.

Dou de ombros e me sento na poltrona em frente à sua mesa. "Acho que seria uma boa experiência para mim", murmuro.

"Aurora, acho que não é uma boa ideia. E de qualquer forma, Robbie estará em Gainesville, por que você iria querer estar em outro lugar?", ele pergunta.

Dou de ombros novamente.

Meu pai suspira. "Escuta, relacionamentos são difíceis. Você tem ideia de como seria difícil para você e o Rob darem certo se vocês morassem em estados diferentes?"

"Eu sei, papai, só não tenho certeza se é isso que eu quero", sussurro. Meu pai se inclina para a frente na cadeira, apoiando os cotovelos na mesa.

"Aurora, o Rob está prestes a se tornar o quarterback titular da faculdade e chegar à NFL. Você sabe quantas garotas vão se jogar em cima dele? Você

sempre foi ingênua nessas coisas, mas precisa estar lá com ele. Meu Deus *, ele já está falando com o pai sobre pedir a namorada em casamento. Você sabia disso? Ele te ama! E você 'não tem certeza'? O que há de errado com você?" Ele está usando o tom que reserva para me dar sermão. Fazia tempo que eu não o ouvia. Acho que não fiz nada que merecesse a atenção dele. Mas a pergunta dele me atingiu em cheio. O que* há *de errado comigo? É uma pergunta que tenho me feito repetidamente há meses.*

"Olha, Aurora, você só está com medo. É normal, sabe, ficar com receio e tudo mais. Mas ele te ama, e você o ama. Você é uma garota de sorte." Ele faz uma pausa e respira fundo. "Você vai passar o fim de semana com ele em Gainesville e vai ver como vai ser ótimo. Ir para a faculdade com seu futuro marido. Sem ter que ficar longe um do outro. Se você está preocupada comigo e com a sua mãe, não se preocupe — você vai se casar com o rapaz, eu aceito que vocês tenham intimidade."

Eu solto um suspiro de espanto. Não sei o que fazer, o que dizer. Mas sei que não posso passar um fim de semana inteiro com o Robin. Já é ruim o suficiente quando fico lá, mas pelo menos os pais dele estão por perto e ele só consegue ficar a sós comigo tarde da noite. Ao imaginar-me sozinha num quarto de hotel com o Robin, começo a entrar em pânico. Ele seria como um cachorro com um osso. E eu seria o osso, toda mastigada e suja para a diversão dele. Não tenho escolha, não posso deixar isso acontecer.

Assim que me dou conta de que estou prestes a contar ao meu pai a verdade sobre mim e Robin, espero sentir terror, mas não sinto. Sinto alívio.

Em algum lugar, ao longo desta estrada longa e escura, consigo vislumbrar um lampejo de luz. De esperança. De que não terei que suportar isso com Robin por muito mais tempo, porque, amor ou não, não posso mais ficar com ele, e certamente não posso concordar em me casar com ele. Nem agora, nem nunca. A ideia de me tornar dele... esposa - *de um* para sempre *Isso me dá coragem. As palavras serão difíceis de dizer, mas assim que meu pai as ouvir, sei que ele me ajudará. Não importa o quão distantes tenhamos estado nos últimos anos, meu pai me protegerá. Afinal, esse é o trabalho dele, não é? Respiro fundo para me acalmar e reúno minha coragem.*

"Não, papai, você não entende. Robin... ele... nós temos intimidade, sim, mas... ele me machucou, papai." Percebo que minha voz está muito baixa, mas as palavras são tão difíceis de pronunciar. Principalmente com meu pai me encarando desse jeito.

"Do que você está falando, Aurora?", ele pergunta.

Perco o controle. Lágrimas escorrem pelo meu rosto e eu reprimo um soluço antes de continuar. "Ele... ele me forçou! Eu disse a ele que não estava pronta. Eu não queria fazer isso! Mas ele me obrigou", eu choro.

Meu pai não demonstra qualquer reação, mas seu engolir ansioso me diz que ele está me ouvindo. Alguns instantes se passam enquanto tento me recompor.

"Aurora, você deve estar enganada. Robin Forbes é um bom homem. Ele te ama. Ele poderia ficar com qualquer garota que quisesse, por que ele forçaria alguém a fazer alguma coisa? Você entende a gravidade de uma acusação como essa?" Sua voz é calma, seu tom acusatório, mas não em relação a Robin, e sim

a mim.

"Sim, claro que sei da gravidade da situação!"

"Quando isso aconteceu?"

"A primeira vez-"

" A primeira vez?! *Quantas vezes você já disse isso?" "* Onde foi isso *?!" Agora meu pai está se dando conta das emoções e eu sou grato por isso. Ele finalmente está entendendo o que aconteceu.*

"Alguns... seis... talvez mais", sussurro. Meu pai se acalma novamente, olha pensativamente pela janela por um minuto inteiro antes de responder.

"Então você quer me dizer que Robin Forbes..." estuprada *Você — porque é disso que você o está acusando, Aurora ,* estupro. *— E você não contou para ninguém, e não só não contou para ninguém, como continuou voltando para* "Mais *?" Sua voz é mortalmente calma e eu não consigo falar.*

Meu Deus *, ele tem razão, eu deixei o Robin se safar disso por meses. A culpa é toda minha. Talvez não da primeira vez, mas de todas as vezes depois disso. Sou totalmente responsável.*

"Sim", eu respiro fundo.

Meu pai balança a cabeça negativamente. Ele parece estar com nojo.

"Aurora, você está confusa. Obviamente houve um mal-entendido. Robin é seu namorado, ele tem dezoito anos, e você também é praticamente adulta. Se você não queria ter intimidade com ele, então obviamente não deixou isso claro passando todo o seu tempo namorando com ele, sem mencionar a forma como você tem se vestido. O que um homem deve pensar quando sua namorada desfila ao redor dele com essas saias curtas como você faz? Ele nunca faria isso com você se não achasse que você também quer. Robin te ama."

Percebo que é de mim, e não de Robin, que meu pai sente nojo. Estou perdendo a minha determinação. Ele não acredita em mim, e mesmo que acreditasse, como ele mesmo disse, a culpa é minha. E ele não está errado, que mensagem eu estava passando ao usar os vestidos que Robin gostava? Ao voltar para ele toda vez que ele me magoava...

"Eu disse que não. Implorei para que ele parasse", murmuro, mas até eu consigo perceber a derrota na minha voz. Meu pai recosta-se na cadeira da sua escrivaninha. Ele está literalmente me olhando com desdém.

"Estou decepcionada com você, Aurora. Você não pode sair por aí espalhando esse tipo de acusação. Você entende o que poderia ter acontecido se tivesse dito essas coisas para alguém que não conhecesse o Robbie? Alguém que não teve a oportunidade de observar o relacionamento de vocês? Alguém que sabe o quanto o Rob te ama? Meu Deus *, Aurora, ele perderia a bolsa de estudos! A carreira dele acabaria! Ele poderia até ir para a cadeia! Como você pôde ser tão irresponsável?"*

"Você tem sorte de o Robin ter te escolhido. Não se atreva a esquecer disso nem por um segundo. Você pode se achar a última bolacha do pacote aqui em Linton, mas ainda é só uma garota do interior. Você é igualzinha na UFL e ainda mais comum no mundo real. O Robin vai jogar profissionalmente, entendeu? Ele quer..." casar *Você! Não ouse estragar tudo, entendeu, mocinha?*

Não sei o que dizer. Não tenho certeza se conseguiria falar mesmo se soubesse. Acho que meu pai nunca me xingou antes.

Qualquer resquício de esperança que eu tivesse antes desapareceu. Nem consigo mais chorar, estou apenas anestesiado.

Minha mãe veio se despedir antes de ir para o escritório; ela tem estado preocupada ultimamente com um cliente carente. Ela meio que sempre está assim, mas eu não a culpo, seus clientes realmente precisam dela. Ela pergunta se está tudo bem. Não sei se ela percebeu meu humor ou se simplesmente sabe o quão rara é uma conversa entre meu pai e eu ultimamente, mas meu pai apenas a dispensa com um gesto de mão e ela vai embora. Ele ainda está me encarando e eu continuo sentada, congelada na cadeira, quando a campainha toca alguns minutos depois.

Meu pai se levanta para atender a porta, mas eu não me mexo.

Vagamente, reconheço a voz de Robin. Meu pai o está cumprimentando e eles estão batendo papo quando entram no escritório. Robin veio me buscar, e tenho certeza de que nos atrasei para a escola por não ter esperado na varanda como costumo fazer.

Robin pega na minha mão e eu me levanto da cadeira e, como se estivesse no piloto automático, caminho com ele em direção à porta da frente.

"Então, você e minha Bela Adormecida vão para Gainesville neste fim de semana?", pergunta meu pai a Robin, que fica um pouco surpresa.

"Hum, sim, senhor, se não for incômodo. Rory disse que o senhor não gostaria, mas eu adoraria mostrar o campus para ela", responde Robin, com seu jeito perfeito de cavalheiro.

"Claro. Eu estava justamente dizendo a ela que acho a ideia maravilhosa. Ela está ansiosa por isso", ele responde.

Meu pai aperta a mão de Robin e me lança um olhar antes de se virar para voltar ao seu escritório, e Robin me conduz até o carro. Eu sei o que o olhar do meu pai significava. Ele quer que eu saiba que não devo repetir o que lhe contei a mais ninguém. Ele já havia deixado claro o que queria dizer.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Dias de hoje

Com a intervenção da Lily, a culpa foi da Chelsea por toda a briga e eu só peguei uma tarde de detenção, que é a política da escola para qualquer pessoa envolvida em uma briga física, independentemente de quem começou o conflito. Cumpri a detenção na quarta-feira depois da aula e, como minha mãe estava mais preocupada comigo do que com ela, eu realmente não me meti em muita encrenca. Quando minha carta de aceitação da NYU chegou naquela mesma tarde, tudo o mais foi esquecido e minha mãe e eu fomos jantar sushi para comemorar. Ela está orgulhosa e, sinceramente, estou feliz em poder dar a ela orgulho depois de só ter lhe causado dor e arrependimento no último ano.

Estou me sentindo muito bem – pelo menos para mim – pela primeira vez em muito tempo, e tento me convencer de que o fato de Sam estar na Columbia no ano que vem – bem perto do campus da NYU – não tem nada a ver com a minha melhora de humor.

Com o recesso de primavera começando no meio da semana, a maioria das pessoas está encarando os três dias letivos restantes como dias de folga e começando o recesso neste fim de semana, pelo menos em espírito. É sexta à noite e o Andrew's está lotado. Alguns jovens que se formaram no ano passado voltaram da faculdade e aparentemente estão revivendo os tempos de colégio, ou talvez reencontrando amigos um pouco mais novos.

Eu mal comecei a me sentir um pouco mais à vontade com o grupo de sempre — as pessoas com quem estudo — e parece que sou a única pessoa aqui que não está muito animada com os rostos desconhecidos. Claro, eles são desconhecidos apenas para mim.

Carl me apresentou a algumas garotas que ela conhece do time de vôlei, e todas parecem bem legais. Também tem um grupo de caras que eu não conheço, alguns dos quais ficam parados observando as garotas como predadores à espreita de suas presas. Ninguém disse nada inapropriado, mas o meu limite e o dos outros não coincidem exatamente. Ninguém me assediou diretamente nem nada do tipo, mas se mais um estranho pedir para "conhecer a garota nova" com um sorrisinho convencido, eu vou perder a paciência.

Escapo sorrateiramente para o quintal, que se torna cada vez mais popular à medida que a estação avança e o ar fica mais ameno. Já não é mais um refúgio, mas apenas o cenário de mais uma parte da festa desta noite. Vejo Dave e Lily conversando com algumas pessoas que conheço e vou até lá pedir um cigarro a Dave, sabendo que ele sempre tem alguns consigo.

"Obrigada", murmuro, enquanto ele acende o cigarro para mim, e me viro para ir embora quando Lily me impede.

"Rory, posso falar com você um minuto?", ela pergunta, hesitante.

"Claro."

Caminhamos alguns passos para termos um pouco de privacidade antes de eu me virar para ela e perguntar o que está acontecendo. Desde que Chelsea foi suspensa/colocada em castigo, ela não tem aparecido por perto, mas eu presumi que seus amigos ainda a vissem. Então me lembrei de que foi Lily quem contou

a verdade para a diretora, e Chelsea provavelmente viu isso como uma traição.

"Eu só queria pedir desculpas pelo que aconteceu na terça-feira. Juro que não fazia ideia do que ela tinha planejado. Ela simplesmente nos disse para segui-la porque tinha algo para nos mostrar e, claro, como idiotas, nós fomos", explica ela, arrependida.

"Ela não está falando com você, está?" Não, a Abelha Rainha esperaria mais lealdade de seus súditos, ela não deixaria essa transgressão passar impune.

Lily dá de ombros. "Sinceramente, Rory, eu não saberia dizer. Não tentei. Ela anda meio fora de controle ultimamente", admite.

Isso me surpreende. Eu não esperava que as duas garotas se afastassem uma da outra, eu imaginava que seria apenas uma via de mão única.

"Olha, eu nunca te agradeci por ter falado com o reitor. Eu realmente agradeço, eu poderia ter me metido em uma grande encrenca", murmuro. Lily sorri, e é um sorriso surpreendentemente caloroso e sincero. *Talvez essa garota não seja tão ruim assim* .

"Tudo o que fiz foi contar a ela o que aconteceu."

Sim, é verdade, e embora eu não devesse ser grato por ela simplesmente ter dito a verdade, sei melhor do que ninguém o quão rara é uma escolha moral tão simples, principalmente no ensino médio, e sou grato por isso.

"Mesmo assim, obrigado."

Dave nos interrompe chegando por trás de Lily e beijando seu pescoço de forma lasciva. Isso me deixa desconfortável, mas mentalmente ignoro. Ela ri baixinho e tenta, sem muita convicção, empurrá-lo, mas para mim está claro que eles são apenas mais um casal que, sem dúvida, vai se juntar durante as férias.

"Vocês, moças, estão falando de mim?", ele pergunta, arrastando as palavras em tom de brincadeira.

"Não!" responde Lily.

"A gente só estava falando sobre dar um tempo", minto. Os olhos de Dave brilham de animação.

"Vai ser incrível. Bebendo o dia todo, festejando a noite toda, vocês todas de biquíni..." Ele suspira dramaticamente. "Um sonho realizado." Algo me diz que ele vai ver a Lily com ainda menos roupa do que um biquíni. Eu? Nem tanto.

Reviro os olhos e peço licença enquanto fumo meu cigarro até o filtro, apreciando seu efeito calmante. Um cigarro por semana, é tudo o que me permito. Embora, em minhas negociações internas, considere abrir exceções para férias com amigos — e vários desconhecidos virtuais — que, sem dúvida, incluirão situações desconfortáveis repletas de potenciais gatilhos para mim.

Ainda estou tomando o mesmo remédio que recebi quando me mudei para cá, e ainda tenho sete comprimidos. Estou um pouco preocupada que esta viagem me obrigue a depender mais deles do que tenho precisado ultimamente, mas decidi que a experiência será mais positiva do que negativa, e estou ansiosa para passar um tempo de qualidade com Carl e Tina, e talvez agora com Lily também.

E, claro, Sam.

Apago o cigarro num copo de cerveja abandonado, que já foi usado várias vezes para o mesmo propósito, e volto para dentro de casa. Procuro por Carl ou

Tina com o olhar, mas a primeira coisa que vejo é Sam.

Ele está parado no canto mais afastado da sala de estar lotada, sozinho com outra pessoa — uma garota que eu nunca vi antes. Seus longos cabelos loiro-avermelhados caem soltos pelas costas e sua pele clara é quase luminosa. Sam diz algo com um sorriso malicioso e a cabeça dela pende para trás, rindo, enquanto toca o peito dele. Sam sorri, satisfeito com a reação dela.

Uma sensação de náusea me invade. Ela é absolutamente linda. E é óbvio para qualquer um que ela e Sam são mais do que amigos — mais do que ele e eu jamais seremos. A interação entre eles é íntima, sem necessariamente ser afetuosa, pelo menos não em público. Sinto meu coração acelerar, mas não entro em pânico. Não, isso não passa de um ciúme comum, do tipo que se encontra em qualquer lugar.

Eu sei quem ela é sem precisar que me digam. *Kendall.* A ficante "clássica" dele antes de ir para a faculdade. Mas ela está em casa agora, pelo menos temporariamente, e Sam parece satisfeito com isso.

Na verdade, ele provavelmente sabia que ela estaria aqui. Provavelmente estava esperando por ela. Eles não parecem estar se reencontrando; provavelmente estiveram em contato o tempo todo. Eu me pergunto se, caso ela não tivesse ido estudar fora, eles estariam em um relacionamento. Carl deu a entender que nunca houve nada sério ou exclusivo entre eles, e eu me pergunto por quê, já que é óbvio que existe uma conexão real entre eles.

Sinto uma pontada de dor atravessar meu coração, uma dor desconhecida.

De alguma forma, era mais fácil aceitar que Sam e eu só poderíamos ser amigos antes de haver uma garota linda se insinuando para ele bem na minha frente. Uma garota com quem ele tem um passado — um passado íntimo.

Quero outro cigarro. Certamente posso me permitir mais um, considerando as circunstâncias atenuantes.

Eu estava prestes a pedir mais uma cerveja para o Dave quando vi o Carl correr até eles e abraçar a moça bonita como se fossem velhos amigos. Eles começaram a conversar com facilidade e eu até fiquei com inveja disso. Claro, ela é amiga da minha melhor amiga, e agora, eu me sinto deslocado. Como se eu tivesse sido apenas um substituto temporário e inadequado para essa estranha, e agora que ela voltou, eu não tenho mais lugar ali.

Quero ir para casa, mas não quero fazer disso um grande problema. Acho que devo mandar uma mensagem para o Carl dizendo que não estava me sentindo bem e que não consegui encontrá-la para me *despedir* . Pego meu celular e estou prestes a sair para fazer exatamente isso quando ela me vê.

Droga.

"Rory! Vem cá", ela chama do outro lado da sala.

Sam acompanha o olhar dela e nossos olhares se cruzam. Ele sorri, e eu forço aquele sorriso falso que aperfeiçoei para impressionar Cam quando namorava Robin. Sam franze a testa em resposta, e eu me pergunto se ele não percebe a farsa, assim como Cam percebeu.

Sem outra opção, arrasto os pés até a esquina deles, parando para comprar uma cerveja no caminho.

"Rory, esta é a Kendall. Ela se formou no ano passado e agora está na Northwestern", apresenta Carl.

Exagero no meu sorriso falso e murmuro um "olá" enquanto me pergunto se o fato dela estar em Chicago é o motivo de ela e Sam não estarem juntos. Chicago não fica a mais de algumas horas de avião; certamente, se eles quisessem tentar um relacionamento à distância, poderiam ter tentado.

"Kendall e seu irmão mais velho, Randy, eram muito populares em Port Wood. Ele está na NYU agora, não é?", pergunta ela a Kendall, que revirou os olhos quando Carl descreveu sua popularidade. "É para lá que você vai, Rory, não é?"

"Ah, sim", murmurei.

"Hum, talvez você possa apresentá-la, Ken. *Nossa* , Rory, o Randy é tão gato. Todas nós tínhamos uma queda por ele no primeiro e segundo ano, sabe, até ele se formar", explica Carl.

Kendall sorri ironicamente, como se estivesse tramando algo, e eu me preocupo que possa ter outra Chelsea em minhas mãos. Mas é claro, Chelsea me atacou porque Sam não a queria. Kendall não tem esse problema.

"Carl, essa é uma ideia genial. Sinceramente, Rory, você é exatamente o tipo dele, e ele estava me dizendo agora mesmo que adoraria conhecer alguém e se estabelecer", responde Kendall.

"A Rory não está procurando namorar, ela acabou de sair de um relacionamento", interrompe Sam. Franzo a testa para ele e ele se cala.

"É, eu sou um pouco jovem para essa coisa de sossegar, de qualquer forma", murmurei. Carl e Kendall riram.

"Não quis dizer casamento, só quis dizer começar a levar alguém a sério. Mas, se você não está procurando isso, tudo bem também. Meu irmão é incrível, tenho certeza de que ele ficaria feliz em te mostrar o campus, sabe, como amigo. É sempre bom conhecer alguém antes de entrar na faculdade."

"Minha prima Thea também estuda lá, ela pode mostrar tudo para a Rory", Sam interrompe novamente. "Ela vai estar em Miami por dois dias enquanto estivermos lá, eu a apresento a vocês", ele oferece.

O sorriso irônico de Kendall voltou e eu fiquei um pouco incomodada com toda a situação. Será que Sam pensa que eu não consigo interagir com homens? Que ele é o único cara com quem eu consigo ser amiga? Talvez isso fosse verdade alguns meses atrás, mas eu não posso me esconder do sexo oposto para sempre, percebo, e meus sentimentos por Sam estão nublando meu julgamento.

"É, bem, acho que não faz mal conhecer algumas pessoas. Por que você não me dá o número dele? Talvez eu ligue quando estiver na cidade", murmuro com falsa confiança.

"Aqui, me dê seu telefone, vou adicioná-lo aos seus contatos", ela oferece com um sorriso, e eu entrego o aparelho. Na verdade, duvido que algum dia ligue para ele, mas considerar a possibilidade, ou pelo menos *considerar* considerar a possibilidade, é um passo na direção certa, penso. "O Cap pode garantir por ele, eles jogaram futebol juntos por anos", ela murmura enquanto programa o número do irmão e me devolve o telefone.

Espera aí, *futebol?*

Sam jogava futebol?

"Então, Rory, ouvi falar muito de você, fico feliz por ter te conhecido. O Capitão disse que você é da Flórida, certo?"

Sam está carrancudo, e ele fica uma gracinha assim também, mas... *por que ele nunca mencionou que é jogador de futebol americano?* Eu sei que o assunto já surgiu. Acho que até já reclamei uma vez sobre como jogadores de futebol americano são uns babacas mimados e arrogantes...

"Sim, no norte da Flórida", respondi.

"Legal. Bom, divirta-se em Miami. Cuide dos meus amigos, tá?", ela diz levemente, bagunçando o cabelo de Sam de forma provocante. *Eu quero tocar nesse cabelo* .

"Ah, claro", murmuro, mas então me viro para Sam, não consigo evitar, "você joga futebol?" pergunto baixinho. Ele se arrepia, piscando para mim, e é Carl quem responde.

"Claro, ele é a estrela do time. Ele é o capitão de todos os times desde a categoria infantil, ele é o quarterback, caramba!", diz Carl, rindo. "É por isso que todo mundo o chama de *Capitão* . Por causa do sobrenome dele e porque ele já foi capitão do time umas quatro vezes", explica ela.

Isso me incomoda profundamente. Racionalmente, sei que o fato de Sam praticar o esporte não muda quem ele é, mas é só mais uma coisa que ele tem em comum com Robin para adicionar à lista. Sem mencionar o fato de que ele também jogava como quarterback e era o capitão. E não pode ser coincidência que ele nunca tenha mencionado isso. Não faz sentido. Ser o quarterback do time de futebol americano, o capitão, a *estrela* ... isso deve ter sido uma parte significativa da vida dele, mesmo que a temporada tenha acabado e ele não esteja mais jogando.

"Ah", respondo da forma mais casual possível. Não quero que ninguém perceba que estou chateada, porque, francamente, não tenho certeza se tenho o direito de estar. Sou apenas uma garota boba e ciumenta, surpresa por descobrir que não conhece o garoto por quem está apaixonada tão bem quanto pensava. Só quero ir embora.

"Bem, estou morrendo de fome. Íamos dar uma passada na lanchonete para um lanche da madrugada. Vocês querem ir com a gente?" Kendall convida Carl e eu. Não consigo imaginar por que ela nos convidaria para o encontro dela com o Sam. Se eu fosse ela, o quereria só para mim, principalmente depois de tanto tempo longe dele.

"Na verdade, estou meio cansada. Eu já ia embora mesmo. Foi um prazer conhecer vocês", digo para Kendall com a maior sinceridade que consigo. "Até mais", acrescento para Carl e Sam, e me viro antes que qualquer um deles possa me impedir.

Saio pela porta dos fundos e contorno a casa antes que eu consiga ver Sam e Kendall saindo para o jantar.

"Tá bonito, Pine", Marshall grita bêbado da frente da casa. Eu o ignoro — e o cheiro de maconha que se espalha pelo ar — e continuo andando em direção ao meu carro, que estacionei um pouco mais adiante na rua.

"Ror!"

É o Sam. Ele está sem fôlego, mas eu não paro. Em vez disso, acelero o passo. Talvez ele pense que eu não o ouvi.

"Rory, você pode *esperar?!* " ele grita, exasperado.

Eu paro e, ainda de costas para ele, fecho os olhos e conto de dez para trás.

Por que ele me seguiu? Ele não deveria estar com a Kendall?

Consigo ouvi-lo correr atrás de mim e parar para recuperar o fôlego; ele segura meu braço para chamar minha atenção, como se já não a tivesse.

"Para um *atleta tão talentoso*, eu esperava que você estivesse em melhor forma", cuspi, com mais malícia do que pretendia, enquanto me virava para encará-lo. Sam fez uma careta e eu me senti instantaneamente culpada. Respirei fundo e olhei para minhas botas gastas, arrependida.

"Saiba que estou em ótima forma", responde Sam na defensiva, fazendo um biquinho adorável, e não consigo evitar lançar-lhe um olhar penetrante para confirmar o que já sei: ele está em ótima forma. Meus olhos voltam para as minhas botas enquanto espero que ele explique por que me trouxe até aqui quando é óbvio que a namorada dele está esperando por ele. "Você pode olhar para mim?", pergunta ele, com a voz carregada de frustração. Encontro seu olhar, e ele é lindo, mas turbulento de incerteza — tão diferente dele. "O que foi? Você está bem?"

Dou de ombros. "Por que eu não estaria?" Sei que é uma resposta infantil, mas agora não me importo. Como estou não é da conta dele. Eu não sou dele. Ele passa os dedos pelo cabelo e imediatamente me vem à mente a imagem de Kendall brincando com ele.

"Não sei, talvez esse sorriso falso que você exibiu a noite toda? Tem algo errado. Me diga, Ror, o que está acontecendo com você?", ele pergunta, e eu fico momentaneamente atônita com a sua percepção dos meus sentimentos. Não é a primeira vez que Sam percebe que estou chateada com alguma coisa, enquanto Carl e Tina não fazem a menor ideia.

"Por que você não me disse que era jogador de futebol?", retruquei, me preparando para essa conversa. "Quer dizer, eu sei que não perguntei. Sei que não é como se você tivesse mentido nem nada, mas..."

"Não, Rory, na verdade é que eu menti", diz ele com cautela, e eu o encaro, piscando os olhos. Sam suspira. "Eu menti. Sabe, você não era exatamente fácil de conhecer. Sua confiança em mim nunca foi mais do que tênue, na melhor das hipóteses, e você sempre foi bem aberta sobre o que pensa a respeito de futebol e jogadores de futebol em geral... Eu não queria te dar um motivo para não gostar de mim antes mesmo de você me conhecer", explica ele, dando de ombros.

Estou espantado. Ele tem razão, claro. Se eu soubesse que ele jogava futebol quando nos conhecemos, jamais teria lhe dado uma chance. Não teria deixado que ele me desse aulas particulares... nunca teríamos sido amigos.

"Eu nunca perguntei", sussurro, me perguntando vagamente por que ele é quem está me convencendo de que mentiu e eu sou quem o está defendendo.

"Sim, mas toda vez que o assunto surgia e eu não dizia nada, me sentia extremamente culpado, Ror", ele admite. "Você está bravo?", pergunta ansiosamente. A verdade é que não estou bravo. Estou apenas confuso, e não sei por que Sam se importa com isso.

"Jogadores de futebol são um verdadeiro gatilho para mim", respondo, com a voz baixa e trêmula, e não consigo olhar para ele.

"Bem, eu não sou mais jogador de futebol, né? A temporada acabou há meses, não é como se eu estivesse jogando na faculdade", ele pondera.

Não respondo. Honestamente, não me importa que ele seja uma estrela do

futebol. Seja um gatilho geral ou não, estou aqui sozinha na escuridão da noite com ele. Se fosse qualquer outro homem, eu estaria surtando. Se fosse qualquer outro jogador de futebol, eu já teria hiperventilado.

Não, o Sam não vai desencadear um ataque de pânico. Não esta noite, provavelmente nunca mais, e nenhum esporte que ele pratique ou tenha praticado vai mudar isso. Eu sei que só disse isso para fazê-lo se sentir culpado, e só queria que ele se sentisse assim por causa da Kendall. Mas ele não tem motivo para se sentir culpado, embora a expressão dele me diga que ele discorda.

No fundo do meu coração, sei que toda essa obsessão com futebol é bobagem. Lembro-me de que Cam também jogava futebol, só que não era uma parte tão importante da identidade dele quanto era para Robin. Mas, claro, talvez seja porque eu conhecia Cam tão bem. Conhecia todos os elementos que o moldavam . E o futebol, para ele, era apenas um detalhe minúsculo e sem importância. Não era uma qualidade definidora. Não era a vida dele; não era o futuro dele. E se eu estiver disposta a admitir para mim mesma, eu também conheço Sam. Sei quem ele é. E, independentemente de Sam jogar futebol ou não, ele não é um *jogador de futebol*, pelo menos não da forma como eu o defino para mim.

Me incomoda que ele não tenha mencionado isso antes, mas eu entendo o motivo, e não posso negar que as coisas teriam sido diferentes se eu soubesse antes. É ele e a Kendall que me deixam com o estômago embrulhado, e *isso* eu nunca conseguiria explicar, então continuo sem dizer nada e roendo as unhas.

"Vamos lá, Ror, eu ainda sou só eu", argumenta Sam.

"Estou cansada. Só quero ir para casa. Você devia voltar para a sua namorada", murmuro, e me viro para continuar até meu carro.

"Rory, preciso saber se está tudo bem!" ele grita quando estou quase chegando à porta do lado do motorista.

Respiro fundo e me viro para ele. "Somos os mesmos de sempre, Sam. Amigos", respondo, e entro no meu carro antes que eu possa me virar novamente.

Pelo retrovisor, percebo que ele fica parado na rua até eu ir embora, antes de voltar para a festa e para perto de Kendall.

****

Quarta-feira é meio expediente e todos nós vamos viajar na manhã de quinta-feira. Vai ter uma festa na casa de um colega do primeiro ano hoje à noite, mas eu fico em casa com a minha mãe, que está preocupada com a minha partida, mesmo que seja só por cinco dias. Eu a ajudo a lavar a louça depois do jantar e depois subo para arrumar as malas.

Deixei para a última hora, como sempre faço, mas não é uma viagem difícil de arrumar. A maioria das minhas roupas são de clima quente, e além das que comprei com o Carl, só levo meus jeans e shorts velhos, algumas camisetas, regatas e sandálias, e pronto.

Coloquei o despertador para as 4h30 da manhã. O aeroporto JFK fica a apenas vinte minutos de distância, mas com um voo às 7h em um dia de viagens tão movimentado, combinamos de nos encontrar no check-in às cinco. Como sou praticamente o oposto de uma pessoa matutina, não estou ansiosa pela parte da

viagem das férias, mas talvez eu consiga tirar um cochilo quando chegarmos ao hotel.

Estou exausta enquanto minha mãe me leva de carro para o aeroporto. Tomo meu café em vão, sabendo que nada vai me despertar. Ligo para Carl para avisar que estou quase chegando e ouço Sam ao fundo dizendo para ela pegar o cartão de embarque — que ele vai esperar para me ajudar com as malas. Sempre o bom amigo.

Minha mãe chega no ponto de desembarque do aeroporto pontualmente e me abraça com tanto entusiasmo que eu digo que ela está me sufocando.

Eu me encolho ao lembrar da minha própria piada.

Como prometido, Sam está me esperando em frente ao balcão de check-in externo e abre a porta para mim.

"Pronto?", pergunta ele animadamente, com as sobrancelhas arqueadas e um enorme sorriso de férias de primavera.

Eu bocejo em resposta, mesmo pensando comigo mesma que ele fica adorável – e incrivelmente sexy – quando está todo animado, e ele dá uma risadinha.

"Acorda, Pine. Você pode dormir quando voltarmos."

Depois que minha mãe aperta a mão de Sam e o faz prometer que cuidará de mim, ela vai embora dirigindo, e Sam joga sua mochila por cima do ombro e pega minha bolsa.

"Entendi", murmuro entre mais um bocejo. "Rola."

"Por que você não se concentra em andar em linha reta, dorminhoco? Eu vou verificar as malas."

Estou cansada demais para discutir, então simplesmente entrego o documento e o sigo até o balcão onde entregamos nossos documentos de identidade e pegamos nossos cartões de embarque. Todos os outros já passaram, então só restam eu e Sam passando pela segurança. Tiro meu casaco e meus sapatos meio atordoada enquanto Sam coloca nossas bagagens de mão na esteira.

Um agente da TSA me leva para uma inspeção adicional aleatória e eu suspiro. *Ótimo*, vou passar pela máquina que permite que estranhos vejam através das minhas roupas. Uma máquina chamada "Rapiscan", como se pudesse haver um nome mais mal escolhido, e talvez até apropriado.

Sam me segue até a área de triagem e eu fico confuso quando passamos pela máquina.

"Estenda as mãos, senhora, e abra as pernas", ordena a agente, demonstrando como ela quer que eu fique. Eu a encaro com os olhos arregalados enquanto meu pulso acelera. *Ela vai me tocar.*

Agora estou acordado.

"E quanto ao... scanner?"

"Não está em uso", murmura ela com desinteresse, "agora, por favor, fique assim", repete, mostrando-me novamente.

Puta merda . Não sei se consigo lidar com isso. Um estranho me *tocando* . Um estranho me tocando *em todo lugar* . Olho em volta em pânico e encontro os olhos preocupados de Sam. Ele sabe. Sem que eu precise dizer nada, ele sabe.

"Senhora."

"Hum, tem mais alguma coisa que você possa fazer? Eu não posso... eu..."

Droga. Eles não vão me deixar embarcar se eu me recusar a ser revistado. Não sei se consigo aguentar uma revista!

"Senhora, a senhora está bem?"

Concentro-me na minha respiração, não posso hiperventilar aqui. Nem sequer tenho os meus comprimidos, estão na minha mala, e o agente da TSA a confiscou depois de me trazer para cá. *Ai, meu Deus.*

Os dedos de Sam encontram os meus e se enrolam firmemente em minha mão. Eu nem tinha percebido que ele estava vindo em minha direção. Pensei que ele ainda estivesse esperando logo depois da área de inspeção.

"Ror, está tudo bem. Você está bem", ele sussurra.

"Com licença, senhor, o senhor precisa esperar ali", instrui o agente, em tom de advertência.

"Posso falar com você rapidinho?", ele pergunta. Não ouço a resposta do agente; não consigo me concentrar em nada além de controlar minha respiração. Os dedos de Sam soltam os meus e minha respiração falha, perco o controle dela.

Tenho uma vaga noção de que Sam está a alguns metros de distância conversando com o agente, mas não consigo me concentrar. Fecho os olhos e conto, conto sem parar. Minha boca está seca como um osso e começo a suar frio.

Eu pisco algumas vezes para me orientar.

Um estranho me tocando assim. *Alguém?* Me tocando desse jeito! *Ai, meu Deus.*

Meu peito se contrai dolorosamente, comprimido por uma faixa de aço invisível e inflexível que continua a apertar gradualmente, e consigo ouvir o som da minha própria respiração ofegante, embora os suspiros pareçam de alguma forma desencarnados.

"Ror, tome estes", a voz de Sam volta a soar bem no meu ouvido. Fecho a mão em volta do frasco de comprimidos. Ele os trouxe para mim. "A Lidia precisa te examinar. Você vai ficar bem, mas se precisar tomar um, tome, ok?" Ele espera meu aceno trêmulo. "Eu expliquei para ela que você não gosta de ser tocada, então ela vai fazer isso o mais rápido possível, certo, Lidia?"

"Vai levar menos de um minuto", ela nos garante.

"Não posso segurar sua mão, mas vou ficar a sessenta centímetros de distância, entendeu?" Ele espera que eu faça contato visual e então dá dois passos para trás. "Continue me olhando, Ror."

Sim. Mantenho o olhar fixo nos olhos azuis escuros de Sam enquanto Lidia, a agente da TSA, me toca em lugares que eu nunca permiti que ninguém tocasse, mas que Robin tocou mesmo assim.

"Você terminou", anuncia Lidia, e faz um gesto para Sam que eu não vejo, pois estou olhando apenas para ele. Num instante, Sam volta a segurar minha mão.

"Viu? Você está bem. E nem sequer tomou um comprimido", ele elogia.

Eu gemo baixinho.

"Oh, Ror", ele murmura, puxando-me para o seu peito e envolvendo-me em seus braços.

Em seus braços, consigo respirar novamente, e respiro, inspiro-o.

Acabou. Sam tinha razão. Estou bem. Ficamos ali parados assim por alguns minutos, até eu ter certeza de que voltei ao normal, ou o mais próximo do normal que poderei voltar a ser, e então, finalmente, me afasto.

"Obrigado", murmurei.

"A qualquer hora, Ror. O que vocês estão-"

"Amigos, eu sei", resmungo, e Sam sorri.

****

Enquanto todos conversam animados no portão de embarque, eu me encolho no estofado barato das poltronas do terminal e fecho os olhos. Não consigo dormir, embora esteja tão cansada que provavelmente conseguiria, mas preciso mesmo desse tempo para me recompor. Nem sequer imaginei que seria revistada pela TSA, nem sequer considerei essa possibilidade entre os muitos motivos pelos quais esta viagem não seria uma boa ideia. Fico pensando em quantos outros imprevistos podem surgir.

Espero que sete comprimidos sejam suficientes.

O aeroporto JFK é um pouco impressionante. Quando criança, viajei muitas vezes de Gainesville para o JFK e vice-versa, e sempre me chamou a atenção o contraste entre o terminal daqui e o do aeroporto da minha pequena cidade.

Mas desta vez vou chegar pelo Aeroporto Internacional de Miami. Nunca mais verei Gainesville.

O ar gélido do início da primavera percorre meu corpo exausto enquanto embarco pelo portão, e eu aperto meu moletom ao redor do corpo.

Tina e Carl estão sentados juntos, já que compraram as passagens ao mesmo tempo. Sam está com Tuck, e o resto do grupo também está em pares, exceto Lily e eu, que estamos sentadas com estranhos, já que ela deveria estar com Chelsea e eu comprei minha passagem sozinha. Depois de uma rápida troca de assentos no avião, Carl e Tuck acabam juntos, Lily e Dave, e Sam comigo. Nós dois queremos assistir ao filme do Batman, então nos juntamos para economizar comprando em uma única TV e compartilhando fones de ouvido, embora eu suspeite vagamente que Sam pediu para Tuck trocar de lugar comigo porque sabia o quanto eu odiaria sentar tão perto de um estranho.

Sam parece fascinado pelo filme, mas quinze minutos depois, mal consigo manter os olhos abertos. Bocejo, como tenho bocejado a manhã toda, e puxo as pernas para cima para ficar mais confortável. Sam levanta o apoio de braço que separa nossos assentos e estende o braço, um convite para eu dormir em seu colo.

Estou tentado.

Meu Deus, como estou tentada. Tudo o que eu quero é me aconchegar naquele aroma limpo e masculino, fechar os olhos e fingir que sou dele pelas próximas duas horas. Mas a dor seria ainda maior quando aterrissássemos e eu voltasse à realidade.

"Não acho que seja uma boa ideia", sussurro com melancolia.

Sam franze a testa, mas acena com a cabeça. Eu sei que ele acha que eu não consigo lidar com isso. Estar tão perto dele. Principalmente enquanto estou inconsciente. Ele acha que eu não confio nele o suficiente para isso. Mas eu confio nele perfeitamente. Sou eu que não confio.

Sam volta a assistir ao filme, mas não recoloca o apoio de braço entre nós. Dou uma olhada nele; parece pensativo, mas, pensando bem, talvez seja só o Batman.

Eu me afasto dele, encostando-me na janela, e deixo meus olhos se fecharem lentamente.

Estou num jogo de futebol americano. É outono em Port Woodmere, e estou torcendo de novo. Torço pelo Sam quando ele lança o passe para o touchdown da vitória, e ele tira o capacete, revelando seu sorriso triunfante. Ele está feliz, e isso me deixa feliz também, mas aí eu noto a garota torcendo ao meu lado. É a Kendall, e ela corre para o campo e pula em cima do Sam, que a beija.

Foi então que percebi que o time adversário era o Linton High. Robin também havia tirado o capacete e estava furioso. Cam havia sumido e Sam estava ocupado com Kendall, enquanto Robin me encarava.

Viro-me e tento fugir, mas Robin me pega debaixo das arquibancadas. De alguma forma, todos os torcedores, todos os outros jogadores e treinadores estão distraídos demais para ouvir meus gritos de socorro. Os torcedores estão logo acima, nas arquibancadas, vibrando, mas ninguém olha para baixo, ninguém vê que, bem abaixo de seus pés, Robin me prende ao chão.

"Por favor!" imploro, mas ele não cede. Luto e choro, mas isso só o deixa mais determinado. Estou vestindo meu uniforme, mas não estou usando nada por cima da roupa íntima.

Onde estão minhas palmadas?

Robin rasga minha roupa íntima e, de repente, está dentro de mim. Eu grito de dor, mas ninguém sequer se vira para me ver.

Eu luto, grito e-

"Ror!"

Estou sem ar.

"Rory, acorde!"

Meus olhos se abrem de repente.

Eu gemo e respiro com dificuldade no ar.

Estou no avião. Adormeci. Foi apenas mais um pesadelo.

Oh, Deus , e Sam viu tudo.

Eu deveria ter percebido que era um sonho quando continuei lutando. Quando não desisti.

"Você está bem, foi só um pesadelo", diz Sam, tentando me acalmar enquanto acaricia meu cabelo, mas seus olhos estão tudo menos tranquilos. Eu o assustei.

Estou mortificada.

Só então percebo que, embora tenha me esforçado para dormir inclinada para dentro da janela do avião, acabei do outro lado do assento, agarrada a ele desesperadamente. Solto-o com os dedos e destranco seu moletom.

Olho em volta para ver se mais alguém está me encarando. Parece que só tenho a atenção de Sam, pelo menos por enquanto. Engulo em seco, ansiosa.

"Eu não gritei, gritei?", sussurro, rezando para que, seja lá o que eu tenha dito ou feito, não tenha sido alto o suficiente para causar humilhação generalizada. Sei que devo parecer desesperada e assustada, mas este não é meu primeiro pesadelo. Nem o centésimo.

Sam acompanha meu olhar inquieto.

"Ninguém mais percebeu", responde ele, obviamente reconhecendo minha preocupação. Mas ele ainda parece aflito.

"Eu... desculpe", murmurei, apontando para o lugar onde me agarrei a ele enquanto dormia. Ele me olhou como se eu fosse louca, e eu sabia que era por eu ter me desculpado com ele, não por algo que eu tivesse dito ou feito enquanto dormia.

"O que eu... disse?" pergunto, hesitante.

Sam passa a mão pelos cabelos. *"Meu Deus*, Ror, você estava soluçando e dizendo 'por favor' e 'pare'", ele diz com a voz embargada. Seus olhos estão vidrados e eu me pergunto se ele está segurando as lágrimas.

Meu Deus, sou tão patética . Sem aviso, ele me agarra e me puxa para o seu peito. Me permito trinta segundos para saborear seu abraço antes de levantar a cabeça.

"Estou bem, foi só mais um pesadelo", murmurei.

"Você tem muitos deles?", ele pergunta suavemente, e percebo que ele está se esforçando para manter a voz casual.

Dei uma risada irônica. "Só quando eu durmo."

Sua expressão voltou a ser de horror. *"Meu Deus, Ror."*

"Está tudo bem."

Ele me olha como se estivesse admirado. " *Não está nada* bem, mas *você* ... você é incrível, sabia?"

O que há de tão *incrível* em sofrer com os destroços da minha vida? "Podemos simplesmente esquecer que isso aconteceu?", pergunto suplicante, e percebo que ele não quer, percebo que ele quer cada detalhe do pesadelo que acabei de ter, e provavelmente de todos os que *já* tive, mas não consigo. "Eu... preciso usar o banheiro", murmuro sem muita convicção, e então, sem cerimônia, pulo no colo dele e corro para a frente do avião, agradecendo a Deus por o banheiro estar vazio.

Fiquei no banheiro até a aeromoça anunciar nossa descida inicial para Miami, e quando voltei para o meu assento, Sam não mencionou mais nada sobre meu pesadelo. Em vez disso, ele não parava de falar sobre nossa viagem e até me convenceu a experimentar jet ski. A ex-moleca que existe em mim mal podia esperar.

CAPÍTULO DEZESSETE

Férias de primavera, ano passado

Robin *não para de falar de Gainesville desde que meu pai disse que eu podia ir. Eu forcei sorrisos e mantive uma conversa superficial, e Robin mal percebeu. Quando ele subiu em cima de mim no carro ontem à noite, eu nem resisti. Nem disse "não". Não implorei, não supliquei e não gritei. Simplesmente deixei que ele fizesse. Mas não consegui conter as lágrimas.*

Achei que passaria mais rápido, mas não passou. E depois o Robin perguntou por que eu não "fiz meu joguinho de difícil". Acho que é o que ele chama de implorar e suplicar para ele parar de me forçar. Acho que ele até pareceu um pouco decepcionado. Eu nunca tinha percebido que ele gostava quando eu resistia, mas agora que penso nisso, olhando para trás, quanto mais eu resisto, mais excitado ele fica.

Ainda me sinto anestesiada. No piloto automático. Como se minha mente estivesse completamente desligada a semana toda. Mas finalmente estou me recompondo. Decidi que, independentemente do que meu pai pense, ele não pode controlar minha vida, e, acredite ou não no que eu disse sobre o que aconteceu — ou está acontecendo —, ele não pode me obrigar a ficar com Robin, nem a concordar em me casar com ele quando chegar a hora.

Mas o fim de semana que se aproxima é a questão mais urgente. Cada vez que penso nisso, minha preciosa insensibilidade desaparece e sou quase tomada pelo terror. Não posso ir embora com ele. De jeito nenhum.

Sei que não é muito atencioso esperar até o último minuto para dizer que não vou, mas, sinceramente, tenho medo de como ele vai reagir.

Então esperei até agora.

É sexta-feira à tarde, o jogo de basquete acabou de terminar. Quase todos já foram embora da escola, e Robin está aqui para me buscar. Quero conversar com ele aqui para que ele não perca a cabeça. Ele nunca perde o controle em público ou quando há outras pessoas por perto.

Eu me junto às meninas no vestiário, e enquanto elas estão juntando suas coisas ou trocando de roupa, eu reúno minha coragem. Encontro Robin perto da porta do ginásio. Ele me puxa para seus braços.

"Ei, querida. Nós ganhamos?" ele pergunta antes de me dar um beijo nos lábios. Eu aceno com a cabeça e dou um passo para trás. "Você está bem?" ele pergunta, semicerrando os olhos.

"Robin, podemos conversar um minuto?"

"Claro, querido, vamos conversar no carro. Temos uma longa viagem pela frente." A gente ia sair direto da escola. Eu sei que a mochila dele já está no porta-malas, mas eu nem cheguei a arrumar as minhas. Meu jipe está estacionado. Ele obviamente não percebeu.

"A gente devia conversar aqui mesmo", murmuro. Meu Deus *, preciso encontrar coragem. Minha voz está fraca e trêmula, e Robin vai me atropelar se eu não parecer forte. Ele levanta a mão para tocar meu rosto, mas eu recuo novamente.*

"Rory, o que está acontecendo?"

Respiro fundo. "Não posso ir com você neste fim de semana", começo.

"Claro que pode, seu pai disse que não tem problema", ele responde.

Eu balanço a cabeça. "Eu sei, mas mesmo assim não consigo ir. Rob, eu... eu acho que precisamos de um tempo separados. Um pouco de espaço."

Robin me encara. Ele fica em silêncio por alguns instantes. "Rory, do que você está falando? Isso ainda não tem a ver com o seu braço, tem?", pergunta ele, estendendo a mão para o hematoma agora amarelado no meu antebraço, que ele mesmo fez há poucos dias. Eu o afasto antes que ele possa me tocar. "Você ainda está bravo? Eu já pedi desculpas, meu bem, você sabe o quanto eu te amo."

Eu balanço a cabeça negativamente de novo. "Eu sei, Robin. Não é só isso. É que... eu só preciso de um tempo sozinha, tá bem? Vai para Gainesville, se diverte, e a gente conversa quando você voltar, tá bom?"

"Não, querida, não 'tudo bem'. Isso soa muito como você terminando comigo", ele responde. Há lágrimas em seus olhos. Eu já as vi antes. Quando ele se sente culpado por me magoar — por me manipular, não por me forçar. Quando ele pede desculpas e implora meu perdão. Mas nunca o vi tão assustado, tão... abatido. Isso quase destrói minha determinação. Mas então me lembro do que acontecerá se eu vacilar. A mesma coisa que vem acontecendo há meses, só que... Para sempre . *"Rory?" ele sussurra, desesperado .*

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e eu as enxugo rapidamente. "Me desculpe", sussurro, e então, antes que o desespero em seus olhos possa me confundir ainda mais, me viro e fujo de volta para o vestiário feminino.

O vestiário já está vazio, todos foram para casa depois do jogo. Fecho os olhos por um minuto e tento controlar a respiração. Foi ainda mais difícil do que eu imaginava. Acho que esperava que ele discutisse. Que gritasse. Não que chorasse. Não que parecesse tão... desolado. Pego minha mochila no armário e vou até o fundo, onde ficam as pias e os chuveiros. Jogo a mochila no chão e abro a torneira para jogar água fria no rosto.

"Rory."

A voz de Robin é baixa e sem emoção. Pego uma toalha de papel para secar o rosto e me viro para olhá-lo. Não acredito que ele me seguiu até o vestiário feminino.

"Robin, eu-"

Ele já está em cima de mim antes mesmo que eu perceba seu movimento. Sou empurrada contra a parede com força. Solto um grito quando minhas costas se chocam contra o azulejo frio e duro. Robin não me beija; em vez disso, segura meus braços ao lado do corpo e começa a beijar meu pescoço, lambendo e mordendo... com força.

"Ai! Pare, Rob, por favor!" Eu imploro.

"Você precisa de espaço? De foda-se" "Eu *?!" ele ruge antes de pressionar seus lábios contra os meus.*

Viro o rosto. "Não, Robin, por favor, pare!"

"Parar o quê? Fazer o que você quer? Minha garota gosta de coisas mais intensas, lembra?"

Ele agarra minha bunda com uma mão e aperta com tanta força que sei que vai ficar uma marca. A outra mão sobe por baixo da minha blusa e faz o

mesmo com meu mamilo, enquanto sua boca percorre minha pele, sugando e mordendo com muita força. Grito de dor novamente. Uso a mobilidade limitada dos meus braços para tentar empurrá-lo. Soco seu peito, mas não consigo ganhar impulso e, por mais que tente acertá-lo, meus socos não têm força.

"Por favor, não! Robin! Não faça isso! Não aqui!" Eu imploro entre soluços desesperados.

As lágrimas quase me cegam e vagamente me lembro de que ele gosta quando resisto, mas não consigo parar, estou com muito medo. Isso não é o seu prelúdio habitual. Ele está me machucando de propósito, não apenas para me fazer ceder. Ele crava os dedos no meu cabelo na nuca e torce dolorosamente, puxando minha cabeça para trás e me forçando a encará-lo através da névoa aquosa das minhas lágrimas.

Ele é olhar fulminante *Ele me encara, olhando para mim com tanto desprezo que me pergunto por que ele quer estar comigo.*

"Você precisa de espaço *? Precisa* de tempo *? Longe de* mim *?! Você é minha! Entendeu? Sua vadia estúpida!" ele rosna para mim.*

Ele puxa minha blusa para cima, expondo meu sutiã, e com uma das mãos abaixa os bojos e morde meu seio. Quando grito novamente, ele tapa minha boca com o antebraço para abafar meus gritos.

Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Eu achava que era ruim antes. Eu odiava isso. Odiava ser dominada, ser forçada. Ter ele invadindo meu corpo sem minha permissão.

Mas isto... isto é diferente. Ele está querendo deixar claro o seu ponto. Fazendo uma afirmação. Ele nunca vai me deixar ir. Sou dele para fazer o que quiser, o que ele quiser, e agora, ele quer me machucar.

Ele começa a apalpar por baixo da minha saia, mas minha calcinha está coberta pelo meu shortinho, graças ao meu uniforme de líder de torcida. Ele puxa o shortinho com força, arranhando minha pele no processo, mas ele não é tão fino quanto uma calcinha e não consegue simplesmente arrancá-lo.

O som dos meus soluços abafados ecoa pelo vestiário, mas estamos completamente sozinhos, e eu sei que ninguém virá me resgatar.

Robin solta uma série de palavrões enquanto tenta puxar minha calcinha pelas minhas coxas, mas eu me contorço e me debato para impedir seus movimentos. Ele rosna e tira o antebraço do meu rosto para procurar algo no bolso da calça jeans, e eu aproveito para falar enquanto posso.

"Por favor, Robin, por favor, pare. Me desculpe, eu vou com você. Por favor! Você está me machucando!"

"Muito. Tarde. Pra. Caralho", ele resmunga entre dentes cerrados enquanto tira a mão do bolso junto com as chaves de casa.

Ele enfia a chave por baixo da minha saia e puxa minha calcinha e meu shortinho para longe do meu quadril, mas não o suficiente, e enquanto serra a chave grosseiramente através da minha roupa, ele corta verticalmente a carne ao lado do meu osso do quadril direito.

Eu grito de dor aguda com o metal perfurando e rasgando minha pele enquanto ele continua o que está fazendo, seja sem perceber ou sem se importar que está me cortando. Quando o corte chega ao topo da minha coxa, sei que ele me cortou de cima a baixo.

Irritado com meus incessantes apelos, gritos e soluços, Robin empurra sua enorme mão sobre meu rosto, cobrindo meu nariz e boca, e eu continuo a chorar sem parar, mas não consigo respirar. Ele afasta minha calcinha e meu shortinho, que ficam presos na minha coxa esquerda, já que ele só tem uma abertura. Ele não se importa. Rapidamente, ele desabotoa o cinto e a braguilha com uma mão e abaixa a calça jeans e a cueca. Então, com o mesmo braço, ele me levanta do chão e me penetra com força, o impacto me jogando contra a parede mais uma vez.

Eu grito novamente, mas ele aumenta a pressão da mão. Se antes eu achava que não conseguia respirar, agora eu literalmente não consigo obter ar. Meus olhos se arregalam ainda mais em pânico.

Robin me penetra com força, com tanta força, repetidamente, enquanto me encara nos olhos. Os dele estão cheios de raiva e ódio, mas os meus imploram por misericórdia, por ar.

De alguma forma, ele entende a mensagem. Ele não para de me foder. Nem por um segundo. Mas ele tira a mão e eu respiro fundo, tentando respirar fundo.

"A quem diabos você pertence, Rory?!" ele rosna.

"Você!" Eu solucei.

Algo brilha em seus olhos. Vitória, posse. Ele tem controle total sobre mim. Estou completamente em suas mãos, e ele está se deleitando com isso.

A mão de Robin se move lentamente, completamente dessincronizada com o movimento do resto do seu corpo, que me arremessa com força e rapidez contra a parede de azulejos. Sua mão pousa no meu pescoço e algo aterrador brilha em seus olhos enquanto seus dedos se fecham em torno da minha garganta.

"Roubar-"

Ele aumenta a pressão dos dedos, sufocando meu apelo desesperado. Tento respirar fundo, mas ele não cede. Minha traqueia está completamente fechada e estou paralisada de medo. Eu não conseguiria gritar agora, mesmo que quisesse, e Robin continua sem parar, seus olhos fixos nos meus, aterrorizados, enquanto meus pulmões queimam e começo a ficar tonta pela falta de oxigênio.

"Você. É. Minha!" ele berra e aumenta o ritmo das estocadas, se é que isso é possível, grunhindo alto.

Pontos pretos aparecem atrás dos meus olhos e começo a sentir náuseas. Minhas pálpebras caem, pesadas demais, e de repente mal consigo reunir forças para mantê-las abertas, e enquanto minha cabeça lateja com uma dor lancinante, percebo o que está prestes a acontecer.

É isso aí.

Ele vai me matar.

Neste momento, nem sequer tenho certeza se não seria o melhor. Ele nunca me deixará ir, disso não tenho dúvidas, e como poderia duvidar dele quando ele está defendendo seu ponto de vista com tanta veemência? E a verdade é que agora tenho certeza absoluta de que uma vida inteira com Robin é algo que não quero viver. O pensamento em Cam é a única coisa que me mantém agarrada a uma réstia de esperança. Que ele não leve isso adiante. Que eu, de alguma forma, consiga superar isso.

Vagamente, ouço um rugido, um gemido que soa estranhamente distante

em meio ao barulho do sangue que abafa meus ouvidos, embora de alguma forma eu ainda saiba que é Robin e que ele ainda está aqui. Sobre mim. Dentro de mim. Finalmente, ele se aquieta dentro de mim e solta suspiros ofegantes bem no meu rosto. Minha visão fica turva e não consigo mais impedir que minhas pálpebras se fechem.

Finalmente, a mão monstruosa de Robin relaxa e instantaneamente eu respiro fundo, enchendo grandes goles de ar precioso. Eu estremeço quando ele se retira de mim, mas mal consigo registrar qualquer coisa além da reposição do oxigênio perdido.

Robin suspira, dá um passo para trás e me segura pela cintura. Ele tenta me colocar no chão, mas minhas pernas não aguentam e eu deslizo sem cerimônia até o chão frio de concreto, com os ombros tremendo.

"Olhe para mim", ele exige.

Ainda ofegante, com o rosto banhado em um oceano de lágrimas, forço meus olhos a se abrirem e o encaro, aterrorizada com o que ele poderia fazer agora se eu o desafiasse. Ele se impõe sobre mim, poderoso e inerentemente ameaçador, enquanto veste suas calças jeans e aperta o cinto. Recuo inconscientemente ao tilintar da fivela, um som que evoca memórias tão nauseantes, nenhuma das quais se compara remotamente a este momento.

"Você provocou isso", murmura Robin.

Estou sentada, congelada, um amontoado patético no chão do banheiro, com lágrimas ainda escorrendo pelo meu rosto. Minha bunda nua está gelada no piso de azulejo sujo e meus seios ainda estão expostos, mas toda a minha energia está concentrada em respirar e em me manter sentada, com as palmas das mãos apoiadas desesperadamente no chão.

"Preciso ir... Você tem este fim de semana, mas só porque estou tão puto que não consigo nem olhar para você agora. Te vejo no domingo, Rory", ele cospe as palavras, "e você vai se lembrar disso da próxima vez que pensar em se afastar de mim", ele murmura amargamente.

Robin se vira, e eu penso que ele vai embora, mas então ele se vira de novo e se agacha até ficarmos cara a cara. Eu me encolho quando ele estende a mão para colocar meu cabelo atrás da minha orelha. Ele ajusta as taças do meu sutiã para que voltem ao lugar, depois segura delicadamente a barra da minha blusa, puxando-a para baixo antes de ajeitar minha saia. Eu não estou usando roupa íntima.

"Você sabe por que eu tive que fazer isso, não é?", ele murmura baixinho.

Não sei o que dizer, e como se estivesse em transe, apenas aceno com a cabeça.

"Você sabe que eu te amo, meu bem, não é?"

Eu aceno com a cabeça novamente.

Robin deposita um beijo suave na minha bochecha e, com isso, se vira e sai. Conto o som de seus passos no chão de concreto enquanto ele se afasta. Trinta passos. A porta do vestiário bate com força.

Estou atônita. Sento-me ali, no chão do banheiro, maravilhada por ainda estar viva. Uma parte de mim ainda deseja não estar.

****

O tempo passa rápido... e também devagar.

Leva horas até que eu consiga me levantar do chão. Vejo que o céu escureceu e me preocupo que alguém possa aparecer para limpar. Não me atrevo a me olhar no espelho. Em vez disso, volto ao meu armário e pego uma calça jeans e uma camiseta. Guardo o uniforme na mochila e, atordoada, saio cambaleando da escola. Temo que Robin esteja me esperando no escuro em algum lugar, mas racionalmente sei que ele já deve estar em Gainesville há horas.

Meus pais estão na casa da minha avó, então eu poderia ir para casa e ninguém saberia que eu não fui com a Robin até domingo, se é que saberiam, mas a verdade é que eu não quero ficar sozinha. Dirijo atordoada e chego em casa antes mesmo de perceber que saí do estacionamento. Encaro a entrada vazia da casa do Cam. Sei que a mãe dele estará no hospital até o final da manhã de amanhã. O Cam também deve estar fora. Dou a volta até a varanda dos fundos e tento a maçaneta. Está trancada. Pego a chave que a mãe do Cam me deu anos atrás e entro. Vou até o quarto do Cam e fecho a porta. Só então me permito olhar no espelho.

Não foi tão ruim quanto eu pensava.

Tem manchas na frente da minha calça jeans, de sangue que vazou pelo tecido graças ao uso criativo que o Robin fez da chave de casa . Droga, eu devia ter limpado isso na hora.

Já tenho hematomas no pescoço e nos pulsos, o que significa que estarão bem piores amanhã. Também tem uma pequena marca em forma de bola de futebol americano no meu pescoço, deixada pelo meu colar. Arranco-o do pescoço e atiro-o para o outro lado do quarto. Nunca mais quero pôr os olhos nele.

Minhas costas doem muito, e agradeço por não poder vê-las. Meu rosto está um desastre. Minhas bochechas estão manchadas de preto por causa das lágrimas que borraram o rímel, e há manchas rosadas ao redor da minha boca inchada por causa dos beijos intensos do Robin. Há chupões no meu pescoço e ombro, além de marcas de mordida. Ainda consigo ver a marca perfeita dos dentes do Robin em dois lugares.

E uma dor ardente irradia de entre minhas pernas. Não me é estranha, mas é mais intensa do que nunca.

Respiro fundo e, lentamente, para minimizar o agravamento dos ferimentos, tiro a blusa pela cabeça. Desabotoo a calça jeans e a puxo com cuidado para fora antes de tirar os tênis e as meias. Estou nua, exceto pelo sutiã, mas mesmo através da renda, consigo ver o inchaço e a marca da mordida no meu seio direito.

E meu quadril ainda está sangrando. Acho que não é um corte tão profundo que precise de pontos, mas mesmo assim, sei onde a Michelle, mãe do Cam, guarda os curativos adesivos dela. Eles vão ter que servir.

Tiro o sutiã e deixo-o cair no chão. Estou completamente enojada de mim mesma. Não consigo me olhar no espelho por mais um segundo. Pego o roupão do Cam no gancho atrás da porta e vou até o banheiro dele.

Ligo o chuveiro e fecho os olhos. Espero até que o banheiro se encha de vapor para que eu não veja meu reflexo no espelho, e só então tiro o roupão novamente. Tomo banho com cuidado, deixando a água quase escaldante lavar

os vestígios de Robin Forbes. Ainda consigo senti-lo. em todo lugar . *Eu juro a mim mesma que ele não vai me tocar novamente.*

Sempre.

Esfrego a pele apesar dos hematomas e da dor, mas por mais que esfregue, as marcas dele continuam lá. Carrego os acontecimentos de hoje como tatuagens e, embora saiba que pelo menos a maioria dos meus ferimentos acabará cicatrizando, me pergunto o que acontecerá com as marcas que ninguém vê. Se meus pesadelos servem de indicação, elas não melhorarão com o tempo; não, elas apenas infeccionarão e apodrecerão até me assombrarem durante o dia, assim como meus pesadelos assombram meu sono.

Finalmente, saio do banho e me seco com a toalha. Limpo o corte feito com a chave da casa da Robin. Eu estava certa, não precisa de pontos, mas é bem profundo. Ainda está sangrando. Limpo novamente com sabonete antibacteriano e aplico bacitracina. Pego os curativos adesivos na prateleira de cima do armário de roupas de cama e preciso de seis deles para fechar o ferimento. Depois, cubro tudo com gaze e prendo com fita adesiva, caso resolva sangrar mais.

Me enrolo numa toalha e, ainda úmida, visto uma das camisetas velhas do Cam e uma cueca boxer. Com o cabelo ainda encharcado, pego meu celular e me deito na cama dele.

Robin está a uma hora e meia de distância. Eu também sei que ele precisa acordar às seis da manhã e não pode se atrasar para o programa. Ele não pode vir atrás de mim de novo hoje à noite, aconteça o que acontecer. Aliás, com o jantar antes do treino no sábado à noite, o mais cedo que ele pode sair é domingo de manhã.

Vai haver uma tempestade também no domingo. Não deve ser muito forte, mas tem sido notícia em todo o noticiário. Mas a minha *tempestade — a torrente destrutiva que é Robin Forbes — já passou.*

Eu mando uma mensagem para ele.

Acabou .

Nada mais. Não há mais nada a dizer.

Penso em mandar uma mensagem para o Cam dizendo que estou aqui e que vou passar a noite, mas não quero que ele corra para casa por minha causa. E sei que se eu mandar mensagem, ele vai fazer exatamente isso, mesmo sem saber que algo aconteceu. Não quero ser um peso para ele. Sinto que sou um fardo para ele. Eu o amo de um jeito que jamais conseguiria amar a Robin. Incondicionalmente. Claro, o Cam jamais teria qualquer condição que o tornasse incapaz de ser amado.

Fico pensando se ele saiu com os amigos ou se está com alguma garota. De repente, sinto aquela pontada de ciúme que ultimamente se tornou meio familiar. Eu sei que não é justo. Até dois minutos atrás, eu tinha um namorado. Mas , meu Deus *, não consigo parar de reparar em coisas no Cam que não tinham me chamado a atenção antes. Pelo menos não da forma como me chamam agora. Como a definição dos músculos das costas dele. O decote em V profundo que desaparece abaixo da cintura.*

Seu cheiro.

O que antes me trazia apenas conforto e segurança, agora também

desperta algo mais. Algo desconhecido.

Fecho os olhos pensando em Cam, e de alguma forma Robin e os eventos terríveis desta noite estão enterrados em algum lugar profundo da minha psique.

****

"Rory, garota?" Cam sussurra.

Abro os olhos piscando e me viro.

"Tem algum problema eu estar aqui?"

"Não faça perguntas idiotas", ele murmura, e mesmo estando escuro demais para ver direito, sei que ele revirou os olhos.

Cam tira os sapatos e pega a calça de pijama de flanela da gaveta. Prendo a respiração enquanto ele tira a camisa. Mesmo só com a luz do luar, consigo ver a definição dos músculos e tendões do seu peito e abdômen. E seus braços fortes. Preciso deles esta noite.

Ele tira o cinto e, antes de tirar as calças jeans, levanta a cabeça para olhar para mim.

"Hum, Ror?"

"Sim?" Meu sussurro é ofegante, a voz de um estranho.

"Você vai se virar ou devo me trocar no banheiro?", ele pergunta com uma risadinha.

a Deus , *está escuro demais para ele ver meu rubor.* Será que o Cam já me fez corar alguma vez? Nossa , *esta noite me desconcentrou completamente. Viro-me de lado, de costas para o Cam, e abraço meu travesseiro.*

Quando o ouço abrir a porta do armário para pegar seu saco de dormir, estendo a mão para trás e abro o cobertor. Cam suspira com meu pedido silencioso e hesita apenas alguns instantes antes de se posicionar atrás de mim e me envolver em seus braços. Encontro sua mão, tão grande, espalmada sobre minha barriga e entrelaço meus dedos nos dele. Disfarço a careta de dor nas costas enquanto ele me aperta contra si, mas sou grata pelo conforto.

" Deus, *como senti sua falta, Ror", ele sussurra em meu cabelo.*

"Eu também, Cam." Ele não faz ideia do quanto. Ainda bem que ele não pode ver meu rosto agora.

"Pensei que você fosse para Gainesville com Forbes", disse ele.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Nós... terminamos", sussurro.

Minhas costas doem novamente quando os pulmões de Cam se enchem com uma inspiração profunda. Ele engole em seco e expira. "Quer conversar sobre isso?", pergunta.

Eu balanço a cabeça negativamente de novo. "Não esta noite. Só quero dormir", sussurro de volta. Sinto Cam assentir.

"Certo. Boa noite, Ror." Ele beija meu cabelo.

"Boa noite, Cam. Te amo." Ao sentir a intensidade com que digo essas palavras, me arrependo de cada vez que as disse para Robin. Agora tenho quase certeza de que nunca o amei de verdade.

"Eu também, Rory."

Respiro fundo, inalando o perfume de Cam. Estou repleta de sua essência masculina; ele cheira a limpeza e força... como lar.

"Ror?" ele sussurra.

"Sim?"

"Você... hum... me cheirou?" ele pergunta. Consigo ouvir o sorriso em sua voz.

Em resposta, dou-lhe uma leve cutucada com o cotovelo e ambos rimos. Finalmente, fecho os olhos e volto a dormir.

CAPÍTULO DEZOITO

Dias de hoje

sou uma pessoa diferente. O sol brilha e deixo a vitamina D penetrar na minha pele. Aqui, não preciso ser a Rory: vítima, sobrevivente ou um desastre ambulante.

Aqui, sou apenas mais uma estudante do último ano do ensino médio relaxando durante o recesso de primavera. Caminho sozinha na praia enquanto o sol começa a se pôr. Passamos o dia todos nós na piscina, relaxando, nadando, simplesmente nos divertindo como adolescentes normais. E aqui, agora, posso fingir que sou uma delas.

Tomei banho, vesti meu shortinho e uma regata e decidi aproveitar um tempinho sozinha na praia antes de subir para o quarto do Carl e da Tina para ceder à insistência dele em arrumar meu cabelo e maquiagem. Hoje à noite, vamos jantar fora e depois curtir vários bares e baladas. O Dave sabe quais lugares não pedem documento, e estou ansiosa para continuar a Operação: Rory Normal.

Fiquei chocada quando vi o quarto em que o tio do Sam me hospedou. É mais como uma suíte gigante com apenas um cômodo. Uma cama king-size contemporânea domina o amplo espaço, com um enorme banheiro moderno de mármore com chuveiro e banheira, além de uma penteadeira e um bidê. E ainda tem sua própria sala de estar e uma varanda incrível. Mas não foi isso que mais me surpreendeu.

Quando mandei uma mensagem para Sam dizendo que devia haver algum engano com o meu quarto, já que a tarifa que paguei não deveria cobrir nem as acomodações mais básicas deste hotel, ouvi imediatamente uma batida na porta.

Mas não a porta principal. Não, a batida veio da porta do quarto ao lado.

Meu quarto é conjugado com a suíte do Sam.

E é uma suíte mesmo. É um apartamento de luxo, para dizer o mínimo.

A suíte de Sam tem um quarto separado, sala de estar e até uma pequena cozinha com mesa de jantar. Seu tio cuidou muito bem dele.

Sam até se ofereceu para deixar as portas que ligam nossos quartos abertas, ou pelo menos destrancadas, já que ele tem um quarto separado, mas eu disse que não achava uma boa ideia. Sei que ele pensa que é porque não confio nele, não totalmente — não a ponto de dar a ele acesso irrestrito ao meu quarto —, mas a verdade é que estou preocupada que essa nova fase de "Rory Normal" suba à minha cabeça. Que eu acabe me aconchegando na cama dele no meio da noite, como fazia com o Cam, mas sem a inocência. Principalmente se eu beber alguma coisa. Não é como se eu tivesse bebido o suficiente na vida para ter desenvolvido muita tolerância ao álcool.

De qualquer forma, tenho certeza de que Kendall não gostaria que mantivéssemos nossos quartos abertos um para o outro, e por mais que eu tenha ciúmes dela, ela nunca me fez nada, e eu não a desrespeitaria dessa forma.

Subo até o quarto de Carl e sou envolvida por um turbilhão de roupas, pincéis e esponjas de maquiagem, chapinhas de cabelo, sombras e batons de todas as cores imagináveis. Carl quer me vestir, mas insisto em usar minha

própria roupa, e ela só concorda quando prometo não usar calça jeans.

Tina arruma meu cabelo em ondas longas e soltas — uma versão mais sofisticada e dramática do meu visual natural — e Carl começa a maquiar meu rosto. Mesmo quando eu usava maquiagem regularmente, nunca levava mais de vinte ou trinta minutos, mas Carl passa quase uma hora fazendo sabe-se lá o quê. Ela aplica produtos que eu nunca ouvi falar, e começo a ficar um pouco preocupada que ela vá me deixar parecendo uma prostituta.

"Você vai chamar muita atenção hoje à noite, Rory", Carl murmura enquanto ela trabalha. Reviro os olhos. "Ei! Não faça isso, quer que seu delineador fique torto?", ela pergunta, e eu rio. Eu realmente não me importo nem um pouco com delineador torto.

"Eu não quero atenção, só quero me divertir com meus amigos. Vocês não vão me trocar pelo Tuck e pelo Andy, né?"

Tuck e Carl têm vivido uma discussão sem fim. Eles ainda se consideram apenas um caso casual, mas é óbvio para qualquer um que existe um sentimento real entre eles, embora nenhum dos dois admita, e isso está causando atrito. Espero que esta viagem lhes traga uma nova perspectiva, porque Tuck está completamente apaixonada por Carl, e Carl é teimosa demais para o próprio bem.

"Prometemos que não te deixaríamos sozinha, relaxa, e tenho certeza de que o Capitão vai estar de olho em você como um falcão de qualquer maneira", murmura Tina displicentemente enquanto bagunça meu cabelo.

"Por que ele faria isso?", pergunto, perplexa, embora ele tenha prometido cuidar de mim, mas Tina não saberia disso...

"Ah, porque ele *sempre* faz isso, e você geralmente usa jeans e não usa maquiagem. Hoje à noite, você está absolutamente deslumbrante", responde Carl enquanto se vira e pega um espelho de mão para me mostrar o resultado final.

Puta merda.

"Caramba, vocês são uns verdadeiros milagreiros", murmuro enquanto encaro uma versão de mim mesma que nem reconheço. Os dois riem, mas eu estou completamente hipnotizada.

Não sou uma pessoa vaidosa. Mas Carl tem razão, esta noite estou muito melhor do que normalmente estou.

"Você é uma boa tela em branco, Rory", ela responde.

"Vocês deveriam fazer isso profissionalmente", eu digo, e todos nós rimos.

É claro que ela pretende mesmo. Carl já disse umas cem vezes que ela quer ter o próprio salão um dia. Não sei como não percebi isso quando ela se ofereceu — ou melhor, *exigiu* — para me arrumar hoje à noite, mas a garota sabe o que está fazendo, com certeza. Tina também.

"Muito bem, vá se trocar, vamos nos encontrar lá embaixo em quinze minutos! Anda logo!", Tina me empurra para fora do quarto.

Sorrio para mim mesma ao ver meu reflexo nas portas espelhadas do elevador. *Estou realmente me sentindo especial esta noite* , penso enquanto entro no meu quarto. Contanto que eu não tenha nenhum gatilho emocional, esta noite vai ser incrível.

Não posso deixar que nada estrague esta noite.

Decido tomar um comprimido preventivamente, só para garantir que não

vou surtar caso algum cara apareça comigo no elevador, ou esbarre em mim em um bar, ou aconteça alguma outra coisa normal que, para mim, poderia ser catastrófica.

Pego a minissaia rosa rodada que comprei com o Carl e a combino com uma regata branca básica e minhas botas de motociclista. Não me sinto exatamente confortável de saia, mas sei que, comparada a todas as outras garotas de micro-minissaias, blusas de alcinha e saltos altíssimos, sou praticamente uma freira.

E tenho ajuda farmacêutica para acalmar meus nervos e minha insegurança.

Pego minha bolsa e saio pela porta assim que vejo Sam fazendo o mesmo. Ok, com ou sem pílula, agora estou nervosa. Ele nunca me viu arrumada assim, e não sei se estou mais preocupada que ele não goste ou que goste.

Ele está encerrando uma ligação no celular quando me vê e paralisa, com o aparelho no ar. Ele pisca para mim, mas não diz nada, o que só aumenta meu nervosismo. Um momento constrangedor se estende indefinidamente.

"Então diga alguma coisa, quer?" murmuro, imitando totalmente o sotaque sulista de Rory. *Preciso aprender a controlar meu sotaque quando estou nervosa ou chateada.*

Sam está usando jeans e uma camiseta branca justa com um blazer azul-marinho estiloso. Ele está incrivelmente gostoso. Consigo ver a definição dos músculos do peito através da camiseta, e seu cabelo, sempre com aquele aspecto de quem acabou de acordar, ainda está úmido do banho. Minhas pernas começam a ficar um pouco bambas e engulo em seco, ansiosa.

Me obrigo a afastar esses pensamentos. Preciso me recompor se quiser sair com o cara por quem estou apaixonada, que deveria ser apenas um amigo próximo, quando na verdade ele está com vontade de comer alguma coisa. Mais do que o normal.

"Hum..." Ele ainda está completamente paralisado.

" *Sam",* eu o repreendo. "O silêncio dele está me assustando!"

Sam finalmente se descongela e passa os dedos pelos cabelos. "Ah, sim. Desculpe, Ror... Você está... bonito", murmura ele antes de desviar o olhar.

"É mesmo?" Não estou querendo um elogio. Sei que Carl e Tina fizeram um trabalho incrível com meu cabelo e maquiagem, mas não tenho certeza se combina *comigo.* E minha roupa... Duvido que eu me encaixe com alguma das outras garotas que estão por aí hoje à noite. Sam sobe os degraus que separam a porta dele da minha e nossos olhares se cruzam mais uma vez.

"É, Ror. Muito, muito, *muito* bonita", ele me assegura, com a voz baixa e insegura, como se eu estar bonita não fosse necessariamente algo bom. "Espero que você não me meta em uma briga hoje à noite", ele murmura enquanto caminhamos em direção ao elevador. Com essas palavras — palavras que nem sei se deveria ter ouvido — percebo que sua reação congelada à minha roupa provavelmente foi apenas preocupação de que eu chamasse atenção e dificultasse o cumprimento de sua promessa protetora. Mas se ele acha que posso chamar atenção, então significa que ele realmente acha que estou bonita, e esse pensamento me faz sorrir.

Por algum motivo, a espera pelo elevador está sendo constrangedora, e começo a ficar apreensiva com toda a noite. Não sei por que só agora me lembrei

de que não *quero* chamar atenção — que é exatamente o que tenho evitado ao me vestir durante o último ano.

"Não pareço estar, sabe, *pedindo por isso* , né?" pergunto, de repente preocupada por ter cometido um grande erro ao usar saia. Ainda dá tempo de trocar por calça jeans. Sam franze a testa, confusa com a minha pergunta.

"Perguntando o quê? Do que você está falando?", ele pergunta, e de repente eu fico extremamente constrangido.

Olho para as minhas botas e começo a gaguejar como uma idiota. "Eu só não quero que ninguém pense, sabe, que estou procurando alguma coisa. Porque estou vestida assim... de saia. Eu... eu-"

Sam se vira para mim e levanta meu queixo para que eu o encare. "Rory, ninguém vai pensar nada de você só porque está usando uma saia. Eles não teriam o direito. Não sei de onde você tirou essa ideia." Ele suspira. "Você está linda. Muito linda... fique por perto quando sairmos, tá bom? Vai ser divertido. Relaxa", ele insiste, e com essas palavras, eu relaxo, me agarrando ao som da voz de Sam me chamando *de linda,* e à explosão de emoção que se parece muito com *esperança* .

O elevador chega, nós dois entramos e eu aperto o botão de chamada do saguão.

"Pronto para repassar as regras de hoje à noite?", pergunta Sam. *As regras o* quê *?*

"Quais regras?"

"Nos bares. Quero que você fique perto das garotas e certifique-se de não se separar do grupo. Se elas forem se juntar aos seus rapazes, o que provavelmente acontecerá, certifique-se de me encontrar primeiro. Não as deixe ir sem antes..."

"Por que eu tenho que ter *regras?* São férias de primavera, era para ser *divertido* , vocês vêm dizendo isso há semanas! Por que ninguém mais tem regras?", resmungo.

"Eles já foram a clubes e bares da cidade umas cem vezes, Rory. Em quantos você já foi?", ele pergunta.

Eu franzo os lábios. "Nenhum."

Sam dá um sorriso de canto. "Não faça beicinho, você fica adorável assim e precisamos repassar as regras."

"Tudo bem", resmunguei como uma criança em idade pré-escolar.

"Primeiro, não aceite bebidas de quem você não conhece... Aliás, não aceite bebidas de quem você conhece também. Eu pego as bebidas para você", decide ele.

"E se você estiver por aí com algum caso qualquer quando eu quiser mais bebida?", pergunto, e reprimo a pontada de dor ao pensar nisso.

Não sei o que seria pior: ele flertar com uma estranha bem na minha frente ou não fazer isso porque está sendo fiel à Kendall. Acho que a ideia dele estar comprometido, ter um relacionamento exclusivo, talvez até estar apaixonado... acho que isso seria muito pior.

Sou uma péssima amiga.

"Não se preocupe com isso, eu não vou te abandonar, está bem?", diz ele, com um tom significativo.

Eu também já ouvi isso. Mas as pessoas nem sempre têm escolha. Às vezes, elas não querem te abandonar, mas acabam fazendo isso mesmo assim. Até quando você mais precisa delas.

Tipo quando você está num bar vestida como uma vadia, com mais maquiagem que uma garota de programa, e todas as suas amigas se juntaram para transar...

Talvez toda essa noite tenha sido uma má ideia.

"Ei, Ror. Estou falando sério, vai ser divertido. Vamos ficar juntos, ok?"

Assenti com hesitação. Também não queria estragar a noite dele.

"Certo, então só beba de mim, e não largue a bebida depois de pegar uma. Fique de olho nela o tempo todo. Se precisar largá-la, não a pegue de volta, eu pego outra para você."

"Tem certeza de que não serei atacada por algumas garotas aleatórias com ciúmes porque estou monopolizando toda a sua atenção?", provoco.

Ele é realmente um colírio para os olhos. Carl brincou dizendo que eu ia chamar a atenção hoje à noite, mas Sam não vai a lugar nenhum sem que todas as cabeças femininas se virem para ele, inclusive a minha. E algumas masculinas também.

Saímos do elevador e nos dirigimos ao lounge ao lado do saguão, onde encontraríamos todos. "Não seja ridículo", murmura Sam, com desdém.

" *Ridículo?* A Chelsea me atacou num banheiro porque você passa tempo comigo. A Kendall tentou me oferecer para o próprio irmão dela para me manter longe de você! Não estou sendo ridícula. Todas elas pensam..."

"Rory, você não tem ideia do que está falando. Kendall não gosta de mim desse jeito. Não era disso que se tratava", argumenta ele.

"Ah, é mesmo? Então o que foi aquilo? Ela parecia tão ansiosa para me apresentar ao... Randy, não é? Você não pode achar que ela me conheceu por dois segundos e já pensou que eu seria perfeita para 'se estabelecer' com o irmão dela..."

Sam segura meu cotovelo delicadamente para interromper nosso caminho pelo saguão. Consigo ver nossos amigos perto do bar do saguão, mas ainda estamos longe o suficiente para que eles não nos vejam.

"Kendall não estava sendo possessiva, Ror. Nós somos apenas amigos. Ela só estava brincando comigo", explica ele, sem explicar absolutamente nada.

Então a ideia de eu namorar o "super gato" Randy é uma piada? Ela estava *brincando* com ele? Eu sei que estou fazendo cara feia, mas não consigo evitar, estou ofendida.

"Não, Ror, você não entende", diz Sam, exasperado. Ele passa a mão pelos cabelos e suspira, como se estivesse tomando uma decisão. "Ela só estava tentando me deixar com ciúmes, tá bem? A Kendall é uma boa amiga, *só* uma amiga. Mas ela acha que sabe de tudo, e acha que você e eu... ela só acha que eu deveria, sabe, tomar a iniciativa ou algo assim. Com *você.* Ver se a gente pode ser mais do que amigos — porque a gente ficou tão próximo e tal. Mas eu já disse a ela que você não quer isso. A questão com o Randy... ela estava tentando me dar um empurrãozinho, por assim dizer. Me pressionar a tomar uma atitude, só isso", explica ele.

Isso é tudo?

Estou prestes a perguntar a ele por que Kendall acharia que ele deveria se insinuar para mim — o que ele quis dizer com "e tudo mais" —, mas me contenho. Não é diferente de Carl ter visto todas aquelas pequenas coisas que ela interpretou como evidência de um caso secreto. Ou uma paixão. Mas Carl acabou estando certo, pelo menos sobre meus sentimentos por Sam.

Será possível que Kendall esteja vendo na amiga dela a mesma coisa que Carl viu em mim?

Eu me contenho. Não deveria me permitir ter esperanças assim — não faz sentido. Porque mesmo num mundo louco em que o Sam me quisesse, nunca seria o suficiente. Meus sentimentos são muito fortes; estou envolvida demais. E eu não tenho o perfil para ser namorada, mesmo que ele algum dia me quisesse como namorada, eu sou simplesmente problemática demais, e ele sabe disso melhor do que ninguém. Ele já viu meus ataques de pânico, testemunhou meus pesadelos, conhece meus gatilhos, viu minhas cicatrizes.

Não. Ele jamais desejaria isso. Quem escolheria isso? E mesmo que pudesse, ele não merece. Ele merece uma garota normal. E, claro, tem a regra dele de "nada de namoradas no ensino médio".

"Você e a Kendall são mesmo só amigas?", pergunto tão baixinho que nem tenho certeza se ele me ouviu.

"É, Ror. Quer dizer, não vou mentir, a gente ficava. Mas era só isso, ficar. Fisicamente. A Kendall tem namorado agora — um namorado sério. Ela está apaixonada. Nunca foi assim entre a gente. Ela é uma boa amiga", ele explica, e não tenho dúvidas da sinceridade dele.

O alívio que sinto ao ouvir isso é mais uma prova de como meus sentimentos saíram do controle. Quero perguntar a ele se ele ficaria com ciúmes se eu namorasse com o Randy, mas não pergunto. Não tenho certeza se gostaria de ouvir a resposta.

Encontramos todo mundo no bar e pegamos três táxis para ir jantar no restaurante mexicano. Normalmente não bebo, mas como todos pediram jarras de sangria, resolvi tomar um copo. Nunca tinha experimentado antes e é realmente muito boa — doce, então duvido que tenha muito álcool.

Depois de alguns copos, o jantar acabou. Todos estão se divertindo muito — rindo, brincando. Andrew e Tina estão se beijando, e Tuck e Carl estão discutindo sobre a independência feminina e quem deve pagar a conta no encontro.

Ultimamente, qualquer problema que surge se transforma numa verdadeira batalha de vontades entre os dois, e isso já está ficando chato. Eu queria que eles simplesmente declarassem o amor que sentem um pelo outro e acabassem com todo esse sofrimento. Porque é óbvio para todo mundo, menos para eles.

Quando chegamos ao terceiro bar da noite, já estava claro que era ali que terminaríamos a noite. Todos estavam bebendo, dançando e flertando, e duvido que alguém sequer notaria a mudança de ambiente se decidíssemos ir para outro lugar. Carl e Tuck passaram de se beijando no primeiro bar, para gritando um com o outro no segundo, e agora estão numa mistura dos dois.

Observo Tina e Andrew entrarem num táxi para voltarem ao hotel e não tenho dúvidas do que estão aprontando.

Fiel à sua palavra, Sam mal saiu do meu lado a noite toda. Como Carl

havia previsto, tenho atraído mais atenção do sexo oposto do que o normal, mas tenho certeza de que isso se deve mais à quantidade de álcool que consumiram e ao desespero por um encontro casual do que à minha aparência esta noite.

Os poucos caras que tiveram a audácia de dar em cima de mim, apesar da proximidade quase protetora do Sam a noite toda, foram facilmente rejeitados por mim ou pelo Sam. O único cara que segurou meu braço e quase me fez entrar em pânico quase levou uma surra antes que eu pudesse acalmar o Sam, o que por si só me distraiu e me impediu de entrar em pânico.

Resumindo: estou me divertindo. Outro ponto importante: estou bêbado.

Acontece que a nova Rory normal sai e bebe com as amigas. Dou uma risadinha ao pensar nisso e Sam me lança um olhar curioso.

"Você, minha amiga, está bêbada", observa ele secamente enquanto me conduz para fora do bar para chamar um táxi, e eu dou uma risadinha. *Quem diria que eu podia rir tanto assim?*

Na verdade, eu provavelmente estaria ainda mais bêbada... mais bêbada? Tanto faz, eu estaria completamente fora de mim se o Sam não tivesse me interrompido e insistido que eu já tinha bebido o suficiente uns trinta minutos atrás. Em vez disso, estou deliciosamente alegre.

"Você também", respondo enquanto ele passa um braço em volta da minha cintura para me ajudar a andar em linha reta. Aconchego-me a ele e inalo seu perfume, agora com um toque de bebida e fumaça dos bares.

Sam dá uma risadinha. "Na verdade, não estou. Só tomei uns dois drinques, e aguento mais bebida do que *muita* gente", brinca. Sam me ajuda a entrar no táxi e senta atrás de mim, e eu o observo. Não, ele tem razão, não parece estar particularmente bêbado, e dou outra risadinha. Sam sorri. "Você fica uma gracinha de bêbada", murmura.

"Você é sempre fofo", respondo. Tenho uma vaga noção de que não deveria estar dizendo isso em voz alta, mas agora, simplesmente não me importo.

"É mesmo? Você acha?" ele pergunta, e eu estreito os olhos para ele e franzo os lábios exageradamente.

"Você sabe que é lindo. Não me engana", afirmo, erguendo o queixo em desafio. Ele não vai me fazer receber elogios. Ele é um Adônis, ele sabe disso, eu sei disso e sei que ele sabe disso. Afinal, ele não é cego.

Sam dá uma gargalhada sonora, com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados, e eu rio baixinho também, sem nem saber o que é engraçado. "Não sabia que você pensava assim, Rory. Tem mais alguma coisa que queira compartilhar, já que está se sentindo generosa com as informações?", ele pergunta, com as sobrancelhas arqueadas.

Mordo o lábio e penso por alguns instantes. "Eu amo Carl", digo.

As sobrancelhas de Sam se erguem até a linha do cabelo. "É aqui que você me diz que gosta de garotas?", ele pergunta, e parece estar falando meio sério, meio brincando. "Porque eu não vou julgar-"

"Não, shhh, não interrompa!" Eu resmungo.

Sam faz um gesto como se estivesse selando seus lábios e joga fora a chave invisível, ainda assim tentando, sem muito sucesso, esconder seu divertimento.

"Eu adoro a Carl, ela tem sido uma ótima amiga para mim, mas... você é meu melhor amigo. Não ela, *você* ", confesso. O rosto de Sam suaviza, perdendo

a alegria, e ele sorri calorosamente. Ele abre a boca, mas antes que possa responder, eu deixo escapar: "E você é supergato", e nós dois rimos novamente. Percebo que meu sotaque também fica mais evidente quando bebo e anoto mentalmente para tentar me lembrar disso.

"Eu gosto do Rory bêbado", diz Sam com outra risadinha, e eu o encaro com raiva.

"E daí? Você não gosta do Rory sóbrio?", respondo fazendo beicinho.

De repente, o rosto de Sam fica sério e ele se inclina para mim. *Meu Deus, ele está perto.* De repente, parece que está muito quente aqui. *Será que está quente aqui?* Eu estou com calor.

"Ah, eu gosto muito do Rory sóbrio. Gosto de ouvir você me dizer o que está pensando. E eu já te disse, não faça beicinho, é muito adorável", ele diz suavemente, a poucos centímetros do meu ouvido. Seus dedos sobem em direção ao meu ombro e ele torce uma mecha do meu cabelo entre o polegar e o indicador antes de colocá-la atrás da minha orelha.

"Você acha que eu sou adorável?" Eu praticamente engasgo.

Sam sorri de canto. "Você sabe que é linda. Não me engana", ele sussurra minhas próprias palavras de volta para mim. Engulo em seco, ansiosa.

"Eu te conto o que estou pensando o tempo todo", respondi ao comentário anterior dele. "Eu te conto todo tipo de coisa."

"Você me conta coisas", ele concorda. "Mas geralmente não o que você está pensando. Pelo menos não naquele momento. É revigorante."

"Diga-me o que está pensando", desafio-o. "Bêbado ou não, é justo." Pisquei-lhe os cílios e me perguntei de onde vem tanta coragem. *Ah, sim, do álcool.*

Os lábios de Sam se curvam num meio sorriso. "Estou pensando... você está linda", ele sussurra, e eu sinto meu coração acelerar, mas não de pânico. Meu corpo todo está quente, e eu sinto isso — aquela sensação desconhecida. *Desejo.*

"Carl e Tina fizeram um ótimo trabalho me maquiando", sussurro de volta.

Sam morde o lábio para conter o riso. "Não só esta noite, Rory."

Estou olhando em seus olhos, respirando tão forte que meu peito quase salta da boca, quando chegamos ao nosso hotel e o manobrista abre a porta do meu quarto.

"Ah!" exclamei surpresa e me recompus o melhor que pude ao sair do carro. Tropecei. *Droga, estou mais bêbada do que pensava.*

"Calma aí, Ror", diz Sam, dando a volta no carro e me abraçando. "Eu te seguro." Sam me guia até o elevador e não me solta enquanto subimos até o último andar. "Vamos, me dá seu cartão, eu abro a porta", ele oferece.

"Mas eu não estou cansada", resmungo, fazendo beicinho novamente.

Sam roça a ponta do polegar no meu lábio inferior e um arrepio percorre todo o meu corpo. "Eu te disse para não fazer beicinho."

"Certo", respiro fundo, sem ter certeza nem mesmo do que estou concordando. Concordarei com qualquer coisa que ele disser agora.

"Me dê sua bolsa." Eu a entrego sem questionar e observo enquanto ele a revira. "Onde está a chave do seu quarto? Não está aqui."

Droga. Levo a mão à testa. "Talvez eu tenha deixado na escrivaninha... no

meu quarto."

Sam suspira. "É por isso que devíamos ter deixado as portas que davam para o outro lado da rua abertas", diz ele, enquanto me guia até a porta ao lado e abre a porta do seu quarto. Eu o sigo.

"Eu estava preocupada que pudéssemos acabar na cama", admito sem pensar, e então bato com a mesma mão que acabou de me dar um tapa na testa. *Será que eu disse isso em voz alta?*

Dou uma espiada no Sam e ele parece horrorizado. *Droga.* Ele acha que eu quis dizer sexo.

Será que eu quis dizer sexo?

Ele se aproxima de mim, e eu posso estar bêbado, mas parece que ele está furioso. "Eu jamais me aproveitaria de você assim, Ror. *Jesus* , como você pôde pensar isso-"

Pressiono dois dedos contra seus lábios para interromper suas palavras. "Não, Sam, eu não estava preocupada com *você* , eu estava preocupada comigo " , admito. Sam franze a testa. "Você fica tão fofo quando faz isso", acrescento, movendo meus dedos para a pequena ruga entre seus olhos, sentindo suavemente a pele macia.

"Do que você está falando? O que quer dizer com 'você estava preocupado consigo mesmo'?"

Nos encaramos, a poucos centímetros de distância um do outro.

Eu o quero. Não consigo evitar. Nunca me senti assim antes — emocionalmente, fisicamente — e duvido que volte a sentir. Só senti algo parecido uma vez, e nunca explorei esse sentimento, nunca tive a oportunidade.

Meus dedos se movem por vontade própria da testa de Sam até a nuca, eu me inclino na ponta dos pés e, antes que minha mente embriagada consiga se lembrar por que isso não é uma boa ideia, pressiono meus lábios contra os dele. Após um suspiro de surpresa, Sam corresponde quase instantaneamente.

Seus lábios se movem sobre os meus, lenta e suavemente. *Meu Deus* , são macios e, de alguma forma, firmes ao mesmo tempo. Subo minhas mãos até seus cabelos e puxo levemente, como queria fazer há tanto tempo. Sam geme, o som ressoando do fundo de sua garganta, e é um som incrivelmente sexy.

Estou em chamas, como se estivesse possuída, desejando como nunca antes. Sam segura meu rosto e assume o controle, acelerando o beijo enquanto seus polegares roçam delicadamente minhas bochechas. Seus lábios provocam os meus, e quando sua língua lambe o contorno da minha boca, eu a abro para ele, acolhendo mais. Desesperada por mais.

A língua de Sam invade minha boca e eu me delicio com isso. Ter uma parte dele em uma parte de mim. Suas mãos acariciam meu pescoço e ombros até que uma delas segura delicadamente meu cabelo, segurando minha cabeça contra a sua, e a outra desliza ao redor da minha cintura até que ele esteja puxando meu corpo contra o dele, firme e definido.

Eu movo minha língua timidamente junto com a dele, entrelaçando-a e lambendo-a, adorando explorar sua boca, sentir seu gosto – uma mistura deliciosa de chiclete de menta e uísque.

Ele suga meu lábio inferior para dentro da boca e eu gemo, sem pudor. O som encoraja Sam, que dá dois passos em direção à parede e eu o acompanho até

sentir uma escrivaninha ou mesa atrás de mim. Sem nenhum esforço, Sam me levanta e me coloca sentada na beirada, pressionando-se contra mim, ainda me beijando. Abro as pernas para que ele possa se aproximar. Preciso dele mais perto. Ele obedece, mas com cuidado, e eu o sinto em todos os lugares, exceto no único lugar onde realmente preciso dele. Envolvo minhas pernas em seus quadris e o puxo o mais perto possível, e gemo novamente ao sentir a confirmação de que ele realmente me deseja.

Tenho consciência de que estou "pedindo por isso". Estou dando a ele mais sinal verde do que jamais dei para Robin, e embora eu saiba que provavelmente estou parecendo uma vadia descarada, não consigo me importar. Sei que amanhã estarei magoada. Sei que estou me apaixonando pelo meu amigo, e também sei que nada mudou. Ele não corresponde aos meus sentimentos, e por que deveria?

Essa versão de mim – essa versão que sai e se embriaga com as amigas, que se entrega à atração e aos sentimentos e tem a coragem de beijar o garoto por quem está apaixonada – essa Rory é uma ilusão.

Eu sei que Sam jamais poderia querer a verdadeira Rory. Sei que ele merece mais, mesmo que pudesse. Mais do que uma Rory quebrada e destruída. Mas esta noite, só por uma noite, eu ainda posso ser a Rory normal. Posso me permitir vislumbrar como poderia ter sido se eu nunca tivesse aceitado aquele primeiro encontro com Robin. Se eu tivesse ido para a NYU e talvez conhecido Sam em Nova York por acaso. Se eu fosse realmente uma garota normal e ele pudesse me querer.

Nunca fui beijada assim. Só uma vez senti algo parecido, mas não foi como agora. E Robin — mesmo no começo, antes das coisas desandarem — nunca despertou esses sentimentos em mim, no meu corpo ou no meu coração. Estou desesperada para saber como é a sensação de não ser forçada. De realmente desejar a pessoa com quem estou.

Retribuo o beijo de Sam com toda a paixão que possuo, deslizando as mãos pela frente de sua camiseta, e estremeço novamente ao sentir seus músculos rígidos. Sinto sua ereção firme entre minhas pernas, e um calor que nunca senti antes. Uma *dor* . E sei, sem sombra de dúvida, que aqui e agora, com Sam, o ato que só me causou sofrimento inimaginável com Robin, é a única coisa que pode aliviar essa dor.

Eu balanço meus quadris contra ele.

Sam solta um som deliciosamente amoroso antes de, inesperadamente, separar seus lábios dos meus e se soltar do meu aperto. Ele dá dois passos para trás e eu me sento na mesa onde ele me colocou, tentando recuperar o fôlego. Sam faz o mesmo, ofegante, e piscamos um para o outro, como se não soubéssemos o que acabou de acontecer.

Mas eu sei exatamente o que aconteceu. E sei que, antes de falar, ele vai se desculpar, tentar se retratar, mas não vou deixar. Eu quero isso.

"Deus, Ror, me desculpe. Eu-"

" *Eu te* beijei . "

Sam me encara, confuso, como se estivesse travando uma batalha interna com algo profundo, e eu sei que é porque ele não quer me iludir — não quer estragar nossa amizade. E eu entendo tudo isso, de verdade. Mas meus sentimentos por ele são problema *meu* , não dele. Eles não deveriam nos impedir

de fazer isso, não agora, quando nós dois queremos. Pelo menos eu *acho que* nós dois queremos...

"Rory, você está *bêbada.* Se você me beijou primeiro ou não, eu não deveria ter deixado isso acontecer, você é minha amiga", ele murmura, com a voz carregada de culpa.

Deslizo do meu poleiro e cubro a distância entre nós, olhando atentamente em seus olhos para que ele saiba que falo sério.

"Por favor, Sam. Então, eu estou bêbada. E *daí?* Metade das garotas em Miami que estão ficando com estranhos hoje à noite estão bêbadas. E você não é um estranho, você é meu amigo. Eu confio em você", explico, enquanto o olho por entre meus cílios. Passo minhas mãos timidamente pela frente de sua camisa, e só de sentir seu corpo sob meus dedos já me excita toda de novo. "Não é como se eu fosse virgem. Você não precisa se preocupar. Eu nunca me senti assim antes, por favor, eu só quero saber como é fazer isso porque *eu* quero fazer. Porque *me faz* sentir bem. Por favor, Sam", digo a última parte em um sussurro e me inclino para beijá-lo suavemente.

Quando ele não me afasta imediatamente, movo meus lábios com um pouco mais de firmeza, mas ele retribui apenas por um instante antes de segurar meus pulsos delicadamente para interromper a exploração dos meus dedos e afastar a boca. Sua expressão é uma mistura de preocupação e confusão. Tropeço um pouco antes de me equilibrar. *Estou mesmo bêbada. É um pouco tonta.*

"Como assim você quer fazer isso porque *quer* fazer isso? Que outro motivo haveria?"

Dou de ombros. Não entendo por que estamos *falando* disso quando poderíamos estar *fazendo* , e quero encerrar essa conversa logo e ver se consigo que ele retribua o beijo.

"Sabe, *porque* ... Porque eu tive que fazer isso. Não é como se eu sempre tivesse escolha", murmuro. "Mas agora eu *quero* . Eu nunca quis..."

"Como assim você teve que fazer isso? Que você não tinha escolha?", ele interrompe, e de repente fica sério demais.

Acabei de dizer algo que não devia?

Minha mente está turva pelo álcool, e com todos os segredos que confiei a Sam, e todos os que ainda guardo, não tenho certeza de qual é qual agora.

"Rory. O que você quis dizer?" Ele pergunta devagar e com cuidado.

Não sei o que quis dizer, sinceramente nem me lembro exatamente do que eu *disse* . Meu estômago revira enquanto a tontura na minha cabeça se junta à náusea na minha barriga, me fazendo sentir mal, e fecho os olhos por um instante para tentar me acalmar e me concentrar no aqui e agora.

"Eu só quis dizer... que agora, bêbado ou não, eu sei o que quero, e eu quero-"

Minhas palavras foram interrompidas por uma mordaça . *Ah, merda.*

O rosto de Sam está marcado pela preocupação e já não tenho certeza se consigo reprimir essa sensação ruim.

"Ror? Ror, você está bem?"

A sala gira e tudo o que consigo fazer é sussurrar "estou doente" antes que minhas pernas cedam.

Sam me pega no flagra com um palavrão murmurado e, de repente, me

vejo abraçada ao seu peito, minhas pernas penduradas em um de seus braços fortes enquanto ele caminha até o banheiro. Ele me coloca na borda da banheira e eu me agarro à borda do azulejo com toda a força para me manter sentada. Sam está fazendo alguma coisa, mas não consigo ver o quê; estou ocupada demais tentando descobrir se fechar os olhos melhora ou piora a situação.

Ai, *meu Deus , pior. Definitivamente pior.*

Ouço a torneira abrir e fechar, e então Sam se ajoelha na minha frente e coloca uma toalha fria e úmida na minha testa.

"Caramba, Ror, você só tomou três drinques nos bares. Você não aceitou bebida de mais ninguém, né?" ele pergunta, visivelmente muito preocupado.

Eu balanço a cabeça negativamente. *Eu não fiz isso* . "Não, você me disse para não fazer", asseguro-lhe, com a voz trêmula. Ele passa os dedos pelos cabelos, e vagamente me pergunto se é realmente um grande problema. Quer dizer, é um rito de passagem para todo adolescente normal beber demais e passar um pouco de mal-estar, não é?

"Quanta sangria você bebeu no jantar?"

Dou de ombros. "Dois copos?" Sai como uma pergunta, e na verdade, é mesmo. Havia jarras, as pessoas estavam reabastecendo generosamente, mas eu não achava que tinha bebido tanto assim.

"Porra, Rory." Ele estreita os olhos para mim e eu vejo quatro deles. Quatro olhos azuis como a noite que me enxergam por dentro desde que testemunharam meu primeiro ataque de pânico no meu primeiro dia de aula. "Você tomou algum comprimido hoje à noite, Rory?" Sua voz é hesitante, mas acusatória. Terna, mas firme.

Droga . Tento ao máximo me concentrar em seu olhar e aceno lentamente com a cabeça. Seu semblante imediatamente se fecha em uma carranca. Ele está furioso.

"Droga, Rory! Você não sabe que não se pode beber com isso?!"

"Eu... eu não pensei nisso. Não queria surtar e estragar a noite de todo mundo. Só queria uma noite normal. Tomei antes de sairmos, eu... esqueci", murmurei, arrependida.

A expressão de Sam suaviza, mas sei que ele ainda está zangado comigo. Por ter sido tão descuidado. Por ter sido tão estúpido. E a verdade é que ele tem razão.

"Bem, parabéns, Pine. Você usou drogas, bebeu e agora está doente. Bem-vindo à normalidade adolescente", diz ele sarcasticamente. Ele se levanta e se prepara para sair do quarto, mas eu seguro sua mão. Não quero que ele me deixe sozinha aqui. "Vou pegar um pouco de água para você. Olha, Rory, você provavelmente deveria vomitar. Acho que você provavelmente vai vomitar de qualquer jeito, mas, seja como for, você deveria se forçar."

Faço uma careta exagerada de nojo e Sam dá um sorriso.

"Pare de ser bonitinho, eu ainda estou bravo com você", ele diz antes de se virar e sair da sala.

Ele volta quase que instantaneamente, abre uma garrafa de água e me entrega. Eu a encaro com desconfiança. Sinto um frio na barriga. *Não, acho que não vou beber isso agora.*

"Não consigo. Meu estômago", murmuro.

"Venha", ele diz, estendendo as duas mãos. Estou tremendo enquanto deslizo minhas pequenas mãos pálidas para dentro das suas grandes e quentes. Será que o resto do meu corpo está tão pálido quanto isso?

Puxa, devo estar horrível. *Não me admira que ele tenha interrompido nosso beijo.*

Sam me guia até o chão em frente ao vaso sanitário e prende meu cabelo em um rabo de cavalo, segurando-o firmemente. Ele começa a acariciar minhas costas suavemente com a outra mão.

"Você precisa vomitar, Ror. Confie em mim, você vai se sentir melhor", ele diz gentilmente.

Já consigo sentir que ele tem razão. Aliás, já consigo sentir que não terei escolha nenhuma. Com certeza vou vomitar.

"Vá... embora", eu consigo dizer com a voz embargada.

"Rory..."

" *Por favor.* Não... quero que você me veja vomitar..."

"É, bem, eu não quero te ver no hospital. Então preciso que você vomite para mim, ok?"

"Eu faço isso se você for embora", eu digo com a voz trêmula, mas nossa discussão sobre se ele estaria presente ou não quando eu fosse vomitar termina quando meu estômago se revira e despeja todo o seu conteúdo no vaso sanitário.

Tenho ânsia de vômito novamente e mais vômito sai. Quero empurrar Sam para longe, quero privacidade para minha humilhação, mas não posso fazer nada além de sucumbir ao meu próprio corpo, que tem outros planos.

Vomitei mais quatro vezes e, durante todo esse tempo, Sam segurou meu cabelo, massageou minhas costas e sussurrou palavras de incentivo como se vomitar fosse uma grande conquista. Quando finalmente tive certeza de que havia acabado, suspirei aliviada e me sentei, encostando a cabeça na porcelana fria do vaso sanitário, ciente de que era nojento, mas simplesmente sem me importar.

"Essa é a minha garota", sussurra Sam.

A garota dele. Se ao menos eu pudesse ser *a garota dele.* E sou rapidamente tomada pela tristeza e pelo arrependimento. Arrependimento pelo que nunca poderia ser, pela minha patética existência e pela minha incapacidade de controlar meus sentimentos por esse garoto.

"Será que eu poderia ter um pouco de privacidade agora?", pergunto com um tom de súplica.

Sam pondera sobre a situação. "Desculpe. Não. Vamos, vamos te ajudar a se limpar. Eu ia chamar lá embaixo para alguém trazer a chave do seu quarto, mas, sinceramente, Rory, acho que devo ficar de olho em você", diz ele enquanto me ajuda a levantar e me guia até a pia. Abro a torneira e enxáguo a boca antes de jogar água no rosto.

Sam coloca um pouco de enxaguante bucal em um copo, me entrega e eu enxáguo bem a boca.

Dou uma olhada no espelho e, como eu esperava, a tonelada de maquiagem que me deixou com uma aparência excepcional mais cedo acabou em lugares diferentes dos que eu pretendia. Tenho quase certeza de que delineador e rímel não são para as minhas bochechas.

"Sabonete facial?" pergunto, e Sam me entrega.

Preciso lavar o rosto quatro vezes para que ele pareça limpo de novo, mas mesmo assim continuo com uma aparência horrível. Pálida e abatida. Sam está se movimentando pela suíte quando saio — ele está arrumando o sofá para mim.

"Sam, acho que estou bem, só quero ir para a cama", murmurei.

"Esse é o plano", ele responde.

Caminho até ele e observo o sofá sem entusiasmo. Não parece particularmente confortável. Principalmente não com uma cama king size grande e confortável do outro lado da parede. Olho com saudade para a porta que liga nossos quartos. *Eu deveria ter simplesmente escutado o Sam.*

Enquanto ele volta para usar o banheiro, eu tiro minhas botas e meias. Posso dormir de regata, mas...

Volto silenciosamente para o quarto dele. *Como é que ele pode fechar a porta do banheiro para ter privacidade?*

Com a sensação de estar fazendo algo ilícito, abro as gavetas da cômoda e encontro as cuecas dele na segunda gaveta. Estão impecavelmente organizadas, cada peça — até as cuecas — dobrada cuidadosamente. Sinto um certo prazer em revirá-las — principalmente cuecas boxer — e ignoro a pontada de desejo que reacende no meu estômago. Sam tinha razão, me sinto muito melhor agora que vomitei, mas estou completamente mortificada. Encontro uma cueca boxer azul listrada e a pego, saindo correndo do quarto antes que ele possa sair, e fecho a porta apressadamente.

Assim que volto para a sala, tiro a saia e visto a cueca dele. Tiro o sutiã por baixo da blusa e o dobro cuidadosamente, junto com a saia, no braço do sofá. Me enfio debaixo da manta que o Sam estendeu no sofá e me aconchego de lado. Eu estava certa, definitivamente não é muito confortável, mas serve. Fico pensando se ele vai dormir ou se vai sair para dar boa noite. Nem sei o que prefiro agora. Estou morrendo de vergonha.

Operação: Rory Normal foi um completo desastre. Não sei por que achei que conseguiria ter sequer uma noite de felicidade. Por que achei que o Sam ia querer ficar comigo, para começo de conversa? Ele nunca deu nenhum sinal de que me queria desse jeito. Não sei o que estava pensando. E aí eu vomitei! Bem na frente dele. *Meu Deus, o que há de errado comigo?* Fecho os olhos e me afogo em vergonha.

"O que você está fazendo?", perguntou Sam. Eu nem o tinha ouvido sair do quarto. Não respondi, apenas olhei para ele, confusa. "Você não vai dormir aí", disse ele.

Sento-me na cama, humilhada mais uma vez. Ele disse que queria ficar de olho em mim e arrumou o sofá; o que mais isso poderia significar senão que ele queria que eu dormisse ali?

"O sofá é meu, Rory. Você fica com a cama." Ele estende a mão para me impedir quando abro a boca para argumentar. "Nem pensar. Vamos lá, Ror, me deixe ser um cavalheiro."

"Quem me dera você fosse menos cavalheiro", resmunguei baixinho, referindo-me ao fato de ele ter interrompido o que quer que tenha acontecido entre nós mais cedo. Sam deu uma risadinha. Eu não tinha a intenção de ser engraçada.

Aceito a mão que ele me oferece e desço do sofá. Ele me olha de cima a baixo e prende a respiração. *Droga, esqueci que roubei a cueca dele.*

"Desculpe", murmuro enquanto arrasto os pés até o quarto.

"Fique à vontade", respondeu ele com outra risadinha e seguiu atrás.

Eu puxo o cobertor e começo a me aconchegar na cama grande e confortável. "Você vai me cobrir?", provoco, já que ele me seguiu até aqui.

"Algo assim... Você está bem, né? Que eu estou aqui, quero dizer." Agora ele está preocupado que eu vá entrar em pânico. Nem perto disso.

Eu me deito na cama e me viro para encará-lo. "É, Sam. Eu já te disse, eu confio em você. Tenho quase certeza de que você não consegue mais me irritar. A menos que tenha feito algo intencionalmente."

"Eu *jamais faria isso* -"

"Eu sei."

Sam suspira e senta-se na beira da cama. Ele se inclina e me dá um beijo casto na testa. É um gesto incrivelmente íntimo e carinhoso, e me aquece o coração saber que ele ainda se importa comigo depois daquela cena embaraçosa de hoje à noite. Ele é um bom amigo.

"Boa noite, Ror. Olha, se você acordar e não estiver se sentindo bem, ou precisar de alguma coisa, qualquer coisa, me acorde, tá bom? É sério", ele diz suavemente.

"Obrigada", eu respiro fundo.

Sam sorri de canto. "Te peguei, Pine. O quê-"

" *São amigos para sempre* , eu sei."

E com isso, ele sai, fechando a porta suavemente atrás de si.

****

O jogo do campeonato acabou. Sam me abraça e sorri. Nós ganhamos. Ele está feliz.

Robin me encara do outro lado do campo. Ele está carrancudo. Perdemos. Ele está furioso.

"Não me deixe sozinha", imploro a Sam.

Ele sorri melancolicamente. "Desculpe, Ror, somos apenas amigos, lembra?"

Ele se vira e caminha em direção ao estacionamento. É o estacionamento dos Linton, e ele caminha em direção ao carro de Cam. Mas onde está Cam?

"Sam!" Eu grito enquanto Robin se aproxima furtivamente de mim. Estou apavorada.

"Desculpe, Ror! Você é dele, não meu, não posso fazer nada!" ele responde, entra no carro de Cam e vai embora.

Por que ele está dirigindo o carro do Cam? Onde diabos está o Cam?

Assisto horrorizado enquanto um caminhão com reboque avança em alta velocidade direto na direção de Sam.

"Sam, cuidado!" grito enquanto pneus cantam e estrondos e batidas fortes ecoam ameaçadoramente no ar noturno.

Meu cotovelo é puxado bruscamente e sou virada à força, sem conseguir ver o que está acontecendo. Entro em pânico; tudo o que quero é ter certeza de que Sam está bem.

"Que porra você pensa que está fazendo? Sua vadia estúpida."

"Não!" imploro, mas Robin me arrasta escada acima até o corredor que leva ao ginásio. Ele se vira e me puxa para dentro do vestiário.

Estou paralisada de medo. Não consigo respirar. Minha garganta está fechada e não consigo tirar ar. O que há de errado comigo?!

De repente, Robin me joga contra a parede. "Você é minha *, Rory. Não importa o que você faça. Não importa para onde você vá. Você sempre será minha, e ninguém mais vai querer meus restos estragados", Robin cospe as palavras e começa a rasgar minhas roupas com violência.*

"Por favor, Robin! Não! Não aqui!" Eu grito e imploro, mas, como sempre, meus apelos são ignorados.

Ele arranca minha calcinha e, de novo, mesmo eu estando com meu uniforme de líder de torcida, eu não estou usando calcinha modeladora. Onde diabos está minha calcinha modeladora?!

Ele se atira contra mim e eu grito de dor.

"Minha garota gosta de coisas mais brutas", ele rosna ameaçadoramente.

"Por favor, pare! Não!" Eu soluço, mas ele fecha os dedos em volta do meu pescoço e eu não consigo respirar.

É isso aí. Dessa vez ele vai mesmo me matar.

"Rory, acorde!"

Eu fico sem ar.

"Rory, você está bem, só acorde, *por favor* ." É a voz de Sam.

Abro os olhos. *Onde estou?*

Ah, sim. O hotel.

Ah, sim. O quarto do Sam.

Ah, sim... ontem à noite...

Estou sem fôlego, como costumo ficar depois de muitos dos meus pesadelos, então me deito, fecho os olhos e revivo a humilhação da noite passada, ou talvez do início da noite, já que ainda está escuro.

"Você está bem?", pergunta Sam gentilmente. Ele está na cama, por cima do edredom, me abraçando e acariciando meu cabelo.

"É... só mais um sonho", murmuro quando recupero o fôlego.

" *Meu Deus*, Ror. O que posso fazer? Como posso ajudar?", pergunta ele, desesperado.

Eu deveria dizer "nada". Deveria mandá-lo de volta para o sofá para dormir em paz, porque é bem provável que eu acorde gritando ou chorando de novo daqui a algumas horas e o Sam precisa descansar.

Os pesadelos começaram pouco depois da primeira vez que Robin me forçou, e pioraram progressivamente depois da última vez, quando ele me deu a cicatriz. Minhas *cicatrizes.* Embora apenas uma seja fisicamente visível. Mas nas poucas vezes em que dormi na cama de Cam com ele, não tive pesadelos. E agora, embora eu saiba que deveria poupar meu amigo, ainda estou atordoada com o sonho, me sentindo um pouco egoísta e me perguntando se Sam poderia me oferecer algum consolo semelhante.

"Você poderia dormir comigo", sussurro.

"Ror..."

"Só durma", eu digo. "Só... sabe, me abrace?" Minha voz está quase inaudível, e eu sei que estou me envergonhando ainda mais depois da noite

passada, mas aquele foi um pesadelo excepcionalmente ruim — aqueles em que não consigo respirar são os piores — e estou me sentindo muito vulnerável agora.

"Tem certeza de que não tem problema? Não quero piorar as coisas, Ror", ele murmurou hesitante, e se eu não o conhecesse, pensaria que ele realmente queria isso agora. Me abraçar.

"Por favor, Sam."

E com meu pedido, ele se aproxima para levantar o cobertor e então se deita ao meu lado, de costas. Ele estende o braço e eu me aconchego no vão do seu ombro, apoiando a cabeça em seu peito. Os braços de Sam me envolvem, me mantendo no lugar. Ele suspira, e eu interpreto isso como um incentivo, apoiando meu braço sobre seu abdômen perfeitamente esculpido . *Quem diria que algo tão duro como pedra poderia ser tão incrivelmente confortável?* Sinto-me tentada a entrelaçar minhas pernas com as dele, mas sei que seria inapropriado, e não quero deixar Sam desconfortável nem tornar essa situação tão próxima e tão distante ainda mais confusa para mim. Reprimo qualquer sentimento amoroso e me aconchego a ele, deliciando-me com o conforto que meu amigo me proporciona neste momento.

Não, acho que não terei mais pesadelos esta noite. Sinto-me segura.

CAPÍTULO DEZENOVE

Férias de primavera, ano passado

Nos *braços de Cam, magicamente, meus pesadelos ficam bem longe. Mesmo depois de ontem. Mas acordo antes do sol nascer, num sobressalto de pânico. Na noite passada, eu estava tão desesperada pelo conforto que só Cam pode me dar, que não pensei direito em tudo. Não posso deixar Cam me ver assim. À luz do dia, bastará um olhar para Cam perceber tudo o que Robin me fez.*

Mesmo com as piores partes — minhas costas, meu peito, a bandagem no meu quadril — cobertas pela camiseta e cueca dele, os hematomas e marcas de mordida no meu pescoço ainda são visíveis. Assim como o inchaço e os hematomas nos meus pulsos.

Ainda sinto dor entre as pernas, mas melhorou bastante durante a noite. Descobri que essa região se tornou uma parte resistente de mim, que, felizmente, quase sempre se cura antes que Robin possa machucá-la novamente.

Saio da cama na ponta dos pés, com cuidado para não acordar Cam. Saio do quarto dele na ponta dos pés, fecho a porta com cuidado, desço as escadas silenciosamente e saio pela porta dos fundos.

Assim que entro em casa, pego rapidamente minha blusa de gola alta preta de algodão, agradecida por ela cobrir tanto meu pescoço quanto meus pulsos. Verifico o corte e fico aliviada ao ver que o sangramento parou. Deixo os curativos adesivos e troco a gaze suja antes de vestir uma calça de moletom preta folgada. Está fazendo 24 graus lá fora e a temperatura está subindo, e minha roupa não faz sentido para a estação, para nenhuma estação aqui em Linton, na verdade, mas não tenho outra escolha.

Não sei o que fazer agora. Só quero ver a Cam, ou minha mãe, mas minha mãe está viajando e a Cam está dormindo. Percebo que deixei meu celular na cama da Cam e tento me lembrar se o desliguei ou não.

Eu me encolho em uma cadeira de balanço na varanda dos fundos, abraço meus joelhos contra o peito e choro enquanto observo o nascer do sol.

Não percebo a aproximação de Cam, mas ele também não me assusta. Sei que ele vai atribuir minhas lágrimas ao término do meu relacionamento. Silenciosamente, ele se senta na cadeira ao meu lado e me entrega uma caneca de chá Earl Grey. Tomo um gole, agradecido. Ele adoçou com mel, exatamente como eu gosto. Claro que sim.

"Você parece que vai a um funeral", ele gesticula para minha roupa. "Um funeral informal, pelo menos."

Dou um sorriso e ajudo os ombros. Espio por cima do ombro dele e vejo que ainda está de calça de pijama, embora tenha vestido uma camiseta. Ele percebe que estou olhando. Cam acena com a cabeça na direção de sua casa.

"Preciso tomar banho e me vestir. Depois podemos descer até o lago e conversar?"

Assenti com a cabeça. "Eu vou com você", murmurei, levantando da cadeira. Já tive tempo suficiente sozinha. Cam passou o braço em volta dos meus ombros e eu deitei a cabeça no dele.

"Vai tentar me ver mudar de novo?", ele pergunta, com um tom de humor

na voz. Dou um tapa no peito dele e ele ri.

"Cala a boca", murmuro, mas não consigo esconder minha alegria. Na verdade, eu não me importaria de vê-lo mudar.

****

Sento-me no chão do quarto do Cam e reflito sobre o conto que ele me permitiu ler. Ele sempre me diz quais páginas posso ver e deixa bem claro que não devo olhar nenhuma outra. É o mesmo esquema desde que tínhamos uns doze anos e ele começou a escrever suas histórias. Nunca quebrei a confiança dele e tenho certeza de que ele nunca duvidou de mim.

Cam se veste no banheiro e sai com sua calça jeans e camiseta branca de sempre, o cabelo ainda úmido, e eu me levanto e fico na ponta dos pés para arrumá-lo. Ele ri. Não perco uma oportunidade de fazer isso desde que ele me pediu pela primeira vez, antes do nosso primeiro baile da escola, na sexta série. A verdade é que o cabelo dele não precisa de nenhum penteado. Ele cai naturalmente em cachos grossos e ondulados, cor de chocolate. Acho que eu só gosto de passar os dedos por ele, e Cam gosta de me dar esse prazer.

"Estou apresentável?", ele ri baixinho. Nossa, parece que o riso dele tem propriedades curativas para mim. Se eu passar tempo suficiente hoje ouvindo-o rir, acho que todas as minhas feridas podem simplesmente desaparecer.

"Você serve", sorrio e dou um tapinha brincalhão na bochecha dele.

****

Sentamo-nos no nosso lugar à beira do lago, debaixo do salgueiro-chorão, e eu escuto de olhos fechados enquanto Cam lê em voz alta mais uma história que ele achou que eu merecesse ouvir. Ou que ele achou que eu merecesse compartilhar comigo.

Desde que éramos crianças, ele tem essa protagonista recorrente, uma garota que eu sempre suspeitei ser, pelo menos em parte, baseada em mim, embora Cam sempre tenha negado isso em tom de brincadeira. Eu sei que ele acha que as semelhanças entre as personalidades são gritantes, mas, na verdade, ela não se parece nada comigo. Ela é durona, forte... indestrutível. Tudo o que eu não sou.

O vento sopra mais forte que o normal e me pergunto se a tempestade vai esperar até amanhã, afinal. Mas ainda está bem quente, e eu não me sinto exatamente confortável com minha blusa de gola alta preta.

Duas horas se passaram e Cam ainda não me perguntou sobre Robin, mas seus olhares inquisitivos aumentaram de frequência, e eu sei que ele vai perguntar. Finalmente, ele fecha o diário. Ele se aproxima de onde estou sentada, abraçando meus joelhos contra meu peito. Não consigo deitar de bruços como de costume, meu corte dói demais. Não consigo me encostar na árvore como Cam estava, minhas costas doem demais. Não consigo nem me apoiar nas mãos porque meus malditos pulsos doem demais. Os olhos de Cam encontram os meus.

"Você está usando alguma coisa por baixo disso?", ele pergunta, acenando com a cabeça para minha gola alta.

"Não, por quê?"

Cam sorri. "Porque você está suando, Rory."

Dou um tapa no braço dele. "Ei! Eu não sou." Sou sim, com certeza. "E

aliás, garotas não suam, nós brilhamos", eu o corrijo.

"Entendo. Bom, nesse caso, você está brilhando como um porco", ele brinca, e eu dou um tapa no braço dele de novo e nós dois rimos. Mas depois de mais um minuto ele chega ao ponto.

"Você vai me contar sobre a Forbes?", ele pergunta suavemente.

Suspiro. "Simplesmente não estava dando certo. Terminamos. Acabou", murmuro.

O olhar de Cam não vacila. "Agora tenho dificuldade em acreditar que ele terminou com você, Rory", ele responde enquanto começo a brincar com um pedaço de grama alta que arranquei do chão.

"Não. Não exatamente. Acho que terminei com ele", admito. Arranco mais duas folhas de grama e começo a entrelaçá-las com a primeira.

"Você acha que isso vai funcionar?"

Eu concordo com a cabeça. "Sim, Cam. Terminei", respondo, fixando meu olhar no dele para que ele saiba que estou falando sério.

Ele acena com a cabeça. "Seu pai já sabe?"

Eu balanço a cabeça negativamente.

Cam solta um assobio longo e grave. "Ele não vai ficar feliz."

Ocupo-me em trançar a grama, formando uma segunda e uma terceira trança. "Não. Duvido que ele volte a falar comigo", murmuro, entorpecida. Provavelmente, ele nunca mais olhará para mim. *Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto reconheço, em meu íntimo, que qualquer relação que ainda me restava com meu pai acabou. Ele jamais me perdoará, disso não tenho dúvidas.*

"Como eu disse, ele não vai ficar feliz, mas vai superar, Rory. Ele vai entender", respondeu Cam.

Eu balanço a cabeça. "Ele não vai. O prefeito Forbes disse a ele que a Robin anda falando em pedi-lo em casamento. Em se casar. Meu pai me disse para não estragar tudo. Mesmo que... não importa o que aconteça, quer dizer", me corrijo. "Ele não vai superar o fato de eu ter jogado fora a chance de torná-lo sogro de um quarterback profissional. Nem pensar."

Cam pega a palha trançada da minha mão, tentando fazer com que eu o encare. "Mesmo que o quê, Ror?", pergunta ele. Claro que ele percebeu. Volto a olhar para baixo e arranco outra palha do chão.

"Mesmo tendo dito a ele que não era o que eu queria", respondo baixinho. Não é exatamente uma mentira, por isso consigo dizer isso para Cam. Mas não consigo encará-lo nos olhos como costumo fazer.

"A Forbes não é tão burra quanto eu pensava", murmurou ele baixinho.

"O que você quer dizer?"

Cam dá de ombros. "Quero dizer, sobre querer casar com você... Ele... ele falou com você sobre isso?"

Eu concordo com a cabeça. "Não se trata de pedir em casamento. É só no geral, eu acho."

Cam respira fundo. "Você estava... pensando nisso?" Sua voz ficou baixa e hesitante. Nada a ver com o Cam de sempre.

Eu balanço a cabeça. Não. Eu nunca realmente considerei isso. *"Não mesmo. Tipo, no começo, acho que parecia ok em abstrato. Quando era tipo 'Eu*

quero me casar com você algum dia'. ' Algum dia *' nunca pareceu real, sabe? Acho que eu estava mais lisonjeada do que qualquer outra coisa. Mas assim que se tornou uma possibilidade real... Não. Eu nunca considerei isso."*

Cam solta um suspiro de alívio. Ele pega minha mão e a coloca em seu colo. Seguro a ponta da manga com cuidado para que ela não suba e revele meu pulso machucado. Ele enrola a palha trançada em volta do meu pulso coberto pela blusa de algodão e começa a entrelaçar as pontas.

"Não sei se eu conseguiria lidar com isso, Ror... você se casando com o Forbes, quer dizer. Agora... algum dia... jamais."

A confissão dele me afoga em culpa. Sei o quanto meu relacionamento foi injusto com a minha amizade com o Cam. O quanto mudou este ano por causa disso. E embora eu tenha tentado me convencer de que grande parte da mudança era normal — que as coisas deveriam ser como eram —, percebo o quão tola eu fui. Sim, claro que eu eventualmente namoraria, conheceria alguém, passaria menos tempo com o Cam. Mas a saudade dele era tanta que doía. E como isso é normal? Não poder abraçar meu melhor amigo? Ter que me virar para estar com ele às escondidas? Como eu poderia sequer cogitar um futuro assim? Mesmo com alguém que eu realmente amava.

"Nem eu", sussurro sinceramente. Cam dá um tapinha no meu pulso, onde prendeu minha pulseira de palha. Eu me contenho, fazendo uma careta.

"Pronto."

Eu rio. "Obrigado, Cam."

Uma forte rajada de vento faz meu cabelo voar em todas as direções e algumas mechas caem bem no meu rosto. Dou risada de novo enquanto Cam as coloca atrás da minha orelha. Nós dois olhamos para cima a tempo de ver nuvens escuras e ameaçadoras se aproximando.

"Não tenho certeza se essa tempestade vai esperar até amanhã", murmura Cam. "Vamos nessa." Ele se levanta, seus longos membros se desdobrando graciosamente, e estende a mão para me ajudar a levantar.

Assim que volto para a caminhonete, pego o celular dele para verificar o site de notícias local sobre a tempestade, já que não vejo o meu desde a noite passada, e vejo várias chamadas perdidas e mensagens da mãe do Cam. Ele me pede para lê-las e descobrimos que o sistema de tempestades acelerou e deve atingir a região hoje à noite, em vez de amanhã. Michelle planeja ficar no hospital até domingo para tratar os ferimentos causados pela tempestade.

Já está chovendo forte quando chegamos na garagem do Cam. Ainda é final de tarde, mas o céu escureceu bastante. Parece que não vamos sair de novo hoje. Sei que preciso pegar meu celular e checar as mensagens, e agradeço que a Robin vai ficar presa em Gainesville e meus pais na casa da minha avó.

"Espero que você não tivesse planos para hoje à noite", brinco enquanto corremos dentro de casa.

"Já cancelei mesmo", murmura ele com indiferença.

"Ah, é? Missy ou Laura?" Eu provoco, fazendo uma careta de ciúme que me dá uma pontada de inveja.

"Na verdade, foi a Lacey", responde ele distraidamente enquanto vasculha as gavetas da cozinha.

Oh .

Cam tira algumas lanternas e velas de uma gaveta. Duvido que precisemos delas, mas é melhor prevenir do que remediar, suponho.

"Você ainda poderia ir vê-la", murmuro relutantemente, sentindo-me culpada por arruinar seus planos. "Quer dizer, eu poderia simplesmente ficar aqui e assistir a um filme. Ou poderia ir para minha casa", ofereço.

Cam para o que está fazendo e volta para onde estou, no canto da copa, olhando pela janela. Ele puxa meu braço para que eu o encare e, sem pensar duas vezes, eu o puxo de volta. Ele me olha com os olhos semicerrados, mas não comenta meu comportamento estranho. Eu nunca fui muito sensível a toques, principalmente não vindos de Cam. Me pergunto, por um instante, se Robin me traumatizou de vez.

"Como eu disse, cancelei esta manhã... Você precisa de mim, Ror", diz ele, acariciando ternamente minha bochecha com o polegar.

"Sim", admito, entregando-me ao toque de Cam. Sinto um formigamento na pele onde ele me tocou e engulo em seco, nervosa. Cam nunca me deixou nervosa, mas agora me sinto tão consciente da presença dele, de um jeito que nunca senti com Robin.

Respiro fundo, tentando ser mais discreta do que ontem à noite, quando ele me acusou de estar cheirando *-o. Seu perfume me acalma e me excita ao mesmo tempo. Meus olhos não se desviaram dos dele, e quase solto um suspiro quando seu olhar se fixa nos meus lábios. Mordo o lábio inferior e ouço Cam inspirar profundamente. Se eu não o conhecesse, pensaria que ele queria me beijar.*

Mas eu sei que não é bem assim.

Cam dá um passo para trás de repente e se vira para voltar para a cozinha. Ele pega alguns cardápios de comida para viagem e eu me viro para olhar pela janela.

Não, o Cam não quer me beijar, ele é meu melhor amigo, eu sei disso. Mas, pela primeira vez, percebo que eu queria que ele me beijasse.

"Devo ir buscar algo para jantar antes que a situação piore muito lá fora. Você quer algo em particular ou vai ficar olhando esses cardápios por trinta minutos e depois ficar sobrecarregado com tantas opções e me fazer escolher?", ele pergunta.

"Hahaha." Minha voz transborda sarcasmo, mas ele tem razão. É exatamente o que eu teria feito. Sorrio para mim mesma. "Você não vai sair com essa roupa mesmo, vou preparar algo para comermos, você escolhe um filme."

"Você vai cozinhar para mim?", ele pergunta animado.

Eu concordo com a cabeça. É raro eu cozinhar, mas quando cozinho, Cam age como se fosse Natal antecipado. Eu só sei cozinhar porque minha avó Mimi me ensinava receitas diferentes sempre que a visitávamos em Nova York, antes de ela falecer.

"Caramba, eu adoro tempestades!", anuncia Cam, e sua alegria é como uma droga para mim. Posso sentir as sombras se dissipando cada vez mais a cada um de seus sorrisos tortos.

Depois de dar uma olhada no conteúdo do freezer e da geladeira dele, opto pela simplicidade. Descongelo alguns filés de frango no micro-ondas e peço para o Cam descascar as batatas para que eu possa cozinhá-las e amassá-las. Empano o frango e começo a fritá-lo, enquanto peço para o Cam lavar os

legumes para uma salada.

Assim que o frango estiver pronto, adiciono sal, manteiga e leite às batatas, tempero a salada e nos sentamos para comer na mesa de centro da sala de estar, como sempre fazemos.

Depois do jantar, coloco a louça na máquina de lavar enquanto Cam vai para o quarto escolher um DVD da sua coleção. Percebo que preciso achar meu celular; tenho certeza de que minha mãe está procurando para ver como estou, mesmo que provavelmente pense que estou em Gainesville com a Robin.

Cam ainda está olhando seus filmes quando entro no quarto dele. Ele balança a cabeça negativamente quando pergunto se viu meu celular. Encontro-o enterrado no edredom, desligado.

Quando ligo o aparelho, não me surpreendo com a quantidade de mensagens e chamadas perdidas. Respondo rapidamente à minha mãe que estou bem, sem dar mais detalhes, antes de começar a ler as poucas mensagens da Lacey e as centenas ou mais da Robin.

Lacey quer conversar. Ela escreveu dizendo que acha que estou cometendo um grande erro. Fico pensando o quanto Robin contou para ela.

As mensagens de Robin variam de súplicas desesperadas por perdão e declarações de amor a ameaças cruéis. Algumas são tão pessoais e cruéis que sinto uma lágrima escorrer pela minha bochecha antes mesmo de perceber que meus olhos começaram a lacrimejar. Ele escreve que eu tenho "problemas com meu pai", que tenho dificuldade em aceitar o amor dele porque meu próprio pai não se importa comigo, que sou estúpida por pensar que posso viver sem ele. Ele diz que meu próprio pai o ama mais do que a mim. E ameaça ligar para ele. E o que eu poderia dizer se respondesse? Nós dois sabemos que é verdade.

Robin acrescenta que eu preciso confiar nele para saber o que é certo para nós. Que o que aconteceu ontem foi "talvez um pouco extremo", mas que ele estava querendo dizer algo. Ele não diz exatamente qual era esse algo, mas eu já sei. Ele escreve que eu sempre pertencerei a ele.

Nem pensar. Eu não pertenço a ninguém além de mim mesma. Eu sabia que Robin não me deixaria ir sem lutar. Mas finalmente estou pronta para lutar.

Quase tive um ataque de pânico ao ler a mensagem dizendo que o departamento de atletismo cancelou o jantar de hoje à noite por causa da tempestade e que ele está voltando para casa mais cedo. Olho o horário e percebo que ele chegará à cidade a qualquer minuto, mas sua última mensagem diz que ele está indo para casa cuidar da mãe e da Lacey durante a tempestade, já que o pai dele está em Nova York. Ele quer conversar amanhã à noite, depois que a tempestade passar. Ele parece certo de que podemos resolver nossos problemas. Que estaremos juntos novamente na segunda-feira.

Quem lesse as mensagens dele juraria que foram enviadas por duas pessoas completamente diferentes. Às vezes me pergunto se ele tem múltiplas personalidades. Não me dou ao trabalho de responder que ele está errado, que realmente acabou, porque agora estou apenas aliviada por ele parecer ter se acalmado, mesmo que esse alívio seja infundado. Porque não há a menor chance de eu voltar com o Robin.

Eu sei que ele pode tentar. Sei que ele pode me machucar de tantas maneiras. Ele poderia me forçar a fazer sexo de novo, e não tenho certeza se ele

não fará isso se encontrar um jeito de me deixar sozinha, embora só de pensar nisso eu quase hiperventile de novo. Ele poderia até tentar me matar, se é isso que ele quer. Ele quase fez isso ontem à noite...

Mas eu nunca mais serei namorada dele. Nunca mais "voltarei para mais", como meu pai dizia. Prefiro estar morta. Lutarei, esperneando e gritando, e farei tudo ao meu alcance, por mais limitado que seja, para garantir que Robin Forbes nunca mais me tenha onde ele quer.

O polegar de Cam enxuga minhas lágrimas. Eu nem tinha percebido que ele se aproximou. Ele se senta ao meu lado na cama. Eu fungo.

" Jesus *, Ror, você não imagina o que sinto ao te ver chorar", ele murmura, desanimado. Jogo meu celular de volta na cama. Não quero que Cam veja as mensagens da Robin. Elas são reveladoras demais. "Você está repensando?", pergunta Cam. Estreito os olhos, confusa. "Quero dizer, sobre terminar com a Forbes."*

Eu balanço a cabeça. "Não. Sinceramente, Cam, eu ficaria muito feliz em nunca mais vê-lo", sussurro enfaticamente. Cam me olha confuso. Eu sei que não estou fazendo sentido. Cam acha que eu terminei com o Robin porque não via um futuro juntos, e isso não explica a animosidade na minha voz, eu sei.

"Droga, Ror, o que está acontecendo com você? Quer dizer, você nunca mais ri. Mal dá um sorriso. A menos que me pegue olhando para você, aí você coloca aquele sorriso falso de palhaço que não enganaria nem um estranho, muito menos sua melhor amiga. Você acha que eu não percebi? Tentei me afastar porque achei que era isso que você queria. Achei que ele *era o que você queria, mas estou tão preocupado com você, Rory." Cam passa os dedos pelos cabelos, a testa franzida pela preocupação que acabou de descrever. Olho para as minhas unhas, como se de repente as achasse fascinantes.*

Eu já decidi que preciso contar a verdade para o Cam. Preciso desabafar, e mesmo que eu não tenha mentido descaradamente para ele, esconder essa coisa enorme que aconteceu comigo do meu melhor amigo... parece desonesto, e eu não quero segredos entre nós. Ele acabaria descobrindo de qualquer jeito. Talvez não os detalhes, mas o suficiente. Obviamente ele sabe que algo está errado, mas preciso descobrir como contar para ele. Preciso que ele não vá atrás da Robin, e não sei como posso contar o que a Robin fez e esperar que ele fique calmo e racional. Ele é protetor demais comigo.

"Você tem razão, Cam. Eu não tenho sido feliz. Já te disse isso", murmuro, esperando que ele me deixe parar por aqui, por enquanto. E com seu suspiro dramático, parece que ele vai deixar, mas se ele está insatisfeito com minha resposta vaga, eu estou ainda mais.

Agora que eu e Robin terminamos de vez, me sinto tão suja, tão nojenta, mesmo que racionalmente eu entenda que a culpa foi dele, não minha... pelo menos da primeira vez. Mas como meu pai disse, eu continuei voltando para mais, e agora... não posso voltar atrás. Odeio que *uma parte de mim sempre pertencerá a Robin, que eu nunca poderei tê-la de volta. Odeio que ele tenha estado dentro de mim. Que ele seja a* única *pessoa que já esteve.*

Cam pega delicadamente na minha mão, desviando meu olhar das minhas unhas para os olhos dele.

"Você está mesmo bem, Ror?", ele pergunta.

Ele me encara fixamente, e me vejo cativada por seu olhar. Seu rosto está tão perto enquanto ele aguarda minha resposta. Seus olhos castanhos têm um anel cor de mel ao redor da íris. Sempre soube disso, olhei para esses olhos inúmeras vezes, e ainda assim, de alguma forma, agora, os acho absolutamente fascinantes. Surpreendo-me ao perceber que minhas lágrimas secaram. Também me surpreendo ao ver minha língua umedecendo meu lábio inferior sem que eu perceba.

"Agora estou bem, Cam. De verdade." É quase um sussurro. E estou. Agora mesmo, estou bem. Agora que estou fazendo o que posso para garantir que Robin saia da minha vida. Agora que estou sentada aqui, em um lugar que me oferece conforto, com a minha melhor amiga do mundo, a quem, neste momento, eu realmente gostaria que me beijasse.

Puta merda .

Não acredito que acabei de pensar isso. Não acredito que ainda estou *pensando nisso. De repente, percebo claramente a tensão da camiseta do Cam e o contorno impressionante de seus ombros largos, seus braços fortes e até mesmo seu peito magro e musculoso.*

Sinto cada centímetro da nossa proximidade de uma forma que nunca senti antes. Estamos sentados juntos aos pés da cama, frente a frente, com os joelhos se tocando, inclinados um para o outro, minha cabeça quase encostada em seu ombro. Praticamente respiro o seu hálito. Mordo o lábio. Já ficamos assim, juntinhos, milhares de vezes. Já nos aconchegamos para assistir a filmes, nos abraçamos milhões de vezes, nos consolamos quando um de nós estava chateado, nossa, eu até já dormi em seus braços. Mas agora, uma nova energia nos envolve, uma atração *, e é eletrizante.*

Lentamente e com muita dificuldade, Cam se inclina, mas não precisa ir muito longe, e seus lábios roçam os meus suavemente. Ele me aconchega, depois volta a pressionar os lábios contra os meus com mais firmeza antes de abocanhar meu lábio superior e puxá-lo delicadamente. É mais do que um beijo — seus lábios acariciam os meus com tanta ternura e afeto que consigo sentir em cada parte de mim.

Acho que estou gemendo.

A boca de Cam se inclina sobre a minha e se move entre meus lábios, guiando-os para que se abram. Eu obedeço ansiosamente e seu beijo se torna mais desesperado. Mas não da mesma forma que o beijo de Robin era desesperado. Cam parece desesperado para transmitir algo. Alguma emoção. É comunicativo. É generoso.

Robin estava desesperado para me forçar à sua vontade. Ele pegou; não deu nada em troca. Aliás, tudo nessa experiência, e é realmente uma experiência, é diferente de beijar o Robin. Quando as coisas com o Robin estavam bem, beijá-lo era... bom. Doce, eu acho, na maior parte do tempo, mas eu sentia que era o que deveríamos estar fazendo e, principalmente, como eu disse, era bom.

Mas agora, com o Cam, sinto que sou eu quem está desesperada. Desesperada para sentir a boca dele na minha, para inalar seu hálito. Desesperada por essa conexão, para descobrir o que estou sentindo. Desesperada por... mais, só mais . Mais Cam.

Ele se afasta abruptamente e imediatamente desvia o olhar de mim. Estou praticamente sem ar, já que não priorizei a respiração nos últimos minutos. Cam passa a mão pelos cabelos. Ele está em pânico.

Droga . Será que fiz alguma coisa muito ruim?

Espero sinceramente não ter estragado nossa amizade. Mas nem consigo me concentrar na reação dele agora, ainda estou atordoada com a minha.

Nossa , *foi incrível. Nunca senti nada parecido.* Desejo . *Me sinto viva e carente — emocional e fisicamente. Um calor se acumulou na minha barriga e eu quero ser tocada pelo Cam de um jeito que nunca senti com o Robin. Nunca.*

"Sinto muito, Ror. Eu... droga . *Eu entendo que você esteja se sentindo mal, mas não posso ser seu consolo. Nós dois somos muito importantes", ele diz, gesticulando entre nós dois, mas eu só estou ouvindo pela metade, ainda estou lutando com meus próprios pensamentos.* Todas as acusações de Robin sobre Cam me querer, e minha negação firme...

"Meu Deus", murmuro para mim mesma, "Robin entendeu tudo errado." Tenho uma vaga noção de que estou falando em voz alta, mas ainda estou tão atordoada com aquele beijo que só consigo dizer uma coisa.

Eu sempre faço isso quando estou surtando com alguma coisa — falo sem parar, sem filtro — e já fiz isso com o Cam mil vezes, mas nunca tive nada a esconder dele, nunca foi sobre *ele. Encaro meu colo, minha mente a mil por hora.*

"Ror-"

"Ele sempre dizia que você me queria , *mas,* meu Deus , *é o contrário!" Talvez Robin não estivesse apenas paranoico, afinal. Talvez houvesse algo de verdade em suas acusações, só que Cam não é o culpado,* eu sou.

"Rory... Espera... o que você está dizendo?" Cam pergunta cautelosamente.

Eu me recomponho e me esforço ao máximo. Preciso resolver isso. Este é Cam .

"Me desculpe, Cam. Me desculpe mesmo, eu não deveria ter feito isso-"

" Você *não devia ter feito isso?" Seus olhos se arregalam em espanto e ele solta uma risada curta. "Você* não *fez isso, Rory.* Eu *fiz. E como assim* é o contrário? *Eu me aproveito de você quando está vulnerável, um dia depois de você terminar com o seu namorado, e você* ainda *acha que eu não te quero?" Ele balança a cabeça e engasga com outra risada, seus olhos fixando-se significativamente nos meus.*

Estou atônita, mas ele está me encarando de um jeito que me impede de encontrar palavras.

O jeito como ele me olha faz o ambiente parecer uns dez graus mais quente. Sinto-me desesperada de novo. Eu o quero. Não dá mais para negar. Os olhos dele me devoram. O olhar dele... é faminto, mas não predatório. Robin nunca me olhou assim. Ele tinha o próprio olhar, claro, mas nunca me fez sentir tão perfeitamente desejável, pelo menos não sem o medo.

"Quantas vezes eu tenho que te dizer o quão linda você é? O quão sortudo qualquer homem seria em ter você? O quão casada você é? Jesus , *Ror, eu até te disse que não consigo nem te dar um beijinho sem ficar excitado." É como se ele não acreditasse que eu pudesse duvidar que ele me quisesse.*

Meus olhos involuntariamente se voltam para o colo dele, confirmando seu

desejo. O olhar dele não se desvia dos meus, embora ele certamente tenha percebido que eu o estava observando. De alguma forma, não sinto nenhum constrangimento.

E ele tem razão. Ele deixou claro que me acha atraente, mas por algum motivo eu nunca o ouvi dizer isso de verdade. Eu o ouvi dizer que eu era atraente *, não que ele se sentia* atraído por *mim, e por algum motivo, isso faz uma diferença enorme. Mas, em retrospectiva, percebo que ele foi bem sincero sobre isso.*

Tento me forçar a ficar sóbria. Ele é um garoto de dezessete anos que me acha "gostosa". Palavras dele. Ele já me usou para me descrever muitas vezes nos últimos anos.

"Sim, eu entendo. Você acha que sou bonita. Você me acha atraente. Você já disse isso." Eu ignoro porque não é suficiente agora.

Embora eu adore ouvir isso dele. Que ele me quer. Que ele me acha bonita, atraente... na verdade, percebo que sempre adorei ouvir isso dele. Sempre recorri a ele em busca de segurança, e ele sempre me deu, mesmo pouco antes do meu primeiro encontro com Robin — um cara em quem ele não confiava. Mas a verdade é que nunca busquei isso em mais ninguém. Nem mesmo em Robin, nem mesmo antes das coisas piorarem. Agora entendo que não era a segurança que eu precisava, era ouvir essas coisas da boca de Cam. Mesmo quando Robin dizia as mesmas coisas bonitas que Cam diz, nunca me satisfazia da mesma forma.

Não consigo imaginar por que só agora me dei conta disso. Mas não é o suficiente.

Meu coração está tão cheio que parece que vai explodir, meu estômago está dando cambalhotas.

Eu tenho sentimentos enormes pelo meu melhor amigo, e meu Deus *, como eu o* quero *! E embora ouvir que ele também me quer seja uma sensação inebriante, Cam tem razão. Ele não pode ser só um consolo, ele é muito importante. E ter intimidade com ele sem que meus sentimentos sejam correspondidos partiria meu coração de uma forma muito mais dolorosa do que qualquer mágoa que Robin Forbes já me causou.*

"Sim. Acho mesmo. Acho você muito bonita, Ror, muito atraente", ele diz arrastado, com a voz grave e rouca. Ele coloca o dedo indicador sob meu queixo e o vira para que eu o encare. Os olhos de Cam se enchem de emoção de uma forma extraordinariamente rara para ele, e meu coração dispara. "E eu também te amo desde os três anos de idade, e sou apaixonado *por você pelo* menos *desde os doze."*

Minha mandíbula cai e meu coração para de bater.

Cam está apaixonado por mim?

Se ainda houver algo a dizer, não dou chance para que seja dito. Inclino-me para frente e cubro o pequeno espaço entre nós. Pressiono minha mão contra seu peito e meus lábios suavemente contra o canto de sua boca. Ele me observa com cautela, sua respiração visivelmente superficial. Mas não me afasto muito, nem por muito tempo. Fecho meus lábios sobre os dele e, em não mais que um segundo, Cam assume o controle. Ele suga meu lábio inferior e então abre minha boca, deslizando sua língua para dentro.

Ele geme, e assim como sua risada, o som tem um efeito mágico em mim. Mas esse som não me relaxa como a risada dele, não, esse som me excita.

Aprofundo o beijo, querendo saborear sua boca por completo, querendo explorar essa parte desconhecida desse homem. Há tão pouco mistério sobre meu melhor amigo, mas existem algumas coisas importantes, coisas que agora estou desesperada para descobrir. E o sabor doce de sua boca é uma delas.

Minhas mãos deslizam pelo seu peito firme e deixo meus polegares traçarem as linhas de seus músculos antes de enfiar as mãos na nuca, agarrando os grossos fios de cabelo.

Seus braços retribuem o abraço, completando-o ao deslizar para minhas costas e me puxar ainda mais para perto, enquanto nossas bocas se entrelaçam. Eu o aprimoro, passo minha perna direita sobre seu colo e o monto. Gemei ao sentir sua ereção através da calça jeans. Quando sentia a de Robin, meu estômago dava um nó de medo — sabendo que ele estava prestes a perder o controle. Mas com Cam, uma parte de mim deseja *que ele perca o controle. Sei, sem sombra de dúvida, que ele jamais me machucaria.*

Nossas línguas se acariciam e nossos lábios se unem como se sempre soubessem que estavam destinados a se beijar e só estivessem esperando que Cam e eu nos encontrássemos.

Agora sou eu quem está perdendo o controle.

Com um último puxão em seus cabelos, deslizo minhas mãos de volta pelo seu peito, ainda fascinada pelas linhas de seus músculos e tendões, e contornando até suas costas, que me oferecem um mundo inteiro de linhas para explorar. Balanço meu corpo contra o dele em ritmo com nossas bocas, completamente involuntariamente. Sinto o rápido subir e descer do peito de Cam contra o meu. Sua respiração é pesada, em sincronia com a minha.

Agarrando-o firmemente pelas costas, puxo-o e ele responde imediatamente, rolando comigo até que eu esteja deitada de costas com ele por cima, minhas pernas envolvendo sua cintura como se a posição não pudesse ser mais natural para nós. Nossas bocas nunca se separam, e eu gemo novamente com o atrito enquanto nossos quadris se movem suavemente juntos.

"Minha doce Rory", Cam sussurra contra minha boca.

Sim . Dele . Eu sempre fui dele , *eu sei.*

Cam geme novamente e, embora o mesmo atrito que me deixa louca de desejo também agrave meu corte, não quero parar. Mas a ardência que desce do meu quadril até o topo da minha coxa me lembra do que aconteceu ontem. Do que vem acontecendo repetidamente. Sinto uma vergonha debilitante. Não sou a garota que Cam pensa que sou. Posso ser dele, mas não sou a doce Rory de ninguém *, não mais.*

De repente, a boca de Cam se separa da minha, e eu lamento a perda. Ele está ofegante, o rosto tenso, tentando se controlar enquanto estende as mãos e puxa meus tornozelos, que estavam presos em sua lombar. Ele rola para o lado até se apoiar no cotovelo ao meu lado, olhando para mim.

Tento em vão recuperar o fôlego. Ainda quero mais.

"Droga, me desculpe, Ror", Cam sussurra. Isso me surpreende. Pelo que diabos ele está se desculpando?

"Não fique assim. Eu... eu quero você, Cam", eu sussurro.

Ele fecha os olhos, como se saboreasse minhas palavras, e sorri. Encosta o nariz no meu, acariciando-me com carinho. " Meu Deus *, você é linda. Você não faz ideia do quanto eu te quero, Rory. Eu te quero desde que me lembro, mas agora, precisamos conversar. E nos beijar", completa, roçando os lábios nos meus rapidamente com um sorriso satisfeito.*

Franzi a testa, perplexa com o fato de que, se ele me quer como diz, só quer conversar. E beijar. Ele obviamente percebe minha confusão.

"Não vou apressar as coisas, não com você. Esperei a vida toda, Ror, posso esperar mais um pouco. Por mais que eu te queira agora, não vou fazer isso na mesma noite em que finalmente nos beijamos pela primeira vez", explica ele.

Sinto-me inundado de vergonha.

Cam ainda pensa que sou a sua doce e querida Rory. Mas essa não sou mais eu, Robin garantiu isso. E eu também, quando continuei voltando para mais. Desvio o olhar. Não suporto ver Cam me encarando como se eu fosse uma joia preciosa, quando na verdade não sou diferente das outras vadias com quem ele transa.

"Não sou tão inocente quanto você pensa, Cam", murmuro. Arrisco um olhar para trás e sei que minhas palavras o incomodaram quando seus olhos se estreitam.

"Ei", ele diz para chamar minha atenção.

Encaro o teto e me concentro em manter meus olhos secos. Não funciona. Odeio Robin Forbes. Neste momento, odeio-o mais do que jamais odiei — mais do que jamais odiei alguém *— por ter roubado esta parte de mim. Minhas lágrimas são de raiva.*

"Ei", *Cam diz novamente antes de acariciar meu rosto com ternura e virá-lo para ele até que nossos olhares se encontrem. Ele solta um suspiro profundo. "Você acha que só porque cedeu ao Forbes, virou uma mulher arruinada ou algo assim?", pergunta ele suavemente. Ele está tentando me absolver da responsabilidade de ter dormido com Robin. E eu simplesmente não consigo conter minha dor por mais um instante.*

"Eu não fiz isso! Eu não dei para ele, Cam, droga! Ele simplesmente pegou!" Minha voz soa como a de uma louca. Eu sei disso. Me sento e enterro o rosto nos joelhos, abraçando a cabeça. Estou histérica. Não sei se é meu desespero para que Cam saiba que eu não o traí — embora eu saiba que não faz sentido, já que Robin era meu namorado e Cam meu amigo —, mas é assim que me sinto. "Eu disse não! Eu implorei para ele parar!" Minhas palavras são um soluço trêmulo, e eu nem sei se Cam consegue entendê-las, só sei que preciso desabafar.

Eu soluço, com o rosto entre os joelhos. As lágrimas transbordam, encharcando minha calça de moletom, e não consigo mais contê-las. Meus ombros se contraem e percebo que estou tremendo.

"Rory." A voz de Cam é assustadoramente baixa e dolorosamente calma, mas meus soluços nada femininos continuam sem dar sinais de diminuir. "Rory, preciso que você olhe para mim."

Eu balanço a cabeça, ainda escondida pela minha posição defensiva. Ele estende a mão para mim, mas assim que sinto seu toque, eu me encolho. Não sei

por que me encolho, sei que Cam não é o Robin, sei que ele jamais me machucaria, mas eu me encolho *, e Cam retira a mão imediatamente.*

Percebo a respiração audível de Cam e noto que ele não está tão calmo quanto eu pensava.

"Por favor, Rory", *ele implora, e é um apelo desesperado que não posso negar.*

Viro a cabeça o suficiente para encontrar seu olhar e reprimo à força meus soluços, transformando-os em um choro derrotado.

"Você está dizendo que ele te forçou a fazer sexo?" Cam pergunta cautelosamente.

Não digo nada. Não preciso respondê-lo com palavras. O desespero no meu rosto, tenho certeza, é toda a resposta de que ele precisa.

Cam fecha os olhos e cerra os punhos ao lado do corpo.

Ele inspira profundamente, calculando o tempo, e abre os olhos novamente. Estão perturbados.

"Ontem?", ele pergunta.

Eu concordo com a cabeça.

Ele engole em seco audivelmente. "Ele já fez isso antes?"

"Sim", eu respiro.

"Quando?"

Dou de ombros. "Ontem, há uns dois dias, sábado passado... quando fiquei lá, sabe, durante o fim de semana..."

"Droga!" Cam ruge. Ele se levanta da cama e começa a andar de um lado para o outro no quarto. Isso me tira do meu estado de tristeza e eu levanto a cabeça e me arrasto até a beirada da cama. Eu o observo até que ele pare a poucos passos de mim. "Quando foi a primeira vez?" ele pergunta, exigindo uma resposta.

"Na noite seguinte à assinatura dele com a UFL. Depois da festa do Marcus, sabe, a noite em que você me apresentou à Laura", respondo. Cam passa os dedos pelos cabelos antes de retomar seu andar irritado de um lado para o outro.

"Meses! Isso já dura meses! *", ele grita.*

Abaixo o olhar. Sim. Isso já dura meses. Robin me magoou repetidas vezes e eu continuei voltando para mais. Lágrimas silenciosas caem enquanto aguardo o julgamento de Cam. Que ele pergunte por que continuei com Robin, por que continuei insistindo nisso.

"Ai, meu Deus, Ror!" Ele está desesperado, a voz carregada de culpa, e eu não consigo entender porquê. "Me desculpa, me desculpa mesmo, droga!"

Eu me levanto de um pulo. Ele está arrependido? Por que diabos?

"Não, Cam. A culpa é minha, por que você está *se desculpando?", pergunto.*

Ele parou na minha frente, chocado. O que eu disse para chocá-lo?

"Nunca mais diga isso!" ele grita para mim, e eu me encolho novamente. Na verdade, eu praticamente me acovardo .

Eu e Cam já gritamos muito um com o outro. Como todos os melhores amigos que se conhecem a vida toda, já tivemos nossas discussões. Mas eu sempre fui do tipo que sabe revidar. Voz alta nunca me incomodou, mas agora...

Cam percebe minha reação — por mais involuntária que seja — ao seu tom de voz mais alto, e sei que ele entende que isso também se deve a Robin. Isso o deixa devastado e furioso ao mesmo tempo, consigo ver em seus olhos. Ele respira fundo. "Não, Ror, me desculpe. Eu não vou gritar. Mas, meu Deus ... *nunca mais diga isso, ok? A culpa não é sua. A culpa é* dele . *A culpa é* minha . *Mas a culpa não é* sua . *De jeito nenhum, ok?"*

Eu balanço a cabeça. "Como... como isso pode ser culpa sua?", sussurro, confusa.

"Porque, Rory! Porque eu devia ter te protegido! Droga ... *Eu sabia que tinha alguma coisa errada com você. Algo estava errado. Mas eu nunca pensei... droga!" Ele passa a mão pelos cabelos com força novamente.*

"Não, Cam! Você não pode simplesmente resolver tudo para mim! Isso não é uma picada de abelha. Eu não sou sua responsabilidade. Não sei por que não me desvencilhei dele depois que ele fez isso da primeira vez. Não sei o que há de errado comigo. Mas sei que nada disso é culpa sua", murmurei lamentavelmente.

Cam enxuga minhas lágrimas com o polegar, depois leva lentamente os lábios a cada uma das minhas bochechas, uma de cada vez, e beija os resquícios de lágrimas.

"Você é *minha responsabilidade", ele sussurra. "Você* sempre *foi minha responsabilidade. Sempre cuidamos um do outro, você e eu." Ele respira fundo. "Preciso que você me conte tudo, Ror, está bem?"*

Balanço a cabeça negativamente. Ele não precisa de detalhes, eles só o deixarão mais chateado.

"Por favor", ele implora.

"Cam, isso não vai mudar nada", sussurro. Ele balança a cabeça negativamente.

"Por favor, Rory. Eu preciso saber. E você precisa contar para alguém. Por favor." Ele está implorando, e parece tão atormentado que me preocupo que ele esteja imaginando que foi ainda pior do que realmente foi. E como posso negar a verdade a ele quando sou a causa de sua dor?

Eu me sento na beirada da cama, olho para baixo e faço isso, digo a ele.

"Ele já tinha sido agressivo antes. Me tocou quando eu pedi para ele parar. Eu até cheguei a dar um tapa nele uma vez, mas ele ficou muito bravo. Mas ele nunca tinha..." Faço uma pausa para conter as lágrimas. "Naquela noite, ele estava chateado. Ele me ouviu dizer que te amava. Sabe, quando estávamos saindo da festa. Ele subiu depois que eu fui dormir... disse que não deveria ter que me ouvir dizer que amava outro homem. Disse que eu era dele." Fecho os olhos por um instante, lembrando como as coisas passaram de divertidas e alegres para dolorosas e assustadoras tão rapidamente. Quantas vezes isso aconteceu desde então.

"Ele simplesmente... sabe, me segurou... e me forçou. Mas depois, ele me abraçou, como se fosse normal, sabe, sexo." Minha voz está baixa e tímida, e me pergunto se Cam já me ouviu falar assim. Mal me reconheço, mas continuo mesmo assim. "Eu disse a ele que não estava pronta, mas ele disse que eu estava me fazendo de difícil. Que eu nunca me sentiria pronta sozinha, que eu precisava confiar nele. Que ele tinha esperado seis meses e que era a hora. Foi aí que ele

começou a falar que queria se casar comigo e todo tipo de conversa fiada. Eu disse a ele que não queria fazer isso de novo até estar pronta, e ele concordou..."

"Mas quando fiquei lá algumas semanas depois... ele fez de novo. A mesma maldita coisa. Tentei lutar, mas ele gostou quando revidei, acho que... o excitou. Perguntei por que ele fez de novo, já que tinha concordado em esperar até eu estar pronta, mas ele só disse que queria dizer que esperaria até eu não estar mais dolorida da última vez. Como se estivesse me fazendo um grande favor." Soluço, tentando conter as lágrimas, antes de continuar. Não consigo imaginar o que Cam está pensando agora. Ele está quieto e pensativo, absorvendo tudo, e não me permito imaginar o que ele pensa de mim, porque se eu pensar, não conseguirei continuar falando. "Doía... Não só da primeira vez. Todas as malditas vezes." Minha voz é baixa. Quero suavizar o impacto das minhas palavras, acho.

Quando olho para Cam novamente, ele está imóvel como uma estátua. Seu corpo inteiro está rígido de tensão. Pela sua postura, eu esperava ver fúria em seus olhos, mas, em vez disso, quando nossos olhares se encontram, encontro um profundo desespero.

E, caramba, ele está com lágrimas nos olhos. Não via o Cam chorar desde que o pai dele morreu, quando tínhamos sete anos.

Ele abre a boca como se fosse falar, mas não diz nada, depois fecha-a novamente antes de se sentar ao meu lado na cama e baixar a cabeça. "Eu nunca... eu não consigo...", sussurra. Ele não precisa terminar nenhuma das frases para que eu saiba o que ele quer dizer. Ele nunca vai, ele não consegue... se perdoar.

Balanço a cabeça, odiando o fato de ele estar se afogando em culpa, apesar de sua incapacidade de expressá-la agora. "Não, Cam, você-"

"Sim, Rory, eu ... Eu! Eu *devia ter sabido.* Eu *devia ter te protegido.* Eu *devia ter estado aqui por você!" Ele estende a mão, segura meus pulsos e começa a acariciá-los com os polegares, mas eu não esperava o contato e me encolho. Os olhos de Cam se arregalam em choque e eu assisto horrorizada enquanto ele percebe que estou machucada.*

Sem mais avisos, ele puxa minhas mangas para cima, revelando as profundas marcas pretas e azuis em meus pulsos.

Seus olhos oscilam entre os hematomas incômodos e os meus. Estou impotente enquanto o observo conectar os pontos entre meus pulsos, Robin e a gola alta que agora sei ser óbvio que estou usando apenas para esconder o ferimento.

Seu olhar nunca se desvia do meu enquanto ele lentamente estende a mão até o topo do tecido que cobre meu pescoço e o puxa cuidadosamente para baixo. Cam solta um suspiro ao revelar o formato da palma da mão aberta de Robin, em um tom roxo profundo, em volta do meu pescoço. Ele não diz nada enquanto solta o algodão. Seu maxilar se contrai, suas narinas se dilatam enquanto ele range os dentes.

Seus dedos deslizam até a barra da minha blusa, e ele a levanta cuidadosamente, aguardando meu consentimento, que lhe dou sem dizer uma palavra. Ele levanta minha blusa e eu levanto os braços para ajudá-lo.

Agora estou sentada de topless, exceto pelo sutiã, na frente do meu melhor amigo pela primeira vez desde que meus seios começaram a crescer, embora sejam modestos, e não há nada de sexual nisso. Ele examina minha pele, e eu sei que ele está observando cada hematoma, cada arranhão, cada marca de mordida.

"Oh, Rory, não", ele sussurra. Seus olhos se fecham e seus cílios grossos roçam suas bochechas. Eu conheço Cam, sei que ele está lutando contra a dor e a raiva. Felizmente, ele reprime a raiva por minha causa, pelo menos por enquanto.

"Que diabos, Ror?" ele pergunta, a voz não passando de um sussurro. "Ele está te batendo? Te mordendo? Te estrangulando *?! Que diabos?! "*

Eu balanço a cabeça. "Não. Quer dizer, sim, ele me empurrou um pouco, mas nada além de um hematoma aqui e ali ou alguns puxões de cabelo", explico. Não quero que Cam pense que Robin está me batendo o tempo todo. Não foi assim. "Ele não me bateu. Não de verdade. Ele só ficou muito chateado quando tentei terminar com ele ontem, e ele, bem, você sabe, fez de novo. No vestiário da escola. Ele só estava mais agressivo do que o normal."

Cam se inclina para mim, nossos rostos a poucos centímetros de distância, olhando fixamente nos meus olhos. "Você quer dizer, mais agressivo do que estupro *?", ele pergunta cautelosamente. Ele balança a cabeça. "Droga, Rory! 'Te empurrei um pouco'? Isso é abuso! Isso é agressão! Merda!" Ele cobre o rosto com as mãos e recupera o fôlego. Quando olha para mim novamente, seus olhos estão sérios, desesperados. "Forbes te estuprou no vestiário da escola? Ontem?", ele pergunta.*

Eu concordo com a cabeça. Cam é o primeiro a usar a palavra "estupro" *além do meu pai, e meu pai estava tentando me culpar. De alguma forma, nomear aquilo, chamar de* estupro *, torna tudo muito mais real. A cada palavra, Cam vai desfazendo toda a ambiguidade em que tenho vivido por tanto tempo, à qual tenho me agarrado. E enquanto ele ilumina o preto e o branco, tento não me afogar na vergonha.*

"Eu estraguei tudo, Cam", murmurei desanimada. "Esperei até pouco antes de irmos para Gainesville para dizer a ele que não queria ir. Ele veio me buscar na escola depois do jogo de basquete, e eu contei para ele. Disse que precisava de espaço, e achei que ele tinha entendido bem. Estava preocupada que ele ficasse bravo, mas... ele só pareceu muito triste."

Cam levanta a mão trêmula e roça delicadamente a marca dos dentes de Robin no decote do meu seio direito. Pela primeira vez que me lembro, não consigo decifrar sua expressão. "Parece que ele não reagiu bem", sussurra.

"Não. Ele não fez isso. Ele me seguiu até o vestiário feminino. Eu não o ouvi chegar." Engulo em seco, ansiosa, ao me lembrar dos acontecimentos da tarde anterior. Não tem como suavizar a situação. "Ele... me empurrou contra a parede. E, sabe, como eu disse, ele fez de novo. Ele estava tentando provar um ponto — que eu não podia terminar com aquilo. Que eu era dele, que eu não tinha voz."

"Ele poderia ter te matado, Ror." Cam está atormentado pelas minhas palavras, eu sei, e não posso fazer nada para mudar isso. Não posso torná-las falsas. Embora, Deus *, como eu gostaria de poder.*

Mais uma vez, estou completamente impotente. Tão impotente quanto Robin fez questão de demonstrar. Detesto essa sensação mais do que qualquer coisa. E Cam tem razão, Robin poderia ter me matado. Ele ainda pode, se encontrar um jeito de me deixar a sós, se perder o controle.

"Ele não fez isso", respondo suavemente, mais para confortar Cam. Ele roça meu pescoço com os nós dos dedos.

"Ele já fez isso antes? Colocou as mãos no seu pescoço?", pergunta ele, hesitante.

Eu balanço a cabeça veementemente. "Nunca. Como eu disse, ele estava querendo dizer algo. Eu sei disso. Ele estava com a mão sobre minha boca no começo, porque, você sabe, eu estava gritando. Mas também estava cobrindo meu nariz e eu não conseguia respirar. Acho que ele não tinha a intenção de me sufocar no início, mas aí quando ele percebeu..."

Faço uma pausa por um instante e, involuntariamente, levo meus dedos à garganta. "Ele... ele me fez dizer que eu pertencia a ele, e então... então ele me estrangulou. O tempo todo ele continuou... bem, você sabe. Ele estava provando que podia fazer o que quisesse comigo, inclusive decidir se eu podia respirar ou não", explico. Não descrevo o olhar maníaco nos olhos de Robin enquanto ele observava atentamente o terror nos meus, nem o fato de que não tenho certeza se ele *sequer sabia se ia me soltar ou não.*

Não sei por que estou explicando tudo isso para o Cam. Não quero deixá-lo mais bravo do que ele já está, com certeza. Mas a verdade é que ainda estou com medo. Porque o Robin não estava apenas tentando *provar um ponto. Ele o fez de forma bastante eficaz. Ele pode tomar minha vida em suas mãos quando quiser. E eu sei que preciso pensar em algo para fazer, mas não tenho certeza do quê, e não sei como impedi-lo. Obviamente, terminar com ele não funcionou.*

"Você devia estar morrendo de medo", Cam sussurra. Se minhas lágrimas alguma vez pararam de cair, agora voltaram com toda a força.

"Eu não conseguia respirar", admito. Sei que ele já sabe disso. Não é apenas uma pequena marca, é uma contusão profunda e escura que se estende por quase toda a circunferência da minha garganta. Sei que deveria parar de falar, parar de detalhar o horror de tudo isso, mas, por algum motivo, admitir isso para o meu melhor amigo me dá um pequeno alívio, e eu preciso desesperadamente disso.

Cam se inclina lentamente e eu não me mexo. Acho que ele vai me beijar de novo, mas seus lábios descem e ele os roça suavemente na pele do meu pescoço, como se pudesse beijá-lo e fazer com que melhorasse. E, mesmo que só um pouco, melhora.

" Meu Deus, *me dói ver como você fala sobre ser empurrada, sobre gritar por socorro, sobre ser estuprada* com *tanta naturalidade. Como se fosse algo normal." Ele passa os dedos pelos cabelos com força. "Porra, e foi por sua causa, não foi? Você sabe que não é assim que deveria ser, né? Não é normal o que ele fez. Não é assim que um namorado deveria ser. Você nunca deveria ter que saber dessa merda, nem por um minuto!* Jesus *, Ror, eu sinto muito mesmo. Você nunca vai saber o quanto eu te sinto", ele murmura.*

Eu hesito. Racionalmente, sei que ele tem razão. Mas Robin foi meu primeiro encontro, meu primeiro beijo. Meus únicos encontros românticos.

"Essa merda", como Cam chama... é tudo o que eu conheço. E nada disso é culpa do Cam.

Estendo a mão para acariciar seu rosto devastado, para lhe oferecer conforto. "Eu sei que você não vai me ouvir, Cam, mas eu estou falando sério, isso não foi culpa sua. Nem por um segundo foi sua culpa." Como eu previa, ele não me ouve. Seu semblante ainda está tomado pela culpa enquanto ele olha para baixo. "Você até me disse para dizer 'não' quando ele me chamou para sair, lembra?"

Mas ele não responde. Ele nem sequer me ouve.

Só então percebo que, ao estender a mão para tocá-lo, o movimento fez com que minha calça de moletom descesse um pouco. Cam notou o pequeno pedaço de fita adesiva branca aparecendo no cós da minha calça. Desta vez, ele não pede permissão, nem silenciosamente nem de outra forma. Ele segura delicadamente o algodão e o desliza para baixo, só um pouco. Ele engole em seco, nervoso, ao ver o curativo, e percebe que ele continua subindo. Quando revela a marca da minha calcinha, finalmente encontra meu olhar.

Ele não diz nada enquanto desliza os dedos suavemente até meu quadril esquerdo e puxa o cós da minha calça para baixo, de forma que ainda cubra a parte mais íntima do meu corpo, mas todo o meu quadril fique exposto.

Não faz muito tempo, ele estava me beijando, e foi o melhor beijo da minha vida. Foi a melhor coisa *da minha vida, e eu queria mais. Agora estou sentada de topless na frente dele, com as calças abaixadas, o quadril à mostra, e me pergunto se, para ele, nosso beijo já foi esquecido há muito tempo. Não consigo acreditar que ele ainda me veja dessa forma. Certamente não agora. E a ironia é que o beijo dele foi a única coisa que me fez esquecer completamente de Robin e do que ele me fez, a única coisa que me distraiu.*

"Cam..." eu sussurro, mas ele não diz nada.

Ele cuidadosamente descola a fita adesiva e remove a bandagem.

Ele engole o suspiro.

Olho para baixo e vejo que meu corte já está cicatrizando. Provavelmente eu poderia até remover os curativos adesivos e cobri-lo apenas com gaze. Cam desliza o dedo delicadamente pelo meu quadril, ao lado do corte, com cuidado para não tocá-lo.

"Que porra é essa..." Sua voz é um sussurro. Seus olhos não se desviam do meu quadril. Sei que ele está tentando conter qualquer reação exagerada, mas a ruga na testa, o maxilar cerrado e as lágrimas nos olhos o denunciam.

Passa-se um minuto inteiro antes que ele volte a encontrar meu olhar. Não digo nada. Espero. Não sei o que mais posso dizer.

"Ele usou uma faca em você, Rory?", pergunta Cam com a voz rouca.

"Não."

" Meu Deus *, Rory!" Ele se levanta de um pulo e começa a andar de um lado para o outro novamente. Rapidamente pego a gaze e a coloco sobre o ferimento, sabendo que, enquanto estiver visível, Cam não vai deixar para lá. Puxo minhas calças de volta ao lugar.*

Fiquei surpreso quando ele se virou de costas para mim e socou a parede com toda a força, destruindo o gesso cartonado em seu caminho.

"Cam!" Eu me levanto da cama num pulo, mas antes que eu consiga

alcançá-lo, ele desfere mais dois socos até abrir um buraco enorme na parede do quarto dele.

Agarro seu bíceps para impedi-lo e ele se vira para mim, furioso. Dou um pulo para trás. Já vi Cam bravo, mas nunca tão bravo.

Cam está desesperado por ter me assustado, mas eu não tenho medo dele, tenho medo por *ele. Consigo ver que seus nós dos dedos já começaram a inchar.*

Ele enfia os dedos nos cabelos e puxa. Está inconsolável, sem saber o que fazer com a fúria, incapaz de liberá-la na minha frente por causa das minhas reações patéticas.

Ele se afasta de mim e respira fundo algumas vezes para se acalmar antes de cambalear até o canto do quarto e sentar no chão, com os joelhos dobrados, os cotovelos apoiados neles, a cabeça baixa e as mãos nos cabelos.

"Como, Rory? Como você fez esse maldito corte? Tem mais alguma coisa? Onde mais ele te machucou? Me conta tudo. Chega de esconder. Por favor, eu não aguento mais. Só conta tudo, tudo o que aconteceu. Agora. Por favor, Ror. Só me conta, por favor." Ele está divagando e implorando, e eu estou destruída pela dor dele. Não tenho certeza se fiz a coisa certa para o Cam contando tudo isso para ele. Mas agora é tarde demais para voltar atrás, ele viu o corte e, sinceramente, não há mais nada, e eu não consigo imaginar que outros horrores ele deve estar imaginando.

Caminho hesitante até onde ele está sentado. Não sei se ele me ouve chegar, mas tenho medo de sentar muito perto, medo de como ele reagirá quando eu lhe contar esta última parte, e não quero que ele tenha que se conter por medo de me assustar. Sento-me no chão a alguns passos de distância, de frente para ele, e me encosto na cama. Ele não levanta a cabeça.

"Ele tentou arrancar minha calcinha como..." Estou prestes a dizer "como sempre" de novo, mas Cam já disse como se sente incomodado ao me ouvir falar dessas coisas com tanta naturalidade, então me contenho. "Eu estava de uniforme, então minha calcinha estava coberta. Ele não conseguiu simplesmente rasgá-la e ficou muito frustrado. Ele... usou a chave de casa dele."

Percebo que Cam está com os nós dos dedos cerrados nos cabelos, tão apertados que estão ficando brancos.

"Não sei nem se ele sabia que estava me cortando. Ele só estava tentando se livrar deles", eu digo. Estou defendendo o Robin. Por que diabos estou defendendo o Robin?

De repente, Cam se levanta bruscamente do canto. "Fique aqui", murmura, e caminha em direção à porta.

"Cam-" Eu vou atrás dele, claro que vou. Ele para na porta e se vira; quase esbarro nele.

"Já volto, prometo. Não quero te assustar, Rory, e eu só preciso gritar e bater em alguma coisa agora, tá bom?" Ele segue meu olhar até o buraco enorme na parede que ele tinha feito minutos antes.

"Outra coisa", corrige ele, e sai, fechando a porta bruscamente atrás de si.

****

Choro de bruços no edredom do Cam, que agora não me oferece nenhum consolo. Sei que o Cam está na garagem descontando tudo num saco de pancadas. Consigo ouvir seus gritos e grunhidos, e ele não para por pelo menos

trinta minutos, e minhas lágrimas também não.

Não o ouço voltar, mas sinto a cama afundar quando ele se senta ao meu lado. Viro a cabeça e o vejo sem camisa, pingando suor, e me lembro de que ainda estou sem blusa, exceto pelo sutiã. Cam está segurando um kit de primeiros socorros.

"Você vai me deixar arrumar isso?", ele pergunta suavemente, com as pontas dos dedos roçando delicadamente a lateral do meu quadril por cima da calça.

"Está tudo bem", murmurei.

"Vamos lá, Ror", ele implora, e eu cedo. Ele tem razão. A gaze precisa ser trocada. Eu me viro e me sento, fazendo uma careta quando ele começa a abaixar o cós da minha calça. "Isso está pressionando o ferimento, Ror", ele repreende.

Me contenho para não soltar nenhum comentário sugestivo do tipo "então tire-as" e deixo que ele passe pomada no corte e faça o curativo. Resmungo baixinho sobre o rumo que a noite tomou e me afundo no ressentimento pelo fato de que, em tão pouco tempo, Cam passou de me ver como algo desejável a uma cachorrinha miserável, patética e maltratada.

Eu estremeço quando Cam passa os dedos levemente do meu quadril até a minha lateral. Ele para embaixo do meu sutiã.

"Meu Deus, você é linda", ele murmura enquanto seus olhos me examinam da cabeça aos pés.

Não consigo evitar revirar os olhos antes de olhar para baixo, meu olhar demorando-se no estrago particularmente grande no decote limitado do meu seio direito. Estou tudo menos bonita.

"Estou falando sério, Ror", diz ele, obviamente adivinhando a origem do meu ceticismo. Seu polegar roça suavemente os ferimentos incômodos — um hematoma particularmente vibrante ladeado por marcas menores e um pouco mais claras, tudo logo abaixo de um molde perfeito dos dentes de Robin, todos em preto e azul.

Seu toque me faz tremer, e é uma sensação tão estranha – tremer de desejo e não de medo.

"Mesmo com as marcas dele por todo o seu corpo, você é a coisa mais linda que eu já vi... Isso?" Ele acaricia meus hematomas novamente e depois aponta para o meu corte. "Vai sarar, Rory, mas até lá, isso não muda o jeito que eu te vejo. O jeito que eu te vejo desde que a gente entrou na puberdade, entendeu, Ror?"

Eu o encaro, tentando entender como ele pode me achar atraente neste momento, mas ainda mais, tentando descobrir como ele sempre sabe exatamente o que estou pensando. Cada uma das minhas preocupações, cada um dos meus medos.

Cam se inclina lentamente e me beija suavemente, mas se afasta antes que eu possa aprofundar o beijo, deixando sua testa pressionada contra a minha.

"Com certeza não era assim que eu imaginava te ver sem blusa pela primeira vez", ele murmura, e nós dois rimos.

"Eu não fazia ideia de que você sequer tivesse imaginado isso", admito, e ele ri novamente.

"Só a cada cinco minutos desde que tínhamos uns doze anos", ele responde. "E não é só isso." Ele levanta as sobrancelhas sugestivamente, e em vez de rir, sinto meu pulso acelerar.

"Não?" pergunto, desejando que ele explique melhor.

"Não", ele responde sem emitir som.

Cam se levanta abruptamente, caminha até a cômoda e pega sua camiseta de futebol americano do Linton, com seu sobrenome e o número 22 nas costas. Ele a veste cuidadosamente e eu passo os braços pelas mangas. Cam puxa o resto da camiseta para baixo, cobrindo minha cintura e quadris. Em seguida, ele alcança delicadamente minha calça de moletom por baixo da barra e a puxa para baixo, cobrindo meus quadris, e eu levanto o quadril para ajudá-lo a tirá-la.

A camisa chega quase até o meio da coxa, e assim que ele percebe que estou confortável agora que a calça não está mais pressionando minha virilha, suas mãos não voltam a ficar debaixo da camisa.

"Vamos te curar, Ror. Vamos lidar com o Forbes e tudo o que ele fez. E então, quando chegar a hora certa, vou te mostrar como deve ser quando se tem um namorado. Como um homem deve tratar a garota que ama, entendeu?"

Minha garganta está completamente seca, não consigo falar, então apenas aceno com a cabeça. Fico pensando quanto tempo vai levar até que Cam decida que é a hora certa. Também me pergunto o que exatamente ele quer dizer com lidar com Robin. Mas não quero pensar nisso. Só quero pensar no resto, porque a ideia de ter Cam como meu namorado é emocionante de uma forma que eu jamais imaginei, e ao mesmo tempo tranquilizadora. Como se sempre tivesse sido para ser assim.

"Quando ele deve voltar?", pergunta Cam.

Hesito, uma batalha instantânea travada internamente. A necessidade de manter Cam comigo, de não ir atrás de Robin e provavelmente ser presa, vence.

"Amanhã à noite", murmuro, evitando seu olhar, resistindo com força à vontade de morder o lábio. Digo a mim mesma que não é bem uma mentira. Robin deveria voltar *amanhã à noite, só que por acaso voltou mais cedo. Digo a mim mesma que essa pequena meia-mentira me dará tempo para pensar no que fazer. Sei que preciso fazer alguma coisa, mas* o quê? *Registrar um boletim de ocorrência?*

Cam pega na minha mão. "E seus pais?", ele pergunta.

"Igualmente." Eles retornarão *amanhã à noite, como sempre, e como a tempestade deve continuar até a tarde, provavelmente chegarão tarde.*

"Você tem que contar para o seu pai, sabia?" Cam pergunta com um tom significativo, e eu abaixo o olhar novamente.

Eu balanço a cabeça. "Não vai-"

"Ror, ele é o promotor. Se você for direto à polícia, o caso vai acabar nas mãos dele de qualquer jeito. Eu sei o quanto isso é difícil para você, de verdade, mas vou estar com você o tempo todo, tá bom?"

"Amanhã vou ver o Forbes, sozinha *, e aí vamos contar pro seu pai o que ele fez. Ele nunca mais vai te machucar, eu juro por Deus, entendeu?"*

Ele está me apoiando muito, claro que está. Ele sempre esteve aqui para mim, a vida toda, não importa o que tenha acontecido, mas neste caso, acho que

o apoio dele não é suficiente. E eu não posso deixá-lo ir "ver" a Robin, eu sei o que isso significa. Mas tenho o dia todo para evitar esse confronto, e agora preciso que o Cam me ajude a descobrir como, porque obviamente meu pai não vai me ajudar em nada. Pelo menos não a mim.

"Você não entende", eu sussurro, fazendo uma pausa para enxugar as lágrimas com as costas da mão. "Meu pai... ele não está... precisamos dar um jeito em outra coisa, tá bom?"

Cam levanta meu queixo para que nossos olhares se encontrem. Ele não diz nada, estamos tendo mais uma de nossas trocas silenciosas. Ele me pergunta o que estou escondendo e eu digo que dói dizer. Ele não cede, e eu sei que preciso lhe contar por que ir até meu pai não é uma opção.

"Olha, ele não vai me ajudar. Eu já tentei, tá bom?"

Cam estreita os olhos, mas não solta meu queixo. "O que você quer dizer?", pergunta ele, cautelosamente. Sei que ele vai se irritar de novo, e me pergunto por que estou reprimindo minha própria raiva. Meu próprio pai me traiu, eu sei, e ainda assim, toda vez que penso nisso, suas palavras me assombram novamente, e me pergunto, pela milionésima vez, o quanto disso eu realmente provoquei.

"Tentei contar para ele. Não, eu contei *sim. Ele queria que eu fosse com a Robin neste fim de semana, e eu nem tinha perguntado se podia porque não queria ir. Mas o prefeito Forbes contou para ele, eu acho, e ele me disse que achava uma ótima ideia eu visitar o campus, já que eu estaria lá no ano que vem. Eu disse que nem tinha certeza se queria ir e ele, hum, me contou sobre a Robin falando em me pedir em casamento, casamento e tudo mais. Disse que eu tinha que ir para Gainesville, senão eu e a Robin não daria certo..."*

"Eu disse a ele que não era o que eu queria de qualquer forma. Mas ele disse que havia algo de errado comigo, que eu tinha sorte de Robin ter me escolhido e... Eu entrei em pânico e contei para ele! Eu disse que Robin me machucou, que ele me forçou."

Mas papai ficou bravo, disse que eu estava enganada, que Robin podia ter quem quisesse e que eu era só uma garota do interior, uma qualquer. Ele disse que Robin nunca precisaria obrigar ninguém a fazer nada, e eu sei disso, eu sei que Robin podia ter qualquer uma... mas ele obrigou *, ele me obrigou!"*

Fungo e pego um lenço de papel na mesinha de cabeceira do Cam para assoar o nariz. Me sinto tão derrotada. "Ele disse que se o Robin fez aquilo, a culpa foi minha — que eu pedi por isso com o jeito que ando me vestindo. Que o Robin entendeu errado, que ele nunca faria aquilo comigo se não achasse que eu queria, porque ele me ama. Ele disse para eu não estragar tudo."

Cam fica em silêncio por alguns minutos. Quando finalmente fala, sua voz é um murmúrio grave, carregado de uma fúria contida. "Puta merda. Eu sempre soube que seu pai era um babaca, mas, puta merda *." Ele me abraça e aconchega meu rosto sob seu queixo, e em seus braços, finalmente consigo pensar com clareza. Deixo escapar uma risada curta.*

"Sim, ele é", concordo.

"Quando foi que tudo isso aconteceu?", ele pergunta.

"Segunda-feira."

Sinto Cam tremer de raiva, mas ele se controla e me abraça forte. "Então o

que aconteceu ontem foi culpa dele tanto quanto de Forbes." Ele respira fundo. "Ainda não sei como vamos lidar com ele, Ror, mas ele não merece ser pai. Definitivamente não seu *pai, e eu não vou deixar ele sair impune, eu juro."*

Assinto com a cabeça contra o peito de Cam. Não consigo discutir com ele, porque ele tem razão. Foi a coisa mais difícil que já fiz: contar ao meu pai o que Robin anda fazendo, e ele rejeitou — ele me rejeitou *. E as duas vezes que isso aconteceu desde que contei, inclusive ontem, a responsabilidade é dele. Ele deveria ter me protegido. Eu sei disso, e agora, percebo o quanto odeio meu pai. Ele não merece meu perdão. Aperto Cam com mais força. Ele é tudo o que tenho no mundo.*

"Vamos direto ao xerife Chipley. Registrar uma queixa, deixar tudo por escrito. Eles não vão conseguir acobertar depois disso, não vamos deixar, entendeu?" ele diz suavemente, mas parece que está tentando se convencer tanto quanto a mim. "Eles vão tentar, você sabe. O prefeito Forbes vai tentar, e se seu pai estiver do lado deles... vamos ter uma briga pela frente, mas eu estou do seu lado, entendeu? Ele não vai te machucar de novo, nunca mais."

Assenti novamente. Era disso que eu precisava. Um plano. O pai do Chip é o xerife da cidade, e não posso ter certeza, mas acho que ele não ajudaria os Forbes a encobrir isso. Ele não é do tipo que frequenta clubes de campo, não se importa com essas coisas. Pelo que sei dele profissionalmente, ele acredita na justiça, em fazer as coisas conforme as regras, e estou contando com isso, porque o Cam tem razão, isso vai dar trabalho.

"Todo mundo vai saber", sussurro. A humilhação será terrível. As pessoas vão tomar partido, e até mesmo aqueles que tiverem pena de mim, vão me ver de forma diferente.

Cam não contesta. Ele sabe que estou certa. Ele apenas me abraça mais forte.

"Eu sei, Ror. Mas nós vamos superar isso, ok?" Não "vocês vão superar isso", mas "nós".

Eu aceno com a cabeça novamente. "Ok", respiro fundo.

Cam suspira. "Tudo bem, vamos para a cama, você deve estar exausta, e eu preciso de um banho. Quer que eu prepare um banho para você no banheiro da minha mãe?", ele oferece.

"Não", respondo, me afastando de seus braços, "só quero dormir". Cam levanta o cobertor e eu me aconchego embaixo dele, me deitando de lado.

Enquanto Cam toma banho, eu planejo tudo na minha cabeça. Ele vai querer esperar até amanhã à noite para falar com o xerife, depois de ter tempo para confrontar Robin, o que eu absolutamente não posso permitir que aconteça. Sei que terei que fazer essa parte sozinha.

Cam não acorda antes das dez da manhã por vontade própria desde que éramos crianças, então tudo o que preciso fazer é acordar cedo e dirigir até a delegacia. Se Deus quiser, Robin será preso antes mesmo de Cam perceber que voltou para a cidade e eu poderei impedir o confronto entre eles.

Depois do banho, Cam se deita atrás de mim na cama, vestindo apenas a calça de flanela do pijama, e me puxa para perto. Me viro para ficar de frente para ele, e aconchego meu rosto sob seu queixo, roçando o cantinho entre seu pescoço e ombro, e respiro seu cheiro limpo e familiar. Não me preocupo em

disfarçar a inspiração deliberada; não me importo se ele sabe que estou o cheirando. Cam me abraça com mais força e sussurra que tudo vai ficar bem, e acho que estou começando a acreditar nele.

****

Quando acordo, ainda está escuro, exceto pelo luar e por alguma fonte de luz distante e brilhante que, tenho certeza, é o aplicativo de lanterna no celular do Cam. Eu sei o que ele está fazendo antes mesmo de abrir os olhos — a mesma coisa que ele sempre faz quando não consegue dormir. Meus olhos se abrem lentamente e confirmo que ele está sentado à sua escrivaninha, rabiscando furiosamente em seu diário. Observo-o enquanto escreve, seus ombros largos e nus tensos, até que ele me olha de relance e me pega espiando.

"Não queria te acordar, Rory", ele murmura.

"Então volte para a cama", eu sussurro com a voz rouca.

Cam sorri fracamente antes de deixar seu diário esquecido sobre a mesa e retornar ao seu lugar de direito para retomar o seu abraço.

"Não consigo dormir sem você", sussurro em seu peito. Tenho certeza de que também não consigo viver sem ele, mas não digo isso, não agora que já o estou sobrecarregando o suficiente.

Cam acaricia meus cabelos com ternura. "Você me tem, Rory. Você sempre me terá. Eu te amo tanto, que nunca vou te deixar", ele sussurra. E com essas palavras reconfortantes, apesar de toda a minha dor, de todo o inferno que tenho vivido e da tempestade que estou prestes a desencadear nesta cidade com a confissão de amanhã — uma tempestade muito mais tumultuosa do que a que ruge lá fora —, sinto contentamento e adormeço, segura nos braços de Cam.

Não tenho como saber quanto tempo durará minha felicidade. Não tenho como saber se as palavras de Cam serão as últimas para mim e, portanto, uma mentira.

CAPÍTULO VINTE

Dias de hoje

Acordo com a luz da manhã entrando pelas cortinas. Estou sozinha no quarto da suíte de Sam, então levo alguns minutos para me reorientar e tentar me lembrar de tudo o que aconteceu na noite passada. Algumas partes estão muito nítidas, outras bem nebulosas. O esforço só faz minha cabeça latejar ainda mais do que a ressaca.

Minha primeira ressaca. Talvez a Operação: Rory Normal não tenha sido a melhor ideia, afinal.

Lembro-me de ter saído do bar com o Sam e de ter esquecido a chave do meu quarto. Lembro-me de algumas das nossas brincadeiras e sorrio para mim mesma.

E eu me lembro do nosso beijo. *Meu Deus* , como eu me lembro disso. Só de pensar nisso — a lembrança dele posicionado entre minhas coxas, imponente e forte sobre mim, sua língua deliciosa explorando minha boca ávida — meu corpo inteiro se aquece e o desejo ferve em meu ventre.

A porta da sala está entreaberta — provavelmente para que Sam perceba se eu tiver outro pesadelo. Fico pensando a que horas ele acordou. Vagamente, acho que não deve ter sido há muito tempo, ou eu teria tido outro pesadelo.

Será que ele realmente poderia ter tanto poder sobre mim tão rapidamente? A capacidade de acalmar meus incessantes terrores noturnos apenas com a segurança de seus braços? Pareceria impossível, e ainda assim...

Saio da cama sem fazer barulho, vou direto para o banheiro e tranco a porta. Lavo o rosto e enxáguo com um pouco de enxaguante bucal.

Cenas da noite anterior ressurgem sem serem convidadas.

Puxa, vomitei.

Eu vomitei muito.

Foi aí que me lembrei de como nosso beijo *terminou.*

Ai, meu Deus , e implorar para o Sam fazer sexo! *Será que eu realmente fiz isso? Que diabos há de errado comigo?*

Sento-me na borda da banheira e tento me lembrar de tudo o que eu disse, de tudo o que ele disse, mas não consigo. Só me lembro de fragmentos da conversa, e nada disso me faz sentir menos humilhada.

Toc, toc.

Eu me assusto.

"Rory, você está bem?", pergunta Sam.

"Tudo bem", respondo através da porta enquanto uso os dedos para ajeitar meu cabelo despenteado. Suspiro ao observar meu reflexo. Definitivamente já estive melhor. Abro a porta com cuidado e Sam se levanta da beirada da cama onde estava sentado, esperando por mim.

"Bom dia, Bela Adormecida", ele diz arrastado as palavras com um sorriso.

Eu congelo.

Sinto o sangue fugir do meu rosto já pálido e meu pulso acelerar. Respiro fundo e engulo o nervosismo. *Sam não é Robin e Sam não é meu pai.* Fecho os olhos e me recomponho.

"Ror-"

"Não me chame assim", digo com a maior firmeza que consigo. Quando abro os olhos, Sam está parado bem na minha frente, com a testa franzida em preocupação.

"Eu sempre te chamo de 'Ror'. Eu não pensei que..."

"Não isso. A outra coisa."

Saio pela porta, vou até a sala de estar e pego meu sutiã no braço do sofá. Viro-me de costas para Sam para colocá-lo por baixo da blusa e ajustá-lo sem precisar tirá-la. Estou usando uma regata branca e, por menores que sejam, meus seios não estavam exatamente escondidos. Distraidamente, me pergunto se Sam notou isso esta manhã, ou ontem à noite, ou se o fato de ele não se sentir particularmente atraído por mim o impede de perceber qualquer aspecto da minha sexualidade.

Ainda estou tentando processar tudo o que aconteceu. Eu o beijei, mas ele também retribuiu o beijo. E , *meu Deus, como ele retribuiu!* Será que os caras beijam qualquer garota assim? Não consigo imaginar — nunca fui beijada assim na minha vida, e com certeza nunca beijei ninguém assim. Nem de perto. Exceto pelo beijo que troquei com o Cam. Mas mesmo assim, o beijo de ontem à noite com o Sam foi de outro nível.

Naqueles momentos, eu tinha certeza de que ele me queria — eu sentia o desejo dele e tinha certeza de que era por *mim* . Sou uma garota boba, muito boba. Tão ingênua quanto sempre fui. Agora percebo, claro, que o interesse passageiro de Sam tinha mais a ver com o fato de eu ser apenas um corpo disponível e ele ser um cara, só isso. Mas essa constatação chega tarde demais para me salvar da humilhação. Porque se ele pôde terminar tudo tão facilmente, se afastar daquele jeito, então é claro que ele não me queria. Não de verdade. Não como eu o queria.

Como eu o *quero* .

"A Bela Adormecida?", pergunta Sam, perplexo.

"É essa mesmo", murmuro enquanto ando pelo quarto procurando minha bolsa. Preciso checar meu celular. E tomar minha pílula anticoncepcional. Embora eu não tenha sido exatamente perfeita com essa coisa *de tomá-las sempre no mesmo horário,* já que não é como se eu estivesse realmente transando, ainda assim as tomo por precaução. Não por precaução caso eu tenha um caso de uma noite só — isso nunca passou pela minha cabeça até ontem à noite — mas por precaução caso eu encontre alguém como a Robin. Alguém que não me dê escolha.

"Tudo bem, não vou. Algum motivo específico?" Sam pergunta, e acho que ele está frustrado por eu estar andando pelo quarto do hotel sem olhar nos seus olhos, porque ele pega minha mão e puxa de leve para chamar minha atenção. Não sei por quê, mas isso me irrita. Ele teve minha atenção ontem à noite. *Toda a minha* atenção. E ele não a queria.

"Sim, existe um *motivo específico* ", eu sibilei. "Rory é um apelido para *Aurora* , lembra? Eu recebi o nome da Bela Adormecida. Meu pai me chamava assim. Robin me chamava assim. Não me chame assim. Nunca. Entendeu?"

Nossos olhares se encontraram e Sam assentiu lentamente. "Você está brava comigo?", perguntou ele suavemente, e eu olhei para meus pés descalços.

Estou. Estou *brava* com ele, mas sei que não tenho o direito de estar. Certamente não posso ficar brava com meu amigo por ele não querer transar comigo. Imagine se fosse o contrário?

Suspiro. "Não, acho que não", murmuro derrotada ao expirar, ainda olhando para baixo.

Sam levanta meu queixo com o dedo indicador para que eu o encare, um gesto já familiar. "Isso não foi muito convincente."

Não digo nada. O que posso dizer?

"Sabe", murmurou Sam hesitante, " *Aurora* não era apenas uma princesa da Disney..."

Estreito os olhos, sem saber aonde ele quer chegar com isso, e os lábios de Sam se curvam num meio sorriso.

"Ela era uma deusa romana - da aurora", continua ele. "Segundo o mito, ela se renova todas as manhãs e voa pelo céu anunciando a chegada do sol."

Eu o encaro, piscando os olhos. Li apenas a mitologia mais básica, principalmente a grega, não a romana. Mas mesmo assim, é o meu próprio nome, como é que eu nunca ouvi falar disso? "Como você sabe disso?", pergunto a Sam, que simplesmente dá de ombros.

"De vez em quando, talvez eu abra um livro... Vamos, trouxe suco de laranja e aspirina para você. Você deve estar se sentindo mal", ele oferece, me puxando para o sofá, que está completamente limpo, sem nenhum sinal de que alguém tenha dormido ali na noite passada. Pelo menos até eu implorar para que ele dormisse na cama comigo. Meu *Deus, como sou patética.*

"Você quer dizer porque eu estou com uma aparência horrível?", murmurei baixinho.

Nós dois nos sentamos e eu tomo os comprimidos e viro o copo inteiro de suco. Dou uma olhada em Sam, que parece satisfeito. Sem dúvida, ele esperava uma discussão, mas eu simplesmente não tenho ânimo para isso agora. E a verdade é que eu estava morrendo de sede e o suco realmente resolveu o problema.

"Você não está com uma aparência horrível."

Reviro os olhos. *Ótimo, lá vêm os clichês.*

"Você parece uma linda garota que bebeu demais ontem à noite e agora está pagando o preço", ele afirma. *É, porque os homens sempre rejeitam garotas bonitas que imploram por sexo.* Odeio ser tão patética a ponto de ele precisar tentar me consolar com banalidades.

Sam tem razão em uma coisa; estou mesmo pagando o preço da noite passada. Na verdade, parece que estou pagando por muitas coisas, e isso já dura algum tempo.

"Podemos falar sobre ontem à noite?", pergunta ele, hesitante.

"Precisamos mesmo?"

"Rory." Meu nome sai como uma repreensão. Como se ele estivesse falando com uma criança que fez algo errado. E talvez, neste momento, seja exatamente isso que eu sou. Eu sou a errada aqui. Eu sou quem violou nossa amizade. Encaro-o nos olhos.

"Olha, Sam, a gente não precisa disso. Eu entendo. E eu sinto muito mesmo. Você deixou bem claro que só quer ser meu amigo. Eu não sei o que

estava pensando. Eu não devia ter te beijado. E eu não devia ter te pedido... Eu só pensei..." *Eu pensei que quando você enfiou a língua na minha boca e pressionou seu corpo contra o meu, significava que você também me queria.*

"Eu sei que você não me quer desse jeito. E eu já sabia disso muito antes de ontem à noite, então realmente não sei por que achei que ontem à noite você pudesse querer..." Respiro fundo para parar de divagar. "Não podemos simplesmente atribuir isso ao fato de eu estar bêbada?"

"Era isso mesmo? Você estar bêbado?", pergunta ele, com o olhar fixo, a voz sóbria.

Eu deveria dizer *que sim* . Eu deveria culpar tudo ao álcool.

Em vez disso, balanço a cabeça negativamente. *Que diabos há de errado comigo?*

Sam solta um suspiro profundo. Eu nem tinha percebido que ele estava prendendo a respiração. Ele olha para baixo por um segundo, fecha os olhos e balança a cabeça uma vez, como se estivesse tentando se livrar de algo. Ele solta uma risada curta e irônica. " *Meu Deus,* Ror, tem tanta coisa errada no que você acabou de dizer, mas preciso falar sobre outra coisa que você disse primeiro. Quando você-"

"Não podemos fingir que nada aconteceu?" Tento, pela última vez, evitar essa conversa. Não consigo mentir para esse garoto e não sei como isso vai terminar, mas temo revelar meus sentimentos e, se o fizer, posso perder meu amigo.

"Não, Rory, não tem como eu fingir que isso nunca aconteceu."

Minha cabeça cai e eu encaro meu colo. Devo estar com uma cara de quem acabou de ser condenada à morte. Levo a mão à testa e esfrego as têmporas com o polegar e o dedo médio.

"Rory, ontem à noite, quando estávamos falando sobre ficar juntos, você se lembra do que disse?", ele pergunta cautelosamente.

Dou de ombros. Lembro-me de ter dito que o queria, mas não especifiquei como o abordei, além do nosso beijo. "Eu te beijei", sussurro.

Sam acena com a cabeça. "Sim. Depois disso. Você se lembra do que disse? Sobre querer fazer isso porque *queria* fazer isso?"

Meu Deus , que vergonha. Por que ele está me fazendo reviver isso? Dou de ombros novamente.

"Eu não me lembro direito do que eu disse, Sam", murmuro, encarando-o. "Mas eu sei que fui eu quem te beijou. Eu quem te assediou. Não te culpo por nada disso. Não entendo por que temos que falar sobre ontem à noite — já passou. *Você é* que está bravo? Está me castigando ou algo assim?" pergunto. Foi a coisa errada a se dizer, eu sei disso imediatamente. Sam parece horrorizado.

"Claro que não, Rory, como você pôde sequer *pensar* isso?"

Olho para baixo novamente. A verdade é que, neste momento, eu realmente não sei *o que* pensar. Sam suspira.

"Não se trata da noite passada. Trata-se de algo que você *disse* ontem à noite, sim, mas..." Ele passa os dedos pelos cabelos, exasperado, e respira fundo novamente. "Por favor, olhe para mim." Seu tom é gentil e suplicante, e eu obedeço. "Você disse que queria saber como era a sensação porque *queria* fazer isso. E quando perguntei o que você queria dizer com isso, você disse que

precisava. Que nem sempre tinha escolha."

Meus olhos se arregalaram em horror. *Eu disse isso?*

Sam me encara. Ele está esperando uma resposta, mas não tenho certeza se tenho uma. As palavras que ele alega que eu disse são reveladoras demais e não podem ser explicadas de outra forma. Ele sabe o que elas significam, ele *deve saber,* então por que está me questionando sobre elas?

Faço a única coisa que posso, dou de ombros.

Sam interpreta isso como uma confirmação de suas conclusões óbvias. Seus olhos se fecham, apenas por um instante, como se estivesse em luto.

"Eu não sabia", murmurou ele.

"Por que você faria isso?", retruco. A mão de Sam voa para o cabelo, seus dedos o arranhando com força.

"Eu sabia que ele te machucou. Achei que ele te bateu. Nunca pensei... nunca me passou pela cabeça..."

"Está tudo bem", murmuro por hábito, e a testa de Sam se franze e seu olhar se intensifica.

"Não está *tudo bem* , Rory. Como você pode dizer isso?"

"Eu não quis dizer que está tudo *bem* . Eu só... o que você quer que eu diga, Sam?", pergunto. "Você precisa de todos os detalhes de por que eu estou ferrado? Você precisa sentir pena da pobre vítimazinha, Rory?"

"Droga, Rory! Pare de dizer que você é problemática! Você não é mais problemática do que o resto de nós, lembra? Você não é a única que já se machucou, sabia? Eu só estou tentando te entender! Eu—" Sam para. Ele passa os dedos pelos cabelos novamente e eu percebo vagamente que nem me mexi quando ele gritou comigo. "Eu me importo com você", ele diz mais suavemente, e eu sou instantaneamente inundada pela culpa.

"Olha, eu sei que não sou a única pessoa que já se machucou. Você me contou sobre sua mãe. Eu entendo. Não quis insinuar nada..."

"Não é só a minha mãe, Ror." Os olhos de Sam estão completamente solenes, e eu entendo o que ele quer dizer imediatamente.

O pai dele não batia apenas na mãe. Ele batia em Sam também.

"Sinto muito", digo, pronunciando as palavras que nunca me confortaram quando me foram ditas. "Eu não sabia."

"Ninguém sabia. Ninguém sabe. Exceto minha mãe e Bits - bem, e Tuck... e agora você."

Olho para baixo. A tristeza que senti por Sam ao ouvir sua confissão está se transformando em outra coisa. Raiva. Indignação pelo menino cujo pai o traiu da pior maneira possível.

"Detesto que ele tenha te magoado", digo com rispidez. Sam me oferece um sorriso fraco.

"Agora você sabe como me sinto. Mais ou menos. Me dói muito que você tenha passado por isso, Ror. Depois do que você disse ontem à noite... Não consigo parar de pensar nisso. Pensei nisso a noite inteira. Simplesmente não consigo entender como alguém pode fazer isso com uma garota... com *você*. Violência já é ruim o suficiente, mas, *meu Deus, Ror.* Ele era seu namorado, ele deveria cuidar de você, não..." Ele respira fundo. "Foi por isso que você terminou com ele?"

"Sim. Quer dizer, havia muitos motivos, mas sim, esse foi o principal."

Sam balança a cabeça incrédulo, como se ainda estivesse tentando assimilar tudo aquilo, e eu realmente não entendo o que é tão difícil de compreender. Ele já sabia que Robin me machucou. Então ele pensou que só tinha me batido ou algo assim, é realmente tão diferente assim?

"Então, um dia ele é seu namorado e no outro te *ataca* ? Ele está preso?" Sam tem um milhão de perguntas. Claro que tem. Mas ele não entende.

"É muito mais complicado do que isso, Sam. Eu entendo que você não previu isso, e sei que a culpa é minha por ter falado aquilo bêbado ontem à noite, mas-"

" *Como* é que é mais complicado? Explique. Faça-me entender." Ele me encara fixamente, suas palavras inflexíveis. Ele quer saber o que aconteceu comigo para me tornar assim. Eu entendo. Ele já viu tantas das minhas cicatrizes. E ele sabe que eu sei que posso simplesmente dizer *cálculo* e esta conversa terminará. Mas estou cansada de ser covarde.

"Robin era... *é* uma grande estrela em Linton", explico. "O futebol americano é mais importante lá do que no norte. E ele era o quarterback, a estrela, e era muito bom. Não era só bom para uma cidade pequena. Ele ganhou uma bolsa integral para a Universidade da Flórida, e todo mundo dizia que ele se tornaria profissional. Sem dúvida."

"E não era só o Robin — era a família inteira dele. O pai dele era prefeito. A irmã dele era a Miss Popularidade. E eu era... só eu. Não era especialmente *impopular* nem nada, só... nada de especial, sabe?" Sam estreita os olhos para mim e eu percebo que ele quer me interromper, mas não o faz, provavelmente com medo de que, se eu parar de falar por um instante, eu repense se devo contar minha história. "Eu era um moleque quando criança", continuo. "Eu gostava de esportes e videogames, e meu melhor amigo era um menino."

"Você o mencionou... no grupo de homens que só te magoaram ou te abandonaram." Desta vez, Sam não consegue se conter e o interrompe, quase em tom de acusação.

Assenti com a cabeça. "O Cam nunca teria me machucado", assegurei, mas mudei de assunto rapidamente, sabendo que não podia falar sobre o Cam. Afinal, minha força recém-adquirida tem seus limites. "O Robin é um ano mais velho, mas a irmã dele, Lacey, tem a nossa idade, e quando comecei a sair com ela, acho que ele começou a me notar. Todo mundo meio que conhece todo mundo, é uma cidadezinha, e nossos pais cresceram juntos – eles são muito próximos. Mas minha mãe não gostava dos pais deles, então nossas famílias nunca passaram muito tempo juntas, e o Robin nunca tinha trocado duas palavras comigo. Até a noite em que ele me chamou para sair."

" *Foi* por isso que seu pai não te ajudou? Porque o pai do Robin era amigo dele?" Sam está enojado, e com razão - meu pai é repugnante.

"Isso também é mais complicado", explico sem realmente explicar que a chance do meu pai ser parente de um quarterback profissional era mais importante para ele do que proteger sua filha de um monstro.

"Então você e Robin começaram a namorar..." Sam pergunta.

Continuo. Explico como Robin foi meu primeiro encontro, meu primeiro beijo, meu primeiro *tudo.* Descrevo como ele era no começo, e por um bom

tempo, na verdade. Como ele era um cavalheiro, me tratando como uma princesa, sempre abrindo portas e me trazendo flores. Como ele dirigia até outra cidade para me trazer comidas que eu gostava. Mas como, apesar de tudo isso, eu nunca me senti pronta para ter intimidade com ele.

Eu conto para Sam sobre a vez em que ouvi Robin dizer que estava me traindo. O quanto ele estava arrependido, como me disse que me amava e como, como uma garotinha boba e ingênua, eu disse o mesmo — embora na verdade eu apenas tenha acenado com a cabeça quando ele perguntou se eu também o amava.

"Você o amava? Quer dizer, gostava dele", pergunta Sam.

"Não." Não vou dar mais detalhes. Não preciso. Nunca amei Robin, disso tenho certeza absoluta.

Eu conto para o Sam como beijar o Robin nunca foi mais do que agradável, e que ele começou a ficar frustrado com a minha inocência. Explico como ele começou a me fazer tocá-lo, como ele me tocou mesmo depois de eu ter pedido para ele parar. Não dou muitos detalhes, apenas a essência dos incidentes que uma garota mais esperta teria interpretado como avisos. Como enormes e brilhantes bandeiras vermelhas. Digo a ele como fui estúpida por ter continuado com ele mesmo assim. Mesmo quando todos os sinais estavam lá. Mas eu não os vi — eu não quis.

Então eu conto para ele sobre a noite em que ele me ouviu dizer 'Eu te amo' para Cam.

"Você *o amava?"*, pergunta Sam.

"Sim." Também não me alongo nesse assunto. A verdade é que, às vezes, acho que poderia ter me *apaixonado* por Cam, às vezes acho que já estava apaixonada, e outras vezes não tenho ideia do que realmente sentia. Mas sei que o amava. Sei disso desde os três anos de idade.

Eu conto para Sam sobre aquela noite. A primeira noite em que Robin me estuprou. Explico como ele achou que eu queria porque eu estava usando saias e vestidos. E porque ele achou que eu estava me fazendo de difícil. Que quando eu chorei, disse *não* e implorei para ele parar, ele achou que era tudo uma brincadeira. Ele achou que eu gostaria de algo "mais bruto", ou pelo menos foi o que ele disse. Mesmo sendo a minha primeira vez. Parece que estou amargurada, não consigo evitar. Estou *amargurada* .

"Foi assim que você perdeu a virgindade?" Sam fica horrorizado novamente. "Mas o que eu posso fazer?", ele queria saber.

É uma expressão engraçada: *perder a virgindade.* Como se você pudesse simplesmente ter sua virtude um dia e depois, acidentalmente, deixá-la cair ou perdê-la. Mas a verdade é que você não pode simplesmente *perder* a virgindade. Para a maioria das pessoas, é algo que você escolhe *dar* a alguém, por um motivo ou outro, mas não para mim. A minha foi roubada. Foi tirada contra a minha vontade. *Roubada.*

Contei para o Sam o quão confusa eu fiquei depois. Como o Robin agiu como se achasse que eu queria aquilo. Como se fosse normal, como se fosse *certo.* Contei a ele a explicação do Robin sobre como eu nunca me sentiria pronta de verdade, e que eu precisava confiar nele para decidir o que era certo para nós. Como ele me abraçou e disse que me amava e como, na manhã

seguinte, começou a falar sobre querer se casar comigo um dia.

"Você queria isso? *Casar* com ele? Aos *dezessete anos* ?" Sam está surpreso. Claro que está.

"De onde eu venho é diferente. Nossos pais se casaram jovens. E não era como se ele estivesse me pedindo em casamento, ele só estava dizendo que queria se casar comigo *um dia* . Só mais tarde percebi que ele queria dizer mais cedo do que eu imaginava. Mas não, eu nunca quis me casar com ele, mas isso me deixou ainda mais confusa. Acho que fiquei lisonjeada. Foi uma época muito confusa para mim, no geral."

Então, conto a ele a parte mais humilhante. Explico como, mesmo depois de Robin ter me estuprado, continuei com ele. Voltei para mais. E ele me deu mais, repetidamente. Todas as vezes. Não importava o quanto eu tentasse gritar, o quanto eu chorasse ou tentasse lutar, ou o quanto eu implorasse desesperadamente. Explico como Robin se tornou controlador e possessivo. Como ele era bruto comigo, mesmo quando não tinha nada a ver com sexo. Como eu tinha que usar roupas quentes na Flórida para esconder os hematomas. Como eu protegia a pessoa que estava me machucando.

Mas Sam entende isso. Ele conta que seus pais inventavam histórias sobre suas lesões, sempre culpando o futebol americano, e isso o fez detestar o esporte, até que seu pai finalmente os abandonou quando ele estava na oitava série. Ele diz que sua mãe fazia a mesma coisa, escondendo seus hematomas atrás de roupas discretas.

Estou chorando agora, e os olhos de Sam também brilham, então começo a falar mais rápido, desesperada para terminar logo com a história. Também tenho uma vaga noção de que, embora saiba que isso mudará para sempre a forma como Sam me vê — e não para melhor —, de alguma forma, como aconteceu com Cam, quanto mais conto a ele, mais aliviada me sinto.

" *Meu Deus*, Rory. Então ele continuou te machucando, te *forçando* , repetidamente?" Sam está transtornado. Não respondo. Não tenho certeza se ele queria que eu respondesse.

Eu conto para ele sobre a viagem a Gainesville. Como Robin queria que eu fosse, mas que eu disse que meus pais não aprovariam. Explico como o pai de Robin falou com o meu pelas minhas costas e como meu pai insistiu para que eu fosse. Digo que até tentei convencer meu pai de que queria ir para a NYU em vez da UFL para me afastar de Robin, mas que meu pai foi irredutível: eu deveria estudar com Robin para não estragar nosso relacionamento e a chance dele de se tornar sogro de uma futura estrela da NFL.

Descrevo o medo que senti quando meu pai insistiu para que eu passasse o fim de semana em Gainesville com Robin. E quando ele insistiu para que eu também fosse para lá, para estudar, e depois me casasse com ele.

Eu conto para Sam como Robin só conseguia ficar a sós comigo tarde da noite em fins de semana alternados — quando eu ficava na casa da família dele — ou às vezes no carro dele, quando ele estava se sentindo particularmente ousado. Mas ele se impunha a mim todas as vezes, e minha única salvação era que ele sempre estava limitado pelo tempo e pelo espaço.

Eu só conseguia imaginar o que ele faria comigo se me deixasse sozinha num quarto de hotel por um fim de semana inteiro, e o terror que me invadiu ao

pensar nisso me encorajou a finalmente contar a alguém o que estava acontecendo. Sam pega minha mão agora, e não delicadamente. Não aperta com força suficiente para me machucar, mas com firmeza mesmo assim, e eu aperto a mão dele de volta. Ele está me oferecendo apoio. Força. E eu me agarro a isso.

Sam range os dentes enquanto me ouve explicar como eu tinha certeza de que, com a minha confissão ao meu pai, meu sofrimento terminaria. Mas não foi isso que aconteceu. Descrevo, em detalhes, as coisas que meu pai me disse. Como ele disse que a culpa era minha, que eu havia provocado aquilo, e como. Como ele me disse que eu estava enganada, errada, que eu havia entendido errado. Como eu tive que ouvir meu pai atacar meu caráter enquanto defendia o do meu agressor. Como eu vi qualquer resquício de esperança que eu tinha morrer com as palavras dele, minutos antes de Robin chegar para me buscar para a escola, e meu pai apertar a mão dele e dizer que havia concordado que eu o acompanhasse no fim de semana.

"Então seu pai te entregou para o seu maldito estuprador?!" Sam rosna.

Dou de ombros. Sim. Foi exatamente isso que ele fez. "Acho que nós dois temos pais péssimos, né?" murmuro.

"Isso é um eufemismo", responde Sam amargamente, apertando a mão que ainda segura. Ele se ajeita um pouco para que fiquemos mais perto. "Diga-me que você não foi embora com ele. Diga-me que ele não teve você só para ele durante um fim de semana inteiro", implora ele, com seriedade.

Balanço a cabeça, enxugando rapidamente as lágrimas do meu rosto com a mão livre. "Eu não fiz isso", sussurro, e o alívio de Sam é palpável. "Eu sabia que não conseguiria. Mas..." Me recomponho, e ao fazer isso, percebo que estou dizendo as mesmas palavras que disse a Cam exatamente um ano antes.

"Mas?"

Eu fungo. Esta é a parte que eu nem consigo pensar, muito menos descrever, sem reviver cada grama de terror que senti naqueles momentos. Sam se aproxima ainda mais até ficarmos lado a lado, ambos virados um para o outro, nossos joelhos se tocando. Ele não solta minha mão, e a outra mão sobe para colocar meu cabelo atrás da orelha, demorando-se para roçar minha bochecha com a ponta do polegar. Fecho os olhos, por um breve instante, saboreando a sensação do seu toque, tão incrivelmente reconfortante para mim. Imagino Sam como um garotinho, aterrorizado por um pai tirano. Não é a minha experiência, mas há certa semelhança, e eu me compadeço profundamente dele. Encaro o homem à minha frente, tão gentil e compassivo apesar da sua criação violenta.

É naquele instante, pouco antes de eu lhe confidenciar um dos maiores horrores da minha vida, que percebo que já me apaixonei por ele. Outra lágrima escorre, agarrando-se à linha do meu nariz, e o polegar de Sam a enxuga antes do meu. Mas esta lágrima — esta lágrima eu não derramo por Robin, nem pelo meu pai, nem mesmo por Cam. Esta lágrima pertence unicamente a Sam — o menino que ele era e o homem que ele é.

"Esperei até o último minuto para dizer que não ia", sussurro. Estamos tão perto que não importa o quão suave seja minha voz. "Eu estava com tanto medo da reação dele, e não queria que ele tivesse tempo de convencer meu pai a me obrigar a ir com ele. Ele me encontrou na escola depois do jogo de basquete. Eu tinha que torcer por ele, e nós deveríamos sair de lá imediatamente." Faço uma

pausa e engulo em seco, com a garganta completamente seca. Sam percebe e me entrega a garrafa de água que está na mesa de centro à nossa frente, e eu tomo um gole.

"Eu disse a ele que não queria ir e que precisávamos de espaço. No começo, ele ficou triste. Parecia que ia chorar. E eu não sei por que me importei — ele já tinha me feito chorar mil vezes, mas... isso me confundiu. Saí correndo antes que pudesse hesitar, em direção ao vestiário feminino."

"Não o ouvi me seguir. Todos tinham ido embora. Todos mudaram e foram embora depois do jogo. Era sempre como se um interruptor virasse, sabe? Num minuto ele era uma pessoa, e no minuto seguinte..." minha respiração falha.

A mão de Sam aperta a minha, e em seus olhos eu consigo ver que, sim, ele sabe.

"Ele estava muito bravo. Me jogou contra a parede. Ele... foi pior do que antes. Muito pior." Começo a tremer com a lembrança, e a mão de Sam solta a minha e me envolve pelos ombros, me puxando para o seu peito. Em seus braços, é mais fácil continuar, ou talvez seja porque não preciso mais olhar em seus olhos, não preciso mais vê-lo digerir o que aconteceu comigo. *O que eu* permiti *que acontecesse comigo.*

"Ele fez isso ali mesmo, no vestiário feminino. Eu tentei lutar. Ele foi muito bruto. Muito mais bruto do que o normal. Ele era muito forte e eu... eu me esforcei tanto", soluço. Não sei por que é tão importante para mim que Sam saiba que tentei impedir Robin, mas agora, é.

"Eu sei que você lutou, Ror." Não consigo ver seu rosto, pois o meu está pressionado contra o seu peito, minha cabeça protegida sob seu queixo, mas sua voz é sincera. *Ele sabe. Ele sabe que eu lutei.*

"Ele sempre rasgava minha calcinha, porque eu sempre tentava me defender. Mas eu estava usando meu uniforme de líder de torcida. A gente usa umas calcinhas de spandex por cima..."

"Estou familiarizado."

É claro que ele sabe o que as líderes de torcida usam por cima da roupa íntima. Afasto o ciúme tão rápido quanto ele surge. Simplesmente não tenho tempo para isso agora.

"Bem, ele não conseguiu rasgá-los. Ficou frustrado e usou a chave de casa."

"Sua cicatriz", Sam sussurra, e se seus lábios não estivessem tão perto do meu ouvido, eu talvez nem o tivesse ouvido.

Assinto com a cabeça contra o peito dele. "Mas mesmo isso não foi a pior parte. Ele... ele estava sendo muito controlador ultimamente, possessivo. Então, quando eu disse que precisava de espaço, acho que isso o afetou bastante. Eu não queria... eu só queria que parasse." Respiro fundo e minha mão involuntariamente vai para o meu pescoço. "Ele ficava dizendo que eu pertencia a ele, e então... ele me estrangulou. Eu não conseguia respirar. Achei que ia desmaiar. E ele só me soltou quando, você sabe, terminou."

Consigo sentir o pomo de Adão de Sam se mover a cada gole. Sinto seu maxilar cerrado no topo da minha cabeça. Sinto os tremores em seus braços, em seu peito.

"Essa foi a última vez. Ele foi para Gainesville passar o fim de semana e

me deixou lá, no chão do vestiário", disse *ele, ofegante, chorando, sangrando ...* Fiz uma pausa, tentando afastar a lembrança, sem saber como explicar o resto. Como finalmente consegui fazer parar. Há muita coisa para contar e muita coisa sobre a qual ainda não estou pronta para falar. Algo que provavelmente nunca conseguirei falar.

"Finalmente contei para alguém, e quando minha mãe soube o que tinha acontecido, foi o fim. Ela entrou em ação e fez tudo o que pôde. Mas o pai do Robin era o prefeito e meu pai era o promotor, e nenhum dos dois queria que ele se metesse em encrenca. E a cidade inteira os adora."

"Então ele *não está* na cadeia", Sam vocifera. Não é uma pergunta.

Eu balanço a cabeça negativamente e me afasto para poder olhá-lo. Seus braços afrouxam para permitir isso, mas ele não me solta.

"Quando minha mãe descobriu que meu pai sabia, ela não conseguia nem olhar para ele. Ela o expulsou de casa, e adivinhem com quem ele ficou...? Mesmo depois de tudo, ele ainda acha que a culpa foi minha. Para piorar a situação, Robin disse a todos que eu estava descontando nele porque ele tinha terminado comigo. Ele até se ofereceu para 'voltar comigo'. É isso que a maioria da cidade ainda acredita que aconteceu. Que eu sou uma louca que acusou o queridinho deles de fazer algo terrível porque não queria perdê-lo."

"A última vez que vi meu pai, ele me enganou para que eu ficasse no mesmo cômodo que Robin. Ele estava tentando intermediar uma reconciliação. Robin não parava de declarar seu amor e se desculpar por 'ter me magoado', o que ele alegava ter feito ao terminar comigo... Tive outro ataque de pânico. Acabei no hospital novamente. Minha mãe pediu o divórcio depois disso, e eu nunca mais vi meu pai."

"Então você está me dizendo que ele simplesmente *saiu impune?* " Sam rosna e eu balanço a cabeça, mas depois concordo com a cabeça. E então balanço a cabeça novamente.

"Eles não conseguiram provar o estupro. Quando eu contei, já era tarde demais para fazer o exame de corpo de delito. Só conseguiram provar a agressão porque havia fotos."

"Ele tirou fotos?!"

"Não foi ele. Foi o Cam. Eu nem sabia das fotos até mais tarde. Estavam no celular dele. Ele tirou as fotos enquanto eu dormia — de alguns dos meus ferimentos. Só por precaução. Eu nem pensei em fazer isso, mas esse é o Cam, sempre pensando em tudo."

Uma dor lancinante me atravessa. Engasgo com um soluço e desvio o olhar. Não consigo falar sobre Cam com ele. Nem agora, provavelmente nunca.

"Então esse seu melhor amigo, *Cam* , foi tão solidário a ponto de fotografar seus ferimentos para a polícia, mas depois te abandonou?", pergunta Sam, surpreso.

Não consigo fazer isso. Preciso mudar de assunto.

"Ele não fez por mal. Isso também é complicado."

"Rory-"

"Robin recebeu serviço comunitário e liberdade condicional. O que não significou praticamente nada. E todos pensaram que eu tinha inventado tudo."

Não é como se eles tivessem visto as fotos, e não era como se eu fosse

mostrar fotos tão íntimas para pessoas aleatórias.

"Mas minha mãe entrou em contato com a diretoria de atletismo da UFL por conta própria e enviou o boletim de ocorrência." E as fotos, descobri depois, porque, segundo minha mãe, *eles precisavam entender exatamente o que estavam convidando para o campus.*

"Robin perdeu a bolsa de estudos. E isso *não era* pouca coisa. Mas todos me culparam por arruinar a carreira dele, a vida dele. Ninguém se importou que ele também tivesse arruinado a minha vida."

"As pessoas eram horríveis. A irmã dele era praticamente a líder delas. Eu não conseguia mais ir à escola. Minha mãe largou o emprego e me deu aulas em casa, mas nem isso funcionou. Lacey e as amigas dela — *minhas* ex-amigas — começaram a aparecer em casa, chegaram a pichar ' *vadia'* e *'mentirosa'* na minha entrada. Pelo menos eu acho que foram elas. Podia ter sido meu próprio pai, sei lá. Eu tinha uma ordem de restrição contra o Rob para que ele não pudesse fazer as coisas sujas dele. E o prefeito Forbes mandou homens do gabinete dele algumas vezes para tentar me fazer retirar as acusações. Eles até escreveram uma declaração inteira para mim, dizendo que eu tinha inventado tudo — tudo o que eu precisava fazer era assinar."

"Mas você não fez isso." Sam tem certeza.

"Como você sabe disso? Talvez eu soubesse. Talvez eu só quisesse que tudo parasse." Eu *queria* que parasse. Era insuportável.

"Porque você é forte. Você não fez isso. Eu sei que não fez." Ele não duvida de mim, e essa crença na minha força me faz sentir mais forte do que realmente sou. Ou talvez ele estivesse certo o tempo todo. Talvez eu seja mais forte do que pensava.

"Não deixei", confirmo. "Não podia. Ele me tirou tanta coisa — eu não podia deixar que ele me tirasse a única coisa que eu lhe tirei. A carreira dele, a bolsa de estudos, era tudo o que importava para ele. Enfim, assim que minha mãe vendeu a casa, nos mudamos para cá. E você sabe o resto."

Os momentos passam e nós simplesmente ficamos nos encarando.

"Você é extraordinária", diz Sam finalmente, como se estivesse maravilhado. Reviro os olhos. Estou longe disso.

"O que há de tão extraordinário nisso? Deixei que ele me magoasse durante meses e depois fugi quando não consegui lidar com as consequências. E saí de lá com um transtorno de ansiedade e problemas que provavelmente nunca vou superar."

"Mas você já superou alguns deles. Você venceu os gatilhos, lembra? Você está vencendo um agora mesmo, sentada aqui comigo. Num quarto de hotel, aliás", ele me lembra. E ele tem razão. Estou sentada sozinha num quarto de hotel com um homem. Dormi na cama com esse homem ontem à noite. E teria feito mais do que isso se ele tivesse deixado.

"Estou apenas sobrevivendo, Sam. Não é nada de extraordinário. Não é como se houvesse outra opção", sussurro. A verdade é que, por um tempo, eu mal conseguia fazer isso. Sobreviver.

"Mas existe sim, Ror", ele sussurra, e seus olhos me mostram algo profundo.

E eu sinto culpa imediatamente. Claro que existe. Ele está falando da Bits.

E da tentativa de suicídio dela. Ele tem razão — existe outra opção.

"Existe sim. E sobreviver é uma escolha. E você não está apenas sobrevivendo. Não mais. Olha para você — você está de férias de primavera com seus amigos. Ontem à noite você saiu para festejar e, se não me engano, se divertiu bastante até ficar doente. Isso não é apenas sobreviver, Ror, isso é *viver.* "

Sinto um arrepio ao me lembrar da noite passada. Eu *estava* me divertindo bastante, mas só depois de passar mal, só depois de ser rejeitado.

"É. A noite passada foi... *algo* ", murmuro, e quando levanto os olhos, os de Sam estão ainda mais perto, e há um calor neles que eu pensei ter visto na noite passada, mas eu estava enganado. Como estou enganado agora, certamente.

Mas logo abaixo daqueles olhos, está seu nariz perfeito, e abaixo dele, seus lábios carnudos e rosados, que se entreabrem ligeiramente enquanto seu rosto se aproxima. "Sam." Eu sussurro seu nome. Não sei por quê, mas é a única palavra que meus lábios conseguem pronunciar. E então seus lábios estão nos meus.

Eu solto um suspiro, direto na boca dele. Ele me beija suavemente, quase reverentemente, e eu deixo. E não só deixo, como retribuo o beijo.

Eu retribuo o beijo com intensidade.

Sam geme, como fez ontem à noite, e, *meu Deus* , esse som me deixa arrepiado. Mas *espere, o que diabos está acontecendo?*

Eu me afasto. "Você me beijou", sussurro.

"Sim, eu fiz", ele concorda.

"Mas ontem à noite-"

"Eu também te beijei ontem à noite, sim", ele responde. Meus olhos se arregalam. *Não foi isso que aconteceu.* Eu pensei que *eu* era quem estava bêbado.

"Hum, não, Sam, na verdade sou eu-"

"Sim, você me beijou primeiro. Mas eu retribuí o beijo, caso você não tenha percebido, eu retribuí muitos beijos."

Eu me levanto e dou alguns passos para longe de onde ele continua sentado no sofá. Simplesmente não consigo pensar com ele tão perto. Balanço a cabeça negativamente.

"Mas você impediu isso", argumento eu.

"Você estava bêbada. Eu não podia me aproveitar de você", diz ele, ainda imóvel, exceto pelos olhos que me seguem enquanto caminho de um lado para o outro em frente à mesa de centro. Eu balanço a cabeça negativamente mais uma vez.

"Mas eu te disse que sabia o que estava fazendo. *Meu Deus* , eu até te pedi para..." Esfrego o rosto com a palma da mão, corando intensamente, envergonhada. Sam se levanta e se aproxima de mim com cautela.

"Não podia arriscar, Rory", diz ele com cautela.

"Arriscar o quê?" pergunto seriamente, olhando para ele por entre meus cílios.

"Corra o risco de ter dito aquelas coisas só porque estava bêbado. Corra o risco de nos prejudicar e se arrepender disso amanhã de manhã."

Eu balanço a cabeça negativamente mais uma vez. "Eu já te disse-"

"Eu sei que não foi porque você estava bêbada. Então me diga, você quis

dormir comigo porque confia em mim e quer saber como é estar com outra pessoa que não seja *ele?* Ou porque você *me queria?* " Sua intensidade emana de cada poro e me envolve. Ele é lindo e eu estou hipnotizada. Sua mão se estende e afasta uma mecha de cabelo para trás da minha orelha, o polegar roçando minha bochecha, e eu me entrego ao seu toque. "Me diga, Rory."

"Ambos", respondo sinceramente. "Mas... mas você disse que só queria ser amigo."

"Eu queria ser sua amiga. Eu *sou* sua amiga. Mas, *vamos lá*, Rory, é claro que eu quero você."

"Não entendo", admito.

Sam suspira. "Eu tinha acabado de te conhecer, sabe? Eu não queria nem não queria nada em particular, eu só sabia que sentia uma... sei lá, conexão, e precisava te conhecer melhor. Então, quando me ofereci para dar uma caminhada e você deixou bem claro que não estava interessada em, bem, *transar comigo à beira do lago*, mas presumi que você se referia a qualquer tipo de relacionamento romântico, entendi que só poderíamos ser amigos."

"Então, aceitei o que pude, Ror, pode me culpar? E você já me lembrou várias vezes desde então que somos apenas amigos. Na verdade, toda vez que eu começava a ter esperança de algo mais, você me lembrava. No banheiro com a Chelsea, até na sexta passada, quando você descobriu que eu jogava futebol. *'Somos os mesmos de sempre, Sayum, amigos'",* ele diz arrastando as palavras, imitando o Rory, com um leve sorriso irônico.

Solto uma risada curta.

"Então, qual é a sua, Ror?" Sam pergunta novamente, com sua voz grave e profunda, como cascalho. Eu estremeço, apesar do calor que sinto agora por causa de sua proximidade. "Somos apenas amigos... ou algo mais?"

Não lhe respondo com palavras. Em vez disso, meus braços, possivelmente por vontade própria, deslizam ao redor de seu pescoço e eu me ergo na ponta dos pés e pressiono meus lábios contra os dele. Eu praticamente, literalmente, me atiro sobre ele.

Mas ele me pega.

Seus dedos se agarram aos meus cabelos e seus lábios se movem em sincronia com os meus. Não esperava o alívio que sinto em seus braços, com minha boca contra a dele. É como se eu tivesse estado inquieta o tempo todo, flutuando sozinha e desesperada em algum lugar no espaço, e agora, finalmente, com sua confissão de que também me quer, e a confirmação do seu beijo, estou de volta em terra firme. Sam é minha âncora.

Seus braços me envolvem pela cintura e me puxam contra ele, e eu gemo ao sentir seu corpo rijo contra minhas curvas suaves e discretas. Sam puxa meu lábio superior entre os seus e o suga, e eu gemo novamente, tão excitada que nem sinto vergonha.

"Rory," ele sussurra meu nome na minha boca e me beija com ainda mais intensidade.

Sua língua desliza entre meus lábios e eu não hesito, acaricio-a com a minha e aprofundo ainda mais o beijo.

Nossos lábios e línguas estão molhados, deslizando e se chocando uns contra os outros. Estou no paraíso, mas quero mais. Ele nos leva de volta ao sofá

antes mesmo que eu perceba que estamos nos movendo, e se senta, me puxando junto. Subo em seu colo e me sento a cavalo sobre ele, sem deixar nenhum espaço entre nossos corpos.

Minhas mãos deslizam por seus braços, explorando os músculos tensos de seus bíceps e ombros. Sua força e poder não me assustam, não, eles me excitam. Meus dedos percorrem a nuca dele e puxam seus cabelos, fazendo-o gemer novamente.

O desejo latente dentro de mim explode até que eu esteja desesperada e ofegante entre os beijos. As mãos de Sam exploram meu corpo por conta própria, percorrendo minhas costas e logo abaixo da barra da minha blusa. Elas sentem minha lombar, seus polegares vagando pelos meus quadris, incluindo minha cicatriz, que de alguma forma não o repele. Suspiro contra seus lábios e então movo meus quadris contra ele completamente involuntariamente. Posso sentir que, sim, ele me deseja, e a prova disso está pressionando contra mim exatamente no lugar certo. *Meu Deus, que sensação boa.*

"Porra, Ror," ele geme, e então se move novamente, levantando-me e rolando até que eu esteja de costas com ele pairando sobre mim, tomando cuidado para apoiar a maior parte do seu peso nos antebraços.

Mas minhas pernas se enrolam em sua cintura e o puxam para perto de mim.

Meus dedos encontram a barra da camisa dele e a levantam. Sam se afasta o suficiente para que eu consiga puxá-la por cima da cabeça e a jogo no chão ao nosso lado. Dedico um instante — apenas um instante — para percorrer seu corpo com os olhos. Seu físico é excepcional. Cada músculo perfeitamente delineado, e me pego pensando que gostaria de beijá-lo por todo o corpo. Robin estava em ótima forma, mas Sam... ele é perfeito. Não tenho dúvidas de que Sam venceria numa luta, e mesmo sabendo que isso nunca acontecerá — que eu jamais desejaria que acontecesse —, de uma forma quase primitiva, o pensamento me agrada profundamente.

Passo a mão do pescoço dele, descendo pelo peito musculoso e traçando as linhas entre cada parte definida do seu abdômen sarado. Observo como cada músculo se contrai de forma sensual ao meu toque.

Então ele volta a descer, ficando bem perto de mim, e sua mão sobe firmemente pela minha lateral, levantando minha blusa enquanto sobe, parando abaixo do meu sutiã. Seu polegar roça minha barriga, que sobe e desce dramaticamente a cada respiração profunda e ofegante que eu dou.

Os lábios de Sam voltam a encontrar os meus, beijando e sugando, até que ele distribui beijos pequenos e doces pela minha mandíbula e desce pelo meu pescoço. Minha cabeça se inclina para trás enquanto sua boca e língua exploram delicadamente a coluna do meu pescoço, um ponto secreto logo abaixo da minha orelha, e a cavidade sensível da minha garganta. É como se ele soubesse exatamente onde eu quero sua boca, e ele está feliz em me satisfazer.

Nunca me senti tão desejada. E não é só o meu corpo, não, há uma emoção profunda nos olhos de Sam, uma reverência em seu toque, até mesmo em seu beijo. Eu consigo sentir. Sei que ele se importa comigo, ele já disse isso, mas pela primeira vez, me pergunto se talvez seja algo mais do que isso.

"Você é tão linda", Sam sussurra antes de seus lábios encontrarem os meus

mais uma vez. "Tão perfeita." *Beijo* . "Eu penso em você", *beijo, beijo,* "o tempo todo", ele confessa.

Suspiro novamente.

Nunca me senti tão emocionada com palavras. *Ele pensa em mim.* Não consigo acreditar.

"Eu..." Começo a admitir que também penso demais nele, mas sou surpreendida por uma batida na porta.

Sam franze a testa enquanto olha para a porta, ainda deitado sobre mim, onde eu desesperadamente quero que ele fique. Talvez com menos roupas entre nós. Pressiono meus dedos na dobra entre suas sobrancelhas; é tão incrivelmente macia. Ele se vira para mim e estreita os olhos, com um sorriso de canto. Se ele vai me provocar sobre minha fascinação pela dobra de sua sobrancelha, eu o interrompo.

"Você está esperando alguém?" pergunto, tomando cuidado para manter minha voz abaixo de um sussurro.

Ele balança a cabeça. "Provavelmente é só arrumação. Eles vão embora", decide, e então volta a me beijar.

Toc, toc.

"Vai embora!" Sam grita entre beijos.

"Vamos lá, Capitão! Seu telefone está desligado! Deixe-me entrar!" Tucker grita através da porta fechada. Sam recua, com os olhos arregalados de surpresa, certamente refletindo os meus.

"O que ele está fazendo aqui?", sussurro, e Sam dá de ombros. Olho para o relógio na mesinha de cabeceira, que marca quase meio-dia.

"Cap!" Tuck grita novamente.

"Um minuto!" Sam responde. Ele sai de cima de mim e eu lamento a perda do seu peso. Sento-me e puxo minha blusa para baixo para cobrir minha barriga novamente.

"Você fica incrivelmente incrível de cueca", murmura Sam com um sorriso irônico, e eu dou um tapa no braço dele, soltando uma risadinha. Tuck bate na porta de novo.

"Espere um minuto, por favor?!" Sam grita novamente, passando os dedos pelos cabelos. Eu agarro minha saia e começo a procurar minha bolsa.

"Coloquei sua bolsa na mesa de cabeceira", Sam sussurra, e eu corro para o quarto e a pego.

"O que eu faço?" pergunto a ele, completamente perturbada. Sei que não consigo lidar com o fato de Tuck me encontrar aqui, agora, com as roupas de ontem, sem falar da cueca do Sam. Não, não consigo lidar com o olhar cúmplice, nem com as provocações vulgares. Encaro Sam, desesperada por uma orientação, e ele parece preocupado comigo, como sempre.

"Está tudo bem, Ror. Pedi para destrancarem a porta ao lado esta manhã."

Solto um suspiro audível de alívio e começo a caminhar em direção ao meu quarto, grata por Sam ter tido a precaução de me dar acesso a ele. Ele é como Cam nesse aspecto. Sempre pensando à frente, sempre pensando em mim e nas minhas necessidades.

Sam segura minha mão quando passo e me puxa de volta para perto dele antes que eu consiga escapar. "Isso", ele gesticula entre nossos corpos, "não

acabou", diz ele significativamente.

Assinto com a cabeça, impotente. É difícil me concentrar com ele sem camisa bem na minha frente.

Ele solta minha mão e eu continuo em direção ao meu quarto, olhando para trás para Sam e rindo baixinho quando ele se ajeita dentro da calça jeans. Abro as duas portas silenciosamente e, como esperado, estão destrancadas. Fecho-as cuidadosamente atrás de mim e me encosto na minha.

Puta merda, aquilo foi intenso.

Nunca senti tanta luxúria.

Nunca senti *um amor assim.*

Dou um pulo quando percebo que consigo ouvir através da parede do quarto de hotel.

"Cara, que *porra é essa?* O que demorou tanto?", pergunta Tuck, exasperado, com a voz mal abafada pela parede entre nós.

"Acabei de sair do chuveiro", responde Sam com naturalidade.

Não devo dar ouvidos. Ouvir conversas alheias é um hábito terrível. Minha mãe sempre disse isso.

Eu faço isso de qualquer maneira.

"Seu cabelo não está molhado", observa Tuck.

"Você precisava de alguma coisa?"

Ouço um suspiro de exasperação. "Cara, o Carl está me deixando louco!"

Sam dá uma risadinha. "Acho que o sentimento é recíproco."

"Caaaapppp," Tuck resmunga.

"O que você quer que eu faça a respeito?", pergunta ele, com ar condescendente, como se estivesse falando com uma criança.

"Não sei! Talvez eu peça para o Pine dar um jeito nela? Num minuto ela está toda carinhosa comigo e no outro me odeia. E às vezes ela fica toda carinhosa comigo mesmo quando me odeia, e eu não sei o que diabos fazer!" Tuck está tão frustrado com seu relacionamento — se é que podemos chamar assim — quanto todos nós, aparentemente.

"Você tentou conversar com ela sobre isso?", pergunta Sam, racionalmente.

"Claro que não, o que eu deveria dizer? Pare de ser uma louca?"

"Eu não sugeriria essas palavras exatas, não. Mas talvez, só talvez, se você admitir para ela que se importa com ela como algo mais do que uma parceira sexual, isso possa ajudar a situação", sugere Sam.

"Eu disse a ela que ela é minha ficante favorita!" Tuck diz isso como se fosse uma declaração de emoção sincera.

"Mais uma vez, não são as palavras que eu teria sugerido", responde Sam. "Bem, talvez eu esteja enganado. É só isso que ela significa para você? Porque não me parece, e eu te conheço há muito tempo, Tuck."

Ouço um longo suspiro dramático. "Não posso contar a ela, Cap", suas palavras agora mal se ouvem através da parede.

"Por que diabos não?" Agora é Sam quem está exasperado.

"Bem, eu não sei", murmura Tuck sarcasticamente, "por que você não diz para a Pine que está completamente a fim dela e que essa história de 'só amigos' é uma piada?"

"Cara, o que acontece entre mim e a Rory é problema meu e da Rory.

Cuide da sua própria vida."

"Você está perguntando sobre mim e Carl!"

"Ei. Você praticamente arrombou minha porta pedindo conselhos sobre o Carl, não o contrário", Sam o lembra, e Tuck praticamente rosna de frustração.

"Tanto faz, a gente conversa sobre isso depois, no jantar dos rapazes. Todo mundo já deve estar lá na piscina, preciso ir antes que o Carl me acuse de estar atrasado porque estava pegando alguma vadia no saguão ou algo assim", ele resmunga.

Sam ri. "Talvez ela não se sentisse tão insegura se você se referisse a ela como algo mais do que sua 'ficante favorita'", sugere ele.

"Tanto faz, Capitão, tô ferrado. Acabei de sair de casa há quinze minutos e já tô morrendo de saudade."

Bem, essas podem ser as palavras mais doces que já ouvi saírem da boca de Tuck.

"Talvez seja esse tipo de coisa que ela gostaria de ouvir", sugere Sam. *Muito bem, Sam.*

"Sim, porque as garotas sempre gostam de vaginas."

Sam dá uma risadinha e eu me arrependo vagamente de não poder contar a Carl sobre essa conversa, já que estou ouvindo às escondidas e repeti-la seria uma traição a Sam. Pelo menos Sam está pressionando Tuck para que ele se abra sobre seus sentimentos, que é exatamente o que tenho feito com Carl. Também tento não me sentir eufórica pelo fato de Tuck ter dito que Sam está *completamente a fim* de mim e Sam não ter negado. Por um instante, me pergunto se ele sabe que estou ouvindo.

"E por falar em covardes, eu e a Kendall fizemos uma aposta para o intervalo. Ela diz que você finalmente vai tomar coragem e ficar com o Pine, e eu digo que você continua sendo só um covarde, seu covarde do caralho, então continue choramingando, eu apostei cem dólares nisso e-"

" *Pelo amor de Deus* , Tuck, você pode calar a boca sobre isso de uma vez por todas?", responde Sam, irritado, e agora Tuck ri.

Eu nunca consegui entender direito como os homens se relacionam. Eles são melhores amigos, e o jeito que o Tuck encontrou para incentivar o Sam a me paquerar é chamá-lo de *baita covarde* . Ou talvez para não me paquerar, já que ele apostou dinheiro que ele não vai fazer isso, aparentemente. Quem diria que a Kendall seria uma aliada minha?

"Certo, entendi, ela é só sua *amiga* de quem você fala a cada cinco minutos. *A Rory disse isso hoje, a Rory fez aquilo ontem... Desculpa, Tucker, eu não posso sair com aquelas vadias gostosas da faculdade, mas eu tenho que dar aulas particulares de matemática para a Rory ...*"

" *Meu Deus* , cala a boca! Para de projetar seus problemas com o Carl em mim!"

Tuck ri de novo e eu dou um pulo quando ouço seus passos, antes de me lembrar que estou escondida no meu quarto. "Tanto faz, você vem?", ele pergunta.

"Já vou descer", respondeu ele.

"E aí, falando em Pine, o Carl tá preocupado porque ela não atende o telefone e ela tava bem bêbada ontem à noite, você tá..."

"Ela está bem."

Silêncio.

"Eu fui ver como ela estava esta manhã", explica Sam, e eu sei que se consigo perceber a hesitação em sua voz, certamente seu melhor amigo também consegue.

"Aposto que sim", Tuck provoca, e ouço a porta abrir e fechar, depois seus passos passam pela minha porta a caminho do elevador.

Dou um pulo quando alguém bate na porta em que estou encostado. "Ror?"

Droga , não quero que o Sam saiba que eu estava aqui ouvindo. Entro na ponta dos pés no banheiro, abro a torneira e começo a escovar os dentes. Sam bate de novo, então volto e abro a porta, com a boca cheia de escova de dentes, esperando que pareça que estive no banheiro me lavando o tempo todo.

"Você está bem?", ele pergunta, olhando para mim com desconfiança.

Assenti com a cabeça e me virei para voltar ao banheiro para cuspir e enxaguar a boca. Sam se apoiou no batente da porta do banheiro.

"Então você estava... escovando os dentes?", ele pergunta, com os olhos semicerrados e cheios de divertimento. Ele já sacou tudo.

Assinto com a cabeça, grata por o copo de enxágue esconder minha mordida no lábio — meu sinal inconfundível. Sou uma péssima mentirosa, sempre fui.

Sam ri e balança a cabeça, e eu fico aliviada por ele achar minha mentirinha fofa e não ofensiva. "Todo mundo está lá embaixo na piscina. Estão nos esperando."

"Hum, tudo bem. Só preciso tomar banho e me trocar. Acho que te encontro lá embaixo", ofereci.

"Por que você precisa tomar banho para ir à praia?", ele pergunta, intrigado. Eu passo por ele enquanto saio do banheiro e começo a procurar minha roupa de praia no meio das minhas roupas.

"Caso você tenha se esquecido, vomitei um pouco ontem à noite. Acho que preciso de um banho."

Sam sorri. "Não me esqueci de nada da noite passada", diz ele, com intensidade. Seu olhar exerce um poder mágico sobre mim, e meu sangue ferve em sua presença.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Você precisa ir. Você está me distraindo demais", digo, empurrando-o pelo peito para que ele vá em direção à porta da suíte. Não tenho força suficiente para movê-lo se ele não quiser, mas ele acaba cedendo a contragosto, caminhando lentamente para trás com um meio sorriso irônico.

De repente, o braço de Sam me envolve pela cintura e me puxa para perto dele. Solto um suspiro de surpresa quando ele estende a mão e roça o polegar logo abaixo do meu lábio inferior. Ele o afasta e o lambe.

Nossa, que calor! *Por que está tão quente?*

"Pasta de dente", ele murmura. Eu apenas o encaro e engulo em seco, ansiosa.

Ele percebe como me afeta, e eu percebo que isso o agrada. Ele dá aquele sorrisinho presunçoso que anda dando sempre que me comporto como uma boba apaixonada e, então, me dá um beijo simples e casto nos lábios.

"Eu espero por você", ele diz simplesmente, e então me vira e me dá um leve empurrão em direção ao banheiro para eu tomar banho.

CAPÍTULO VINTE E UM

Dias de hoje

Tomo um banho demorado, processando os acontecimentos da manhã. Não consigo acreditar que Sam e eu estamos juntos. Claro, ainda nem sei o que isso significa. Não sei se ele só quer ser amigo e ficar com outras pessoas, ou se quer tentar um relacionamento, e, sinceramente, não tenho certeza se sou capaz de um. E, claro, ainda tem a regra dele de *não namorar no ensino médio* .

Tudo o que sei é que não somos mais "apenas amigos". Somos *algo mais* . E pela primeira vez em muito tempo, me permito desfrutar de algo que nunca pensei que voltaria a ter – algo que só vislumbrei vagamente nos últimos dias.

Ter esperança.

Sorrio enquanto visto o único biquíni que tenho, graças ao Carl. Visto meus shorts curtos e uma regata preta e bato na porta que liga meu quarto ao do Sam antes que eu possa sair e trocar de roupa para um maiô. Abro a porta do meu lado e vejo que Sam nem sequer fechou a dele.

Ele está ali parado, de bermuda cinza e regata preta, e é quase como se combinássemos, só que ele está incrível. Seu cabelo, um pouco comprido demais e bagunçado, está jogado para trás por óculos de sol de armação fina, e eu suspiro ao perceber quanta atenção ele vai atrair com aqueles braços definidos à mostra para todos verem.

Quando nossos olhares se cruzam, percebo que o olhar dele está intenso, algo que eu não esperava.

"Esses shorts são muito curtos", murmura ele, quase em tom de desaprovação.

Franzi a testa. Ele tem razão. Eu devia ir me trocar. *Meu Deus, o que eu estava pensando? E eu estou usando um biquíni!*

Sam se aproxima e se inclina para me olhar nos olhos. "Você não parece estar pedindo nada, Ror, então pare de surtar. Você está linda. Sempre está. Se cobrir mais não vai mudar isso. Então relaxe e vamos nos divertir com nossos amigos, ok?", diz ele cautelosamente.

Não tenho certeza se concordo, mas aceno com a cabeça mesmo assim e jogo minha bolsa de praia sobre o ombro enquanto ele pega minha mão e me conduz para fora da porta.

"Ei, você se importa?", pergunta ele, levando a mão ao bolso para pegar o celular e a chave do quarto. "Já que você está com uma bolsa? Sei que vou esquecer e pular na piscina com ela."

Eu rio e abro a sacola para ele jogar as coisas dele. Sam solta minha mão e passa o braço casualmente em volta da minha cintura, e eu reprimo um suspiro. Fico pensando se será assim daqui para frente – se poderei estar em seus braços sempre que quiser.

O que acontece o tempo todo.

****

Estamos sozinhos no elevador quando ele me encurrala no canto. "Você sabe o que dizer se alguma vez se sentir desconfortável, não é?", ele pergunta suavemente.

Eu aceno com a cabeça. Conheço nossa palavra de segurança. Mas meu desconforto não tem nada a ver com medo e sim com meu desejo insaciável. Sam afasta meu cabelo do meu ombro, inclina-se e começa a beijar meu pescoço.

Oh meu Deus.

Viro a cabeça para lhe dar melhor acesso e ele sorri contra a minha pele. "Você está com um cheiro diferente", observa ele, roçando o focinho no meu cabelo.

"Huh?"

"Você geralmente tem cheiro de mel e baunilha", ele murmura enquanto distribui beijinhos pelo meu queixo.

"Sabe a que eu *cheiro* ?", pergunto, incrédula. Mel e baunilha é o cheiro do meu condicionador em casa. Embora eu não saiba por que estou tão surpresa, Deus sabe que eu sei a que ele cheira. E ele cheira muito bem.

Sam acena com a cabeça e eu sinto isso mais do que vejo.

"Eu... usei o condicionador do hotel", explico, e ele não responde, apenas começa a mordiscar minha orelha.

Nossa Senhora , que quente!

Ding.

As portas se abrem e Sam se afasta, mas não muito, e eu fico mais uma vez atordoada quando três homens, presumivelmente outros estudantes em férias de primavera, entram no elevador e me olham descaradamente. Engulo em seco, nervosa, enquanto o braço de Sam me puxa possessivamente para perto dele e ele os encara com raiva. E eu agradeço.

"Só dando uma olhada, mano, sem problemas", diz um deles, com as mãos erguidas e as palmas voltadas para a frente, num gesto de pacifismo.

"Procure em outro lugar", responde Sam calmamente.

O estranho ri. "Não precisa bancar o territorial, cara. Se você não quer outros caras olhando para a sua namorada, talvez devesse arranjar uma menos bonita e definitivamente não deveria tê-la trazido para Miami nas férias de primavera", ele diz arrastando as palavras. *Como ele já está bêbado?* Mal é uma da tarde.

Sam manobra sutilmente para que eu seja empurrado para trás dele, contra o canto do elevador. "E se você não quiser levar uma surra, é melhor procurar. Em outro lugar", diz ele suavemente, mas de uma forma completamente ameaçadora.

O elevador toca mais uma vez, indicando que chegamos ao saguão, e Sam, sem desviar o olhar do estranho, me guia para fora e começa a me puxar pelo saguão em direção à entrada da área da piscina. Ele ainda está completamente tenso.

"Sam, está tudo bem", murmuro, e ele finalmente olha para mim, seu olhar suavizando. Seu passo diminui, ficando ao meu lado e sem me puxar mais. Ele solta minha mão e passa o braço em volta dos meus ombros, beijando meu cabelo docemente.

"Ele tinha razão, sabia? Seria mais fácil fazer os caras pararem de olhar para você se você não fosse tão gostosa", ele murmura.

Eu rio. Adoro que ele pense assim de mim, depois de tanto tempo em que

tive certeza de que ele nem sequer se sentia atraído por mim. "Mas talvez *você* não me queira", respondo, tentando imitar seu sorriso característico.

"Não seja ridículo."

****

Nos juntamos aos outros perto da piscina, e embora não seja tão estranho Sam estar com o braço em volta de mim de um jeito amigável, Carl ainda percebe e me lança um sorrisinho discreto. Reviro os olhos, desdém. Tuck está sentada atrás dela em uma espreguiçadeira, passando protetor solar nos ombros.

"Hum, vocês dois aparecendo juntos, que interessante", diz Dave, arrastando as palavras.

"Quieto, Dave", murmura Sam, gesticulando para que eu me sente na poltrona ao lado de Carl, antes de me acomodar na que fica ao meu lado.

Aparentemente, Lily está dormindo ao lado da cadeira de Tuck e Carl, e Tina e Andrew estão na piscina.

"Ei, Rory", ela grita da água, e eu lhe dou um pequeno aceno.

"Droga, Tuck, cresça!" Carl repreende quando as mãos de Tuck começam a deslizar para os lados de seus seios.

"Ei, eu não quero que essas belezinhas queimem", ele responde.

"Que te importa? Não é como se você fosse tocá-las de qualquer maneira se continuar agindo como um idiota", Carl cospe as palavras e Tuck se joga dramaticamente na espreguiçadeira, irritado.

"Informação demais, vocês dois. Se organizem", murmura Sam.

"Como vocês dois fizeram?" Dave provoca, apontando para mim e para Sam. Coro intensamente. "Interessante que a última vez que vi vocês dois, estavam entrando cambaleando num táxi juntos e agora aparecem aqui juntos. Isso me faz pensar..."

"Não se empolgue muito, Dave. O Capitão estava sozinho no quarto do hotel esta manhã, então tenho quase certeza de que o único lugar onde ele tocou no Pine foi nos sonhos dele", informa Tuck ao grupo. Eu cubro o rosto com o braço, como se pudesse me esconder dos idiotas que são os amigos do Sam.

"Vocês dois são uns idiotas", murmurou Sam, ignorando ambos.

"É sério?", concorda Carl. "Você quer um pouco de óleo bronzeador, Rory?"

Tiro o braço dos olhos e balanço a cabeça. "Não, obrigada, está quente. Alguém quer ir até o mar?" pergunto. Sempre preferi o mar à piscina. Algo na água salgada e nas infinitas qualidades do oceano me faz sentir que meus problemas não são tão importantes quanto parecem. Como se eu fosse apenas um pequeno ponto em um mundo imenso.

"Eu topo", murmura Sam, e eu mordo o lábio para conter o sorriso.

Tiro minha regata pela cabeça e me levanto para me livrar do short. Imagino Sam beijando meu pescoço no elevador para me distrair do nervosismo por nossos amigos me verem de biquíni, embora a verdade seja que Carl e Lily estão usando apenas alguns pedaços de tecido presos por fios finos, então não me sinto tão constrangida. Olho para baixo e vejo que Sam tirou a camisa, mas parece não estar fazendo nenhum movimento para se juntar a mim.

"Você vem?", pergunto.

"Sim, Rory. Pode ir na frente, eu já vou atrás", ele murmura. Franzo a testa,

confusa, mas pego minha toalha e começo a caminhar em direção à beira da piscina mesmo assim.

Quando olho para trás, Sam ainda está sentado e, apesar de agora estar usando óculos de sol, tenho plena consciência de que ele está me observando enquanto me afasto.

Ele só me mandou fazer isso para poder ficar olhando para a minha bunda?

É normal eu me sentir lisonjeado em vez de indignado?

Reviro os olhos e continuo caminhando até o calçadão que liga o resort à praia e espero por Sam lá, onde nossos amigos não podem nos ver.

"Buuu!" grito quando ele chega ao calçadão e ele dá um pulo de susto, mas se recupera rapidamente e me abraça pela cintura, me puxando para perto. Ele me beija com força e rapidez antes de se afastar para me guiar pelos degraus até a praia.

"Você é uma criaturinha astuta, não é?", ele murmura.

Eu rio. " *Eu?* Não fui eu que mandei você andar na minha frente para eu ficar olhando para a sua bunda", provoco, e Sam dá um sorrisinho de canto.

"Não me dei conta de que fui tão óbvio, Ror. Tentarei ser mais sutil da próxima vez."

"Da próxima vez... é só pedir", respondo da forma mais sedutora que consigo, completamente fora do meu normal, e então jogo minha toalha na areia e corro em direção às ondas. Mas Sam é mais rápido do que eu e me alcança antes que eu chegue à beira-mar. Dou uma risadinha enquanto ele me abraça. Suas mãos percorrem minhas costas, e vagamente penso que ele vai apalpar minha bunda. Também tenho quase certeza de que não pretendo impedi-lo, mas, em vez disso, suas mãos pousam na parte de trás das minhas coxas, e de repente ele me levanta e me joga por cima do ombro.

Eu grito e dou um tapa na bunda dele, mas ele só ri e entra na água preguiçosamente. Ah, droga, ele vai me jogar na água. Eu sou do tipo que se acostuma aos poucos, definitivamente não sou de pular de uma vez e levar o choque, mas quero ser uma boa esportista, principalmente porque o Sam parece estar de melhor humor depois que aquela estranha do elevador o irritou.

Me preparo para o arremesso, mas, em vez disso, Sam me desliza, tortuosamente devagar, pela frente do seu corpo. E sinto cada centímetro dele contra o meu.

Puta merda.

Nem sequer noto a água gelada, embora estejamos com água até à cintura. Não sinto nada, menos frio.

"Oi", diz Sam suavemente, olhando para mim.

"Oi", respondo timidamente. *Por que estou tão tímida de repente com ele, se há poucos minutos eu estava brincando com ele sobre ter olhado para a minha bunda?*

Ele pega minha mão e me guia para o fundo da água até que ela chegue à altura do meu peito e da cintura dele. Suas mãos percorrem meus quadris, minhas costas, minha barriga, demorando-se na cicatriz de um centímetro que aparece por cima da parte de baixo do meu biquíni. Eu estremeço, e não tem nada a ver com o frio. Sinto minha respiração acelerar e fico ali parada, olhando

para ele por entre os cílios, esperando. Esperando o quê? Não faço a menor ideia. Não sei o que espero que ele faça *aqui.*

Sam se inclina lentamente, e eu observo seus olhos percorrerem o ambiente rapidamente, presumivelmente para garantir que nossos amigos não estejam à vista, e então, finalmente, sua boca se aproxima da minha. Ele puxa meu lábio inferior e eu gemo, e então pressiona sua testa contra a minha.

" *Meu Deus* , Ror, chega desses barulhinhos sensuais. Não em público. Você está me *matando* ", ele murmura.

"Então vamos voltar para dentro", sussurro, e Sam se afasta para me olhar com os olhos semicerrados, como se estivesse me avaliando.

"Você é uma encrenqueira", decide ele, e então mergulha repentinamente na água, emergindo a pelo menos um metro e meio de distância.

Resmungo para mim mesma, mas quando meus olhos veem Tuck e Carl brincando na água rasa, com Tina e Andrew os seguindo da praia, eu entendo.

"Tudo bem, você venceu, vamos nos juntar a eles", grito para Sam e começo a caminhar em direção aos nossos amigos.

"Eu... preciso de um minuto", responde ele em tom acusador, e então acena para que eu continue.

Eu rio, mas, sinceramente, saber que ele se sente atraído por mim, que eu posso influenciá-lo, é uma sensação inebriante.

****

Ficamos um tempo na água. Agora estamos deitados na areia. Tuck e Carl estão se dando bem por enquanto, e ele se senta atrás dela com os braços em volta da cintura. Sam se deita na minha toalha e eu me deito de costas, perpendicular a ele, e apoio a cabeça em seu abdômen perfeito. O ritmo lento da sua respiração está começando a me embalar para dormir, e eu não posso dormir na praia com medo de ter um pesadelo. Me sento.

"Quem está com fome?", pergunto.

"Nossa, definitivamente não eu. Ainda estou satisfeito com o brunch", respondeu Carl. Acho que todos comeram antes de descermos esta tarde.

"Vamos lá, princesa, eu quero comida", argumenta Tuck. Descobri que ele começou a chamá-la de "princesa" inicialmente para provocá-la, já que a família dela é rica, embora a de Tuck e praticamente a de todos os seus amigos também sejam, mas parece que o termo evoluiu para um carinhoso. No entanto, dependendo do tom de voz dele, geralmente dá para perceber se eles estão se dando bem ou não.

Sam se levanta. "Vamos lá, vamos tomar uns smoothies", decide ele. Isso parece perfeito.

Juntamos nossas coisas, vestimos nossas saídas de praia de novo — ou, no meu caso, só o short — e voltamos para a área de descanso perto da piscina. Juntamos algumas mesas e cadeiras para acomodar nosso grupo. Sam me pergunta o que eu quero e eu digo para ele me surpreender. Qualquer smoothie de frutas vai ser perfeito para mim, então ele não tem como errar. Enquanto os meninos vão buscar as bebidas, Carl, Tina, Lily e eu ficamos conversando sobre elas. Percebo que Carl está louca para perguntar sobre Sam e eu, mas ela não teria coragem de perguntar na frente de mais ninguém, nem mesmo da Tina.

Sam me traz um smoothie de morango com banana e eu começo a

bebericar. É a primeira coisa substancial que como o dia todo e já são quase quatro da tarde. Eu comeria uma refeição de verdade, mas temos reserva para jantar às nove e, se eu ceder à fome agora, vou estragar o apetite. Hoje à noite, os meninos e as meninas vão jantar separados. É coisa de férias de primavera, para fortalecer os laços. É estranho como tantos de nós acabamos formando casais — até o Marshall e a Sarah estão flertando loucamente. Será que o Luke e a Lisa serão os próximos?

Embora eu não tenha certeza se Sam e eu estamos realmente namorando ou apenas explorando "algo mais" do qual ele falou.

Tenho medo de acabar magoada, mas isso já era inevitável desde que comecei a me apaixonar por ele. Pelo menos agora posso ter alguma chance de felicidade temporária antes de sofrer a inevitável desilusão amorosa.

"Então, vamos nos encontrar todos no bar depois do jantar?", pergunta Andrew.

"Sim, por volta das onze horas", confirma Carl.

"E aí, Ror, como está seu smoothie?", pergunta Sam baixinho.

Eu aceno com a cabeça e sorrio. É realmente muito bom.

"Ha, *Ror* , você a chama assim porque é isso que ela te faz fazer quando você transa com ela? Ha! *Roar!* Entendeu?" Dave dá uma gargalhada estrondosa, como o macaco que é, e eu respiro fundo, tentando fingir que ninguém acabou de mencionar que eu *transo com* ela.

Dez, nove, oito-

Minha contagem mental é interrompida quando Sam pula por cima da mesa — derrubando uma cadeira vazia no processo — agarra Dave pela camisa, o arrasta da cadeira e o empurra contra a parede atrás dele. Bruscamente.

"Eu te disse para mostrar um pouco de respeito por ela, porra!" Sam rosna.

"Boné", diz Tuck em tom de aviso.

"Cara, eu tava só brincando. Ela sabe levar na esportiva!", diz Dave em sua defesa, visivelmente irritado, quase assustado.

"Capitão, ele entendeu", Tuck tenta intervir novamente.

Sam cerra o maxilar, morde o lábio, e então vejo seu punho se fechar e seu braço se inclinar para trás...

"Sam!" Eu grito.

Ele congela. Sua mão fechada em punho abre, depois fecha e, em seguida, cai inerte ao lado do corpo. Ele respira fundo, audivelmente.

"Você *vai* tomar cuidado com o jeito que fala dela", diz ele simplesmente, e de alguma forma — embora sua voz não estivesse elevada — as palavras implicam uma ameaça séria. Ao seu *amigo.*

Sam se vira e se afasta da área da piscina, voltando em direção ao saguão do hotel. Eu me levanto para ir atrás dele, mas Carl segura meu braço para me impedir. Tento me soltar.

"Rory, dê a ele só alguns minutos, está bem?", ela diz gentilmente.

"Só vou me certificar de que ele está bem", murmuro e tento me virar e sair novamente, mas ela não cede.

"Ele está bem. Deixe-o se acalmar." Então, em um tom bem mais baixo, ela acrescenta: "Olha, o Capitão tem problemas de raiva, ele costumava se meter em muitas brigas. Não tanto ultimamente, mas... se ele estiver com raiva, deixe-o se

acalmar."

"Mas-"

"Rory, eu prometo que ele está bem. Ele só precisa ficar sozinho por um tempo. Ele vai voltar. Confie em mim", Tuck me assegura. Hesitante, sento-me novamente, franzindo profundamente a testa.

É só deixá-lo em paz? Quando ele está chateado?

Não, isso não me parece certo.

Levanto-me novamente e, com a guarda de Carl baixa, consigo me afastar. Sei que ela está me encarando com raiva, mas ninguém vem atrás de mim, então não devem estar muito preocupados com a raiva de Sam.

Sigo direto para o elevador, sem perceber que não trouxe minha bolsa nem minha camisa. Há outra pessoa no elevador comigo, e só depois me dou conta de que era um dos caras que estava com aquele idiota desconhecido que irritou o Sam mais cedo. Ele não tinha dito muita coisa naquela ocasião.

Ele me olha de cima a baixo e eu o ignoro, fingindo não notar.

"Cadê o bonitão? Seu namoradinho machão te deixou sozinha?", ele provoca. Tento disfarçar o susto e a ansiedade que sinto. O Rory de antigamente provavelmente murmuraria que ele não é meu namorado e talvez se encolhesse num canto. Mas eu já fiz várias aulas de defesa pessoal e não hesitaria em dar uma joelhada nos testículos desse perdedor. Ele nem veria chegar.

"Vai se foder", rosnei em vez disso.

"Opa, temos um aqui", ele tenta persuadir, "Putz. Acho que ele não te ensinou a controlar a sua boca quando fala com homens."

"Não. Mas ele me ensinou como alguns homens tratam as mulheres. E eu sei como lidar com esses homens. Então, a menos que você queira ver como uma louca reage quando está encurralada, sugiro que você vá *se foder.* " Digo com cautela.

O único namorado que já tive me ensinou como alguns homens tratam as garotas. E por causa disso, eu fiz os cursos. As sobrancelhas do perdedor se erguem na testa. Ele só esperava me intimidar um pouco e depois ir embora. E não é como se ele fosse bater em uma adolescente em um elevador público que também tem uma câmera.

Ding.

O elevador chega ao andar dele, e com uma carranca, mas sem dizer mais nada, ele se vira e sai da cabine. Respiro fundo, aliviada, quando as portas se fecham novamente e o elevador começa a subir. Eu não tinha me dado conta de quão ansiosa eu estava. Mas não surtei. Não entrei em pânico. Fui forte.

E eu sei quem me ajudou a ser assim. Quem me deu essa confiança. Quem me confortou quando eu estava chateada. E agora *ele está* chateado, e todos querem que eu o deixe em paz?

De jeito nenhum.

Saio do hotel e vou direto para o quarto do Sam. Sei como é querer ficar sozinho, e o quarto do hotel é o único lugar onde ele pode ficar sozinho aqui em Miami.

Eu bato e espero.

Bata na porta e espere.

E bata.

E bata.

E espere.

Depois de bater na porta por cinco minutos, vou até o meu quarto, ao lado, agradecido por ter a chave no bolso do meu short. Abro a porta que dá para o quarto dele. A porta do lado dele está fechada, mas quando giro a maçaneta, vejo que não está trancada.

Eu entro. Claro *que* entro.

"Sam?" pergunto, hesitante.

Olho para a minha direita, onde ficam a sala de estar e a cozinha.

Vazio.

Dou alguns passos na direção oposta, onde fica a porta do quarto, e digo o nome dele novamente.

Volto pelo outro lado e noto que as portas de correr que dão para a varanda estão abertas. Entro por elas com cautela.

Sam está encostado no parapeito, olhando pensativamente para o oceano, de costas para mim. "Sam", digo timidamente, com medo de estar me intrometendo. Ele não se vira.

"Desculpe por isso, Rory . Só preciso de alguns minutos, está bem?", diz ele cautelosamente.

"Sim, tudo bem", murmuro. Quase volto para dentro para dar privacidade ao Sam, já que ele parece preferir isso à minha companhia agora, mas volto depois de um momento, precisando dizer apenas uma coisinha rápida... "Mas... não pare de me chamar de 'Ror' só por causa de um comentário idiota que o Dave fez, tá bom?"

Então Sam se vira para mim, e em vez de recuar, dou outro passo hesitante em sua direção. "Me irritou que ele tenha dito aquilo sobre você... Aquele idiota no elevador também me irritou", ele murmura.

Eu concordo com a cabeça. "Eu sei. Mas você sabe que o Dave é só um idiota. Que ele não tem más intenções, certo?", digo gentilmente.

Sam me encara por um instante e depois acena lentamente com a cabeça, apenas uma vez. "Quase o atingi", diz ele, tão baixinho que mal consigo ouvi-lo.

"Mas você não fez isso", lembro-lhe.

Sam respira fundo. "Mas eu queria... Eu não sou diferente *dele.* "

"Do que quem?" pergunto, embora já saiba o que ele quer dizer. Sam me encara.

A verdade é que não importa a quem ele se refira. Seu pai, Robin, são todos iguais. Canalhas que se sentem mais poderosos às custas de outras pessoas, mais vulneráveis.

"Sam, você não é *nada* parecido com ele. Então você ficou irritado e quis bater em alguém? Isso acontece com todo mundo. Você não *fez* isso", lembro-lhe novamente.

"Mas *eu queria* ", ele repete. Cubro o resto do espaço que nos separa. Estendo a mão e acaricio seu queixo, sentindo o leve arranhão de sua barba por fazer, e depois de um instante ele visivelmente se acalma.

"Mas você *não fez isso* ", repito. "Violência é uma escolha. Como sobrevivência, lembra? Todo mundo tem esses impulsos quando fica com raiva, assim como temos o impulso de desistir quando estamos, sabe, sofrendo. Você

fez a escolha certa, Sam. Você é um bom homem. Nada parecido com *ele* ", asseguro-lhe com firmeza. "Eu sei a diferença, Sam, acredite em mim", acrescento mais suavemente. Odeio que ele esteja se culpando por algo que ele mesmo se impediu de fazer.

Ele pressiona minha mão com mais firmeza contra sua bochecha e se vira para o meu toque antes de depositar um beijo suave na palma da minha mão. Sua outra mão desliza pela linha do meu queixo, antes de seus dedos acariciarem meus cabelos bagunçados pela praia. "Desculpe por ter exagerado."

Eu balanço a cabeça negativamente. "Não se desculpe comigo. Você não me fez nada. Você só estava sendo protetor e, sinceramente, sou grata. Por muito tempo eu precisei disso e não tive. Mas Dave não é uma ameaça para nenhum de nós, você sabe disso."

Sam acena com a cabeça. "Eu sei. Você tem razão. Claro que você tem razão."

"A culpa é minha por ter despejado todos os meus problemas em você mais cedo. Isso te abalou, me desculpe. Estou tão acostumada com isso que esqueço o quão louco tudo foi e-"

"Pare com isso, Ror. Nunca se arrependa de falar comigo. Eu *quero* que você fale comigo", ele insiste, sua mão ainda acariciando meus cabelos enquanto me olha fixamente. *Meu Deus, ele é lindo.* Seus olhos azuis como a noite transbordam emoção, seus lábios entreabertos. É impossível manter o foco, ele é simplesmente lindo demais para o próprio bem. Ou para o meu.

"E eu quero que você... me beije", sussurro.

E ele faz.

Meu Deus , ele faz isso mesmo. Não é um beijo doce e delicado. É um beijo voraz, que consome tudo. É como se ele estivesse se contendo o tempo todo, e agora essa contenção finalmente se rompeu. Suas mãos deslizam pelos meus cabelos, pela minha nuca e pelas minhas costas, os polegares roçando minha barriga nua.

Sua língua invade minha boca e eu a acolho, acariciando-a descaradamente com a minha. Nossos lábios se unem num encontro desesperado — é como se estivéssemos tentando nos aprisionar um no outro — e eu simplesmente não consigo me fartar desse homem. Puxo seus cabelos um pouco compridos demais, adorando a sensação dos meus dedos deslizando pela sua espessura sedosa. Sam geme em resposta — *ele também adora.*

De repente, suas mãos deixam minhas costas e agarram a parte de trás das minhas coxas, alinhando nossos corpos de forma perfeita enquanto ele guia minhas pernas ao redor dele. Enlaço meus tornozelos na sua lombar e retribuo o beijo com igual fervor.

Tenho uma vaga noção de que estamos nos movendo pela suíte e Sam abre a porta do quarto com tanta força que ela bate contra a parede oposta. Não sinto medo, estou tão impaciente quanto ele. Me preparo para ser jogada na cama, mas Sam não faz isso. Em vez disso, ele me deita delicadamente de costas, completamente fora de sintonia com a intensidade do beijo. Agarro às cegas a barra de sua regata e a puxo por cima de sua cabeça. Ele se afasta para me ajudar, respirando pesadamente.

"Tem certeza disso, Ror?", ele pergunta suavemente.

Assinto com firmeza. Nunca tive tanta certeza de nada na minha vida. Meu corpo está em chamas. O desejo que fervilhava dentro de mim agora arde em chamas, e nunca me senti tão desesperada, tão lasciva e tão desavergonhada.

"Você sabe o que dizer se mudar de ideia?"

Eu aceno com a cabeça novamente.

"Diga. Diga a palavra", ele exige, suas mãos acariciando minhas laterais e meu estômago, enquanto meu peito sobe e desce dramaticamente com minha respiração acelerada.

" *Cálculo* ", eu respiro.

Sam sorri com aprovação, os olhos semicerrados e envoltos em desejo. Ele me observa por um instante como se eu fosse um banquete delicioso que ele anseia devorar, e então, como se não pudesse esperar nem mais um segundo, retoma o beijo. Seus lábios roçam meu queixo e começam a percorrer meu pescoço.

"Ai, meu Deus", eu suspiro. Sinto o sorriso dele contra a minha pele.

"Só para você saber", ele sussurra bem no meu ouvido, "'pare', 'não', ou qualquer outra variação também serve. A qualquer hora, não importa o que aconteça, tá bom, meu bem?"

Suspiro apaixonadamente. Só para mim seria tão incrivelmente excitante lembrar que posso dizer para ele parar.

Mas não tenho nenhuma intenção de fazer isso.

E esse carinho. *Meu bem* . Ele nunca me chamou assim antes. Ninguém nunca chamou. E, *meu Deus,* como eu quero ser o *bebê dele.*

Sam começa a me beijar na clavícula, e suas mãos começam a percorrer meus seios, apertando-os suavemente.

"Acho que você usou esse maiô para me atormentar", ele rosna, passando a mão pelas costas para puxar o nó. "Para me castigar por ter impedido isso ontem à noite."

Eu rio, e ele puxa a parte de cima do top e a joga para longe. Seus lábios sussurram beijos pelo meu esterno e entre meus seios, antes de levar um deles à boca e sugar levemente. Minha cabeça pende para trás e meus olhos se fecham.

Não consigo controlar o gemido que escapa dos meus lábios. Nunca me senti bem quando Robin fazia isso. Quando ele *me obrigava* a deixá-lo fazer. Mas, *meu Deus,* como é bom agora. Como se meu peito tivesse uma conexão secreta direto com o meu âmago. Abro os olhos e encontro Sam me observando atentamente, catalogando cada reação minha. Solto um suspiro quando sua mão desliza entre minhas pernas, por cima do meu short.

Oh, Deus.

Meus quadris se movem em ritmo com a mão dele, como se tivessem vida própria. A outra mão desabotoa o botão e abaixa o zíper. E então sua mão some e eu solto um gemido de frustração. Sam sorri de canto enquanto, lenta e tortuosamente, tira meu short, e agora estou nua, exceto pela parte de baixo do biquíni.

"Tão linda", Sam sussurra enquanto seu olhar percorre meu corpo. Ele se inclina e pressiona os lábios contra minha barriga.

Puta merda.

Minhas costas se arqueiam sozinhas, em direção à boca dele. Ele beija o

topo da minha cicatriz.

"Você não faz ideia de quanto eu pensei nisso, meu bem." Sinto sua respiração quente contra a minha pele e, de alguma forma, é tão erótica quanto seu toque.

"Ai, meu Deus, Sam, *por favor* ", imploro, sem ter a mínima ideia do porquê.

Estou praticamente me contorcendo, toda a sensação concentrada nos nervos entre minhas pernas, onde nunca desejei ninguém, mas onde agora o desejo desesperadamente. Nunca imaginei que pudesse me sentir assim, tão carente. Estou sofrendo, e sei que Sam pode resolver isso, me dar o que preciso, mesmo que eu não saiba exatamente o quê.

De repente, ele recua um pouco — não muito, apenas o suficiente para ficar na altura do meu rosto. Ele parece confuso, como se estivesse ponderando algo.

"Rory... você já teve um orgasmo antes, não é?" ele pergunta gentilmente.

Eu o encaro, piscando os olhos, mortificada.

"Ele já te fez gozar? Antes de piorar, quero dizer? Você já se gozou sozinha?" O tom dele é suave e doce, como se ele estivesse tentando não me constranger, mas receio que agora isso seja impossível.

"Eu... eu não tenho certeza", sussurro. Sam apenas me encara por um instante antes que eu perceba o que, sem dúvida, é um brilho travesso em seus olhos.

"Ah, *querida* , se você não tem certeza, é porque ainda não fez, acredite em mim", ele me informa.

Não sei o que dizer, então não digo nada. Sam me beija na boca com renovada urgência e, em seguida, desliza os lábios pelo meu pescoço, lambendo e chupando enquanto desce. Ele tira a parte de baixo do meu biquíni e a joga para o lado.

Ele me olha de cima a baixo. " *Linda pra caralho",* sussurra, admirado. Ele abaixa o calção de banho e o joga junto com o resto das nossas roupas até que estejamos completamente nus. Agora é a minha vez de admirá-lo, e, *meu Deus, ele é* lindo. Tem músculos definidos e bronzeados, tão tensos de desejo quanto os meus.

Cada centímetro dele é perfeito. Eu o quero dentro de mim. Nunca quis isso. Nunca. E, percebo, ele é maior que Robin, tanto em comprimento quanto em grossura, e sei o quanto isso irritaria Robin, e o pensamento me dá um prazer profundo. Deixo escapar uma risadinha antes que eu possa me conter e Sam interrompe seus beijos reverentes no meu pescoço e clavícula.

"Sabe, gatinha, risadas não são exatamente o que um cara quer ouvir quando uma garota o vê nu pela primeira vez", ele provoca.

Eu rio novamente. "Desculpe..." Tudo isso é tão estranho para mim. Sexo sempre foi algo que me faziam , não algo que eu fazia *com* alguém.

"O que foi, Ror? Vamos lá, estamos nus, definitivamente não é hora de ficar tímido comigo", ele insiste, e eu rio novamente.

"É que... você é... muito maior que *ele* ", explico, sem ter certeza se o que estou dizendo é apropriado. Os olhos de Sam se arregalam em surpresa, e então ele dá um sorriso malicioso.

" *É* exatamente isso que um homem quer ouvir", murmura ele, retomando o trabalho de sua boca.

Ele beija o caminho entre meus seios, mergulhando a língua no meu umbigo, e eu gemo novamente. Ele beija minha cicatriz.

"Você é perfeita pra caralho", ele rosna, e seus lábios se movem para a parte interna das minhas coxas. Dou uma aliviada por ter feito depilação para essas férias.

" *Sam...* " Seu nome surge como um apelo, e, mais uma vez, tenho certeza de que ele sabe do que eu preciso agora mais do que eu mesma.

"Você confia em mim, meu bem?", ele pergunta, olhando para mim por entre minhas pernas. Eu aceno com a cabeça desesperadamente, e ele me beija *ali.*

Um beijo quente, molhado e de boca aberta.

"Sam!" Eu grito, e ele começa a concentrar a língua em um ponto sensível antes de lentamente inserir dois dedos em mim e movê-los em círculos. Eu esfrego meus quadris contra ele, tomada por um desejo insaciável.

"Porra, Ror, você é tão *gostoso",* ele rosna contra mim.

Disparo como um foguete, a cabeça jogada para trás e a boca aberta, um prazer ensurdecedor irradiando de onde ele me toca por todo o meu corpo. Tenho certeza de que vejo estrelas e arqueio as costas sem pensar, gemendo sem pudor enquanto o movimento de Sam diminui, mas não para. Ofego como se tivesse acabado de correr uma maratona. *Puta merda, era* isso *que eu estava perdendo?*

Agora eu sei o que ele quis dizer. Não há como ter dúvidas sobre *isso.*

Sinto a ausência dos seus dedos, e da sua boca, e quando finalmente abro os olhos, Sam está pairando sobre mim, olhando para mim com o peso apoiado no cotovelo, nossos corpos alinhados. Sinto seus dedos roçando delicadamente minha barriga.

"Oi", finalmente consigo dizer. Sam me oferece um sorriso presunçoso. Não o culpo. Ele tem todo o direito de se sentir presunçoso depois do que acabou de fazer comigo.

"Olá", ele responde antes de abocanhar minha boca com fervor.

Seu corpo se sobrepõe ao meu e sinto seu desejo pressionando contra mim. Envolvo minhas pernas em volta dele e o puxo com mais força contra mim, e Sam geme, mas se afasta como se ainda estivesse hesitante.

"Podemos esperar, Ror. Posso fazer *isso* de novo, se você quiser", ele oferece com um sorriso convencido. *Oh, Deus, como eu gostaria que ele fizesse isso de novo. E de novo.* Mas não, não é o suficiente, não é tudo o que eu quero agora, nem de longe.

"Não, Sam. Eu quero *você* ", sussurro com a voz embargada, e esfrego meus quadris contra os dele.

Ele solta um grunhido apaixonado e sua cabeça se inclina para trás. " *Porra.* " Quando seus olhos voltam a encontrar os meus, ele está preocupado, como se estivesse travando uma guerra interna. Mas eu não quero a preocupação dele, não agora.

"Sam, se eu não quisesse estar aqui com você agora, eu não estaria, entendeu?" Eu insisto. Consigo vê-lo me observando, sinto-o ponderando seu desejo contra a preocupação com os efeitos da violência de Robin. "Por favor, eu

preciso de você, Sam. *Dentro de mim* ."

Seus olhos se fecham com força. " *Deus*, Ror, se você continuar dizendo coisas assim , mal vou conseguir entrar em você, meu bem", ele rosna.

"Então não me faça perguntar de novo. Você realmente vai me fazer implorar depois do que aconteceu ontem à noite? Sabe que tenho mais biquínis como esse para te torturar", provoco, embora certamente não tenha. Mas sempre posso pegar um emprestado do Carl.

Sam salta da cama e meus olhos o seguem até a gaveta do criado-mudo. Ele pega um pacote de preservativos.

Não faz sentido, mas eu não quero que ele use. Não quero nada entre nós. Preciso que ele lave todas as vezes que Robin me pegou sem minha permissão e, irracionalmente, não tenho certeza se me sentiria da mesma forma se ele fizesse isso com camisinha.

"Eu tomo a pílula", murmuro. Sam congela e me olha com cautela. "E eles... fizeram um exame em mim no hospital. Depois... você sabe. Eu nunca estive com mais ninguém."

"Confio em você, Rory", ele responde simplesmente. "E só para você saber, eu nunca transei sem camisinha. Nem uma vez."

Eu aceno com a cabeça. Quando ele não faz nenhum movimento, arranco o pacote da mão dele e jogo no chão. Vejo um brilho intenso em seus olhos e ele imediatamente volta a ficar em cima de mim, me beijando fervorosamente.

Ele se posiciona, e embora eu saiba que não é verdade, parte de mim sente como se fosse a primeira vez. É a primeira vez que convido para isso, a primeira vez que peço a um homem para me possuir dessa maneira, e é um detalhe muito significativo para mim. Sam afasta o rosto apenas alguns centímetros para encontrar meu olhar, e vejo uma pergunta em seu olhar; ele está pedindo minha permissão mais uma vez. Eu a concedo sem dizer uma palavra.

Eu te amo.

Quero dizer essas palavras, mas sei que não consigo. Sei que provavelmente nunca conseguirei. Não tenho o direito nem de pensar nelas.

Sam me observa atentamente enquanto penetra lentamente em mim. Suspiro com a onda instantânea de prazer, a incrível sensação de ser preenchida por ele. Estava um pouco nervosa, com medo de que doesse. Sam é significativamente mais bem dotado que Robin, mas agora entendo que com Robin sempre doía porque era isso que ele queria.

Sam continua avançando e percebo que ele ainda não está completamente dentro de mim. Ele está se contendo, com medo de me empurrar muito rápido. Ele observa cada reação minha e eu levanto os quadris para incentivá-lo. Sam geme profundamente enquanto desliza para dentro. Figurativamente, e de alguma forma, também literalmente – porque com ele dentro de mim, sinto como se fosse aqui que ele deveria estar. *Em casa.*

Com ele completamente dentro de mim, ele para para me permitir me acostumar com sua agradável invasão. Estou ofegante, e mesmo tendo acabado de ter meu primeiro orgasmo, já o desejo desesperadamente novamente. Ele tem essa incrível capacidade de reacender cada grama de desejo e paixão que eu possa ter apenas com um olhar, e agora ele está fazendo muito mais do que me olhar.

"Você está bem, querida?" ele pergunta com a voz rouca. Eu levanto os quadris novamente, precisando de mais.

" *Deus,* sim, Sam. Por favor, *se mexa* ", imploro.

Sam recua timidamente e, em seguida, avança novamente. Gememos juntos. É uma sensação incrível. Eu nunca imaginei que pudesse ser assim e estou adorando. Estar tão conectada a ele fisicamente quanto me sinto emocionalmente. Mesmo sabendo que é quase sempre unilateral, sei que ele se importa comigo. E agora, vou aproveitar o que puder dele. Sei o quão problemática eu sou e sei que esta é provavelmente a coisa mais próxima que chegarei do amor verdadeiro.

Sam começa um ritmo. É suave em alguns momentos, mas completamente possessivo em outros, e eu, hesitante, começo a levantar os quadris para encontrar suas investidas. Ele me beija fervorosamente, a paixão emanando de todos os pontos de contato. Aperto minhas coxas ao redor dele. Ele está tão fundo, e não consigo evitar o pensamento de que quero ficar assim para sempre.

"Você é tão gostosa, Ror. Tão apertadinha, meu bem. Puta *merda* ", ele diz ofegante, a voz sensual, carregada de desejo. O ritmo dele acelera e eu sinto que ele está começando a perder o controle. E é exatamente isso que eu quero. Sam tão perdido para mim quanto eu para ele.

Eu gemo o nome dele, minha voz se misturando à dele, quase irreconhecível. Minhas mãos se enroscam em seus cabelos, puxando-os com força. Vagamente, me preocupo em estar machucando-o, mas tenho pouco controle sobre qualquer coisa que meu corpo esteja fazendo agora. Entreguei-me completamente a ele e ao meu próprio corpo, que de alguma forma sabe exatamente o que fazer.

Fecho os olhos e me entrego às sensações. Ao roçar dos seus quadris contra os meus, à sensação de tê-lo me preenchendo completamente, da sua boca na minha, na pele da minha garganta.

Sinto seus lábios se afastarem de mim, mas o resto dele não para, e eu me deleito com isso.

"Olha para mim, meu bem", ele sussurra.

Meus olhos se abrem de repente e me deparo com seus lindos olhos azuis-escuros, semicerrados e vidrados de desejo, a poucos centímetros dos meus, nossos rostos tão próximos que nossos narizes se tocam a cada movimento de nossos quadris.

Robin nunca me olhou assim. Seu rosto estava sempre enterrado em meu pescoço ou peito, e meus olhos sempre cerrados, minha mente em outro lugar, concentrando todos os esforços em reviver alguma outra lembrança, em algum tempo e lugar distantes. Exceto pela última vez, quando ele observou atentamente cada grama de terror e impotência estampada em meu rosto, parecendo se deleitar com isso.

Mas com Sam, estou aqui, agora, e sei que ele está aqui comigo, saboreando este momento.

Estamos ambos praticamente sem fôlego, nossas respirações se misturando, e é incrivelmente íntimo. Com a emoção em seus olhos, me permito fingir que ele também poderia me amar. Que isso é mais do que apenas sexo para ele. Porque eu sei que estou fazendo amor, e é a primeira vez que faço isso.

Meus dedos se agarram desesperadamente às suas costas, prendendo-o a mim, precisando sentir cada grama do seu peso me pressionando contra o colchão.

Nunca pensei que pudesse querer isso. Qualquer aspecto disso. Não depois de Robin.

Mas eu quero isso muito mais do que isso. Ele. Eu anseio por isso e estou saboreando cada momento.

"Você é tão linda, Rory", Sam sussurra entre gemidos e grunhidos sensuais... e palavrões murmurados. Sinto ondas de prazer a cada estocada e mal consigo pensar direito enquanto sinto meu clímax se aproximando novamente. " *Amor...* "

"Meu *Deus , Sam.* Vou gozar de novo. Preciso. É quase doloroso o quanto preciso, mas é uma dor boa, daquelas que só precedem o prazer mais alucinante. Gemei o nome dele e emitei outros sons carnais que nem consigo descrever, mas não tenho como evitar. Estou completamente entregue a ele."

Sam me beija profundamente de novo, e eu o sinto se mexer, suas mãos deslizando por baixo das minhas costas e se elevando. O ângulo muda e ele penetra em mim de uma forma incrivelmente mais profunda.

É tudo o que consigo suportar.

Eu grito o que deveria ser o nome dele, mas tenho certeza de que soa mais como o chamado de acasalamento de algum animal enquanto explodo ao seu redor, exponencialmente mais intensamente do que antes. Meus olhos se fecham e meus membros se apertam ao redor dele, prendendo-o a mim, dentro de mim, num aperto de ferro, minhas unhas arranhando inconscientemente suas costas. Eu grito, completamente fora de controle do meu corpo e da minha voz enquanto surfo em cada onda de prazer insano, que parecem continuar indefinidamente enquanto o tempo, de alguma forma, fica suspenso.

" *Porra! Rory,* " Sam geme, sua voz um murmúrio ofegante, enquanto penetra em mim mais duas vezes, com força e rapidez, antes de me seguir para o esquecimento.

Quando volto à realidade, Sam está como um peso morto sobre mim, ambos ofegantes. Ele roça o nariz suavemente no meu ombro enquanto traço as linhas de suas costas, ainda adorando a sensação de tê-lo sobre mim. Reprimo com força qualquer sentimento de vergonha pela minha perda de controle, pelos meus gemidos descarados e outros ruídos, e pelo grito carnal do seu nome.

As mãos de Sam deslizam por baixo de mim, e ele se afasta delicadamente antes de se virar de costas, me puxando consigo para que eu fique deitada sobre ele como um cobertor, com o rosto aconchegado na curva do seu pescoço. Respiro fundo, adorando o aroma com o qual me familiarizei tanto, agora misturado ao cheiro de sal do oceano e suor. Sam acaricia minhas costas levemente com a ponta dos dedos, e eu estremeço enquanto arrepios percorrem minha pele. Seu toque tem um efeito indescritível sobre mim.

"Você está bem, Ror?" ele pergunta suavemente. Eu aceno com a cabeça contra sua pele, os olhos ainda fechados, ainda meio em outro mundo - um mundo de puro prazer e amor que só Sam consegue despertar em mim.

"Hummm", é tudo o que consigo dizer.

Sam dá uma risadinha e beija meu cabelo. "Bom, então somos dois, meu

bem", diz ele.

Suspiro satisfeita. "Você nunca me chamou assim antes."

"Te chamei de quê?", ele pergunta. Levanto a cabeça o suficiente para olhá-lo, sem querer me afastar mais do que o necessário — sem saber se e quando terei outra oportunidade de estar tão perto dele.

" *Querida* ", lembro-lhe. Sam franze a testa, como se nem tivesse percebido que tinha dito isso, e ele já tinha dito isso muitas vezes.

"Hum, acho que eu te chamei assim mesmo. Não sei o que você está fazendo comigo, Ror, sinceramente, nunca chamei uma garota por um apelido carinhoso na minha vida", diz ele com uma risadinha.

"Gostei", admito timidamente. Sam sorri e sua mão imediatamente vai para a minha nuca, puxando-me para um beijo. Suspiro novamente.

Eu me ajeito um pouco para baixo e para o lado para que ele não precise suportar todo o meu peso, ficando meio deitada sobre o peito dele, com as pernas entrelaçadas, e ele continua passando as pontas dos dedos para cima e para baixo nas minhas costas.

Eu poderia ficar assim para sempre.

O pensamento é agridoce. Lembro-me de que tudo isso é temporário. Porque mesmo que ele pudesse corresponder aos meus sentimentos, não seria certo. Que tipo de pessoa eu seria se permitisse que o homem que amo se prendesse a uma situação tão deplorável?

Tudo por culpa de Robin.

Desejo de todo o coração poder voltar no tempo. Poder recuperar o que Robin me tirou. Que Sam tivesse sido meu primeiro filho.

Durante todo esse tempo, eu não fazia ideia de que o sexo pudesse ser assim — tão satisfatório, tanto física quanto emocionalmente. Fico pensando, sem muita convicção, se Sam sabe o quanto isso foi importante para mim. Eu *odeio* o Robin. Odeio-o com todas as minhas forças.

"Oh, meu bem, não", Sam sussurra, e seus nós dos dedos enxugam a lágrima que eu nem sabia que tinha caído. "O que foi?" Ele está extremamente ansioso, e eu sei que ele provavelmente pensa que estou arrependida do que acabamos de fazer.

Eu balanço a cabeça negativamente, sem mais explicações. "Estou bem", murmuro.

Sam se vira para que fiquemos lado a lado, frente a frente. Ele passa um braço por baixo do meu pescoço e o outro acaricia meu rosto, o polegar enxugando mais uma lágrima rebelde. Minha perna ainda está dobrada entre as dele, e nessa posição, com nossos olhares se encontrando e a poucos centímetros de distância, sei que não posso esconder nada dele.

"Por favor, me diga o que eu fiz", ele implora.

Meus olhos se arregalam em horror. Ele acha que fez algo para me fazer chorar, e eu não posso permitir que ele carregue a culpa quando não merece. Mas como posso dizer a um homem que gostaria que ele tivesse sido o primeiro a me desvirginar? Como posso dizer a ele que quero apagar todas as lembranças de Robin e substituir a lembrança da minha primeira vez pela de hoje? Admito que não sei muito sobre homens, ou pelo menos não sobre homens além do monstro que me destruiu, mas tenho quase certeza de que eles geralmente se apavoram só

de pensar na responsabilidade de tirar a virgindade de uma garota, mesmo que seja apenas figurativamente.

"Nada, Sam. É sério. É só que..." Minha voz vai diminuindo.

É só o quê? *É só que... você se importaria se eu fingisse que você foi meu primeiro? Bem, não é como se ele já não soubesse que eu sou louca...*

"Não é você, eu só estava pensando na Robin..." Sam empalidece, e eu percebo que não me expressei bem. "Quer dizer... eu só estava pensando que minha primeira vez deveria ter sido assim, só isso", explico da melhor forma que consigo. Sinto o corpo inteiro de Sam relaxar ao meu lado.

"Nada do que ele fez foi como as coisas deveriam ter sido para você, Ror. Eu gostaria que você nunca tivesse passado por nada disso", diz ele, intensamente.

Concordo com a cabeça. *Eu também.*

"Quem me dera tivesse sido eu", acrescenta ele em voz mais baixa, "você não faz ideia do quanto."

Eu o encaro, piscando os olhos. *"Sério?"*

Sam acena com a cabeça. "Sério?"

Franzi a testa. Estou impressionada com esse homem. "Eu não sabia que existiam caras como você."

Ele ri. "Não sou eu, Ror. Eu já te disse, é você quem está fazendo isso comigo. Acredite, normalmente só de *pensar* em dormir com uma virgem..." ele para de falar com um tremor dramático e eu dou uma risadinha. Quase solto um suspiro de espanto quando meus olhos voltam para os dele e os encontro completamente sóbrios. "Quem me dera poder desfazer o que ele fez."

"Foi meio que a primeira vez para mim", digo baixinho, ainda com medo de assustá-lo, mas, como sempre, inexplicavelmente compelida a ser honesta com ele. "Quer dizer, sabe, *consensual*. Eu nunca... eu..." Não sei como explicar sem revelar meus sentimentos por ele, então simplesmente falo sem parar, pateticamente.

Sam pressiona seus lábios contra os meus rapidamente. "Eu sei, meu bem", diz ele suavemente, e então sua testa se franze como se estivesse ponderando algo. "Sabe, se você quiser considerar isso como sua primeira vez, tudo bem para mim", diz ele significativamente, e eu o encaro, surpresa com sua compaixão por mim e pelo que eu passei.

Eu o beijo.

Eu o beijo com paixão. Sua mão livre segura meu rosto contra o dele e eu não consigo acreditar na sorte que tenho de tê-lo na minha vida, mesmo que acabemos sendo apenas amigos, mesmo que esse "algo mais" nunca possa ser o que eu gostaria que fosse.

Não consigo acreditar em como este dia se desenrolou. Acordei envolta em humilhação e rejeição, e agora estou aqui, completamente nua e em êxtase, contemplando o azul profundo da meia-noite que transformou minha vida em tão pouco tempo. Sam se vira de costas, me puxando para perto de si, e eu apoio a cabeça em seu peito.

Estou completamente exausta. Nunca imaginei que alguns orgasmos pudessem me deixar tão acabada. Claro, por que imaginaria, já que aparentemente nunca tinha tido um antes?

"Você fala muitos palavrões durante... você sabe", digo entre bocejos. Sam parece confuso.

"Será?" ele pergunta. Seus lábios se curvam num pequeno sorriso malicioso. "Sabe, você pode dizer 'sexo', não precisa ficar com vergonha, meu bem. Principalmente porque ainda estamos nus."

Eu o empurro no peito e solto uma risada.

"Bem, você quer saber como *você* soa durante *o sexo?* ", ele provoca.

"Deus me livre!" Nós dois rimos e eu cubro a boca dele com a mão, mas ele dá uma mordidinha de brincadeira.

Sam suspira. "Você soa — e parece — exatamente como todas as fantasias que eu já tive", admite. Duvido, mas ainda assim é bom ouvir isso.

"É sempre assim?", pergunto baixinho. Simplesmente não consigo acreditar que isso é tudo o que eu estava perdendo. Não consigo acreditar que é isso que todo mundo experimenta. Essa paixão arrebatadora, que muda a vida. Por que alguém faria qualquer *outra coisa?*

"Não."

Olho para ele, perplexa.

"Nunca é assim, Ror", diz ele significativamente, e embora eu não entenda exatamente o que ele quer dizer, permito-me acreditar que, de alguma forma, sou especial para ele. Que, mesmo sabendo que ele já fez o que acabamos de fazer muitas vezes e com muitas garotas diferentes, desta vez foi especial para ele.

Aconchego-me ao seu lado e seus braços me apertam. Abafo outro bocejo; estou realmente exausta. Simplesmente não consigo mais manter os olhos abertos e os deixo fechar.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Dias de hoje

Sam *me beija com fervor, meu corpo inteiro em chamas de desejo. Ele paira sobre mim, tocando-me em todos os lugares, menos onde realmente preciso, suas mãos percorrendo minha pele formigando.*

Eu te amo .

Penso nas palavras, porque sei que não consigo dizê-las em voz alta. Quero-o mais do que tudo, mas mesmo assim, ele não me aceita.

"Por favor", imploro, envolvendo minhas pernas em sua cintura, tentando puxá-lo para perto de mim, para que nossos corpos fiquem alinhados perfeitamente.

"Amor", ele geme, e eu amo esse som mais do que deveria. Levanto os quadris, mas ele ainda está fora do meu alcance.

"Oh, Deus, por favor!" imploro desesperadamente.

Finalmente, ele entra em mim lentamente, e eu grito de prazer triunfante.

Nossos quadris se movem juntos em perfeito ritmo.

Reunindo uma confiança que nem sabia que tinha, rolo de forma a ficar sentada a cavalo sobre ele, beijando-o com toda a minha alma. É tão bom assim *, penso, enquanto continuamos a nos mover juntos.*

"Ai, meu Deus!" eu grito.

"Ror!" implora Sam.

"Rory, acorde!"

Meus olhos se abrem de repente.

Foi apenas um sonho.

Estou ofegante, completamente excitada apesar de tudo ter acontecido apenas no meu subconsciente. Estou tão decepcionada por ter sido apenas um sonho que levo alguns instantes para me lembrar dos eventos que me levaram a adormecer, completamente nua, nos braços de Sam.

Ah, sim. O sexo incrível. Coro ao me lembrar, e depois novamente ao me lembrar do sonho.

Bem, isso é novidade.

Desde Robin, só tenho tido pesadelos, e *nunca* sonhei com sexo na minha vida, nunca. Quando finalmente encontro o olhar de Sam, percebo que ele está preocupado.

"Você está bem?", ele pergunta.

Assenti com a cabeça, mortificada, mesmo sabendo que ele não podia ler meus pensamentos.

"Você estava implorando de novo", ele murmura, visivelmente perturbado. Finalmente me dou conta de que ele acha que eu acabei de ter outro pesadelo.

"Estou bem", insisto, mas ele não se acalma. Claro que não — eu sempre insisto que estou bem, mesmo quando estou longe disso.

"Outro pesadelo?", pergunta ele, sombriamente.

"Hum... não, foi só um sonho", respondo sem me comprometer. Sam estreita os olhos para mim.

"Não me pareceu apenas um sonho", ele acusa, e eu sei que ele acha que

estou mentindo — tentando minimizar um pesadelo e rejeitando sua empatia. "Pensei que você tivesse dito que sempre os tem. Que você não tem sonhos regulares." Ele tem razão, eu disse isso a ele.

Dou de ombros. "Não. Quer dizer, eu não fiz isso. Mas acho que me enganei, porque foi só um sonho, Sam."

Ele franze a testa e balança a cabeça. "Mas você estava implorando, como antes. Você disse 'por favor', e 'Oh meu Deus', e..." sua voz falha.

Ergo as sobrancelhas, esperando que ele entenda. Agora estou bem consciente da nossa nudez e dos seus braços fortes ao meu redor. Não faço ideia de quanto tempo dormi, nem de quanto tempo faz que fizemos amor, mas deitada aqui na cama com ele, depois daquele sonho, está difícil resistir à tentação de subir em cima dele, exatamente como na minha fantasia subconsciente.

"Rory..."

"Sim?" Minha voz voltou a ficar ofegante.

"Será que eu estava nesse sonho por acaso?"

Mordo o lábio e olho para ele por entre os cílios. "Talvez."

Os dedos de Sam começam a percorrer minha lateral e ele se move para ficar por cima de mim. Ele me beija com fervor e eu suspiro. *É exatamente isso que eu queria* . E sinto que ele concorda plenamente comigo. Aliás, consigo sentir isso contra minha coxa. Empurro minha língua para dentro da boca dele e aprofundo o beijo, e ele retribui imediatamente. Suas mãos se tornam mais ousadas, moldando meus seios, enquanto seus lábios descem pelo meu pescoço, arrancando um gemido lascivo.

"Conte-me sobre esse sonho", ele insiste, afastando-se o suficiente para me olhar.

"É o primeiro sonho bom que tenho em mais de um ano", sussurro.

Sam sorri melancolicamente. "Que bom, Ror."

Eu concordo com a cabeça. "Eu também."

"Por que você acha que isso acontece?", pergunta ele, cautelosamente.

Eu rio. "Bem, considerando a natureza do sonho, acho que pode ter algo a ver com você", brinco.

"Sim?" ele pergunta esperançoso, e eu aceno com a cabeça. "Então, por que você não me conta um pouco mais sobre esse sonho?" Ele sorri de canto enquanto suas mãos retomam a exploração da minha pele quente.

"Hum..." Finjo pensar a respeito. "Não." Sam faz beicinho adoravelmente e eu sorrio de volta para ele. "Eu poderia... te *mostrar* ", ofereço em vez disso.

Seus olhos brilham enquanto eu o empurro no peito para que ele role para o lado e comece a realizar meu sonho.

A versão original é muito melhor.

****

Eu desabo sobre ele e recupero o fôlego, com o rosto enterrado em seu pescoço. Eu nunca tinha estado no comando antes, e embora estivesse um pouco insegura no início, Sam me guiou, e, *meu Deus,* ele certamente sabe o que está fazendo.

"Acho que descobri um novo passatempo favorito", diz Sam, arrastando as palavras enquanto recupera o fôlego.

Dou uma risadinha. "Tenho quase certeza de que sexo é o passatempo favorito de todo cara."

Sam solta uma risadinha curta. "Não é só sexo, querida, embora eu não vá mentir, sempre fui fã", diz ele com um sorriso malicioso, "É ver *você* se desmanchar debaixo de mim, ou em cima de mim, ou-"

"Sam!" Eu o interrompi e dei um tapinha de brincadeira no peito dele, mas não consegui conter outra risadinha.

Ele sorri. "Estou falando sério. É a coisa mais linda que eu já vi", responde, jogando a cabeça para trás no travesseiro com um suspiro.

Eu amo e odeio esses comentários incrivelmente românticos ao mesmo tempo. Fico pensando se ele diria essas coisas de forma tão imprudente se soubesse o que eu sinto por ele. Provavelmente não. Ele provavelmente sairia correndo na direção oposta.

"Não diga coisas assim", sussurro, tomando cuidado para esconder meu rosto em seu ombro.

"Por que não? É a verdade", retruca ele.

Suspiro, me afastando dele e me enfiando debaixo do edredom, de repente muito consciente da minha nudez. Sam se vira para mim, seus dedos roçando minha bochecha, seus olhos cautelosos. "Você não tem ideia do que você me faz", diz ele cuidadosamente, olhando-me atentamente.

"É mesmo? E o que é isso?" pergunto, arqueando uma sobrancelha. O canto da boca dele se curva num meio sorriso irônico.

"Você me faz sentir invencível pra caralho."

Eu caí na gargalhada. "Como diabos eu faço isso?", perguntei, ainda rindo. Sam se enfiou debaixo do edredom e se apoiou no cotovelo, olhando para mim.

"Bem, nós dois sabemos que você é a coisa mais linda que eu já vi-"

Abro a boca para argumentar, mas ele pressiona o dedo indicador contra meus lábios para me silenciar e continua.

"Você me conta coisas que não conta para mais ninguém. Eu *adoro* isso. Você me deixa te tocar, te abraçar, te segurar. Aí você me *beijou* ontem à noite. Foi incrível, mesmo você estando completamente bêbada. Só aquele beijo já teria valido a viagem inteira. Mas *agora* , você me deixa te fazer *gozar* . Eu te dei seu primeiro-"

" *Jesus* , Sam!" Tento impedi-lo, porque, embora cada palavra que ele diga seja verdade, ele está me *humilhando* . Ele não cede.

"Shhh, não interrompa", diz ele, antes de continuar como se nada tivesse acontecido. "Seu primeiro orgasmo." Ele lambe os lábios tão sutilmente que tenho certeza de que foi completamente inconsciente. "Ninguém pode tirar isso de mim, sabia? *E* ..." Ele faz uma pausa e seu sorriso se torna menos presunçoso e mais melancólico, "você me deixou acabar com seus pesadelos", diz ele em um sussurro.

Eu não digo nada. Ele disse. Ele afastou meus pesadelos, pelo menos enquanto me abraçou ontem à noite. E esta tarde também.

O sorriso dele se transforma num sorriso malicioso. "E não só isso, mas se bem me lembro, não foi só uma, mas..." ele morde o lábio e finge contar antes de levantar três dedos, contando quantas vezes me fez gozar. "E contando", acrescenta com um sorriso diabólico. Coro intensamente, mas não consigo evitar

rir.

"Sam, meu *Deus!* ", eu o repreendo, e seu sorriso irônico se alarga.

"Exatamente o que eu queria dizer", ele provoca. "E quando você diz isso quando está quase chegando lá, gatinha, eu *me sinto* um deus", ele arrasta as palavras enquanto se joga dramaticamente de volta no travesseiro, e eu fico dividida entre risinhos e uma humilhação extrema. Cubro o rosto com o antebraço, completamente incapaz de olhar para ele agora.

"Acho que você é meio que um Deus nesse aspecto", murmuro, apreciando seu ego naquele momento, feliz por agradá-lo depois de tudo que ele fez por mim. Ele afasta meu braço e vejo que se virou de lado, olhando para mim com os olhos arregalados.

"Em que sentido?", pergunta ele, animado, com um sorriso de orelha a orelha. Mordo o lábio, tentando esboçar um sorriso irônico.

"Na cama", digo, dando de ombros, com total indiferença.

Sam solta um rosnado e se inclina para me beijar profundamente, o que me deixa muito feliz por ter decidido entrar nessa brincadeira com ele e ser sincera em vez de me afogar em vergonha.

"Você sabe muito bem o que dizer para um cara, Ror. Me diz de novo o meu tamanho", ele pergunta em tom de brincadeira, e eu rio.

Nós nos beijamos, rimos e nos beijamos mais um pouco.

Não consigo acreditar o quão à vontade me sinto com o Sam. Nunca pensei que pudesse me sentir assim, com ninguém. Nem mesmo antes do Robin.

"Precisamos mesmo jantar em restaurantes separados hoje à noite?", resmungo, antes de perceber o quão possessiva isso deve ter soado.

"Hum... Podemos nos livrar dos nossos amigos... ficar aqui mesmo e pedir serviço de quarto", sugere Sam, afastando meu cabelo do meu ombro antes de pressionar cautelosamente os lábios contra minha clavícula. Sinto um arrepio na pele. *Como ele sabe encontrar esses pontos secretos?* Meus dedos deslizam pelos seus cabelos por conta própria.

"Isso parece ótimo", murmurei timidamente, sem ter certeza se ele estava falando sério, mas a ideia de passar a noite da mesma forma que passamos a tarde é irresistível. O sorriso de Sam me disse que ele não estava brincando.

"Diga a palavra, Ror, e eu mando uma mensagem para o Tuck agora mesmo e invento uma desculpa."

Mordo o lábio, ponderando sobre isso.

"Se nós dois inventarmos desculpas para dar um bolo neles, eles vão perceber que tem alguma coisa rolando, Sam", respondo, sem me dar ao trabalho de disfarçar minha decepção. "Eles vão achar que nós dois estamos..." Minha voz some. *Vão achar que estamos o quê? Ficando? Algo mais? Eu* nem sei o que estamos fazendo.

"Tenho uma novidade para você, querida: eles já sabem. Tenho quase certeza de que sabiam antes mesmo de nós", responde Sam, com naturalidade.

Eu gemo. Detesto a ideia de alguém saber da minha vida pessoal, especialmente algo tão privado e íntimo quanto ter relações sexuais com o Sam. Não é como se eles pensassem que estamos apenas nos beijando. A lembrança ainda vívida de xingamentos pichados na minha entrada de casa me vem à mente sem ser convidada e eu me encolho.

"Vamos lá, Ror", ele diz gentilmente, "mesmo que eles ainda não tenham percebido que algo está acontecendo, não é como se pudéssemos esconder isso indefinidamente, certo? Quer dizer, eu não posso simplesmente *deixar* de te beijar agora que sei o quão incrivelmente gostosa é a sua boca." Ele se inclina e prova seu ponto, que quando ele está perto de mim, eu quero seus lábios nos meus com a mesma intensidade.

Tuck e Carl estão tecnicamente apenas ficando, e é tão provável que demonstrem afeto em público quanto qualquer casal de verdade, embora também seja bastante provável que se envolvam em discussões acaloradas. Por que eu deveria resistir aos mesmos sentimentos por Sam?

E quem eu quero enganar? A Carl já sabe de alguma coisa — desde o começo. E a verdade é que eu não sei se não gostaria de contar para ela pessoalmente. Estou tão confusa, preciso conversar com alguém, e além do próprio Sam, a Carl é a melhor amiga que eu tenho.

Suspiro. "É, você tem razão", murmuro, e Sam sorri triunfante.

"Então isso significa que você vai me deixar te beijar em público, ou que vai abandonar nossos amigos para se trancar em um quarto de hotel comigo esta noite?", ele pergunta, com os olhos arregalados e expectantes.

"Hum... Não sei. Talvez os dois, talvez nenhum", digo, dando de ombros. Tenho uma vaga noção de que, no ano passado, ficar trancada num quarto de hotel com meu namorado era meu maior medo, e agora...

Ele não é seu namorado, Rory!

Eu me encolho ao me lembrar disso. Não, ele definitivamente não é.

Mas o que ele é? O que somos nós? Eu não pergunto a ele. Não consigo. Sei o suficiente sobre caras como ele para entender que, neste momento, provavelmente somos apenas amigos que incorporaram algum tipo de "benefícios" ao relacionamento, e pedir que ele nos defina provavelmente arruinaria tudo. Embora Sam não seja exatamente como esses caras — ele não é como *nenhum* outro cara, na verdade. Mas, mesmo assim, não posso arriscar. Porque, como ele disse, pelo menos para mim, ele é um deus, com o poder de acalmar meus pesadelos e fazer meu corpo vibrar. Sem mencionar meu coração.

"Vamos lá, podemos pedir um filme, você escolhe", ele tenta me convencer, como se um filme fosse remotamente tão atraente quanto o que fizemos esta tarde.

"O serviço de quarto oferece sorvete de café?", pergunto. Sam sorri.

"Aposto que sim, e se não, peço para alguém ir comprar para você, combinado?", ele pergunta esperançoso. Finjo que estou pensando a respeito.

"Está bem, então", concordo.

Sou recompensada com outro beijo, e me permito me entregar a ele, a ele.

Somos despertados bruscamente por batidas na porta. Sam geme e sai da cama, pegando uma cueca boxer da gaveta que eu tinha vasculhado na noite anterior e vestindo-a enquanto caminha até a porta. Eu o sigo, vestindo a camisa que ele usava esta manhã e a parte de baixo do meu biquíni. Ele olha pelo olho mágico e dá de ombros.

"Não tem ninguém aí", diz ele. Eu o encaro, perplexa.

Toc, toc.

Putz! É a minha porta.

"Esse é o seu quarto, Ror. Provavelmente é a equipe de limpeza, por que você não os deixa entrar? Fique aqui enquanto eles limpam", ele sugere.

Entro silenciosamente pelas portas adjacentes e estou prestes a abrir a minha quando decido espiar pelo olho mágico. Dou um pulo para trás.

Toc, toc, toc!

Volto correndo para perto de Sam, tomando cuidado para não fazer barulho.

"É o Carl!" sussurro em voz alta. Os olhos de Sam se arregalam.

"Rory! Acorda! Estou com seu telefone e preciso falar com você!" Carl grita através da porta.

"Ela e o Tuck têm uma péssima sincronia", resmunga Sam. Mordo o lábio para abafar uma risadinha antes de ficar na ponta dos pés para beijá-lo.

"Preciso deixá-la entrar. Ela precisa conversar."

Sam faz beicinho dramaticamente, com o lábio inferior adoravelmente projetado para fora, então eu o beijo. "Já volto", sussurro, e me viro para voltar para o meu quarto. Sam me dá um tapinha na bunda.

"É melhor que seja mesmo, minha querida."

Eu praticamente desmaio. Adoro os apelidos carinhosos que ele usa. Nunca fui tão fã de termos carinhosos. Mesmo antes das coisas com o Robin piorarem, os "meu *bem* " e *"querida" que ele usava* nunca me pareceram tão sinceros, e definitivamente nunca me deram essa sensação.

"Roryyyy!" Carl resmunga através da porta.

Abro a porta de repente. " *Jesus* , Carl, eu estava dormindo!" Minto e mordo o lábio involuntariamente. Eu realmente dormi mais cedo, então digo a mim mesmo que não é bem uma mentira.

"Acorda, você precisa começar a se arrumar para o jantar logo, e eu preciso reclamar do Tuck", ela murmura. Eu a levo para sentar comigo no sofá da sala. Carl obviamente já tomou banho e secou seu elegante cabelo loiro, que ela alisou, embora não tenha se maquiado para esta noite. Ela está de calça de moletom e regata rosa, claramente em modo relax antes do que presumo ser mais uma noite agitada de férias de primavera. Ela me entrega minha bolsa de praia que eu havia esquecido quando corri atrás do Sam mais cedo.

"O que ele fez agora?", pergunto.

Carl suspira dramaticamente. "Eu não sei mais o que fazer com ele, Rory, juro. Depois da praia, voltamos para os nossos quartos para tomar banho e tal, e a Tina queria ver o Andrew, então eu fui com ela, mas o Tuck não estava lá. Então desci até o saguão pensando que ele estaria perto do bar ou da piscina ou algo assim, e uns caras bêbados começaram a falar comigo. Eram uns idiotas, começaram a dar em cima de mim de um jeito tão estúpido, e eu os ignorei, e quando me afastei, vi o Tuck perto da loja de presentes me olhando com uma cara feia, e ele veio até mim e começou a me acusar de estar procurando sexo casual! Com aqueles bêbados imbecis!"

Carl continua reclamando de como Tuck a criticou por ser uma "mulher independente" que não precisa de um homem, dizendo que ela se acha a durona e perguntando por que ele perde tempo ficando com "uma vadia que obviamente acha que merece coisa melhor". Ela está realmente chateada. Por um instante, me pergunto se os "babacas" que deram em cima dela no saguão são o mesmo

grupo que encontrei no elevador.

Mas Carl parece não perceber que as acusações de Tuck são apenas manifestações de suas inseguranças em relação ao relacionamento deles.

"Carl, sinceramente, vocês dois estão se enlouquecendo, e seus amigos também. Ele se importa com você, aliás, aposto que está com saudades agora. Acho que ele provavelmente está apaixonado por você, por isso fica tão desesperado quando te vê conversando com outros caras", explico.

"Eu estava dispensando todo mundo! Sabe, quando a gente começou a ficar, era *ele* que estava transando com outras pessoas, não comigo. Faz um ano que eu nem beijei outro cara!", ela argumenta.

"Será que ele sequer sabe disso?"

"Não. Quer dizer, eu não sei o que ele sabe, mas não divulguei isso. Iria assustá-lo."

"Ele não se assustaria, Carl, na verdade, acho que ficaria muito feliz em saber disso", respondi.

"É, porque os caras adoram quando as ficadas casuais deles se tornam grudentas e comprometidas", ela dispara sarcasticamente. Eu rio, não consigo evitar. Ela soa muito como o Tuck dizendo que as garotas não gostam de "covardes". Não consigo deixar de pensar que se o Carl fosse um pouco *grudento* e o Tuck agisse um pouco como um *covarde* , eles poderiam ser felizes juntos.

"Você acha que ele ficaria chateado se você conversasse com outros caras - mesmo que você só estivesse dispensando eles - se ele não quisesse nada mais sério com você? Honestamente, se fosse só um caso casual, por que você não teria permissão para conversar com quem quisesse?"

Carl suspira, e os olhos dela começam a brilhar. Ela está segurando as lágrimas, e é a vez em que a vi mais emocionada por si mesma. Já a vi se emocionar por amigos — até por mim —, mas nunca por algo da sua vida pessoal. Me aproximo dela e passo meu braço em volta dos seus ombros.

"Ele disse que sou a ficante favorita dele, Rory. Só isso. Ele podia ter dito o que quisesse, e foi isso que ele disse." Ela enxuga a bochecha antes que a lágrima caia demais. Eu a acaricio pelo braço, tentando confortá-la.

"E você disse a ele como se sente? Ou só repetiu as mesmas besteiras?"

"A mesma merda de sempre", ela sussurra.

Eu concordo com a cabeça. "Diga a ele como você se sente. Só diga. Vocês são dois jovens normais de dezoito anos. Não há motivo para não terem o que querem." *Ao contrário de mim,* penso tristemente. "Acho que ele te ama. Eu amo, e tenho quase certeza de que você sente o mesmo. E se não, o que você tem a perder? Vocês dois estão infelizes assim. Deveriam ficar juntos. De verdade."

Eu esperava que Carl discutisse, negasse que ela o amasse e insistisse que ela não podia dizer essas coisas a ele, mas ela não fez nada disso. Ela simplesmente ficou sentada por alguns instantes, assimilando minhas palavras. Espero sinceramente que eles consigam resolver isso. Que eles encontrem a felicidade.

Mais uma vez, penso em como odeio Robin por ter roubado essa oportunidade de mim, possivelmente para sempre. Por me tornar uma hipócrita. Porque, qualquer conselho que eu dê a Carl, eu mesma não consigo seguir. Não

consigo dizer a Sam como me sinto, porque mesmo que ele pudesse retribuir meu amor algum dia, quanto tempo isso duraria antes que eu surtasse de novo e o afastasse? Como eu seria capaz de ter um relacionamento normal? Preciso me lembrar disso constantemente, porque depois de uma tarde como a que acabei de ter, é fácil esquecer.

"Que bom que vamos jantar só de garotas hoje à noite", murmura Carl quando finalmente volta a falar, tentando se recompor. "Eu preciso de um tempo com as amigas para resolver essa situação. Antes de ver o Tuck mais tarde, claro."

Lá se foi minha noite trancada em um quarto de hotel com Sam.

Carl estreita os olhos para mim.

"Ei, o que aconteceu antes? Você encontrou o Capitão? Ele não estava atendendo as ligações do Tuck ou do Andy." Sinto um rubor subir à minha pele e me preocupo que minha amiga já me conheça bem o suficiente para perceber. Pego o celular da Sam na minha bolsa para explicar.

"Ele me pediu para guardar para ele mais cedo. Então, acho que você estava com ele", explico. O olhar de Carl não se desvia.

"Você não respondeu à minha pergunta. Você o encontrou? O que você esteve fazendo todo esse tempo? Só dormindo?" Suas perguntas soam como uma acusação, e tenho quase certeza de que era essa a intenção. Seus olhos percorrem meu corpo. "Rory... essa é a camisa do Capitão América?"

Ah Merda.

Meu rosto cora novamente com força total e mordo meu lábio inferior, pensando no que dizer a ela. Eu quero falar com ela. E confio nela. Sei que ela não repetirá nada do que eu lhe contar, nem mesmo para Tina; ela já provou isso inúmeras vezes.

"Eu o encontrei. Você tinha razão, ele estava bem, só precisava de um pouco de tempo", murmurei.

"E...?"

"E daí?" Eu me faço de desentendida.

"Aconteceu alguma coisa entre vocês dois ontem à noite? O Dave disse que você saiu do bar com ele, mas eu não dei muita importância porque vocês estão *sempre* juntos, mas agora você está toda corada, então...?"

"Eu o beijei", confesso. Os olhos de Carl se arregalam e suas sobrancelhas se elevam até a linha do cabelo.

"O *quê* ? Meu Deus, Rory! Eu apostaria minha vida que ele tomaria a iniciativa! Me conta *tudo* o que aconteceu ontem à noite!"

Respiro fundo. "Bem, na verdade, ele parou", explico. "Quer dizer, ele retribuiu o beijo no começo, mas depois parou. Ai, meu Deus, e aí eu passei mal! Vomitei em todo o banheiro dele!"

"Não!"

"Sim!" Cubro o rosto com as palmas das mãos e sou inundada de vergonha ao me lembrar disso.

"Meu Deus, não acredito que ele parou! Não faz sentido nenhum, eu tinha certeza de que ele estava completamente a fim de você. Quer dizer, eu sei que ele não curte muito namoro — é a regra dele e tudo mais — mas, sinceramente, achei que seria diferente com você", ela pondera abertamente sobre minha vida

pessoal. "No mínimo, eu tinha certeza de que ele ia aproveitar a chance de te levar para a cama!" Nós duas rimos. "O que ele fez quando você vomitou?"

Eu sorrio levemente. "Ele segurou meu cabelo e me ajudou a me limpar. E depois dormiu no sofá da suíte dele para poder 'ficar de olho' em mim."

"Ah, que fofo!", exclama Carl, entusiasmado.

"É", resmunguei, "mas essa não era a única parte dele que eu queria em mim."

Carl cai na gargalhada, e eu a sigo, rindo histericamente, meio que me perguntando de onde tinha vindo aquela minha confissão indecente.

"Pelo menos você finalmente admitiu! Mas ainda não consigo acreditar que ele te rejeitou. Não faz nenhum sentido."

"Esta manhã ele disse que foi porque eu estava bêbada. Disse que estava preocupado que eu me arrependesse", explico.

Carl acena com a cabeça, como se isso explicasse tudo. "E...?" ela insiste. Suspiro, preparando-me para revelar detalhes íntimos a uma amiga em quem confio, mas com quem só me reaproximei há alguns meses.

"Nós nos beijamos."

Carl grita. "Eu sabia, porra! *E...?!"*

"E foi inacreditável. Mas aí fomos interrompidos e descemos até a piscina para nos juntarmos a vocês-"

"Certo, quando o Capitão quase matou o Dave simplesmente por ele ser o Dave, sim, eu estava lá. E aí você foi atrás dele, e *depois* ...?" ela me incentiva a continuar. Ela sabe que tem mais. Ela me conhece bem.

"Eu o encontrei no quarto dele. Conversamos. E..." Suspiro, apoiando a cabeça no joelho dobrado. " *Meu Deus,* Carl, nós ficamos juntos. Foi *incrível* ", quase desmaio de novo ao pensar nele. Carl está com um sorriso enorme no rosto.

"Só para deixar claro, estamos falando de sexo, certo?"

Confirmo com um aceno de cabeça.

"Ai meu Deus, Rory! Ele é tão gostoso, aposto que foi incrível, foi incrível mesmo?", ela exclama, entusiasmada.

"Sinceramente, não tenho muita coisa com que comparar, mas... sim, ele é um Deus", confirmo, usando a mesma descrição que lhe dei, porque, francamente, é precisa.

"Puta merda. Se o Tucker soubesse o que estou imaginando agora..."

"Ei!"

"Desculpe", ela murmura timidamente, "mas você pode me culpar?"

"Sim!"

"Tudo bem, tanto faz. Ei, não foi sua primeira vez, foi?", ela pergunta.

"Não exatamente", respondo, minha voz pouco mais que um sussurro. Carl já viu minhas reações exageradas a toques acidentais, já me viu quase entrar em pânico em algumas ocasiões, mas ela não sabe os detalhes.

"Como assim? Você não pode ser meio virgem", ela diz gentilmente.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Não, eu não era virgem. Mas... com meu ex, foi diferente de com o Sam, só isso." Eu desisto. Uma parte de mim quer contar a ela sobre a Robin, mas a maior parte só quer esquecer.

Carl me observa. Não tenho certeza se ela está acreditando na minha

explicação. "Você acha que você e o Cap vão ficar juntos agora? Vocês conversaram sobre isso?", ela pergunta.

Eu balanço a cabeça. "Não, eu não sei o que ele quer, mas como você disse, ele não curte namoro. E eu não sou material para namoro mesmo", murmuro derrotada.

"Isso é ridículo, Rory", ela argumenta, e eu balanço a cabeça novamente, com seriedade.

"Vamos lá, Carl, você sabe que eu tenho problemas. Talvez você não saiba a história toda, mas você viu as cicatrizes, e você não viu nem metade. Nunca daria certo. Ele sabe que eu sou problemática, e ninguém ia querer isso, de verdade. E mesmo que quisesse, ele merece coisa melhor." Eu descrevo os fatos frios e impiedosos.

"Rory-"

Levanto a mão para impedi-la. Não preciso de clichês para me confundir ainda mais agora. "Não quero falar sobre isso, ok? Olha, eu conheço minhas limitações, e o Sam também. Não sei o que vai acontecer depois do término, só sei que estar com ele me faz feliz, e só quero aproveitar isso enquanto puder, sabe?"

Carl acena com a cabeça. "Entendo o que você está dizendo, Rory, e se você não quiser falar sobre isso, não vamos falar, mas, para constar, acho que você está errado."

Não respondo. Qual seria o sentido? Ela não sabe o quão problemática eu realmente sou, então não consegue entender por que Sam e eu nunca poderíamos ficar juntos, não de verdade, e só de discutir isso já está me causando uma dor insuportável. Depois de uma tarde tão maravilhosa, eu estava tão animada, e não quero que isso me desanime.

"Tudo bem, preciso tomar banho e me arrumar se formos sair", digo, tentando afastar a melancolia que ameaça tomar conta do meu humor. Carl olha para o relógio dela e se levanta de um pulo.

"Droga, vamos nos encontrar no saguão daqui a uma hora e eu nem comecei a me maquiar!", ela exclama.

Eu rio. Tenho que tomar banho, secar o cabelo e me vestir na mesma hora em que ela se preocupa em terminar a maquiagem. A verdade é que eu poderia estar pronta em vinte minutos.

Eu a acompanho até a saída e volto para a suíte de Sam para lhe dar a má notícia sobre esta noite, mas o jeito como ele está parado ali me encarando me faz pensar que ele talvez já saiba.

"Não tem serviço de quarto?", pergunta ele, fazendo beicinho em sinal de desaprovação.

Eu balanço a cabeça em sinal de confirmação. "Carl precisa de um tempo com as amigas e eu devo isso a ela, ela sempre está lá para mim", explico enquanto Sam diminui a distância entre nós e passa um braço em volta da minha cintura.

"Sim, eu sei", ele murmura, inclinando-se para beijar meu cabelo. "Mas eu não preciso ficar feliz com isso."

Eu rio. "De qualquer forma, vamos nos encontrar depois do jantar", ofereço como consolo, não sei ao certo para ele ou para mim mesma. "Espera aí, como

você sabia que nosso encontro em casa tinha sido cancelado?" Estreito os olhos para ele. "Escuta!" acuso.

Sam dá uma risada alta. "Ei! Pelo menos eu admito! E pelo menos parei de ouvir quando você começou a falar de mim", acrescenta com um sorriso irônico.

"Não faço a mínima ideia do que você está falando", provoco, mordendo o lábio para conter meu sorriso revelador.

"É mesmo, meu bem?", ele diz suavemente, dobrando levemente os joelhos para que fiquemos cara a cara. Sinto um nó na garganta. *Ele é realmente deslumbrante.* "Então você está dizendo para o Carl que aposta que o Tuck está com saudades dela agora, que foi só uma coincidência?", ele pergunta, com um brilho de humor nos olhos, fazendo referência ao comentário anterior de Tuck durante a conversa particular deles sobre estar "ferrado" porque já estava com saudades dela mesmo depois de tê-la deixado. Tento pensar em alguma resposta espirituosa, mas com o rosto de Sam tão perto do meu, tudo em que consigo me concentrar são seus lábios carnudos e rosados, levemente inchados de tanto que os beijei hoje.

"Eu... talvez tenha ouvido sem querer um pequeno trecho da sua conversa", sussurro. Sam sorri triunfante.

"Era o que eu pensava", ele sussurra, e se inclina para mim, obviamente com a intenção de me beijar, mas eu me afasto no último segundo, sacrificando meu próprio desejo de puni-lo por me forçar a confessar.

"Hum, bem, acho que preciso tomar um banho e me arrumar para a noite das meninas", brinco, e me viro para voltar ao meu quarto, intencionalmente devagar, dando a ele tempo para me impedir, o que ele faz agarrando minha mão e me puxando de volta para perto dele. Eu rio.

Jantar de garotas ", ele corrige, e então me beija de verdade, fazendo minhas pernas fraquejarem e me levando a reconsiderar se devo priorizar minha amizade com Carl em vez de uma noite com ele.

Ele se afasta com um sorriso de satisfação, claramente contente com minha reação atordoada.

"Anda logo, linda, tenho que estar aí embaixo em menos de uma hora e preciso te beijar mais um pouco antes do jantar para aguentar até lá."

Assenti com a cabeça e, sem dizer uma palavra, voltei para o meu quarto para tomar banho.

Quero me apressar, como ele instruiu, mas se pretendo ter intimidade com ele novamente esta noite, preciso tomar um banho rápido. Minha virilha está depilada, mas aproveito para passar a lâmina cuidadosamente nas pernas, sabendo que, se a noite correr como espero, as mãos dele estarão por todo o meu corpo em poucas horas.

Não me dou ao trabalho de secar o cabelo, em vez disso, sento-me na varanda deixando o vento secá-lo em ondas de praia, e acendo o cigarro que pedi emprestado ao Dave ontem à noite, mas que ainda não tinha tido tempo de fumar. Felizmente, ele ainda estava na minha bolsa, intacto.

Tento não pensar muito sobre essa minha situação com o Sam. Sei que se eu analisar mais a fundo, vou chegar à mesma conclusão de sempre: que é algo passageiro e que eventualmente vou me machucar. Mas agora, nas férias de primavera, pretendo aproveitar cada minuto que puder — essa pequena amostra

de um futuro normal e feliz que, por incrível que pareça, não está nos meus planos, graças à Robin Forbes.

Visto um vestido branco de verão e o ajusto com um cinto preto fino na cintura. Como sempre, combino com minhas botas pretas de motociclista. É um pouco curto para mim, mas chega até o meio da coxa, e sei que será mais comprido do que qualquer coisa que as outras garotas estejam usando esta noite.

Sei que não vou ficar tão produzida quanto ontem à noite sem a expertise de Carl em maquiagem, mas isso não importa. Me sinto mais confortável só com um pouco de rímel e gloss, e não é como se Sam já não soubesse o que estava por baixo de toda aquela maquiagem e brilho.

Quando me considero apresentável o suficiente, bato timidamente na porta ao lado da suíte de Sam, sem querer flagrá-lo se vestindo. Bem, talvez isso não seja totalmente verdade, mas sei que seria indelicado simplesmente entrar sem bater, como se eu tivesse algum direito inerente de estar ali.

Sam abre a porta com um olhar inquisitivo, como se discordasse que eu devesse ter hesitado em simplesmente entrar, mas sua expressão muda imediatamente ao me examinar. Ele está de calça jeans, com o elástico da cueca boxer aparecendo por cima, e nada mais, tornando impossível desviar o olhar dos músculos firmes de seu peitoral perfeito e abdômen definido.

"Você é tão linda", ele murmura, me abraçando. Suspiro, inalando o aroma fresco de Sam, recém-saído do banho. Ele é incrivelmente gostoso. "Só vou pegar minha blusa", diz ele, me soltando e voltando para o quarto. Vejo o tablet dele na mesa de centro e lembro que preciso mandar um e-mail para minha mãe para saber como estou, já que meu celular, que estava na minha bolsa de praia, descarregou horas antes.

"Posso usar seu iPad para enviar um e-mail para minha mãe?", pergunto, sentando no sofá e pegando o aparelho.

"Claro", ele responde do quarto, "só... espere um minuto..."

Sam corre até mim, mas é tarde demais, eu já estou ligando o aparelho, e meu coração para no instante em que a tela acende.

"Ror-"

"Que porra é essa?" Eu respiro fundo.

Eu me levanto de um salto e encaro, com os olhos arregalados e tomados de horror, o rosto enganosamente jovial e bonito de Robin, que sorri para mim em sua página do Facebook. Solto um suspiro de choque quando o tablet cai das minhas mãos trêmulas, fecho os olhos e começo a contar de trás para frente, numa tentativa de controlar meu pulso acelerado.

Sinto uma mão no meu ombro e me assusto, meus olhos se arregalam e tropeço, quase caindo, antes de me apoiar no braço do sofá. O rosto de Sam está marcado pela preocupação, e percebo que ele está desesperado, sem saber o que fazer comigo. Ele estende a mão para me tocar novamente, e eu dou um passo cauteloso para trás. Não sei por quê. Sei que ele não vai me machucar, mas não consigo pensar direito agora, e meu instinto é me proteger.

Sam dá alguns passos para trás, com as mãos erguidas como se quisesse me mostrar que não representa perigo. Fecho os olhos novamente e balanço a cabeça, tentando me recompor.

Nada mudou, lembro a mim mesma. Estou no quarto do Sam. Sam, meu

amigo . Meu *algo mais* . Ele não me machucaria. Robin não está aqui. É só uma foto dele. Ele não pode me machucar agora.

Mas por que diabos a conta do Facebook de Sam está aberta para a página de Robin?

Respiro fundo e me apoio no braço do sofá. Eu deveria sentar. Eu deveria me acalmar. Mas não consigo. Preciso ficar de pé. Estou me sentindo extremamente nervosa e não consigo me livrar da sensação de que preciso estar pronta para correr.

"Rory, está tudo bem", diz Sam com cuidado. "Me desculpe-"

"Por quê?" pergunto com firmeza, desesperada para saber por que fui obrigada a encarar aqueles olhos cor de avelã que não só assombram meus pesadelos, mas também cada maldito momento em que estou acordada.

"Eu não queria dizer isso para você-"

"Por que?!"

" *Puta merda* , Rory, desculpa. Eu não queria que você visse isso. Eu só estava... curioso. Eu sabia o primeiro nome dele e a cidade de onde você é. Depois de tudo que você me contou hoje de manhã... eu só... queria pesquisar sobre ele, só isso", diz ele, dando de ombros.

Só isso? Ele está falando sério?!

"Não quero que ele faça parte disso", murmurei, frustrada.

Sam franze a testa. "Parte de quê?"

"Nós!" grito. *Droga, não era isso que eu queria dizer.* Não existe um *"nós"* , não de verdade. Passo os dedos pelos cabelos. "Quero dizer... *nós* — nossos amigos e minha vida agora. Tudo isso. Estou tentando seguir em frente", tento me explicar. Sam dá um passo cauteloso em minha direção e, como não recuo, ele dá outro.

"Ele não é, Ror", ele sussurra. "Desculpe, por favor, não se chateie. Eu só queria saber como ele era, nunca quis que você visse a foto dele", ele me assegura enquanto seus dedos roçam minha bochecha timidamente, e eu me entrego ao seu toque automaticamente.

"Essa parte da minha vida acabou, Sam. Ele não é nada, não importa", murmuro, tentando convencer a mim mesma tanto quanto a ele.

Um lampejo de ressentimento passou pelos olhos de Sam. "Como você pode dizer isso? Olha o que ele fez com você, Rory! Você não consegue nem olhar para a foto dele sem quase entrar em pânico!"

Estreito os olhos para ele. "Pensei que você tivesse dito que estava apenas curioso?", acuso. "Mas agora parece ser mais do que isso, Sam, então vou perguntar de novo. Por que você estava pesquisando sobre ele? O que você está planejando?"

Tento parecer calma, mas meu coração está batendo forte no peito como uma caixa de bateria. Conheço esse homem e sei que não se trata apenas de curiosidade. Seu rosto está duro, impassível. Depois de todos os detalhes que contei esta manhã sobre tudo o que Robin me fez, Sam não está apenas *curioso* . Reconheço a mesma coisa que vi nos olhos de Cam na noite em que lhe contei a mesma coisa. *Fúria* .

Não posso permitir isso. É por isso que não queria contar para ele.

"Não estou planejando nada, Rory", diz ele com cautela, e embora meu

instinto me diga que ele não está mentindo, ele também não está me contando tudo.

Mas não é obrigação dele me proteger e certamente não é obrigação dele me vingar. Nada de bom pode resultar disso, apenas dor e perda — duas coisas que não posso mais suportar.

"Você jura que não vai atrás dele?" Minha intenção era parecer ameaçadora, mas em vez disso, soei desesperada e infantil. Eu bem que poderia pedir um juramento de dedinho.

Sam não responde de imediato, apenas me encara. "Eu já disse que não estou planejando nada", repete ele.

"Não foi isso que eu perguntei!" grito, e ele passa os dedos bruscamente pelos cabelos.

"Não sei o que você quer ouvir, Rory! Eu o *odeio* pra caralho! *Odeio* o que ele fez com você, e *odeio* que ele tenha saído impune!"

"Ele não fez isso-"

"Não me venha falar de novo dessa bolsa de estudos idiota dele! Ele merece estar na cadeia! Ele merece estar morto!" Os olhos de Sam estão faiscando, seu corpo inteiro tenso.

"Não é sua função aplicar punições! Eu não *quero* que você faça isso!"

Não posso deixar que ele se coloque em risco. Ele não entende que *é ele* quem pode acabar machucado ou preso se for atrás do Robin? Ou *pior?* Eu não suportaria perdê-lo! Ele não entende isso?!

Nos encaramos por alguns instantes até que meus olhos se enchem de lágrimas. Percebo que ele está travando uma batalha interna, mas não me importo. Essa não é a luta dele.

Finalmente ele suspira, e eu consigo sentir sua derrota. "Eu não estava planejando nada, Rory, eu não ia atrás dele, mas isso não significa que eu não queira", diz ele lentamente.

"Não quero que você fique investigando meu passado. Isso não tem nada a ver com você", digo com a mesma cautela. Sam faz uma careta, como se eu o tivesse ofendido.

Ele me observa por alguns instantes, me analisando, e consigo ver as engrenagens girando em sua mente. Nunca desejei tanto poder ler mentes como agora.

Ele morde o canto do lábio e engole em seco, me deixando imediatamente apreensivo.

"Me diga uma coisa. Por que não consigo encontrar essa sua melhor amiga em nenhuma rede social? Essa *Cam?* "

Meu coração para de novo. *Por que diabos ele estava olhando para o Cam?*

"O quê?" Saiu como um suspiro, e isso deixou Sam desconfiado. Mas eu não posso falar sobre Cam — não com ele — não com ninguém. Eu nem mesmo falo sobre ele com o Dr. Schall.

Sam dá de ombros, mas sua expressão está longe de ser casual. "Como eu disse, eu estava curioso. E não consegui encontrar ninguém da nossa turma que tivesse esse nome."

Não digo nada, apenas o encaro, meio em choque.

"O que estou perdendo, Rory? Como alguém pode passar de seu melhor amigo, que fotografa seus ferimentos para a polícia, a simplesmente te abandonar? Não faz sentido", ele acusa. Do que ele está me acusando, porém, eu não faço ideia, mas ainda assim não consigo encontrar as palavras. Meu pulso dispara novamente ao ouvir o nome de Cam, e uma dor aguda me atravessa o coração.

Meus dedos tateiam delicadamente a alça da bolsa no meu ombro, só para ter certeza de que está lá, porque sei que contém meus comprimidos, e preciso apenas desse lembrete de que eles estão ali.

"Rory, você e esse *Cam são* mais do que apenas melhores amigos?", pergunta Sam, com a voz mais suave.

"Eu... Nós..." gaguejei como um idiota, tentando descobrir como explicar algo que nem eu mesmo sei.

Sam morde o lábio inferior e acena com a cabeça como se eu tivesse acabado de fazer algum tipo de confissão. Posso imaginar o que ele está pensando, mas não posso confirmar nem negar nada, não posso fazer nada além de ficar aqui parado como um idiota patético.

"E o que ele diria se soubesse o que *você e eu* andamos fazendo a tarde toda?", pergunta Sam, com a voz desprovida de qualquer emoção perceptível.

Estreito os olhos para ele, franzindo a testa num gesto obviamente defensivo, mas é tudo o que consigo fazer. Respiro fundo. "Ele não ficaria nada contente", disparo. Não, como se viu, agora sei que Cam me queria para si.

Os olhos de Sam se estreitam ainda mais. Parece que estamos num impasse, e eu não sei o que fazer. Não quero brigar com ele, mas não sei como resolver isso. Isso não é da conta dele, droga! Isso não é da conta de ninguém!

"Entendo", murmura Sam baixinho.

"Não, você não vai!"

"Então me faça entender, Rory! Me faça entender!"

Mas não consigo. Sinto gotas de suor surgirem na ponta do meu nariz e na minha testa. Minha respiração fica rápida demais, superficial demais, e tento controlar minhas emoções.

" *Cálculo* ", sussurro. A boca de Sam se abre em espanto, suas sobrancelhas se erguem em espanto.

"Seriamente?"

Não digo nada. Meus dedos deslizam até minha bolsa, distinguindo o formato do meu frasco de comprimidos e o agarrando através do tecido fino, apenas sentindo seu formato, lembrando-me mais uma vez de que os tenho.

O olhar de Sam segue minha mão e ele faz uma careta. Ele passa as duas mãos pelos cabelos, uma após a outra, antes de fechar os olhos, por um instante, e balançar a cabeça negativamente.

"Tanto faz, Rory, esquece", ele murmura derrotado.

Abro a boca para falar, mas as palavras me escapam e ficamos apenas nos encarando.

E é por isso, lembro a mim mesma, que nunca poderemos ter nada de verdade. Eu sabia que, em algum momento, eu ia estragar tudo. Minhas cicatrizes são profundas demais. Como Sam disse, eu não consigo nem olhar para uma foto do Robin sem entrar em pânico, e como isso é normal? E mesmo

isso é só um sintoma de um dano maior. Porque Sam tem o direito de fazer perguntas, se nós fôssemos ser *algo mais* , mas eu não posso dar a ele as respostas. Não todas as respostas que ele quer.

E eu nem consigo lidar com o interrogatório sem recorrer a medicamentos, e como isso é justo? Como é justo que Sam tenha que ceder porque eu imploro por misericórdia com uma palavra de segurança ou tateando em busca de um frasco de comprimidos? Como ele não se ressentiria disso? Até eu me ressinto.

Isso sempre seria temporário. Eu sabia disso desde o começo. Claro, eu esperava que durasse mais do que doze horas, pelo menos durante o recesso de primavera, mas é melhor deixar para lá agora. Se eu já estou tão apegada, imagina o quanto estarei daqui a três dias? Tento me convencer disso repetidamente, embora no fundo eu já saiba que estou apaixonada por ele como nunca estive. Que não há volta agora. O pensamento dói, mas, na verdade, que diferença faz?

Ele jamais poderia ter correspondido aos meus sentimentos. Sei que a dor virá, mas não choro. Não na frente dele. Agora, me obrigo a ficar anestesiada, porque não mereço mais da sua compaixão, da sua pena ou da sua proteção.

Minha única esperança agora é que ainda possamos ser amigos. Eu disse a ele que ele era meu melhor amigo, e é verdade. Não consigo lidar com a ideia de perdê-lo. Não completamente.

Meu celular vibra e eu o pego apressadamente da bolsa, grata pela distração, precisando de uma desculpa para interromper nosso olhar mutuamente turbulento. Porque os olhos dele veem tudo — desde o momento em que nos conhecemos.

É o Carl. Estou atrasado. O que significa que o Sam também está.

"É... Carl", digo com a voz trêmula. "Preciso ir. Estou atrasando a gente." Minha voz é quase um sussurro. Não encaro mais o seu olhar. Não consigo. Fungo, tentando disfarçar com um espirro, e me viro antes que as lágrimas fiquem visíveis.

"Rory," Sam respira fundo.

Eu paro, mas não volto atrás, esperando, dando-lhe a oportunidade de dizer o que quer que ele quisesse dizer.

Mas ele não faz isso. E depois de alguns instantes, simplesmente volto para o meu quarto e fecho a porta atrás de mim.

Eu tranco.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Dias de hoje

Não desço as escadas imediatamente. Vou ao banheiro, jogo um pouco de água fria no rosto, retoco a maquiagem e tento me acalmar. Acho que logo conseguirei me recompor, parecer *bem* — uma atuação que aprendi a fazer bem —, mas preciso de mais tempo e todos estão esperando por mim.

Então eu tomo um comprimido.

Acho que não vou beber hoje à noite. Não que eu realmente quisesse depois de ontem à noite.

Quando finalmente sinto o torpor que vinha fingindo na frente de Sam, desço até o saguão e encontro as meninas.

Não quero fazer isso agora. Ir jantar num restaurante chique com um grupo de sete garotas. Mas estou feliz por estar com a Carl. Espero poder ajudá-la a resolver os problemas dela com o Tuck e que pelo menos uma de nós fique feliz. E a Tina também. Espero que ela valorize o que tem com o Andrew. Eles formam um casal lindo.

Nos apertamos em dois táxis e chegamos ao restaurante com vinte minutos de atraso para a nossa reserva. Os rapazes estão jantando em uma churrascaria a alguns quilômetros de distância e nós devemos nos encontrar em algumas horas em um bar a menos de meio quarteirão e do outro lado da rua do nosso hotel.

Durante o jantar, fico em silêncio enquanto Carl fala sobre Tuck, e Tina e Lily dão a ela o mesmo conselho que eu venho dando. Assim como mais cedo no meu quarto, Carl parece mais receptiva esta noite. Começo a pensar que ela talvez realmente considere ter uma conversa franca com Tucker sobre o relacionamento deles.

Sinto-me culpada pelo Sam. É uma situação impossível e não tenho ninguém a culpar além de mim mesma. Foi minha culpa ter me apaixonado por ele. Meus sentimentos são problema meu, eu sei disso, e agora ele provavelmente está se culpando por me fazer quase entrar em pânico. *Meu Deus* , se ele soubesse que tomei um comprimido, ficaria tão decepcionado comigo, e provavelmente se culparia por isso também.

E o que ele fez de tão errado? Perguntar sobre o Cam? O grande crime dele foi simplesmente perguntar sobre alguém que eu já mencionei várias vezes. Porque eu converso com ele. Como ele mesmo disse, eu conto coisas que não conto para mais ninguém. E ele disse que adorou isso. Eu gemi por dentro. Adorei ouvir isso dele.

Mas por que *não consigo* falar com ele sobre o Cam? Fiquei tão chocada quando o Sam tocou no assunto, e tão pouco tempo depois de me deparar com a foto da Robin, que nem pensei por *que* não podia simplesmente contar a verdade para ele. Não consegui falar com a minha mãe sobre ele, não consegui falar com o Dr. Schall sobre ele... Acho que estou tão acostumada a *não* poder falar sobre ele que nem considerei a possibilidade de falar *com* o Sam. Já conversei com o Sam sobre muita coisa que não contei para mais ninguém.

E ele só me confortou e me apoiou. Nunca teve pena de mim nem me julgou. Até me ajudou a superar gatilhos. Ele sempre esteve lá para mim. Ele

esteve lá para mim desde o dia em que me encontrou surtando do lado de fora da aula de cálculo. Quando eu não passava de uma estranha. E o que *eu* faço? Jogo tudo na cara dele quando ele faz uma pergunta razoável.

Não, Sam tem sido simplesmente maravilhoso comigo – claro, foi por isso que me apaixonei por ele em primeiro lugar. Mesmo que ele não saiba, mesmo que ele *nunca venha* a saber.

Dou a mim mesma um pequeno sorriso secreto.

Daqui a uma hora estarei no bar e poderei pedir desculpas ao Sam, e se ele me ouvir, e se ainda quiser saber sobre o Cam, acho que poderei contar-lhe.

Talvez eu não precise abrir mão de *algo mais* tão cedo. Talvez eu possa sentir seus braços ao meu redor novamente. Sentir seus lábios acariciando os meus, o peso dele sobre mim. Uma onda de calor me invade, e mordo o lábio para impedir que meu sorriso se alastre.

Quando todos voltamos para os táxis a caminho do bar, pouco mais de uma hora depois, minha apreensão retorna, misturando-se à segurança e à confiança que encontrei durante o jantar. Não consigo parar de imaginar o rosto de Sam quando usei nossa palavra de segurança. Não consigo parar de pensar na reação dele.

Seriamente?

E eu não o culpo. Ele tem toda a razão. Há algo de errado comigo. Claro, nós dois já sabíamos disso. Mas, apesar de ele me conhecer tão bem, ele nunca conseguiu entender de verdade. Como alguém poderia entender que, depois de tudo que eu já lhe confiei, depois de todo o tempo que passamos juntos, depois de me mostrar vulnerável e íntima com ele, depois de dormir em seus braços, eu não consegui simplesmente responder a uma pergunta simples?

Porque não é uma pergunta simples, na verdade. Claro, a resposta sobre onde Cam está não é particularmente complicada, mas certamente *parece* complicada.

****

O bar está lotado esta noite, cheio de estudantes em férias de primavera, e uma multidão transborda para a calçada, fumando cigarros e conversando animadamente, meio bêbados. Ao entrarmos, a maioria das garotas vai direto pedir bebidas. Carl e Tina vão ao banheiro e eu fico para trás, na esperança de encontrar Sam – na esperança de ter a oportunidade de me desculpar fora do ambiente do grupo. Fico parado logo na entrada, observando a multidão.

Um cara esbarra em mim e eu me afasto com o toque acidental do estranho, dando dois passos para trás. Ele começa a se desculpar, antes de me olhar descaradamente. Prendo a respiração. Conheço aquele olhar — ele está prestes a fazer algum comentário sugestivo ou a dar em cima de mim de alguma forma imatura — então me viro, minha linguagem corporal inconfundível.

Recue.

Felizmente, ele faz isso, murmurando algo inaudível que não consigo entender direito, mas não me importo.

Nesse instante, meus olhos se fixam em Sam. Consigo ver apenas a nuca dele por cima da multidão — graças à sua altura de mais de um metro e oitenta —, mas sei que é ele. Reconheceria aqueles cabelos despenteados em qualquer lugar.

Me preparo para enfrentar a multidão, um esforço considerável para mim — um lugar cheio de estranhos e com mais chances de toques acidentais — e, naquele momento, agradeço por ter tomado um comprimido antes. Mas, depois de apenas dois passos, Sam se vira, mal de lado, de forma que consigo distinguir seu perfil, mas vejo sua covinha com total clareza, indicando seu lindo sorriso. *Acho que ele não está tão chateado com a nossa discussão anterior, afinal.* A constatação dói. Não que eu esperasse que ele estivesse afundando em tristeza, mas ver seu sorriso largo só me lembra que sou eu quem está com os sentimentos à flor da pele, não ele.

Isso não é novidade, lembro a mim mesmo.

Mas então, há uma pequena abertura na multidão, e eu vejo para onde o sorriso dele está direcionado. Sou atingida pela imagem da linda ruiva que ele abraça. Observo a troca de palavras entre eles e o sorriso que surge em seguida.

Sinto um nó no estômago. Estou me sentindo fisicamente mal.

Meu Deus, como sou patética . Aqui estou eu, analisando cada detalhe da nossa discussão, e o Sam já se esqueceu que ela sequer aconteceu. Aliás, parece que ele já está procurando outra companhia para esta noite. Essa constatação me atinge como um soco brutal no estômago, meu coração se despedaçando violentamente.

Me viro e abro caminho entre os corpos sem rosto, de volta pela saída, enquanto lágrimas se acumulam atrás dos meus olhos.

Será que esta tarde sempre foi para ser um evento único? Ou ele está simplesmente seguindo em frente por causa da nossa discussão sobre o Cam?

Talvez seja assim que tudo deva funcionar - que a gente fique junto uns com os outros, mas também que a gente fique com quem a gente quiser.

É claro que ele pode ficar com quem quiser, por que *não* ficaria? Não tenho nenhum direito sobre o Sam, por mais que meu coração deseje o contrário. Se ao menos esse órgão estúpido pudesse ser tão prático quanto meu cérebro, mas parece que meu coração e minha mente têm uma conexão seriamente defeituosa — uma fiação com defeito — e simplesmente não conseguem se entender.

À medida que os segundos passavam, eu me sentia cada vez mais tola pela minha reação. Sam nunca me fez nenhuma promessa, e eu não sei por que, mesmo sabendo que não poderíamos ser um casal, eu parecia acreditar que ele não iria simplesmente dar em cima de uma garota aleatória logo depois de nós...

Afinal, Robin e eu estávamos namorando há meses e ele ainda estava saindo com outras garotas pelas minhas costas até que tivemos "aquela conversa". E comigo e com o Sam, não há conversa nenhuma. Sinto uma dor física no peito que só aumenta a cada passo que dou para longe do Sam e de sua nova e bela companheira.

Atravesso a rua para me afastar dos bêbados que ficam parados do lado de fora do bar, grata por o outro lado da rua ser mais tranquilo. Enxugo minhas bochechas com raiva, furiosa comigo mesma por não conseguir conter minhas lágrimas patéticas. Só quero pedir sorvete pelo serviço de quarto e chorar sozinha.

Não, eu não tenho o direito de esperar nenhum tipo de exclusividade do Sam. Podemos fazer o que quisermos com quem quisermos.

O único problema é que eu não quero mais ninguém. Mas esse é um problema só meu.

Chego ao lado mais tranquilo da rua e sigo na direção do nosso hotel.

"Olá, Bela Adormecida."

Sinto um nó na garganta e meu coração para de bater. Eu congelo.

Aquela voz. Aquelas palavras.

Não pode ser.

Fecho os olhos e respiro fundo, ofegante, me perguntando se finalmente aconteceu — se perdi completamente a cabeça — porque, sinceramente, isso seria preferível à alternativa. Mas, quando abro os olhos novamente, ele surge das sombras.

Robin.

Meu cérebro manda minhas pernas correrem, manda minhas cordas vocais gritarem, mas eu *não consigo* . Não consigo fazer nada além de ficar parada, olhando fixamente, paralisada de pavor.

"Senti muita saudade de você, meu bem", diz Robin, arrastando as palavras, enquanto dá os poucos passos que nos separam.

Abro a boca e engasgo com o ar. Não consigo respirar. Meu coração está acelerado.

Ele dá mais dois passos em minha direção e eu me afasto até sentir a fachada de tijolos de uma loja fechada. Quero gritar. Quero correr. No mínimo, quero dizer alguma coisa! Perguntar como diabos ele sabia que eu estava em Miami, perguntar o que ele vai fazer comigo, implorar para que me deixe em paz. Ele está violando a ordem de restrição! Ele não sabe disso? Ele pode ser preso! Ele *deveria* ser preso!

Mas não digo nada disso, apenas o encaro aterrorizada, meus olhos turvos de lágrimas, sem piscar e com a boca entreaberta. Meus pulmões ardem com a necessidade de respirar fundo, mas não consigo forçar a inspiração necessária, só consigo inspirar e expirar curta e ofegantemente. Robin inclina a cabeça e eu viro o rosto, fechando os olhos com força.

"Eu *disse* que senti muita saudade de você, *querida* ", ele repete, com a voz transbordando desaprovação pela minha reação à sua presença.

Que diabos ele esperava? Que eu me jogasse de bom grado em seus braços?

Eu me encolho quando seus lábios tocam minha bochecha, e ele dá um passo à frente novamente, ficando bem perto de mim.

Preciso sair daqui!

Me esquivo com repulsa, tentando fazê-lo recuar, e ele levanta a boca do meu rosto, mas não me solta.

"Acho que já ficamos tempo suficiente separados, querida. Eu te perdoo pelo que você fez — todas aquelas mentiras que você espalhou sobre mim. Eu ainda te amo. Não importa o que aconteça. Eu nunca vou te deixar ir, meu bem, e sinto tanta saudade que estou ficando louco", ele diz suavemente, mas suas mãos agarram meus braços com força, seus dedos cravando dolorosamente na minha pele.

Respiro fundo, com um suspiro desesperado, e solto um gemido. Fecho os olhos e conto de dez para trás, mas Robin cola seus lábios nos meus, me

beijando com força, e eu não retribuo o beijo, apenas fico ali parada, sem forças, de olhos fechados, completamente aterrorizada.

Dez, nove, oito...

Seus lábios percorrem meu pescoço, sugando e mordendo com tanta força que sei que deixarão marcas. E é isso que ele quer, claro – me marcar. Me lembrar que não importa o que eu faça, não importa o quão longe eu vá, e não importa quanto tempo passe, eu sempre pertencerei a ele desta forma terrível. Porque mesmo as marcas que cicatrizaram – elas me marcaram emocionalmente mais profundamente do que qualquer marca física jamais poderia, tão certamente quanto estas marcarão esta noite.

Por favor!

Por favor, me deixe em paz! Por favor, não me toque! Por favor, me solte!

Eu imploro e suplico, mas as palavras continuam presas dentro de mim. Ainda não consigo verbalizar uma única palavra.

E então acontece. Minha mente divaga, exatamente como eu a programei para fazer. Meus olhos se abrem, mas não veem nada. Estou em outro lugar. Não estou com Cam, porém. Não, neste momento, minha mente retrocedeu o dia. Não estou no lado tranquilo de uma rua movimentada, a menos de meio quarteirão do meu hotel, enquanto meu pior pesadelo passa mãos ásperas por todo o meu corpo e devora meu pescoço com sua boca cruel. Em vez disso, estou no quarto de hotel de Sam, sorrindo e rindo enquanto ele me toca, me beija e me diz que eu o faço se sentir como o Deus que sei que ele é.

E então ele está lá. Não apenas na minha mente, mas na minha realidade. Sam saiu do bar do outro lado da rua e está olhando em volta, aparentemente procurando por algo ou alguém.

"Senti tanta saudade de você, meu bem", Robin rosna, mas mal consigo ouvi-lo.

Sam me encontra e nossos olhares se cruzam.

Obrigado, Deus.

Não consigo me mexer, não consigo gritar, não consigo fazer absolutamente nada, a não ser encarar a expressão horrorizada de Sam e esperar que ele me ajude. Já passou o meu desespero de manter Sam longe dos meus problemas para protegê-lo. Entrei em modo de sobrevivência e preciso que Sam me salve do meu monstro. Que ele seja meu herói — meu cavaleiro de armadura brilhante — e me tire deste inferno.

Mas ele não corre até lá. Em vez disso, seu semblante se contorce em uma expressão de desgosto e ele balança a cabeça uma vez em desaprovação antes de se virar e voltar para dentro do bar.

Eu solto um suspiro de espanto. *Ele não vai me ajudar.*

Finalmente me dou conta de que Sam não reconheceu Robin *nem pela nuca.* E por que reconheceria? Ele só viu a foto dele no Facebook uma vez. Pela cara dele, uma coisa é certa: Sam está com nojo de mim. Ele acha que estou aqui — nos braços desse monstro — por vontade própria.

Isso me traz de volta à realidade.

"Por favor, pare", eu sussurro com a voz rouca.

Robin se assusta, o rosto se contorcendo em consternação ao me encarar. "Você acha que tem o direito de me mandar *parar* ? Depois de tudo que você me

fez passar?! Quando é que você vai entender de uma vez por todas? Você é *minha* !" Ele sibila entre os dentes cerrados, depois me empurra com força contra a parede e cola seus lábios nos meus.

Não!

Empurro seu peito com força, mas ele é grande e forte demais para que eu consiga me libertar. Porém, sua boca solta a minha. Aproveito a oportunidade para respirar fundo e me acalmar um pouco.

" *Por favor,* me deixe em paz, Robin! Você não tem permissão para estar aqui dentro-"

"Não me venha com essa maldita ordem de restrição! A culpa é toda sua!" ele rosna. Sua mão enorme cobre minha boca e então sou agarrada e empurrada, e antes que eu consiga entender o que está acontecendo, sou praticamente jogada em um beco vazio – presumivelmente onde ele estava escondido. Minha bolsa se perde em algum lugar na confusão, e eu me preocupo em precisar dos meus remédios, mas minha preocupação é interrompida, tenho coisas mais importantes para lidar agora, literalmente.

Ele me atacou imediatamente, mas eu revidei. Empurrei-o, mas ele era muito forte, e vi um lampejo de excitação em seus olhos e me lembrei: *ele gosta de brigar.* Comecei a soluçar, derrotada.

Como é que isto está a acontecer neste momento? Como é que chegámos a esta situação?

"Por que você sempre tem que complicar tudo tanto?! Você não sabe o quanto eu te amo?! *Droga!* " ele grita, fecha os olhos e respira fundo algumas vezes para se acalmar.

Eu apenas o encaro através das lágrimas, paralisada de medo, esperando. Os olhos de Robin se abrem, intensamente sérios.

"Quando seu pai me disse que você viria para cá, achei que era hora de acabar com essa palhaçada. Quer dizer, você veio para a *Flórida* , querida, não estava com saudades?", ele pergunta com cautela. E eu sei o que ele quer ouvir. Sei a resposta certa. Mas não posso dar a ele. Não posso dar a ele nem a menor pista para começar a puxar, a munição para dizer que eu pedi por isso, que eu o queria.

"Não."

Observo a indignação tomar conta de seu rosto.

" *Não* . Rob, nós terminamos. Eu não sou sua. Você me machucou! Você me *estuprou* !" Digo as palavras que nunca antes consegui dizer, nunca diretamente em seus olhos. "Por favor, me deixe ir, *por favor* ! Se você algum dia me amou, me deixe ir. Eu nem conto para ninguém que você esteve aqui, não vou te colocar em apuros, só por favor, não me machuque!" Imploro a ele. Suplico com minhas palavras e com meus olhos, e por um instante, não tenho certeza se estou conseguindo alcançá-lo ou não.

Mas então seus olhos se estreitam, e o Robin que eu conheço se revela claramente.

"Você não é *minha* ?! Sua louca! Eu te machuquei?! Como você ousa?! Tudo que eu fiz foi porque *você* queria!"

"Não!" Eu grito, mas as mãos dele estão por toda parte e ele pressiona o antebraço sobre minha boca para que eu não consiga gritar novamente. Sua outra

mão começa a enfiar por baixo da minha saia.

Não. De jeito nenhum! Volto à ativa imediatamente.

Levanto meu joelho em direção à virilha dele, mas Robin se esquiva e o impacto é atenuado. Mesmo assim, ele grunhe de dor, e eu aproveito a oportunidade, agarrando-me à minha chance de escapar. Me solto de seu aperto e giro para longe da parede, mas Robin segura meu pulso e puxa com força, me jogando contra os tijolos. Grito de dor quando a lateral do meu rosto encontra a superfície áspera e dura. Minha visão fica turva, mas apenas por um instante, e não tenho tempo de me recuperar. Tento me esquivar novamente, mas meu pulso ainda está preso no aperto de Robin.

A quarenta pés de distância, vejo Sam passando correndo pelo beco. Eu sei que é ele, reconheceria aquele andar apressado em qualquer lugar, e grito.

"Sa-!"

Mas a mão de Robin está novamente sobre minha boca e a outra agarra meu cabelo, puxando com força até que meu couro cabeludo arda com uma dor lancinante, minha cabeça inclinada para trás à força até que eu esteja olhando para olhos cor de avelã cheios de desprezo.

"Sam?" ele pergunta, e eu sei que ele consegue ver o pânico nos meus olhos por ter ouvido o que eu gritei. "É aquele perdedor que você anda seguindo por aí como um cachorrinho idiota?" ele rosna.

Caramba, será que ele está me seguindo? Há quanto tempo? Dias?

Estou apavorada, completamente presa em seus braços, e meu pulso está acelerado. Robin tira a mão do meu rosto e, ainda segurando meu cabelo com força, sua outra mão começa o que certamente deveria ser uma carícia sensual por baixo da minha saia. Embora eu me debata e me contorça, seu aperto é forte demais, e ele levanta minha saia até a cintura.

Respiro fundo, com dificuldade, e a respiração fica cada vez mais rápida enquanto meu corpo inteiro se cobre de suor frio . *Não posso me deixar levar pelo pânico.*

E se eu desmaiar? O que ele vai fazer comigo então?!

"P-por favor, Rob... eu preciso... dos meus... remédios," eu digo com a voz embargada.

Robin franze a testa. "Certo, essa sua baboseira de ataque de pânico. Tudo por um pouco de atenção, né, Bela Adormecida? Você vai ficar bem, está com o seu homem, eu vou cuidar de você."

Fecho os olhos e deixo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto — não tenho outra escolha — enquanto concentro cada grama da minha energia em tentar controlar a respiração. Me encolho quando os dedos calejados de Robin encontram a cicatriz que ele me fez há pouco mais de um ano, e meus olhos se abrem de repente para vê-lo sorrindo com satisfação.

"Ficou uma cicatriz", diz ele, visivelmente satisfeito. "Viu, Rory? Você *sempre* será minha. Minha marca está aqui para te lembrar, caso você se esqueça de novo." Ele segue a linha irregular da cicatriz, mergulhando os dedos na minha calcinha.

"P-por favor, não", imploro mais uma vez.

"Diga-me, querida, mais alguém viu minha marca? Esse *Sam* ?" ele pergunta, enganosamente calmo, mas eu sei que a ameaça está ali. "Você *transou*

com ele?" ele pergunta, "mesmo você me pertencendo?"

"Sim!" grito desafiadoramente. Sei que deveria ter negado, mas não me importo. Sei que ele provavelmente vai me matar agora — me espancar até a morte ou me estrangular — mas se eu mentisse, ele teria me estuprado de qualquer maneira, e eu prefiro estar morta a tê-lo dentro de mim mais uma. maldita. vez.

"Sua *puta desgraçada* !" Robin rosna, agarra-me pelo pescoço e me joga contra a parede mais uma vez — o tijolo impiedoso, uma arma eficaz. Sinto todo o ar escapar dos meus pulmões com o impacto e minha cabeça gira enquanto tento me equilibrar.

Mas não importa, sou erguida do chão de qualquer maneira enquanto a mão de Robin aperta meu pescoço, sufocando o pouco ar que me restava. Meus olhos se arregalam em um terror renovado ao perceber que, *sim* , desta vez, ele realmente vai me matar, e enquanto sua mão livre rasga freneticamente minha calcinha, percebo que ele vai me estuprar uma última vez.

E então ele sai de cima de mim, e de repente sou solta, mas não consigo me firmar e caio cambaleando no chão. Há um turbilhão de comoção à minha frente, e tem mais alguém ali, e consigo ouvir grunhidos e palavrões murmurados, mas levo um instante para entender que o segundo homem é Sam, e que ele e Robin estão brigando.

"Tuck, aqui!" Sam grita para trás dele enquanto acerta um soco certeiro no queixo de Robin. Aproveitando o desequilíbrio causado pelo golpe, Robin recebe um chute de Sam e cai no chão.

Sam imediatamente o atacou, montando em seu colo e desferindo soco após soco. Eu ainda não conseguia me mexer, apenas observava horrorizada, sabendo que deveria impedir Sam antes que ele matasse Robin, mas incapaz de me obrigar a ajudar um homem que eu acreditava de todo o coração que estava prestes a me matar e que certamente estava prestes a me estuprar.

De repente, mais pessoas começam a entrar no beco, mas eu ainda não consigo me levantar, não consigo nem me mexer. Vejo que Tucker está na frente e está segurando quem está atrás dele.

"Fiquem aqui. Vigiem as meninas", diz Tuck para Andrew e, presumivelmente, também para Dave, Luke e Marshall, antes de correr pelo beco em nossa direção.

Não faço contato visual com ele, estou envergonhada demais, e quando Tuck se aproxima, irracionalmente me encolho contra a parede e abraço meus joelhos contra o peito, soltando um gemido. Não levanto os olhos acima da cintura dele, mas percebo sua hesitação, como se não soubesse o que fazer comigo. Só consigo imaginar o que ele deve estar pensando de mim agora, e o vejo mudar de direção para onde Sam paira sobre um Robin quase inconsciente, a apenas um metro e meio de distância.

"Que porra *é essa* ?" Tucker pergunta, incrédulo.

"Ele atacou o Rory", diz Sam simplesmente. "Mantenha-o no chão. Ele não vai se levantar", ordena, com a voz trêmula e mortalmente séria, disfarçando a raiva que mal consegue conter.

Sam se aproxima de mim com cautela, agachando-se para que fiquemos cara a cara. Encontro seus olhos azuis como a noite e, apesar da devastação que

eles expressam, sinto um alívio imediato.

Estou em segurança.

Meus braços se lançam em volta do pescoço dele enquanto me ajoelho, me jogando em seus braços, e Sam me segura, me apertando forte. *Em segurança.*

"Ele me encontrou", soluço repetidamente, incapaz de dar mais detalhes, encharcando Sam com minhas lágrimas. "Eu não sei como, mas ele me encontrou, ele me encontrou..."

"Me desculpa, me desculpa, me desculpa mesmo ″ , Sam sussurra repetidamente em resposta. Não consigo imaginar pelo que ele está se desculpando, mas não consigo interromper meus soluços desconexos para perguntar a ele; apenas enterro meu rosto em sua camisa e choro, repetindo-me incessantemente.

Busco forças na segurança inata do abraço de Sam e tento me recompor. Quando levanto a cabeça, Sam ainda está me abraçando, observando-me com cautela. Robin está deitado no chão, ensanguentado, mas acordado, com o sapato de Tucker pressionado contra seu pescoço como um aviso. Não há mais ninguém no beco, mas suspeito que o resto do nosso grupo esteja à espreita, fora do meu campo de visão.

Sam começa a me examinar, segurando meu rosto e passando o polegar pela lateral da minha bochecha, onde ela bateu na parede de tijolos. Ele faz uma careta comigo ao tocar o que certamente será um hematoma feio.

"Desculpe", ele sussurra novamente, antes de levantar cada um dos meus braços, virando-os um a um para procurar ferimentos, mas só tenho alguns arranhões e hematomas. Já tive coisas muito piores.

Seu olhar continua descendo, e ele estende a mão para minha saia e a puxa para baixo, cobrindo minhas coxas. Eu nem tinha me dado conta de que estava sentada ali, completamente indecente. Quando Sam termina sua inspeção, seus olhos voltam para os meus. Ele parece tão culpado, como se tivesse sido ele quem me atacou, e não Robin.

"Diga-me que você está bem", ele implora.

Eu aceno com a cabeça. "Estou bem", respiro fundo.

"Me desculpa, Ror. Eu sou um completo idiota. Saí para te procurar e... te *vi* com ele, mas não percebi — achei que você estivesse com algum cara e eu simplesmente..." ele passa os dedos pelos cabelos, frustrado. "Me desculpa, caralho."

Quero perguntar por que ele está arrependido, para absolvê-lo de sua culpa injusta, mas estou tão abalada que não consigo formular um pensamento coerente, muito menos falar novamente. Antes que eu possa responder, Sam desliza o braço por baixo das minhas coxas e me levanta do chão. Começo a tremer novamente quando Robin consegue dizer algo.

"Um *cara qualquer* ?! Eu sou *o namorado dela, porra* !" Robin rosna agressivamente do chão. "Você é meu, *Rory* ! Entendeu, seu-"

Tuck o interrompe cravando o sapato na garganta de Robin, e Robin solta um som estrangulado, mas eu não me viro para olhá-lo, não consigo. Apenas aperto Sam com mais força, ele se enrijece com as palavras de Robin, e sinto em cada músculo tenso de Sam que ele só quer punir Robin por sua alegação — retomar a surra brutal. Mas ele se recompõe rapidamente.

"Já volto", diz ele a Tuck, "mantenha-o no chão".

Tuck acena com a cabeça uma vez, e então sua testa se franze em preocupação quando nossos olhares se encontram. Desvio o olhar rapidamente, envergonhada. Odeio a forma como minha vida antiga e a nova se misturaram esta noite. Sam é uma coisa — eu *queria* que ele soubesse, que eu confiasse nele — foi minha *escolha* . Mas agora Tuck ouviu Robin dizer que ele era meu namorado, *meu Deus* , e meu discurso patético! Não precisaria ser um gênio para imaginar o que acabou de acontecer neste beco esquecido por Deus.

Sinto um arrepio só de me imaginar encolhida contra a parede, com a saia em volta dos quadris e um hematoma feio bem na bochecha, visível para qualquer um. Não é à toa que Tuck está me olhando com tanta pena. Sou *patética* . Sou vagamente grata por ele ter tido a perspicácia de garantir que o resto do grupo ficasse longe do beco, mas sei que isso não impedirá que a história se espalhe por muito tempo.

"Eu consigo... uh... andar", murmuro para Sam. Percebo que ele desaprova, e a verdade é que não quero estar em nenhum outro lugar além de seus braços, mas mesmo assim ele me coloca delicadamente no chão.

Sam, sem dizer uma palavra, coloca a palma da mão na minha lombar para me apoiar, e eu agradeço o contato. Quando chegamos à entrada do beco, fico aliviada ao ver que só Carl, Dave, Tina e Andrew permanecem. Olho apenas para Carl, constrangida demais para ver o rosto dos outros agora. Ela está tomada pela preocupação. Imediatamente, ela me agarra e me abraça com força.

"Meu *Deus* , Rory! O que aconteceu? Para onde você foi? O que está acontecendo? Onde está o Tuck?! Ninguém me diz nada!", ela reclama. Eu não digo nada, não faço nada, apenas a abraço de volta.

"Liguem para a polícia e digam que precisam registrar uma ocorrência de agressão. Depois, fiquem aqui com as meninas e me avisem assim que ouvirem uma sirene, ok?" Sam instrui Andrew e Dave antes de olhar para Carl. "Você a pegou?" ele pergunta cautelosamente. Sinto-a assentir contra meu ombro.

Ele começa a ir embora, a voltar para o beco, e eu me afasto do abraço de Carl.

"Espere! Aonde você vai?" pergunto desesperadamente. Sam parece estar sofrendo quando nossos olhares se encontram.

"Por favor, fique aqui com o Carl. Tá bom, meu bem? *Por favor.* "

Assenti com a cabeça e Sam voltou para o beco, determinada. Eu sabia que Carl queria fazer mais perguntas, mas ela não faria na frente de mais ninguém, então apenas perguntou novamente por Tuck.

"Eu não sei!" Eu grito. "Ele veio atrás de mim! E aí o Sam me salvou, e depois o Tuck apareceu, e agora eles estão todos lá, e eu não sei o que está acontecendo!" Estou frustrada, sinto que não tenho controle de nada, e tudo o que eu realmente quero é estar de volta nos braços do Sam, me desculpar pela nossa briga anterior, implorar pelo seu perdão.

As sirenes tocam e o resto da noite se torna um turbilhão de atividades.

Robin é preso na frente de todos, mas devido à surra que levou de Sam, e provavelmente de Tuck também, ele é levado em uma ambulância em vez de um carro de polícia.

Recebo tratamento para meus arranhões e escoriações na parte de trás de

outra ambulância enquanto relato os acontecimentos da noite para uma detetive. Alguém cutuca minhas unhas, tira fotos e me faz perguntas técnicas sobre o ataque, e fico feliz que ninguém que eu conheça esteja perto o suficiente para me ouvir. Andy levou Tina de volta para o hotel a pedido de Sam, Tuck e Carl conversam com uma segunda detetive, e embora Sam esteja com eles, ele não tira os olhos de mim.

Quando recebo alta da ambulância com um compromisso na delegacia local amanhã à tarde, a detetive que me interrogou passa a falar com Sam, então eu a sigo, ficando para trás com Carl e Tuck, que já terminaram de prestar seus depoimentos.

Eu ouço Sam explicar como, quando viu meus amigos entrarem no bar, perguntou por mim, mas ninguém sabia onde eu tinha ido – eles pensaram que eu estava logo atrás deles. Ele saiu para me procurar, mas quando me viu nos braços de Robin, não o reconheceu e pensou que eu tivesse conhecido um rapaz. Ele disse que voltou ao bar, mas depois de um minuto ou dois, percebeu que algo estava errado – que algo tinha acontecido – então fez um gesto para Tucker segui-lo lá fora, e começou a voltar para onde tinha me visto, continuando na direção do hotel.

"Como você percebeu que algo estava errado?", pergunta o detetive Mora.

Sam morde a parte interna da bochecha e franze a testa. "Rory jamais sairia por aí com um cara qualquer. Eu devia ter percebido isso na hora, mas eu estava... distraído, acho", murmura Sam.

"Distraído com o quê?", pergunta Mora, e não consigo deixar de me lembrar da ruiva bonita que ele estava abraçando mais cedo. Sam hesita antes de responder.

"Ciúme."

A detetive Mora acena com a cabeça em sinal de compreensão e, de repente, estou completamente absorta pelo relato de Sam sobre o que aconteceu. Tenho uma vaga noção de que Carl interpretou a fala de Sam como um sinal para levar Tuck um pouco mais adiante na calçada, de modo que eles não estão mais prestando atenção, mas não me movo. Nem tenho certeza se Sam sabe que estou ali, absorvendo cada palavra sua.

"Entendo. Mas como você sabia que a Srta. Pine não decidiu simplesmente interagir com um estranho? Muitas jovens usam o recesso de primavera como desculpa para se envolver em atividades que, em outras circunstâncias, seriam incompatíveis com seu perfil."

Sam morde o lábio inferior, mas seu contato visual com o detetive não vacila. "Não é Rory", diz ele simplesmente.

"Como você pode ter tanta certeza?", insiste Mora.

"Porque eu a conheço. Ela tem um passado que... a afetou... de certas maneiras. E uma dessas maneiras é que ela não gosta de ser tocada, nem mesmo pelos amigos, na maioria das vezes, e definitivamente não por estranhos." Claro, o Detetive Mora já sabe disso pelo meu depoimento e pelo histórico médico que passei para o paramédico. Sam fecha os olhos por um instante e balança a cabeça. "Mas, honestamente, mesmo que não fosse esse o caso, ela ainda assim não faria isso, férias de primavera ou não", acrescenta ele, com convicção, e meu coração se aperta no peito com a fé que ele deposita em mim.

"Certo, vamos voltar um pouco. Quando você saiu do bar pela segunda vez, o que você fez?", pergunta Mora.

"Como eu disse, procurei a Rory onde a tinha visto pela última vez, mas ela não estava lá. Gritei para o Tuck encontrá-la e saí correndo pela rua naquela direção, depois comecei a ir em direção ao hotel, já que fica ali perto", ele aponta na direção do nosso hotel, "mas eu a ouvi gritar e... entrei em pânico, não conseguia encontrá-la-"

"Você a ouviu gritar? Como sabia que era a Srta. Pine?", interrompeu o detetive.

Sam franze a testa, passa os dedos pelos cabelos e seu estresse é palpável. "Eu... eu não sei, acho que conheço a voz dela... e eu já pensei que ela estivesse em apuros... e eu tinha quase certeza de que ela tinha dito 'Sam'-"

"Qual seria você?", ela interrompe novamente.

Sam acena com a cabeça. "Sim."

"Então, o que você fez?"

Sam respira fundo para se acalmar; parece que ele precisa. Então, começa a explicar que achou que meu grito tinha vindo de trás dele, então se virou na direção de onde tinha vindo, mas não havia ninguém lá. Tuck o seguiu, e aparentemente o resto do nosso grupo percebeu que algo estava errado e também os seguiu, porque Sam os viu do outro lado da rua, parados em frente ao bar, consternados.

"O que seus outros amigos estavam fazendo nesse horário?", pergunta Mora.

Sam dá de ombros. "Não sei, mal reparei que eles tinham saído, estava ocupado", diz ele, irritado.

"Está procurando a Srta. Pine?"

Sam franze a testa, exasperado, claramente irritado com a meticulosidade da detetive ao ouvir ela constatar o óbvio. Não posso culpá-lo.

"Desculpe, Sr. Caplan, mas preciso me certificar de que entendi os detalhes corretamente. É meu trabalho", diz ela, em tom de desculpas. Sam suspira, aceitando a situação.

"Sim, eu estava procurando o Rory. Apontei para o final da rua, na direção oposta, para o Tuck correr na minha frente, e corri atrás dele. Mas aí eu vi o beco e simplesmente... parei, e os ouvi e estava escuro, mas eu conseguia distinguir algumas figuras, e-"

"Você disse que os *ouviu* ?"

"Ouvi Rory gritar 'sim'. Ela parecia *aflita* , e então uma voz masculina disse algo e eu corri até eles-"

"Você conseguiu entender o que a voz masculina disse?", interrompe a detetive novamente. Sam hesita e eu engulo em seco, ansiosa. Já sei que ele ouviu exatamente as palavras horríveis de Robin. Sam acena com a cabeça e a detetive ergue as sobrancelhas, expectante.

"Ele a chamou de 'vadia do caralho'", diz ele em voz baixa. A detetive Mora se arrepia, visivelmente desconfortável ao ouvir a virulência de Robin, e eu me pergunto o que diabos ela esperava ouvir quando veio investigar o que ela chamou de "tentativa de agressão sexual".

"O que aconteceu em seguida?", ela pergunta.

"Ele a prensou contra a parede, segurando-a pelo pescoço", Sam range os dentes. Seus dedos passam pelos cabelos novamente e ele morde o lábio com força antes de respirar fundo. "Ele levantou a saia dela e estava... machucando-a. Assim que cheguei perto, o puxei de cima dela e ele tentou me atacar. Lutamos. Finalmente, consegui derrubá-lo, Tuck veio e ficou de olho nele enquanto eu ajudava Rory e chamávamos a polícia, e foi isso", diz ele, dando de ombros.

"Por 'Tuck', você quer dizer Tucker Green, correto?"

Sam acena com a cabeça.

"Vamos voltar um pouco atrás, Sr. Caplan. Quando o senhor chegou até o Sr. Forbes e a Srta. Pine, o senhor o reconheceu?"

"Sim. Eu tinha visto a foto dele no Facebook", responde Sam.

"Você disse que ele a estava machucando, pode dar mais detalhes?", insiste o detetive.

Sam engole em seco, audivelmente. "Como eu disse", diz ele com cautela, "ele a prensou contra a parede *pelo pescoço* — ele estava a *estrangulando* ... ela parecia tão apavorada", sua voz falha. Ele abaixa a cabeça, fecha os olhos e esfrega o rosto com a palma da mão.

Eu fico ali parada, hipnotizada pela forma como Sam está afetado pelos acontecimentos da noite. A compreensão do que *ele* passou esta noite — desde achar que eu ficaria com um cara qualquer, até me procurar freneticamente... até me encontrar naquele maldito beco, ser atacada, *meu Deus* , e lutar por mim — me invade como uma onda de tristeza. Odeio que ele tenha me visto daquele jeito — tão indefesa e assustada. Me sinto tão patética.

isso que Robin faz comigo, é assim que ele me faz sentir: que não tenho controle sobre o meu próprio destino. Que eu só importo, só *existo*, em função *dele* . As palavras do meu pai voltam a invadir minha mente sem serem convidadas, lembrando-me de que não sou nada além de uma *garota do interior* , comum e insignificante. *Inútil* .

Mas Sam tem o efeito oposto. Ele se importa *comigo* . Para ele, eu *importo* . E com cada gesto altruísta de amizade, de afeto, Sam conseguiu o impossível: começar a reacender um senso de autoestima que Robin — e meu próprio pai — passaram tanto tempo destruindo. Essa constatação me acalma, mesmo que me inunde de emoção.

Eu contenho as lágrimas enquanto Sam continua sua declaração: "Eu sabia o que ele ia fazer-"

"E o que é isso?"

Sam levanta a cabeça e encara o detetive com intensidade. "Estupre-a."

"E só para deixar bem claro, você sabia disso porque ele tinha levantado a saia dela?"

"Ele estava tentando abaixar a calcinha dela e abrir suas pernas. E ele já tinha feito isso antes. Várias vezes. Ele é obcecado por ela."

"A senhorita Pine lhe contou isso?"

"Ela me contou sobre os... os abusos, e sobre o histórico deles. Ela não disse que ele era obcecado por ela - essa foi a minha própria conclusão."

Sam finalmente me nota de relance, olhando para ele com admiração, e nossos olhares se cruzam.

"Então você afastou o Sr. Forbes dela", pergunta a detetive Mora, mas Sam

continua me encarando, com uma profunda emoção no olhar. Me abraço, me protegendo, ainda me sentindo tão vulnerável, e não consigo evitar desejar que fossem os braços dele que me envolvessem. "Sr. Caplan?" Sam pisca e volta a olhar para a detetive. "Então você o afastou dela", repete ela.

"Sim. Lutamos até ele cair, Tuck nos encontrou e conteve nossos amigos, dizendo para eles chamarem a polícia, o que eles fizeram."

A detetive Mora o encara por alguns instantes, como se estivesse decidindo se deveria ou não dizer algo. Finalmente, seus olhos se estreitam ligeiramente. "Então, depois de ajudar a Srta. Pine a sair do beco, você voltou para o Sr. Forbes?"

Sam acena com a cabeça. "Tuck e eu garantimos que ele não se levantasse. Eu não queria que ele viesse atrás da Rory de novo."

"Só isso? Você apenas o imobilizou e esperou a chegada das autoridades?"

Sam pondera sobre o momento e então acena com a cabeça.

Estou literalmente tremendo de ansiedade. Mas não por mim, e sim pelo Sam. Eu não preciso ter visto o que aconteceu naquele momento no beco para saber que Sam e Tuck não ficaram simplesmente esperando a polícia chegar; eu saberia disso mesmo que ele não tivesse se certificado de que seriam avisados assim que alguém ouvisse as sirenes. Eu vi a expressão no rosto dele e, assim como Cam, sei que ele não podia deixar a polícia lidar com o Robin sem pelo menos dar mais alguns bons golpes.

Ainda bem que o Sam não o matou. Que ele não está na cadeia agora. A última coisa que eu quero é que o Sam se meta em encrenca por minha causa e por causa do meu passado. O Sam olha para mim de novo, como se agora que percebeu que estou aqui, não conseguisse desviar o olhar de mim por muito tempo. Uma parte dele provavelmente está irracionalmente preocupada que o Robin apareça do nada de novo e me ataque. Uma parte de mim certamente está.

O detetive Mora, visivelmente irritado com a distração de Sam, segue seu olhar. "Senhorita Pine, tenho mais algumas perguntas para o Sr. Caplan e a senhora teve uma noite longa. Pode voltar para o hotel agora e descansar um pouco."

Carl deve ter ouvido isso, porque ela está ao meu lado quase imediatamente e gentilmente me abraça. Ela sugere que eu volte para o hotel com ela e oferece para que Tuck fique com Sam. Estou tão atordoada que não consigo pensar em mais nada, e mesmo que cada célula do meu corpo queira ficar com Sam, deixo que ela me leve de volta para o hotel. Sam não me diz uma palavra quando saio. Aliás, percebo que ele não me disse uma palavra desde que me implorou para ficar com Carl do lado de fora do beco.

****

Carl me acompanha até meu quarto sem dizer uma palavra. Ela me segue para dentro e se senta no sofá enquanto eu me troco e depois vou ao banheiro lavar o rosto e escovar os dentes, tentando desesperadamente me livrar do gosto rançoso de Robin. Não vai adiantar, preciso de um banho, preciso esfregar rigorosamente cada parte do meu corpo que Robin tocou, mas isso terá que esperar por enquanto.

Finalmente, junto-me a Carl no sofá.

"Você está bem?", ela pergunta suavemente.

Dou de ombros. "Sim, não... Vou ficar bem. Já passei por coisas piores", murmuro.

Explico um pouco sobre Robin para ela, sem dar muitos detalhes. Apenas digo que ele é meu ex e que costumava me machucar, inclusive me forçando a fazer sexo. O olhar dela se fixa no meu quadril, e sei que ela está fazendo a ligação com a minha cicatriz, mas não insiste para que eu explique melhor, e eu agradeço. Dou permissão para Carl contar a verdade para Tuck, já que ele provavelmente já deduziu parte da história e, francamente, ele merece depois de me ajudar. Carl jura que ela e Tuck não contarão para ninguém, que dirão ao resto do grupo que um estranho me atacou e que Robin e nosso passado sórdido não precisam me seguir de volta para Port Woodmere. Eu quero muito acreditar nela.

"Onde você foi? Quer dizer, você entrou no bar com a gente, eu te vi, mas quando voltei do banheiro você não estava lá. O Capitão perguntou onde você estava e ninguém tinha te visto desde que você entrou, e ele meio que surtou - gritou comigo por ter te deixado sozinha e saiu correndo. Mas aí ele voltou alguns minutos depois e parecia ainda mais irritado e, antes que eu percebesse, o Tuck estava seguindo ele lá fora e nós meio que seguimos o Tuck também."

"Bem, eu fui embora." Respiro fundo, tentando me acalmar. "Eu e o Sam brigamos mais cedo, pouco antes de sairmos para jantar — foi por isso que desci atrasada", explico. "A culpa foi toda minha, eu só estava sendo idiota, então quando chegamos ao bar, eu estava procurando por ele para me desculpar. Mas aí, quando o vi, ele estava com o braço em volta de uma garota, rindo e sorrindo com ela, e... sei lá, eu simplesmente não consegui lidar com isso. Eu sei que a gente não está junto e que ele não me deve nada... mas a gente tinha ficado junto algumas horas antes, sabe?"

Carl franze a testa. "Ele estava com o braço em volta de uma garota?" Ela está incrédula. " *É, eu também estava."*

"Sim", confirmo. "E ela era bonita também. Ruiva."

As sobrancelhas de Carl se erguem e seu queixo cai, e eu fico olhando para ela sem expressão. " *Droga* , Rory! Aquela era a Thea, *prima do Capitão América* ."

Agora tenho certeza de que minha expressão de espanto é um reflexo da dela. *Sou tão idiota.* Escondo o rosto nas mãos, envergonhada, e depois de um instante a mão de Carl acaricia meu braço em sinal de consolo, então continuo meu relato.

"Bem, obviamente eu não sabia que era a Thea, e sendo a psicopata ciumenta que aparentemente sou, eu fui embora. Eu ia te mandar uma mensagem quando chegasse ao hotel. Quer dizer, era *ali do lado*, mas o Robin apareceu do nada e eu simplesmente... congelei." Não dou os detalhes que tive que dar à detetive. Só conto como o Robin me puxou para o beco e ficou me agarrando. Que eu tentei me defender, mas ele foi bruto e me empurrou, e aí o Sam chegou e o tirou de cima de mim.

Quando termino de falar, Carl me abraça novamente por um longo tempo. Quando ela se afasta, sinceramente, me sinto um pouco melhor.

"Você quer uma distração?", ela pergunta.

"Depende", respondo com cautela.

"Você vai gostar", ela me garante com um sorriso malicioso, então eu concordo. "Tuck e eu estamos oficialmente juntos", ela diz, e eu realmente dou um gritinho de felicidade por ela.

"Sério? Que incrível! Você não imagina o quanto estou feliz por você, Carl! Como isso aconteceu?" Eu divago, emocionada por, depois da noite horrível que tive que suportar, pelo menos uma coisa boa ter resultado disso.

"Sabe, quando o Tuck e o Cap estavam naquele beco e eu estava com você, eu fiquei louca de preocupação com ele. Achei que ia enlouquecer – eu não sabia se ele estava ferido ou o quê. Depois que a polícia chegou e ele saiu, eu literalmente pulei em cima dele e comecei a chorar. Não sei o que me deu, mas eu o abracei com tanta força que as lágrimas simplesmente saíram. Eu disse a ele o quanto eu estava preocupada e que o amava, e ele disse que também me amava! Você acredita?"

"É, claro", digo sarcasticamente. Claro que acredito, venho dizendo isso a ela há meses. Carl revira os olhos para mim.

"Bem, de qualquer forma, ele me beijou e nós conversamos, sabe, enquanto vocês davam seus depoimentos e tudo mais, e... você tinha razão, ele só estava preocupado que eu surtasse se soubesse o que ele sentia, e eu admiti o mesmo, e, bem... estamos juntos!" ela diz animada, e eu abro um largo sorriso. Estou realmente radiante por ela e digo isso a ela.

Carl se oferece para ficar comigo esta noite, mas eu só a manteria acordada com meus pesadelos se conseguisse dormir, e de qualquer forma, ainda quero me desculpar com Sam. E agradecê-lo. E sei que me sentirei inquieta e agitada até que isso aconteça. Carl reluta em me deixar sozinha, mas quando recebe a mensagem de Tuck informando que Sam terminou seu depoimento e que ambos estão voltando para o hotel, insisto que ficarei bem e que ainda quero conversar com Sam esta noite. Carl manda uma mensagem para Tuck para encontrá-la no meu quarto e ela fica comigo e conversamos até ele bater na minha porta.

Acompanho Carl até a porta e a abraço com força. Ela nunca saberá o quanto aprecio sua companhia, o quanto valorizo a sinceridade da nossa amizade.

Quando ela sai, Tuck a agarra e a beija com força na boca, e eu coro. As demonstrações públicas de afeto deles geralmente são mais lascivas do que carinhosas.

"Senti sua falta", sussurra Carl timidamente, completamente fora de seu padrão, especialmente considerando como ela costuma interagir com Tuck.

Tuck sorri. "Eu também, princesa", admite ele, e não consigo evitar sorrir ao pensar na diferença que um dia pode fazer. Tuck se vira para mim. "Você está bem, Rory?", pergunta ele.

Dou de ombros, mas concordo com a cabeça. Não sei como reagir a essa versão séria do Tuck.

"O Capitão está se culpando muito pelo que aconteceu."

"Mas não é culpa dele", argumento.

"Bem, o Capitão parece discordar", responde Tuck, e pelo tom dele, eu diria que ele concorda que Sam é pelo menos parcialmente culpado pelo que Robin fez, e não consigo deixar de me perguntar *por quê* ? "Mas só para você saber, aquele cara teria que ter um desejo de morte para chegar perto de você de

novo. O Capitão deixou bem claro o que aconteceria se ele fizesse isso. Eu mesmo levei uns socos. Estamos com você, Pine. Você sabe disso, né?"

Eu o encarei por um instante, verdadeiramente tocada. Não é que eu não considerasse Tuck um amigo. Eu o considerava. Claro que sim. Eu só nunca tinha parado para pensar se ele estaria lá por mim se eu precisasse. Acho que nunca imaginei uma situação em que eu *precisaria* dele. Mas acho que imaginei, e acho que ele estava lá.

"Obrigada, Tuck. É sério. De verdade", digo com a voz rouca, e ele sorri com simpatia. "O Sam já voltou para o quarto dele?"

Tucker balança a cabeça. "Não, ele foi dar uma caminhada na praia. Disse que precisava espairecer."

"Ah." Tento disfarçar a decepção na minha voz, mas falho, e ambos me olham com pena. "Bem, acho que vejo vocês amanhã", murmuro.

"Tem certeza de que não quer que eu fique com você, Rory?", Carl pergunta mais uma vez.

"Obrigada, mas eu vou ficar bem", insisto, e rapidamente digo boa noite e fecho a porta.

Entro correndo no chuveiro, lavando cada centímetro do meu corpo, inclusive o cabelo, esfregando furiosamente onde ainda sinto as mãos de Robin em mim. Esfrego a cicatriz até sangrar, incapaz de parar de imaginar seus dedos acariciando orgulhosamente a marca. Não me sinto totalmente limpa, mas não é nem de longe tão ruim quanto da última vez. Porque ele não conseguiu — não obteve o que queria — e o pensamento é gratificante.

Visto uma camisola e a cueca boxer que roubei do Sam ontem à noite, sabendo que me darão algum conforto.

Sei que terei que contar à minha mãe o que aconteceu. Sei que não demorará muito para que ela mesma saiba. Como tenho dezoito anos, a polícia não a contatou diretamente, mas não tenho dúvidas de que, amanhã de manhã, Robin terá ligado para o prefeito Forbes para que ele pague a fiança, e o prefeito Forbes ligará para o meu pai, que ligará para a minha mãe, me acusando de Deus sabe o quê. Imagino como eles tentarão fazer com que a culpa seja minha desta vez, mas não tenho dúvidas de que tentarão.

Uma coisa, porém, não me sai da cabeça. Robin disse que meu pai contou a ele que eu estaria aqui, mas como meu pai sabia disso? Eu tinha a impressão de que ele e minha mãe mal se falavam, por que ela contaria a ele sobre meus planos para as férias de primavera?

Decidi que vou ligar para minha mãe amanhã de manhã e contar o que aconteceu. Sei que ela vai surtar; sei que vai exigir que eu volte para casa, mas não vou deixar que Robin Forbes estrague minhas férias de primavera. Ele já arruinou o suficiente da minha adolescência. Espero que minha mãe entenda, porque sei que ela vai ficar chateada — com razão —, mas não vou para casa mais cedo. Amanhã terei que ir à delegacia local, onde me explicarão os detalhes das acusações e como tudo funcionará com a ordem de restrição e o caso.

Mas esta noite, a única coisa com que quero lidar é o Sam. Ainda lhe devo um pedido de desculpas pela nossa briga sobre o Cam, e também lhe devo um sincero agradecimento por me salvar esta noite. Por me salvar de ser forçada mais uma vez e — acredito sinceramente — por salvar a minha vida.

Fico pensando se ele ainda está caminhando pela praia "para espairecer". Odeio ter complicado a vida dele. Que ele esteja perdendo um segundo sequer das suas férias de primavera chateado por minha causa. Quero ir até a praia procurá-lo, mas sei que não consigo ficar andando sozinha pelo resort agora. Não à noite.

Decido verificar se a porta que dá para o lado do quarto do Sam está trancada e, se não estiver, esperar por ele lá. Não conseguirei dormir até conversarmos, embora eu imagine que ele provavelmente tenha trancado a porta depois da nossa discussão. Não o culpo.

Fiquei surpresa ao ver que a porta dele nem sequer estava fechada, muito menos trancada. Percorri o quarto na ponta dos pés, só por precaução, caso ele tivesse voltado e estivesse dormindo, sem querer acordá-lo, e notei que o quarto havia sido limpo desde que estive lá antes do jantar. Quando constatei que a parte principal da suíte estava vazia, entrei na ponta dos pés no quarto e encontrei a cama arrumada e intacta. Quase me senti decepcionada por ver que os vestígios da nossa tarde íntima haviam sido apagados. Como se nunca tivessem acontecido.

A brisa suave do oceano acaricia minha pele, arrepiando-me, e olho para a direita, encontrando a porta de vidro deslizante que dá para a varanda do quarto aberta. Caminho em direção a ela, mas diminuo o passo ao perceber que ele está lá, sentado na chaise longue, com uma expressão preocupada. Paro ao sair, esperando que ele olhe para cima, mas ele não o faz.

"Sam." Minha voz é um sussurro trêmulo, denunciando o estresse da noite. Ele se assusta, vira-se para mim e imediatamente tenta se levantar, mas eu faço um gesto para que ele não o faça.

Sam solta um suspiro profundo e passa os dedos pelos cabelos despenteados antes de pousar a mão na nuca. Seus olhos percorrem a varanda, encontrando todas as superfícies, menos os meus.

"Posso... sentar?", pergunto, apreensiva. Tanta coisa aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, e minha confusão anterior sobre a nossa situação só aumentou e se multiplicou.

Sam franze a testa e acena com a cabeça. Não consigo deixar de pensar em como ele é bonito, como fica especialmente deslumbrante com essa expressão confusa, e meus dedos coçam para tocar a suave ruga de sua testa, mas não o faço. Não tenho certeza se ele quer que eu o toque agora, já que ainda não resolvemos nossa discussão de mais cedo, embora eu saiba que ela foi ofuscada pelo que aconteceu com Robin.

Eu me acomodo aos pés da mesma chaise, e Sam se afasta um pouco, dobrando os joelhos para dar espaço. Estamos tão perto, mas sem nos tocar, e é estranho considerando o quanto me acostumei com seus toques casuais, mesmo antes de ficarmos juntos. Ele passa os dedos pelos cabelos novamente e, inconscientemente, umedece o lábio inferior antes de se inclinar para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, com uma expressão que irradia intensidade e resignação.

"Sinto muito, Rory. Eu vi você. Eu te *conheço* e sei que você nunca faria isso, mesmo se nós..." Ele respira fundo e suspira. "Eu sei que você não ia simplesmente ficar com qualquer cara. Você *não conseguiria* . Mas..."

"Sam—" Quero interrompê-lo. Não preciso que ele se desculpe por não ter pressentido o que estava acontecendo, e a última coisa que quero é que ele se afunde nessa auto-recriminação quando, na verdade, foi ele quem me *salvou* , mas ele balança a cabeça, interrompendo minha tentativa.

"Rory, eu nem me reconheço mais. Não quero ser esse cara. Não quero dar ultimatos, e a última coisa que quero é te causar mais estresse, mas não consigo fazer isso com você."

Meu coração para. *É o fim. Sou um problema demais; ele vai acabar com tudo.*

"Quero te dar todo o tempo que precisar. Sei que não é fácil para você, e sei o quanto isso é hipócrita, principalmente depois de tudo que você me contou sobre *ele* — o quanto ele era possessivo..." Sam se aproxima um pouco mais e pega minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus. "Mas você não sabe o que está fazendo comigo — como eu me senti quando pensei que você estava com outro cara. Eu me senti mal, Ror."

Agora sou eu que estou confuso.

"Não posso fazer isso pela metade, não com você. Isso está me afetando, sabe? Tudo o que sei sobre você me diz que você nunca faria isso, e mesmo assim, quando saí procurando por você e te vi com ele—" Sam praticamente rosna a última parte antes de fazer uma pausa para recuperar a compostura. "Eu me transformei numa garotinha insegura e ciumenta."

Ele olha para baixo por um instante, parecendo organizar os pensamentos, e quando seu olhar volta para o meu, ele está estranhamente nervoso, mas também determinado. Mas eu ainda não entendo o que ele está tentando dizer — se ele quer desistir de nós porque eu trago muita bagagem, ou se ele ainda me quer. Uma coisa é certa, porém: tenho quase certeza de que esta é a primeira vez que Sam sente ciúmes, e me sinto culpada por esse pensamento me dar prazer.

"Se você não consegue lidar com isso, então me diga. Voltaremos a ser amigos — eu entendo, ok? Mas se você ainda me quer, Ror, preciso saber que somos só nós dois. Me desculpe se isso me faz parecer possessiva, mas não consigo controlar o que sinto. Eu quero — não, eu *preciso* — que você seja só minha, se é que vamos fazer isso mesmo."

Ele quer que eu seja só dele? Eu o encaro, atônita e completamente sem palavras. Abro a boca para falar, mas a fecho novamente e respiro fundo, tentando me acalmar.

"Você sabe por que eu saí do bar hoje à noite?", pergunto finalmente, consciente de que minha voz denuncia meu estado emocional exausto, mas incapaz de fazer qualquer coisa a respeito.

Sam franze a testa. *Lindo* .

"Quando cheguei lá, estava te procurando, e quando te vi, você estava com o braço em volta de uma garota bonita, e... eu não aguentei. Fui embora", explico.

Sam balança a cabeça. "Rory, eu não estou interessado em nenhuma outra garota, a única garota com quem eu estava conversando era minha prima-"

"Thea, sim, eu sei disso... *agora* ", murmuro, e o canto da boca de Sam se curva num leve sorriso, que logo desaparece.

"É exatamente esse o meu ponto, Ror. Você saiu de um bar *sozinho* , caiu

direto na armadilha dele, e eu vi você! Acredite, eu queria dar uma surra nele só por ter te *tocado* , antes mesmo de perceber quem ele era — o que estava acontecendo. Eu deveria ter percebido, eu poderia ter impedido na hora, mas esse ciúme... essa incerteza..."

"Eu sei."

Sam engole em seco, ansioso, e respira fundo. "Então você não quer mais ninguém?", pergunta cautelosamente, e eu o encaro como se ele estivesse louco. Quem ia querer outra pessoa quando podia ter o Sam?

Quem mais eu poderia querer?

E então me lembro da nossa briga anterior e me sinto desanimado. *Claro* . Abaixo a cabeça.

"Você não entende", sussurro. Mas ele não discute, não desta vez. Ele não exige que eu o faça entender e, por algum motivo, já que ele não insiste, decido que posso, sim, contar a ele. "Não falo dele com ninguém. Com *o Cam,* quero dizer. Nem com o Dr. Schall, nem mesmo com a minha mãe."

"Você não precisa, Ror, eu nunca deveria ter te pressionado. Me sinto um tremendo idiota por isso; me desculpe."

"Não, Sam, *me* desculpe. Na verdade, eu estava te procurando no bar hoje à noite para poder me desculpar..."

"Rory-"

"Por favor, Sam, deixe-me explicar, está bem?" Eu imploro, e ele acena com a cabeça.

"Tudo bem, meu bem", ele sussurra, apertando minha mão com mais força, "mas não aí."

Sam se aproxima da chaise e me puxa para perto dele. Ele me abraça e eu me aconchego em seu conforto, inspirando profundamente e deixando seu aroma inebriante preencher meus sentidos.

"Eu e o Cam... éramos *só* amigos — melhores amigos, mas só amigos platônicos — desde os três anos de idade. Morávamos um ao lado do outro; fazíamos tudo juntos, literalmente. Só depois que terminei com a Robin, depois daquela última vez, sabe, no vestiário, que o Cam me disse que me amava. Quer dizer, ele sempre me disse que me amava, mas naquela noite ele disse que estava, sabe, *apaixonado* por mim. E eu percebi que também tinha sentimentos por ele — que eu já tinha sentimentos por ele mesmo enquanto namorava a Robin." Balanço a cabeça em reprovação, envergonhada, sabendo como isso soa, mas a verdade é a verdade.

"Assim que Robin começou a me machucar e, sabe, a me forçar, tudo mudou para mim", acrescento em minha defesa, mas Sam apenas me encara, sem demonstrar nenhuma emoção, e se ele está me julgando, está se contendo para pelo menos ouvir o que tenho a dizer. "Nós nos beijamos naquela noite", admito.

"No fim, eu contei para o Cam, e contar para ele foi o que me motivou a parar, mas..." Eu engasgo com as lágrimas, é tão difícil falar sobre o Cam, principalmente sobre aquela noite, e ainda mais sobre a manhã seguinte. "Sinceramente, eu não sei o que teria acontecido, o que teríamos sido. Nós nunca descobrimos, nunca tivemos a chance porque... na manhã seguinte..." Fecho os olhos e respiro fundo, levantando a mão quando o Sam tenta me impedir, porque

sei que ele acha que estou em pânico, mas não é pânico. É apenas uma dor profunda e dilacerante.

"Ele morreu, Sam", sussurro, "e foi tudo culpa minha."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Férias de primavera, ano passado

Acordo *pouco depois das sete, sozinha na cama do Cam. Presumo que ele tenha ido ao banheiro, porque o garoto jamais se levantaria tão cedo se não fosse absolutamente necessário. Resmungo por dentro, sabendo que terei que fingir que estou dormindo até que ele volte e caia num sono profundo — tão profundo que eu consiga sair da cama sem acordá-lo.*

Já tenho tudo planejado na minha cabeça. Vou dirigir até a delegacia, contar ao xerife Chipley o que a Robin fez, registrar a queixa e depois voltar para cá. A essa altura, o Cam já deve estar acordando, mas, por precaução, vou deixar um bilhete dizendo que fui à loja comprar "coisas de menina", o que ele vai entender como absorventes. Ele vai me encher o saco por dirigir na chuva, mas, felizmente, a tempestade já começou a diminuir. Ainda está chovendo muito, mas o vento amainou. Vou ter que dirigir com muita cautela, mas, contanto que as estradas não estejam muito ruins, devo conseguir chegar à delegacia sem problemas.

Odeio mentir para o Cam, mas é a minha única opção. Porque se ele soubesse para onde eu realmente estou indo, ele insistiria em vir comigo, mas não antes de me fazer concordar em esperar até que ele tivesse tempo de confrontar o Robin.

E essa é a última coisa que eu jamais desejaria. Mesmo que Cam certamente se defendesse numa briga, Robin sabe o que é preciso para causar danos, eu sei disso melhor do que ninguém, e eu não suportaria ver Cam se machucar. Principalmente por minha causa. Ele também provavelmente seria acusado de agressão se partisse para cima de Robin, e isso é a última coisa que ele precisa. Deus *, se ele fizesse qualquer coisa que comprometesse seus planos de estudar escrita criativa em Nova York, eu jamais me perdoaria.*

Forço-me a manter os olhos fechados e a controlar a respiração, esperando que Cam volte para a cama ao meu lado. Quando passam mais cinco minutos, arrisco-me a espreitar e constato que o quarto continua vazio.

Será que ele já acordou mesmo? E para onde diabos ele teria ido?

Eu me viro para o criado-mudo do meu lado da cama para pegar meu celular.

Onde está meu telefone?

Com certeza deixei aqui, sei disso porque queria ter à mão para ver as horas e garantir que acordaria cedo o suficiente, e não queria ter que me afastar do Cam para ver o decodificador, com medo de que meu movimento o acordasse. Saio da cama e procuro por toda parte — debaixo do criado-mudo, debaixo da cama, debaixo do travesseiro, mas não encontro em lugar nenhum.

Ótimo. Sem câmera e sem telefone.

Entro na ponta dos pés no corredor, ainda vestindo apenas a camiseta de futebol do Cam, mas a porta do banheiro está escancarada, mostrando claramente o cômodo vazio. Desço as escadas sem fazer barulho e encontro a cozinha vazia, assim como o resto da casa. Verifico a garagem, pensando que ele poderia estar malhando — provavelmente batendo no saco de pancadas de

novo — mas ela também está deserta.

Subo as escadas correndo, cada vez mais nervosa. Onde diabos ele está?

Pego um dos telefones fixos portáteis dele e disco o número do celular, mas a ligação cai direto na caixa postal, sem nem tocar. Visto minha calça de moletom, pensando que ele deve ter ido até a minha casa por algum motivo inexplicável. É estranho que ele não tenha deixado um bilhete, mas provavelmente presumiu que eu ainda estaria dormindo quando voltasse, assim como eu presumi que ele estaria dormindo.

Então percebo que nem sequer procurei por um bilhete. Caminho até a escrivaninha dele, sabendo que, se Cam tivesse deixado um, estaria em seu diário, que ele teria deixado aberto na página certa para eu encontrar. Ele costumava deixar bilhetes lá para mim antes de termos idade suficiente para ter celulares, e o hábito não desapareceu quando o motivo por trás dele se foi.

Mas a mesa dele está vazia. Onde diabos está o diário dele?

Lembro-me perfeitamente dele se levantando ontem à noite para escrever e, em seguida, abandonando o texto sobre a mesa quando lhe pedi para voltar para a cama.

Olho em volta novamente, com as sobrancelhas franzidas em confusão, e então vejo. O diário de Cam está aberto aos pés da cama, do lado dele. É completamente fora do comum ele deixá-lo assim, de forma tão descuidada. Ele trata aquele diário como um tesouro inestimável.

Um olhar rápido me mostra que não há bilhete, apenas uma longa entrada de diário — e, a julgar pela caligrafia, apressada e raivosa. Desvio o olhar rapidamente, sabendo que ele jamais gostaria que eu lesse uma de suas anotações, e, nesse olhar fugaz, vejo meu nome, então sei que se trata de mim.

É claro que é sobre você!

Sinto um arrepio só de pensar que Cam acordou no meio da noite para desabafar por minha causa. Saber que ele estava tão preocupado comigo e com Robin, e com tudo que eu contei a ele ontem à noite, que abdicou do sono para escrever em seu diário. Eu nunca quis ser um fardo para meu melhor amigo, e agora, temo, é exatamente isso que me tornei.

Mas onde diabos ele está?

Tento ligar para o celular dele novamente do telefone fixo, com o mesmo resultado frustrante.

Não sei o que fazer agora. Preciso chegar à delegacia logo, ou meu plano não vai funcionar.

Estou em guerra comigo mesma. Sei que a última anotação no diário do Cam pode me dar uma pista de onde ele foi, mas nunca traí a confiança dele nos quatorze anos em que somos melhores amigos, e realmente não quero começar agora. Mudo de ideia pelo menos vinte vezes antes de chegar a um acordo comigo mesma. Decido que vou ler apenas a última frase, porque se a informação que preciso estiver lá, é provável que esteja, e se não estiver, terei que encontrá-lo de outra forma.

Sento-me, tomando cuidado para nem sequer tocar no diário, caso ele se lembre exatamente de como o deixou e me pegue em flagrante. Estou incrivelmente ansiosa — nunca li uma única anotação do diário pessoal de Cam antes; só li suas histórias, e apenas com sua permissão expressa.

A última frase diz:

Ainda não consigo me livrar da sensação de que ela omitiu algo — que há algo que ela ainda não me confidenciou — e, considerando o horror do que ela me contou, só consigo imaginar o que poderia ser. Pela primeira vez na vida, amaldiçoo a imaginação fértil com a qual supostamente fui "abençoado" e me pergunto se seria a pior traição se eu procurasse a resposta no celular dela.

É uma frase longa e confusa, completamente diferente do que Cam costuma escrever, e não tem ponto final, dando a impressão de que ele parou de escrever abruptamente. Fico sentada ali por um momento, perplexa, antes de o pânico me dominar.

Meu telefone.

Onde diabos está meu celular?!

E então eu vejo a ponta do celular aparecendo por baixo do diário e percebo que Cam realmente mexeu no meu telefone. O que significa que ele viu as mensagens da Robin. Sinceramente, não sei por que isso me incomoda tanto, elas só confirmam a história que eu já contei para ele. Em detalhes. Então ele vai ver a Robin insistindo que eu pertenço a ele, analisando meus "problemas com meu pai", me chamando de estúpida *, e daí?*

Tento me convencer de que acredito nisso – de que não estou sufocando de vergonha por saber que Cam, meu melhor amigo e a pessoa que mais amo e respeito no mundo, viu em primeira mão como tenho permitido que meu namorado me trate e fale comigo, como ele disse, durante meses.

E então meu coração para.

A respiração fica presa na garganta e uma onda de náusea me invade quando finalmente percebo onde Cam está. Pego minhas chaves e tento ligar para o celular dele novamente enquanto saio correndo de casa, parando apenas para vestir um dos moletons de Cam que está pendurado no corrimão da escada e enfiar os pés em um par de sapatos aleatórios da mãe dele antes de correr para o meu jipe. O telefone de Cam vai direto para a caixa postal de novo, então eu disco novamente enquanto saio dirigindo na chuva.

Caramba, ainda está chovendo muito forte .

Não faço ideia de que horas Cam leu minhas mensagens e percebeu que Robin já estava em casa — que ele estava em casa desde ontem à noite. Detesto pensar em quanto tempo Robin e Cam já podem ter ficado sozinhos e o que pode ter acontecido. Só rezo para que eu consiga encontrá-los antes que a discussão comece — antes que se transforme em algo terrível. Me amaldiçoo ao perceber quanto tempo perdi andando pela casa dele procurando por ele como uma idiota, quando a resposta estava bem na minha frente o tempo todo.

Meus limpadores de para-brisa deslizam para frente e para trás sobre o vidro embaçado o mais rápido que a configuração permite, e mesmo assim eu aperto os olhos e pisco em vão, mal conseguindo enxergar mais do que alguns metros à minha frente. Disco o número do Cam novamente enquanto viro na Maple Drive, em direção à cidade. Estou presa em um semáforo vermelho antes de conseguir virar na Main Street e meu celular toca.

Graças a Deus!

Mas quando olho para o identificador de chamadas, vejo que não é o Cam. Aperto "rejeitar" quando vejo que é o Chip me ligando, sabendo que não tenho

tempo para perder tempo com ele agora. Meu jipe avança pela Rua Principal a uma velocidade quase nula.

Chip me liga de novo, e eu aperto "rejeitar" antes mesmo do primeiro toque terminar. Aposto que ele também está procurando o Cam e resolveu me ligar quando caiu na caixa postal.

Enquanto desço a Main Street lentamente, começo a distinguir luzes à distância. Ao me aproximar, reconheço os flashes vermelhos e azuis através da neblina e, finalmente, sou parado por um policial com equipamento completo de proteção contra tempestades, que me faz sinal para parar. Encosto o carro e abaixo o vidro o mínimo possível para evitar ficar completamente encharcado como ele. Ele é um policial jovem e não o reconheço, o que é estranho, já que conheço a maioria deles aqui em Linton. Mas acho que " a maioria" *não significa* todos .

"Você tem que dar a volta, a estrada está fechada", ele grita para ser ouvido por cima da chuva forte.

Droga . *Deve ter caído um cabo de energia — sempre acontece quando tem tempestade forte. Posso dar a volta, claro, em vez de atravessar a cidade, mas isso vai acrescentar pelo menos vinte minutos à viagem com esse tempo, e não sei se tenho* vinte *minutos. Só Deus sabe o que já está rolando entre Cam e Robin neste exato momento.*

"É meio que uma emergência, não tem como eu simplesmente passar dirigindo?" Eu imploro, mas ele balança a cabeça negativamente.

"Desculpe, querida. E você deveria ir para casa, não deveria estar dirigindo assim", ele adverte.

Eu franzo a testa. "Não me chame assim", murmuro, fecho a janela às pressas, dou ré e volto para Maple para contornar o parque. Uma ambulância passa voando por mim na direção oposta, e resmungo baixinho que eles *não são obrigados a contornar o parque.*

Meu telefone toca novamente.

Chip, de novo.

Por que ele está me incomodando, afinal? Ele não deveria pensar que estou em Gainesville com a Robin?

Embora eu imagine que, se ele tivesse falado com Cam em algum momento ontem, ele poderia ter mencionado que eu não... ou Lacey poderia ter mencionado que Robin chegou em casa mais cedo.

Finalmente, depois do que parece uma eternidade, chego ao quarteirão dos Forbes. Meu coração dispara cada vez mais à medida que me aproximo da casa onde fui tão magoada tantas vezes. Gotas de suor brotam por todo o meu corpo quando a casa surge à vista e minha respiração fica curta e ofegante. Não sei o que há de errado comigo e estaciono em frente à casa, sem ter certeza se consigo sequer sair do carro.

Sou tomado por um terror imenso só de pensar em ver Robin novamente, e enquanto uma faixa de aço fantasma aperta meu peito, percebo algo.

O carro do Cam nem está na garagem. Ele não está aqui.

Que porra é essa? Onde diabos ele está?!

Meu telefone toca de novo. Chip de novo! Aff, não tenho tempo para isso!

"O quê?!" Respondi finalmente. Ouvi sua respiração na linha, mas ele

hesitou.

"Rory?" ele pergunta hesitante. Ora, quem mais seria? Ele me *ligou !*

"Sim, Chip! Estou ocupado, o que houve?"

E então meu mundo sai dos eixos.

****

Sento-me no banco de trás da viatura policial sem fazer nada além de contar as respirações numa tentativa inútil de acalmar a respiração e fazer com que a viagem de carro mais longa da minha vida passe mais depressa.

Quando Chip perguntou onde eu estava, algo em sua voz me fez contar a verdade. Ele insistiu para que eu esperasse ali mesmo, mas não me disse nada, e eu já sabia que algo estava muito, muito errado. Ele veio com o pai dele me buscar, e agora, o tempo parou enquanto estou sentada aqui no banco de trás, encolhida em posição fetal, enquanto Chip me olha preocupado e seu pai, o xerife, nos leva para o hospital. As palavras deles ecoam na minha mente.

Cam sofreu um acidente.

Ainda não sabemos nada.

É ruim, Rory.

Respiro com dificuldade e evito contato visual com qualquer um dos homens de Chipley. Eles desistiram de me tranquilizar ou perguntar se estou bem. É mais do que óbvio que não estou bem.

Cam sofreu um acidente. Ele foi o motivo do fechamento da Rua Principal. E eu estava lá! Eu estava bem ali e nunca imaginei...

Eu simplesmente me virei e continuei até a casa de Robin.

Ninguém soube me dizer nada sobre o estado de saúde do Cam, mas o carro dele deu perda total. A Michelle, mãe dele, já está no hospital, claro, ela estava de plantão e está lá desde sexta-feira.

Choro em silêncio, conto as horas e rezo, conto as horas e rezo. Rezo a um Deus em quem nem sei se acredito, porque sei que Cam acredita, e agora, eu faria absolutamente qualquer coisa para que ele ficasse bem.

Nem me permito pensar no pior, porque sei que é impossível. Sei que não conseguiria sobreviver sem meu melhor amigo, nem mesmo se não estivesse lidando com meus próprios problemas pessoais, porque esses não se comparam à possibilidade de Cam se machucar.

Eu fico aqui encolhida, repassando a promessa do Cam na minha cabeça sem parar. Ele disse que nunca me deixaria, e o Cam nunca mentiu para mim, nunca. Ele não começaria agora. Não quando ele sabe que eu preciso dele mais do que nunca.

Quando finalmente chegamos ao hospital, não espero o carro parar completamente em frente à entrada da emergência antes de tentar fugir do banco de trás. Mas a maçaneta da porta não se mexe. Puxo, empurro e até chuto enquanto Chip tenta me acalmar, lembrando-me de que não se pode abrir a porta traseira de uma viatura policial por dentro, mas mal o ouço.

Estou gritando a plenos pulmões, em desespero, quando o xerife Chipley finalmente abre a porta e eu praticamente caio do carro. Não choro mais, tento desesperadamente me concentrar, preciso encontrar Cam, ele precisa de mim agora. Os dois Chipleys gritam atrás de mim enquanto corro para a emergência e pergunto à primeira pessoa que vejo onde está Cam, mas me mandam sentar e

esperar.

Espera aí?! Eu não aguento mais esperar!

Começo a gritar com a pobre mulher presa na recepção, exigindo ver Cam, mas ela apenas me encara como se visse uma garota desequilibrada tendo um ataque de nervos na sala de espera todos os dias, o que provavelmente acontece, e isso me frustra ainda mais.

Eu menciono o nome da mãe do Cam, e isso provoca uma reação. A Dra. Michelle Foster é uma figura importante aqui, mas embora a enfermeira da recepção pegue o telefone para ligar para mim, ela não está sendo rápida o suficiente, e eu estou pulando de susto, olhando ao redor em desespero. Meus olhos se voltam para as portas automáticas que dão para além da sala de espera, e quando o Xerife Chipley pergunta à recepcionista sobre o estado do Cam, aproveito a distração dela e corro por elas sem olhar para trás, apenas vagamente consciente de meu nome sendo chamado numa tentativa de me deter.

Nem pensar.

Olho para os dois lados do corredor, sem saber para onde ir, então tomo uma decisão e viro à esquerda, alternando entre gritar pelo Dr. Foster e pelo nome de Cam. Um médico que não conheço tenta me impedir, mas eu o empurro, olhando para os quartos dos pacientes enquanto passo, mas tudo o que vejo são várias pessoas desconhecidas com ferimentos diversos. Ainda não consigo chorar, mas não consigo controlar a respiração, e meus pulmões estão em constante estado de falta de ar, recebendo o suficiente para inspirar e expirar rapidamente, mas não o bastante para aliviar a sensação de queimação.

Sou agarrada por trás e grito, me encolhendo para trás, tentando desesperadamente me soltar do aperto do estranho, mas ele não cede. Sinto dor por todo o corpo — meus ferimentos ardem por causa do seu aperto e da minha resistência. Só depois percebo que não é um estranho, afinal, é o xerife, mas essa constatação não me impede de lutar.

Preciso encontrar Cam!

"Rory, por favor, se acalme!" O xerife Chipley sussurra alto no meu ouvido enquanto Chip me observa, atônito. Mas ele não está me olhando como se eu fosse louca, não, porque, embora esteja mais calmo, sei que ele compartilha da minha angústia. Cam também é um de seus melhores amigos.

Mas Cam não é apenas meu melhor amigo. Ele é a única pessoa no mundo que realmente me conhece, em quem confio. E eu preciso dele! Principalmente agora – ele sabe disso. Ele sabe disso . Finalmente respiro fundo. Sim, ele sabe disso, e prometeu que sempre estaria comigo, que nunca me deixaria, e Cam jamais quebraria uma promessa.

Mas preciso encontrá-lo, ver com meus próprios olhos que ele está bem, dizer a ele que sinto muito por ele ter se machucado por minha causa.

Eu grito o nome dele o mais alto que minhas cordas vocais permitem e, pelo canto do olho, vejo uma médica sair correndo por uma porta no meio do corredor. Me viro para o jaleco branco e vejo que é a Michelle. Me desvencilho do xerife, que finalmente me solta, e corro até ela. Ela me abraça forte e eu choro em seu uniforme médico.

"Vamos lá", ela diz fracamente quando começo a me acalmar, e acena para o xerife e Chip nos seguirem enquanto nos conduz à sala dos médicos.

Só tem mais uma pessoa lá dentro, uma médica que reconheço como amiga do Dr. Foster. Michelle me conta que Cam está na sala de cirurgia. Ele sofreu ferimentos internos graves e um hematoma subdural, o que significa sangramento no cérebro. É uma situação delicada. Não pergunto se ele vai ficar bem. Pela expressão no rosto dela, consigo sentir o medo, e não sei se conseguiria lidar com a resposta.

Sei que fiquei pálida como um papel e ainda não recuperei o fôlego. A sala de espera do médico está vazia, exceto por nós cinco, e eu fico sentada ali, paralisada, segurando a mão da mãe do Cam enquanto o tempo parece não passar.

Não faço a mínima ideia de quanto tempo se passou quando o telefone fixo na sala de espera dos médicos toca e todos nós nos assustamos. Solto a mão da Dra. Foster enquanto ela se levanta para atender. Só consigo ouvir a parte dela da breve conversa.

"Certo... claro... mostre-lhes o caminho até a sala de estar", ela murmura, com a voz fraca e trêmula, nada parecida com a Dra. Michelle Foster que conheci durante quase toda a minha vida. Ela está com medo, muito *medo, e esse conhecimento me aterroriza ainda mais.*

Deus, por favor, que Cam fique bem! Eu farei qualquer coisa! *Eu imploro em silêncio, negocio, suplico e rogo.*

Michelle está de volta ao telefone perguntando a alguém sobre o estado de Cam na cirurgia, mas, a julgar pela sua expressão, não está conseguindo nenhuma informação útil, então eu apenas fico sentada tentando respirar.

Então a porta da sala se abre e meus olhos se arregalam em horror. Robin está aqui.

Deus, não!

Eu o encaro em choque enquanto ele corre até mim e me abraça, tentando me consolar. Lacey fica para trás, com os olhos brilhando de lágrimas, enquanto Cindy Forbes acaricia suas costas em sinal de consolo.

E de repente, não aguento mais.

"Não me toque! Não me toque, porra!" Eu grito, me desvencilhando dos braços de Robin e empurrando seu peito para afastá-lo de mim. Assim que me liberto das garras daquele monstro, levanto da cadeira num pulo e me afasto dele.

Tenho uma vaga noção de que todos na sala estão me encarando como se eu tivesse enlouquecido, mas não me importo. Não posso deixar que ele me toque — nunca mais. Robin parece atônito, e meu ressentimento por ele só aumenta. Ele se aproxima cautelosamente, e eu recuo até encostar as costas na parede, mas mesmo assim ele continua vindo em minha direção.

"Querida, está tudo bem", ele sussurra. Estendo a mão para impedi-lo.

"Não me chame de ' querida' *! Não chegue perto de mim! A culpa é* sua *!" Eu grito, e sei que pareço louca, culpando Robin pelo acidente de carro de Cam, mas a culpa* é *dele! Ele é o motivo de Cam estar dirigindo na tempestade - o motivo de ele estar distraído.*

Robin não cede, dá dois passos lentos até ficar bem na minha frente, e quando estende a mão para me tocar novamente, eu perco o controle.

Eu tento afastá-lo e grito enquanto ele tenta me acalmar, dizendo que está

tudo bem e que eu não sei o que estou dizendo. Mas eu sei exatamente o que estou dizendo.

"Não! Não me toque! Por que você está aqui?! Você odeia o Cam!"

O xerife Chipley, desconfiado de toda a situação, coloca a mão levemente no ombro de Robin em sinal de advertência, e quando Chip me segura pelos braços por trás, percebo que não parei de bater em Robin. Tento me soltar do aperto de Chip, mas meu amigo sussurra para eu me acalmar e aperta ainda mais o meu braço, e eu faço uma careta ao sentir meus ferimentos piorarem.

"Estou aqui para você *, meu bem! Por que você está agindo assim? Eu te amo!" Pela expressão de Robin, alguém poderia acreditar que ele é realmente inocente - genuinamente confuso com meu desabafo.*

"Você me ama *?! Você não me ama!* O Cam *me ama! Ele nunca me machucaria! Eu te odeio! A culpa é toda sua! Eu contei para ele o que você fez comigo e ele ia te confrontar! Ele está magoado por sua causa!" Eu grito e continuo a reclamar, e Chip solta meus braços e se coloca na minha frente, com o rosto duro e inquisitivo, enquanto agarra uma das mangas do moletom do Cam e a enfia no meu antebraço.*

Ouvimos um suspiro coletivo quando meu pulso foi revelado, e continuei encarando Robin com amargura e raiva.

Tudo isso é culpa dele!

O xerife Chipley segura os ombros de Robin.

"Você precisa vir comigo, filho", ele murmura, sua voz enganosamente calma e profissional, e embora eu não desvie o olhar de Robin nem por um instante, consigo sentir a hostilidade do xerife.

Robin, o tolo, resiste. "Ela está mentindo! Eu nunca a machuquei!"

Ele ainda tem a audácia de negar! Estou furiosa, respirando com tanta dificuldade que minhas feridas doem a cada subida e descida do meu peito. Lentamente e com cuidado, abro o zíper do moletom do Cam, o suficiente para revelar meu pescoço, sem nunca desviar o olhar do de Robin.

Observo sua expressão mudar da raiva pela minha acusação para o medo de que ele seja realmente exposto pelo que fez. Todos saberão que monstro ele é, e sei que estou atingindo-o onde mais dói: em sua reputação.

A Dra. Foster surge imediatamente ao meu lado, examinando meu pescoço machucado, embora eu nem tivesse notado sua aproximação. Seu belo rosto, tão parecido com o de Cam, está marcado pela tristeza e preocupação.

"Porra, Rory," Chip respira, com os olhos arregalados.

Sei que todos estão chocados. Sei que ninguém jamais imaginou que o herói local e queridinho de todos, Robin Forbes, machucaria alguma garota — certamente não a mim, por quem ele dizia nutrir um amor tão intenso. Mas as marcas na minha pele contam uma história diferente, e embora tenham desbotado um pouco desde sexta-feira, ainda dizem muito. Principalmente o contorno escuro da enorme palma aberta de Robin em volta do meu pescoço.

Não vou revelar o resto dos meus ferimentos — não agora, quando Cam está lutando pela vida. Só preciso que Robin fique longe de mim, senão eu não teria causado toda essa distração.

"Robin", diz o xerife Chipley com mais firmeza, "você precisa vir comigo. Agora *."*

Robin bufa indignado, ainda me encarando com um olhar assassino, mas levanta as mãos, com as palmas para a frente, e deixa o xerife conduzi-lo para fora da sala. Sua mãe e irmã, com os olhos arregalados de choque, o seguem sem sequer olhar para trás.

"Rory," Chip começa, mas eu balanço a cabeça negativamente.

"Agora não." Minha voz é quase um sussurro, e meu amigo acena com a cabeça em compreensão.

Estou ali parada, no fundo da sala dos médicos, tentando fazer com que minha respiração volte ao normal, ou o mais próximo possível do normal que esteve hoje, enquanto Michelle, sua amiga médica, e Chip me encaram boquiabertos, sem saber o que fazer.

E então a porta se abre novamente, e meu coração dispara de medo de que Robin tenha voltado.

Mas não é o Robin. É um cirurgião, ainda com seu uniforme médico sujo, e enquanto Michelle aperta minha mão com força, eu imediatamente desejo que fosse apenas o Robin voltando. Porque eu sei, antes mesmo do cirurgião balançar a cabeça negativamente, que Cam não sobreviveu.

Eu consigo sentir. No fundo da minha alma, sinto que ele se foi. Que minha âncora neste mundo desapareceu. E eu já estou completamente perdida quando o cirurgião que eu já detesto com cada fibra do meu ser faz aquele pequeno gesto com a cabeça que confirma que estou verdadeiramente, para sempre, sozinha.

Fecho os olhos e, finalmente, as lágrimas que eu vinha segurando jorram como água corrente. Me agarro a Michelle, soluçando desesperadamente, e minhas pernas cedem enquanto nós duas deslizamos para o chão, ainda nos segurando uma na outra como se nossas vidas dependessem disso.

Mas não há mais esperança. Não há mais. Eu choro incontrolavelmente, mas não consigo parar – não há alívio. Minha mente corre a mil por hora e, ainda assim, não consigo me apegar a um único pensamento.

Sem Cam, estou completamente desvinculada de um mundo com o qual, sinceramente, não quero ter nada a ver. Meus ombros se contraem e eu aperto a mãe de Cam ainda mais forte, apenas vagamente consciente de que o aperto dela em mim é igualmente forte. Não sei o que mais está acontecendo, o que qualquer outra pessoa está fazendo, porque meus olhos permanecem cerrados. Não quero ver um mundo sem Cam. Não quero existir nesse mundo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Dias de hoje

Sam me abraçou cada vez mais forte enquanto eu lhe contava a história do pior dia da minha vida. Agora, deitada em seus braços, conto como, a princípio, me agarrei àquela sensação de liberdade, por mais difícil que fosse, porque parecia que eu poderia deixar o mundo junto com Cam. Mas, conforme os minutos passavam e a realidade se impunha — que ele realmente tinha ido embora, mas que *eu* ainda estava presa aqui, em um mundo sem Cam, mas *com* Robin Forbes — eu não conseguia respirar. A sensação de injustiça era desesperadora, o medo de ter que lidar com Robin sem o apoio de Cam era aterrorizante, mas a simples certeza de que eu teria que continuar existindo naquele mundo era absolutamente insuportável.

Não me lembro do resto daquele dia. Acordei mais de 24 horas depois, ainda no hospital, mas agora internada. A mãe de Cam não saiu do meu lado em nenhum momento, e descobri mais tarde que, quando meus pais chegaram tarde naquela primeira noite, ela os informou de tudo o que havia acontecido. Quando meu pai tentou minimizar meu desabafo como um lamento causado pela dor, minha mãe ficou horrorizada, e então meu pai admitiu o que eu havia lhe contado no início da semana. Ele repetiu a mesma resposta que me dera: que devia ter sido um mal-entendido, que eu havia provocado aquilo ao usar "saias curtas" e que Robin me ama e jamais me machucaria intencionalmente.

Minha mãe o expulsou de casa assim que recebi alta do hospital e ele foi morar com os Forbes, no mesmo quarto, aliás, em que Robin havia roubado minha virgindade e me forçado todas aquelas outras vezes.

Passaram-se mais de duas semanas até que Robin fosse preso. Os rumores começaram antes mesmo de eu sair do hospital, e Robin fez questão de construir as bases para sua defesa desde o início. A versão dele era que tínhamos discutido na sexta-feira e que ele havia terminado comigo, motivo pelo qual eu não o acompanhei a Gainesville. Minha acusação de que ele me havia machucado era simplesmente uma vingança por ele ter terminado comigo, misturada com o luto pela morte de Cam. A história era que eu estava sendo irracional – descontando meu luto em alguém, e meu ataque de pânico e consequente hospitalização, além do fato de eu não ter falado com ninguém por mais de uma semana após a morte de Cam... as pessoas acreditaram na palavra de Robin.

Ao mesmo tempo, porém, Robin espalhou a notícia de que ainda me amava. Que iríamos reatar. Eu não sabia na época, mas ele estava preparando o terreno para explicar as mensagens de texto. O que "talvez tenha sido um pouco extremo" na sexta-feira não se referia ao estupro que sofri no vestiário da escola, mas sim ao término do nosso relacionamento. Ajudou na história dele o fato de que ele realmente tentou voltar comigo. Várias vezes.

Mas só fiquei sabendo de tudo isso mais tarde. Depois que recebi alta do hospital, me tranquei no quarto do Cam e não saí de lá por quase duas semanas inteiras. Não falei com ninguém durante a primeira semana, exceto por breves trocas de uma palavra com a Michelle ou com a minha mãe. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo no mundo exterior até o Chip vir me visitar.

Foi aí que eu percebi o quão ferrada eu estava. Quando meu amigo de infância entrou no quarto do Cam e eu me encolhi num canto, apavorada por estar sozinha com ele. O Chip ficou horrorizado, mas ele foi uma das poucas pessoas que acreditaram em mim. Ele tinha visto meu pulso e meu pescoço no hospital, e ele me conhecia, sabia que eu estava falando a verdade.

Chip não sabia como lidar comigo, o que não era surpresa, já que eu também não sabia como me defender. Ele me mimava, negociava comigo e, no fim, gritou que eu precisava me pronunciar sobre Robin. Ele berrou que eu estava permitindo que Robin espalhasse esses boatos sobre mim e que eu estava deixando ele sair impune. E embora eu estivesse apavorada demais para sequer sair do meu canto, quanto mais para respondê-lo, eu sabia que ele tinha razão.

O problema era que, com a partida de Cam, fazer Robin pagar pelo que ele me fez não parecia mais tão importante. Para ser sincera, nada parecia importante sem ele. Tudo parecia tão... vazio. Sem esperança.

Uma vez cheguei a imaginar — não, não imaginei, *fantasiei* — que Robin voltaria para me buscar e me estrangular, mas dessa vez sem parar. *Isso resolveria tudo* , pensei. Robin seria preso por assassinato e eu ficaria com Cam. Mas não conto isso para Sam.

Eu contei a ele como Chip veio me visitar novamente no dia seguinte e finalmente conseguiu me fazer entender quando me lembrou que Cam jamais deixaria Robin sair impune. Que Cam arriscou a vida para fazer Robin pagar pelo que me fez e acabou perdendo-a. Foi tudo culpa de Robin.

Isso me despertou do meu torpor. Culpar Robin era tudo o que me restava, e buscar justiça me deu um propósito – uma razão para continuar existindo quando a única pessoa que importava para mim havia partido. Isso acendeu uma chama dentro de mim, forçando minha mente a se concentrar nessa única coisa, e eu me agarrei a ela desesperadamente. Porque eu sabia que, se me permitisse pensar sobre o assunto, voltaria à minha conclusão inicial – a verdadeira verdade: que Robin não era o responsável pela morte de Cam. *Eu era.*

Eu deixava Robin fazer o que fazia comigo repetidas vezes. Eu *voltava para mais.* E só quando temi pela minha vida, confiei no meu melhor amigo. Meu melhor amigo, que sempre foi incrivelmente protetor comigo, desde que me lembro. Que eu sabia que me amava profundamente, mesmo sem saber que ele era *apaixonado* por mim.

E *eu* não *o protegi* . Quando importava, deixei que ele fosse vítima da minha própria fraqueza e arriscasse a vida. E a perdesse.

Finalmente, depois daquelas semanas, prestei meu depoimento ao xerife Chipley no quarto do Cam, com a Michelle presente, mas sem a minha mãe. Eu não suportava ficar sozinha em um quarto com um homem, mesmo um homem em quem eu deveria confiar, mas também não podia deixar minha mãe ouvir os detalhes. Foi um ato egoísta, fazer a mãe do Cam passar por tudo aquilo enquanto ela estava sofrendo a perda do seu único filho, mas eu não estava pensando direito naquele momento.

Meus ferimentos já haviam praticamente desaparecido, e não havia nenhuma evidência forense de que Robin tivesse feito algo. Mesmo as evidências coletadas enquanto eu estava inconsciente no hospital eram circunstanciais, com exceção das marcas de mordida, que Robin alegou serem

apenas resultado de "sexo bruto", algo que, segundo ele, eu gostava. E isso também se espalhou pela cidade inteira.

Depois que Robin foi preso, passei de uma garota louca que reagiu irracionalmente a uma perda trágica, para alguém que estava ameaçando a vida e a carreira do queridinho da cidade.

Eu era um pária.

Alguns dias depois de finalmente prestar meu depoimento, precisei ir à delegacia para registrar o pedido de medida protetiva. Minha mãe tinha que estar no tribunal, e eu insisti que estava bem para dirigir sozinha. E quase estava. Mas Lacey e minhas "amigas" estavam me esperando quando saí, lançando acusações horríveis, e eu corri de volta para a delegacia e me escondi até o xerife me levar para casa. Quando ele me deixou em casa, a porta do carro estava trancada e, quando ele se virou para mim — provavelmente apenas para me confortar —, entrei em pânico, hiperventilei e acabei voltando para o hospital por mais dois dias.

O assédio piorou. Tive que excluir todas as minhas contas nas redes sociais e abandonar a escola definitivamente — não que eu estivesse bem o suficiente para frequentá-la. Minha mãe precisou tirar uma licença imediata do trabalho para me dar aulas em casa antes que eu ficasse muito atrasada para terminar o ano.

Eu nem sequer pude ir ao funeral do Cam.

A cidade inteira estava lá, Chip me contou depois, e embora Michelle tenha se oferecido para fazer um serviço particular - apenas a família, eu e alguns dos amigos mais próximos de Cam - eu não podia ser tão egoísta.

Meu egoísmo custou a vida de Cam.

No fim, eu soluçava histericamente na cama de Cam, abraçando seu travesseiro, cheirando-o freneticamente - desesperada para inalar o que restava de seu perfume - enquanto a cidade que me odiava dava seu último adeus ao garoto que me amava.

Michelle encontrou fotos dos meus ferimentos no celular do Cam, tiradas na noite anterior à sua morte — enquanto eu dormia — e esse foi o único motivo pelo qual Robin não saiu completamente impune. Foram essas fotos que convenceram o juiz a assinar a ordem de restrição, e apesar dos esforços do pai de Robin e meus, não conseguiram encobrir tudo. Mas o caso não era forte o suficiente e até minha mãe, que atuava como minha advogada, sabia que nossa melhor chance era um acordo judicial. Meu pai, sendo o promotor, foi quem negociou o acordo, e não havia nada que minha mãe ou eu pudéssemos fazer a respeito.

Robin concordou em não contestar a ordem de restrição se pudesse se safar com serviço comunitário e liberdade condicional, e eu não podia arriscar perder a ordem de restrição. Sem ela, eu tinha certeza de que ele nunca me deixaria em paz. Nunca.

Mas antes que o juiz assinasse o documento, meu pai me chamou ao escritório do promotor e distraiu minha mãe com a papelada enquanto me acomodava em uma sala de reuniões onde Robin por acaso apareceu. Ele implorou para que eu desistisse de tudo e voltasse para ele. Disse que ainda me amava, que faria qualquer coisa para me reconquistar, que estava "muito

arrependido" por eu estar chateada e que nunca mais faria nada para me magoar. No entanto, ele teve o cuidado de não mencionar detalhes específicos sobre como havia me magoado. Acusou-me de "arruinar nossas vidas", insistiu que "éramos feitos um para o outro" — que eu seria sua esposa um dia e que eu só precisava confiar nele. Mas eu mal o ouvi; estava ocupada demais chorando e hiperventilando contra a parede, em completo terror.

As pessoas me ouviram gritando e chorando, e quando meu pai tentou me acalmar porque eu estava "exagerando", deixei claro que não queria mais nada com ele. Essa foi a última vez que vi meu pai e a terceira vez que fui parar no hospital naquele mês — dessa vez com um diagnóstico de transtorno de ansiedade e um monte de remédios para ansiedade, depressão e insônia.

Mesmo depois de tudo isso, a família Forbes e meu pai fizeram de tudo para esconder da UFL, mas minha mãe resolveu tomar as rédeas da situação. Mais tarde, descobri que ela enviou a eles uma cópia do boletim de ocorrência, incluindo as fotos dos meus ferimentos, e conversou pessoalmente com o diretor de esportes.

Robin perdeu sua bolsa de estudos e seu lugar na equipe.

A cidade me odiava ainda mais.

Quando começaram a aparecer na minha porta gritando obscenidades e pichando minha entrada com as mesmas palavras maldosas, minha mãe colocou a casa à venda. Passei o resto do tempo em Linton entorpecida por uma infinidade de medicamentos controlados. Só quando percebi o efeito que tudo aquilo estava tendo na minha mãe, resolvi tentar manter a compostura. Fui diminuindo a dose dos antidepressivos. Nunca cheguei a depender muito dos remédios para dormir, porque eles não ajudavam nos meus pesadelos, só me prendiam neles. Passei a depender cada vez menos dos ansiolíticos, até que só precisei tomá-los em caso de crise de pânico, que têm acontecido com menos frequência desde que Sam entrou na minha vida.

Ao terminar de explicar sobre Cam e as consequências de tudo, percebo o papel fundamental que Sam já desempenhou na minha recuperação, na minha reconexão com este mundo. Em me dar um motivo para *querer* estar ligada a ele. Percebo como o simples fato de saber que um homem tão incrível existe neste mundo mudou completamente a minha visão dele. Ele não substituiu Cam — ninguém jamais poderia fazer isso —, mas *renovou* a minha fé nas pessoas. O mundo em que vivo é muito menos horrível, e embora eu amasse Cam mais do que tudo, estou *apaixonada* por Sam e, de alguma forma, no pouco tempo que o conheço, ele se tornou o centro do meu universo — a minha âncora. Não estou mais apenas sobrevivendo, como ele disse, estou *vivendo* .

E Sam é a razão disso. Sua fé em mim, sua paciência, sua lealdade e seu carinho me *inspiram* .

Eu me aconchego mais perto dele e ele aperta ainda mais o seu abraço, sussurrando o quão corajosa e forte eu sou, e eu deixo.

"Sinto muito pelo que aconteceu mais cedo, Ror. Eu não fazia ideia. Nem sei do que eu estava te acusando – eu só estava com ciúmes e paranoico. *E* possessivo..." ele murmura introspectivamente. "Você deveria saber, eu não tenho a mínima ideia do que estou fazendo", confessa com um pequeno sorriso envergonhado. "Eu nunca estive em um relacionamento – nunca senti ciúmes de

uma garota. Mas com *você* ..." Ele balança a cabeça em auto-reprovação. "Eu reagi de forma exagerada quando deveria ter confiado em você. Ajuda saber que estamos na mesma página, mas olha, eu não deveria ter te pressionado."

Dou de ombros, admitindo também a minha culpa pela discussão. "A culpa é minha, Sam. Eu devia ter te *contado* . É que... É que... É difícil falar sobre isso."

Os dedos de Sam roçam minha bochecha, e acho que ele quer me beijar, mas não o faz. Esta noite foi intensa demais. Entre o ataque de Robin e o fato de eu ter contado a Sam sobre Cam, um clima estranho e melancólico persiste.

"Fico feliz que você tenha me contado", admite Sam.

"Ei, me conta algo sobre você que ninguém mais sabe." Afinal, eu me confiei a ele como a ninguém mais.

Sam me observa, seus olhos revelando uma emoção tão profunda que tenho certeza de que minha tentativa de aliviar o clima não surtiu o efeito desejado. Ele morde o lábio, parecendo refletir sobre o assunto.

"Que tal eu te contar algo que *todo mundo* sabe... menos você, aparentemente?", ele retruca, e eu apenas o encaro, piscando os olhos. "Rory..." Sua voz baixou para um sussurro, seu olhar fixo no meu.

"Sim?" Eu respiro.

"Eu te *amo pra caralho* ."

Eu solto um suspiro de espanto. Não sei o que fazer, o que dizer. Apesar de todas as suas palavras, de todas as suas declarações românticas, jamais imaginei ouvir *isso* . Meu coração está acelerado, mas não de pânico. Estou radiante. *Sam me ama!*

Seus dedos deslizam lentamente pelos meus cabelos, e ele puxa meu rosto para perto do seu, hesitante. Percebo que ele está hesitante por causa do que passei esta noite com Robin, e me recuso a deixar aquele desgraçado arruinar mais um momento da minha vida. Surpreendo Sam ao beijá-lo com força antes mesmo que ele consiga terminar de se aproximar.

Os lábios dele são como um lar, e eu adoro a sensação deles nos meus. Eu *o amo* , é claro, e ouvir que *ele me* ama me deixou ao mesmo tempo chocada e emocionada.

E me deixou apavorado.

Me afasto abruptamente.

Ele não pode me amar!

Como posso deixar que ele faça isso consigo mesmo? Por que alguém iria querer ficar preso com a garota louca que tem crises de pânico? Só o Sam e sua perspectiva distorcida dos meus problemas — sua capacidade única de reconhecer apenas o melhor em mim — seriam capazes de cegá-lo para a realidade do que um relacionamento comigo significaria. E me cegar também, aparentemente. *Meu Deus* , como ele me faz esquecer facilmente de mim mesma — de tudo que está errado, de tudo que está quebrado.

"Ror?"

"Você... *você não pode* ", decido. Não, eu sempre soube que Sam merece alguém melhor do que eu, mesmo que ele não consiga enxergar isso agora. Sua testa se franze, daquele jeito adorável, e meu coração se aperta.

"Eu *posso* , meu bem", ele responde, o canto da boca se curvando num

meio sorriso divertido diante do que tenho certeza que ele pensa ser apenas minha incredulidade diante de sua afirmação. Me afasto de seus braços e me levanto, precisando de alguma distância da fonte da minha confusão — e da minha felicidade — e tento me fortalecer contra meus próprios desejos egoístas.

Sam fica visivelmente preocupado, até mesmo com medo, mas não posso deixar que ele faça isso consigo mesmo.

" *Não* , Sam-"

"Tudo bem se você não sentir o mesmo, Ror, eu não queria te pressionar, nem..."

"Não, não é isso! É *claro que* eu te amo, Sam!"

Droga! Eu não queria ter dito isso em voz alta.

"Droga!" Esfrego o rosto com as palmas das mãos e respiro fundo. "Sam, eu... eu te amo", admito novamente, desta vez intencionalmente. "É por isso que não consigo fazer isso. É por isso que não posso deixar *você* fazer isso. *Você* ... você é incrível. Você merece uma garota normal, com uma vida normal e problemas normais. Não..." Gesticulo para mim mesma, " *Eu* . Um desastre completo."

Sam está de pé, tenso e visivelmente irritado, mas eu não sinto medo. Instintivamente, sei que ele jamais me machucaria. "Não fale assim de si mesmo! Já conversamos sobre isso!"

Eu balanço a cabeça negativamente. "Sim, todo mundo tem problemas, eu sei, mas os meus são piores, lembra? Não importa o quão *forte* você ache que eu sou, eu ainda sou-"

"Você ainda é *a minha Rory* . E eu te *amo pra caralho* . Se eu sou tão *incrível* assim, então não mereço estar com a garota por quem estou completamente *apaixonado* ?" Sua voz abaixa, sua expressão suaviza. Ele estende a mão, cautelosamente, e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. "Eu sei o que quero, Ror. Talvez até mais *porque* não é algo que eu já tenha desejado antes — algo que eu sequer pensei que *pudesse* desejar. Mas não importa o que você diga, o que você queira, o que você decida — nada disso vai mudar o que eu sinto."

"Eu não vou simplesmente seguir em frente e encontrar outra pessoa só porque você ainda acha que não merece isso, que não é *normal* . Porque o que você não entende é que você está certa, você *não é* normal, mas não porque você tem ansiedade. Porque você é melhor do que *o normal* , Ror, você é incrível. Você é linda, inteligente, forte e leal. Você é *tudo* para mim. Se você não quer isso, *a mim* , tudo bem, mas se você quer... não deixe ele vencer, meu bem. Depois de *tudo* ... você merece ser feliz, Ror, *nós* merecemos."

E o que posso fazer? Quero protegê-lo, mas quando ele me diz essas coisas, começo a acreditar nele, e quando ele me olha assim, eu me derreto.

Sam realmente me ama.

Por que não percebi isso antes? Meus olhos se enchem de lágrimas, mas o polegar dele as enxuga antes que caiam, as sobrancelhas franzidas em preocupação — como se estivesse aguardando o veredito de um júri. E eu sou o júri. *Qual será o veredito? Nos inocentar de nossos demônios ou nos punir pelos crimes cometidos contra nós, e não por nós?*

"Ainda acho que você merece coisa melhor", sussurro, e Sam dá um passo

para que fiquemos frente a frente, e eu tenho que olhar para ele por entre meus cílios.

"Isso não existe, Ror", ele murmura com aquele seu timbre profundo e perfeito, e então seus lábios se chocam contra os meus — sua boca capturando a minha num beijo amoroso e apaixonado que torna impossível duvidar da sinceridade de suas palavras.

Eu gemo em sua boca enquanto tento concentrar todo o meu amor por esse garoto nesse único beijo. Desta vez, é ele quem se afasta, ofegante, e me pega no colo para me levar de volta para dentro com renovado ânimo. Ele me deita delicadamente na cama e, depois de tirar as calças jeans às pressas, me segue enquanto me aconchego sob o edredom, me puxando para perto dele, e eu suspiro satisfeita. *É aqui que eu quero estar.* Aninhada junto a ele, minha cabeça repousando em seu ombro, meu rosto convenientemente pressionado contra seu pescoço, onde posso saborear seu aroma inebriante a cada respiração. Deslizo minha perna sobre a dele, me acomodando até não saber mais onde ele termina e eu começo, nossos membros entrelaçados, nossos corações batendo em sincronia, ecoando nossas declarações de afeto.

Os dedos de Sam percorrem minhas costas delicadamente, e eu estremeço com seu toque. O desejo se alastra dentro de mim, ameaçando lentamente suplantar os sentimentos persistentes de medo e dor que o encontro desta noite com Robin trouxe consigo.

Mas algo está errado. Há muita roupa entre nós, e eu preciso sentir a pele dele contra a minha agora mais do que preciso de ar. Estou desesperada por mais intimidade com este homem que amo tão profundamente, este homem que eu nunca acreditei que pudesse me amar — ou *que devesse* me amar — mas que, de alguma forma, me ama. Mas, por enquanto, ele parece satisfeito em simplesmente me abraçar confortavelmente. Com cuidado, estendo a mão para a barra da camisa dele, levantando meu corpo lentamente para me afastar do Sam e tirar o tecido, e ele se move para me ajudar. Quando tento alcançar minha regata, a mão dele segura meu pulso, interrompendo meu movimento, e eu me inclino para trás para encontrar seu olhar curioso.

"Vamos evitar testar meu autocontrole mais do que o necessário, tá?", diz ele, com leveza.

Franzo a testa. *Autocontrole?* "Eu não pedi para você se controlar", digo com a voz embargada, e levanto minha blusa mais alguns centímetros, antes que ele aperte meu pulso novamente para me impedir.

"Amor, você passou por um inferno esta noite. Você está *machucada* ", ele me lembra enquanto sua mão livre roça suavemente o hematoma que está escurecendo na minha bochecha. Pela sua expressão, diria que dói mais nele do que em mim.

Quase respondo que não preciso que ele me lembre, mas então percebo que, na verdade, preciso sim. Estou completamente distraída por ele. Por sua declaração de amor, pelos meus próprios sentimentos por ele e, agora mais do que tudo, pela minha atração irresistível por ele e seu corpo perfeito e esculpido. Mas qual o problema nisso? Robin não merece minha atenção, e certamente não a de Sam. Sam, por outro lado, merece *tudo* .

"Eu só... preciso sentir sua pele contra a minha", sussurro.

Sam tira a mão do meu pulso e eu rapidamente puxo minha regata, e antes que ele possa me impedir, abaixo meu short o suficiente para que eu possa chutá-lo e ficarmos apenas de roupa íntima. Só então volto para o meu lugar em seus braços, pele com pele.

Suspiro. *Isso é muito melhor.*

" *Meu Deus* , você é linda", Sam sussurra, e eu me aconchego ainda mais nele, encostando meu rosto em seu pescoço. Passo meus lábios suavemente para frente e para trás sobre a pele macia e sinto Sam estremecer sob mim. "Está tentando me torturar?", ele provoca.

Balanço a cabeça contra a garganta dele e ele solta uma risadinha curta. Ele beija meu cabelo, inspirando profundamente.

"Ror?"

"Sim?"

"Sobre o que vocês estavam conversando? O que ele te perguntou que você aceitou , sabe, que o irritou daquele jeito?", pergunta Sam, hesitante.

Hesito. Tenho medo que ele fique zangado comigo se eu lhe disser que arrisquei irritar ainda mais o Robin ao admitir meu relacionamento com o Sam. Mas ele não vai entender que dizer ao Robin o que ele quer ouvir não funciona com ele — que mesmo que ele não tivesse tentado me estrangular, isso não o teria impedido de me forçar, e eu preferiria estar morta a reviver tudo aquilo.

"Ele... ele encontrou minha cicatriz... Ele ficou tão feliz que ela *tivesse* cicatriz - que eu tivesse a marca dele para me lembrar que eu sempre seria dele, não importa o que eu faça..."

Sinto o corpo inteiro de Sam enrijecer sob o meu, o maxilar cerrado em fúria silenciosa, e me afasto para poder olhá-lo. Mesmo em meio à raiva contida, o homem é absolutamente de tirar o fôlego.

"Ele me ouviu gritar por você, sabe, quando você passou correndo pelo beco... ele está nos *seguindo* , Sam, há um tempo que eu não sei. Talvez ele tenha nos visto sair do bar ontem à noite... talvez ele até estivesse perto do hotel", percebo, e minha respiração começa a ficar curta e rápida.

Sam range os dentes, mas sua mão acaricia minhas costas, lembrando-me de que Robin está preso e que eu estou aqui, em segurança, com Sam.

"Ele estava *te seguindo, porra?* ", pergunta Sam, cautelosamente.

" *Nós* ", corrijo-o. Claro, ele estava *me seguindo* , mas mal me separei de Sam desde que chegamos a Miami, e Robin certamente percebeu. Ele deixou isso bem claro. E Sam precisa entender que, com Robin, existe um perigo em estar comigo. Um perigo em me amar. Um perigo que talvez nunca desapareça.

"O que ele te perguntou?", Sam pergunta novamente.

Respiro fundo. "Ele perguntou se mais alguém tinha visto a marca dele. Se *você* tivesse... se eu tivesse *transado com você* mesmo pertencendo a ele."

Sam fica ainda mais tenso. "E você contou *a verdade para ele* ?" Ele está incrédulo, como eu sabia que estaria.

"Eu não conseguia negar, Sam — dar a ele essa satisfação. De pensar que eu ainda só tinha estado com ele, que eu ainda lhe *pertencia* . Eu..." Eu engasgo com um soluço, *"Eu não conseguia."*

Sam me puxa para o seu peito, beijando meu cabelo com fervor, e eu sou grata. Ele entende. Ele simplesmente me compreende de uma forma

inexplicável. "Você *não é* dele, Ror", ele rosna intensamente. "E nada que ele diga ou faça jamais mudará isso. Eu nunca mais vou deixar aquele maldito chegar perto de você, eu juro por Deus."

Eu o beijo. A verdade é que aprecio o gesto dele e, de uma forma primitiva, isso me excita ainda mais. Mas a minha parte racional está mais assustada do que qualquer outra coisa. Eu não quero que o Sam se arrisque por mim. Nunca. Não como o Cam. E hoje à noite ele se meteu numa briga por minha causa. Inúmeras coisas terríveis poderiam ter acontecido, e a culpa seria minha.

Sam desliza a língua para dentro da minha boca e, de repente, Robin desaparece da minha mente. Estou de volta ao aqui e agora com o homem que amo, que, por algum milagre ou maldição, me ama também. Aprofundo o beijo e me reposiciono para ficar completamente sobre ele. Sinto a sua *falta de contenção* através das nossas roupas íntimas e estou desesperada para provar — para ele, para mim mesma, talvez até para Robin — a quem realmente *pertenço* . Sam geme profundamente antes de separar os lábios dos meus.

"Você está me matando, amor", ele sussurra roucamente, e eu percebo que ele ainda acha que não deveríamos fazer isso esta noite. Deslizo minha mão entre nós, por cima da sua cueca boxer, e mais uma vez me impressiono com o tamanho dele. Ouço e sinto sua respiração ofegante. " *Porra*, Ror..."

" *Sam* ... eu preciso de você. Eu não sou dele. Eu sou *sua* . E preciso que você me lembre disso, *agora mesmo* ", digo suplicante.

E isso é tudo o que ele precisa para se sentir encorajado. Ele retoma seu beijo perfeito, rolando até que eu esteja presa sob ele, e minhas pernas se enroscam automaticamente em sua cintura, minhas coxas acolhedoras envolvendo seus quadris deliciosamente estreitos.

Eu gemo. *Sim* . É disso que preciso. Entregar-me novamente ao único homem a quem já me entreguei. Que ele tome posse de mim. Para acalmar os medos secretos que espreitam nas profundezas dos meus pensamentos mais sombrios, que sussurram que Robin está certo — que uma parte de mim sempre lhe pertencerá, não importa o que eu faça.

"Você. É. *Minha* ", Sam rosna entre beijos. "Está me ouvindo, gatinha? E eu sou seu. Pelo tempo que você me quiser."

****

Já é tão tarde, e mesmo quando começo a cochilar, percebo que Sam está deitado, bem acordado, olhando pensativamente para o teto, olhando para mim de vez em quando, talvez para ver se eu adormeci.

Finalmente, o sono chega e eu mergulho em sonhos maravilhosos com praias e suítes de hotel. E com Sam.

Sam e eu caminhamos pela praia, mas alguém está nos seguindo. Não sei quem é, e nem sei como sei, porque não vejo nada que confirme minhas suspeitas. É apenas uma sensação. Uma sensação assustadora e perturbadora de que alguém — alguém perigoso — está nos observando das sombras.

De alguma forma, sei que sou o alvo. Alvo de quê, eu não sei, mas sou quem ele quer ferir. Tento convencer Sam a ir para outro lugar, para fora da linha de fogo, por assim dizer, mas ele não me deixa em paz.

É como se ele não acreditasse que o perigo fosse real, ou estivesse tão certo de que consegue lidar com a situação que não a leva a sério, mas eu, pelo

contrário, estou apavorada.

A praia se transforma em uma rua da cidade, e continuamos caminhando. Sam pega minha mão, e meus olhos percorrem os cantos da rua, mas não consigo encontrar o perigo que tenho certeza que ainda nos segue. Tento puxar minha mão de volta, e vagamente penso que estou sendo tola – que estou apenas preocupada, mais uma vez, que Chelsea nos veja sendo amigáveis demais e me escolha como alvo de alguma vingança estúpida, maldosa e imatura. Digo a mim mesma que posso lidar com Chelsea. Que Sam estava certo, isso é apenas minha paranoia, não um perigo real.

E então sou puxado para um beco e Sam magicamente evapora.

"Olá, querida", diz Robin arrastando as palavras. Meu estômago revira e um pavor me invade o coração.

"Não! Sam *!" Eu grito antes que eu possa me conter, mas é tarde demais, Robin me ouviu.*

" Sam?! *" Robin rosna com nojo. Ele me empurra contra a parede de tijolos e uma dor aguda percorre todo o meu corpo.*

Por favor! Não!

Robin segura meus pulsos acima da minha cabeça, mas depois me solta. Mas eu não consigo me mexer. É como se ele tivesse me prendido à parede com amarras invisíveis, e embora eu me debata e puxe freneticamente para me libertar, é inútil. E então Sam reaparece, mas está caminhando tranquilamente pela rua, alheio a qualquer perigo. Robin corre em sua direção, e eu abro a boca para gritar um aviso, mas minha voz não funciona.

Não! Sam! Cuidado!

Mas é tarde demais. Robin o ataca num instante, e eles lutam, ambos trocando socos, até que Sam é arremessado na rua e um carro que se aproxima freia bruscamente, sem conseguir parar a tempo.

Oh, Deus! Sam! Não!

Sento-me na cama, no quarto iluminado pelo luar, ofegante de terror enquanto Sam murmura que foi apenas um sonho, que estou bem e que sente muito, *muito mesmo.* Tento recuperar o fôlego enquanto me pergunto pelo que ele está se desculpando, até que percebo que ele está sentado em cima do edredom — como se tivesse acabado de voltar correndo para a cama para me acordar do meu sonho. Ele deve ter saído da cama, sem conseguir dormir, certamente ainda abalado pelo ataque de Robin.

Envolvo meus braços em volta do pescoço dele e choro baixinho contra seu peito, absolutamente enlouquecida de alívio por Sam estar ali, por o sonho não ter sido real – por seu destino não ter sido igual ao de Cam.

Ainda não , sussurra meu subconsciente com maldade, e eu empalideço.

Sam continua sussurrando palavras de conforto, mas eu não digo nada. Este foi o pior pesadelo que já tive. *Perder Sam* . Como eu poderia sobreviver a uma coisa dessas? Depois de tudo que já superei. Certamente todos têm um limite de sofrimento e tristeza antes que o coração simplesmente pare de bater.

Sam pergunta se meu pesadelo foi particularmente ruim e eu apenas aceno com a cabeça contra o peito dele. Ele não faz ideia. Talvez o pior de tudo seja que ele ecoou meu medo mais profundo, e eu sei que esse medo não é infundado.

Finalmente, me acalmo e voltamos para a cama. Sam promete que não me deixará enquanto eu durmo novamente. Ele se culpa por ter feito aquilo, e eu quero dizer que está tudo bem, que não é culpa dele, mas não consigo encontrar minha voz. Mesmo que conseguisse, não sei se teria coragem de mentir para ele. Porque sei que, se ele tivesse ficado comigo, os pesadelos teriam ficado longe.

****

É manhã quando acordo, e Sam ainda está dormindo profundamente, embora eu não tenha ideia de a que horas ele finalmente fechou os olhos na noite passada. Sei que devo deixá-lo dormir, então saio da cama com cuidado e vou até o banheiro para me lavar. Tomo um banho completo e volto sorrateiramente para o quarto, onde Sam se mexe um pouco, mas continua dormindo, e eu visto sua cueca e minha camisola da noite passada.

Sam se mexe de novo e eu fico imóvel até ele se virar e dormir. Sam tinha dormido tão bem nas poucas vezes em que dormi com ele, e me deixa nervosa vê-lo se revirando agora. Ele murmura algo enquanto dorme e eu me aproximo da cama na ponta dos pés. É então que percebo que suas belas feições estão contorcidas, como se estivesse em sofrimento.

Devo acordá-lo?

"Não", ele murmura, com o corpo tenso. "Para longe..."

De repente, ele se vira violentamente para o lado e chuta os cobertores.

"Não toque nela!"

Meu queixo cai de horror enquanto eu pulo na cama e começo a sacudi-lo em desespero.

"Sam! Acorda!" Eu imploro, mas ele me empurra para trás e chuta novamente algum agressor invisível à sua frente.

"Não!" ele grita.

Eu o sacudo novamente. "Por favor, Sam! Por favor, acorde! Você está sonhando! *Por favor!* " Imploro ao seu eu inconsciente.

Seus olhos se abrem de repente e percorrem o quarto como se ele ainda estivesse tentando localizar o agressor, e eu fico olhando para ele boquiaberta, com os olhos cheios de lágrimas. Vejo o momento em que ele percebe que estava sonhando e entende onde realmente está. Sua mão voa para passar os dedos pelos cabelos e ele fecha os olhos novamente para se orientar. Toda a cena é absolutamente de partir o coração.

Então é assim que ele se sente ao presenciar meus pesadelos, percebo com profundo desespero.

"Você está bem", sussurro com a voz trêmula.

Sam solta um suspiro profundo e, ainda de olhos fechados, acena com a cabeça. Sinto-o se recompor antes de abrir os olhos e perguntar se *estou* bem. Encaro-o incrédula e ele suspira. Ele começa a se sentar, mas eu o empurro delicadamente para baixo e me sento sobre ele, cobrindo-o de beijos suaves nas bochechas, na testa, nos lábios e até nas pálpebras. É tudo o que consigo pensar em fazer.

Ele segura meu rosto entre as mãos, enxugando com os polegares as poucas lágrimas que caem.

"Era sobre mim?", pergunto hesitante, embora já soubesse que era. Ele não me responde, apenas se vira de lado, reposicionando-nos para que fiquemos

deitados lado a lado, um de frente para o outro.

Seus nós dos dedos roçam minha bochecha machucada e ele faz uma careta, embora eu não reaja. Seus dedos descem até meu pescoço, e percebo em sua expressão triste que ele também vê o hematoma ali. Seus dedos continuam o percurso, agora sobre meu ombro, e seu olhar os acompanha.

"Adoro este ombro", murmura ele.

"Você... *o quê* ?"

"Eu nunca tinha percebido o quão sexy um ombro podia ser... até aquele dia em que fui à sua casa - sabe - quando você se ofereceu para me dar *uma provinha do seu muffin"*, ele sorri maliciosamente e eu coro.

Tenho uma vaga noção de que ele está tentando me distrair do seu pesadelo, e que está conseguindo. "Você estava usando aquele moletom da NYU que caía sobre o seu ombro, e eu não conseguia parar de olhar, pensando que era o ombro mais perfeito que eu já tinha visto, *e* que eu gostaria de lamber... não que eu *também não* quisesse lamber o seu-"

"Sam!" Eu rio baixinho, dando um empurrãozinho brincalhão no peito dele antes de enxugar uma lágrima que ainda escorria pela minha bochecha.

Ele sorri melancolicamente.

"Então você é um homem de ombro?"

"Eu sou fã *do Rory* ", ele corrige.

"Hum," penso, "então o que você era antes de eu te converter à adoração pelos ombros?"

Sam me observa. "Acho que sou fã de bundas", conclui, "embora eu sempre tenha gostado destas também", acrescenta, enquanto seus dedos continuam sua leve exploração, deslizando delicadamente até a linha do decote da minha regata, e eu me arrepio toda.

"Que bom que você gostou." Tento soar brincalhona, mas minha voz baixou para um sussurro ofegante ao seu toque.

" *Amor* ", ele me corrige novamente. "Eu amo cada parte de você, meu bem. Especialmente isso." Seus dedos sobem levemente, sobre meu esterno, e param bem em cima do meu coração, antes de ele me beijar.

Seu beijo é suave e doce, desprovido da paixão que indicaria que deveria levar a algo mais. É como se ele estivesse apenas tentando reafirmar que seu sonho era apenas isso mesmo – um sonho – e que eu estou realmente aqui, realmente bem. Odeio que ele esteja chateado por minha causa. Que minha vida – meu passado – tenha voltado para assombrá- *lo* .

Não é assim que um relacionamento deveria ser. Não é assim que o amor deveria ser. Sam já passou por tanta coisa na vida e aqui está ele, nas férias de primavera — o que deveria ser o auge da diversão despreocupada — e passou de cuidar de mim como se eu fosse criança, a cuidar de mim enquanto estou doente, a discutir comigo sobre Robin e Cam, a brigar por minha causa — tão chateado que precisa andar para clarear a mente, tão chateado que nem consegue *dormir* — e agora está tendo *pesadelos* . Tudo por minha causa. Estou tomada pela culpa e, mais uma vez, me pergunto se realmente posso fazer isso com o homem que amo. Prendê-lo a mim indefinidamente quando sei o que isso significará para ele.

"Você já teve um sonho assim antes?", pergunto, hesitante.

Sam passa a mão pelos cabelos, exasperado. "Ror... não faça isso."

Eu franzo a testa.

"Olha, não é sua culpa que eu tive um pesadelo horrível, tá bem? Você não imagina o que é ver isso, Ror. Ver aquele *filho da puta* prendendo minha garota contra a parede com a mão no seu pescoço, tentando—" a voz dele falha e ele para de falar, fechando os olhos por um instante. Engulo em seco, nervosa. *Eu estava certa* .

"Como isso não é culpa minha?" Eu respiro fundo.

Os olhos de Sam se arregalam em descrença.

"Se não fosse por mim-"

"Se não fosse por *você,* eu seria um idiota miserável com uma regra patética de não ter namorada, porque eu tinha certeza absoluta de que, se o amor existisse, o que eu achava que não existia, certamente não seria possível encontrá-lo no ensino médio."

Eu pisquei os olhos para ele.

" O problema é *ele* . *Não você. Você* é perfeita pra caralho. Quantas vezes eu tenho que dizer isso?"

Não respondo, nem sei o que dizer, mas sei que ele me considera infalível. Que ele não entende que, pelo menos em parte, minhas próprias escolhas permitiram que Robin fizesse o que fez naquela época, e que tenho certeza de que a noite passada também foi, de alguma forma, culpa minha.

Meus velhos e conhecidos demônios da culpa ressurgem da pior maneira possível, e minha mente gira com todas as coisas que eu poderia e deveria ter feito diferente ontem à noite. Coisas que eu deveria ter feito diferente há um ano. E uma parte de mim se pergunta se estou simplesmente sofrendo as consequências dos meus próprios erros.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Dias de hoje

Carl e Tuck, como de costume, fizeram questão de garantir que nosso grupo fosse cuidadosamente informado sobre o agressor aleatório que me atacou em um beco. Além dos dois, apenas Tina, Andrew e Dave sabem a verdade, embora não em detalhes — apenas que meu agressor era meu ex-namorado. Sei que Tina e Andrew guardarão segredo, e só posso esperar que Dave consiga manter a boca fechada.

Mas mesmo assim, não me sinto bem para ver todo mundo — acho que não consigo fingir um sorriso em uma situação social agora. Então, Carl e Tuck se juntam a mim e a Sam para almoçar na varanda dele, antes de Sam e eu irmos à delegacia para o meu compromisso.

Decido não ligar para minha mãe até depois. Se meu pai tivesse entrado em contato com ela, eu já saberia, e a verdade é que, como minha advogada, ela insistiria em vir de avião para estar presente esta tarde, o que significaria o fim das minhas férias de primavera. Sei que minha decisão de esconder o que aconteceu da minha mãe, pelo menos por enquanto, é, no mínimo, questionável. Sei que devo a ela mais do que isso, principalmente depois de ter escondido dela o abuso de Robin no ano passado. Tivemos inúmeras conversas desde que tudo veio à tona sobre confiar uma na outra, sobre apoio mútuo e tudo mais, e sei que adiar essa ligação é uma espécie de traição. Que estou sendo egoísta. De novo.

Mas a verdade é que ainda tenho esperança de salvar esta viagem. Que eu consiga passar por esta consulta, descobrir como lidar com a logística das consequências legais, dar notícias à minha mãe e tentar aproveitar os últimos dias das minhas férias. É um plano ambicioso? Com certeza. E, honestamente, uma parte de mim quer que minha mãe esteja aqui comigo — para me confortar, para me apoiar. Por muito tempo, ela foi a única pessoa próxima a mim que realmente esteve ao meu lado — que sabia de tudo o que eu tinha passado, pelo menos no final das contas. E não apenas com a Robin, mas com o meu desentendimento com toda a minha cidade natal, com o meu pai, com a minha ansiedade... E, claro, a pior parte de todas — perder o Cam.

Se eu não tivesse o Sam, teria ligado para minha mãe ontem à noite. *Quem eu quero enganar* ? Se eu não tivesse o Sam, eu nem estaria aqui. Mas eu tenho o Sam. Ele se importa. Ele me *ama* . E ele sabe de tudo. De tudo que eu passei e de tudo que aconteceu ontem à noite. Ele viu, embora eu preferisse que não tivesse visto, preferisse poder apagar da memória dele a imagem do Robin me machucando — aquela que ele descreveu antes. *Aquela que causou o pesadelo dele* . Espero, em vão, que o pesadelo dele tenha sido um caso isolado e não o início de um problema recorrente. Como o meu. Como eu poderia me perdoar se não fosse assim?

Sam segura minha mão com firmeza enquanto me conduz para dentro da delegacia. Não se parece em nada com a delegacia do xerife em Linton. É muito mais ampla e moderna. Moderna em comparação com Linton, pelo menos — mais parecida com o que eu tinha visto na televisão ou em filmes, só que mais bagunçada.

Um detetive mais velho, exausto e sobrecarregado, nos pergunta se pode nos ajudar e não se mostra mais esclarecido quando Sam nos apresenta e explica por que estamos ali. O estresse da situação está me afetando, então Sam, obviamente percebendo isso, me indica uma cadeira vazia qualquer ao lado de uma mesa vazia qualquer e procura alguém que realmente possa nos ajudar. Sento-me, respiro fundo e conto, não que eu esteja prestes a ter um ataque de pânico, mas certamente preciso de ajuda para me acalmar um pouco.

Me assusto quando Sam retorna com a Detetive Mora minutos depois, e ela me cumprimenta com o que interpreto como genuína preocupação antes de nos conduzir a uma sala de interrogatório com mobília esparsa. Ela explica que, conforme o caso avançar, a promotora terá prazer em me receber em seu escritório, mas como esta é apenas uma reunião informal para dar seguimento à minha declaração e à queixa, foi mais fácil conseguir a sala de interrogatório. Não me sinto menos nervosa. Tudo o que consigo pensar é que é aqui que criminosos são interrogados. Uma pequena mesa de metal fica no centro da sala, cercada por quatro cadeiras de madeira, e pouco mais. Exceto o espelho unidirecional.

O detetive Mora é acompanhado por outro detetive que estava na cena do crime na noite anterior, um jovem que não deve ser muito mais velho do que Sam e eu. Eu diria que uns vinte e poucos anos, vinte e cinco no máximo. Ele se apresenta novamente como detetive Karanek e começa a explicar que Robin será apresentado ao juiz amanhã, quando a fiança será definida. Ele está confiante de que Robin ficará preso preventivamente, ou seja, sem direito à fiança, especialmente porque houve uma violação da Ordem de Proteção, mas eu sei que não é bem assim. Assim que nossos pais fizerem sua mágica, a situação vai mudar. Mesmo aqui embaixo.

Eles me perguntam sobre a ordem de restrição, ou "Medida de Proteção", como é formalmente chamada, já que o Detetive Mora parece achar que o histórico que relatei deveria ter exigido um dos tipos específicos, mas o de Robin é o padrão. Lembro vagamente que eu não me enquadrava na categoria de "violência doméstica", já que Robin e eu nunca moramos juntos — minhas estadias de fim de semana não contavam legalmente. Havia também uma para "violência no namoro", mas como eu ainda era menor de idade na época, minha mãe teve que assiná-la em meu nome e, para se enquadrar em "violência no namoro", ou mesmo em "violência sexual", ela teria que ter presenciado um dos incidentes, o que obviamente não aconteceu.

Não sei se teria sido diferente se o prefeito e o promotor não estivessem no bolso de Robin, mas é o que é. O detetive Mora dá algumas informações que mal consigo assimilar. Sam faz uma pergunta e o outro detetive responde. Sinto-me estranhamente anestesiado. Como se não fosse eu sentado aqui nesta sala. Como se estivesse assistindo à cena de outro lugar. Como se estivesse do outro lado de um espelho unidirecional.

Foi assim que me senti no ano passado também, no período posterior ao ocorrido. Numa espécie de torpor perpétuo. O Dr. Schall chamou isso de mecanismo de defesa, e talvez ele tenha razão. Talvez minha mente tenha percebido a simetria da minha situação — sentada aqui numa delegacia de polícia — e desencadeado esse efeito físico familiar.

Graças a Deus por Sam, penso distraidamente. Pelo menos ele está prestando atenção, certamente fazendo as perguntas certas, enquanto eu observo a pobre garota com a bochecha machucada e os olhos cansados, tentando encontrar forças no belo rapaz ao seu lado.

"Você deve saber que o Sr. Forbes nega ter se aproximado de você intencionalmente—" Mora começa, mas Sam a interrompe.

"Ele não a *abordou* , ele a perseguiu e a agrediu", corrige Sam, " *conscientemente* ", acrescenta ressentido.

"Entendo, Sr. Caplan. Estou apenas lhe contando a história dele para que o senhor esteja ciente e preparado", responde Mora, mas tudo o que ouço é que Robin tem sua própria versão da história, e tudo o que sei é que da última vez que Robin contou histórias sobre mim, foi nele que todos acreditaram.

Mora continua, dirigindo-se a mim. "Forbes afirma que acreditava que você estivesse em Nova York, que por acaso veio a Miami e a encontrou. Ele alega que você o assediou e que ele se mostrou receptivo, mas que em algum momento do encontro você se irritou e começou a agredi-lo. Ele afirma que, quando o Sr. Caplan encontrou vocês dois no beco, ele estava simplesmente tentando impedi-la de agredi-lo, e que o Sr. Caplan o atacou e Tucker Green se juntou a ele."

Meu queixo cai, meus olhos se arregalam em horror e sinto o corpo inteiro de Sam enrijecer ao meu lado.

"Eu... ele-" Minhas próprias palavras me engasgam.

Sam inclina-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa, mas eu aperto sua coxa para impedi-lo antes que ele perca a paciência.

"Ele está mentindo. É o que ele faz. Ele esperou eu sair do bar naquele beco e então-"

"Já temos sua declaração, Aurora", garante-me Mora.

"Rory", eu a corrijo, embora já tivesse pedido a ela para não me chamar *de Aurora* na noite passada.

"Sim. Certo. Rory. Eu só queria que você soubesse da história dele. Entendo que seja perturbador."

"Ele está me seguindo", murmurei.

"Como assim? Isso não consta no relatório", disse o detetive Karanek.

"Ele a perseguia", diz Sam, exaltado, com a mandíbula cerrada, claramente se esforçando para manter o controle.

"Quando gritei por Sam, Robin perguntou se esse era o nome do..." Minha voz falha, hesitante, envergonhada pela descrição de Robin — e pela precisão dela — e quando continuo, minha voz já está quase num sussurro. "Ele perguntou se Sam era o cara que eu estava seguindo por aí — como se ele estivesse me observando."

"Ele disse que estava te seguindo?", pergunta Mora.

"Hum, não, ele... bem... só deu a entender, eu acho", murmuro desanimada, ciente de que suas palavras não são suficientes para provar que ele de fato me seguiu — não no tribunal e, portanto, não de forma alguma. Os detetives trocam um olhar, confirmando que Robin pelo menos sairá impune da perseguição, e eu me pergunto se existe algo de que ele *não* sairá impune.

Pela primeira vez, acho que preferiria voltar para Nova York o mais rápido

possível. Por que achei que seria uma boa ideia terminar essas férias? Que diabos há de errado comigo? *Robin está aqui!* O que eu pensei? Que ele ficaria preso? Certamente, a essa altura, eu já deveria saber disso...

"Só mais uma coisa, Sr. Caplan," o detetive Karanek me tira do meu devaneio.

Sam ergue as sobrancelhas, inquisitivo; embora estivessem falando com ele, esta é a primeira vez que um dos detetives se dirige a Sam como algo além de "meu acompanhante".

"O Sr. Forbes afirma que você não só o atacou enquanto ele impedia a Srta. Pine de agredi-lo, como também continuou a espancá-lo enquanto ele estava caído, que Tucker Green também o fez, e que depois de você escoltar a Srta. Pine para fora do beco, você voltou e começou a espancá-lo novamente, ameaçando sua vida." Karanek diz isso como se fosse a coisa mais corriqueira do mundo — o que ele está acusando Sam, o que significaria se as acusações de Robin fossem levadas a sério.

Sam range os dentes, como se estivesse se contendo para não dizer o que realmente quer dizer, e eu, em silêncio, imploro que ele se defenda. Que negue a história de Robin. Mas, no fundo, sei que pelo menos parte dela é verdade.

Quando Sam permanece em silêncio, não consigo evitar defendê-lo. "Como eu disse, ele está mentindo. Sam jamais faria isso... ele não fez isso..."

"Com todo o respeito, detetives, prestei meu depoimento ontem à noite. Sei que não sou daqui, mas tenho certeza de que esta não é a primeira vez que um criminoso violento tenta culpar a vítima ou seus amigos pelo crime. E tenho certeza de que vocês não dariam crédito a uma tentativa tão descarada." Sam se mostra calmo e sereno, como um advogado, e eu franzo a testa, imaginando onde ele aprendeu isso. É exatamente o que meus pais teriam dito, o que o aconselhariam a responder se algum deles fosse seu advogado. Claro, *meu* pai provavelmente está aconselhando *Robin* , e minha mãe ainda não sabe de nada sobre a noite passada.

"Sr. Caplan, nosso trabalho é investigar todas as alegações *antes de* tirar conclusões, *com todo o respeito* ", responde Mora, "mas sim, temos sua declaração. Novamente, neste momento estamos apenas informando o senhor sobre a história do Sr. Forbes."

Neste ponto? Engulo em seco, ansiosa, e Sam pega minha mão, apertando-a uma vez. *E se eles acreditarem na Robin?* Sam e Tuck podem se meter em sérios problemas. Por minha causa. Eles podem ser presos! Tento respirar fundo, mas estou muito preocupada. Se Sam for preso, ele pode acabar com antecedentes criminais. Isso pode destruir seus planos para a faculdade, sua *vida* .

"Ele está *mentindo* ", repito com a voz trêmula. "Robin. Ele veio atrás de mim, tentou me *matar* ! Sam... ele me *salvou* . O que ele deveria ter feito?" Eu digo com a voz embargada: "Só deixar o Robin..."

Meu discurso ansioso é interrompido quando Sam se levanta de repente, sua cadeira arrastando ruidosamente contra o chão de concreto. Olho para ele, mas ele não me encara. "Posso falar com vocês em particular por um instante?", pergunta Sam aos detetives.

Eu o encaro, completamente perplexa, mas ambos os detetives se levantam

e seguem Sam casualmente para fora da sala de interrogatório e, antes que eu perceba, estou sentada sozinha aqui como uma criminosa qualquer.

Passaram-se apenas alguns minutos antes de eles retornarem. Sam sentou-se ao meu lado novamente e a Detetive Mora continuou como se nada tivesse acontecido. Ela explicou que não havia motivo para eu comparecer à audiência de instrução e que entrariam em contato comigo quando precisassem, caso houvesse um julgamento. Sam perguntou por que não haveria um, e Karanek explicou que, se Robin fosse "esperto", ele "se declararia culpado" e garantiu a Sam que, considerando as circunstâncias e a violação da Ordem de Proteção, duvidava que Robin escapasse da prisão.

Não consigo evitar meu resmungo.

Todos me olham e eu coro, murmurando um pedido de desculpas superficial. Os detetives se retiram, mas pergunto se posso me sentar ali por alguns minutos. Não que eu realmente queira passar mais um minuto nesta sala monótona, mas não tenho certeza se minhas pernas aguentam me sustentar.

Sam pergunta se estou bem e eu dou de ombros. *Estou bem?* Não tenho certeza se estive "bem" em mais de um ano.

"Eu sei o que você está pensando", Sam desconversa, e eu lhe lanço um olhar duvidoso.

Como ele poderia saber que estou pensando que Robin vai se safar dessa, tanto figurativa quanto literalmente, que Sam pode se meter em sérios problemas por minha causa quando deveria estar curtindo uma festa numa praia paradisíaca, e que a verdade é que eu simplesmente não valho a pena? As palavras do meu pai me assombram. *Garota de cidade pequena. Mais uma entre tantas.* E por um instante me pergunto o que há de errado com Sam para que ele não perceba isso.

"Ele não vai se safar dessa, Ror."

Dessa vez, consigo reprimir um resmungo, mas Sam me conhece muito bem. Ele entrelaça seus dedos nos meus e começa a fazer pequenos círculos no dorso da minha mão.

"Ele *não é* ... E *nunca* mais vai te machucar. Não vou deixar, entendeu?" Ele é enfático, e acredito que esteja falando sério, mas também sei que ele não conhece os Forbes. Nem meu pai. E não quero que ele se meta onde possa se machucar ou se meter em encrenca.

"Sam, você vai ter que deixar as coisas acontecerem naturalmente. Não quero que você se envolva mais do que já está. Eu já te disse: não quero que você vá atrás da Robin."

"Ror-"

" *Não* , Sam. Robin vai receber a punição mínima possível, é assim que funciona para gente como ele, mas logo estarei de volta a Nova York e poderei retomar minha nova vida longe dele. Já estão te acusando de agredi-lo! Não quero que você se meta em encrenca e Robin não vale a pena." *Eu não valho a pena,* acrescento em silêncio. "E como você consegue ficar tão calma quando ele está te acusando de agredi-lo? Você parecia uma advogada."

Sam coloca uma mecha rebelde do meu cabelo atrás da minha orelha. "Não, Rory. Não vai ser assim dessa vez. Você foi *atacada , caramba* . Não ouse se preocupar comigo . Meu pai, apesar de ser um babaca bêbado e abusivo, também é um advogado poderoso. Eu conheço o sistema também. Nós vamos

resolver isso, você e eu, *juntos* ." Ele respira fundo antes de pressionar os lábios suavemente contra minha testa. "Eu te amo."

Ele me envolve com seus braços fortes e me puxa para o seu colo, me abraçando contra o peito. Eu deixo. Deixo a segurança que sinto em seu abraço me envolver e me enganar, fazendo-me acreditar nele. Fazer-me acreditar que, de alguma forma, pela primeira vez, Robin será punido pelo que me fez. Que, de alguma forma, em algum momento, eu conseguirei deixar esse passado horrível para trás. Mas minha cicatriz arde com uma dor fantasma, lembrando-me das palavras de Robin e de sua verdade intrínseca: que carrego sua marca na alma tão seguramente quanto a carrego na pele. Que não importa o quanto de mim se cure, não importa o quão freneticamente eu tente me entregar a Sam, uma parte de mim sempre pertencerá a *ele* .

A única questão que resta é o quanto de mim foi corrompido para sempre, e se ainda resta o suficiente de mim para Sam. O suficiente para fazê-lo feliz, para superar todo o sofrimento que acompanha a sombra constante de Robin. O suficiente para *valer a pena.*

Mas receio que já sei a resposta. Que sempre soube.

"Ei... por que você pediu para falar com eles a sós?" pergunto em um sussurro enquanto me acomodo novamente na minha cadeira, ainda em seus braços. Me afasto para olhá-lo e sua mão desliza para acariciar meu queixo.

"Eu só não queria que eles te chateassem mais. Você já passou por muita coisa."

" *Meu* ? Eles estavam *te acusando* -"

"Eles estavam repetindo as besteiras *dele* e isso estava te incomodando, Ror. Sabe o que eles me disseram lá fora?" Ele acena com a cabeça em direção à porta.

Eu balanço a cabeça negativamente.

"Eu disse a eles que, se fossem me acusar de alguma coisa, que o fizessem para que eu pudesse ligar para meu advogado, e que, se tivessem mais alguma dúvida, poderiam me perguntar em particular. Karanek me disse que, se, hipoteticamente, alguém espancasse um estuprador que estivesse atacando a namorada, teoricamente, esse não é o tipo de caso que eles costumam analisar aqui na Flórida. Então, não se preocupem, ok? Não comigo."

Sam se levanta e estende a mão para mim. Por uma fração de segundo, eu apenas o observo, absorvendo sua perfeição. Alto, esguio e musculoso. Forte, mas com uma força protetora. E seu rosto deslumbrante, com sua simetria incomum, queixo esculpido e maçãs do rosto definidas. Mas, acima de tudo, aqueles olhos azuis brilhantes como a noite – escuros, hipnotizantes e adoráveis.

"Nossos amigos foram fazer compras em South Beach e ainda temos uma hora ou mais de sol, vamos esquecer aquele idiota por enquanto e ir nos pegar na praia", ele sugere com um meio sorriso irresistível. Uma oferta que nenhuma garota no mundo poderia recusar, muito menos eu.

Deixei que ele me guiasse para fora da sala de entrevistas, permitindo que aquela estranha sensação de esperança me invadisse. A mão de Sam segura a minha com firmeza, dando-me a ilusão de que sou realmente toda dele, de que ele fará com que tudo fique bem.

E então recebi o alerta que precisava.

****

Dois homens de meia-idade, elegantemente vestidos com ternos, caminham com determinação pelo quarteirão e eu congelo, meu rosto perdendo a cor tão rapidamente que Sam dá mais alguns passos antes mesmo de perceber que me transformei em uma estátua apavorada.

Eles não me veem. Ainda não. Mas não consigo fechar os olhos, não consigo contar, não consigo fazer absolutamente nada além de ficar aqui parada esperando o que vier.

"O que foi, meu bem?" A voz preocupada de Sam mal se faz ouvir. Não consigo imaginar como devo estar agora, mas não posso dizer que estou bem, não posso mentir. Não consigo nem olhar para ele, porque nesse instante os olhares dos homens se fixam em mim e eu mal consigo respirar.

"Aurora!" meu pai chama do outro lado da sala. Ao lado dele, o prefeito Forbes permanece em silêncio, mas seu olhar hostil me mantém imóvel.

Eles se aproximam de mim juntos, e instintivamente eu me descongelei e dei vários passos inconscientes para trás. Sam se colocou na minha frente como um escudo, mas mesmo assim, não consegui desviar o olhar do meu pai.

"Aurora, o que há *de errado* com você? Você precisa vir comigo agora mesmo e retirar essa sua história ridícula! Você já não fez o pobre garoto sofrer o suficiente?", ele acusa, ignorando Sam.

Já fiz o Robin *passar por muita coisa?*

Engulo em seco, ansiosa, mas o nó na garganta me impede de formar qualquer palavra. Finalmente, o olhar do meu pai se desvia do meu para observar Sam e sua postura protetora. Estou dividida entre querer Sam bem longe desse confronto — entre querer protegê-lo do meu pai e a mim mesma dessa humilhação — e a necessidade desesperada de seu apoio. Mas tudo isso é irrelevante, porque continuo sem conseguir me mexer, sem conseguir falar, sem conseguir fazer absolutamente nada além de tentar não entrar em pânico.

"Afastem-se." Sam está enganosamente calmo, mas suas palavras são firmes.

Meu pai franze a testa. "Quem diabos é você?", pergunta a Sam, enquanto o avalia com um olhar fulminante, obviamente o considerando inadequado. É claro que ele não é o Robin.

"Eu sou o namorado da Rory, quem diabos é *você* ?" Sam imita o tom do meu pai, embora eu suspeite que ele saiba exatamente com quem está falando.

Ainda assim, o prefeito Forbes se expressa apenas com o olhar, mas seus olhos dizem muito, e é impossível não sentir todo o seu desprezo.

"Eu sou o pai da Aurora ." Meu pai diz isso como se fosse uma carta na manga. Como se isso lhe desse algum poder absoluto sobre mim. Não consigo ver o rosto de Sam, já que ele está posicionado à minha frente, mas vejo todo o seu corpo tenso e sinto a repulsa que ele sente pelo homem à sua frente.

"Entendo", responde Sam, "e suponho que você esteja aqui para ajudar o estuprador de Rory a escapar impune por tentar fazer isso de novo? É isso que você faz, não é?"

Eu fico boquiaberta, chocada com a audácia de Sam em dizer uma coisa dessas. É a primeira vez que alguém critica meu pai de forma tão descarada.

"Como você *ousa* ? Você não tem ideia do que está falando, garoto!" Meu

pai respira fundo, como se tentasse se acalmar, e então observa Sam com curiosidade. "Olha, filho, eu entendo. Minha filha é linda e sabe como conquistar garotos, mas ela tem problemas sérios. Você tem ideia do que ela fez com o último garoto que se apaixonou por ela? Não caia nas mentiras dela, você será a próxima vítima", ele avisa.

"Rory é a única *vítima* aqui e você é quem está acreditando nas mentiras dela. Como você *pôde* ? Você é *o pai dela* ! Você deveria protegê-la!"

"Filho-"

"Eu. Não. Sou. Seu. Filho."

O prefeito Forbes se arrepia desconfortavelmente. "Não tenho tempo para isso, vou encontrar o detetive responsável pelo caso", murmura para meu pai, que acena com a cabeça sem tirar os olhos de Sam. O prefeito Forbes se afasta, presumivelmente para encontrar Mora e usar sua influência, e eu sei que é só uma questão de tempo até Robin ser libertado e eu ser o acusado de sabe-se lá o quê.

"Você está cometendo um grande erro", meu pai avisa Sam antes de voltar sua atenção para mim. "Aurora, você precisa vir comigo agora mesmo e dizer a eles que Robin não te agrediu. Você nunca entende as implicações das suas histórias." Ele se vira para contornar Sam e estende a mão para segurar meu antebraço, para que eu faça o que ele manda.

Mas antes que eu pudesse reagir, Sam empurrou meu pai no peito, fazendo-o cambalear para trás, afastando-se de mim, mas meu pai deu um passo à frente novamente, agora com o rosto vermelho de fúria.

"Você tem três segundos para sair da minha frente, *filho!* " Meu pai ameaça, cutucando Sam no peito.

"Eu não sou seu *filho* , e *Rory* também não, e *você* tem três segundos para recuar. *Vaza* daqui!" Sam rosna de volta, e tudo o que posso fazer é observar horrorizado enquanto Sam afasta a mão do meu pai do seu peito com um tapa. Meu pai levanta a mão como se fosse atacar, mas não antes de um soco de Sam atingir seu queixo com toda a força.

A cabeça do meu pai vira bruscamente para o lado e ele cambaleia por uma fração de segundo antes de se enfurecer novamente e agarrar Sam pela camisa. Eu engasgo com a minha própria respiração e recuo horrorizada, até sentir a parede atrás de mim, impedindo minha fuga. Estou presa em um pesadelo, assistindo Sam reviver as piores experiências de sua vida — sendo espancado e abusado — só que desta vez não pelo pai dele, mas pelo meu.

Mas Sam não é nenhum garotinho, e ele se desvencilha, empurrando meu pai para longe, antes de Sam — obviamente o mais forte dos dois — desferir outro soco poderoso. Os dois lutam por um tempo que parece uma eternidade, até que os policiais os cercam e os separam.

Não consigo respirar. Uma faixa de aço invisível aperta meu peito, e enquanto gotas de suor brotam na minha testa, sei que é só uma questão de tempo. Rapidamente, enfio a mão na bolsa, felizmente encontro meus comprimidos imediatamente e engulo um a seco.

Insensível. Preciso me sentir insensível.

A torrente de atividades é um borrão. Os braços de Sam estão torcidos para trás enquanto um policial coloca algemas nele. Tenho vaga consciência do meu

pai murmurando acusações enquanto mostra as palmas das mãos em um gesto de pacifismo antes de ajeitar a gravata. Ele não está algemado, mas mesmo assim é levado por outro policial. Mas ele para um instante para olhar por cima do ombro e me lança aquele olhar fulminante. É o mesmo olhar que ele me deu na manhã em que lhe contei sobre Robin. Ele está me avisando, mas embora eu não possa fazer nada além de encará-lo boquiaberto, não darei ouvidos ao seu aviso. Não desta vez. Se Robin sair impune do que fez, não será porque eu fui fraco demais para dizer a verdade.

Sam é levado embora e eu fico aqui, paralisada e sozinha, e leva muito tempo até que eu consiga me recompor o suficiente para agir.

Meus piores medos se concretizaram. Meu pai está aqui para salvar Robin, *ele bateu em Sam* , e Sam está em apuros — *algemado* , e pode até ser preso, pelo que sei.

Tudo por minha culpa.

A realidade me invade, amarga e implacável, como se quisesse me provocar por ter duvidado dela por um instante sequer. Sou uma garota egoísta. Eu sabia que não devia.

Mas agora eu sei, sem sombra de dúvida, o que tenho que fazer. Então, me recomponho e começo a consertar o que estraguei.

****

Minha primeira ligação é para minha mãe. É longa, torturante e repleta de lágrimas e raiva, mas ela concorda com meu pedido, como eu sabia que faria. Aliás, se eu não tivesse pedido, tenho quase certeza de que ela teria insistido de qualquer maneira.

Minha próxima ligação é para Carl. Preciso dela e de Tuck. Preciso que me ajudem a descobrir como ajudar Sam, mas antes mesmo que cheguem, a Detetive Mora me informa que um policial testemunhou a altercação e que nenhuma das partes será acusada. Respiro aliviada, mas ao ver sua expressão de pena, sei o que está por vir.

"Ele vai sair, não vai?" pergunto baixinho. Sei que ela sabe que estou falando do Robin.

Ela me oferece um sorriso fraco. "Espero que não, Rory."

Eu sei o que isso significa. Ela acredita em mim, assim como o xerife Chipley acreditou, mas meu pai e o prefeito Forbes teriam ignorado o caso, estariam acima da alçada dela. Está completamente fora do alcance dela.

Carl e Tuck entram correndo na delegacia e vêm direto na minha direção. Carl me abraça antes que eu encontre seu olhar preocupado. Eu conto para Tuck que Sam será solto a qualquer minuto e peço para falar com Carl em particular. Eu também preciso da ajuda dela.

Ela não aprova meu plano, mas não tem escolha a não ser fazer o que eu peço. Ela não vai me fazer mudar de ideia, não depois de eu ter visto o Sam se chocar de frente com o meu passado e acabar como dano colateral. Não, finalmente encontrei a clareza e parei de ser egoísta. Eu amo o Sam, demais, e não vou cometer o mesmo erro com ele que cometi com o Cam. Se eu tiver que deixá-lo ir para não perdê-lo completamente, é isso que farei.

A expressão de Sam é indecifrável enquanto ele caminha em nossa direção, vindo de algum cômodo desconhecido para onde fora levado mais cedo. Ele faz

aquele aperto de mão meio abraço com Tuck e acena para Carl antes de seus olhos encontrarem os meus. Ele não me diz nada, mas não desvia o olhar por um segundo sequer, como se estivesse tentando me decifrar de alguma forma, ou tentando me dizer algo, não sei ao certo.

"Tudo bem, cara?" Tuck pergunta e Sam acena com a cabeça uma vez. "Bem, vamos sair daqui o mais rápido possível."

Entramos todos num táxi, Tuck no banco do passageiro da frente e eu no meio de Sam e Carl. Ninguém diz nada, e eu fixo o olhar no meu colo, torcendo os dedos nervosamente. Sam olha fixamente para a frente na maior parte do tempo, mas sinto que ele me lança olhares, como se estivesse tentando me sondar.

Tuck faz o mesmo com Sam, olhando para trás de vez em quando como se quisesse verificar se o amigo está realmente bem. O rosto de Sam se aproxima do meu até que ele se inclina para o meu ouvido.

"Desculpe", ele sussurra.

Eu balanço a cabeça, quase imperceptivelmente, mas sei que Sam percebe. Ele não tem nada pelo que se desculpar, e certamente não deveria se desculpar comigo, mas não sei o que dizer — se houver algo que eu *possa* dizer que torne tudo mais fácil. Então, continuo sem dizer absolutamente nada.

Em vez disso, me permito essa corrida de táxi para absorver seu amor, porque sei que é tudo o que me resta. Me aproximo por pouco e me aninho a ele, encostando a cabeça em seu ombro. Sinto seu corpo inteiro relaxar de alívio e uma profunda culpa por saber que esse alívio será passageiro. Sam passa o braço ao redor do meu ombro, me puxando para mais perto e beijando meus cabelos, inspirando profundamente, como se estivesse me cheirando.

Fecho os olhos por um instante e tento suspender o tempo. Percebo vagamente Tuck nos observando pelo canto do olho, a testa franzida como se tentasse decifrar a profundidade da nossa conexão, visto que nos conhecemos há apenas alguns meses e só agora admitimos ser *algo mais* do que amigos.

Ao chegarmos ao hotel, Carl aproveita a deixa para distrair Tuck enquanto Sam me guia até o quarto dele. Enquanto observo Sam atravessar a cozinha da suíte e começar a beber uma garrafa d'água, reúno toda a força que me resta, ainda tão fragilizada.

"Sam..."

Ele fecha bem a garrafa de água e me dá toda a sua atenção. Vagamente, penso que deveríamos nos sentar, mas estou tão dominada pela energia determinada que só consigo fazer uma coisa: fico nervosa, mudando o peso de um pé para o outro no meio da sala.

"Precisamos conversar", começo.

"Eu sinto muito, Ror. Não sei o que me deu. Seu pai... eu simplesmente perdi a cabeça..."

"Sam, eu não quero falar sobre meu pai, tá bom?" Eu o interrompi. Não aguento mais ouvir suas desculpas, não quando a culpa por tudo que deu errado é minha.

Observo sua expressão mudar ao perceber que algo está errado comigo — algo além da simples chateação com a briga dele com meu pai, ou com qualquer outro evento terrível das últimas vinte e quatro horas. Vejo sua preocupação, seu

medo, mas também vejo sua determinação — a de que ele vai resolver tudo, a de que ele pode me salvar — e é isso que eu preciso superar. Porque ele não pode. Eu sempre soube disso, e ainda assim, só agora me dei conta.

"Eu não consigo fazer isso", eu digo com dificuldade.

"O que você quer dizer?", pergunta Sam, cautelosamente.

Respiro fundo e então gesticulo entre nós dois. "Isso. *Nós* . Me desculpe, Sam. Me desculpe *mesmo* , mas eu... eu simplesmente não consigo." Quero encontrar algo melhor, uma explicação eloquente. Algumas palavras mágicas para desfazer aqueles últimos dois dias — para nos transformar de volta em *apenas amigos* , embora, no fundo, eu tema que nunca tenhamos sido isso de verdade.

"Você está falando sério?", pergunta Sam simplesmente, com o maxilar tenso e a testa franzida daquele jeito lindo que faz meu coração se partir ainda mais, não só por mim, mas por ele.

"Você disse..." *Só fala, Rory!* "Você disse que se eu não conseguisse lidar com isso, eu podia simplesmente te contar, e a gente voltaria a ser amigos", lembro a ele, com a voz trêmula.

"Eu... eu disse isso mesmo", concorda Sam, hesitante, como se relutasse em admitir que sequer disse aquilo.

"Você estava falando sério?" Luto contra as lágrimas, reunindo todas as minhas forças, porque não há nada que eu possa fazer neste momento que seja mais egoísta do que chorar.

Sam hesita, e eu o conheço bem o suficiente para saber que ele está reprimindo suas próprias emoções, certamente para meu benefício.

"Eu... Sim, claro que falei sério, Ror", ele responde, com a voz embargada ao pronunciar meu nome, e eu reprimo uma careta ao ver sua dor.

Todos os meus instintos me dizem que isso está errado. Que deveríamos estar juntos. Cada célula do meu corpo dói só de estar a poucos passos dele, cada fibra do meu ser anseia desesperadamente por estar de volta em seus braços, por sentir seus lábios nos meus.

Mas isto não é para mim , lembro a mim mesma, *isto é para ele.*

"Mas acho que você está enganada, Ror. Você aguenta mais do que pensa. Eu..." ele para de falar, derrotado, balançando a cabeça vagamente. Acho que ele não consegue se obrigar a me dar uma palavra de incentivo sobre a minha força depois das últimas vinte e quatro horas. Ou talvez ele finalmente tenha percebido o quão frágil eu realmente sou. Dou uma risadinha silenciosa diante da ironia — que ele finalmente reconheça a minha fragilidade justamente quando eu finalmente estou demonstrando força ao deixá-lo ir.

"Olha, eu vou voltar para Nova York", murmurei.

Sam parece prestes a discutir, e é como se ele estivesse travando toda a nossa conversa internamente. Na parte em que ele diz que eu deveria aguentar firme, eu argumento que ele deveria estar na praia se divertindo como um estudante normal do último ano do ensino médio em férias de primavera, em vez de ficar cuidando de mim; ele me diz que eu também deveria estar, e eu o lembro de que *não sou* normal. Em vez disso, ele aceita minha decisão de imediato.

"Está bem", ele diz, "eu vou com você".

Eu balanço a cabeça. "De jeito nenhum, Sam-"

" *Sim* , minha querida. Você não vai sozinha, e quer queira ou não. *"* " *Comigo* ou não, ainda sou seu melhor amigo, ou isso também acabou?", ele pergunta, num tom levemente acusatório. Suas palavras me surpreendem, porque ele tem razão, mas de jeito nenhum vou deixar que ele perca o resto das férias depois de já ter estragado boa parte delas para ele.

"Minha mãe pode vir de avião", murmuro, tentando disfarçar a mentira, porque ela já está a caminho e eu a encontrarei em poucas horas no aeroporto para voltarmos para casa. Bem, não exatamente *para casa* , não tenho certeza se algum lugar ainda pode ser considerado *um lar* , mas de qualquer forma, voltarei para a casa onde moro com minha mãe.

"Isso não é realmente necessário, Ror. Se eu ficar aqui, só vou me preocupar com você. Podemos viajar juntos amanhã, é só um dia ou dois antes do previsto", argumenta ele.

Não me dou ao trabalho de discutir com ele. "Vamos resolver isso amanhã, ok? Só quero tomar um banho e ir dormir", minto, esperando que ele ainda não tenha percebido o significado da minha mordida no lábio. Preciso arrumar as malas e ir para o aeroporto. Carl vai comigo até lá e depois volta para o hotel. Tuck estará na suíte do Sam em breve para fazer o que quer que os garotos façam para esquecer as garotas, supondo que Sam esteja pensando em mim.

"Tá bom", murmura Sam, mas seus olhos se estreitam em ceticismo, e eu me pergunto se ele está acreditando na minha mentira. Nunca fui boa em mentir. Mesmo quando criança, meus pais sempre percebiam quando eu estava escondendo alguma coisa, e Sam me conhece melhor do que ninguém.

Ele caminha cautelosamente em minha direção, e eu não recuo. Deixo-o me abraçar, afundando em seus braços, e digo a mim mesma que é apenas um abraço *amigável* . Apenas uma inspiração *amigável* de seu incrível aroma masculino. Uma percepção *amigável* dos músculos e tendões de seus braços e peito. Uma onda *amigável* de amor e desejo que ameaça dominar meus sentidos.

Contendo as lágrimas, grata por poder esconder meu rosto em sua camiseta enquanto me recomponho.

"Você não vai dormir aqui, vai?" Não soa como uma pergunta.

"Eu... eu não consigo, Sam."

Ele se afasta o suficiente para olhar para mim, mas não me solta. Acaricia minha bochecha ternamente, o polegar roçando minha testa. "Mas e os seus sonhos?" Sua voz baixou para um sussurro.

"De qualquer forma, tenho que me acostumar a dormir sozinha de novo", murmuro tristemente, impressionada com o fato de terem se passado apenas duas noites, quando parece uma eternidade. Engulo em seco, nervosa, e me digo para disfarçar melhor o meu tom de voz. *Ele deveria pensar que é isso que você quer* , lembro a mim mesma.

"Ror..."

Seja o que for que ele queira dizer, eu não deixo que seja dito. As palavras erradas, ou as certas, dependendo do ponto de vista, podem ser a minha ruína.

Me desvencilho de seu abraço e murmuro um adeus forçado, esperando que ele não interprete mal o fato de eu ter dito *adeus* e não *boa noite* .

Atravesso as portas que dão para o nosso quarto, fechando a minha atrás de mim com segurança.

Faltam menos de trinta minutos para Carl bater timidamente na minha porta e eu a deixar entrar. Eu já estava quase terminando de arrumar minhas coisas. Ela me contou que Tuck estava na casa ao lado, *dando apoio* a Sam. Seja lá o que isso signifique para os homens. Fico pensando se não estou sendo presunçosa ao imaginar que ele estaria chateado e precisando de apoio. Só porque eu estou. Só porque estou com o *coração partido* . Tenho Carl, e depois terei minha mãe. Senão, não sei se teria forças para superar essa coisa toda de 'deixar Sam ir'.

Meu coração dói. Dói mesmo. Eu sei que parece clichê, mas dói, *dói mesmo* .

Mas não é só o meu coração. Há um vazio no meu estômago. Como se algo estivesse inquieto. Como se algo estivesse errado e não houvesse como *consertar* . Como um desespero.

É luto, percebo tardiamente, e me sinto culpada por estar sentindo ao menos uma pequena parte do que senti quando perdi Cam.

Eu não estou perdendo o Sam , lembro a mim mesma, ele simplesmente não pode mais ser *meu* , e o objetivo é justamente *não* perdê-lo. É uma estranha contradição — desistir dele para evitar perdê-lo, e me sinto tão confusa com a justaposição do certo e do errado. O que eu sei, inteligentemente, ser certo *parece* errado, e o que eu sei ser errado *parece* certo.

Carl me observa com cautela enquanto termino de arrumar minhas coisas e tento manter a compostura. De vez em quando, enxugo minhas bochechas para afastar as lágrimas que insistem em cair, e se Carl percebe, ela não comenta nada.

Finalmente, pego o papel timbrado do hotel na escrivaninha e escrevo um bilhete para Sam. Não quero que ele se preocupe quando acordar e perceber que eu fui embora. Carl avisará Tuck que eu saí assim que eu estiver no avião, e caberá a Tuck contar a Sam quando achar melhor.

Ouço vozes abafadas conversando em tom baixo vindas da casa ao lado, mas não me dou ao trabalho de tentar entender a conversa. Realmente não é da minha conta.

Reescrevi o bilhete pelo menos quatro vezes. No fim, simplesmente lhe disse que minha mãe veio me buscar e que eu não queria acordá-lo para me despedir. Agradeci por tudo que ele fez por mim e pelo apoio que me deu para lidar com a Robin. E por ter salvado minha vida. Disse a ele que ele ainda é meu melhor amigo no mundo e que o amo por isso. Implorei que ele tentasse aproveitar o que restava de suas férias de primavera. E pedi desculpas.

Carl e eu nos assustamos ao ouvir um estrondo alto, como se algo tivesse sido arremessado contra a parede, seguido imediatamente pelo som inconfundível de vidro quebrando. Meus olhos se voltam para Carl e, pela centésima vez, questiono minha decisão. Carl me oferece um sorriso compreensivo.

"Problemas de raiva", ela dá de ombros, "ele vai ficar bem".

"Sim... sim, você tem razão. Claro que ele vai", murmurei.

Mas será que vou mesmo?

Enfio o bilhete pela metade por baixo da porta que divide o nosso quarto, sem querer que ele o veja até mais tarde, ou de preferência até amanhã de

manhã.

"Vamos lá", insisto com Carl. "Vamos sair daqui antes que eu mude de ideia."

Carl se levanta e abre a porta para que eu possa tirar minha bagagem. "Talvez se você está tão perto de mudar de ideia sobre o Capitão, é porque não tem certeza se está fazendo a coisa certa..."

"Bem, eu sei que o certo para o Sam não é o que ele passou nos últimos dias. Você ficaria com o Tuck se isso significasse que ele poderia acabar machucado ou preso?", pergunto a ela diretamente. "Ou pior", acrescento mais baixinho, sabendo que ela não entenderá a referência ao Cam, mas minhas palavras são mais para mim do que para o Carl.

Ela não me responde. Ela sabe que jamais conseguiria se colocar no meu lugar. Ela nunca poderia entender o que é carregar minhas cicatrizes. Ter que conviver com minhas escolhas e suas consequências. E com a sombra perpétua de Robin. Não ter como saber quando ela poderá me encontrar novamente, ou o que poderá acontecer da próxima vez. Mas preciso fazer tudo o que estiver ao meu alcance para tirar Sam da mira, e para isso, preciso me distanciar o suficiente para que ele não se torne dano colateral no desastre que é a minha vida.

Deixo para trás qualquer vestígio da Rory normal — afinal, ela sempre foi apenas uma ilusão — e sigo para o aeroporto em um silêncio melancólico. Carl segura minha mão, apertando-a de vez em quando em um gesto de apoio.

Minha mãe estava me esperando quando chegamos ao Aeroporto Internacional de Miami. Ela estava desarrumada e emocionada, e me lembrava da versão dela de um ano atrás – do período pós-trauma – não da mulher forte que, nos últimos meses, havia começado a se recuperar junto comigo.

Nos despedimos de Carl com muita emoção e, no voo de volta para casa, contei tudo para minha mãe. Tudo o que aconteceu — não só com Robin, mas também com Sam. Ela não me ofereceu conselhos, apenas amor e apoio, enquanto tentava, com todas as suas forças, confortar meu coração partido como só uma mãe poderia. Eu sabia que ela estava em estado de choque e suspeitava que isso tinha mais a ver comigo e com Sam do que com o que Robin fez.

Ela sussurra palavras reconfortantes e promete que tudo vai ficar bem. Mas eu sei por experiência própria que algumas feridas são permanentes — que mesmo que cicatrizem, deixam cicatrizes tão profundas que você nunca, jamais, fica *bem* de novo.

***Não é* o fim**

####

Sobre o autor:

Danielle Pearl mora em Nova Jersey com o marido e os adoráveis filhos pequenos, Cameron e Liam. Ela é uma entusiasta de livros desde sempre e escreve desde que conseguia segurar um lápis.

Agradecimentos

Normal é o primeiro romance que publiquei, mas certamente não o primeiro que escrevi. A culpa é da mulher que me comprou aqueles cadernos de páginas em branco quando criança, que nunca acabaram preenchidos com nada além de pura ficção, que usou seus poderes mágicos de insistência, que ela provavelmente chamaria de "incentivo", e adicionou uma pitada de culpa judaica —, Margo Meissner Bielski. Sim, você adivinhou: ela é minha mãe. Desde me dar o nome de sua romancista favorita até inserir frases aleatórias como " *você deveria ser escritora* " e " *você nasceu para escrever* " em qualquer conversa aleatória e completamente sem relação com o assunto, o apoio inabalável da minha mãe, embora invariavelmente recompensado com uma revirada de olhos, na melhor das hipóteses, é sem dúvida a razão pela qual estou aqui escrevendo os agradecimentos de um romance concluído hoje. Ela também me fez o favor de se casar com meu pai, Jay Bielski, de quem ninguém pode negar que contribuiu com pelo menos a grande maioria da minha genética, incluindo aquele espírito *desafiador* do qual tantas vezes fui acusada.

Devo também agradecer a Lana Vintfeld, mais *mãe* do que *sogra* , babá não remunerada e salvadora extraordinária, sem a qual, sem dúvida, este romance simplesmente não existiria. O mesmo vale para Mike Vintfeld, meu babá e motorista particular, faz-tudo e engenheiro, que cria tempo para mim assumindo tudo sozinho. Eles são, sem dúvida, o elo perdido na equação:

X + dois meninos em idade pré-escolar = Romance concluído (Desculpem, pessoal, eles são todos meus).

Para Drew "Drewdle" Pottheiser, que terá para sempre a honra de ser a primeira pessoa a ler *Normal* (ou qualquer um dos meus romances, aliás), e cujas palavras gentis e apoio me deram coragem para dar os passos de aspirante a escritora a autora publicada.

Para Rebecca Bielski, a irmã que espero que finalmente tenha lido o maldito livro quando isto for publicado, e para Gabi Zahn, cujo casamento iminente me motivou a terminar este livro antes que as festividades tão esperadas tomassem conta da minha vida (e que muito provavelmente será a própria Gabi Bielski quando ler isto!).

Normal foi inspirado por um artigo em um blog que encontrei por acaso há alguns anos, cuja fonte e autor, por mais que eu tente, não consigo me lembrar. Mais do que o blog em si — que era uma história comovente de coragem e força de uma adolescente vítima de abuso e violência sexual — foram os comentários dos leitores. Comentários e mais comentários culpando a vítima e dizendo que *ela deveria simplesmente ter terminado com ele* , como se tudo fosse preto no branco, francamente, me horrorizaram. Então, algum tempo depois, decidi escrever sobre as nuances, e assim nasceu a história de Rory. Obrigada por ler!

Continue a história de Rory e Sam no próximo livro ***da série Normal*** : ***Okay*** , em breve!